O amor pode ser brutal.

Fearless



LAUREN ROBERTS

Autora de *Powerless* e *Reckless*

Rocco DIGITAL

LAUREN ROBERTS

Fearless

Tradução de Ivanir Calado

Rocco
DIGITAL

Para os que são destemidos a ponto de seguir o próprio coração


Ilya
Astrum
Zando
Izram
Ignotus
Mors
Dor

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Interlúdio 1

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Interlúdio 2
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Interlúdio 3
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33

Interlúdio 4

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Interlúdio 5

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Interlúdio 6
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Interlúdio 7
Capítulo 67
Capítulo 68
Interlúdio 8
Capítulo 69
Capítulo 70
Capítulo 71
Capítulo 72
Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Epílogo

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Índice

Prólogo

Existem pouquíssimos motivos para um encontro entre duas figuras encapuzadas no meio da noite.

Sem qualquer surpresa, a lista é tão curta quanto indecorosa.

Para algumas pessoas, é amor. Para a maioria é desejo.

Desejo de dinheiro. Desejo de um propósito. Desejo de vingança.

Mas, em alguns casos, é o amor que instiga esses desejos. Ou melhor, a perda de um amor.

Apesar de raras, essas contradições estranhas costumam ser trágicas.



Um homem se encosta na parede, a expressão impassível escondida sob o capuz enorme.

Já se passaram vários minutos, mas a súbita onda de impaciência parece se esgueirar sobre ele. Cada olhar cauteloso começa a pesar sobre os ombros cobertos pela capa. Porque enterrada no fundo do capuz está uma mente que grita para que continue, abafando com persistência uma voz muito mais suave, persuasiva, que lhe diz para ir embora, uma voz que o faz sentir dor. Mesmo assim ele se encosta ainda mais na parede, como se quisesse se ancorar naquele momento, naquela decisão, antes de inevitavelmente afundar nas consequências.

O luar escorre entre as pedras lascadas do beco. Isso o deixa inquieto por algum motivo inexplicável, como se dedos pálidos estivessem abrindo caminho na sua direção.

Sim, ele prefere o sol à sua oposta fantasmagórica.

A figura encapuzada endireita a postura subitamente ao ver uma sombra se aproximando, furtiva. Ela para diante dele, transformando-se em algo muito mais tangível, mais mortal. Os dois ficam, talvez, cara a cara, apesar de os capuzes esconderem qualquer sugestão de característica que os identifique.

— Você sabe o que fazer?

A voz da segunda figura soa como ouro, majestosa e suave. Tem a prática de tecer as palavras em algo muito mais bonito do que o significado por trás delas.

— Até certo ponto — responde o primeiro homem.

Ele alterna o peso entre os pés, arrastando as botas gastas nas pedras irregulares, a mente ainda gritando acima da voz suave que lhe diz para fugir daquela decisão condenatória.

— Muito bem. — A segunda sombra enfia uma das mãos no bolso. — Espero que não me desaponte.

— Não posso prometer nada.

Tirando a mão de dentro da capa, o homem segura uma pesada bolsa de moedas no ar frio da noite.

— Isto deve bastar para garantir que você faça valer a pena pra todo mundo.

O primeiro estende a mão para a bolsa, engolindo em seco ao sentir o peso das moedas de prata.

— É, deve servir.

— Agora… — a segunda figura baixa a voz — … a coisa precisa parecer real, entendeu? Deve fazer com que *eu* acredite em você.

A voz do primeiro homem sai baixa.

— Farei isso.

A batalha dentro da sua mente ruge ainda mais alto, mas ele aprendeu a ignorar o ruído constante do caos, bem como faz agora. Porque nada pode salvá-lo do seu destino, nem mesmo aquela voz persuasiva e gentil.

Assentindo ligeiramente sob o capuz, o estranho começa a deslizar em silêncio para as sombras.

— Por que você quer isso?

A curiosidade leva a figura em conflito a deixar escapar a pergunta. Esperando uma resposta, ele aperta a bolsa contra o peito,

aproveitando a sensação de segurança tangível.

As sombras, astutas como sempre e ansiosas por ouvir, parecem se inclinar para perto.

Tudo que o homem oferece é uma teia de palavras suaves por cima de um dos ombros.

— Todo ato brutal nasce do amor.

Por si só, esse entendimento une até mesmo os aliados mais improváveis. Mesmo encapuzados e envoltos em sombras, os dois estranhos jamais se sentiram tão expostos.

CAPÍTULO 1

Paedyn

Uma gota de sangue pinga no chão, sujando o mármore imaculado embaixo das minhas pernas trêmulas.

Olho a mancha escarlate, com os ouvidos zumbindo e a visão turva.

Mel. É só mel.

Rios de fiapos vermelhos descem pela minha perna, escorrem rápido, a ponto de me deixar trêmula. Ou talvez seja a percepção lenta do meu destino que faz a sala do trono girar como a argola de aço que aperta meu polegar. Pisco os olhos para o chão lustroso, olhando a casca de uma garota refletida em mim. Seu rosto está sujo, os olhos assombrados por um futuro que ela ainda não viu e jamais imaginou que veria. O cabelo prateado roça nos ombros, pálido como o rosto suado ao qual se grudou. Ela balança, como uma criança dançando em cima dos pés de seus pais. As mãos estão algemadas às costas, com sangue fluindo da pele ferida.

Ela está acabada.

Está assombrada.

Está prometida.

Mas não pode ser verdade. Eu tirei seu chão. E ele vai me matar por isso. Tem de me matar.

De repente, meu peito está apertado demais, a respiração presa na garganta, junto à torrente de palavras que estou reprimindo. Porque a morte é o destino para o qual vim me preparando por toda a vida, é o

destino que mereço. Sinto-o nas pontas dos dedos sujos que pingarão para sempre com o sangue de outras pessoas, no *C* gravado sobre o meu coração acelerado, me marcando como fraca.

A morte é a única constante na minha vida, como uma velha amiga que lapida cada um dos meus segredos sombrios para transformá-los em arma. Ela me chama de fraca e tudo o que eu ouço é Comum. Ela diz que estou condenada e tudo o que ouço é uma promessa séria. É a mão dela que meus dedos ensanguentados procuram, porque existe conforto em sua proximidade.

Agora não há nada além do zumbido no meu ouvido e a quietude ensurdecedora do desconhecido.

— Paedyn.

Corrijo a postura e as figuras altas ao meu redor fazem o mesmo. Ele poderia ter me chamado de traidora. De assassina. De uma Comum que enfraquece nosso reino de Notáveis. Porque esses são os únicos nomes pelos quais esta corte me conhece. Os únicos nomes que toda Ilya cuspia enquanto eu era levada num desfile até o rei deles. Simplesmente resumem a insignificância da minha curta existência.

Meu olhar desvia lentamente do desenho que meu sangue pintou no chão.

Mel. É só mel.

Sapatos lustrosos ocupam toda a minha visão, o brilho preto se fundindo em pernas de calças igualmente escuras. Meu olhar sobe pelo tecido justo e pelas costuras que cobrem o corpo forte por baixo. Elevo meus olhos e me deparo com a fivela do cinto antes de saltar para a caixa que repousa, inocente, na palma da mão levantada. Sei o que está dentro da caixinha de veludo, posso vê-lo brilhando com o canto do olho. No entanto, não fico olhando para ela, como se isso pudesse impedir a algema brilhante de escorregar pelo meu dedo.

Ainda mais acima está a camisa amarrotada. Acompanho cada botão até que meu olhar se acomoda no início do pescoço e no colarinho ao redor. Ainda não o encarei de fato desde que minha sentença saiu de sua boca.

Você será minha esposa.

É como se eu tivesse sido lançada de volta nas Provas e no jogo igualmente desafiador de fingimento que as acompanhava. Nelas eu

não suportava encará-lo, a não ser que quisesse ver o rei me encarando de volta. Mas eu matei o homem que um dia vi refletido nos olhos verdes do filho. Edric Azer me assombra apenas nos fragmentos da minha mente e no coração despedaçado que escavou. Eu me certifiquei disso.

Ainda assim, não consigo me obrigar a olhar para Kitt.

Minha garganta queima.

Posso ter criado algo muito pior do que o pai dele.

— Paedyn. — Sua voz está espantosamente suave, me lembrando de uma época em que isso não seria chocante. — Olhe pra mim.

Não é a primeira vez que diz essas palavras ao ver que evito intencionalmente seu olhar. Mas agora há muito mais mantendo meus olhos afastados dos dele, um passado muito mais catastrófico do que a semelhança a um rei que mandou matar meu pai. Existe traição. Existe dor. E a história não é facilmente esquecida pelos reis que a escrevem.

Mas a leve familiaridade na sua voz faz com que eu erga o queixo, e meu olhar deslize do colarinho amarrotado e vá de encontro ao dele.

Olhos verdes. Como eram e como sempre serão. Ele olha para mim e eu olho para ele. Uma criminosa sem pai e um filho sempre tentando agradar ao dele. Como éramos e exatamente como sempre seremos.

E, pela primeira vez desde aquela batalha na Arena, realmente nos enxergamos.

Seus lábios se repuxam em algo sinistro demais para ser um sorriso, mas suave demais para ser uma careta. Como se usasse a própria aparência de modo formidável.

— A futura rainha de Ilya não baixa a cabeça pra ninguém.

Minha boca fica seca ao som das suas palavras enquanto a corte inteira se inclina para ouvi-las. A incredulidade deles é palpável, misturando-se à nuvem de confusão coletiva que paira densa sobre nossas cabeças. Dezenas de olhares me atingem, acompanhando a cicatriz que desce pelo meu pescoço e o sangue que mancha a minha pele. Eles assimilam essa versão nova da Paladina Prateada, a que cortou aquilo que lhe dava tal título. Meu cabelo curto faz pouco para esconder o estrago tão aparente que agora carrego no corpo.

A corte fica boquiaberta diante do que deduz pela minha aparência. Sou uma Psíquica que não está nem perto disso. Uma Comum que, de

algum modo, sobreviveu às Provas do Expurgo, cometeu traição, matou o rei e ainda está aqui, diante deles, viva, contra todas as probabilidades.

É então que ouço o sussurro da morte ecoando no canto mais escuro da minha mente. A parte de mim que aceitou a ruína iminente no momento em que soube o que significa não ter poder neste reino. Agora ele me chama de rainha, mas tudo que ouço é uma zombaria.

Porque esse destino pode ser pior do que a própria morte.

— Tire a algema dela — ordena o rei num tom casual.

Perco a respiração ao sentir os calos roçando minha pele.

Kai.

Minha cabeça gira, sou incapaz de me conter. Incapaz de me concentrar em qualquer coisa, a não ser na necessidade ardente de olhá-lo.

Mas não são seus olhos cinza que encontro. Não, estes são castanhos, sombrios com um ódio explícito. Não são os olhos que procuro em cada multidão. Não são os olhos que me examinam com uma reverência que eu adoro. Não são os olhos que contaram cada sarda salpicando meu nariz, cada tremor do meu corpo.

Minha respiração falha diante do Imperial que cortou descuidadamente a algema do meu tornozelo no campo de papoulas. É dele a culpa de cada gota do meu sangue manchando este piso de mármore. Seus movimentos são tão rudes quanto as mãos que puxam sem cuidado algum a corrente que envolve meus pulsos, machucando ainda mais a pele por baixo.

Lágrimas pinicam nos meus olhos e eu pisco, me esforçando para contê-las. Balanço ligeiramente a cabeça, desafiando a fraqueza cada vez maior, e mordo o lábio trêmulo que a revela. Meu olhar examina o salão, meu corpo estremecendo de dor enquanto procuro pelo príncipe. Estou frenética, o olhar percorrendo rostos desconhecidos.

Dane-se o fingimento. Dane-se a necessidade de me esconder. Dane-se tudo, menos ele, nós e esse momento em que *preciso* dele.

Mas Kai não está em lugar nenhum. E pela primeira vez desde que roubei aquelas pratas dele na Alameda dos Larápios, me sinto completamente sozinha.

O fecho estala. As algemas se abrem. Caem no chão, tilintando contra a pedra e espalhando sangue. O ruído ressoa na ornamentada sala do trono, um som definitivo. O som de uma liberdade que vem com um preço.

— Muito melhor.

Afasto o olhar da multidão boquiaberta e encontro o rei dando um sorriso agradável. Esfregando os pulsos em carne viva, vejo Kitt estender a mão que não está envolvendo a caixinha que eu evito. Pisco os olhos na direção da palma, de seu gesto de boa vontade. Este simples toque separa uma traidora de uma futura rainha.

Quando meu olhar sobe até o rei, ele assente uma única vez, num gesto tranquilizador, mas sua expressão está entrelaçada a um lembrete: não tenho direito de opinar sobre nada disso.

Assim, quando minha mão suja de terra encontra a dele, manchada de tinta, deixo que Kitt me puxe mais para perto.

Me pergunto se ele ao menos suporta segurar a mão que cravou uma espada no peito do seu amado pai. Como se em resposta aos meus pensamentos acelerados, ele aperta minha mão levemente. O gesto tem a intenção de ser reconfortante, mas me assusta mais do que qualquer ameaça.

— Nós, ilyanos, acreditamos ter derrotado a Peste há muitas décadas. — A voz de Kitt se espalha na sala do trono, deliberada e dominante daquele jeito familiar que sei que ele aprendeu com o pai. — Sim, nossos poderes são um presente da Peste, mas também são uma afronta a ela. Porque foram os Notáveis que saíram mais fortes de uma doença que pretendia nos matar. Foram os Notáveis que protegeram nosso reino enfraquecido contra os conquistadores. São os Notáveis que mostram sua força nas Provas do Expurgo.

Murmúrios de concordância percorrem o salão, seguidos por uma onda de acenos de cabeça orgulhosos. Mordo a língua, a raiva crescendo até manchar minhas bochechas com um rubor. Eu não passo de um entretenimento Comum, um exemplo de fraqueza. Fui posta num pedestal para ser cutucada e sondada, humilhada e envergonhada.

— Mas não foram somente os Notáveis que sobreviveram à Peste, foram?

Sua pergunta faz a fúria esfriar na minha língua, deixando a boca seca. O tempo parece correr mais lento enquanto viro o rosto para ele e me agarro a cada sugestão não verbalizada.

— Não. Também houve os Comuns — continua ele, tranquilo. — Os ilyanos que conseguiram permanecer vivos mesmo sem adquirir habilidades. E depois de anos de coexistência com os Notáveis, eles foram banidos e caçados continuamente devido à sua falta de poder.

A palma da minha mão fica suada junto a dele. Todo o meu corpo se imobiliza, mas não sei se o que espero é minha sentença ou minha salvação.

O rei — o Kitt que um dia conheci — varre sua corte com aqueles olhos verdes. O cabelo louro espia por entre os fios sinuosos da coroa de ouro, brilhando como um halo. Quando ele fala, é num tom deliberado. Calmo. Treinado.

— E se quisermos que nosso grande reino se mantenha de pé, receberemos os Comuns de volta.

Meus joelhos ameaçam ceder, mas Kitt me segura. É como se ele suspeitasse de que isso fosse acontecer e agarrasse minha mão só para impedir que eu desmaiasse com suas palavras. Os rostos ao redor ficam turvos, bocas se movem, mãos se erguem em protesto. Mas não escuto nada, não vejo nada, não assimilo nada que não seja este instante e a esperança de cada momento seguinte.

A boca de Kitt se move de novo, calando a multidão que ruge e o zumbido que toma conta de meus ouvidos.

— Todas as preocupações serão sanadas no devido tempo. Mas, para sua paz de espírito, vou elaborar rapidamente. Desde que me sentei no trono do meu pai, percebi a terrível situação para a qual Ilya se encaminha. Nas últimas semanas, fiquei sabendo mais sobre nosso reino do que em toda a minha vida. — Inclinando a cabeça para uma figura na multidão, ele continua: — Calum já foi meu prisioneiro. Já foi um líder da Resistência, que eu acreditei ser extremista.

Meu coração falha, meus olhos procuram até…

Ali está ele, no meio da multidão. O primeiro sinal foi o cabelo louro-claro, seguido daqueles olhos azuis atentos. Sentindo meu olhar, Calum balança a cabeça lentamente na minha direção. Comprimo os lábios, lutando contra o sorriso radiante que anseio por dar a ele. Em

vez disso, pronuncio a gratidão dentro da mente, sabendo que com certeza está lendo meu redemoinho de pensamentos.

Kitt continua, calando os cochichos que cruzam a sala do trono:

— Entretanto, quanto mais eu o interroguei por seus atos de traição, mais ele me ensinou sobre meu próprio reino. Nossos recursos estão perigosamente escassos devido a várias décadas de isolamento. Dentro das nossas fronteiras não existe espaço suficiente para abrigar o número crescente de pessoas que vivem nas favelas, e os registros mostram que nosso suprimento de comida foi reduzido de modo alarmante no decorrer dos anos.

A desgraça iminente de Ilya escorre suavemente da língua do rei, como se ele tivesse passado cada segundo desde que escapei olhando a lista de fracassos que seu pai lhe deixou. Minha mente salta para aquele momento no Deserto Escaldante, quando eu cuspi a verdade sobre a fragilidade deste reino diante de Kai. Toda a minha vida foi passada na favela, espremida e faminta. Não é um choque saber que os registros refletem uma escassez que eu conheço em primeira mão.

— Dor e Tando não vendem seus rebanhos, suas colheitas nem seu conhecimento de como se adaptar ao deserto. — Kitt percorre a multidão atônita com o olhar. — Sem eles não podemos expandir nem comer. As águas de Izram, os Baixios, ficaram muito mais traiçoeiras com o passar do tempo. Até os peixes se afastam do nosso litoral. — Sua voz fica solene enquanto eu me agarro a cada palavra. — Se não abrirmos as fronteiras e permitirmos que os Comuns vivam entre nós outra vez, este reino de Notáveis cairá.

Os gritos aumentam antes que o rei os silencie usando apenas a razão.

— Mesmo assim, as cidades ao redor não farão negócios conosco se continuarmos sendo uma sociedade de Notáveis. Quando meu pai deu início ao Expurgo, há três décadas, Ilya cortou os laços com Dor, Tando e Izram. Eles perderam os nossos recursos e nós perdemos os deles, e a interrupção desse relacionamento não pode ser curada com facilidade. Agora, esses reinos se importam bem pouco com os Notáveis.

Uma sensação de calor começa a tomar conta do meu peito, parecendo tão estranho que quase não a reconheço como esperança.

Mas eu testemunhei a animosidade de Dor sozinha, compartilhei o ódio deles pelos Notáveis. Não porque os Notáveis detêm poderes, mas pelo modo como tratam aqueles que não o têm. E depois de décadas de rejeição hipócrita, será necessário um tremendo gesto de boa vontade da parte de Ilya para instigar a paz.

Estou cambaleando de novo.

O gesto de boa vontade sou eu.

Estou tonta, entorpecida diante do destino que me aguarda. Como uma Comum, uma Ilya unida é tudo com o que sempre sonhei. Meu lar, um lugar onde eu não precisasse mais fingir ser algo que não era apenas para permanecer viva. Mas meu lado cético e beligerante diz que não é possível que Kitt deseje isso, não quando o seu pai fez tudo que estava ao seu alcance para erradicar os Comuns.

— Quanto a Paedyn Gray… — O som do meu nome me lança de volta, assustada, numa realidade inquietante. — A traição dela não é o que parece. Nossa união servirá como uma oferta de paz aos reinos ao redor. Essa prova de confiança dará as boas-vindas aos Comuns em Ilya e, portanto, incitará nossos vizinhos a reabrirem o comércio com os Notáveis receptivos. — Kitt dá um sorriso tenso. — Nosso casamento marcará o início do meu reinado, o mais forte que Ilya já viu.

Analiso cada palavra, revendo cada sílaba para entender todas elas. Em seguida, Kitt se vira para mim, e todo pensamento desaparece quando tira o anel da caixinha de veludo. Há um momento atordoante em que acho que ele pode me ouvir engolindo em seco, que pode ver o pânico crescendo nos meus olhos.

É quando seu olhar suaviza e vejo meu reflexo nele.

Cada medo, cada vestígio de inquietação. Ele carrega tudo isso e muito mais. Porque o anel na sua mão trêmula representa tudo o que foi ensinado a odiar. E no entanto aqui está ele, indo contra o desejo do seu amado pai, para salvar Ilya.

Assim, deixo que ele levante minha mão esquerda. Deixo que veja a disposição que esmaga qualquer preocupação. É minha vez de fazer a diferença que sempre sonhei, ainda que os argumentos do rei não se pareçam com os meus. Ele só deseja salvar este reino por qualquer

meio possível, ao passo que eu lhe ofereço minha mão apenas em troca de uma Ilya unida.

Sou o sacrifício pelo qual os Comuns sangraram e morreram.

Sou o poder que eles não têm.

O anel treme em volta da minha unha quebrada. O olhar de Kitt salta para o meu, num silencioso pedido de permissão.

Cada momento da minha vida me trouxe até aqui, a este fugaz instante de bravura.

Confirmo com a cabeça e ele coloca o anel no meu dedo.

CAPÍTULO 2

Kai

Achei que conhecia o tormento, até que ele foi posto em seu dedo.

Não. O tormento é tangível e brilha sobre a pele bronzeada dela.

Encaro, sem piscar, o símbolo que meu irmão colocou no dedo de Paedyn. É um vínculo. É infinito. É minha ruína.

Uma gargalhada ameaça escapar por meus lábios entorpecidos. Não que ela não tivesse prometido ser minha ruína, que já não tivesse se tornado meu fim. Ela é a coisa mais destrutiva que já desejei. E, no entanto, o que me destruirá é o diamante no seu dedo.

Observo Paedyn através dos espaços entre uma multidão boquiaberta, como farei pelo resto da vida. Serei obrigado a passar meus dias a serviço dela, mas jamais a seu lado. À sua sombra, mas nunca visto. Amando uma garota para quem me curvei muito antes de ela se tornar minha rainha.

Kitt se afasta, deixando que a corte veja sua noiva por inteiro. O cabelo curto sussurra nos ombros a cada movimento lento da cabeça. O prata encontra a pele bronzeada, deslizando na cicatriz que desce pelo pescoço, até que a pele ferida brilhe como o gume afiado de uma lâmina. Seus olhos azuis cortam a multidão, atentos, rápidos e inseguros demais.

Vou para trás de uma das muitas colunas de mármore que emolduram o salão, evitando seu olhar penetrante pelo que acredito

ser a primeira vez. Sempre estive disposto a me afogar naqueles olhos de oceano, mas agora não posso nem ao menos pensar em me afogar se não for ela a âncora com a qual afundo.

Perguntas são disparadas, cada qual beirando uma acusação. Eu me misturo ao caos, ouvindo a corte verbalizar uma perplexidade que também sinto. Porque esse era o último decreto que eu imaginaria sair dos lábios de Kitt. E ele nem se incomodou em me informar a respeito.

Viro a cabeça, praticamente sentindo a máscara de indiferença do Executor se derretendo com a fúria que borbulha sob a superfície. As habilidades de cada pessoa nesta sala começam a exercer pressão sobre mim, implorando para serem liberadas. A raiva é uma emoção perigosa demais para eu me permitir sentir. Ela entorpece os sentidos e aumenta minha capacidade de Portador até que tudo o que reconheço seja o poder pulsando embaixo da pele.

Mas não tenho ninguém para culpar além de mim mesmo. Eu fiz isso com ela, com nós dois, com cada momento que passei esperando que Pae fosse o centro de todo momento seguinte.

Sou o monstro que a caçou. Sou a fera que a entregou a esta desgraça. E tenho medo de me tornar muito pior quando não estiver mais lutando para merecê-la.

Um homem grita perto do meu ouvido, sacudindo a mão de um modo tão desagradável que penso em quebrá-la. Melhor ainda, talvez eu pegue emprestado sua habilidade como Labareda e queime sua língua balançando na boca.

Felizmente, para o homem, a voz de Kitt se eleva acima dos gritos que ecoam antes que eu tenha a chance de fazer alguma coisa impensada.

— Responderei a todas as perguntas numa reunião formal em breve. Depois disso anunciaremos nosso noivado aos reinos vizinhos.

Noivado.

É como se o chão se abrisse sob meus pés. Por que não ficamos naquele campo de papoulas para sempre? Eu passaria o resto dos meus dias fazendo coroas de flores se ela quisesse ser rainha. *Minha* rainha. Não de Kitt. Não de Ilya. *Minha*.

Meu olhar vai até ela, acompanhando cada movimento. Kitt dispensa a corte, silenciando cada conversa com um gesto da mão.

Nesse momento, nesse movimento singular, vejo nosso pai. É como se fosse ele diante desta corte e Kitt não passasse de sua sombra.

Este rei não é o mesmo que vi há quinze dias, antes de eu partir.

Este rei é controlado, calmo e consciente de cada movimento que faz.

Mas, como sempre, meu olhar se volta para Paedyn. Ela está atravessando o salão, a coluna rígida e os olhos voltados para a frente, fixos na criada que a espera ao lado da enorme porta a vários metros de distância. Risos de desprezo acompanham cada passo enquanto ela percorre a multidão. Dezenas de rostos enojados se viram para ela, mais ousados a cada segundo. Já estou me movendo antes que um homem se coloque no caminho dela.

Ele se inclina o suficiente para murmurar um comentário maldoso, mas o cuspe que voa da sua boca e bate nas sardas não passa despercebido. Empurro o homem para longe dela com tanta força que me pergunto vagamente se deixei a habilidade de um Robusto tomar conta de mim. Esse ato impensado fez com que, de repente, eu fique entre Paedyn e o homem que obviamente está a fim de morrer. Dou um passo adiante, olhando-o de cima e ignorando a multidão boquiaberta ao redor da cena que eu criei. Porque a verdade é que eu não dou a mínima para o que essa corte pensa a meu respeito. E minha reputação certamente não pode piorar.

— Se você ao menos respirar perto dela de novo — digo, num rosnado — garanto que será a última vez.

— Não. — A voz de Paedyn atravessa cada pensamento frenético, me inundando como se alívio não fosse nada além de sua mera presença. Ela fica ao meu lado, o olhar fixo no homem que agora está com uma palidez fantasmagórica. — Não — repete ela, a voz cortante. — *Eu* é que garantirei que a próxima vez que você tomar ar para insultar a mim ou ao meu povo, será a última. E serei eu, uma Comum, que acabará com sua vida de Notável.

Paedyn o encara, parecendo ter algo formidável trançado na própria fibra do seu ser. Cada olhar está fixo nela, cada rosto espantado diante das suas palavras.

Minha futura rainha acaba de emitir seu primeiro decreto.



As mãos dela tremem tanto que é possível que o maldito anel acabe caindo de seu dedo.

Acompanho-a pela porta dupla, fugindo da sufocante sala do trono e das fofocas da corte lá dentro. Pae acelera o passo pelos corredores luxuosos e só posso imaginar como parecemos deslocados em meio aos enfeites cor de esmeralda. O Executor, seminu e envolvo em bandagens, e a noiva do rei, ensanguentada e envolta numa camada de sujeira.

— Paedyn — chamo, apertando o passo.

Isso só a faz virar outra esquina. Suspiro e tento de novo.

— Pae, espera.

Ela para de repente. Trêmula. Mesmo de longe, vejo seus ombros se sacudindo, ouço a respiração entrecortada. Paedyn apoia a mão na parede e estou quase chamando-a de novo quando um bando de pessoas se derrama no corredor atrás.

Merda.

Preciso pensar rápido, preciso tirá-la daqui antes que toda a corte encontre a futura rainha ofegando no corredor. Só a Peste sabe que atribuiriam seu pânico ao sangue Comum, enfraquecido.

Meu olhar pousa numa porta na mesma parede em que Paedyn está encostada, antes de fazer a única coisa em que consigo pensar.

— Certo, para cima — murmuro antes de agarrar suas pernas e jogar o corpo dela por cima do ombro.

Isso consegue atrair sua atenção. É como se eu tivesse acordado uma fera adormecida.

— Que diabos…? — Ela torce o corpo e crava as unhas na pele nua das minhas costas. — Me. Bota. No. Chão.

Vou para a porta, seguido por uma torrente de vozes.

— É tentador, mas no momento estou ocupado salvando seu rabo. — Paedyn não consegue ver o sorrisinho que surge em meus lábios, mas tenho certeza de que o escuta na minha voz quando acrescento: — Por falar em rabo, como está a vista aí atrás, Gray?

— Nauseante — responde, mordaz.

Escancaro a porta e entro.

— Você sabe que consigo ver seu pé esquerdo se contraindo, não sabe?

Pae resmunga alguma coisa em resposta ao membro traidor, antes de quase bater a cabeça na porta quando a fecho.

A escuridão engole cada centímetro do pequeno espaço.

Coloco-a com cuidado no chão, sentindo sua respiração fazer cócegas na minha pele quente. Minhas mãos se demoram sobre seu corpo. Calos percorrem o tecido fino da blusa, puxando-o para cima enquanto minhas palmas deslizam sobre os quadris. Não consigo enxergar sua figura na escuridão opressiva, por isso simplesmente terei de me contentar em sentir cada centímetro dela.

Sua voz está ofegante de um modo que me faz apertá-la com mais força.

— Onde estamos?

— Provavelmente num armário de vassouras esquecido — murmuro. — Não poderíamos deixar que a corte inteira visse a futura rainha em colapso, não é?

As palavras tinham a intenção de provocar, mas saem rasgando por entre meus dentes, cortantes e amargas. Eu me arrependo no momento em que sinto o corpo de Paedyn tremer sob minhas mãos.

— Ei — corrijo gentilmente, puxando a bainha da sua blusa até que ela joga o corpo contra o meu. — Fale comigo.

Sinto cada batida trovejante do seu coração contra o meu peito. E num instante a distração que eu tinha criado para ela se dissolve. Pae está desabando de novo, a voz embargando enquanto o mesmo acontece com a fachada de controle que costuma exibir.

— Eu… eu não posso fazer isso. Não quero. — Consigo senti-la balançar a cabeça em negação. — Eu estava preparada para morrer. Estava preparada para que você fosse a última coisa que eu veria, e agora…

— Não diga isso — eu a interrompo, num grunhido sufocado, antes que mais algum dos meus temores escape da sua boca. — Eu jamais deixaria isso acontecer. Prometi que consertaria isso e é o que vou fazer.

— Consertar? — Sua risada é pouco mais do que um som rouco. — Kai, isso não é mais uma questão de vida ou morte. Isso é… — Quando sua respiração falha, sei que é por causa do anel que ela tateia com os dedos trêmulos. — Isso é até que a morte nos separe.

A raiva toma conta de mim outra vez, como uma onda. Porque Paedyn deveria ser a minha morte, e não a vida de outro. Era ela que eu estava destinado a adorar neste mundo e era para ela que eu me arrastaria no outro. Mas agora Pae está amarrada a um rei, e eu não sou nada mais do que seu carrasco.

Procuro suas mãos, desesperado para segurá-la por tanto tempo quanto for possível.

— Concentre-se neste anel — imploro, girando o aro em seu polegar. — O do seu pai, e não o do meu irmão. Até que eu descubra uma saída, gire o anel, como você sempre faz. Distraia-se.

Ouço-a bufar de escárnio e estremecer.

— Mas esse anel não é do meu pai. Não de verdade. — A voz dela soa trêmula sob o peso de cada palavra. — Tudo o que eu pensava que sabia sobre a minha vida era mentira. E agora esperam que eu viva ao lado de uma pessoa que eu achava que me queria morta?

Nego com a cabeça, sem saber como ajudá-la a enfrentar a súbita descoberta de como Pae se tornou filha de Adam Gray. Não foi pelo sangue, mas pelo acaso e pelo abandono de um desconhecido. Sou incapaz de curá-la dessa confusão, dessa dor.

— Não entendo nada disso — continua ela, apressada. — Eu já deveria estar morta. Cada pessoa neste reino esquecido pela Peste *quer* me ver morta, e não num trono. — Paedyn suspira nas sombras, sua respiração se espalhando pela minha pele. — Mas Kitt está certo. Os reinos não se abrirão ao comércio se Ilya não receber os Comuns de volta. Você viu como os Notáveis são odiados em Dor. — Sinto um balanço rápido da sua cabeça. — Eu queria, mais do que ninguém, ver o reino de Ilya unido, mesmo que o rei fizesse isso a contragosto. Mas…

— Mas os Notáveis não aceitarão uma rainha Comum tão facilmente — termino por ela. — Diabos, eles não vão aceitar nem mesmo a ideia de Comuns vivendo livremente em Ilya.

Há um instante de silêncio antes que as palavras se derramem da boca de Paedyn, a boca que não consigo ver, mas cuja forma conheço de cor.

— Eu achei que Kitt estava enlouquecendo. Achei que ele estava de luto e com raiva. — Outra respiração trêmula. — Achei que tinha ordenado que você cravasse uma espada no meu peito no instante em que eu pusesse os pés naquela sala.

— Eu também achei — murmuro. — E estava preparado para desapontá-lo.

A dor na voz dela me faz estremecer.

— Kai…

— Pae. Eu não tinha ideia de que era isso que ele planejava. — Dedos sujos acariciam meus cabelos desgrenhados. — Eu sabia um pouco sobre as dificuldades de Ilya no decorrer dos anos, e isso simplesmente porque passava mais tempo na favela do que qualquer pessoa desse castelo. No deserto, você confirmou minhas suspeitas sobre a falta de comida e de terras, mas eu não sabia que a situação era tão ruim.

Sinto-a girando o anel no polegar.

— Você disse que ele estava diferente quando você partiu. Que estava sofrendo. Que as pessoas sussurravam sobre a loucura dele — diz Paedyn, baixo. As palavras seguintes são um pensamento distante arrancado da sua cabeça. — Então, o que mudou?

— Não sei. — Minha mente retorna à infinidade de papéis espalhados na mesa dele e às mãos manchadas folheando-os. — Não sei.

A escuridão fala a nosso favor durante um longo momento, crescendo ao redor e tomando conta de nossos ouvidos com um zumbido ensurdecedor antes que eu volte a puxar a bainha puída da sua blusa. Paedyn se derrete de encontro ao meu corpo, e é como um alívio — até ela admitir em voz baixa:

— Não sei se vou sobreviver a isso.

— Você já sobreviveu a coisas piores — lembro-a, sério. — Além disso, você não pareceu ter problemas para lidar com aquele homem na sala do trono.

— Você também não — retruca ela, e consigo visualizar perfeitamente o olhar rígido que acompanhou as palavras. — Não preciso que você lute minhas batalhas.

— Ah, querida — respondo, baixo. — Sei que você não precisa, mas se vou ser seu Executor, é melhor se acostumar.

Ela balança a cabeça em negação, insistente.

— Não sou rainha de ninguém.

— É mesmo? — Meus dedos encontram seu rosto antes de descerem pela encosta lisa do nariz. — Então você não faz ideia do poder que tem sobre mim.

— Parece que você se esqueceu de que eu não tenho poder nenhum, príncipe.

As palavras dela são afiadas, como se sua respiração tivesse se transformado em uma lâmina que Paedyn arrasta pelo meu pescoço.

— Seja meu ponto fraco, então.

— Você sabe que eu estou prometida ao seu irmão — sussurra Paedyn, os lábios perigosamente perto dos meus.

Engulo em seco, sério.

— Por enquanto.

— *Para sempre*. — Ela ofega. — Acho que não existe uma saída. E se o que Kitt disse na sala do trono for verdade, o futuro de Ilya e dos Comuns depende disso.

Inclino o rosto para encostar minha testa na dela.

— Sou egoísta demais para deixar você ir tão facilmente.

— Então finja.

Meu polegar percorre seu lábio inferior devagar.

— Isso quer dizer que preciso arrastar você para um armário sempre que quiser tocá-la?

Estou brincando com ela, tentando ignorar o gosto amargo que cada palavra deixa na minha boca. Eu me recuso a aceitar que esse seja o seu destino, e no entanto o medo se contorce em volta de mim, apertando meu peito mesmo enquanto a provoco. Porque, se Pae realmente se tornar a esposa de Kitt, passarei o resto da vida de luto.

Então provoco distrações. Desvios. Aproveito para desejá-la mais do que nunca, para o caso de esta ser a última vez que posso.

Ouço o sorriso fraco começando a se esgueirar na voz de Paedyn.

— Você não deveria me tocar de jeito nenhum.

— Mas você poderia ordenar que eu fizesse isso — respondo, lentamente. — Então eu estaria apenas obedecendo a uma ordem.

Sua risada é ofegante, e eu memorizo o som.

Os braços envolvem meu pescoço, e imagino se ela irá tocar Kitt assim.

Seu nariz roça o meu, e imploro em silêncio que Paedyn jamais toque o de outra pessoa.

Os lábios dela mal roçam nos meus quando a porta é escancarada.

CAPÍTULO 3

Paedyn

— Não era o que parecia.

Um suspiro fraco. Uma confirmação que faz com que o coque mal feito no topo de sua cabeça se balance.

— Como eu disse, não sei o que parecia, porque não vi nada.

— Ellie — digo exasperada. — Você sabe muitíssimo bem o que viu.

Ela coloca uma mecha de cabelos soltos atrás da orelha, como se isso pudesse me distrair do sorriso que surge nos cantos dos seus lábios.

— Eu só fui pegar uma vassoura, e foi exatamente isso que eu fiz.

Como se para enfatizar a inocência, Ellie levanta a tal vassoura e continua andando pelo corredor, enquanto eu vou atrás.

Agradeço o ritmo rápido que ela impõe, me impedindo de reparar nos rostos pelos quais passamos e esfriando o rubor que pinta minhas bochechas. Minha mente se recusa a fazer qualquer coisa, a não ser repassar o momento em que a porta se abriu revelando o Executor e sua futura rainha abraçados no escuro. Nos afastamos de imediato, mas não antes que Ellie arregalasse os olhos castanhos aos nos reconhecer.

No entanto, a ameaça de um sorriso surge no canto da minha boca. Eu o contenho com a mão antes que ele tenha chance de se espalhar. Porque, quanto mais penso naquele momento constrangedor, mais engraçado parece ter sido. De fato, minha vida está uma confusão e

tudo o que consigo fazer é observar os cacos na palma da mão e rir. Não ouso me olhar no espelho porque o que me espia de volta é um mosaico de cada erro, de cada tragédia desenhados na minha pele e a sombra iminente de cada um que ainda está por vir.

Sem poderes. Sem pai. Sem Adena. Essas eram as coisas sem as quais eu já me esforçava para sobreviver. No entanto, é o anel no meu dedo que pode significar minha morte.

Uma risada engasgada escapa por baixo da palma da minha mão, alta o suficiente para Ellie lançar um olhar preocupado por cima do ombro. Acompanho-a a esmo pelo castelo onde eu só me imaginava como prisioneira. Meus dedos brincam com o aro intricado que me prende a outro homem. O anel brilha à luz, inofensivo como uma palavra que ainda não foi afiada por uma língua feroz.

De todos os lugares em que imaginei estar, um trono seria o último. Uma masmorra, sim. Diante do gume de uma lâmina, com certeza.

Porque os Comuns não governam. Eles se encolhem de medo.

A seriedade da minha situação atual parece desmoronar sobre mim quando viramos outra esquina. Serviçais olham; Imperiais fazem cara de desprezo; a risada se dissolve na minha garganta. A felicidade foge diante do meu futuro.

Porque eu sou meu próprio ponto fraco. Sou odiada por todos em Ilya e, se eu for colocada num pedestal, mesmo que para salvar o reino, terão o máximo prazer em me empurrar dele.

Ellie para de repente diante de uma porta e eu quase sou empalada pelo cabo de vassoura que ela segura. Forçando minha mente a voltar ao presente, entro atrás dela no quarto imaculado.

Bastam dois passos para perceber que, definitivamente, este não é o aposento em que fiquei durante as Provas. Não. Espalhado à minha frente está o tipo de opulência com o qual pude apenas sonhar.

Meus pés hesitam sobre o piso luxuoso, e meus olhos arregalam-se diante da maior cama que já vi. Relevos intricados sobem pela parede oposta cercando cada janela em arco enfileirada. Uma luz quente penetra enquanto os raios do sol se estendem pelo tapete verde, como se tentando me alcançar.

A cama em si ocupa a maior parte da parede à minha direita, com uma colcha floral sombreada pelo dossel diáfano. Escrivaninha,

penteadeira, guarda-roupa e tapete decoram o espaço, cada peça de um branco suave e tudo muito maior do que eu imaginaria ser possível.

Lentamente, volto meu olhar para Ellie.

— Que quarto é esse, e por que eu estou sujando esse lugar?

Ela comprime os lábios num pequeno sorriso.

— São os aposentos da rainha, claro. Bom, os novos. A memória de Sua Majestade falecida, a rainha Íris, ainda vive nos aposentos anteriores. — As palavras fazem meu estômago embrulhar e a cor fugir de meu rosto. — É aqui que você vai morar. Espero que tudo esteja… satisfatório?

— Satis… — respiro fundo antes mesmo de terminar de repetir a palavra, confusa. — Ellie, não faz tanto tempo a ponto de você esquecer que eu acho tudo neste castelo bastante acima do meu padrão normal.

Seu sorriso é muito mais astuto do que eu acharia capaz.

— É, eu me lembro de você dizendo que tinha se arrastado para fora do lixo no dia em que a gente se conheceu.

Engolindo a tristeza súbita ao ouvir as palavras dela, consigo dar um sorriso fraco.

Meu coração dói ao pensar no nosso forte. No santuário que Adena e eu criamos na favela. E pensar que eu tinha comparado aquilo com lixo me deixa nauseada. Se bem que, a olho nu, tenho certeza de que era exatamente isso que parecia — e fora por esse motivo que conseguira permanecer intocado durante tantos anos.

Agora, provavelmente está vazio. Frio sem o calor dela, opaco sem sua luz.

Sol, areia e seu corpo sangrento e ferido no meu colo relampejam subitamente diante dos meus olhos. Pisco para afastar a lembrança, me obrigando a esquecer o som da sua última respiração entrecortada ou dos pés trovejantes dos ilyanos sedentos de sangue na Arena ao nosso redor.

— Paedyn?

— Oi? — Ergo a cabeça de súbito e me deparo com uma expressão preocupada nas feições suaves de Ellie. Eu nem tinha percebido que estava olhando para o chão. — Desculpe. Sim. Tudo está mais do que satisfatório.

Pigarreio e sigo quarto adentro. Depois de ignorar o que tenho certeza de que é um banheiro igualmente requintado à minha esquerda, encontro uma coisa muito mais atraente para ver.

Em segundos estou diante da sacada. Só depois de dar um sorriso para Ellie por cima do ombro é que abro a porta de vidro e saio para a grande extensão de pedra.

O ar puro toca meus cabelos enquanto absorvo a beleza à minha frente. Dessa altura, os jardins são de tirar o fôlego. Fileiras de flores se entrelaçam ao redor dos caminhos circulares calçados de pedras, cores colidindo a cada esquina. A fonte onde deixei Kitt encharcado fica no centro de tudo aquilo…

Kitt.

Durante as Provas, para mim, ele era apenas isso. Um príncipe, sim, e uma réplica do pai apenas na aparência. Mas também era meu amigo. Um amigo que eu traí. E um amigo que eu tive certeza de que me mataria por isso e por muito mais.

Mas agora *ele* é muito mais. Primeiro um amigo, depois um inimigo, e agora meu futuro.

Estremeço ao pensar nisso e em todas as implicações. Dando meia-volta, eu me viro para os meus aposentos — *os aposentos da rainha* — e encontro Ellie esperando pacientemente meu retorno.

Fecho a porta dupla da sacada e me encosto nela com uma indiferença que não sinto e certamente não senti durante muito tempo.

— Onde está a rainha? Quero dizer, a… rainha viúva?

Estremeço diante das palavras nas quais tropecei, mas Ellie, como o anjo que é, oferece uma resposta antes que eu tenha chance de dizer mais alguma coisa.

— Ela foi transferida para a ala oeste do castelo. É onde fica a enfermaria — explica em voz baixa. — Mas mesmo se não estivesse doente, não ocuparia mais este quarto. Porque, como você sabe, estes são os aposentos da *rainha* e…

Eu me apoio na porta.

— E eu serei a rainha.

— Isso. — Ellie tenta dar um sorriso fraco. — E eu tenho a honra de ser sua dama de companhia. Isto é, se você me aceitar, claro.

Solto uma risada exasperada, e a sensação é boa. É bom sentir o corpo vibrando com algo que não seja dor. Emitir um som que não seja um soluço.

— Ellie, se eu realmente me tornar rainha, garanto que você não precisará trabalhar nunca mais.

— Ah, eu não me incomodo com o trabalho. Ele me mantém ocupada — admite timidamente. — Além disso, eu quero servir você.

Outra risada irrompe de mim, esta mais cortante do que a anterior.

— É mesmo? Depois de tudo? — Dou alguns passos na direção dela. — Você ouviu os boatos. Deve ter ficado sabendo até da verdade.

— Tenho certeza de que você teve seus motivos — diz Ellie baixinho, evitando meu olhar.

A resposta é chocante, como uma súbita onda de alívio. Engulo em seco, com medo da minha própria pergunta.

— Mas por que você não me odeia, como o resto de Ilya?

Ela me observa, deixando um momento longo e silencioso se estender entre nós.

— O resto de Ilya não conhece você.

— E você conhece? — rebato, um pouco depressa demais.

— Melhor do que a maioria. A gente aprende um bocado sobre as pessoas sendo a criada delas. — Em seguida ela vai até a penteadeira, puxando a banqueta e me chamando com um tapinha no tecido felpudo. — Agora venha e me deixe limpar você.

Obedeço, rígida e insegura. Afundar nessa banqueta estofada é como voltar ao passado. Um em que minhas únicas preocupações eram sobreviver às Provas e ao sangue de Comum nas minhas veias. Um tempo mais simples, antes de eu entrar para a Resistência e cravar uma espada no peito do rei corrupto.

E é assim que sou recompensada por isso: com uma coroa na cabeça e um reino ameaçando minha garganta.

— Você cortou o cabelo — diz Ellie baixinho, indagando.

Ela molha um pano com água quente e começa a esfregar levemente o sangue seco salpicado na minha pele.

Está trabalhando num ponto particularmente difícil acima do meu maxilar quando murmuro:

— Estava ficando difícil fugir para me salvar, com o cabelo tão comprido.

Digo isso em vez da verdade patética. Porque eu preferiria não me lembrar da sensação do sangue grudado tão terrivelmente no cabelo a ponto de implorar que Kai o cortasse. Porque ainda empalideço ao ver o sangue, ao senti-lo encharcando as palmas das minhas mãos assassinas. Tenho medo de quando irei vê-lo jorrar da próxima pessoa que eu amo, apesar de restarem poucas a serem escolhidas — e esse pensamento é um alívio terrível.

Vejo-a pegar uma tesoura fina.

— Quer que eu acerte as pontas? Estão meio irregulares…

— Não — digo bruscamente. Depois acrescento com gentileza: — Obrigada. Eu gostaria de deixar assim.

Ellie assente, mas tenho certeza de que está se coçando para perguntar meus motivos. E, se tivesse feito isso, eu contaria. Admitiria por que quero manter como está.

Era como a franja de Adena ficava sempre que eu a cortava.

Esses fios prateados e desiguais me prendem às noites longas no Forte, cortando a franja encaracolada da minha amiga, sem nada além das estrelas para iluminar. Ela ria da sensação de cócegas enquanto eu fazia uma linha torta no seu cabelo. E então nós ríamos, uma culpando a outra pelo resultado infeliz.

Agora nunca mais terei esse privilégio. Por isso me agarro à memória dela nas pontas do meu cabelo.

— Como foi? — pergunta Ellie finalmente, com os olhos arregalados. — Fugir daquele jeito pelo deserto?

— Solitário — murmuro. — Aterrorizante.

Ela assente devagar, enfiando uma mecha solta atrás da minha orelha.

— Bom, esse comprimento combina com você. E fico feliz por ter voltado em segurança.

— Obrigada — digo baixinho. — Estou tão chocada com isso quanto a corte.

— É, ouvi dizer. — A voz dela é a personificação de um tremor. — E não posso dizer que os serviçais receberam a notícia de um jeito muito melhor.

— Só posso imaginar — gemo. — Na verdade, eu não ficaria surpresa se fosse envenenada pelo pessoal da cozinha antes de a semana acabar.

Ellie balança a cabeça, passando o pano com avidez pela minha pele.

— Ah, não, eles não ousariam. Não com o rei reivindicando você como futura esposa.

Me reivindicando.

Essas são palavras que eu jamais achei que seriam associadas a Kitt. O irmão dele, por outro lado… sei exatamente o que é ser reivindicada pelo Executor. E aceitei.

— Bom, isso é… tranquilizador — murmuro.

— Ele está muito melhor, sabe — acrescenta Ellie baixinho, os olhos acompanhando a cicatriz que desce pelo meu pescoço. Tenho que me esforçar para não me remexer sob o peso da sua preocupação óbvia. Mas ela continua, misericordiosamente: — Depois da coroação, quase não era visto. Ficava isolado, trancado naquele gabinete. — Ela se inclina, baixando a voz como se não fôssemos as únicas pessoas no quarto. — Ele jogava a comida pela janela. Alguns serviçais encontravam a pilha das sobras no pátio.

Ellie continua com um suspiro.

— Mas isso era esperado, claro. Afinal de contas, ele estava de luto pelo pai. — Os olhos dela se viram na direção dos meus antes de se desviarem depressa. — E sem dúvida as visitas de Calum pareciam ajudar. Sua Majestade ouvia em primeira mão o que estava acontecendo no reino, não precisava se contentar em apenas ler os registros.

Confirmo, balançando a cabeça devagar, ainda tentando montar esse quebra-cabeça desconcertante.

— Então Calum visitava Kitt? No gabinete dele?

— Bom, a princípio, não — retifica ela. — Ele ficou vários dias nas masmorras suportando só a Peste sabe o quê. Mas acho que Kitt enxergou alguma coisa nele e decidiu conversar de um modo mais civilizado. — Ellie encolhe os ombros. — Na verdade, isso é tudo que eu e o pessoal sabemos.

Nunca fiquei tão chocada e tranquila ao mesmo tempo. Esse tipo de contradição é a única reação razoável na minha vida na última hora.

Porque, apesar da esperança que eu sentia por ele, jamais acreditei de verdade que Kitt conseguiria fazer mudanças que contradissessem tudo em que seu pai lhe dizia para acreditar. Parece que eu estava certa. Esse rei não se importa de verdade com uma Ilya unida, só quer garantir a sobrevivência do próprio reino, custe o que custar.

Quase encontro coragem para sorrir, porque isso é um começo.

Kitt tem todo o direito de me odiar depois de eu ter matado o tirano do seu pai, mas agora ele *precisa* de mim. Juntos poderíamos salvar este reino de algo mais do que a simples ruína. Poderíamos libertá-lo da segregação que assolou esta terra por décadas. Talvez, sem Edric aqui para alimentar o filho com mentiras e se aproveitar daquela insaciável necessidade de aprovação, Kitt seja capaz de pensar com clareza pela primeira vez.

E com Calum o aconselhando, ajudando-o a enxergar a verdade do seu reino, talvez haja esperança. A eloquência, combinada com aquele jeito atento de escutar, é um dos motivos pelos quais o Leitor de Mentes é tão persuasivo. Ou talvez ele use sua capacidade para examinar nossos pensamentos, identificando como nos sentimos e como pensamos antes de dizer exatamente o que precisa ser ouvido.

Baixo o olhar até a cama, onde meu único pertence está caído no chão, ao lado. A mochila suja provavelmente foi trazida aos meus aposentos por algum serviçal relutante. Mas é o diário dentro dela que mal posso esperar para mostrar a Calum. A Kitt.

Aquele lembrete encadernado do meu pai me faz engolir em seco. É estranho pensar que o homem que eu conheci era apenas um fio no emaranhado da verdade, um que só agora começo a desembaraçar. Até recentemente, Adam Gray era apenas um pai, um Curador que me ensinou a sobreviver por meio da observação e de treinamentos tediosos. Então eu o vi morrer. E aquele momento devastador me lançou em uma vida à qual eu jamais pensei que sobreviveria.

Meu pai era o líder da Resistência. Só que, segundo seu diário, na verdade ele não era meu pai.

Depois de ficar tanto tempo presa na minha mente, volto a atenção para Ellie.

— E os outros membros da Resistência? Imagino que alguns tenham sido aprisionados.

Ela balança a cabeça, solene.

— Da última vez que ouvi a respeito, eles também estavam nas masmorras, mas isso foi logo depois daquela última Prova, e já faz um bom tempo…

Ela deixa o resto no ar, me dando tempo para imaginar cada maneira cruel pela qual eles possam ter morrido. Imagino quantos membros da Resistência — quantos Comuns ou os poucos Notáveis que os apoiavam — foram capturados depois da batalha na Arena Esférica. Quantos morreram brutalmente, porque, mesmo depois de anos planejando o levante, tudo deu errado.

Fico de pé e me afasto das mãos gentis de Ellie.

— Preciso falar com Kitt. Com o rei. — Pigarreio. — E com Calum.

Ela parece horrorizada com a ideia.

— Não com essa aparência, de jeito nenhum! — São necessários apenas alguns segundos para a timidez se apoderar dela de novo. — Quero dizer, você fez uma viagem muito longa e precisa descansar…

— Eu achei que estaria morta há muito tempo — interrompo, firme. — Achei que seria perfurada por uma espada naquela sala do trono. Mas não fui, e pretendo descobrir exatamente por quê. — Abaixo o tom de voz até que ele se torne algo muito mais solene. — Talvez não me reste muito tempo de vida, por isso não vou gastá-lo descansando.

— Tudo bem, então — diz Ellie baixinho. — Sem descanso. Mas você precisa tomar um banho antes de sair de novo pelo castelo.

Certo. Toda a minha existência foi reduzida às aparências.

Concordo, subitamente incapaz de me concentrar em qualquer coisa a não ser na crosta de sangue sobre minha pele. Será um alívio lavar cada resquício da traidora que fugiu para salvar a própria vida. Cada gota de sangue, suor e lágrimas derramadas na viagem traiçoeira.

Quando vou para o banheiro, subitamente dou meia-volta e digo:

— Você teve notícias do Lenny? Eu o vi durante a… viagem, mas nós nos separamos.

— Certo. Com relação a isso... — Ela volta o olhar até meus olhos semicerrados. — Ah, na verdade, ele está aqui.

— O quê? — solto, quase engasgando. — Onde?

Ellie vem na minha direção, o coque castanho balançando a cada passo.

— Eu conto depois do banho.

— Ellie…

— *Milady*. — Ela enfatiza o título com um arquear da sobrancelha.

— Tudo bem — bufo, girando de novo na direção do banheiro. Depois grito por cima do ombro, com um falso tom animado e absurdamente genuíno: — Mas só porque o sangue embaixo das minhas unhas me tira do sério.

CAPÍTULO 4

Paedyn

Gotas de água pingam das pontas do meu cabelo curto, refletindo a cor prateada que imita aço derretido ao escorrer dos fios.

Esfreguei cada centímetro do corpo, dedicando um bom tempo à sujeira embaixo das unhas e em volta dos muitos cortes serrilhados que cobrem minha pele. Só quando saí da água que esfriava depressa, com a pele praticamente em carne viva, que recebi a notícia de uma Ellie hesitante.

Bastaram alguns instantes cheios de fúria para vestir uma calça de tecido fino, combiná-la com uma túnica justa e ir até a porta. Ellie foi sábia o bastante para ficar fora do meu caminho, chegando perto apenas para oferecer um sorriso de desculpas e um par de sapatos parecidos com chinelos. Agora eles grudam nos meus pés enquanto atravesso o corredor, a seda macia roçando nos pés cheios de bolhas.

Passo por pessoas que não enxergo direito, jamais desviando o olhar da porta que me espera ao final do corredor. Com meus olhos focados apenas nela, vejo-o encostado na passagem, emanando tédio com o olhar fixo nas botas lustrosas.

Vários segundos se passam antes que ele erga a cabeça, de repente, tendo ouvido meus passos trovejantes com aquela habilidade de Hiper. Seu cabelo ruivo contrasta com o uniforme Imperial engomado, ajustado no corpo. Mesmo com metade do rosto parcialmente escondido pela máscara branca, ainda vejo os olhos castanhos se

arregalando ao me ver. É então que seu olhar é tomado por uma mistura de alegria e alívio.

Ele endireita a postura e abre os braços.

— Princesa, que bom ver que você conseguiu voltar intei…

Meu antebraço encontra o peito acolchoado do uniforme, empurrando-o com força contra a parede. Minha voz é um rosnado baixo que nem eu sabia que era capaz de emitir, até este momento.

— Que *infernos*, Lenny?

— Opa — fala ele, baixinho, as mãos levantadas num gesto de inocência. — Olha, se isso é por ter perdido você em Dor, juro que eu estava preparado para virar aquela cidade pelo avesso para encontrar você, mas…

— Você sabe muitíssimo bem que não é disso que eu estou falando — digo, bufando.

Sem dúvida não é assim que uma futura rainha se comportaria, mas, felizmente para mim, duvido que minha reputação possa piorar.

Dou as costas para o guarda, me virando para a porta, e…

Lenny bloqueia meu caminho.

— Saia — digo irritada.

— Bom, alguém já está se acostumando a dar ordens — murmura ele, sem se mexer um centímetro sequer.

Solto o ar com força.

— Saia da minha frente, Lenny.

— Desculpe, princesa. — Ele balança a cabeça com simpatia. — Você sabe que não posso fazer isso.

Empurro-o de novo.

— Me deixe entrar.

— Paedyn, por favor. Respire fundo…

— Eu prometi — digo com a voz embargada, e minha visão de repente fica turva com as lágrimas contidas. — Eu prometi vingar Adena. — Outro empurrão, este mais fraco. — Então me deixe entrar neste maldito quarto, Lenny.

A simpatia cobre o rosto dele, envolvendo as feições como as sardas salpicadas na pele. Lenny sussurra:

— Tenho ordens estritas do rei para não deixar você vê-la. Sinto muito. Sinto muito mesmo.

De repente fico entorpecida, com cada pensamento abafado e me sentindo distante da realidade. Meus dedos soltam o uniforme dele, deslizam para longe de seu peito.

— Blair cravou um galho no peito de Adena durante a última Prova. — Minha voz soa distante, como se as palavras saíssem dos lábios de outra pessoa. — E eu vou matá-la por isso.

Lenny estende a mão para mim, hesitante. Segura meus ombros, me firmando.

— Entendo. Acredite, eu entendo. — Ele solta um suspiro pelo nariz. — Mas você não pode matá-la durante o meu turno de vigia. E Kitt sabe que você não iria me matar para chegar até ela. Pelo menos espero que não — acrescenta Lenny, cético.

Um som semelhante a uma risada de escárnio escapa por entre meus lábios. Claro que Kitt sabia que eu iria atrás de Blair depois do que ela fez com Adena. Do que ela fez *comigo*. Colocar Lenny como guarda é genial, realmente. Kitt sabe o quanto eu gosto dele. E usou isso contra mim.

— Você não pode protegê-la pra sempre.

— E quando eu não estiver nessa função — diz, devagar —, você pode fazer o que quiser com ela. Mas não recomendo fazer nada precipitado.

— Precipitado? — zombo, com o olhar em chamas. — Tudo o que me deu forças para continuar foi a ideia de matá-la. Não tem nada de precipitado na minha decisão, eu te garanto.

— Paedyn… — Ele balança a cabeça, e seu cabelo ruivo ondula com o movimento. — Isso foi antes de tudo. Antes de você ficar noiva do rei.

Estremeço ao som das palavras, sentindo o peso súbito do anel no dedo. Lenny passa a mão no rosto antes de se inclinar, murmurando:

— Você não pode mais simplesmente… sair por aí matando pessoas.

— Não posso mais? — Desta vez é ele que se encolhe diante da dor silenciosa na minha voz. — Eu nunca quis matar alguém. Só me defendi. Mas ela… — Aponto um dedo para a porta ao nosso lado. — Ela é a culpada pelo que eu me tornei.

— Eu sei — concorda Lenny, baixinho, passando o braço em volta de mim. — Eu sei, princesa. Sinto muito.

Aceito o abraço dele, apertando-o com força. Meu rosto está enterrado no uniforme, e meu nariz arde por causa do cheiro da goma.

— Estou com medo, Lenny — admito com a voz abafada.

— E tem todo o direito. Você sabe disso, não sabe? — Ele baixa a cabeça, pousando o queixo no meu cabelo. — Ninguém esperava por isso, mas estou aqui para ajudar como puder.

Levanto o rosto, subitamente preocupada.

— Por que você voltou? E sua mãe? E os Mistos? Finn e Leena?

— Todos estão bem. Mamãe precisava de ajuda, de qualquer modo, por isso Finn e Leena vão ficar com ela. Além disso, para eles é mais seguro ficar lá. — Desvencilhando seus braços compridos de mim, ele me dá aquele olhar maroto. — Eu voltei por sua causa, princesa. E ser jogado contra a parede não foi como imaginei o agradecimento, mas acho que a violência é uma das suas linguagens de amor.

Dou um sorriso sem graça, tocada pelo seu esforço para me encontrar.

— Achei que você não voltaria a Ilya.

— Quando você e o Executor foram capturados na base dos Mistos, nós nem sabíamos por onde começar a procurar. — Lenny começa a andar de um lado para o outro. — Então minha mãe, Leena e Finn, acredite se quiser, me convenceram que eu seria mais útil para você aqui no castelo do que vagando por Dor. — Seu olhar examina o corredor e cada Imperial que passa por ele. Em voz baixa, acrescenta: — Sabíamos que em algum momento você acabaria aqui, e eu não fui identificado como membro da Resistência, lembra? Nem cheguei à Arena porque estava nos túneis, guiando as pessoas. E com Calum nas graças do rei, ele garantiu que ninguém se importaria quando eu voltasse ao meu posto como Imperial. — Lenny ri e não deixo de perceber o brilho de triunfo nos seus olhos. — Assim, estou aqui para ajudar no que for possível. Você, Ilya e Calum.

Eu assinto. Sorrio. Tento recolher meus cacos o suficiente para aparentar estar bem.

— Que bom que você está aqui. Talvez eu precise de você para me forçar a ir até o altar.

O sorriso dele desaparece.

— Sei que é difícil. Mas estamos perto demais, Pae. Perto demais de finalmente alcançar a liberdade pela qual a Resistência lutou tanto para conseguir, mesmo que de um jeito tortuoso. E sei que o que você queria não era um casamento. Diabos, nem mesmo virar rainha. Mas… — Lenny engole em seco. — Você está viva, Paedyn. E eu não sabia se conseguiria chegar a tempo de ver você de novo.

Dou um sorriso triste e cheio de compreensão.

— Achei que nunca veria você de novo também.

Fico tão surpresa quanto ele quando uma risada escapa de mim. A expressão cada vez mais preocupada de Lenny só ajuda a instigar o som quando me esforço para dizer:

— Parece que eu não consigo morrer, não é? — Enxugo uma lágrima que escapa. — Do que foi que você me chamou mesmo?

Vejo o momento exato em que o reconhecimento ilumina o rosto dele.

— Barata. — Lenny ri. — Você é uma maldita barata, princesa.

CAPÍTULO 5

Kai

Ensaiei esse encontro, repeti as palavras de novo e de novo na mente.

Foi esta conversa que ocupou meus pensamentos acelerados e obrigou meus pés a percorrerem o caminho familiar até o gabinete dele, o mesmo que pertencera ao nosso pai antes de pertencer ao irmão que agora se parece com ele.

Ou talvez não. Talvez ele não seja nem um pouco igual ao homem que eu odiava.

Não sei bem o que pensar depois da declaração fatídica de Kitt na sala do trono. E é exatamente por isso que me pego diante dessa porta familiar: respostas.

Depois de três batidas com os nós dos dedos, viro a maçaneta e entro. O espaço pequeno está abafado, como o porão onde o Executor se reuniu com sua Paladina Prateada. Meu olhar percorre o gabinete, as quatro paredes que prendem uma parte tão grande do meu passado. As brasas aturam uma morte lenta no fundo da lareira, exibindo um brilho fraco com os últimos resquícios de calor. Três poltronas estão viradas para a lareira, uma delas de couro, gasta, tomando minha atenção por um pouco mais de tempo.

Pigarreio antes de ir em direção à enorme mesa no centro da sala. Kitt está de cabeça baixa, os olhos acompanhando o pergaminho que

segura entre os dedos. É só quando estou a poucos centímetros que ele ergue a cabeça.

— Olá, irmão.

Pisco ao ouvir o tom carinhoso na voz dele. Parece estranho demais vindo do homem que deixei para encontrar a assassina do nosso pai. Mas este não é aquele homem abalado, enlouquecido, sobre o qual o reino fofocava. É alguém totalmente diferente.

— Oi, Kitt — respondo devagar. — Você parece… bem.

Ele ri de leve, pondo os papéis de lado.

— Sem dúvida já me senti muito pior. Você sabe. — Sua expressão agora é familiar, como uma sugestão da risada que costumava me dar com tanta frequência. — Desculpe ter estado tão… distante antes de você partir. Mas eu vivi o luto. Estou mais leve, se é que isso faz algum sentido. — Com um balanço de cabeça, o cabelo louro ondula. — Aprendi muito nas últimas semanas.

Murmuro em concordância, baixinho, sem saber o que dizer. Depois de um instante de silêncio, me decido por:

— Que bom que você está se sentindo melhor.

— Mais parecido comigo mesmo — acrescenta Kitt, com um pequeno sorriso. — Ah, e isso… — Ele procura alguma coisa entre os pergaminhos. — Isso pertence a você.

Kitt coloca o que quer que seja no único pedacinho de madeira que aparece por baixo dos papéis. Olho meu anel de Executor e o grande brasão em relevo. Dois leões emolduram um *A* em formato de estandarte. O símbolo da nossa família e um sinal de força.

Eu gostaria que essa fosse a única coisa que eu visse ao encarar o objeto.

Mas não, vejo cada coisa horrenda que eu e todos os Executores antes de mim fizemos em nome desse brasão. Cada gota de sangue derramado para garantir o poder da nossa família. Cada ordem obedecida porque esse estandarte me fez refém a vida inteira.

Mas coloco o anel no dedo mesmo assim, sentindo a mordida do aço frio na pele. Flexiono a mão. Décadas de morte estão enroladas no aro que aperta minha pele, e não ouso me encolher.

— Então eu mereci recebê-lo de volta — murmuro, sem jamais afastar os olhos do anel.

Ele dá de ombros ligeiramente.

— Você a trouxe para mim, não trouxe?

— Trouxe.

E me arrependo mais do que tudo.

— Preciso admitir, Kai. — Kitt se recosta lentamente na poltrona, imitando outro movimento do nosso pai. — Eu não tinha certeza se ela voltaria pra cá.

É difícil ler nas entrelinhas quando elas estão turvas. Não tenho mais certeza se é meu irmão ou o rei que ele se tornou que fala.

— E você se preocupou que fosse por minha causa — digo num tom suave, verbalizando as palavras que Kitt evita.

Seu sorriso é tingido por uma espécie de tristeza divertida.

— Achei que você poderia deixá-la ir.

— Por que não me contou sobre seu plano?

A pergunta escapa da minha boca, muito mais áspera do que eu tinha planejado. Ele pisca, perplexo por um momento antes de retomar sua compostura recém-encontrada.

— Honestamente, eu mesmo não tinha certeza do que fazer com ela. Até que comecei a ouvir os conselhos de Calum. Encontrei os registros com a carta do papai.

— Então Calum disse pra você se casar com ela? — Minha voz sai baixa. Letal. — Melhor ainda, por que, pela Peste, você está dando ouvidos a Calum, para começo de conversa?

— Porque ele abriu meus olhos para muitas coisas — retruca Kitt. — De repente, fui jogado no trono, dominado pelo sofrimento e pela raiva. E quando Calum me contou a história dele, do que estava realmente acontecendo nas favelas, percebi como eu sabia pouco sobre o meu próprio reino. — A linguagem corporal de Kitt denuncia seu nervosismo, mas a voz continua firme. — Então eu ouvi. Aprendi. E pela primeira vez na vida cheguei às minhas próprias conclusões. Então, pode me chamar de louco, como o resto do reino, mas…

— Não acho que você esteja fora de si. — Minhas palavras em voz baixa interrompem as dele. — Acho que você está certo. Se Ilya corre perigo, você está fazendo o necessário para salvá-la. Diabos… — solto uma risada abafada — ... os Comuns deveriam voltar a fazer parte deste reino mesmo que não fosse necessário para a sobrevivência dele.

Porque eu também aprendi algumas coisas na minha viagem. Como as mentiras que contaram para nós e quem as espalhava.

Kitt abre a boca, mas eu continuo:

— Não estou aqui para discutir política nem o reino de Notáveis que papai construiu sobre décadas de mentiras. — Apoio as mãos na mesa, me inclinando sobre a madeira gasta. — Estou aqui para falar sobre ela.

Kitt se levanta devagar, quase nivelando nossos olhares.

— Vá com calma, irmão.

— Casamento, Kitt?! — Quase grito, balançando a cabeça. — Que diabos você está pensando?

— Estou pensando — diz ele, áspero — que não tenho outra opção.

— Você é o rei! — Desta vez eu realmente grito. — Você sempre terá outra opção. Sempre terá uma saída, diferentemente do restante de nós.

— Ótimo, quer outra opção? — O desafio ressoa na voz dele, esmagando qualquer sinal do rei contido que encontrei ao voltar para casa. — Minha saída é matá-la. Era isso que eu ia fazer. Que tal? Está feliz agora?

Ficamos nos encarando, a respiração pesada. O choque me deixa boquiaberto; o terror aperta meu peito. As palavras que saem de sua boca são quase tão paralisantes quanto as que permanecem não ditas, que pairam no ar entre nós. Porque pior do que a ideia de Paedyn morrer é ser eu a pessoa encarregada de matá-la.

— Se eu não me casar com ela — diz Kitt, ofegante, implorando que eu entenda —, não tenho outra escolha a não ser matá-la. Paedyn assassinou nosso pai. Mas, como minha noiva, pode ajudar a restaurar Ilya. — Ele aperta uma das mãos contra a mesa, apoiando-se nela a cada palavra. — Esse é um acordo mutuamente benéfico. Eu poderia protegê-la. Distorcer a verdade com relação ao que aconteceu entre papai e ela. E, em troca, Paedyn seria meu símbolo de paz para os outros reinos.

Passo a mão pelos cabelos. Não sei bem quando comecei a andar de um lado para o outro, mas agora meus pés estabelecem um ritmo rápido no tapete gasto. Então deixo uma risada escapar, amargo e incapaz de impedi-la.

— Por favor, me ajude a entender, porque quando eu fui embora você parecia bem furioso e pronto para mandar que eu enfiasse uma espada no peito dela. — Meu olhar frio procura o dele. — O que mudou?

— Tudo. — Kitt arfa, baixo a ponto de fazer com que eu me arrependa das palavras ásperas. — Tudo mudou. Eu era um filho de luto pelo homem que eu pensava amar. Agora vejo que na verdade era obsessão, porque o amor não foi uma emoção que papai me ensinou. Mas eu estava amargo, vingativo e inseguro sem nosso pai aqui para me orientar. — Ele respira, trêmulo. — Eu vivi o luto. Aprendi. Voltei a mim. E você está certo. Não sou o garoto enlouquecido que você deixou. Sou um rei.

Suas palavras me atingem com força, como um soco no peito que rouba o ar dos meus pulmões. Engulo em seco.

— O que aconteceu com o filho que faria qualquer coisa para agradar ao pai? Porque essa decisão vai contra tudo que ele desejava para Ilya, mesmo que seja na intenção de salvá-la.

Kitt respira fundo, evitando meu olhar.

— Papai só se importava em erradicar os Comuns, e não em fortalecer este reino. Ele se escondia atrás da sociedade de Notáveis que criou. No entanto, Ilya está mais fraca do que nunca. Agora vejo como a mente dele era limitada. — Kitt enfim encontra o meu olhar, com uma expressão séria. — E eu quero tornar este reino grandioso.

Assinto devagar. O zelo de Kitt reluz em cada palavra, não mais sufocado pelo nosso pai. Seu amor por Ilya e a decisão de restaurá-la são admiráveis. Mas o orgulho cresce no meu peito, não por este rei, mas pelo garoto que só sonhava com aprovação. Agora, ele usa a coroa do nosso pai e recusa a insensatez atrelada a ela.

Forço uma respiração calma em meus pulmões.

Pensar em nosso pai é perigoso. Os pensamentos tendem a me levar a *ela*.

Escapando do canto mais obscuro da mente, enuncio as palavras entrecortadas em pouco mais do que um sussurro:

— Você não a odeia?

Para minha surpresa, Kitt força um sorriso. É um gesto nítido, pequeno, que ele está disposto a compartilhar comigo.

— Você odeia?

Nós nos encaramos, e pela primeira vez desde que ele pôs a coroa na cabeça, compreendemos um ao outro. Porque, de repente, me vejo em Kitt de novo. Paedyn não é algo certo ou errado, não é algo simples como um "sim" ou um "não". Ela é a confusão em pessoa, um sentimento que não se encaixa, uma cor entre o preto e o branco. Infernos, é a minha Paladina Prateada. Odiá-la não é simples como pode parecer.

Mas, para mim, *não* amá-la é que se provou difícil.

— Não quero que isso fique entre nós — diz Kitt, cauteloso. — Quero que as coisas sejam como antigamente: nós dois contra o mundo. Irmãos de novo.

Abro a boca para lhe dizer…

A porta se abre.

Nem preciso me virar. A mera presença dela me é familiar, gravada a fogo no meu pescoço onde sua cabeça repousa, amarrada no meu tornozelo, me puxando eternamente em direção a ela.

Os olhos de Kitt espiam por cima do meu ombro antes de se arregalarem por um instante, em choque. Então eu me viro, incapaz de manter meus olhos longe de Paedyn.

E aqui está ela. Sua postura é séria e a expressão não demonstra qualquer surpresa. O cabelo cortado roça no queixo, embaraçado e ondulado. O diário do seu pai, encadernado em couro, está enfiado embaixo de um braço, apertado contra a blusa grudada no corpo. Os olhos azuis golpeiam os meus como uma onda, junto com a percepção súbita de que estive praticamente privado de me afogar neles desde que chegamos ao castelo. Só agora tenho esse privilégio. Vejo-a fazer o mesmo, ainda que sua expressão permaneça impassível.

Finja.

Paedyn faz isso muito melhor do que eu. Mas eu não esperaria nada menos por parte da "Psíquica" diante de mim. Ela passou a vida inteira treinando a arte do fingimento.

Ela afasta o olhar de mim e se volta para Kitt.

— Não precisa me atualizar. Por acaso eu… ouvi tudo.

Minhas sobrancelhas sobem com um misto de diversão e ceticismo.

— Então é seguro supor que você estava com o ouvido grudado na porta.

Pae me encara por um instante antes de lançar um sorriso capcioso na minha direção.

— Só até vocês dois começarem a gritar. A partir daí o corredor inteiro também estava escutando.

Com um suspiro pesado, Kitt se acomoda de novo na poltrona.

— Paedyn, eu tinha toda a intenção de falar com você sobre tudo isso…

— É mesmo? — A voz dela soa afiada, cortando as palavras de Kitt como uma faca. — Antes ou depois de nos casarmos?

Minha postura enrijece, o olhar descendo pelo braço dela até o anel brilhante que sufoca seu dedo. Ele foi trazido de modo muito casual para dentro desta sala, desta conversa. A visão de tal símbolo aqui, agora, talvez *para sempre*, faz meu peito doer.

Talvez eu esteja até com ciúme do anel. Com ciúme de como se agarra à pele dela, como sente cada tremor do seu corpo. Porque esse deveria ser eu.

— Antes, claro. — Kitt está falando de novo, com a voz calma. Ele evita encará-la. — Tenho certeza de que você tem muitas perguntas.

— Ah, claro que tenho. — As palavras são pouco mais do que uma risada. — A começar pela tarefa que você deu ao Lenny.

Eu me encosto na mesa, com as pernas esticadas no tapete e os tornozelos cruzados. Meu olhar encontra o de Kitt.

— E que tarefa seria essa?

Kitt abre a boca, mas é a voz de Pae que eu escuto.

— Ele recebeu a ordem de fazer a segurança da… — ela para no meio da frase, engolindo em seco — ... porta de Blair. E provavelmente de cada movimento que ela faça do outro lado.

A fúria borbulha nos olhos de Paedyn, e num instante entendo o que alimenta o fogo ardendo por baixo.

Adena.

Eu vi aquele galho rasgar cada músculo e cada tendão no peito da garota. Vi Paedyn desmoronar no fosso de areia, chorar junto ao corpo ensanguentado e gritar quando a amiga deu seu último suspiro.

Mas por trás daquela cena trágica estava a vencedora da última Prova. Blair fez o galho atravessar o peito de Adena com a força da mente e um sorriso no rosto.

Quando volto a encontrar o olhar de Paedyn, tudo que vejo é vingança. E tenho a sensação de que o sangue de Blair será o único que ela gostará de ter nas mãos.

— Preciso manter a paz — diz Kitt, cauteloso. — O pai dela é um general de confiança, e não posso admitir que minha futura rainha arrume briga dentro do castelo. Eu sabia que você iria atrás dela, e achei que colocar Lenny entre vocês duas seria a opção mais segura. — Ele passa a mão pelo cabelo, desgrenhando as mechas louras. — Preciso que você se comporte bem para esse… arranjo funcionar.

— E você quer que funcione? — pergunta Paedyn, com uma onda de calmaria súbita que recaiu sobre ela. — O nosso *arranjo*. A união entre os Comuns e os Notáveis.

— Para salvar Ilya, sim — esclarece Kitt. — Precisamos reabrir o comércio, e isso só será possível se os reinos vizinhos pararem de nos desprezar. Eu poderia dar mais detalhes sobre o nosso casamento, mas parece que você já ouviu meus argumentos do outro lado da porta.

O cabelo prateado balança quando ela confirma num aceno.

— Eu… consegui a maior parte das informações que estava procurando. A não ser a pergunta que você evitou. — Paedyn se adianta, jogando o diário diante de nós. Ela agarra a beirada da mesa com os dedos, quase roçando-os nos meus. — Você não me odeia? Depois de tudo o que eu fiz?

A respiração de Kitt é longa, trêmula. Meu olhar alterna entre os dois, nada além de uma testemunha desse impasse civil.

— Não se trata de odiar ou amar você. E sim do que é melhor. Não posso governar um reino em ruínas.

— Eu matei o seu pai — aponta ela, rispidamente. — E você me perdoa?

— Você ainda não pediu desculpas.

— Eu estava me protegendo dele — sussurra Paedyn. — Preciso que você saiba. Ele veio pra cima de mim e eu mal consegui sair viva da luta. — Sua voz treme, mas ela continua, de cabeça erguida. —

Lamento se matei seu pai, mas jamais vou pedir desculpas por matar um tirano.

O silêncio ensurdecedor recai sobre a sala, quase a esmagando

Observo o rosto de Kitt, buscando qualquer tipo de mudança, e sei que Pae está fazendo o mesmo com aquele seu jeito Psíquico de observar. Mas ele nem pisca, talvez nem respire. Quando volta a falar, as palavras soam ligeiramente embargadas.

— Você não precisa do meu perdão. Só precisa da minha proteção. E agora… — A voz de Kitt assume um tom ríspido, muito diferente do tom que usou comigo. — Eu lhe dei um propósito.

Os nós dos dedos de Paedyn ficam brancos apertando a borda da mesa. Ela pisca, o rosto paralisado de choque, dor e compreensão silenciosa. Mas Kitt tem todo o direito de permanecer hostil com a Comum que matou seu pai, por isso Paedyn apenas assente em resposta à seriedade dele. E não prossegue com o assunto do perdão, pelo menos por enquanto.

— E quanto a todo o resto? A doença que vocês diziam que os Comuns possuíam? — Ela pega o diário e folheia as páginas gastas até mostrar a escrita apressada. — Meu pai era Adam Gray, um Curador que morava na favela. E ele registrava *tudo*.

Cruzo os braços.

— As anotações no diário dele dizem que nosso pai estava subornando os Curadores, oferecendo o peso deles em prata se apoiassem a mentira de que os Comuns estavam minando nossos poderes aos poucos. — Deixo um suspiro profundo escapar. — E, por mais que me doa admitir, tudo o que está escrito nesse diário faz sentido. Não é de espantar que todos os Curadores vivam luxuosamente no reino mais elevado. Eles têm todas as riquezas e nenhuma vontade de ajudar as pessoas das favelas.

Quando volto a olhar para Pae, ela assente num gesto silencioso de gratidão antes de continuar:

— Todo Notável deste reino despreza os Comuns. Ser pago para espalhar mentiras sobre eles era apenas um bônus para os Curadores. E o rei — acrescenta ela, quase sem jeito — se aproveitava desse ódio. Ele tentou comprar o silêncio do meu pai mais de uma vez, mas ele era

um dos poucos Curadores que ficaram nas favelas, cientes das mentiras, porém incapaz de fazer qualquer coisa a respeito.

— Então ele deu início à Resistência. — conclui Kitt com um suspiro, ainda evitando os olhos de Paedyn. — Calum me contou todos os detalhes. Assim como a carta que meu pai deixou para mim. — Ele parece exausto quando seus dedos começam a massagear a ruga entre as sobrancelhas. — Sei das mentiras que os Curadores espalharam durante décadas.

Paedyn engole em seco.

— E vai contar isso ao reino?

Kitt balança a mão, sem dar importância.

— Vou. Mas vou transformar a verdade em algo mais atraente. Posso ter passado a desprezar meu pai nas últimas semanas, mas isso não significa que desejo manchar o nome da nossa família. — Então ele se inclina à frente, espiando o anel na mão de Pae, a joia que eu não consigo me obrigar a olhar. — Vou proteger o legado dos Azer. Mas… — As palavras seguintes saem relutantes. — Também vou proteger você, Paedyn. O reino ouvirá uma variação do que realmente aconteceu entre você e o rei do lado de fora daquela arena.

Há uma tensão na voz dele, uma amargura que não reconheço e que não parece direcionada a mim. Afasto o pensamento e balanço a cabeça na direção da mesa coberta de pergaminhos.

— E quanto aos registros e a Calum? Eles convenceram você a transformar Ilya?

Kitt se vira para mim e sua expressão se suaviza.

— Levou algum tempo. Eu tinha conversado várias vezes com Calum, tentando conseguir informações sobre o ataque. No entanto, o que ele mais tinha a dizer era a respeito do motivo para existir uma Resistência. Aprendi mais sobre as favelas e as privações que o reino, o meu reino, estava começando a sofrer. — Seu olhar vai até Paedyn. — Tudo o que ele dizia correspondia perfeitamente com o que eu vi no dia em que você me tirou do castelo. Agora sei que aquilo era pouco mais do que uma traição a favor da Resistência… — ele quase gargalha — … mas, ainda assim, ajudou a abrir meus olhos.

Kitt encolhe os ombros antes de continuar:

— Calum, sendo um Leitor de Mentes, sabia que eu estava começando a enxergar a verdade. Ele me aconselhou, sugeriu que eu me casasse com Paedyn para salvar Ilya. Eu não queria fazer isso. Pelo menos a princípio. — O rei olha para mim. — Mas visitei a rainha, a sua mãe, e ela me contou sobre a carta que papai deixou pra mim. Ela disse que era um plano para o futuro que Edric desejava para Ilya. Uma coisa que cada rei entrega ao próximo.

Kitt faz uma pausa para pigarrear.

— Só depois de ler a carta eu percebi o que precisava ser feito. Papai não se importava com Ilya. Ele odiava os Comuns. E os registros sobre os suprimentos de comida cada vez mais escassos e a questão da superpopulação provavam isso. Ele falhou em criar uma sociedade de Notáveis, e agora precisamos encarar as consequências.

Cada palavra ressoa com nojo e traição. E fico feliz com isso. Finalmente, depois de todos esses anos tentando agradar ao nosso pai, Kitt o enxerga como ele é. Como era. A expressão de Paedyn reflete a do rei, como se ele tivesse cuspido cada gota da repulsa no rosto dela.

— As esperanças dele para Ilya eram devastadoras. Simplórias. E ele queria que eu desse prosseguimento a elas. — Kitt balança a cabeça, lembrando-se de um tempo em que teria feito qualquer coisa pelo nosso pai. — Estava destruindo este reino por um motivo fútil. Ele ansiava a grandeza, mas tudo que alcançou foi a mediocridade.

Arqueio as sobrancelhas de repente, em um reflexo da onda de choque que me atravessa. Com certeza, este não é o irmão que eu deixei há apenas algumas semanas. Alguma coisa mudou, fruto de um sentimento tão simples e insignificante quanto a decepção.

— Então você não quer mais obedecer aos desejos do seu pai? — questiona Paedyn com ceticismo.

Ela faz a pergunta com plena consciência da reputação de Kitt. Toda a vida do meu irmão foi passada com o objetivo de agradar a um homem a quem ele agora desafiou com um único decreto. Meu olhar vai até o rei sentado diante de nós, prestando atenção às palavras que despencam de seus lábios sorridentes.

— Por que obedecer a outro homem quando posso ser um muito melhor? Um dia eu achei que os planos do meu pai para este reino valiam minha lealdade absoluta, mas agora vejo que não é mais o caso.

É difícil lutar contra o meu sorriso.

Finalmente Kitt se libertou do aperto sufocante do nosso pai.

— Você está fazendo isso somente para salvar Ilya.

Não é uma pergunta da Paladina Prateada, mas uma declaração decepcionada.

Kitt cruza os dedos em cima da mesa.

— Faço isso para nos tornar grandiosos.

— Você não se importa com um reino unificado? — retruca Paedyn.

— Essa não é a razão pela qual estou fazendo isso. — A voz do rei permanece firme diante do escrutínio de Pae. — Para algumas pessoas, esse é um resultado positivo, mas não me importo muito com a diminuição dos poderes dos Notáveis devido a um repovoamento dos Comuns. Os Triviais já representam metade dos nossos números. Mas cuidaremos disso mais tarde.

Prendo o fôlego enquanto Paedyn digere as palavras de Kitt por um momento. E, quando ela se inclina por cima da mesa, eu faço o mesmo.

— A minha vida inteira eu sonhei com uma Ilya livre e unida, então, se esse for o único jeito de tornar isso realidade, que seja. — Sua voz assume um tom hesitante. — Mas parece que tenho o resto da vida para mudar seu ponto de vista com relação aos Comuns.

Kitt baixa a cabeça.

— Tudo mudou. E agora eu também desejo a união de todos nós.

Meu coração bate forte no peito, bate por ela, bate por cada momento que talvez jamais passemos juntos. E quando as palavras finalmente saem dos lábios dela, é como se Paedyn tivesse cravado uma adaga nas minhas costas, como prometeu tanto tempo atrás.

— Então eu me caso com você, Kitt. Para salvar esse reino de si mesmo.

CAPÍTULO 6

Paedyn

— Lembre-se de manter as costas eretas. Ah, e tente parecer agradável.

Faço uma careta atrás da cortina, com total consciência de que Ellie não pode me ver do outro lado do tecido.

— Agradável?

Dá para ouvir o sorriso hesitante na voz dela.

— Você sabe, talvez sorrir um pouquinho. Não fazer cara feia para os membros da corte.

— Mas isso é muito mais agradável pra mim — digo, pensativa.

Porque essa é a verdade, em vários sentidos. Dói menos fazer uma carranca. Quando curvo os lábios para baixo numa careta, não há nenhuma pontada desconfortável acompanhando meus movimentos. Mas quando sorrio, isso logo me faz sentir dor, deixando pouca alegria na ação.

Percorro com os dedos a cicatriz serrilhada que desce pela lateral do pescoço, parando apenas quando chego à clavícula e à letra gravada embaixo. Como uma escrita em braile, a carne ferida conta uma história. Cada movimento da espada do rei está traçado na minha pele, entranhado no meu ser.

— Tudo bem aí atrás? — A voz de Ellie fica mais próxima. — Aqui, deixe-me ajudar…

— Não — ordeno, com uma voz rigorosa a ponto de chocar até a mim mesma.

A ordem é recebida por um silêncio longo, insuportável, do outro lado da cortina. Até que finalmente um tímido "Ah, tudo bem" alcança os meus ouvidos.

Respiro fundo, já arrependida da rispidez do meu comando, mas não deixarei que ela veja minha pele marcada, o *C* gravado acima do coração. Esse pedaço de mim só foi compartilhado com Kai. E pretendo mantê-lo assim.

Meus dedos tateiam a fileira de pequenos botões que cascateiam pelo centro do vestido. Resmungando sozinha, eu finalmente consigo prender o último deles. Só depois de garantir que o decote quadrado cubra totalmente a marca da minha fraqueza, eu me revelo para Ellie, que parece inquieta.

— Ah, é lindo. — Ela se coloca atrás de mim, hesitante. — Posso apertar esse cadarço pra você?

Engulo em seco, de novo com vergonha por ter sido ríspida com ela. Meu pedido de desculpas assume a forma de um sorriso um pouco afetado.

— Pode, claro.

Ela o ajeita rapidamente, roubando meu fôlego a cada puxão.

— Você acha que Adena gostaria desse vestido?

A pergunta de Ellie me paralisa por um momento, e o fato de ela ficar imóvel de repente me diz que essa não era a sua intenção. Mas, pela primeira vez desde a morte de Adena, o som do seu nome não se assemelha à sensação de uma faca se retorcendo nas minhas entranhas. Não, eu quero me lembrar dela assim. Quero vê-la na costura de um vestido ou nos raios do sol. Quero vê-la brilhar em cada segundo enquanto eu continuar absorvendo o ar que minha amiga não pode mais respirar.

Olho para o espelho ao lado, examinando o corte do vestido.

— Ela gostaria da cor — digo, baixinho. A respiração aliviada de Ellie faz cócegas na minha nuca. — Diria que o azul profundo valoriza os meus olhos. Mas a Peste sabe que Adena garantiria que a saia fosse… Argh, como é que ela diria? — Encaro o tecido amplo até meus

olhos começarem a ficar marejados com a lembrança repentina. — Voluptuosa. Essa é a palavra.

Ellie ri baixinho, ficando ao meu lado para examinar o vestido por inteiro.

— É, parece algo que ela diria.

Passo as palmas das mãos suadas no corpete justo, evitando meu próprio olhar no espelho.

— Vem — chama, baixinho. — Vamos fazer esses olhos azuis se destacarem ainda mais.

Ela me leva até a penteadeira, onde me sento na banqueta estofada. Logo meus cílios são delineados com carvão, o rosto é coberto de pó e os hematomas são escondidos. Ellie pinta meus lábios de um vermelho profundo, talvez para combinar com o sangue que cobrirá minhas mãos para sempre…

Minha respiração fica presa diante da comparação feita pela minha mente enevoada. Mantenho os olhos baixos depois desse pensamento inquietante, me escondendo do reflexo no espelho, porque tenho medo do que verei. Quem me olhará de volta será a garota destruída ou a rainha traidora que logo irei me tornar?

— Paedyn?

— Oi. — Meu olhar se volta para Ellie, e a encontro me encarando com uma expressão questionadora. — Desculpe, você disse alguma coisa?

Ela me oferece um sorriso reconfortante.

— Disse. Perguntei o que você queria que eu fizesse com o seu cabelo.

— Ah, é… Pode deixar como está. — Assinto, distraída. — Vai ajudar a cobrir a cicatriz.

Outro sorriso triste. Não é o primeiro que minha dama de companhia me dá.

— Certo. — Ela se afasta um passo e examina meu rosto. — Você parece…

Ellie deixa as palavras no ar, e isso me preocupa tremendamente.

— O quê? Se eu estiver ridícula, por favor, diga.

— Não. Não, de jeito nenhum. — Seu olhar se demora, me examinando inteira. — Você parece… impiedosa, de certa forma.

Essas palavras não me surpreendem, mas as seguintes, sim.

— Na verdade, você parece uma rainha.



Giro o anel do meu pai embaixo da mesa enorme, nem que seja apenas para me distrair do outro, estranho, que envolve um dedo próximo.

Ajeito o corpo na cadeira acolchoada, olho de relance por toda a extensão do tampo de madeira da mesa e descubro que praticamente todos os olhares estão fixos em mim. Levanto o queixo de leve antes de forçar uma fachada fria como única defesa contra tantos observadores curiosos.

A mesa colossal ocupa o centro da sala do trono, e, apesar do tamanho impressionante, a corte está totalmente espremida ao redor. Ergo o olhar da vastidão de madeira escura até pousar no…

Conforto. Alívio. Ele.

Olhos acinzentados espiam os meus, suaves daquele jeito que só são quando olham para mim. O laço entre nós se retesa, pesado com tantas palavras não ditas. Mas até mesmo as amarras mais fortes se desgastam com o tempo. Será nossa morte lenta, passar cada dia lado a lado, mas nunca realmente juntos.

Kai desvia o olhar do meu quando a enorme porta dupla se abre.

Cada corpo espremido ao longo da mesa fica de pé quando o rei entra no salão. Tendo passado a vida inteira aprendendo a me misturar, me levanto rapidamente junto deles. Ao erguer os olhos na direção de Kitt, é para o irmão dele que me volto — uma repetição do passado do qual parece que não consigo escapar. Sua túnica é justa no corpo, preta como as ondas de ébano que caem na testa. Como se sentisse meu olhar, Kai coloca os braços fortes às costas e pisca rapidamente na minha direção.

Baixo a cabeça, escondendo o curvar dos meus lábios. Então coloco nosso momento naquela parte silenciosa da mente, ao lado dos que já estão ali. Para o caso de jamais termos a chance de compartilhar outro.

Kitt vai até a cabeceira da mesa comprida, onde Kai flanqueia sua direita e eu, sua esquerda. Só depois de o rei sentar-se na cadeira extravagante a corte o acompanha, tomando cada um o próprio lugar numa espécie de torpor.

— Boa tarde — diz Kitt calorosamente. — Primeiro, gostaria de agradecê-los por se juntarem a mim nesta reunião. Sei que há muito a discutir e muito mais ainda a responder.

A sensação régia que ele exala ainda é chocante, de um jeito meio triste. Sinto falta do rapaz despreocupado que Kitt era antes de uma coroa ser posta na sua cabeça. Antes que eu o forçasse a se tornar essa pessoa.

Mas sua própria vida levou a este momento, ao domínio de um reino. Combina com ele mais do que eu poderia ter imaginado. Ou talvez seja minha esperança renascida por Ilya que de repente me faz olhá-lo com respeito, e não repulsa.

Tudo mudou naquele gabinete, a história foi reescrita e lealdades mudaram. Kitt parece tão pouco entusiasmado com nosso noivado quanto eu, e me pergunto, cautelosa, quais serão seus sentimentos por mim. Até que ponto o rei me despreza por ter matado o pai de quem um dia ele tanto gostou? Nosso casamento não passará de uma união política, mas se tivermos de passar o resto da vida juntos, espero refazer um pouco da amizade que já tivemos. Isto é, se Kitt ao menos desejar isso.

— Para começar, primeiro vou falar dos equívocos terríveis que todos nós acreditávamos serem verdade. — Kit percorre a mesa com o olhar. — Então espero que os argumentos por trás da minha decisão fiquem claros.

Respiro fundo, endireitando a postura como Ellie sugeriu, mas não mudo minhas feições para algo que pareça agradável. Em vez disso, permaneço séria, fingindo ser forte diante de um reino tão ansioso para me destruir.

— Há décadas, os Curadores disseram ter encontrado uma doença indetectável escondida no sangue dos Comuns. — A voz de Kitt viaja longe, tão parecida com a do antigo rei que quase estremeço. — Com a exposição prolongada, essa doença supostamente enfraqueceria os

poderes dos Notáveis. E desde que me tornei o rei de vocês, descobri que essa história é uma mentira.

O caos irrompe ao redor da mesa. Fico sentada em silêncio, o coração batendo forte enquanto as palavras libertadoras de Kitt pairam no ar. Jamais pensei que ouviria a verdade saindo dos lábios de um rei.

Eu me inclino um pouco, examinando seu rosto, mas ele não me encara de volta e não olha na minha direção ao dizer:

— Vendo que Ilya era um reino tão fraco antes da Peste, o rei Edric fez o que acreditava ser o melhor: baniu os Comuns. Fez isso para preservar a força dos Notáveis, oferecendo como desculpa uma história que os Curadores apoiaram de boa vontade. Vocês, o povo, precisaram de pouco convencimento para livrar nosso reino daqueles que não tinham nenhum poder.

Olhares confusos percorrem a mesa, seguidos por acusações em voz baixa. A voz do rei atravessa tudo isso.

— Meu pai fortaleceu enormemente nosso reino no passado, e por isso devemos ser gratos. Mas agora, inadvertidamente, ele nos enfraqueceu cortando os nossos recursos, deixando por minha conta fazer o necessário para nos salvar. — Kitt faz uma longa pausa para que as palavras sejam absorvidas. — Assim, nós receberemos os Comuns de volta em Ilya.

Meus lábios se curvam num sorriso.

Depois de décadas de mentiras, nós, Comuns, merecemos uma revelação muito maior, uma proclamação a todo o reino. Mas este é o melhor pedido de desculpas que um rei Notável fará. Então, eu me deleito com isso.

As palavras disparam uma erupção que reverbera ao redor da mesa. Homens e mulheres de todas as idades se levantam, gritando incoerentes enquanto o mundo que dominavam se abala sob seus pés. Kitt levanta a mão numa tentativa fraca de recuperar o controle, mas o caos continua em seu caminho destrutivo, obrigando-me a desviar de um cotovelo que voa à minha direita.

— Se desejam perder a língua, tudo bem, continuem falando por cima do seu rei.

A ameaça casual de Kai atravessa o salão, calando até mesmo aqueles mais ansiosos para falar. Com um último olhar para a corte, o

Executor faz um gesto despreocupado para o rei, instigando-o a continuar.

Os olhos verdes de Kitt se enchem de gratidão. Ele olha para Kai como fazia antigamente, como um irmão, mas o momento passa depressa demais. Sem aviso, volta a se transformar de repente na figura de um rei se dirigindo à corte.

— Sei que isso é difícil. Fiquei chocado ao descobrir a mentira do meu pai, ainda que ela tivesse beneficiado a todos nós. Ele era um homem severo que mataria alegremente para manter seu poder, como a maioria dos reis. E depois de falar com Calum, percebi que a Resistência era apenas uma voz a favor dos Comuns inofensivos. — Kitt deixa as palavras se assentarem antes de continuar: — Bani-los, como meu pai fez, fortaleceu nossa cidade uma vez. Permitir que eles voltem agora fará o mesmo.

Um zumbido toma conta de meus ouvidos enquanto solto uma respiração entrecortada. Nunca pensei que esse dia chegaria, jamais imaginei que viveria num mundo em que eu não precisasse mais esconder o que eu não era. Talvez Kitt só esteja permitindo a volta dos Comuns a Ilya para aplacar os reinos ao redor, mas, pelo menos, é um começo.

Um homem se levanta do outro lado da mesa e vejo o broche com o brasão de Ilya indicando que ele é o porta-voz da corte. Seus cabelos verde-menta atraem minha atenção, seguidos pelas palavras que pronuncia com calma.

— Mesmo que não haja uma doença, eles reduzirão nosso poder se nos reproduzirmos com eles.

Eles.

Eu não tinha percebido que meus punhos estavam fechados embaixo da mesa até minhas unhas ameaçarem sangrar.

— Com o tempo, talvez — dizia Kitt. — Pelo que sabemos, pode haver benefícios em misturar o sangue de Notáveis e Comuns. Mas vocês descobrirão que os Comuns dispostos a procriar com algum Notável são poucos e difíceis de encontrar.

Perguntas eclodem pela sala, ecoando nas muitas colunas de mármore.

— E ela? — Minha cabeça se vira rapidamente na direção da acusação gritada e encontra um homem barbudo apontando o dedo grosso para o meu rosto. — E os seus herdeiros? Você manchará sua linhagem real com o sangue de uma Comum?

Meu estômago se revira, e meus pulmões subitamente ficam apertados demais embaixo do tecido do vestido justo. Kai se levanta com rapidez e quase derruba a cadeira para trás. Também me levanto, me preparando para ficar entre meu Executor e o homem que testa a paciência dele.

— Chega! — Quem diz isso é o rei, cortando o ímpeto de Kai com a palavra grave. — Não permitirei que meu julgamento seja questionado, nem minha linhagem. Se o herdeiro do meu trono possuir menos poder, que seja. É um preço pequeno a pagar por um reino próspero.

Suas palavras deveriam me amedrontar ainda mais, porém eu sempre soube do amor de Kitt por Ilya. Essa é a única razão pela qual ele está disposto a sacrificar o poder. Não pelos Comuns. Não por mim.

Uma mulher com sapatos de salto alto e um vestido impecável se levanta. É a imagem perfeita do privilégio de uma Notável Ofensiva.

— Nada disso muda o fato de que ela é uma criminosa. A assassina de um rei!

Não consigo deixar de me encolher diante do tumulto que acompanha as palavras dela. Mãos se levantam em objeção e as vozes fazem o mesmo. Meu olhar se volta para Kitt, na expectativa das palavras que ele irá pronunciar. É a minha vida — ou melhor, minha morte iminente — que o rei segura na palma da mão.

Uma percepção aterrorizante me atravessa, esquentando minhas bochechas com o sangue que Kitt provavelmente quer derramar. Ele deve estar ansioso para ceder a esses gritos por justiça. Depois de tudo o que eu fiz, o rei ia me matar. Isto é, até que me tornei útil.

A voz de Kitt soa calma, e seus olhos habilmente evitam os meus.

— Paedyn estava se defendendo. — É uma explicação simples, desafiadora, à qual ninguém ousará se opor. — Meu pai sofreu um golpe forte na cabeça durante o caos, antes de se deparar com ela. Devido aos ferimentos, estava confuso e completamente fora de si. No

torpor, acabou por atacá-la, obrigando a srta. Gray a se defender. Dito isso, não quero ouvir mais nada a respeito do assunto.

A cicatriz acima do meu coração arde, como se quisesse me lembrar do que realmente aconteceu naquele dia.

… vou deixar uma marca em cima do seu coração, para você não esquecer de quem o partiu.

Meu olhar baixa até os punhos fechados no colo. Eles tremem ligeiramente, ondulando o tecido azul. Consigo sentir os relevos do cabo da espada, lembro exatamente a quantidade de pressão usada para cravar a lâmina no peito de Edric Azer. Sinto o movimento rápido de uma adaga, a liberação de uma corda de arco, o mergulho de uma espada...

Cada morte que provoquei vive nas linhas dessas mãos e tenho medo de quem estará sob o próximo toque desses calos.

— Panfletos serão distribuídos por toda a cidade. — Pisco os olhos voltando ao presente, com as palavras de Kitt enchendo os ouvidos abafados. — Eles anunciarão nosso noivado a todo o reino de Ilya. Mais importante, porém, irão anunciá-lo às cidades vizinhas. Mandarei mensageiros a Dor e a Tando enquanto procuro um modo de dar a notícia a Izram. Nos pergaminhos estará escrito o que falamos hoje, cada argumento e cada explicação. Daqui a dois dias faremos um desfile para comemorar. E qualquer Comum que reste no reino, ou qualquer um que esteja fora dele, será bem-vindo.

Os indivíduos ao redor da mesa abrem a boca para falar ao mesmo tempo, mas o rei se pronuncia antes que qualquer som escape.

— É só isso. Obrigado pelo tempo de vocês.

Quase consigo ouvir maxilares se fechando com a dispensa. Em seguida, Kitt se levanta e, depois de um momento de hesitação, estende a mão para mim. Meu olhar vai até Kai, enquanto estendo a mão lentamente para o irmão dele. Mas o Executor não me encara. Não. Os olhos de Kai estão na mão que eu coloquei sobre a do rei, ficando mais sombrios a cada segundo que nossa pele se toca.

E enquanto saímos do salão, de mãos dadas, desejo que Kai encontre meu olhar e entenda a mensagem nele.

Finja.

CAPÍTULO 7

Paedyn

Ela dorme profundamente à minha direita, como sempre.

Ombro a ombro, tecido junto ao rosto, olhos voltados para as estrelas.

O tapete é áspero sob minhas costas, com pilhas de retalhos que fazem cócegas na minha pele. A noite é um conforto, passando os dedos frios nos meus cabelos, me acomodando sob um cobertor de estrelas. Elas brilham lá em cima, piscando preguiçosas para o par familiar que nós somos.

É a nossa casa, por menos convencional que seja e por mais que suas moradoras estejam destroçadas.

O pensamento sombrio me assusta e faz com que eu me sente.

Porque sou a única coisa sombria que ocupa este forte.

Adena está inteira, luminosa e inacreditavelmente imaculada. Eu me viro para ela, os olhos pesados com a névoa do sono. Levanto a mão devagar, empurro para o lado a franja desigual encaracolada na testa. Quando meus dedos encontram sua pele, puxo-os de volta depressa, ao sentir a pele gelada.

Está fria como a própria morte.

Não, não pode ser.

Adena é a pessoa mais viva que eu conheço. Jamais pareceria menos do que isso.

Hesitante, estendo a mão para ela de novo. Meus dedos acompanham a curva das maçãs frias de seu rosto, embaixo do crescente de cílios escuros se abrindo em leque sobre a pele. A lua lança um brilho pálido sobre a pele uma vez reluzente. Não, não é a lua — é a sombra da morte.

Com os olhos arregalados, me inclino sobre ela.

Minha mente fica turva, focada apenas na figura familiar que, no momento, não se parece nada com a garota que eu conheço. Minha palma encontra seu rosto, dando um tapinha na pele gélida.

Nada.

Chacoalho seus ombros imóveis.

Uma súplica sussurrada tropeça na minha língua.

— Adena, acorda. Eu preciso de você.

Então grito, ordenando que sua figura tomada pela morte volte à vida. Posso até mesmo ter berrado.

— Adena, por favor!

Uma pancada surda ressoa meus ouvidos, parecendo ao mesmo tempo próxima e distante.

Minha cabeça gira, procurando o som que se repete, agourento. Examino o beco escuro, forçando a vista para as sombras móveis.

Outra pancada, esta mais alta do que a anterior. O som é nítido, distinto o suficiente para me fazer girar a cabeça em todas as direções enquanto procuro a fonte. E quando finalmente vislumbro a imagem medonha que o acompanha…

Deixo um arfar estrangulado escapar, rasgando o silêncio trêmulo.

Há um galho ensanguentado atravessando o peito de Adena.

Engulo um grito, os pulmões apertados demais. O sangue brota por baixo da blusa cor de lavanda, manchando sua cor predileta com a vida que se esvai.

Fico olhando, horrorizada, enquanto o galho sobe, como se fosse guiado por uma mão invisível, e começa um mergulho nauseante de volta para o peito dela. Afunda a ponto de bater no tapete duro, e o resultado é esse som horrível.

Grito de novo. Grito a cada vez que o galho sobe e desce, de novo e de novo.

Agarro-o, lutando contra cada golpe nauseante. A casca áspera corta a palma da minha mão, fazendo sangue brotar da pele rasgada. Puxo o galho, mas ele continua afundando, persistente, no peito dela.

Minhas mãos tremem, lágrimas jorram.

Pou. Pou. Pou.

O galho a atravessa, só parando quando encontra o tapete. Mesmo assim, não para diante dos meus gritos ou dos gemidos que imploram.

Ela morreu. Ela morreu. Ela…

Meus olhos se abrem e dão de encontro com uma sombra.

A figura se inclina sobre mim e não hesito antes de enfiar a mão embaixo de um travesseiro para encontrar a faca que roubei da bandeja do jantar. Não é a arma que eu escolheria, mas deve ser afiada o suficiente para dar um fim doloroso a quem…

— Pae.

A voz dele acalma o oceano de pânico que começa a crescer no meu peito. Sua mão cheia de calos segura o pulso que eu levantei contra a garganta dele, interrompendo o arco veloz da faca.

— Calma. — Kai fala baixinho, o corpo tenso curvado sobre o meu.

Com os olhos se acostumando à luz fraca, consigo apenas vislumbrar sua silhueta turva à beira da cama. Estou quase caindo dela, a pele pegajosa e o peito ofegante. Ele se aproxima, uma das mãos envolvendo meu pulso erguido enquanto a outra se apoia ao lado da minha cabeça, afundando no travesseiro macio.

— Foi só um pesadelo — sussurra, abaixando lentamente nossas mãos unidas até que a faca caia no colchão. — Você está bem. Eu estou aqui.

Pesadelo é um eufemismo. Aquilo… aquilo era tortura.

Pisco na direção do rosto que não consigo enxergar, mas que imagino o tempo todo.

— Como… como você entrou aqui?

Seus dedos roçam minha testa, afastando as mechas molhadas pelo suor.

— Ouvi você gritar. E nada… *nada* me aterrorizou tanto. — Ouço-o engolir em seco. Sinto seu polegar alisando meu rosto. — E você não parava. Só continuava gritando. Então… — Uma pausa. — Nós dois

sabemos que seria necessário mais do que uma porta trancada para me manter longe de você.

Meu olhar passa por cima da sombra que é o ombro dele, e encontra um buraco enorme onde antes ficava a minha porta. Agora, ela decora o chão, depois de ter sido derrubada à força.

As pancadas no meu sonho. Eram reais — era isso.

Ele tinha derrubado a maldita porta a chutes.

— Será que não posso ter privacidade por aqui? — brinco, a voz ainda trêmula com os resquícios do pesadelo.

— Privacidade? — Sua risada sobe pela minha coluna, acordando meus sentidos sonolentos. — Querida, eu estaria nessa cama, ao seu lado, se o meu irmão não tivesse posto um anel no seu dedo.

A boca de Kai paira perigosamente perto da minha. Sobretudo ao considerar a distração que estou procurando — e sem dúvida cada centímetro dele serviria para isso. Desejo-o com desespero, de um jeito imprudente. E esses sentimentos escorrem dos meus lábios na forma de uma única frase traidora.

— Então tire o anel.

Sinto-o balançar a cabeça acima de mim, roçando o nariz no meu. Ele geme baixinho, de um modo que revela que está se segurando para não obedecer à minha ordem. Os dedos ásperos que neste momento não estão segurando meu queixo encontram o caminho até o anel.

— Eu poderia — murmura ele. — Facilmente. — Seu polegar desliza sob os nós do meu dedo. — O problema não seria tirar o anel, mas me fazer colocá-lo de volta.

Fecho os olhos, como se pudesse me esconder daquelas palavras. Da lembrança do meu destino. Sou a noiva do rei, mas meu coração bate pelo irmão dele.

— Eu sei — sussurro, incapaz de dizer qualquer outra coisa.

Vários instantes longos e silenciosos se passam. Seu polegar faz círculos preguiçosos sobre minha mão — um conforto delicado, mas sinto que poderia desmoronar sob essa sensação. Então seu toque muda para uma carícia ao colocar uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Sinto seu murmúrio seguinte na pele, ouço o risinho escondido em cada sílaba.

— Uma faca de manteiga? Sério?

— É tudo o que eu tenho nesse momento — resmungo.

— Bom, isso não vai servir. — Ele dá um peteleco de leve no meu nariz. — E se alguém tivesse invadido o seu quarto?

Não consigo evitar a risada que me escapa.

— Parece que alguém já fez isso, mas não se preocupe, príncipe. — Brinco com uma mecha de cabelos pretos caindo na testa de Kai. — Consigo causar um bocado de danos com um sapato.

— Ah, sei bem disso. — Suas palavras são um sussurro de encontro aos meus lábios. — Você é avassaladora, Pae.

E então ele me pega no colo.

Solto um gritinho, surpresa, quando sou tirada do colchão. Os cobertores escorregam da minha pele, deslizando da roupa de seda que Ellie tinha separado para mim. Uma das mãos fortes segura a parte de trás dos meus joelhos enquanto a outra envolve meus ombros nus. O calor do corpo dele atravessa a calça de tecido fino e a blusa enquanto envolvo seu pescoço com um braço, para me firmar.

— O que… — Kai se vira, me fazendo dar uma pausa na acusação enquanto ele passa despreocupadamente por cima da porta caída. — O que você está fazendo?

— Roubando você — responde, casualmente.

Abro a boca para protestar, mas seus sussurros junto ao meu ouvido me silenciam.

— Esta noite nós fingiremos.



Galhos se arrastam até o chão, nos envolvendo num abraço de folhas.

A mão de Kai está firme em volta da minha enquanto me guia para baixo do salgueiro. O luar atravessa os galhos finos, salpicando o chão com lascas de luz prateada. No centro de tudo está um tronco imponente, as raízes se agarrando à terra e ondulando a grama macia.

Minha mão se solta da de Kai quando, de repente, ele se deixa cair no chão, esparramando-se com um suspiro. O príncipe não explica

nada antes de se sentar e plantar as mãos firmes nos meus quadris. Sou puxada para a grama antes que tenha chance de protestar.

Enroscada nos braços de Kai, tombo o corpo em cima dele, de um jeito pouco gracioso. Ele me segura enquanto caio, desajeitada, me apertando com mais força mesmo depois de eu arrancar o ar dos seus pulmões. Solto uma risada, os ombros se sacudindo onde me deito completamente torta sobre seu peito. Ao ouvir esse som raro, seus dedos calejados se apertam em cima do tecido fino da minha blusa, prendendo-se na seda.

Minha cabeça se encosta na dele e eu digo:

— Isto definitivamente não é permitido. — Kai murmura um questionamento e o som vibra de encontro às minhas costas. — Nós aqui. Sozinhos. No meio da noite.

— Poderia ser pior — sussurra ele. — Poderíamos ter ficado nos aposentos da rainha. Sozinhos no meio da noite.

Minhas bochechas ficam vermelhas.

— Pensando bem, prefiro o ar fresco da noite.

Kai solta uma risadinha junto ao meu ouvido, me obrigando a suprimir um tremor. Meus dedos encontram uma das mãos que ele pousou sobre minha barriga, sentindo a pele áspera cheia de cicatrizes. É só quando passo os dedos sobre os dele que enfim me acalmo em seus braços.

— Foi por isso que você me ouviu gritar. — Viro o rosto para o dele, falando baixo. — Você estava acordado, treinando.

A pele de Kai está com cascas de feridas, os nós dos dedos endurecidos com resquícios de sangue. O sorriso triste transparece em sua voz quando fala:

— Você não deixa passar nada, Pequena Psíquica. Eu estava indo para o meu quarto depois de passar a maior parte da noite no pátio de treinamento. Não consegui dormir — acrescenta ele, como se precisasse explicar. — Foi quando escutei você.

Assinto devagar, juntando coragem.

— Eu estava sonhando com ela.

Sinto-o prender a respiração embaixo de mim. Kai sabe exatamente de quem estou falando.

— Imagino que não tenha sido um sonho agradável.

— Não. — Quase rio. — Começou bem, o que, de algum modo, tornou a coisa muito pior.

— Sinto muito por você ser obrigada a reviver esse momento sempre que fecha os olhos — diz ele, a voz rouca.

— Nem sempre. — Eu me viro, saindo de cima dele, e me sento ao seu lado. — Não quando estou com você.

Kai se apoia num cotovelo, puxando minha blusa até que eu fique inclinada na direção dele.

— Então nunca vou sair do seu lado.

Encaro-o.

— Não faça promessas que não pode cumprir.

— Não me importo com promessas, me importo com você.

Suas palavras nunca deixam de fazer meu estômago dar cambalhotas, meu coração palpitar e as palavras fugirem dos meus lábios. Assim, dou um peteleco no seu nariz e digo:

— Você é um tremendo poeta, príncipe.

O luar ilumina a covinha que acompanha seu sorriso.

— E você é uma tremenda musa, querida.

Meus joelhos envoltos em seda afundam na grama beijada pelo orvalho, ficando mais úmidos a cada segundo.

— É assim que vai ser nossa vida? — sussurro, de repente, evitando seu olhar. — Sempre fingindo, escapando da realidade para roubar alguns instantes juntos?

— Sabe — sussurra —, eu visualizava um para sempre diferente pra nós. Um para sempre longe daqui. Mas se isso for tudo o que tivermos… — Ele faz uma pausa, os olhos tão prateados quanto o luar que se derrama sobre nós. — Vamos aproveitar ao máximo. Eu serei seu Executor. Seu rival. Seu segredo esperando sob o salgueiro.

A menção à árvore que nos encasula faz meu olhar descer até a grande base do salgueiro e a grama.

A irmã dele está enterrada sob este lote de terra, o corpo aconchegado pelas raízes entrelaçadas.

Minha voz sai estranhamente baixa.

— Tudo bem, eu estar aqui? Sob o salgueiro dela?

— Tenho certeza de que Ava não iria se incomodar com a companhia. — O sorriso de Kai é luminoso na escuridão, inesperado

em meio a esse momento. — Além disso, não é a sua primeira vez aqui. Eu quase despi você embaixo desses galhos durante o segundo baile.

A lembrança do pânico que me dominou naquela noite volta com tudo, junto da sensação inesquecível dos dedos dele desatando as fitas do meu vestido.

— Ah, sim, eu me lembro.

— Com carinho, espero.

Rio baixinho antes de chegar mais perto.

— Também me lembro do nosso jogo embaixo desta árvore. E de como eu ganhei de você — digo, e ele balança a cabeça. — *Disso* eu me lembro com carinho.

— Primeiro — começa, calmamente —, o jogo era uma guerra de polegares. Segundo, você está falando besteira, Paladina Prateada.

Fico de boca aberta, pasma com a acusação, mas o que escapa é um riso ofegante quando Kai se senta de repente e me puxa pela cintura. Em um batimento trovejante do meu coração, ele me coloca em seu colo. Envolve minhas pernas ao redor de si, me deixando totalmente empoleirada em cima das dele, cruzadas.

— Ótimo. — Sorrio. — Revanche.

— Ah, minha bela Pae. — As palavras de Kai são um murmúrio contra os meus lábios. — Pela primeira vez, eu é que serei sua ruína.

E neste momento eu imploraria que Kai fosse exatamente isso. Daria qualquer coisa para passar o resto da vida embaixo deste salgueiro e nos braços dele.

Assim, memorizo cada sombra do seu rosto, cada tom desta fantasia vívida diante de mim.

Kai beija meu polegar antes que a guerra comece.

CAPÍTULO 8

Kai

Os joelhos deles estão se tocando.

O coche balança de novo, apenas fazendo com que os dois se aproximem ainda mais. Estou sentado diante do casal real, os joelhos balançando e a cabeça apoiada no encosto alto do meu assento. Este coche em particular tem uma abertura no teto, como se a metade superior tivesse sido cortada. Várias carruagens enfeitadas seguem atrás e à nossa frente, todas decoradas com bandeiras verdes com o brasão sinuoso de Ilya.

Uma brisa suave agita o cabelo caído na minha testa, me obrigando a penteá-lo com os dedos o tempo todo. O sol se derrama sobre nós, interferindo no arranjo desconfortável e silencioso. Encosto um cotovelo na porta baixa e levanto a mão para proteger os olhos.

E ela é a primeira coisa em que meu olhar pousa.

Os raios dourados do sol se entrelaçam no cabelo prateado, descendo pelos fios curtos até ofuscarem a minha visão completamente. O corpo dela está envolto em esmeralda, o tecido grudado aos quadris, envolvendo as pernas…

E o joelho que continua tocando o dele.

Desvio o olhar, tamborilando os dedos que desejam tocá-la.

— O dia está lindo — diz Paedyn, parecendo desconfortável. — Perfeito para o desfile.

— Sim, não poderíamos ter pedido um tempo melhor. — Kitt concorda, com ar distante. — Não acha, irmão?

Seu tom muda drasticamente quando é dirigido a mim, agora leve e animado. Meus olhos se voltam para os dele, encontrando um brilho travesso familiar.

— Ah, sim, eu adoro cozinhar embaixo do sol.

Kitt abre um sorriso antes de murmurar em uma voz monótona para Paedyn:

— Kai nunca foi muito fã de calor, sabe. Quando nós éramos pequenos…

— Certo, já chega — interrompo, apesar do sorriso que começa a surgir nos meus lábios.

— Não — diz Paedyn de um jeito maroto. — Não, eu adoraria ouvir essa história. Anda.

— Quando nós éramos pequenos — continua Kitt, sorrindo na minha direção —, Kai mal conseguia ficar ao ar livre por mais de uma hora. Se passasse disso, ele segurava a cabeça, convencido de que o cabelo iria derreter.

A risada de Paedyn me obriga a levantar a voz.

— Você sabe como meu cabelo fica? É como…

— Grama seca — completa Kitt, dirigindo as palavras seguintes para Pae. — É, essa era a outra coisa que ele sempre dizia.

Eu me inclino para trás, balançando a cabeça para ele, incrédulo.

— Pela Peste, não existem mais segredos entre irmãos?

No momento, o rei se parece com o garoto com quem eu cresci.

— Ah, com certeza existem.

Volto o olhar para o sorriso de Paedyn, e de repente tudo parece valer a pena.

— Isso foi muito esclarecedor. E divertido. — O sorriso dela se alarga, malicioso. — Por favor, continue.

Kitt abre a boca, mas são as minhas palavras que preenchem o ar entre nós.

— O Kitty aqui uma vez enfiou um dado de brinquedo tão fundo no nariz que o médico real quase desistiu de tentar tirar.

A mão de Paedyn cobre a boca aos risos. Agora é a vez de Kitt balançar a cabeça para mim.

— Parece que está esquecendo que foi você que me desafiou a fazer isso.

Pae ri, semicerrando os olhos sob a luz do sol enquanto o coche continua a chacoalhar sobre as pedras do calçamento. Ela aponta um dedo acusador para ele.

— Não foi *você* que desafiou Kai a subir no salgueiro do jardim? E ele caiu, quebrando o braço?

Ela se vira para mim com um sorriso enquanto espera a resposta de Kitt. Só que o rei permanece em silêncio.

Então a expressão de Kitt fica séria, transformando-se em algo um pouco mais afiado do que o sorriso de antes.

— Eu não sabia que ele tinha contado isso a você.

— Ele contou — diz Paedyn lentamente, insegura. — Por alto.

— Humm. — Kitt se vira, olhando a paisagem passando ao lado. — Isso foi antes ou depois da última Prova?

Fico tenso. Não porque o tom é ameaçador. Pelo contrário. As palavras têm o peso de algo muito pior do que a raiva. E esse algo dilacera a parte de mim que o trai. A parte do meu coração que bate por sua noiva, pelas costas dele.

Kitt quer saber quando eu contei esse detalhe íntimo sobre mim mesmo, e se foi durante o tempo em que eu deveria odiá-la.

— Antes — diz Paedyn delicadamente, falando a verdade, mas pela metade.

Ele assente, tentando parecer inabalável, mudando de assunto com rapidez. De súbito, sua voz parece cansada.

— Sei. Bom, pode-se dizer que Kai e eu somos provavelmente iguais no quesito idiotice no decorrer dos anos.

Assinto, esperando que meu sorriso fraco não retrate a tristeza que de repente me assola. O Kitt que eu vi há apenas alguns minutos era um vislumbre do garoto com quem eu cresci, o garoto que eu amava antes mesmo de saber o significado dessa palavra. Desejo com todas as forças me agarrar a essa versão familiar dele, arrancar a coroa da sua cabeça antes que ela tome conta do corpo abaixo.

Paedyn é o obstáculo no nosso relacionamento que não conseguimos remover. Apesar de tudo o que aconteceu, parece que Kitt ainda sente alguma coisa por ela. Talvez por isso ele se encolha, se

distancie na nossa presença — porque sabe que eu sinto o mesmo. Nosso vínculo de irmãos vacila diante dela.

O coche balança pela estrada enquanto voltamos a um silêncio mais confortável. Agora, a paisagem ao redor se transformou de uma variedade de árvores para uma fileira de casas suntuosas. Entramos na zona nobre da cidade, um local extravagante que a maioria dos Notáveis Ofensivos chama de lar.

Paedyn se remexe, desconfortável, quando viramos na primeira rua. As mansões enormes e as lojas elegantes lançam grandes sombras sobre nós. Vários Imperiais se juntam ao cortejo, marchando, enquanto diminuímos o ritmo sobre os paralelepípedos do caminho.

Ouvindo os sons de cascos e pés batendo forte, os ilyanos começam a sair de suas casas. Eles enfeitam a estrada com suas melhores roupas, alguns até mesmo segurando os panfletos que foram espalhados pela cidade. A princípio o que vemos nos rostos pelos quais passamos é acima de tudo indiferença, mas isso se transforma rapidamente em variações de nojo e traição ao verem sua futura rainha.

— Não faria mal sorrir, Paedyn — murmura Kitt enquanto levanta a mão e acena para a multidão cada vez maior.

Como se arrancada do estupor, Pae assente distraída antes de conseguir dar um pequeno sorriso. O aceno de sua mão é firme, mas não deixo de notar os dedos trêmulos que ela tenta estabilizar. Fico tamborilando os meus no assento ao lado; uma distração da raiva que brota sempre que vejo o pânico de Paedyn, que tem todos os motivos para senti-lo.

Como traidora, ela foi obrigada a desfilar por esta multidão, cuspida pelas bocas que agora se retorcem, carrancudas. São as mesmas pessoas que a receberam com ódio na volta a Ilya, enquanto íamos até o castelo. Ela foi humilhada nestas mesmas ruas, humilhada por Notáveis que a desprezaram no instante em que descobriram que Paedyn não era como eles.

E, mesmo agora, a história se repete, embora desta vez pareça diferente. Paedyn não está arrastando os pés atrás do meu cavalo, amarrada com uma corda, sangrando e derrotada. Não, está com a postura firme no coche, vestida com roupas finas e coroada com um título novinho em folha. Apesar disso, eles riem silenciosamente com

desprezo. Não veem nada além do que ela era, uma traidora, e do que Pae sempre será — uma Comum.

À medida que avançamos devagar pela rua, fico sentado em silêncio dentro do caos que nos rodeia. Meu olhar vai até Kitt, com sua postura régia, acenando e sorrindo para a multidão. A adoração ainda é nítida nos olhares das pessoas ao redor no momento em que pousam nele. Kitt sempre foi muito amado por este reino.

Mas é Paedyn que observo, sem conseguir parar de encará-la. Ela permanece controlada, apesar dos ocasionais gritos da multidão. Mais difícil de engolir é o modo como Kitt continua se encostando nela — uma demonstração para os súditos. Os dois estão noivos, então devem agir como tal.

E aqui estou eu, incapaz de impedir. Incapaz de fazer qualquer coisa, a não ser vê-los se tornar lentamente o para sempre um do outro.

Eles acenam. Sorriem. Parecem, sem dúvida, um casal feliz.

Kitt suspira, e seu murmúrio seguinte é um pensamento que escapa, provavelmente sem ser destinado a nós.

— Tão poucos…

Ansiosa para dar uma pausa no sorriso rígido, Paedyn se vira para ele.

— O quê?

— Ah, não é nada. — Kitt pigarreia. — Só me lembro de que havia mais Notáveis Ofensivos aqui. Talvez minha memória esteja me enganando.

— Ou eles preferem ficar dentro de casa, em vez de me ver — sugere Paedyn entre os dentes que ela mostra para a multidão.

Expiro quando viramos a última esquina da rua e a infinidade de rostos começa a ficar para trás. Kitt relaxa.

— Viu? Não foi tão ruim.

Passo a mão pelo rosto.

— É, foi fascinante.

Os olhos de Pae encontram os meus, me despindo com um único movimento. Encontro gratidão neles, me agradecendo por ter aguentado tudo aquilo ao seu lado, o que é chocante. E, de repente,

sua expressão de alívio pela minha simples presença é recompensa o suficiente.

— Você se saiu bem.

Ao ouvir as palavras curtas de Kitt, os olhos de Pae se desviam dos meus para os dele.

— Duvido que eles concordem — diz ela, olhando por cima do ombro, para a multidão a distância. — Kitt, eles jamais vão me aceitar como rainha.

Não consigo dizer se ele gostou de ouvir o próprio nome nos lábios dela.

— Vão, sim. — Seu tom é sério. — Só vai levar tempo.

— Tempo? — Pae quase gargalha. — Este reino vive sem Comuns há mais de três décadas. Pelo jeito, vão precisar de muito mais do que isso para se *ajustar*.

Aí está a verdade da motivação de Paedyn: os Comuns. De que adianta salvar Ilya se o reino permanecer segregado? Seu objetivo é a liberdade para as pessoas iguais a ela, e não salvar um reino odioso.

Inclino-me à frente, com as mãos nos joelhos dobrados.

— Por que não falamos sobre isso no castelo? Em particular?

Paedyn volta o olhar para o cortejo à nossa frente e o lugar para onde ele se dirige.

— Estamos voltando? Já? — Ela se vira rapidamente para Kitt, o cabelo brilhando ao sol. — E a favela?

O olhar de Kitt se volta até o meu, inseguro.

— Bom, os desfiles sempre acontecem na cidade alta…

— Mas lá é o meu lugar — fala ela, lentamente. — É onde vai estar qualquer Comum que ainda reste. Isso não é uma comemoração da união entre os Notáveis e os Comuns? — Sua voz fica firme. — Eu levei você para a favela, lembra?

— Lembro que você me usou para descobrir os túneis embaixo do nosso castelo — responde Kitt, com frieza. — E disfarçou suas verdadeiras intenções fingindo que queria me mostrar o lugar onde você morava.

Pae segura a mão dele e eu quase estremeço com a sinceridade do movimento.

— E peço desculpas por isso. Jamais quis usar você daquele jeito, mas tudo que eu podia fazer era ajudar a Resistência a descobrir um modo de entrar na Arena. — Ela balança a cabeça, com a voz subitamente suave. — Eu não era uma rainha que poderia mudar este reino com um estalar de dedos. Era uma Comum. Eu *sou* uma Comum. E naquele dia mostrei uma parte de mim a você. Antes do conselho de Calum, eu *mostrei* a você que as pessoas daquelas favelas também são o seu povo. — Pae solta a mão dele. — Ou será que o poder já fez você se esquecer disso?

Fico imóvel ao ouvir suas palavras. Ali está: a ousadia que só Paedyn tem.

Não tive chance de descobrir exatamente o que havia acontecido entre eles, não antes de Kitt se trancar e me mandar pelo Deserto Escaldante para encontrá-la. Mas eu sabia que a traição ia além da morte do nosso pai. E agora entendo.

Meu irmão provavelmente se culpa pela batalha na Arena, por ter sido enganado para mostrar a um membro da Resistência exatamente como entrar no lugar sem ser visto. Ele se culpa por ter se envolvido com ela.

— Você está certa. — Uma espécie de placidez recai sobre as feições dele. — Eu deveria saber que você diria isso.

Alterno o olhar entre os dois, mas Kitt não me encara.

As palavras que diz a seguir fazem os cavalos pararem, os homens obedecerem e o sorriso de Pae aumentar.

— Virem as carruagens. Vamos às favelas.

CAPÍTULO 9

Paedyn

Pelo cheiro, sei que chegamos à Alameda dos Larápios.

Nunca pensei que sentiria falta do fedor de peixe, suor e fluidos corporais, mas aqui estou, sorrindo apesar disso. A ampla rua do mercado zumbe com vida e energia. Os comerciantes negociam atrás das suas carroças enquanto crianças correm entre elas, escapando das mães que gritam sem parar.

Tudo continua perfeitamente intocado. Exatamente como era quando eu lutava para sobreviver aqui.

Ao ver o enorme cortejo, as carroças começam a sair do caminho enquanto os vendedores se enfiam atrás delas. Os sem-teto que habitam o lugar começam a espiar de dentro dos muitos becos que se ramificam da Alameda, entediados o suficiente para deixar que a curiosidade os arraste para a rua.

Este desfile é uma explosão de cores. Brilhantes estandartes cor de esmeralda balançam de encontro ao nosso coche e de todos ao redor. A bandeira de Ilya está erguida sobre uma fileira de cavalos esguios, um símbolo ondulando na brisa. Os Lanternas manipulam os raios de sol para criar uma imagem ofuscante de pontos de luz que pingam pelo nosso coche e dançam sobre os paralelepípedos da rua.

Aqui consigo sorrir com facilidade, apesar de isso nunca ter acontecido antes. Talvez alguma parte pequena de mim sentisse saudade desse buraco de merda onde cresci. Ou talvez seja porque

entendo essas pessoas. São Notáveis, sim, mas também são párias. Aqui ficam os Triviais, os pobres e os poucos Comuns que ainda restam no reino.

E uma Comum acaba de retornar.

Aceno para os rostos chocados que vão passando. Eles não me olham com nojo, como os Notáveis na cidade alta. O máximo de emoção que me oferecem é confusão ou indiferença. Quando me olham, provavelmente veem a si mesmos. Não faz muito tempo, eu vivia ali, roubando embaixo dos narizes deles.

Meus olhos examinam a multidão de rostos cansados que espiam de volta, inexpressivos. São muitos, todos lutando pela mesma comida e o mesmo abrigo. Imagino quantos Comuns estão escondidos entre eles, fundindo-se com os ombros encurvados e os ânimos oprimidos.

Espero que me vejam agora. Cada sorriso, cada aceno, cada sacrifício que fiz por eles.

Meus olhos se iluminam ao ver uma construção meio em ruínas.

— Aquela ali é a loja da Maria. — Aponto, direcionando a atenção dos rapazes para meu entusiasmo súbito. — Eu roubava os pães de mel e os tecidos dela antes de subir pela chaminé para escapar. — Sorrio com a lembrança. — Os pães de mel eram para nós duas, mas o tecido era obviamente para… Adena…

Eu devaneio, mas a sensação de olhos atentos voltados para mim me força a continuar falando.

— Bom, eu tinha muita prática em escalar chaminés, mesmo odiando espaços apertados. — Olho para Kai. — Por isso não morri queimada quando você pôs fogo na minha casa.

— Minha busca precisava ser meticulosa, querida. Não leve para o lado pessoal.

As palavras são ditas em tom casual, representando com precisão o papel de Executor obediente, mas enxergo o pedido de desculpas escondido no olhar que ele mantém voltado para mim, vejo a promessa que compartilhamos.

Finja.

Revirando os olhos de um jeito realista, volto a encarar a multidão boquiaberta. Continuo a acenar e…

Meu sorriso vacila.

Sei que estamos na metade da rua quando o poste ensanguentado surge. O bloco de madeira é manchado com um tom nauseante de vermelho, encharcado pelo sangue de dezenas de pessoas. Ele é mantido como um exemplo, ou melhor, como um treino de açoitamento para os Imperiais.

As cicatrizes fracas na base das minhas costas parecem arder ao ver aquilo. Meus dedos desajeitados foram o motivo para muitas chicotadas. Isto é, até que fiquei boa o suficiente para roubar dos próprios Imperiais que derramaram meu sangue.

— Paedyn?

Viro o rosto para a voz e encontro o olhar preocupado de Kai.

— Você está bem?

— Estou — digo, calma. — São só lembranças.

Então ele volta o olhar para um ponto acima do meu ombro, e eu vejo o momento exato em que ele percebe do que estou falando. Uma máscara fria cobre suas feições, escondendo o que eu sei que é aquela fúria aterrorizante e gelada que borbulha sob a superfície. Sua boca se abre, talvez para perguntar quem parou junto ao meu corpo contorcido e fez o chicote estalar. Talvez o Executor exija saber quantas vezes eu me vi naquele poste ou, melhor ainda, admita que nunca percebeu as cicatrizes nas minhas costas apesar de passar a mão sobre elas por vezes suficientes, e que se dane o rei sentado ao meu lado.

Mas não descubro o que Kai pensava em dizer.

Em vez disso, ele mergulha sobre mim quando as explosões começam.

Sou lançada contra o chão do coche e Kitt se joga ao meu lado enquanto o corpo de Kai protege nós dois. Meus ouvidos zumbem com o impacto, abafando os gritos que eu sei que estão ecoando ao redor. Levanto o rosto do chão sujo e pisco, a visão turva e os olhos lacrimejantes. A explosão de luz ofuscou minha visão por um momento, mas à medida que a visão retorna, ouço sons abafados.

Gritos. Gritos de dor, guturais, atravessam o zumbido nos meus ouvidos. Eu me levanto, empurrando os membros que me prendem. Sei que é a mão calejada de Kai que envolve meu pulso antes mesmo que a ordem saia dos lábios dele.

— Fique abaixada!

Mal escuto seu grito acima do caos que nos consome, acima do pânico ensurdecedor que cresce dentro de mim.

Que inferno está acontecendo?

Devo ter resmungado essas palavras porque de repente Kai diz:

— Bombas. Caseiras.

Em seguida, grita ordens, transformando-se de volta no Executor que foi criado para ser.

Minha cabeça lateja, não sei se por causa do impacto ou dos meus pensamentos acelerados. Cada respiração é rápida e curta.

Quem está por trás disso?

As ordens de Kai, antes abafadas e distantes, ficam mais claras.

— Sigam-me!

Não vejo nada a não ser a fumaça preta que paira acima do coche, mas sei o suficiente para entender que ele acabou de designar um grupo de Imperiais para cercar o rei e sua futura esposa.

Então Kai me encara, o olhar saltando entre os meus olhos arregalados.

— Fique aqui. Você vai ficar bem.

Ele não se permite um instante de hesitação e pula do coche para a fumaça densa.

Estremeço quando outra explosão nos sacode, seguida por uma erupção de gritos ao redor. Cavalos passam a toda velocidade num transe em pânico, livres para correr no meio do caos sem os cavaleiros. Eu me sento de repente e encontro o olhar preocupado de Kitt. Os Imperiais nos cercam, atuando como escudos contra os horrores do outro lado. O rei permanece rígido no chão da carruagem, seguindo as ordens de seu Executor. E está certo. Afinal de contas, ele é o rei.

Mas eu não sou uma rainha. Ainda não.

Só consigo sentir cheiro de carne queimada e fumaça densa. Só consigo ouvir os gritos aterrorizados e as pancadas do meu coração. Só consigo pensar que *este é o meu lugar*. Este era o meu povo, muito antes de me dizerem para governá-lo. Estes favelados que gritam me escolheram para entrar nas Provas do Expurgo, porque viram esperança para uma pessoa dali se tornar algo mais.

E eu me tornei muitíssimo mais.

Olho uma última vez para o meu noivo. Ele deve enxergar nos meus olhos: a dor, a determinação, a necessidade tangível de fazer alguma coisa, em vez de ficar sentada aqui.

— Paedyn, não…

Pulo do coche antes que ele consiga segurar a minha mão.

O círculo de Imperiais está de costas para nós, e não hesito antes de dar uma rasteira em um que bloqueia meu caminho. Ele cai com uma pancada, deixando que eu passe correndo, apesar dos gritos que ecoam às minhas costas.

Paro derrapando ao ver o horror que me cerca.

Pedaços de pedras se desprendem das construções em ruínas ao longo da rua, despedaçando-se no calçamento e arrancando gritos daqueles que tentam fugir. Chamas lambem dezenas de carroças, derretendo moedas e queimando mercadorias.

Eu me viro lentamente, olhando a rua que um dia chamei de lar. Corpos estão espalhados pelo chão, alguns se retorcendo enquanto outros permanecem imóveis como pedras. Trêmula, cubro a boca e o soluço que cresce por dentro. Sangue pinta a rua, fundindo-se com fogo para criar uma horrenda representação da própria morte.

Não sei o que fazer, como ajudar…

Ouço um gemido baixinho ao meu lado.

Eu me viro e encontro um menino ensanguentado me olhando a apenas alguns passos de distância. Corro para o lado dele, afundando os joelhos na poça de sangue ao seu redor. A pele pálida tem uma camada de suor, e sua respiração está ofegante sob o vermelho que jorra do peito.

O pedaço de alguma construção próxima está encravado em suas costelas.

Engulo o soluço e ponho as mãos trêmulas em volta do ferimento, fazendo de tudo para estancar o sangue.

— Sinto muito — sussurro, com as lágrimas ardendo nos olhos. — Sinto muito. Você… você vai ficar bem.

Os olhos do menino, cor de mel, simplesmente me encaram. Ele não chora, não implora pela vida. Apenas olha, preparando-se para encontrar seu fim sangrento.

Mel.

São como mel. Parecidos demais com os dela. De repente é Adena que está morrendo à minha frente, de novo. E, de novo, não posso salvá-la.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto sujo. Sangue brota entre meus dedos, a náusea cresce a cada segundo que o líquido pegajoso mancha minha pele. Mas não ouso mover as mãos. E, assim como fiz com Adena, digo a esse menino que ele vai ficar bem. Minto, teço um final feliz ao mesmo tempo em que as lágrimas escapam dos meus olhos marejados.

E quando o garoto respira pela última vez, com os olhos voltados para o céu, é como se eu estivesse de volta naquele Fosso, segurando o corpo dela. A morte o rouba dos meus braços inúteis, estranhamente gentil no modo como faz parar o coração moribundo. Minha boca se abre, um grito na ponta da língua…

No entanto, sou puxada para trás, os dedos escorregando para longe do garoto. Fico entorpecida nas mãos ásperas que me envolvem. Meu vestido está encharcado de sangue, a bainha formando um caminho de respingos atrás do meu corpo arrastado.

— Maldição, Pae. Você nunca obedece às ordens?

Sua voz soa áspera, mas eu ouço a tristeza em cada palavra. Deixo os braços familiares agarrarem minha cintura, permito que Kai praticamente me carregue de volta para o coche. Meu olhar desfocado percorre os corpos que ainda se mexem com dificuldade, tropeçando nos que estão espalhados no chão.

A Alameda está em ruínas.

Meu *lar* está em ruínas.

Meu coração também.

Edric Azer

Para cada final, há sempre um começo.

Muitos anos mais tarde e milhares de passos para além dos que ele dá neste momento, o rei perceberia que esse era o início de sua morte iminente.



Edric estabelece um ritmo formidável andando pelas entranhas tortuosas de seu castelo imaculado. Quando criança, os corredores sinuosos costumavam provocá-lo, prendendo o principezinho num ciclo confuso a cada esquina que virava. Mesmo agora isso o faz se lembrar de modo horrível do labirinto que é sua mente, e de como cada palavra que entra pelos portões que são os seus olhos encontrará uma parede de pedra antes de se partir numa série de sílabas confusas — ou melhor, o que seu pai gostava de chamar de "uma vergonhosa falta de competência".

Mas seu pai não está mais aqui, deixando para trás apenas a lembrança de um garoto fungando e lutando para conseguir ler.

Os sapatos lustrosos de Edric passam rapidamente pelos serviçais que trabalham duro nos calçados todas as noites, enquanto os pés

dentro deles o conduzem confiantes pelo interior do castelo.

É mesmo uma lembrança distante.

Foi muito depois de livrar seu filho dessa "doença vergonhosa" que Landan Azer finalmente encontrou seu fim, ainda que tenha sido, de modo lamentável, muito mais agradável do que a cruel jornada de Edric para aprender a ler. Sua alma se afastou pacificamente do corpo frágil que havia habitado, e essa morte pareceu gentil demais para um homem tão ríspido. Mas agora, com o reino na palma de sua mão, Edric pensa com carinho naquele tempo frutífero com o pai, sentindo uma espécie de gratidão crescente pelo homem que o empurrou na estrada em direção ao poder.

A crueldade o transformou num rei, ao passo que a gentileza só o teria mutilado.

A coroa se enrosca no topo da sua cabeça, enterrando-se nas mechas louras como um vira-lata sonolento. Cada corredor largo é inundado pelos raios cor de mel do crepúsculo, parecendo diminuir a velocidade do rei como se estivessem grudados nos sapatos. Mas ele atravessa cada poça de luz que transborda. Porque nesta vida há pouca coisa que Edric ame mais do que o poder — e ele está indo nesta exata direção.

Numa fase tão avançada da gravidez, a rainha raramente é vista fora dos seus aposentos. Mesmo assim, Iris foi escondida muito antes que um herdeiro de reserva começasse a crescer em seu ventre. O amor e a paranoia gostam um do outro, em geral se fundindo numa proteção sufocante.

Edric faz uma pausa diante da porta familiar que separa os dois. Com frequência, ele sente esse momento como o final de um labirinto em que vem tropeçando desde que era um menino. Ali não existe um castelo provocador nem uma mente confusa. Tudo isso se desfaz aos pés dela.

Quatro batidas do coração agitado do rei é o tempo que leva para a porta se abrir.

Iris sempre foi o tipo de beleza que só pode ser descrita, de maneira inarticulada, como sendo de tirar o fôlego. Descendente de uma rainha de Izram, ela possui a pele bronzeada e sardenta, e os olhos brilhantes daquele povo. Apesar disso, Iris Moyra jamais colocou os pés no solo rochoso do reino à beira-mar.

Há mais de um século, uma briga familiar dividiu os governantes de Izram, forçando vários ancestrais da rainha — cujo direito ao trono era tão frágil quanto o relacionamento deles com a mulher que o ocupava — a se estabelecerem em Ilya. Anos haviam se passado antes que a Peste varresse o reino, isolando-o e concedendo aos descendentes dos desordeiros da família real mais poder do que jamais poderiam alcançar com uma coroa na cabeça.

Com sua sede de poder, Edric se casou com a mulher que estava diante dele quase uma década depois do Expurgo. Com cada Notável permanecendo em Ilya, nenhuma princesa sem poder, do outro lado da fronteira, teria permissão para manchar a linhagem do rei. Mas a combinação do sangue real de Iris com sua rara habilidade foi chocante o suficiente para enfim fazê-lo se unir em laços matrimoniais.

Iris era linda como o mar, como se sua pele fosse molhada pela água salgada até reluzir. Edric lhe diz isso, sorrindo quando as palavras provocam um rubor nas maçãs do rosto dela. O cabelo dourado escorre pelo corpo e cobre o grande volume da barriga, como água abrindo caminho ao redor de uma pedra. Ela puxa o rei gentilmente, apertando os lábios macios contra os dele com um suspiro demorado.

Assim que é liberto das garras cativantes da esposa, Edric olha ao redor, a contragosto.

— Você dispensou as serviçais de novo?

Iris pousa a mão delicada em cima da barriga.

— Eu estou bem, Ed. Não precisam ficar em cima de mim o tempo todo.

— Iris… — Edric alisa o tecido que envolve a barriga redonda — … você sabe que é uma medida necessária para a sua segurança. Este bebê vai chegar a qualquer momento, e para a sua proteção…

O rei para de falar porque reconhece a expressão no rosto dela. Iris é gentil na alma e no corpo. Mas suas expressões, não.

— O quê? — insiste Edric ao vê-la estreitar os olhos azuis brilhantes.

Ela respira fundo, o tipo de gesto que uma pessoa demonstra quando ama alguém apesar dos defeitos.

— Tudo o que você faz é me proteger. E, claro, eu agradeço por isso, mas… — Iris levanta uma das mãos, de algum modo

encapsulando todo o reino em um único gesto — … faz anos que as pessoas não ouvem falar de mim, que não me veem. Para elas, eu posso ter morrido pouco depois de dar à luz Kitt.

— E eu prefiro que pensem isso — diz o rei, devagar — do que usem você contra mim. Não vou me arriscar a que um Comum furioso a coloque em perigo para me ferir.

Iris caminha lentamente no tapete, com sua camisola frouxa arrastando o tecido verde.

— O Expurgo aconteceu há mais de uma década. Sua paranoia não pode me manter presa aqui para sempre. — Ela segura o rosto de Edric, prendendo-o no calor da sua presença. — Nos nossos cinco anos de casamento eu fiz pouco mais do que me esconder.

O rei esfrega a nuca, um hábito herdado do pai. É como se cada pontada de agitação crescesse embaixo da pele ali e tirasse lascas da sua sanidade.

Alguns Comuns permanecem no seu reino por ódio, escondendo-se até que a raiva crescente os faz cometer algum ato de violência. No final, todos morrem, como sempre acontece com os fracos. Mas é o desafio da situação, a preocupação constante de que sua rainha possa ser apanhada no fogo cruzado.

— Logo. — Ele suspira e segura a mão macia de Iris. — Logo libertarei você dessas paredes. Assim que eu me livrar desses Comuns remanescentes, você estará segura. Eles são um erro que estou consertando. E os Notáveis também estão ansiosos para se livrar deles.

A rainha gentil pensa a respeito por um longo momento.

— Ótimo. Porque eu gostaria de mostrar nosso filho ao reino. — Ela guia a mão do marido pela curva inchada da barriga. — O castelo pode ser bom para guardar segredos, mas eu…

— Você não é — completa Edric, conhecendo a esposa melhor do que jamais quis conhecer alguém. — Eu sei, Ri.

— Mas, apesar de tudo, eu te amo.

Iris desenha um círculo sobre o coração do rei, que bate forte, assim como fez tantas vezes antes.

— Graças à Peste por isso — reage Edric, sério.

A risada suave da mulher se transforma num chiado quando ela segura a barriga com força. O rei estremece ao ver a esposa sentindo

dor, transformando-se rapidamente de um rei impassível em um cônjuge preocupado. Ele envolve a cintura dela com um dos braços e a leva, entre gemidos de dor, para a cama. Só depois de ajeitar as pernas de Iris e colocar um travesseiro às costas dela, Edric se permite uma respiração profunda.

— Você está bem? — A pergunta sai misturada com o terror que sente por ela.

— Sim, vou ficar bem. — O suor brilha na testa da rainha. — São só as dores do parto, querido.

O rei assente, tentando afastar aquele medo demorado. Seu pai sempre odiava quando ele mostrava qualquer sinal de fraqueza — e Iris é exatamente isso. Pigarreando e alisando a preocupação que surge entre as sobrancelhas, Edric deixa o olhar ir até a mesinha de cabeceira. A amada caixa de joias de Iris está ali, cheia com cada uma de suas adoradas peças. Ela tem uma paixão pela beleza e, apesar do confinamento no castelo, jamais perdeu a oportunidade de brilhar, mesmo nos corredores mais sem graça.

Mas não é a caixa imaculada que atrai a atenção do rei. Não. É a flor cor-de-rosa sobre a tampa de madeira e o pedaço de pergaminho dobrado que a acompanha.

Iris percebe cada emoção que se arrasta pelo rosto do marido. Primeiro interesse. Depois curiosidade. Essas duas são acompanhadas por uma confusão de sentimentos mais sinistros: Escrutínio. Preocupação. Ciúme.

— Presente de uma aia — responde a rainha, em tom despreocupado, ainda que nenhuma pergunta tenha sido feita em voz alta. — Raramente eu vou ao jardim, por isso ela pensou em me trazer um pouquinho dele até mim.

Com um dos braços envolvendo a barriga, Iris usa o outro para jogar o presente embaixo da tampa da caixa de joias. Prende a flor dentro das paredes de madeira de modo tão simples que Edric não pensa mais a respeito. Em vez disso, ele seguirá em frente até encontrar o final que começa naquele momento.

Então, quando Iris grita de dor e a umidade se espalha nas cobertas sob o corpo dela, o fim está muito próximo para Edric Azer. Pelo menos para aquele pouquinho de calor que ainda resta dentro dele.

CAPÍTULO 10

Paedyn

Estou sentada, entorpecida, ao lado do fogo, envolvida no calor.

O sangue que cobre meu vestido e minhas mãos está quase seco, assim como as lágrimas que escorreram pelo meu rosto. Agora não resta nada além de uma fúria lenta, borbulhante, enquanto permaneço sentada em silêncio neste gabinete.

Vozes baixas soam pela porta entreaberta, roubando minha atenção das chamas.

— Onde ela está? — De repente, fico empertigada ao ouvir a voz. — Quero vê-la. Não pude vê-la desde…

Eu me levanto depressa, tropeçando nos pés desajeitados. E então estou diante da porta, interrompendo as palavras dele apenas com a minha presença. O sorriso que desliza até os seus lábios é triste, com uma abundância de desculpas ao mesmo tempo em que parece um suspiro de alívio.

Eu me jogo nos braços de Calum sem pensar duas vezes. Ele me abraça com força, segurando meus cacos com um cuidado gentil.

— É bom ver você também — sussurra ele nos meus cabelos, me fazendo sorrir de encontro ao seu ombro.

Dou um passo para trás, olhando-o de cima a baixo. Seus olhos claros brilham, examinando os meus e, com certeza, a mente que está por trás deles. Essa teoria é confirmada quando o rebelde assente devagar, com o cabelo louro opaco sob a luz fraca.

— De nada. Foi Kitt que descobriu a verdade. Eu simplesmente o ajudei a chegar lá.

Sorrio, aliviada ao saber que ele ouviu cada eco de gratidão ricocheteando dentro de mim. Porque não sei bem se eu conseguiria colocar tudo em palavras agora. Calum ajudou a mudar tudo, ajudou a transformar a esperança do meu pai em realidade.

Bom, não exatamente o meu pai. Só do homem que me criou.

Diante desse pensamento repentino, Calum arqueia as sobrancelhas, surpreso. Eu suspiro, balançando a cabeça.

— Explico depois. Mas, por enquanto… obrigada. Por tudo. — Retribuo seu aceno de cabeça com outro pequeno sorriso. — Só queria que você me ouvisse dizer em voz alta.

Meu olhar se eleva acima do ombro de Calum e encontra Kitt e Kai conversando em voz baixa. Dou um passo para o lado, sinalizando para eles continuarem os murmúrios no gabinete atrás de mim. Kitt assente, concordando em silêncio, e vai ocupar a cadeira atrás da sua mesa. Calum o acompanha em silêncio, deixando apenas Kai parado diante da porta.

Ele tinha me carregado até o castelo, acendido o fogo que aqueceu meu corpo entorpecido. Depois beijou minha testa e saiu do cômodo, provavelmente para cumprir seus deveres de Executor, mais prementes do que a arrasada futura rainha.

Agora, Kai me observa com uma dor no olhar que espelha a minha. Só quero ser abraçada por ele, envolta no conforto dos seus braços. Kai é uma fraqueza à qual eu não deveria ceder. Não nesta vida, pelo menos.

Não consigo imaginar o que o Executor enxerga neste momento. Provavelmente a maquiagem escorrida e as bochechas sujas. O cabelo emaranhado e a pele encharcada de sangue que estou tentando ignorar. No entanto, Kai me olha com uma espécie de adoração aliviada, com um olhar demorado para garantir que estou bem.

Nossos dedos se tocam quando ele passa, me deixando junto da porta. Respiro fundo, para me firmar, antes de voltar e me sentar de novo perto da lareira. Só então permito que os pensamentos retornem para os horrores que eu tinha visto. Minhas palavras afiadas cortam com facilidade a conversa dos homens.

— Que merda aconteceu lá?

Kai se encosta na mesa, balançando a cabeça.

— As explosões eram de bombas caseiras. Seis bombas. Não vejo esse tipo de coisa desde…

— O primeiro baile das Provas — completo. Meu olhar pousa em Calum. — Só a Resistência teria utilidade para isso. Por que ter todo o trabalho de fazer bombas quando um Incendiário poderia causar o mesmo tipo de dano?

Calum suspira, sentando-se numa poltrona.

— Se eu tivesse de adivinhar, diria que esse ataque foi mais um recado do que qualquer coisa.

— Tudo aquilo para dar um recado? — retruco. — Pessoas inocentes morreram.

Kitt tosse, provavelmente por causa da fumaça inalada.

— Quantas baixas, Kai?

— Nove. Até agora. — Meus olhos se fecham enquanto ele acrescenta devagar: — Mas dezenas de pessoas ficaram feridas e estão sendo tratadas pelos Curadores.

Meus olhos se abrem e veem o rei esfregando o rosto.

— Continue, Calum. Eu gostaria de ouvir essa teoria.

— Bom, não foi um ataque à realeza em si — prossegue Calum, gesticulando para nós ainda vivos. — O que me leva a crer que esse foi um ataque ao significado do desfile. Ao… bom, ao futuro deste reino.

— Não *haverá* um futuro se nossas fronteiras permanecerem fechadas e os Comuns continuarem banidos — bufa Kitt, baixinho.

— As pessoas não querem Paedyn como rainha.

Eu me volto na direção da voz estranha e me deparo com uma cabeça de cabelos cor de hortelã junto à porta. O porta-voz da corte entra na sala, suas roupas muito bem passadas contrastando com a pele escura.

— Ah, Easel, seja bem-vindo. — Kitt sinaliza para ele enquanto fala com o restante de nós. — Como chefe da minha corte, achei melhor ouvir o que ele tem a dizer sobre isso. Ou melhor, o que as pessoas estão dizendo.

— Majestade. — Easel inclina a cabeça na direção do rei. — As pessoas estão inquietas.

— Elas não querem ter uma Comum como rainha — digo com amargura.

— Bom, você de fato matou o rei que garantiu uma sociedade de Notáveis — murmura Kitt.

Calum acrescenta com voz distante:

— E não foi a única pessoa da realeza que você matou.

Meu olhar vai rapidamente até ele.

— Do que você está falando?

Cruzando os braços rígidos às costas, Calum continua:

— Um pedaço do Kitt morreu naquele dia, não morreu? — Fazendo um gesto em direção à torre oeste, ele acrescenta, solene: — Junto à esposa do rei, agora doente em seu luto.

A culpa crava os dentes no meu peito, roendo minha consciência. Pela primeira vez, sinto uma pontada de vergonha por ter matado o rei. Não por ele, mas pelas pessoas ao redor.

— Você está certo. — Engolindo em seco, olho os dois irmãos, tendo ferido ambos de maneiras muito diferentes. — Desculpem, de novo. Pela dor que causei em você, Kitt. — Meu olhar vai até o Executor ao lado dele. — E pela tristeza que adoeceu sua mãe.

Os três ficam em silêncio por um longo momento. Kai assente, perdoando, enquanto Kitt rompe o insuportável silêncio.

— Obrigado, Paedyn. — As palavras são rígidas, mas foram ditas. E no segundo seguinte, o rei voltou à conversa, diligente. — Então por que não atacaram Paedyn, se é ela que consideram um problema?

É Easel que responde:

— Agora isso é muito maior do que ela, Vossa Majestade. O reino inteiro ficou sabendo que deveria receber os Comuns do nada, quando as pessoas mal toleram a multiplicação dos Triviais. Não importam os argumentos, a maioria se recusa a aceitar isso.

— Eles não percebem o que está em risco? — zombo. — Ilya irá desmoronar, sem recursos.

— Eles sabem. — Easel assente devagar. — Mas a ignorância era a felicidade do povo. Algumas pessoas admiravam mais a persistência do falecido rei em livrar Ilya dos Comuns do que em salvar o reino do colapso.

Kai cruza os braços, com as mangas da camisa cobertas de sangue seco.

— Os Notáveis Defensivos e Ofensivos estão se voltando contra a totalidade da favela. Eu vi a mudança nos últimos anos. Não são apenas os Comuns que eles querem ver fora da cidade. — Seu olhar encontra o meu. — É a favela inteira agora.

— Bom, isso não é surpresa para mim. — Respiro fundo. — Qualquer pessoa na favela sabe disso há anos. Meu pai até escreveu a respeito, explicando que em pouco tempo os Triviais irão se tornar os novos Comuns.

Os olhos de Calum encontram os meus mais uma vez, enxergando através de mim para entender sobre o diário do meu pai. Nunca me senti mais grata por sua capacidade de ler mentes do que nesse momento. Nem preciso responder à expressão interrogativa nos seus olhos — ele pode se adiantar e encontrar a resposta na minha mente.

— Eles já são — declara Kitt. — O número deles está crescendo e os outros Notáveis só enxergam os Triviais como fraquezas…

— Exatamente como os Comuns — digo.

Easel assente. Kai enrijece. Calum permanece impassível, como sempre.

— Então — diz o rei, devagar. — Temos alguma ideia de quem, exatamente, está por trás disso?

— Provavelmente um grupo de Notáveis que acham que estão fazendo um favor ao reino. — O tom de Kitt é seco. — E que também se acham muito engraçados, copiando as bombas da Resistência.

— As bombas caseiras são mais difíceis de ser rastreadas do que um Incendiário — digo baixinho. — Não há ninguém para ser interrogado. Não há como saber quem as lançou.

O gabinete fica em silêncio até Kitt rompê-lo.

— O que a corte quer que a gente faça com relação a isso? Como vamos fazer o povo aceitar Paedyn como rainha?

Uma mecha do cabelo comprido de Easel cai sobre o ombro largo.

— Paedyn precisa provar o seu valor para todo o reino de Ilya. Precisa provar que é forte o suficiente para governar, mesmo como uma Comum. Essa é a única maneira pela qual acreditamos que eles irão aceitá-la.

Quase dou uma gargalhada.

— E como planejamos fazer isso?

O silêncio de Easel é ameaçador. E quando ele finalmente fala, entendo o motivo.

— O povo quer que você passe por outras Provas.

CAPÍTULO 11

Kai

Eu conheço a morte. Existe algo íntimo em acabar com uma vida.

No decorrer dos anos, eu e a morte desenvolvemos uma ligação especial. Mas o medo é um sentimento muito menos familiar. Um sentimento que nunca me agarrou com tanta força como naquele gabinete.

Calum concordou com a proposta de Easel e instigou Kitt a fazer o mesmo, mas meu foco estava totalmente nela. Vi Paedyn avaliar essa decisão mortal, a concordância se formando nos belos lábios da futura rainha. A fúria era como um trovão no meu peito que subiu até tomar a minha voz, gritando que ela não podia estar levando aquilo a sério. Fiquei diante dela, lutei contra a ânsia de segurar seu rosto e dizer que não poderia participar de outras Provas. Eu simplesmente não deixaria que ela arriscasse tudo por um reino que preferiria vê-la morrer.

Mas sei que é melhor não dar uma ordem a Paedyn Gray. Afinal de contas, ela não é um dos meus soldados. Não. É muito mais que isso.

Foi então que Paedyn me encarou, segurou a morte pela mão e declarou de novo que participaria dessas novas Provas.

— É o único modo — disse séria, mas seu rosto estava pálido. — Eu preciso provar o meu valor a eles.

— E se você morrer? — retruquei, arfando.

As palavras que disse a seguir ainda assolaram meus pensamentos, mais de um dia depois.

— Então eles estarão certos a meu respeito. Eu sou uma fraca.



O anel provoca uma sensação estranha no meu dedo.

Levo as mãos às costas, escondendo-as do mar de olhos curiosos abaixo do tablado. Remexendo o grosso anel de Executor, praticamente sinto o sangue que foi derramado por aqueles que o usaram antes de mim. Solto o ar, mantendo os olhos voltados para a grande porta dupla da sala do trono.

Eu e o restante da corte estamos esperando a contragosto que nosso rei nos agracie com sua presença. Os minutos se arrastam, me deixando sozinho no tablado e em plena vista de todos. Quando pensei em pegar emprestado o poder de um Véu na multidão para simplesmente desaparecer dessa situação infeliz, a porta se abriu.

O rei entra. A coroa dourada brilha em sua cabeça, fundindo-se ao cabelo louro. À primeira vista, suas roupas parecem simples, mas ao olhar com atenção dá para ver a elegância. A camisa de botões que ele usa está passada de maneira imaculada, enfiada numa calça verde igualmente impecável. Mas cada característica é enfatizada pelo que ele traz no braço.

A mão dela está enfiada na dobra do seu cotovelo, a pele bronzeada contrasta com o tecido do vestido branco e justo. O decote envolve o pescoço, escondendo o que eu sei que é uma marca deixada pelo meu pai acima do coração. Ombros expostos, cintura justa, cabelo ondulando em volta das orelhas.

Parece ao mesmo tempo jovem e totalmente desgastada pelo mundo. Essa é uma contradição que Paedyn veste com confiança.

Mas o tecido branco drapeado é uma mensagem a esta corte, um lembrete que perfura meu coração. Ela é uma futura esposa. Mas não minha.

Engulo em seco.

Seus olhos estão voltados para os meus enquanto sobe no tablado. Fico olhando por tempo demais, desesperado demais para ser mais do

que seu Executor. Com um esforço que não é pequeno, desvio a atenção dela, voltando-a para a porta enquanto Kitt começa a falar:

— Senhoras e senhores da corte, obrigado pela paciência. Tenho certeza de que todos estão curiosos para saber por que eu os convoquei hoje. — Sua voz alcança os rostos intrigados que preenchem o salão. — Como todos sabem, houve um ataque na favela durante o nosso desfile. A maioria de vocês provavelmente não achará que esta é uma notícia ruim, mas deveriam.

Ouvindo sua respiração profunda, me volto para ele. A exaustão transparece em suas feições.

— Sei que será difícil entender meu noivado com Paedyn Gray, assim como a aceitação repentina da presença dos Comuns. Mas não tolerarei atos de desafio contra meus decretos. Em especial os que eu faço em favor de todos nós. — Sua voz se suaviza ligeiramente. — Mas entendo que a mudança é difícil e que este reino não deseja aceitar Paedyn como rainha. Apesar da necessidade desse arranjo, ofereço a vocês a oportunidade de avaliar a força dela e verem por si mesmos se ela é capaz de se tornar uma governante.

Murmúrios correm pela multidão, obrigando Kitt a levantar a voz.

— Paedyn Gray competirá de novo numa série de Provas.

Arfadas inebriadas ressoam diante dessas palavras, seguidas por gestos de aprovação sedentos de sangue. Era isso que eles queriam — e seu rei não decepciona.

— Essas Provas — continua Kitt — serão apenas para a futura rainha. Serão estruturadas em torno dos três *B*s segundo os quais todos vocês sabem que meu pai vivia. Bravura, benevolência e brutalidade, características que fazem um grande governante. Esses eventos testarão cada uma dessas qualidades. Isso permitirá que Paedyn se prove digna do trono e da lealdade de vocês.

A corte fica empolgada ao descobrir que sua proposta se tornará realidade, provavelmente porque o resultado significará a morte certa de uma Comum. Paedyn mal sobreviveu às primeiras Provas em que foi lançada. Mesmo assim, Ilya pode não se dignar a aceitá-la se ela sair viva destas.

— De novo, vamos espalhar panfletos por toda a cidade — declara Kitt falando acima da multidão, que continua sussurrando. — Este

teste é somente para os ilyanos. Pelo que os reinos ao redor sabem, nós aceitamos graciosamente nossa rainha Comum. E espero que, no devido tempo, isso se prove verdade. Pelo bem de todos nós. — Há uma pausa antes de sua próxima declaração condenatória. — A primeira Prova acontecerá daqui a três dias.

Esta solução parece satisfazer a corte. Todos terão o máximo prazer em ficar sentados assistindo-a morrer, em sorrir se ela encontrar a morte que acham merecida. Mas eu só sobreviverei se Paedyn também sobreviver.

Então ela dá um passo à frente e cada olhar se volta em sua direção. O vestido envolve seu corpo de um jeito que eu anseio por fazer, seu olhar percorre a multidão onde de repente desejo tão desesperadamente estar. Ela é linda do modo mais formidável. Afiada como seu olhar penetrante, como a língua que eu provei, como a ponta da adaga que se banhou no meu sangue.

As palavras que saem dos seus lábios são sérias, com a sutileza que a raiva não consegue transparecer.

— Sei que não sou quem vocês desejam ter como rainha. Na verdade, eu não pedi isso. Não sonhei com nada nesta vida, a não ser sobreviver. — Seu olhar percorre o salão, brilhante e ousado. — Mas faço isso com a esperança de um reino muito melhor do que este. Um reino em que os Comuns e todos os tipos de Notáveis vivam lado a lado. Um reino que ainda possamos chamar de lar.

Ela dá mais um passo, me obrigando a lutar contra o espanto que começa a escapar da minha máscara de indiferença.

— Mostrarei a vocês minha bravura, minha benevolência e minha brutalidade. Sobreviverei a essas Provas e a muito mais. Mesmo assim vocês provavelmente me odiarão. — Paedyn levanta o queixo, com a expressão enganosamente calma. — Assim, curvem-se aos meus pés com um sorriso de desprezo, se for preciso. Não o verei, com seus rostos virados para o chão.

Um sorriso surge em meus lábios, maravilhado. Entrelaçando seu braço ao de Kitt, Paedyn se vira uma última vez para a multidão.

— Se é poder que vocês buscam em mim, que seja.

Kitt está com uma expressão de surpresa silenciosa enquanto assente devagar para a corte, dispensando-a em silêncio. Mas as pessoas não se

movem, e mantêm seus lábios boquiabertos. Estão ocupadas demais olhando para ela.

E eu também, enquanto Paedyn caminha de braço dado com o rei, saindo da sala do trono.

CAPÍTULO 12

Paedyn

Olho as sombras agarradas ao dossel acima de mim.

Apesar do impressionante conforto da cama onde repouso, não consigo pegar no sono. Os pensamentos giram atrás dos olhos, tornando impossível fechá-los mesmo quando o cansaço agarra meu corpo.

Não consigo pensar em nada, a não ser no meu encontro com a ruína.

Meu futuro assombra meu presente — e ele é sinistro.

Preciso passar por outras Provas.

Só que desta vez irei encarar a morte sozinha. O medo se retorce nas minhas entranhas, cutucando o coração que não sei se ainda estará batendo depois disso. Quase morri no Expurgo, mais de uma vez. A ideia de retornar, voluntariamente, para uma sepultura me deixa em pânico.

Pior do que o perigo iminente é a lembrança constante da morte de Adena. Posso ter sobrevivido às últimas Provas, mas a minha luz, não. Minha Adena me deixou e foi enfeitar o céu. E não sei como viver, como sobreviver, sem tê-la ao meu lado.

O suor umedece minha testa enquanto o pânico toma conta. Não posso voltar. Não posso perder mais daquele calor que Adena plantou dentro de mim.

E se eu for obrigada a matar? A cobrir minhas mãos com mais sangue?

Não sei do que sou capaz sem ter a luz de Adena para espantar minha escuridão.

Essas Provas podem exigir qualquer coisa de mim, mas é apropriado que os três *B*s com que serei testada pertencessem ao rei que eu matei. É irônico que agora eles se tornem o caminho para eu provar que sou capaz de governar o reino que ele construiu — ou melhor, reconstruiu.

Rolo o corpo, cuspindo fios de cabelo desgarrados presos na boca. Meus olhos se fecham com força enquanto tento pela última vez encontrar o sono.

Depois de dez batidas preguiçosas do coração eu me arrasto para fora da cama.

Minha mente anseia por uma distração dos pensamentos ensurdecedores. E meu corpo cansado está ávido para se mexer. Ou talvez eu esteja cansada de me sentir inútil, presa nessa vida que não sei como viver. Pela Peste, eu estava começando a descobrir como viver a vida miserável que eu tinha antes de tudo virar uma bosta.

De repente estou andando por um corredor escuro, os braços cruzados sobre a blusa fina que estou usando. O máximo que fiz antes de sair do quarto foi calçar as botas. Teria sido uma boa ideia trocar de roupa antes dessa escapada impulsiva, mas já estou chegando à porta que sei que leva ao pátio de treinamento.

Os guardas ali se remexem com os pés cansados ao me ver, as máscaras incapazes de esconder o desdém evidente. Eles sabem que não devem ficar no meu caminho, não com o anel que cintila no meu dedo. Assim, de cabeça teimosamente erguida, passo por eles e atravesso a porta.

A noite está mais fria do que eu tinha previsto, cada sussurro do vento arrepiando a pele dos meus braços nus. O luar ilumina o caminho há muito desgastado. Seguindo-o, levanto os olhos para o céu preto e salpicado de estrelas. Elas parecem piscar para mim, inclinando-se para ajudar a guiar meus passos.

O primeiro círculo de terra aparece, encoberto por sombras. Sigo o caminho, deixando-o me levar entre os círculos de treinamento. Uma chama tremeluzente inunda o círculo mais distante e ilumina uma

sombra formidável, afiada como a espada que ele segura. Sei quem está naquele halo de luz.

Mas quando uma segunda figura entra em foco ao lado dele, hesito.

— … não consegui dormir, mas parece que você também não.

Kitt.

Prendo a respiração.

Eu preferiria não deixar que meu noivo soubesse que eu vim aqui para me encontrar com o irmão dele.

Com isso em mente, me agacho e vou em silêncio até um círculo ao lado dos irmãos. As sombras me escondem até eu chegar atrás do suporte de armas. Soltando o ar, espio por entre os muitos buracos irregulares da parede de madeira, com o olhar se estreitando na direção do rei e seu Executor.

— Achei que encontraria você aqui — dizia Kitt. — É bom voltar a esse pátio de treinamento com você. Como nos velhos tempos.

— Se fosse mesmo como nos velhos tempos, você já estaria esparramado no chão.

Kitt gargalha, um som tão genuíno que quase me assusta. É como se, de repente, eu estivesse de novo ao lado daquela fonte no jardim, descaradamente molhando um príncipe com jeito de menino.

— Você acha que ainda consegue me derrotar, irmão? Nós não lutamos desde que você encontrou uma parceira melhor.

As pontas das minhas orelhas queimam.

— Qual é, Kitt. — O tom do Executor é enganosamente casual. — Isso foi durante as Provas do Expurgo. Faz um bom tempo que as coisas não estão assim. — Apesar de saber a verdade do nosso relacionamento, o tom despreocupado de Kai ainda consegue me incomodar. — Além disso — ele suspira —, é você que vai se casar com ela.

E ali está aquela pontada de ciúme.

— É o que precisa ser feito. Você entende. — Kitt passa a mão pelo cabelo, parecendo mais novo ao lado do irmão. — Pelo reino. E por nós.

Kai contém uma risada.

— Por nós?

— Sim. — É uma palavra simples, mas demonstra um enorme desafio por parte do rei. — Sei que o seu relacionamento com nosso pai era tenso. Mais do que tenso. — Ele corrige rapidamente. — Não quero isso para nós. O que quero é que sejamos irmãos de novo, sem que ordens que você detesta sejam enfiadas entre nós. E com o reino de Ilya que estou reconstruindo, você não precisará mais caçar Comuns. — Conhecendo o irmão melhor do que a maioria das pessoas, Kitt tranquiliza: — Não vou fazer você machucar ninguém.

Não consigo ver o rosto de Kai à luz trêmula das tochas, mas sei que a gratidão pinta as feições dele.

— Obrigado, irmão.

Kitt confirma com a cabeça, sério, sem dizer nada por um longo momento.

— Mas depois das bombas no desfile, fui aconselhado a garantir que nosso exército esteja preparado para qualquer ameaça que surja. Especialmente agora que as fronteiras foram abertas. Você sabe como papai afrouxou os treinamentos no decorrer dos anos.

— Ele não achava que a gente precisaria travar muitas batalhas.

Minhas pernas doem por estar ajoelhada no chão duro, mas não ouso me mexer, tão perto do Executor. Fico olhando Kitt esmagar, distraído, torrões de terra embaixo do sapato.

— Qualquer coisa poderia acontecer agora. Assim, preciso que você concentre a atenção em reconstruir nossas forças e treinar novos recrutas.

— Novos recrutas?

Consigo vislumbrar o sorriso que transforma o rosto cansado do rei.

— Quero que você treine os Comuns.

Meu coração para por um segundo.

— Depois do atentado com bombas — prossegue Kitt — ficou claro como eles são realmente vulneráveis neste reino…

— Não brinca — ofego, imprudente, na escuridão.

— … por isso quero oferecer a eles a chance de se defenderem. — O rei respira fundo. — Eles vão treinar com você, ao lado dos outros Imperiais.

— Você… está falando sério? — Kai tropeça nas palavras, contendo uma risada chocada. — Não brinca comigo, Kitty.

— Eu nem sonharia com isso. — Kitt ainda ri, parecendo iluminar a escuridão. — E já tenho alguns Comuns pra você. Os poucos que nós capturamos na Arena depois da terceira Prova.

O choque me domina.

Ele não matou os Comuns.

Kai ecoa minha surpresa.

— Eles ainda estão nas masmorras?

— Eu não sabia o que fazer com eles. — Pelo som que escapa da sua garganta, parece que Kitt está encolhendo os ombros. — Mas, depois do atentado, parece que é hora de eles serem libertados e treinados.

O Executor balança a cabeça.

— Você vai mesmo fazer isso? Deixar que eles fiquem livres depois do que aconteceu?

— Ah. — Kitt solta uma risada sem humor. — Acho que vou.

Com um tapinha no ombro do irmão, Kai murmura:

— Estou orgulhoso de você. E é uma honra ajudar a reconstruir e proteger este reino ao seu lado.

Os dois se encaram, parecendo intocados desde o dia em que os conheci. Neste momento, o vínculo entre eles é parecido com aquele que pensei ter arruinado. E a percepção de que eles são mais fortes do que a minha vingança me faz sorrir.

— Você e eu, irmão. — Kitt dá um passo atrás, devagar. — Sempre.

Quando ele volta para o caminho, sou obrigada a apertar as costas contra o suporte das armas e imploro em silêncio que as sombras me cubram do canto da sua visão. Não respiro enquanto meu noivo passa, nem mesmo quando as palavras de Kai o fazem parar.

— Tente dormir um pouco.

Kitt sorri para seu Executor.

— Primeiro você, Kai Cai.

Espero até muito depois de o rei desaparecer e meu coração bater mais devagar. Ficando de pé com as pernas doloridas, vejo Kai girar uma espada, um movimento fluido e preciso. Suas costas estão voltadas para mim, nuas e salpicadas pelas sombras quando piso na borda do círculo. Quando ele se vira para me encarar, fico ligeiramente ofendida pela falta de surpresa com minha presença.

— Não conseguiu dormir sem mim? — provoca, com a espada brilhando à luz tremeluzente.

Franzo a testa.

— Como você sabia que eu estava aqui?

— Eu sabia que você não conseguiria ficar longe de mim por muito tempo.

— Não seja presunçoso. — Cruzo os braços, de repente consciente demais da blusa fina. — Como você sabia?

Ele inclina a cabeça, inseguro.

— Acho que consigo sentir você, de certa forma. É estranho, mas a escuridão me ajuda a focar. Tudo fica mais nítido. — Kai balança a mão, como se quisesse retirar as palavras que acabou de dizer. — Eu simplesmente sabia.

— Humm. Mais uma vantagem de ser Notável — respondo, num tom agridoce.

Ele balança a cabeça.

— Bom, imagino que você tenha ouvido tudo, não é?

— Ouvi. Achei melhor ele não me vir aqui com você. — Bato o pé num ritmo constante no piso. — Isso é bom, não é? Eu achei que ele tinha matado aqueles Comuns da Arena.

Kai passa a mão pelos cabelos revoltos.

— Parece bom. *Ele* parece bom. Eu não esperava que quisesse treinar Comuns.

Concordo, distraída, a mente numa confusão de cacos quebrados. Perdida em pensamentos, quase deixo de ouvir as palavras maliciosas de Kai.

— O desejo ardente de me ver acordou você?

Lentamente, diminuo o espaço entre nós, entrando em silêncio no círculo. Meu sorriso é afiado.

— Não, mas a vontade súbita de bater em você sim.

Ele chega mais perto, o peito nu quase roçando no meu.

— Se quiser pôr as mãos em mim, é só dizer.

Uma gota d'água cai do céu escuro, batendo no meu ombro descoberto. Ele a espia rolando na pele antes de limpá-la com o polegar. Sua mão áspera roça no meu braço, deixando uma trilha de arrepios.

Levanto a mão, os dedos se arrastando na barriga de Kai. Isso parece assustá-lo a ponto de Kai prender o ar rapidamente, e o som me faz abrir um sorriso satisfeito. Toco-o mais para cima no abdome, acompanhando cada saliência e reentrância de músculos. Parece que ele parou de respirar.

Ergo os olhos na direção dos dele, e o que quer que Kai veja no meu olhar o faz me encarar como se eu já tivesse me tornado sua rainha. E alguma parte possessiva em mim fica desesperada para ordenar que ele jamais olhe para outro lugar.

Meu toque viaja preguiçoso, subindo pelo seu peito, os dedos delineando a tatuagem sinuosa acima do coração que bate forte. O céu continua chorando lá em cima, nos salpicando de chuva. Mas Kai mal parece notar, com a atenção totalmente voltada para a minha mão que envolve seu pescoço.

Sua espada cai ruidosamente no chão. De repente, braços fortes envolvem minha cintura antes que outra gota de chuva possa cair. Estou sendo puxada para perto, grudada em seu corpo rígido. Inclinando meu queixo, Kai murmura contra meus lábios:

— Minha linda Pae. Diga que sentiu minha falta.

Nossos lábios se roçam e eu sinto o gosto de seu desespero por mim. Sorrio.

Minha resposta é enganchar rapidamente o pé atrás do dele. Com um puxão firme, faço uma coisa que poucas pessoas conseguiram.

Jogo o Executor esparramado no chão.

Minha voz paira na noite como a nuvem de poeira entre nós.

— Senti falta de chutar o seu rabo.

— Estranhamente — diz Kai, com um sorrisinho —, eu também.

Ele tenta me puxar para baixo, mas eu me afasto, gargalhando.

— Preciso treinar para mais Provas. Então, chega de distrações.

— Foi você que começou, Gray. — Kai parece contente em olhar o céu estrelado, mesmo enquanto a chuva continua caindo. — Eu estava tentando manter as mãos longe.

— Bom, não faça isso — ofereço. — Lute comigo.

Minhas palavras fazem com que ele se sente, solene, ignorando meu pedido.

— Odeio que esteja sendo jogada de volta nisso. — Sinto sua cabeça balançar. — Você jamais deveria ter concordado com essas Provas.

— Ah, foi bom poder escolher, dessa vez. — Engulo minha amargura. — Além disso, era o único modo. Quero dizer, você viu como a corte reagiu…

— É, porque eles querem ver você morrer.

Kai se levanta do chão, erguendo-se rapidamente.

— E é por isso que eu não vou morrer — digo, com muito mais confiança do que sinto. — Preciso fazer isso. E, se eu morrer, me torne um mártir.

— *Mártir*, Paedyn? — Sua risada é desprovida de humor. — Você ao menos ouviu o que disse? Parte de você já desistiu antes mesmo de começar.

— Não estou desistindo, estou sendo realista. — Minhas palavras saem tensas. Fico pasma, vendo a rapidez com que o tom da conversa mudou. — Eu poderia morrer…

Ele acaba com a distância entre nós, apertando as palmas das mãos ásperas no meu rosto.

— Então danem-se as Provas. Pae, me deixe obrigar cada pessoa deste reino a se ajoelhar diante de você.

— Agora a coisa é muito maior do que eu. — Balanço a cabeça. — Preciso fazer isso.

Suas mãos escorregam do meu rosto, molhadas de chuva.

— Assim como precisa se casar com o Kitt?

As palavras me acertam com força, como se estivéssemos lutando com os punhos. Dói ver a expressão dos seus olhos, uma que implora por um final diferente, mais feliz, para a nossa história.

— É — sussurro. — Assim como eu preciso me casar com o Kitt.

Kai solta o ar lentamente, para se acalmar. Vejo-o recuperar a compostura que lhe escapava. Suas palavras seguintes são bruscas, entrelaçadas com a derrota:

— Ótimo. Parece que você já decidiu qual é o seu destino. E eu não estarei nele.

— Mas eu quero que você esteja — me obrigo a dizer. — Só precisamos ter cuidado. Kitt não pode nos ver juntos. Isso… isso só vai deixar tudo mais complicado.

— Certo. — Ele se enrijece ligeiramente. — Fingir.

— E, se eu quiser sobreviver a isso, preciso treinar — acrescento depressa.

Kai dá um passo para trás, balançando a cabeça. O movimento é mais aterrorizante do que se ele brandisse uma espada contra mim.

— Se quer que eu lute contra você, não vou fazer isso, Paedyn. Naquele campo de papoulas eu disse que nunca mais faria isso. Que, quando eu pusesse a mão em você, seria apenas numa carícia. — Gotas de chuva pingam dos seus cílios, mas ele não ousa piscar enquanto murmura: — E planejo cumprir essa promessa.

Um longo momento se arrasta entre nós, enquanto tento avaliar o quanto ele gosta de mim. E nada jamais pareceu tão certo, prometer nunca lutar de novo contra o Executor. Assim, sorrio para ele, com uma gota de chuva escorrendo pelo nariz enquanto tento provocá-lo.

— Se você se cansou de ter o rabo chutado, é só dizer.

O canto da boca de Kai se curva para cima, mesmo contra a vontade.

— Ah, é isso que você acha?

— Digamos que eu consigo sentir. — E me inclino para perto, sussurrando: — Sou meio Psíquica.

A última coisa que vejo é a cabeça dele balançando antes que o mundo vire de ponta-cabeça. Solto um guincho quando Kai me joga no ombro, o cabelo pendendo e o rosto virado para o círculo agora enlameado.

— Sentiu que isso ia acontecer, Pequena Psíquica? — grita ele por cima do ombro em que estou pendurada.

Solto uma risada, mesmo contra a vontade, o corpo balançando a cada passo dele.

— Aonde você está me levando?

Estou sem fôlego e segurando o cós da sua calça como se isso fosse salvar minha vida.

Kai fica em silêncio durante vários passos.

— Para algum lugar onde nem o futuro possa nos encontrar.

Dou um sorriso triste.

— O salgueiro?

— O salgueiro.



CAPÍTULO 13



Paedyn

— E , de novo: como, exatamente, isso aconteceu?

Levanto os olhos, sentada na beira da cama, lutando para calçar os sapatos. Com o cabelo cor de vinho caindo sobre os olhos, Andy observa a porta que no momento está no chão. E quando aquele olhar cético, cor de mel, vem até o meu, as sobrancelhas finas se franzem.

— Houve… — Me esforço para formular uma sequência convincente de palavras. — Uma emergência. Mais ou menos.

— Sei. — Ela pousa a mão no cinto de ferramentas. — Bom, a porta deve estar presa de novo nas dobradiças antes de você voltar do jantar.

Sorrio, aliviada.

— Obrigada, Andy.

Ellie anda com rapidez pelo quarto atrás de mim, juntando as roupas espalhadas no chão. Demoramos um tempo insuportavelmente longo escolhendo alguma coisa para eu usar no jantar com o rei. Na verdade, o nervosismo ultrajante no meu estômago fez com que eu empacasse com uma preocupação repentina com relação à minha aparência.

Paro, pensando nisso, alisando o tecido verde grudado no corpo. Ele é fluido, amarrado nas costas de um modo que dificulta minha respiração. Tentando evitar me preocupar com isso, vou até onde Andy está agachada, junto ao portal.

Vejo-a manipular as dobradiças soltas, torcendo várias ferramentas em volta dos parafusos. Ela me deixa observar, sabendo bem que eu deveria estar a caminho da sala do trono para jantar com seu primo. Em vez disso, pergunto:

— Você gosta de fazer isso? De ser uma faz-tudo no castelo?

Andy prende uma mecha de cabelos atrás da orelha.

— Não me imagino fazendo outra coisa. É… gratificante, de certa forma. — Ela dá um sorriso por cima do ombro. — Consertar coisas quebradas.

Emito um som baixo, em dúvida. A argola de prata em seu nariz brilha quando ela se vira com um olhar questionador.

— O quê? Isso surpreende você?

— Não. — Dou de ombros. — É só que… você tem tanto poder. — Meu olhar vai rapidamente até os cabelos de Andy, me lembrando de cada criatura cor de vinho em que a vi se transformar. — No entanto, você se contenta com…

— Ser uma faz-tudo insignificante? — completa ela, rindo. — A maioria das pessoas fica chocada. Mas, na verdade, a maioria não percebe que na vida existem coisas mais importantes do que o poder.

Meu sorriso é fraco.

— Existem?

Andy inclina a cabeça, um gesto parecido demais com o do seu primo de cabelos escuros.

— Achei que você, mais do que qualquer outra pessoa, entenderia isso.

Balanço a cabeça com um sorriso triste.

— Para você, existem coisas mais importantes na vida do que o poder, mas porque você o tem. — Meu olhar vaga pelas paredes enquanto o dela permanece fixo em mim. — Mas, para mim… minha vida sempre teve a ver com poder. E com a tentativa de sobreviver sem ele.

Quando volto meus olhos para ela, vejo o pequeno gesto de concordância.

— Bom, com certeza você enganou todos nós. — Ela dá um sorriso torto. — Fico impressionada.

— Não fique. — Outro sorriso fraco surge dos meus lábios pintados de vermelho. — Eu só estava tentando escapar das Provas. E agora voltei para elas.

Andy se levanta, inspecionando as outras dobradiças.

— Você vai ficar bem. Vai sobreviver a essas Provas… — Seus olhos cor de âmbar encontram os meus, travessos. — E terá o seu poder. Será a rainha de Ilya.

Examino-a, procurando algum tipo de desconfiança ou amargura depois dessas palavras, mas não vejo nada além de uma indiferença pintando suas feições definidas. É um alívio olhar para uma pessoa e não ser encarada de volta com ódio.

Balanço a cabeça num agradecimento que não consigo verbalizar, antes que meus pés encontrem o caminho passando por ela até o corredor.

— É bom ver você de novo, Andy.

— É bom ver você também. — Ela está procurando outra ferramenta no cinto quando eu me viro para longe. — Ah, Paedyn? — Eu me volto para Andy, o vestido farfalhando na altura dos tornozelos. As sobrancelhas dela baixam um pouquinho sobre os olhos subitamente sérios. — Não o magoe. Ele não pode se dar ao luxo de desmoronar outra vez.

Engulo em seco e assinto devagar.

— Não planejo fazer isso.

Andy parece satisfeita com essa resposta e se vira com um pequeno sorriso. Faço o mesmo e sigo pelo corredor, o peito apertado no vestido. Passo a mão pelo cabelo ondulado que se enrola na orelha, andando rapidamente pelo tapete felpudo.

Uma cabeleira ruiva e familiar vira a esquina antes de alinhar os passos aos meus. Mal olho para o Imperial mascarado.

— Você não deveria estar vigiando certa assassina?

— É — zomba ele. — Para *você* não a assassinar.

Meus olhos encontram os de Lenny.

— Bom, agora ela está sozinha.

— Mas você, não.

Viro para outro corredor longo.

— O que você está fazendo aqui, afinal?

Ele leva a mão ao peito, fingindo ofensa.

— Não tenho o direito de visitar você, princesa? Senti muito a sua falta. — Lanço-lhe um olhar que exige a verdade. — Certo, eu precisava dar uma mijada. O que não significa que eu não teria vindo encontrar você.

Luto contra um sorriso, sem muito empenho.

— Bom, eu estou indo jantar com o rei, então não precisa se preocupar com a possibilidade de eu assassinar alguém esta noite.

— Isso me tranquiliza muito — diz ele, ríspido. — E você não quis dizer que ia jantar com seu *noivo*?

— Certo — murmuro. — Esqueci que nós somos um casal feliz.

— Seja boazinha, princesa. — Lenny me guia para as enormes portas da sala do trono. — Você ainda não é a rainha dele.

Ajeito a saia do vestido com as mãos, que se recusam a ficar paradas.

— E talvez nunca seja.

Diminuímos o passo junto às portas e, antes que Lenny possa me convencer de que tudo vai ficar bem, puxo-o num abraço. Ele só hesita por um momento, depois retribui com força.

— Vejo você depois das Provas — sussurro, nem que seja para convencer a mim mesma disso.

Depois de longos segundos, eu o solto. E quando assinto para os guardas que esperam, as portas se abrem.

A sala do trono aparece à minha frente, delineada pelas mesmas colunas brancas dentre as quais estive mais de uma vez. Levanto o queixo, andando sozinha em direção à enorme mesa no centro.

Pela primeira vez estou aqui por vontade própria, e existe poder na escolha.

O rei está sentado na extremidade da enorme mesa, o cabelo louro desgrenhado e os olhos verdes tomados pela fadiga. Ele oferece um pequeno sorriso enquanto me aproximo.

— Boa noite, Paedyn.

— Boa noite — cumprimento, os olhos se voltando para a quantidade de pergaminhos que Kitt empilha ao lado do prato. — Estou interrompendo seu trabalho?

— Não, não é nada urgente — responde ele, sem dar importância. Observo-o entregar a pilha de papéis a um serviçal que se afasta rapidamente. — Vim de uma reunião com os Eruditos.

— Eruditos? — Paro junto à mesa. — Eles com certeza estão ansiosos para aconselhar você sobre como este reino deve ser governado.

— Com certeza — zomba o rei.

Não posso deixar de admirar sua resiliência diante das pessoas que tiram sarro dela. Kitt mudou desde que eu rasguei as costuras da sua vida. Agora, com egoísmo, espero que ele me deixe voltar para essa criatura cuidadosamente remendada que se tornou.

Pouso o olhar na comida colocada à nossa frente. O prato que me espera está na extremidade oposta da mesa, a metros de distância de nós.

Devo ter deixado a confusão transparecer na minha expressão, porque Kitt suspira.

— É assim que as refeições da realeza normalmente acontecem.

Nada em seu tom sugere um desejo de que as coisas sejam de outro modo, uma percepção que gera um aperto no meu peito. Não quero que nossa vida seja feita de conversas distantes e olhares esquivos. Se devemos reconstruir o reino destruído por um tirano, quero que façamos isso juntos e sem má vontade.

— Isto é ridículo — digo, em tom casual, antes de pegar minha cadeira e levar até ele.

Sua expressão se altera o bastante para retratar uma leve insegurança.

Eu nos tornei assim. Estraguei o relacionamento que ele cultivou de modo meticuloso. Por isso, sou eu que humildemente estendo um ramo de oliveira e levanto uma bandeira branca entre nós.

Quando chego ao espaço ao lado dele, deixo as pernas da cadeira baterem no piso de mármore com uma pancada que ecoa.

Kitt levanta uma sobrancelha.

— O que está fazendo?

— Era assim — digo, sinalizando para a extremidade oposta da mesa — que as coisas eram feitas, mas nós estamos mudando as coisas, não estamos?

— Estamos. — De modo impressionante, Kitt muda de assunto com um gesto na direção das pilhas de comida diante de nós. — Por favor, me ajude a comer um pouco disso.

Solto o ar dos pulmões.

Ele não vai facilitar para mim.

Quando o rei estende a mão para uma colher enterrada pela metade na tigela de ervilhas, uma serviçal se afasta apressada da parede para me ajudar. Eu nem tinha percebido os vários pares de olhos enfileirados no salão até que, educadamente, Kitt a dispensa.

Como deixei meu prato e meus talheres do outro lado dessa mesa enorme, me levanto para pegá-los, mas uma serviçal é mais rápida. Ela muda minha colher de lugar sem dizer uma palavra, assentindo em resposta ao meu agradecimento.

— Obrigada, Mandy — Kitt murmura. — Vamos nos servir pelo restante do jantar.

O nome da mulher na ponta da língua dele faz meu peito se apertar. Eu tinha esquecido como Kitt conhecia bem os funcionários, como se importava com cada serviçal dentro do castelo. Sentada ao lado dele, quase posso ver o amigo que eu conhecia antigamente. Aquele que eu traí.

Tento falar em um tom descontraído que já não é familiar.

— Isso parece delicioso.

Parece que sou incapaz de ter uma conversa decente.

Kitt coloca uma porção generosa de purê de batata no seu prato.

— Gail sabe que essa é a minha comida predileta, e vem fazendo-a há semanas. — Ele põe um bocado na boca, e em seguida balança rapidamente a cabeça, satisfeito. — Mas eu definitivamente não reclamo.

Remexo minha comida, mesmo enquanto meus olhos permanecem teimosamente voltados para ele.

— Ela deve ter ficado muito preocupada com você — digo baixinho. — Ouvi dizer que você… não estava bem. — Quando o rei me encara, acrescento depressa: — O que é compreensível e definitivamente minha culpa, mas…

Sua risada interrompe minhas palavras.

Ele está rindo.

Não é um som exatamente alegre, e sim algo à custa de outra pessoa. Não se parece nem um pouco com a risada que eu testemunhei entre ele e Kai. O som termina com uma leve tosse.

— Tudo bem, Paedyn. Eu já deixei isso pra trás.

Eu me esforço para acalmar as mãos inquietas.

— Mas não me perdoou.

O silêncio cresce entre nós.

Seu garfo faz barulho ao bater na louça. Enrijeço a postura ao ouvir o som, vendo o rei apoiar os cotovelos na mesa, inclinando-se para perto.

— Eu quero que isso funcione — murmura ele por fim, o olhar grudado no diamante reluzente em meu dedo. — Isso precisa funcionar. Por Ilya. Por todo mundo. Mas não significa que precisemos ser mais do que somos agora um para o outro.

Minha decisão se fortalece diante da falta de consideração de Kitt por nosso relacionamento estagnado.

— Não. Não, eu não vou aceitar isso. — Sua sobrancelha se franze enquanto continuo desafiando: — Quero consertar as coisas. Nós. Nós éramos… próximos. E sei que a culpa de não sermos mais é minha, mas se vamos passar o resto da vida juntos, podemos muito bem tentar aproveitar.

Kitt se recosta na cadeira, prolongando ainda mais o silêncio constrangedor com um longo gole de sua taça. Por fim, ele se digna a murmurar uma sequência de palavras arrepiantes.

— Você já tem o Kai. Por que se incomoda em levar adiante nosso relacionamento?

Meu coração bate forte contra o peito apertado. Xingando em silêncio esse maldito vestido, consigo dizer, rouca:

— Não é com Kai que eu vou me casar.

— Mas ele gostaria que fosse.

Abro a boca. Fecho. Tento de novo.

— É disso que se trata? De qualquer… proximidade que você acredita que eu tenha com o Kai?

— Eu conheço meu irmão, Paedyn. — Suas palavras saem tensas. — Melhor do que já conheci qualquer outra pessoa. Não pense que eu

não notei os sentimentos reprimidos que ele tem por você. Mesmo depois de tudo.

Na voz de Kitt há uma amargura que me obriga a fazer uma pausa. É do tipo que costuma vir acompanhada de ciúme e desejo silencioso.

O olhar do rei me percorre, e minha garganta fica seca.

Pensamentos dão voltas na minha cabeça, cada um mais absurdo que o outro. Não é possível que Kitt ainda tenha sentimentos por mim. Não depois do que eu fiz. Mas suas palavras, o olhar penetrante que me despe, dizem outra coisa.

— É por isso que você me afasta? — ofego. — Por causa do Kai?

Ele quase ri de novo.

— Algo assim.

— Você não quer magoar seu irmão… ficando comigo. — Balanço a cabeça e me esforço para juntar as peças desse jogo perigoso que Kai e eu pretendemos jogar. — Mas não tem por que se preocupar, Kitt. Qualquer coisa que tenha existido entre mim e o Executor terminou quando ele me arrastou de volta para cá. Obedecendo a ordens suas.

O rei respira fundo, talvez aliviado pela lembrança da obediência do irmão.

— É, não posso dizer que não fiquei um pouco surpreso quando ele trouxe você de volta pra mim. — Seus olhos verdes assumem uma expressão objetiva. — Ele era seu, por inteiro.

Engulo em seco.

— Não mais.

Finja.

Finja que o Executor não tentou me libertar antes da nossa caminhada até o castelo. Finja que o tempo que passamos juntos não nos aproximou de um jeito irreparável. Finja que ele não é o destino que eu, tola, esperava merecer.

Kitt sorri, mais à vontade do que conseguiu sorrir desde a minha chegada.

— O tempo dirá.

— Eu quero merecer o seu perdão, a sua confiança.

Minha mão encontra a dele, surpreendendo nós dois. Eu não tinha planejado esse movimento, mas aqui estou, com os dedos em sua pele.

— Me deixe tentar.

Os olhos do rei ainda estão voltados para nossas mãos dadas quando ele assente.

— Acho que é justo lhe oferecer essa chance.

— Obrigada.

Com um pequeno sorriso, ele olha de volta para o prato com a comida esfriando à minha frente.

— Agora coma, por favor. Você precisa de toda a energia possível para a Prova de amanhã.

Aliviada por estarmos falando com menos formalidade, gemo enfiando uma garfada de purê de batata na boca.

— Nem me lembre.

— Vai dar tudo certo. — Kitt pega um pedaço de presunto. — O povo de Ilya vai ficar impressionado.

Eu bufo.

— Só se eu morrer. Talvez eles até aplaudam.

— Mesmo se você morrer, não haverá ninguém lá para aplaudir.

O garfo paira na frente da minha boca.

— Como assim?

— Como aconteceu nas Provas do Expurgo, essas não vão acontecer na Arena — comenta ele, num tom gracioso. — Bom, pelo menos não todas.

— É mesmo? — Meu estômago embrulha. — Os Visores vão ficar grudados nos meus calcanhares?

Kitt leva a taça de vinho aos lábios.

— Talvez sim. Talvez não.

— Bom, se a corte arranjou essas Provas para mim, só posso imaginar que vão ser perigosas.

Aqueles olhos verdes examinam meu rosto, e quando finalmente os encaro, o que vejo é uma mistura contraditória de emoções.

— Os dois marcos territoriais em que você ainda não teve uma Prova — revela, finalmente. — É pra lá que você vai.

Baixo o olhar até o peito dele, onde sei que o brasão de Ilya está gravado na pele por baixo da camisa de colarinho. O losango de lado representa os quatro marcos territoriais que nos cercam — em dois deles eu já sobrevivi durante as Provas do Expurgo. Com isso restam…

— O Deserto Escaldante e os Baixios.

Ele confirma lentamente.

— O deserto e o mar.

— Fantástico — digo, animada. — Eu mal sobrevivi ao deserto da primeira vez.

Kitt cruza os braços esguios e acrescenta:

— Essa primeira Prova tem a ver com bravura. E o medo se manifesta de inúmeras formas.

Estudo sua expressão impassível até que uma pergunta apressada surpreende minha língua.

— Que medo testaria você nessa Prova de bravura?

— Isso é meio pessoal.

O rei diz isso com um tom levemente acusatório, apesar da expressão divertida.

— Essa é a intenção — contraponho.

— O fracasso — confessa, enfim. — A insignificância.

Não lhe digo que isso faz todo o sentido, considerando o modo como ele foi criado. Em vez disso, estendo um ramo de oliveira na forma de entendimento.

— Esse é um medo admirável.

Ele solta o ar com força, e acho que isso pode ser uma risada disfarçada.

— E o seu?

Dou de ombros.

— São muitos pra contar.

— Não parece. — Kitt toma um gole de vinho. — Nem mesmo quando você estava nas Provas do Expurgo.

— Sou boa em fingir.

— Eu percebi.

As palavras escapam da minha boca, em resposta às dele.

— Mas não estou fingindo que sou sua amiga, e vou continuar tentando provar isso até você dizer que acredita.

Há uma pausa longa.

— Está bem.

— Está bem — repito, séria.

O rei abre um sorriso. Eu sorrio de volta.

Neste momento, vejo o futuro que poderíamos ter — um vislumbre do garoto que jogava chocolates na minha boca e ajudava a catar cada um que eu deixava cair no chão.

Vejo amizade, não amor.

Não, amor é o que eu vejo quando olho para o irmão dele.

Passo o garfo no monte de purê de batata em meu prato.

— Seria este um momento horrível para dizer que nunca gostei muito da sua comida predileta? — As sobrancelhas erguidas dele me fazem tentar consertar o que acabei de dizer, numa tentativa tola: — Tem a ver com a textura.

Kitt se inclina para trás, balançando a cabeça.

— Você não está se ajudando, Paedyn.

Não contenho a risada a tempo.

— Ah, então o imperdoável é eu não gostar de purê de batata?

— Infelizmente, sim.

Balançando a cabeça, levanto uma garfada de purê entre nós.

— Ótimo. À minha aversão por purê de batata. Que esse seja o nosso maior problema.

Isso me rende um rápido sorriso. Ele bate seu garfo no meu e ecoa:

— Que esse seja o nosso maior problema.

CAPÍTULO 14

Kai

Ando entre os círculos de treinamento, as mãos cruzadas casualmente às costas.

Corpos suados lotam o pátio, alguns lutando enquanto outros gemem na sequência de exercícios que eu os obriguei a fazer. Examino a extensão de terra e grama arrancada, acompanhando os movimentos dos que estão ao meu redor. Estendo a mão rapidamente, levantando o cotovelo de um Robusto enquanto passo.

— Fique com as costas retas. Levante mais a espada.

O Imperial assente antes que eu continue, pegando um Relâmpago antes que ele trombe numa besta carregada ou um Cultivador ansioso para virar pelo avesso meu pátio de treinamento.

Parece que meus soldados estão sem prática.

Meu pai garantiu que a maior parte do meu tempo fosse gasto caçando Comuns. Mas, uma vez que Kitt me liberou dessa tarefa horrenda, agora posso me concentrar em exaurir meus homens até entrarem em forma.

— Não me importa se vocês são os Notáveis mais fortes daqui — grito, parado no centro do caos. — Quero que aprendam a lutar sem habilidades. — Aponto para um Imperial particularmente imundo. — Alargue a base da postura. E você… — Entro num círculo, levantando o antebraço de um Concha. — Proteja o rosto, sempre. Neste momento, você não é feito de pedra.

Passei o dia inteiro gritando variações dos mesmos comandos. A cada duas horas um novo grupo de soldados entrava no pátio, substituindo os que deixei exaustos. Os Comuns estão espalhados entre os Notáveis e logo são reconhecidos pelo grupo. Tímidos e inseguros de cada movimento, parecem aterrorizados com a possibilidade de errar. Nas últimas horas, percebi que é melhor separar esses Comuns dos Notáveis provocadores. Pelo menos até eu estar confiante de que eles conseguem usar uma espada.

A escuridão se espalhou no céu antes de eu finalmente voltar ao castelo.

Estou cansado e com fome, mas acima de tudo estou pensando nela.

Meus pés são rápidos em encontrar o caminho até os aposentos da rainha. Parece errado, mas é totalmente adequado que Paedyn o ocupasse. Os corredores estão silenciosos, as sombras densas e…

A porta está no lugar.

Eu não deveria me surpreender, considerando que fui eu que disse a Andy que a porta precisava de conserto. Pensando no trabalho árduo que ela teve, bato de leve na madeira, em vez de arrancá-la das dobradiças com um chute.

Ouço passos se aproximando do outro lado da porta. Fiquei muito bom em memorizar cada som que ela faz. Cada risada brotando da garganta, cada arrastar dos pés, cada suspiro de encontro à minha boca.

A porta se abre e aí está ela. Uma blusa grande pende do ombro bronzeado, com a bainha quase cobrindo o short de seda que expõe a extensão das pernas. O cabelo curto está úmido, a pele doce com os restos de óleos de banho. Inalo o cheiro dela enquanto meu olhar percorre a figura familiar à minha frente.

Paedyn põe a cabeça para fora da porta com uma expressão subitamente ansiosa.

— Você não deveria vir aqui — sussurra Pae no quarto silencioso.

Então, sem dizer mais nada, estou sendo puxado para dentro.

Fecho a porta com um chute.

— Onde mais eu estaria?

— No seu próprio quarto?

— Meu quarto não tem você. — Um sorriso me escapa. — Por isso estou no seu.

Ela balança a cabeça, incrédula.

— Seu babaca insuportável e metido a besta.

Envolvo sua cintura com um braço para puxá-la para perto. Meus dedos dão um peteleco na ponta do seu nariz, a voz se suavizando até um sussurro.

— E minha bela… — beijo-a gentilmente, sentindo sua boca se entregar à minha — ... bela Pae.

Paedyn puxa minha camisa, comprimindo os lábios contra os meus. Eu me afasto da porta antes de empurrá-la para dentro do quarto. Esse beijo é cheio de desejo e dor. É feito de cada momento em que não pude tocá-la, de cada momento em que a quis para mim, mas me obriguei a não tomar nenhuma atitude a respeito.

Seus lábios são macios como a pele que minhas mãos buscam. Sinto um tremor descer pelas costas de Pae quando meus dedos se enrolam no seu cabelo úmido.

— Você não deveria estar aqui — lembra ela de novo, mal conseguindo verbalizar as palavras.

Minha resposta é um sussurro contra seus lábios.

— Eu sei.

— Alguém pode ter visto você — ofega Paedyn.

— Eu sei.

Suas mãos agarram meu cabelo.

— Sou uma mulher comprometida.

Minha voz está baixa.

— Ah, eu sei.

Meus dedos encontram aquele maldito anel, tirando-o enquanto minha boca se move de encontro à dela. Ela faz um som de protesto contra meus lábios, acelerando meu coração, mas consigo agarrar seu outro pulso que está enterrado no meu cabelo. Antes que Pae possa me impedir, coloco o anel no dedo da sua mão direita.

— Pronto, agora é só um anel. Sem votos.

Ela se afasta com um sorriso que me faz perder o fôlego.

— Ah, é simples assim?

— Poderia ser — digo depressa demais, desesperado demais.

O momento acalorado se apaga entre nós, deixando apenas respirações ofegantes e o lembrete desagradável do nosso futuro. Paedyn se afasta um passo, e depois mais uma dúzia, pelo tapete felpudo. Afastando o cabelo molhado do pescoço, ela pigarreia.

— Kitt está… suspeitando de nós. Acho que é por isso que ele me afasta.

Obrigo-me a rir, zombando, sabendo que a alternativa é muito mais perigosa.

— Porque ele ainda gosta de você.

— Só precisamos ter cuidado — diz Paedyn, com calma. — Não quero dificultar mais as coisas.

Dou as costas a ela, enfiando as mãos nos bolsos. De repente, estou muito interessado nos relevos que enfeitam a porta.

— Então imagino que você tenha falado com Kitt…

— Nós jantamos juntos. — Ela espera uma reação que não ofereço. — Vamos começar a fazer isso regularmente.

— Claro — digo, chateado. — Afinal de contas, reis e rainhas jantam juntos.

O ciúme pesa nas minhas palavras, transparecendo em minha voz a ponto de fazer Paedyn suspirar. Suas mãos seguram meu rosto, então eu me viro para ela.

— Por favor, não me afaste também. Eu não quero isso tanto quanto você.

Consigo assentir antes que Pae dê um peteleco fraco na ponta do meu nariz. O movimento me deixa surpreso e atônito por um momento, como sempre. Mas nunca fica mais fácil me ajustar à alegria que cresce por dentro quando seus dedos batem no meu nariz. Sentir o carinho dela de um jeito tão físico é um privilégio que não mereço.

— Não faça isso — ofego.

— Não fazer o quê?

Baixo a cabeça.

— Me arruinar.

— Achei que era isso que você queria — provoca Paedyn, de um jeito maroto.

— Assim, não. — Prendo uma mecha de cabelos úmidos atrás da orelha dela. — Não com ele.

Uma dor lenta começa a crescer de modo inevitável no meu peito. Sempre vou amar meu irmão, mas não sei se consigo suportar vê-lo envelhecer com ela. A lealdade e o amor já são condenatórios o suficiente quando estão separados um do outro. Agora estão perigosamente emaranhados.

Um olhar demorado, solidário, é tudo que ela oferece.

— Então você veio dizer adeus? — A voz de Pae é suave, a mudança de assunto, nem tanto. — Só pra garantir.

— Não preciso dizer adeus — respondo sem graça. — Porque verei você depois da Prova.

O olhar dela está distante.

— Eu vou para o Deserto Escaldante. Ou para os Baixios. — Fico imóvel ouvindo suas palavras, preparado para perguntar como ela sabe disso, quando a resposta sai de sua boca. — Kitt me contou. Duas das Provas vão acontecer nos marcos territoriais pelos quais eu ainda não passei.

Balanço a cabeça.

— Claro que sim. Eu não deveria me surpreender vendo que a corte jogaria você em algum lugar onde você nunca esteve. — Ela abre a boca, me instigando a acrescentar: — Mas não, não vou dizer adeus, porque você vai ficar bem. A bravura é a menor das suas preocupações.

Paedyn fica em silêncio por um tempo desconcertante até que um sorriso suave encontra o caminho até os seus lábios.

— Quando parti para as Provas do Expurgo, Adena me garantiu que não era um adeus, era só um bom modo de dizer tchau até que eu a visse de novo. — Ela engole em seco. — Era a frase mais ridícula, mas ela disse isso muitas vezes no decorrer dos anos.

Pae emite um som doloroso que só de longe se parece com uma risada. Olho para ela e encontro uma mistura de sofrimento e raiva endurecendo suas feições. Meus dedos levantam seu queixo.

— Então, nas palavras sábias de Adena, isso é simplesmente um bom modo de dizer tchau até… sei lá o quê.

Ela estava rindo antes mesmo de eu interromper a fala. Mas dessa vez é o tipo de som que me faz perder o fôlego, os olhos sem piscar para não perder um único segundo daquilo.

— Até sei lá o quê — repete Paedyn, assentindo.

Sorrio até que o sorriso dela se esvaia, e então rio de novo, com esperança de que o de Pae retorne. Depois de um momento longo demais, finalmente admito o motivo para estar aqui, para começo de conversa.

— Tenho uma coisa pra você.

Uma sombra de ceticismo recai sobre o rosto dela.

— Eu deveria me preocupar?

Baixo a mão até minha bota e, com cuidado, tiro o presente de dentro.

— *Eu* deveria me preocupar. Provavelmente ela vai achar o caminho até o meu pescoço de novo.

A adaga prateada brilha como se estivesse chamando-a.

Os olhos de Paedyn brilham, examinando a lâmina afiada e o padrão de redemoinhos que enfeita o cabo. Ela estende a mão lentamente e segura a lâmina do pai. E, neste único instante, tudo está certo no mundo.

Aí está ela, a Paladina Prateada, diante de mim, com a adaga na mão e um sorriso no rosto.

— Obrigada. — Pae mal consegue pronunciar a palavra. — Achei que nunca mais iria vê-la de novo.

Sorrio.

— Só se esforce para não me abrir ao meio, está bem?

— Você primeiro, príncipe.

Essas palavras têm a intenção de provocar, mas em vez disso meu olhar vai até a cicatriz em sua coxa. O sorriso some do meu rosto ao lembrar o que fiz com ela enquanto tentava realizar minha missão. Pae dá um passo mais para perto, sentindo minha seriedade súbita com um ligeiro ar preocupado. Meu olhar vai até a letra que sei que está gravada acima do seu coração.

A palma da mão dela encontra meu rosto numa carícia suave.

— Você não é ele.

As quatro palavras ameaçam me despedaçar.

Não consigo me obrigar a encará-la. É um alívio súbito, ensurdecedor, que acompanha suas palavras reconfortantes. Eu nem tinha percebido como precisava terrivelmente ouvir isso dos lábios de

Paedyn. As semelhanças entre meu pai e o monstro que ele me tornou assombraram cada canto da minha mente desde que consigo lembrar.

— Kai. — A voz de Paedyn é delicada a ponto de trazer atenção à minha mente fragilizada. — Você não é ele — sussurra ela de novo, as lágrimas brotando naqueles lindos olhos azuis. — Preciso que você saiba disso. Por mim.

Confirmo, acenando com a cabeça, sem saber para onde foram todas as minhas palavras. Pae segura meu rosto, me segura com um toque que eu desejaria que pertencesse apenas a mim.

— Você não é ele — repete ela com um sorriso suave. — Mas vocês dois deixaram marcas muito diferentes no meu coração. Uma é um C, e a outra é uma coisa ainda mais condenatória.

Suas palavras não ditas pairam no ar entre nós.

— Paedyn. — Inclino a cabeça de encontro à dela, morrendo de vontade de falar o que lhe provoca tanto medo.

No campo de papoulas eu lhe disse que era impossível não me apaixonar por ela. E, no entanto, as três palavras malditas ainda não saíram dos meus lábios.

Eu te amo.

Abro a boca, mas o que ouço é sua voz tensa.

— Não. Ainda não. — Pae solta o ar com força, os dedos tocando meu rosto. — Todas as pessoas que me disseram isso morreram. E eu… eu preciso mais de você do que dessas palavras.

Sorrio, beijando sua testa.

— Vai ser necessário mais do que simples palavras para me arrastar para longe de você, querida.

— Acho bom.

A adaga pende frouxa na mão que Paedyn envolveu no meu pescoço. Estranho, houve um tempo em que eu temia que a arma fosse enterrada nas minhas costas. Agora, me coloco vulnerável diante de Pae.

É como se ela estivesse inteira de novo nos meus braços, reunida com o fantasma do seu pai e segura nos braços do seu Executor. E, quando me beija, um beijo longo e feroz, percebo o quanto poderia ser feliz vivendo o resto da vida diante de uma lâmina — desde que fosse Paedyn a segurá-la.

CAPÍTULO 15

Paedyn

Ando no mesmo ritmo das batidas firmes do meu coração.

A luz do sol escorre pelas construções desgastadas, me seguindo como um refletor do outro lado da rua cheia de gente. A adaga familiar presa à minha coxa é um conforto ao qual me agarro, junto à lembrança das mãos de Kai prendendo-a ali.

— Me impressione hoje, querida — sussurrara ele, ajoelhando-se à minha frente.

As palavras eram muito parecidas com as que eu disse depois de lutarmos pela primeira vez. E com suas mãos segurando minha coxa, e com os olhos cinza encontrando os meus através dos cílios escuros, eu percebi, de modo aterrorizante, que faria qualquer coisa para ouvir seus elogios. Até mesmo sobreviver a esta Prova.

Assim, mantenho a cabeça erguida enquanto centenas de olhares examinam cada centímetro de mim. O séquito de Imperiais que me leva pela cidade não serve nem um pouco para silenciar os gritos ocasionais enquanto passo. Se não fosse o rei andando ao meu lado, tenho certeza de que só haveria xingamentos voando das bocas ao redor.

Inclino o corpo na direção de Kitt, mas meu olhar jamais se afasta dos ombros largos do Executor alguns passos à frente.

— Então eu vou para o deserto — digo sem alterar o tom, sabendo que estamos indo para o leste, atravessando a cidade.

O ombro que ele encolhe toca o meu.

— Mais ou menos.

Meus olhos se viram rapidamente para Kitt, com a confusão franzindo minha testa. O movimento faz uma gota de suor escorrer pela têmpora, me obrigando a perceber que já estou sentindo um calor insuportável. Minha calça preta está grudada nas pernas, a túnica pegajosa de suor sob o sol escaldante.

Uma pequena aglomeração se reuniu atrás de nós, acompanhando nossos passos até os limites da cidade. A esperança de que testemunharão minha morte em primeira mão os mantém andando no calor. Quase admiro sua dedicada aversão por mim.

Quando paramos nos arredores da cidade, não é o calor que deixa minhas mãos escorregadias de suor. Meu coração bate forte enquanto absorvo a vastidão do deserto estendendo-se à frente. Mal sobrevivi àquele mar de areia na última vez que ousei atravessá-lo.

E se é bravura que essa Prova irá testar, não sei se consigo reunir forças para pisar neste lugar de novo. O terror me abraça forte enquanto espero o retorno inevitável às Provas. Ainda não lidei totalmente com a abundância de dor e medo persistentes que acompanharam as últimas pelas quais passei.

Como se ouvisse meus pensamentos acelerados, Kitt se vira para a multidão cheia de expectativa. Um rosto familiar se destaca ao lado do rei, com uma das mãos no ombro dele. Tealah usa sua habilidade de Amplificadora para projetar a voz dele pela rua, como tinha feito em cada entrevista das Provas do Expurgo.

— Hoje a bravura de Paedyn Gray será testada, o primeiro dos três *B*s segundo os quais meu pai governou este reino. Assim que as Provas terminarem, vocês, o povo de Ilya, irão aceitá-la como rainha.

Nunca senti tantos olhares me observando. O escrutínio silencioso faz minha pele se arrepiar, mas me obrigo a não dar as costas.

— Como todos sabem — continua Kitt —, a primeira rainha de Ilya foi sepultada no Santuário das Almas quando a terra estéril se destinava a ser um cemitério para a realeza. Hoje, a Prova de Paedyn consistirá em pegar a coroa da rainha na cripta em que ela está enterrada.

A respiração fica presa na minha garganta seca.

Quando o olhar de Kai encontra o meu por um breve momento, sei que está pensando no tempo que passamos juntos naquela estrada perigosa. Ele tinha me contado que a primeira rainha havia sido enterrada lá antes que os bandidos reivindicassem o território. Agora ela está sozinha, e sua única companhia são aqueles que esperam roubar sua sepultura.

— Durante décadas, os bandidos desejaram encontrar a coroa da rainha — acrescenta Kitt —, mas até mesmo eles têm medo da cripta, por motivos desconhecidos. — Seus olhos encontram os meus, transbordando de encorajamento apesar das palavras seguintes. — Este é de fato um teste de bravura. Primeiro, Paedyn atravessará o Deserto Escaldante antes de encontrar a cripta no Santuário das Almas. Para recuperar a coroa, ela enfrentará todo tipo de perigo. E o pior: sua mente com certeza irá conjurar seus próprios medos.

Respiro fundo, tentando fingir que isso não é absurdamente ameaçador. E, para concluir o discurso reconfortante, Kitt acrescenta:

— Se a coroa for apresentada à corte antes da meia-noite, Paedyn Gray passará nesta primeira Prova. Mas se isso não acontecer… — O rei examina a multidão com uma expressão ilegível. — Ela não está apta a ser a rainha de vocês.

Mal olho para a multidão que assente antes de me virar para o deserto. As palavras de Kitt fazem uma raiva gelada se espalhar em mim, esfriando a pele pegajosa. Essa Prova não tem nada a ver com minha capacidade de governar um reino, e ele sabe disso. Mas ser uma Comum é me provar de maneiras que nem mesmo os Notáveis podem fazer.

O que eu temo não são as Provas, exatamente, mas o que elas tirarão de mim. Dessa vez serei obrigada a sobreviver a quê? À quebra da minha determinação? Ao apagar dessa luz dentro de mim?

Meu coração bate forte nos ouvidos abafados.

Se eu voltar dessas Provas, será como algo menor do que eu já sou. Estou ficando sem pessoas amadas para ver morrer nos meus braços, então pode ser que esta seja a minha vez. E talvez seja melhor assim: morrer antes que essa vida roube o calor que Adena costurou na minha alma.

Este reino fez o máximo para me preparar para a morte. Ou pior, para o fracasso.

Então, quando Kitt assente de leve e Kai repuxa os lábios daquele jeito familiar, parto para o deserto.

Minhas botas escorregam na areia, me lembrando dos dias torturantes que passei atravessando-a. As vozes ficam mais distantes a cada passo, mas todo olhar às minhas costas é tão tangível quanto o sol batendo na pele. Mal comecei a fazer meu caminho diagonal pelo deserto e meu corpo já parece pesado. Ele me trai a cada passo, como se minhas pernas ansiassem para me levar para longe daqui.

Talvez o medo tenha começado no momento em que pisei nessa areia.

Mas não foi a bravura que me trouxe de volta para cá. Tentando prender meu cabelo com uma tira, descubro rapidamente que só metade dos fios curtos permanece presa no nó.

Soltando o ar, frustrada, franzo os olhos para o sol ofuscante e me concentro no agrupamento de rochas ao longe. Preciso lutar contra a ânsia absurda de sorrir ao me lembrar de quando passei correndo por aquelas pedras, chegando ao campo de papoulas do outro lado, com Kai no meu encalço. Naquele momento ele era meu inimigo e, apesar disso, nunca estivemos mais próximos.

Giro, protegendo os olhos, e vejo uma figura familiar me encarando da borda da cidade. Agora o Executor é uma coisa muito mais devastadora do que um amante, e no entanto jamais estivemos tão separados. Ficar longe dele é uma Prova em si.

É cruel não poder chamá-lo de meu depois de tudo pelo que passamos.

Talvez em outra vida eu tenha força suficiente para jamais precisar de uma prova disso. Talvez em outra vida eu tenha bravura suficiente para confessar que o amo. Talvez em outra vida eu aprenda a amá-lo de longe. E essa é a coisa mais destemida de todas.

Assim, desvio o olhar, deixando que meus pés me levem para longe dele.

CAPÍTULO 16

Paedyn

Minha garganta está seca, com gosto de *déjà-vu*.

A cada passo arrastado, a história se repete. Mas, de novo, aqui estou — com areia entrando nas botas e o sol ardendo na pele. Pelo menos, desta vez, o fim está à vista.

Ando com dificuldade em direção ao caminho rochoso, desejando desesperadamente que essa Prova acontecesse no receptivo campo de papoulas ao lado. O sol engatinhou pelo céu, subindo devagar sobre o horizonte. Minha tarefa não é somente encontrar a desejada coroa da primeira rainha. Também estou disputando uma corrida contra o tempo.

Acelero meu passo vagaroso, girando o anel de aço no polegar.

Se meu pai pudesse me ver agora…

Uma pontada do coração me acerta com força no peito. Não é a tristeza típica que me domina quando penso nele e na morte que encontrou, e sim o tipo de dor que costuma acompanhar a verdade. Porque ele não é meu pai.

As palavras parecem cruéis, mesmo onde ecoam no meu crânio. E na maioria dos sentidos é injusto, da minha parte, pensar assim. Eu fui indesejada neste reino desde o momento em que nasci, mas não para o homem que me encontrou à sua porta depois de perder a esposa e a filha. Eu me tornei tudo para ele. E talvez isso baste para alguém merecer o título de “pai”.

Só quando o cascalho faz barulho embaixo das minhas botas percebo que pisei no Santuário das Almas. Clareando os pensamentos e me colocando em alerta, sigo pelo caminho largo que leva até Dor. Sem a areia para me atrasar, meu ritmo acelera, me deixando entre paredes de pedras.

A bainha presa à minha coxa esquentou ao sol, mas o hábito me faz pousar a mão no punho da adaga. O caminho pedregoso está num silêncio fantasmagórico, me deixando tensa. Bandidos reivindicaram esse território, roubando-o das próprias almas. E eu sei, em primeira mão, como eles podem ser cruéis.

Examino as pedras altas ao meu lado, procurando qualquer sinal de movimento. A preocupação abre caminho rapidamente nos meus pensamentos, com a dúvida chegando logo depois. Não faço a mínima ideia de qual caverna oculta nas pedras abriga a rainha solitária.

— Então preciso procurar em todas — murmuro.

O sol baixou atrás de um agrupamento de pedras altas e, sem seu conforto constante, sou deixada com um frio estranho. Meu olhar cansado tropeça na visão de uma caverna à esquerda. Acelero o passo e vou para a grande entrada.

Sou engolida pela escuridão depois de vários passos lentos sob o arco de pedra. Minhas mãos procuram a parede, as palmas achatadas contra a pedra fria numa tentativa de me orientar. Arestas de pedra serrilhada cortam minha pele, tirando sangue dos arranhões.

Mordo a língua para conter a dor e a sensação pegajosa que agora cobre a palma da mão. Eu me obrigo a sentir o que não posso ver e me ajoelho. Toco o piso frio da caverna, procurando algum tipo de pista.

— Que diabo estou fazendo? — sussurro, já perdendo a paciência.

Meu pai pode ter me treinado para ser uma exímia observadora, mas a chave para a minha habilidade "psíquica" é a visão. E é exatamente isso que eu não tenho neste momento.

Enquanto engatinho mais para dentro da caverna, a escuridão pesa como um cobertor sufocante. Pisco, incapaz de avaliar o vazio diante de mim. Depois de vários minutos tateando, com a respiração ofegante e sem encontrar nada, dou meia-volta e vou para o círculo de luz na abertura do túnel.

Saio cambaleando da caverna, com a visão quase ofuscada pelo sol poente. Respirando fundo, pouso as mãos trêmulas nos joelhos. Só então me permito admitir o quão aterrorizada estava. A ausência de luz é ausência de conhecimento. Não faço ideia do que me espera nessas cavernas, e essa é uma tolice que eu temo.

Fecho os olhos com força e respiro fundo, me obrigando a me acalmar. Depois de um longo momento recuperando o controle, parto de novo pelo caminho. Minha mente acelera para conjurar um plano que me ajude a enxergar nas cavernas, mas mal tenho tempo de acender uma fogueira, quanto mais de procurar madeira para isso. Balanço a cabeça para o nada, a não ser a situação em que estou, com raiva porque a única ferramenta de que disponho é uma adaga.

De novo e de novo, armaram para que eu fracassasse.

É esse pensamento amargo que me faz entrar na caverna seguinte.

Esta é mais alta, permitindo que eu mantenha as costas eretas enquanto avanço mais na escuridão. Com uma das mãos se arrastando pela parede ao lado, estendo a outra na esperança de encontrar…

A palma da minha mão colide com uma parede extremamente sólida.

Solto um grunhido de dor, sacudindo o pulso. Com a mão dolorida, examino a laje de pedra antes de concluir que realmente cheguei a um beco sem saída. Não posso dizer que não estou feliz por sair da caverna, mas quando sou banhada pela luz do sol de novo, preciso me esforçar para obrigar meus pés a seguirem pelo caminho.

As duas cavernas seguintes têm o mesmo resultado frustrante. Entro cambaleando, passo as mãos nas paredes e no piso, fico em pânico no espaço apertado e acabo desistindo e voltando para o sol que se põe rapidamente.

Agora estou juntando coragem na entrada da próxima caverna que me provoca. Um raio dourado se estende pelo chão de pedra, como se o próprio sol apontasse um dedo. Sigo o caminho da luz, o coração batendo irregular para algo que brilha dentro dela.

Fico de joelhos ao lado dos fios de prata espalhados, os olhos arregalados enquanto absorvo os cacos da garota que eu deixei para trás. O sangue cobre cada mecha de cabelo cortado, embotando a

trança prateada. Lágrimas pinicam nos meus olhos pela versão de mim que permanece nessa caverna onde Kai catou meus cacos quebrados.

Um sofrimento grande demais tinha vivido entre os fios de algo tão livre de suspeitas. E quando não pude mais segurar o peso do sangue que cobria meu cabelo, meu corpo e meu ser, implorei que meu captor me livrasse daquilo.

A pessoa destinada a me destruir foi quem me salvou.

Reúno os pedaços espalhados, ignorando a sensação do sangue seco que pinta tudo. Parece simbólico, de certo modo. É como agarrar um momento tangível no tempo. Meu olhar vai até a pequena caverna curvada ao meu redor. A cripta não é aqui, mas parece um túmulo mesmo assim.

Gentilmente, coloco os pedaços do meu eu antigo no piso de pedra, deixando-os descansar em paz.



O sol me abandonou em troca da noite.

Forço a vista nas sombras cada vez mais densas e sou recebida pela escuridão enorme de uma caverna à frente. Um arrepio me desce pela coluna quando dou um passo adentro. Meus olhos se arregalam numa tentativa vã de enxergar enquanto minhas mãos procuram alguma coisa sólida neste lugar feito de nada.

Encontro uma parede e me grudo a ela a cada passo hesitante. O som da minha respiração acelerada ecoa ao redor, acompanhado apenas pelas batidas do meu coração.

Esta caverna parece diferente. Inóspita. Ocupada.

Minha mente gira, visualizando cada coisa ameaçadora que pode estar a apenas um passo de distância. Tentando acalmar os pensamentos inúteis, me agacho. Mas não é pedra que encontro sob os dedos, e sim terra compactada. Inspiro, surpresa, sentindo a esperança brotar no peito.

Pode ser aqui.

Continuo a engatinhar devagar, as mãos se arrastando na terra. O ar está denso e úmido nos pulmões enquanto me obrigo a avançar. Estendendo a mão à direita, encontro a parede agora bem mais perto do que quando entrei. O pânico cresce no meu peito quando viro à esquerda, quase batendo a cabeça na pedra.

É como se a rocha estivesse se encolhendo à minha volta.

Minha respiração fica curta no espaço estreito. Tudo que consigo sentir é a terra suja grudada nas mãos e nos joelhos. Não vejo nada a não ser a escuridão densa cobrindo meus olhos. Não ouço nada a não ser meu coração acelerado e…

Um guincho fraco ecoa acima de mim.

Minha respiração fica presa. Eu congelo.

Alguma coisa passa acima da minha cabeça, me obrigando a cobrir a boca com a mão úmida para não emitir nenhum som. Todo o meu corpo treme com a ansiedade de encontrar o que está nesta caverna comigo. Não consigo me mover direito no espaço apertado, e isso é tudo o que basta para me aterrorizar e me deixar imóvel.

Uma agitação de asas soa ao lado da minha cabeça. Eu me sacudo para longe instintivamente, batendo com a têmpora numa parede áspera. A palma da mão suja que está apertando minha boca vai para longe enquanto solto um ganido de dor.

Sinto a primeira gota de sangue rolar pelo rosto quando o inferno recai sobre mim.

Uma sinfonia de guinchos ecoa nas paredes. Fico tonta, incapaz de determinar o que é em cima e o que é embaixo, ou o que é medo ou confusão. Minha cabeça dói quando uma agitação de asas chove sobre meu corpo encolhido.

Acho que posso estar gritando.

Morcegos — centenas deles. As criaturas passam em alta velocidade por mim, as garras rasgando minha pele nas pontas de asas coriáceas que batem contra o meu corpo. Eles parecem maiores do que deveriam ser, me acertando com uma força que eu duvidava de que possuíssem.

No meio do terror e do caos, consigo tirar a adaga da bainha. As palmas das minhas mãos estão suadas, os olhos fechados com força na escuridão que já é sufocante. O grito que brota da minha garganta é furioso, o golpe da adaga ainda mais. Corto o ar freneticamente,

conseguindo acertar vários dos bichos sedentos de sangue. Os guinchos que soltam se misturam com as batidas fortes do coração nos meus ouvidos.

O medo e a dor me atravessam, criando uma mistura assustadora com o desespero. Não consigo ver nada, mas sinto os demônios que habitam nessa escuridão. Eles me cercam num enxame enquanto golpeio a esmo com a adaga. Um número incontável de cortes arde na minha pele, o sangue borbulhando até a superfície com uma rapidez nauseante.

Outro morcego encontra a fúria da minha adaga e cai no chão com uma pancada fraca. Não sei o que fazer, nem como respirar, nem se vou respirar de novo. O terror me aperta com força, fazendo brotar lágrimas nos olhos e gritos na garganta até que…

Eles passam rápido sobre minha cabeça.

Como o vento que sopra num instante e em seguida para, os morcegos saem da caverna. Estou ofegando, virada para a boca do túnel enquanto enfio a adaga na bainha. Mal consigo ver a silhueta dos corpos enormes enquanto eles voam para a noite.

Com as palmas das mãos sobre o chão atrás de mim, recuo, tentando me distanciar das criaturas do outro lado da entrada da caverna. O céu noturno que me espera parece luminoso comparado com a escuridão nessa construção rochosa que engole tudo. Meus olhos fazem força para enxergar, o corpo vai se arrastando para trás, para trás, para trás…

A terra afunda atrás de mim.

Há um estalo alto de madeira quebrando antes que meu grito abafe o som. Caio do que parece um alçapão apodrecido, com os braços se sacudindo enquanto torrões de terra e lascas de madeira despencam junto comigo.

Minhas costas se chocam em alguma coisa sólida e minha cabeça bate logo depois. Solto um gemido, incapaz de impedir que meu corpo role de cima do objeto para o chão ao lado. A pedra fria encontra meu rosto enquanto estou deitada sobre as costelas doloridas, ofegando e entorpecida de dor.

Pressiono as mãos na rocha irregular enquanto me esforço para ficar sentada. O sangue brota dos muitos cortes que ganhei, me deixando

com uma percepção aguçada de cada caminho pegajoso manchando a pele. Apoio o corpo na coisa grande em que caí, as costas doendo quase tanto quanto a cabeça.

Abro os olhos e…

Não, meus olhos estão abertos. Estiveram abertos esse tempo todo.

Agora, eles procuram na escuridão, arregalados de pânico. O breu que me encara de volta é tão denso que eu achei pertencer à parte interna das minhas pálpebras. Por um instante abençoado, eu tinha me esquecido do medo que me agarrou. Tinha esquecido o quão sufocante a *escuridão* é.

A ausência completa e absoluta de luz. E, pelo que sei, a presença de uma coisa muito mais aterrorizante.

Fico em pé com dificuldade, o medo instigando o corpo a agir. Minhas mãos tateiam a esmo, esperando colidir com aquela coisa sólida no centro desta caverna. O ar vazio escorre entre meus dedos trêmulos.

Estou ofegando, claustrofóbica nesse espaço que não consigo enxergar.

Não me lembro de ter caído de muito alto, mas com a cabeça latejando com tanta persistência, não sei bem o que pensar. Com um passo hesitante, consigo trombar na enormidade do que agora percebo que é madeira lisa. Minhas mãos pousam em cima dessa coisa, para me firmar, mas o reconhecimento vagaroso faz com que elas percorram toda a extensão do objeto.

Com a cabeça girando e as palmas das mãos suando, sinto cada entalhe intricado que delineia a caixa retangular.

Meu coração bate forte no peito, a respiração suspensa.

É um caixão.

É o caixão *dela*.

A primeira rainha, Mareena de Dor, jaz ao meu lado.

Encontrei a cripta — na verdade, caí dentro dela — e não estou sozinha. Um arrepio desce pela minha coluna ao pensar nisso, sentindo algo fantasmagórico tomar conta do meu corpo rígido. As sombras parecem deslizar ao redor, como uma cobra avaliando a presa antes de sufocá-la. Agora entendo por que os bandidos nunca ousaram procurá-la — eles sabem que não devem incomodar os mortos.

Porque a morte protege os seus.

Passo as mãos pela extensão do caixão, procurando algum tipo de abertura. A tampa está presa com força suficiente para não ceder aos meus empurrões. Pego a adaga e consigo enfiar a lâmina embaixo da tampa resistente.

O sangue escorre das minhas têmporas e de praticamente cada faixa de pele exposta. Minha cabeça dói tão ferozmente que tenho certeza de que minha visão estaria oscilando se eu tivesse oportunidade de enxergar. Juntando o que me resta de coragem, empurro o cabo da adaga para baixo até que um estalo alto ecoa na cripta.

Acabo de arrombar o caixão da rainha.

Fico parada por um longo momento, paralisada pelo terror e pela expectativa de que alguma coisa ainda pior aconteça. Mas é apenas minha respiração entrecortada que preenche o espaço enquanto forço com as mãos e abro a tampa que range.

Fecho os olhos, como se quisesse me convencer de que essa escuridão sufocante é escolha minha. Como se eu tivesse controle sobre essa situação assustadora.

Os dedos abertos e trêmulos procuram o que está diante de mim.

Sei o que vou encontrar na caixa acolchoada. Então, quando minha pele roça pela extensão fria de um osso, não é o choque que me faz ofegar. É o arrependimento.

Isto era um ser humano. Era uma mulher que viveu, amou e foi deixada para apodrecer. Os mortos merecem mais do que respeito dos vivos. Merecem paz. E eu perturbei seu descanso para roubar o que lhe pertence por direito.

Uma coisa estranhamente enorme preenche o espaço atrás de mim, arrepiante a ponto de atormentar minha pele desnuda. Nunca senti a morte tão tangível, e mesmo assim reconheço sua presença. O hálito frio no meu pescoço só pode pertencer à morte que quase encontrei tantas vezes antes.

O terror crava os dentes na minha alma.

Preciso sair daqui. Mas não sem a coroa.

Em pânico, passo as mãos pelo que resta da rainha, outrora linda. Ossos soltam flocos sob meus dedos ágeis e se desfazem sob o meu

toque. Engasgo na respiração seguinte, forçando as mãos a irem mais alto ainda.

Pélvis. Coluna. Costelas.

Faz décadas que o corpo foi posto nesta cripta, e agora não resta nada. A própria essência do que a rainha já foi se desfaz nas minhas mãos, frágil na morte. Meus dedos encontram o crânio, fraturado e afundado com o peso do tempo. Mordo a língua e continuo para cima, para cima, para cima…

Algo frio encontra meus dedos.

Consigo distinguir as pedras preciosas e as pontas serrilhadas por baixo da cobertura de sujeira.

Um sorriso repuxa meus lábios rachados. Posso não ver o que encontrei, mas conheço este símbolo de poder apenas pela sensação que causa.

Respirando fundo para me firmar, tiro a cobiçada coroa do corpo da rainha.

CAPÍTULO 17

Kai

Eu teria ficado na fronteira daquele deserto até que ela voltasse para os meus braços.

Isto é, se eu não fosse o maldito Executor de Ilya.

Ando de um lado para o outro no caminho que desgastei no tapete. Minha mesa está à direita, esperando com paciência ser aliviada da pilha de papéis que enfeitam a madeira lascada. Rotatividade de guardas, programações de treinamento e precauções de segurança imploram minha atenção, mas só uma coisa a detém: ela.

Não pensei em outra coisa desde que vi Paedyn caminhando para aquele sinistro trecho de areia. Com o cabelo brilhando feito uma espada e pernas rápidas como as de alguém que passou a vida inteira correndo, a Paladina Prateada começou sua primeira Prova. E eu fiquei ali parado, olhando sua figura encolher lentamente em direção ao horizonte.

Foi a insistência de Kitt que me fez voltar relutante ao castelo. Ele precisa que eu "seja o Executor, mesmo quando ela não estiver por perto". Essas palavras me deixaram perplexo por um momento, me fizeram vislumbrar a suspeita da qual Pae falou. Talvez o rei de fato saiba como estou tragicamente apaixonado por sua noiva. Talvez ele também esteja.

Não nos falamos desde a volta ao castelo — Kitt logo retornou a seu gabinete e eu, ao pátio de treinamento. Somente depois de horas de

correções gritadas e demonstrações tediosas, me pego andando de um lado para o outro no tapete que cobre o chão do meu quarto. Paedyn tem menos de três horas para entrar na sala do trono com a coroa. E alguma parte egoísta de mim espera que ela não consiga.

Como se isso fosse uma solução.

"Se eu não me casar com ela, não tenho outra escolha a não ser matá-la."

As palavras de Kitt assombram meus pensamentos e esmagam minhas esperanças. Porque se Paedyn fracassar em alguma dessas Provas, seu destino será pior do que um casamento. Será a morte.

Por mais que eu queira que ela seja minha, quero ainda mais que Paedyn não seja entregue à morte.

Passo a mão pelos cabelos, os pés ainda seguindo o caminho familiar no tapete. Nunca me senti tão inútil. Cada fibra do meu ser implora para encontrar as dela, apesar do dever que me prende entre as paredes deste castelo. Mas é reconfortante saber que ela não precisa da minha ajuda — a Paladina Prateada deixou isso tremendamente claro desde o dia em que ganhou esse título.

No entanto, espero que um dia ela precise. Só para mostrar o que estou disposto a fazer se ao menos ela pedir.

Incapaz de continuar andando de um lado para o outro no quarto, abro a porta e saio para a penumbra do corredor. Os Imperiais não hesitam em sair do meu caminho e os serviçais apressados fazem o mesmo. Meus passos aceleram e os rostos se tornam borrões enquanto vou andando. O tapete felpudo sob meus pés é uma coisa que eu nunca tinha tirado um tempo para perceber até que Adena — a outra metade de Paedyn — chamou minha atenção para ele antes do último baile das Provas. E a cada passo em direção à torre oeste, me concentro na sensação do tapete para me distrair dos pensamentos agitados.

Minha caminhada pelo castelo faz cada corredor escuro passar rápido. Estou confortável, envolto em sombras, até que uma poça de luz bate nos meus sapatos, ondulando em volta dos meus passos hesitantes. Ela escorre por detrás de uma porta que não é aberta há anos. Pelo menos não por outra pessoa além do meu pai.

Estendo a mão para a maçaneta, hesitando, de repente me sentindo uma criança desobediente. Passei a vida inteira evitando esse cômodo,

obedecendo às ordens do rei. Mas ele não está mais aqui para me castigar pelo desafio.

A porta range com as dobradiças desacostumadas a servir ao seu propósito. Uma lâmpada derrama uma luz fraca no cômodo, antiga a ponto de o poder do Volt ter diminuído lentamente. Percorro com o olhar o aposento preservado, pousando-o numa cama adornada de realeza e coberta com uma lona. Kitt está sentado no pano empoeirado, com a postura rígida, e segura uma caixa de joias entre os dedos sujos de tinta.

Seu olhar cansado logo alcança o meu, apenas um pouco surpreso ao me ver parado, desconfortável, junto à porta.

— É esquisito estar aqui, não é? Depois de todos esses anos imaginando o que havia atrás dessa porta. — Ele põe a caixa de madeira de lado e se levanta com um sorriso doloroso. — Toda essa espera, e não passa de um quarto comum.

Estou me sentindo estranhamente preso embaixo do portal. Parece errado entrar num pedaço de passado que não me pertence. Iris Moyra era mãe de Kitt, não minha. E só eu sei com que desespero ele desejava conhecê-la, mesmo que fosse apenas um vislumbre.

— Papai não deveria ter escondido isso de você — digo baixinho.

— Dentre outras coisas. Mas ele sabia que podia, porque eu sempre voltaria para ele. — Seu olhar fica distante. — Sempre obedeceria.

Enfio as mãos nos bolsos da calça.

— E o que mudou?

Kitt pensa nisso por um momento.

— O poder. Quando a gente não tem nada, vive somente para as pessoas que prometem tudo.

— Você vivia para o nosso pai — reafirmo.

— Agora vivo pelo legado. — Ele sorri. — Por nós.

Baixo a cabeça, sorrindo para o tapete.

— Não posso dizer que não é bom servir a um rei que ao menos se importa um pouquinho comigo.

— Você é meu irmão mais novo — provoca Kitt. — Fui obrigado a me importar um pouquinho com você a vida inteira.

Dou uma risada baixa.

— Desculpe ser um inconveniente.

Ele dá de ombros.

— Foi bem chato quando você começou a ser capaz de me encher de porrada.

— Bom, você já deveria estar acostumado com isso.

— Vá com calma, irmão. — A risada infantil do meu irmão voltou ao rosto dele depois de um tempo longo demais. — Não vamos começar uma briga no único cômodo onde ainda não o fizemos.

Deixo o momento tomar conta de mim, adorando cada riso que trocamos. Sozinho com ele, não penso no futuro nem no anel no dedo de Paedyn. E agradeço por isso. Agradeço por sermos apenas irmãos.

— Vou deixar você com seus pensamentos — digo depois de uma longa conversa, como fazíamos antigamente. — Não queria interromper. Só vi a luz por baixo da porta e pensei em verificar.

— Nada de especial, não é?

Minha expressão se suaviza.

— Pra você, é.

Ele assente, me agradecendo por entender, e devolvo o gesto.

A porta se fecha com um rangido, deixando meu irmão sozinho com o que resta da mãe que ele não conheceu.

Não demora muito até que eu esteja subindo a escada espiral da torre oeste. Eu me lembro de um tempo em que uma ida à pequena torre precária era algo esperançoso. Agora meu coração bate mais forte a cada degrau que subo. O ar fica frio e úmido de um modo que passei a associar com a presença da morte.

Jurei nunca mais pôr os pés na enfermaria, mas estive aqui várias vezes desde que fiz essa promessa. E a cada vez olho inexpressivo para a porta de madeira no alto da escada, me permitindo hesitar por uma fração de segundo antes de abri-la e entrar no enorme cômodo.

Está exatamente como no dia em que Ava morreu.

Camas estão enfileiradas junto às paredes, mas meu olhar evita uma em particular. O quarto é simples e pavoroso como era há tantos anos. Vou para a única cama ocupada e assinto para o Curador que passa depressa, mais do que feliz em nos dar alguma privacidade em troca de um momento fora dessa torre horrível.

Vou sem pressa em direção à minha mãe, vendo os círculos escuros embaixo dos olhos dela e os ombros frágeis que espiam por cima das

cobertas muito bem passadas. Minha garganta aperta. Ela parece pior do que na última vez que a visitei.

— Meu doce menino. — Seus olhos cansados se iluminam ao pousar em mim. — Você está em casa. Fiquei tão preocupada.

Uma onda de culpa me golpeia como um soco.

— Eu deveria ter vindo ver a senhora antes. — Sento-me na cadeira ao lado dela. — Esses últimos dias foram… difíceis.

Seu olhar me enxerga por inteiro.

— Sei disso. Mas você também pode admitir que é difícil vir aqui em cima. Ver a cama que ela ocupava. — Minha mãe olha ao redor, com a expressão assombrada. — Entendo a sua dor.

Baixo a cabeça. Claro que ela entende. É da filha que perdeu que está falando.

— Eu achei que estava destruída quando perdi Ava — continua ela, falando baixinho. — Mas parece que a perda do seu pai será o meu fim.

Cerro os dentes ao ouvir essas palavras e pensar em cada uma que desejo dizer em resposta. Nunca pude imaginar meu pai merecendo mais o meu luto do que Ava. E quando olho minha mãe neste momento, fico com raiva por ela ter deixado que a filha fosse um segredo, que morresse em segredo.

Mas não digo nada disso à mulher no leito de morte.

Examino seu rosto pálido e os distantes olhos acinzentados.

— Como está se sentindo?

— Kai, agora não falta muito — diz ela, em tom casual.

— Não fale assim.

— Me enterre o mais perto dele que for possível.

— Mãe, por favor…

— Quero poder estender a mão e segurar a dele.

Ao ouvir as palavras sussurradas, sou eu que seguro sua mão, puxando-a para perto do meu peito.

— A senhora ficará perto dele. Prometo. — Engolindo em seco, acrescento: — Mas isso ainda vai demorar muito.

Ela balança a cabeça com um sorriso triste.

— Vou sentir sua falta, meu belo menino. Continue cuidando do Kitt por mim. — Seus cílios escuros estremecem. — Lamento não ter

cuidado dele.

— A culpa não é sua — murmuro. — Kitt sempre foi… teimoso com relação à senhora.

— Porque não sou a mãe dele. — Uma pausa longa. — Eu sei.

Aperto sua mão.

— Ele ama a senhora. Sei que ama.

— Do jeito dele, sim. Ele até veio me visitar enquanto você estava na sua missão.

— Ele mencionou isso — digo baixinho.

— Foi uma visita rápida. — Seu lábio inferior treme ligeiramente. É algo que jamais pensei que veria, vindo de uma mulher com tanto poder e graciosidade. — Kitt sente muita falta dele.

— Eu sei — sussurro, porque é a verdade. Sei exatamente como a morte do nosso pai afetou meu irmão, mesmo quando ele não queria demonstrar. — Ficou sabendo do que está acontecendo no reino?

— Fiquei — responde ela, tranquila. — Seu pai sempre se ocupou mais com os Comuns do que com os problemas de Ilya.

Espero pacientemente uma explicação adicional para o problema que papai deixou para Kitt, mas a rainha consorte não diz mais nada a respeito. O que, de modo pouco surpreendente, é decepcionante. A rainha Myla era absolutamente leal e amorosa com relação ao marido, apesar de ter contado algumas histórias sobre o tempo em que desprezava seu rei. Esses momentos de lembranças só eram instigados por várias taças de vinho e narrados como uma memória distante. Mas mesmo agora minha mãe se recusa a falar mal do homem que amava.

É de uma teimosia admirável.

— E Paedyn? — pergunto devagar. — Ficou sabendo do noivado de Kitt com a Comum?

— A Comum — murmura ela com o olhar afiado. — Isso não é tudo que ela é. Especialmente para você.

Solto a mão dela, transformando meu rosto em uma máscara de indiferença apesar do meu coração acelerado.

— Não sei o que a senhora ouviu dizer, mas…

— Ah, não tente negar, Kai. — A risada da minha mãe se funde com uma tosse seca.

Pego o copo de água na mesinha de cabeceira. Encosto-o nos seus lábios rachados e ela engole, sedenta, antes de conseguir dizer:

— Desde aquele primeiro jantar, aquele com todos os competidores das Provas do Expurgo — continua ela —, eu soube que havia alguma coisa entre vocês dois.

Solto o ar com força.

— Mãe…

— E então ela matou o seu pai e as coisas ficaram complicadas.

Minha mãe diz isso tão bruscamente que eu quase rio. Depois de mais uma tosse seca, ela acrescenta:

— Mas talvez isso não tenha bastado pra você odiá-la. Sei como você se sentia com relação a ele.

— Ele nunca foi realmente um pai pra mim. Portanto, não, não posso dizer que sofri terrivelmente com sua morte.

As palavras são duras e costuradas por uma raiva que raramente ainda me permito sentir, mas é para sua esposa que eu estou cuspindo-as. E por esse motivo abro a boca para me desculpar.

Em vez disso, as mãos dela seguram as minhas com força, o olhar em súplica.

— Sinto muito pelo que ele fez com você. E sinto muito por nunca ter impedido. — Lágrimas brotam por baixo dos olhos cinza que compartilhamos. — Eu só queria que você fosse forte. E, veja só, você é formidável. Mas isso não é desculpa. Eu não deveria ter permanecido em silêncio com relação às suas sessões de treinamento com ele…

— *Shh*. — Interrompo suas palavras. — Tudo bem. A senhora me tornou forte. — Uma lágrima escorre pelo rosto dela e eu a enxugo com um dedo. — A senhora me tornou forte — sussurro de novo.

Um som que é em parte soluço e em parte risada escapa dos lábios da minha mãe.

— Não forte o bastante para ficar longe dela, ao que parece.

Balanço a cabeça sorrindo de leve.

— Não, não forte o bastante para ficar longe dela.

— Kai — murmura, subitamente séria. — Ela é do seu irmão.

Desvio o olhar.

— Eu sei.

— Não deixe que ela fique entre vocês dois. — Seu tom é sério. — Prometa, Kai.

Balanço a cabeça.

— É um pouco tarde para essa promessa, mãe.

— Então me faça outra. — Ela se esforça para levantar a cabeça do travesseiro, e as palavras saem com uma força que seu corpo não tem. — Não deixe que ela seja a sua fraqueza.

Algum tempo depois, quando finalmente me levanto para sair da enfermaria, ela me lembra da promessa que ainda não fiz.

Em troca, eu a lembro de que Paedyn Gray é minha fraqueza desde aquele primeiro jantar antes das Provas do Expurgo.

CAPÍTULO 18

Paedyn

Estou me equilibrando em cima do caixão.

Seguro a coroa suja na dobra do meu cotovelo, deslizando para o ombro quando volto a levantar os braços. Estendo as mãos no escuro, desesperada para encontrar o buraco por onde caí. A tampa de madeira afunda sob o meu peso, não tendo nada de melhor a fazer do que apodrecer depois de décadas nesta cripta.

Minha cabeça lateja, e o sangue que escorre do meu corpo só faz aumentar a tontura. Somente a promessa do luar na minha pele faz com que eu me esforce para superar cada fração de dor. E quando meus dedos roçam num pedaço de madeira serrilhada pendendo acima, quase rio com alívio.

Tateando, consigo achar o que parece o resto da moldura do alçapão. Respiro fundo, enrolo os dedos ensanguentados na borda de madeira e puxo. Desta vez, solto uma risada histérica quando ela aguenta. Não me incomodo em testar a força da moldura de novo antes de me puxar para cima, grunhindo.

Duas coisas acontecem num único instante. A primeira é que minha cabeça colide com um pedaço do que era o alçapão. Depois de soltar um gemido de dor e surpresa, a segunda acontece em seguida: tenho a estranhíssima sensação de que não estou mais sozinha.

Um arrepio súbito percorre minha pele enquanto me arrasto para o piso da caverna. Mal termino de respirar e já me coloco de pé, indo em

direção ao céu noturno do outro lado do túnel.

Uma espécie de medo gélido me agarra ao pensar no que posso ter acabado de fazer. A coroa em volta do meu braço pesa, como se estivesse sendo puxada de volta pela dona. Um som de pânico consegue escapar de mim ao pensar nisso. Os mortos não devem ser incomodados. E eu posso ter acordado uma coisa que ninguém mais ousou despertar.

Balanço a cabeça diante do absurdo disso tudo.

— Truques da mente — sussurro, cambaleando. — Está tudo na minha cabeça.

À medida que a entrada da caverna se aproxima, me pego olhando por cima do ombro, para a escuridão profunda que consome tudo atrás de mim. E estou quase petrificada por ela.

Obrigo-me a me virar de novo para a noite que espera e vou em frente. O sangue escorre para dentro do meu olho, exigindo que eu use as costas da mão imunda para limpar a visão. O enxame de morcegos enormes rasgou minha pele e deixou cortes em forma de garras enfeitando meu corpo.

Do outro lado, o céu estrelado me espera, a apenas alguns passos de distância. Vou mais depressa, o coração disparado antecipando o reencontro com a noite. Apoio uma das mãos na parede, sinto o último trecho de pedra fria antes…

Sombras surgem no chão, engolindo a silhueta dos meus pés.

Três figuras surgem na entrada da caverna, bloqueando meu caminho para a liberdade. O luar ilumina as costas dos homens, delineando as figuras grandes. Dou um passo lento para trás, suprimindo um grito de medo e frustração.

Bandidos.

— Obrigado por pegar a coroa pra nós. Agora pode entregar — resmunga um deles, a voz rouca por trás do lenço que cobre a boca. — E se você for rápida, talvez a gente nem pegue esse anel brilhando no seu dedo.

Meus ferimentos doem, mas me obrigo a juntar o pouco de força que me resta. Com os dedos flexionando ao lado do corpo, me concentro na sensação da adaga enquanto mapeio os próximos movimentos. Só falo após reunir cada fagulha de brutalidade que se

espreita dentro de mim. Minha voz soa amedrontada e fraca, e se os homens se incomodassem em ouvir com atenção, poderiam perceber o perigo que a envolve.

— Podem levar tudo, não me importo. Só… só, por favor, não me machuquem.

Estendo a mão com o anel para eles. O diamante sujo brilha, atraente o bastante para fazer um homem se adiantar. Posso praticamente sentir a risada marota por trás do lenço quando ele estende a mão para a minha, decidido a tirar o anel do meu dedo.

Acalmo a mente, tranco meu coração mole e mancho a alma de novo.

Fecho os dedos em volta do pulso do sujeito antes de eu puxá-lo para a adaga que espera, agora segura com firmeza na outra mão. A lâmina se crava na barriga do bandido com um som nauseante. O sangue jorra do ferimento enquanto ele solta um grunhido fraco.

Ignoro a dor surda no peito. Era exatamente isso que eu temia: eu mesma.

A luz de Adena se apaga dentro de mim.

Arranco a adaga das tripas do homem e o vejo tombar aos meus pés.

Fico parada junto ao corpo agonizante, o peito arfando e a mão sangrenta. Os demais homens ficam boquiabertos enquanto deslizo a coroa do braço e a seguro no punho fechado. Minha voz sai áspera, a mão chamando num desafio:

— Se querem, venham pegar.

O maior dos dois homens que restam parte para cima de mim, aparentemente acordando do estupor. Ele gira o braço enorme e eu me abaixo escapando facilmente do golpe. Depois de passar tanto tempo na mais completa escuridão, de repente minha visão parece mais nítida do que antes. Com a coroa na mão, fico de pé antes de mandar as pontudas pedras preciosas na direção do crânio dele.

Ele solta um ganido quando o sangue jorra da têmpora e cambaleia para trás, deixando o último homem fazer uma investida contra mim. Me movo nas pontas dos pés, ignorando cada tremor de dor com o movimento. Quando o último bandido tira uma adaga comprida do cinto, deixo a coroa cair ruidosamente no chão da caverna, apertando o cabo da minha arma.

O homem ataca, a lâmina reluzindo. Consigo girar o corpo antes que ele me acerte no peito, mas a dor súbita e lancinante que dispara do meu ombro diz que não fui rápida o suficiente. Ele golpeia de novo, forçando meus pés a recuarem mais para dentro da caverna. Analisando cada movimento do sujeito, deixo-o fazer outra investida. Com o braço estendido e o peito aberto, ele se tornou um alvo fácil.

Seguro a adaga pela lâmina, dobro o braço e deixo a arma voar. Ela se crava no peito do bandido e faz com que ele cambaleie para trás antes de bater contra a parede da caverna. Vejo seu corpo deslizar pela pedra, manchando-a de vermelho.

Pisco na direção dos dois corpos esparramados à minha frente. Pisco de novo quando um homem muito vivo corre na minha direção. O sangue escorre pelo rosto dele, do corte que eu fiz com uma coroa velha de um século. Não tenho chance de mover os pés que parecem feitos de chumbo antes que os braços enormes do meu oponente envolvam minha cintura.

Sou jogada contra a parede e meu crânio encontra a pedra. Manchas invadem meus olhos, bloqueando o pouco de visão que ainda tenho. Meu grito de dor é fraco, e o corpo cansado de onde o som escapa não consegue produzir nada além disso.

Uma mão áspera se fecha ao redor da minha garganta. Dedos apertam até que não consigo mais respirar.

Ele me vê sufocando e ri. Tento agarrar sua mão, chuto suas pernas. Com a visão turva, encontro a energia que me resta. Alguma fração da minha alma implora para permanecer nesta vida e, com esse último fulgor de determinação dobrada no fundo do meu ser meio desmoronado, jogo o joelho contra a virilha dele.

Sua mão escorrega da minha garganta enquanto ele se dobra ao meio, me dando tempo para me afastar da parede. Minha mão ensanguentada se fecha atrás do seu pescoço dobrado. Não me permito pensar enquanto bato com a cabeça do homem na parede da caverna, de novo e de novo.

O sangue espirra com o impacto, batendo no meu rosto com o calor doentio da vida de outra pessoa. O instinto de sobrevivência é animalesco, assim como o ímpeto de destruir qualquer coisa que fique entre mim e minha próxima respiração. O rosnado na minha voz não

me pertence, nem as mãos que repetidamente afundam um crânio na pedra.

Quando o vermelho vai sumindo da minha visão, deixo o corpo frouxo do homem cair aos meus pés.

O calor de Adena retorna com timidez, como se sua própria memória não reconhecesse a criatura que me tornei. Estou tremendo, cada parte de mim está abalada com medo do que fiz. Com medo de *mim mesma*.

Uma espécie de entorpecimento se esgueira sobre mim enquanto passo em volta dos corpos imóveis. A coroa está caída, intocada, no chão, apesar de algumas pedras preciosas estarem cobertas de sangue. Ela brilha ao lado do corpo que adorna minha adaga. Meu estômago se revira diante do olhar vazio do homem, arregalado com o choque da chegada súbita da morte.

Olho para longe antes de arrancar a lâmina do peito dele. E com as pontas afiadas da coroa acomodadas entre os meus dedos, me viro para a liberdade que me espera.

Mantendo o rosto voltado para a frente, não ouso olhar o piso de pedra agora escorregadio de sangue. Em vez disso, me concentro na noite estrelada adiante que chama meu nome. Tropeço nos meus pés com a expectativa do céu aberto.

Saio cambaleando da bocarra da caverna e caio de joelhos no caminho rochoso. Uma risada desvairada borbulha de mim enquanto inclino a cabeça para o céu. O luar acaricia meu rosto e uma brisa suave embaraça meus cabelos imundos. Passo a mão no rosto, espalhando lama, sangue e o pegajoso resíduo de culpa.

Mas estou rindo de novo, exausta, porém aliviada.

A luz de Adena, mesmo fraca, volta à minha alma aos poucos.

Estou viva. Eu, uma Comum, sobrevivi a uma Prova. De novo.

Pouso o olhar no longo caminho à frente e no reconfortante campo de papoulas além. Mais longe ainda fica a cidade para onde precisarei caminhar antes de entrar no castelo com a coroa na mão. Levanto o olhar desvairado para a lua, sem saber quanto tempo tenho antes da meia-noite.

Com esse sentimento de urgência voltando à mente cansada, obrigo as pernas trêmulas a se levantarem. Logo estou acelerando o passo — o

corpo dolorido, mas a esperança crescente.

A cada passo fico mais perto de me tornar uma rainha.

A cada passo fico mais perto de uma Ilya unida.

CAPÍTULO 19

Kai

Meu pé bate um ritmo constante no piso de mármore.

Membros da corte circulam na sala do trono, tendo usado as últimas três horas como desculpa para beber e fofocar. A contagem regressiva para a meia-noite se transformou em apenas uma festa exclusiva para os Notáveis.

Taças de vinho esquecidas cobrem cada superfície horizontal, e outras podem ser encontradas balançando nas mãos de nobres de ambos os sexos. Examinando o salão e o tédio evidente que o preenche, tomo um gole de vinho, saboreando a doçura cortante no fundo da língua. Estou encostado numa enorme coluna há mais de uma hora, contente em permanecer escondido no meio do caos.

Depois de visitar minha mãe, me juntei relutante à corte para esperar, inquieto, a chegada de Paedyn. Meu olhar se volta com frequência à grande porta dupla na extremidade oposta da sala do trono, na esperança de vê-la entrar. Porque a alternativa significaria que alguma coisa aconteceu com ela, e simplesmente me recuso a dar ouvidos a esse pensamento angustiante.

Desejo com todas as forças que ela passe pela porta. Se não for por este reino, que seja por mim. Preciso que ela volte para *mim*. Ela é minha fraqueza, no entanto, nada jamais me fez tão forte. E tenho medo do que me tornarei se…

— Você está olhando para a porta desde que chegou aqui.

Viro a cabeça e vejo Jax sorrindo, as mãos enfiadas nos bolsos da calça curta demais.

— Não o tempo todo — declaro, tranquilo. — Consegui ver você tomando vinho da taça da Andy.

A risada dele muda, de repente sem graça.

— Não sei do que você está falando.

Cruzo os braços inquietos, rindo.

— É mesmo? Por que você não anda em linha reta pra eu ver?

A simples pergunta o faz cambalear.

— Porque… talvez eu não queira. — Ele se encosta na coluna com uma tentativa cômica de parecer despreocupado.

— Pelo menos um de nós está se divertindo. — Digo as palavras num suspiro, o olhar voltando para a porta.

— Eu poderia terminar isso aí pra você — diz Jax, apontando para a taça na minha mão. — Quero dizer, se você não for…

Apoio a cabeça no mármore frio.

— Que seja — murmuro, entregando a taça. — Não está ajudando em nada…

Ele inclina a cabeça para trás, engolindo o vinho apesar do fiapo de líquido que escorre pelo queixo, manchando a pele escura.

— Devagar, Jax! — Luto para não rir enquanto tiro a taça das suas mãos pegajosas. — Não quero ter de carregar você essa noite.

Ele me dá um sorriso cheio de dentes.

— Ei, eu ajudei o Kitt a ca… — um soluço interrompe a palavra — … carregar você de uma festa mais de uma vez.

Não tenho condições de discutir sobre noites das quais não me lembro. Então, em vez disso, digo apenas:

— Se a vida dela não estivesse em jogo, garanto que eu estaria me divertindo muito mais.

Seu olhar confuso só é exagerado pelo álcool que afrouxa as feições.

— Mas por que *você* está tão preocupado com Paedyn? Isso não é trabalho do Kitt? Afinal de contas, eles estão noivos.

Abro a boca antes de fechá-la depressa.

Meu olhar percorre o salão, saltando entre os vários círculos de cortesãos fofocando. Imagino quantos estarão sussurrando essa mesma pergunta. Por que o futuro Executor se preocupa com a noiva do

irmão? Seria apenas devido à lealdade e à proteção ao rei? Ou seria algo muito mais escandaloso?

Acho que a verdade pende mais para a segunda opção, mas reduzir meus sentimentos por Paedyn a uma coisa tão juvenil quanto um escândalo é absurdo. Só que não importa que cada batida do meu coração pertença a ela. Porque ela não pertence a mim.

Voltando a atenção para Jax, que continua esperando, abro a boca para dar uma resposta que ele provavelmente não lembrará de manhã.

É então que a porta se abre.

Tudo se esvai, esquecido na presença dela.

A futura rainha de Ilya entra na sala do trono e cada Notável fica em silêncio. Ela está coberta de sujeira e manchada de sangue que salpica seu rosto num acréscimo horrendo às vinte e oito sardas que sei que se espalham sobre o nariz. Grandes rasgos nas roupas revelam cortes serrilhados por baixo, suavizados apenas pela lama que os acompanha.

Meu olhar percorre todo o corpo de Paedyn, sabendo como aquele sangue deve estar afetando-a. O líquido viscoso cobre sua têmpora, seu ombro, suas mãos…

Suas mãos.

Ali, segura entre os dedos manchados de escarlate, está uma coroa.

O restante da corte parece reconhecer o feito no mesmo instante, o que resulta num suspiro coletivo que se espalha pelo salão. Eu me afasto da coluna, os olhos arregalados examinando à distância a relíquia perdida. Uma rachadura percorre um dos lados da coroa, onde uma mancha de sangue cobre uma grande pedra preciosa. O restante permanece envolto em lama, assim como a mulher que a segura.

O olhar penetrante de Paedyn viaja por cima da multidão, vendo a corte absorver sua chegada. Ninguém ousa falar, ninguém ousa se mover sob seu olhar dominador, mas quando o rosto sujo de sangue se vira na minha direção, quase sorrio. Essa energia formidável não é estranha para mim. Vi isso dentro de Pae desde o momento em que ela salvou minha vida.

Seus olhos encontram os meus e a sensação é de alívio.

Ela reflete meu sentimento suavizando levemente a expressão. Mas isso não dura muito. Não pode durar, não com essa plateia.

Assim, eu a deixo ir. Deixo que ela finja. Deixo-a se transformar de novo na rainha que irá se tornar.

Basta um único gesto lento da minha cabeça.

Ela entende — e encontra o olhar do rei com uma força recém-encontrada.

Meus olhos se voltam para o tablado, vendo algo parecido com um espanto reverente se acomodando nas feições de Kitt, e só posso presumir que minha expressão esteja igual. Ela dá mais um passo na sala do trono, deixando a dor de lado para retratar algo muito mais intenso: poder.

Todos os ferimentos estão à mostra. Pae os veste com orgulho, permitindo que cada par de olhos viaje sobre ela. O sangue pinga do talho na têmpora, manchando o cabelo e derramando uma risca de carmim dentro do olho. Com passos que jamais desaceleram e o rosto inabalável, Paedyn enxuga o sangue com as costas da mão já manchada.

Abro caminho lentamente pela multidão, incapaz de desviar o olhar de algo tão proeminente. Mas não basta olhar. Eu poderia cair de joelhos, implorar para ser o único digno de testemunhá-la.

Com as roupas rasgadas e o corpo ensanguentado, ela diminui o passo diante do tablado. Eu me remexo, inquieto, conhecendo o peso daqueles olhos penetrantes agora voltados para o meu irmão. Kitt pigarreia, piscando diante da cena. Quando finalmente encontra a própria voz, é para declarar:

— Senhoras e senhores da corte, parece que Paedyn Gray teve sucesso em completar a primeira Prova.

E com isso os lábios de Paedyn se curvam para cima. Ela levanta a coroa, igualmente ensanguentada e enlameada. Sorrio antes mesmo de ela fazer isso, um sorriso largo a ponto de mostrar as malditas covinhas que Pae adora odiar.

É, eu sorrio quando ela põe a coroa na cabeça.

Ela se acomoda em cima do cabelo sujo de sangue, provocando sons engasgados na corte boquiaberta. Perco o fôlego enquanto Paedyn permanece diante do rei, inteiramente sua futura rainha.

Assentindo para Kitt, ela se vira de leve para a corte. Seu sorriso súbito pega todos de surpresa, até mesmo eu — o clarão dos dentes

brancos contra o rosto sujo que os emoldura. Então Pae inclina a cabeça na direção de cada lado da sala do trono. O movimento é quase provocador, como se ameaçasse qualquer Notável a tentar arrancar a coroa dela. Seu olhar é um desafio que percorre o salão. Mas com uma última inclinação da cabeça ela se vira de novo para Kitt, que se levanta, aceitando o convite silencioso. Descendo do tablado, oferece a Paedyn um braço que ela aceita imediatamente. De repente, me sinto esvaziado enquanto o casal feliz caminha pelo corredor aberto entre as pessoas.

Estou perplexo com a mordida forte da amargura. O choque da inveja logo é engolido pela minha resolução, concentrado apenas em me livrar da multidão. Em vê-la. Abro caminho entre os corpos inquietos, sem sentir necessidade de ser educado.

Os murmúrios crescem, virando um rugido baixo mesmo antes de o casal real deixar a sala do trono. É difícil avançar contra o mar de pessoas que agora andam de um lado para o outro, atônitas. Mas estou quase junto da porta e…

Uma mão puxa meu braço.

Eu me viro e encontro Andy parecendo assustadoramente séria.

— Não a roube de Kitt quando eles finalmente têm um momento juntos.

Palavras não ditas pairam no ar entre nós. O canto da minha boca se repuxa.

— Não preciso roubá-la.

— É — diz Andy, com suavidade. — Você simplesmente arromba a porta com um chute quando ela não atende.

Minha voz sai baixa.

— Não comece, Andy — retruco, baixinho.

Minha prima balança a cabeça, entristecida com o que vê.

— Eles estão noivos, Kai. Ela não pode ser sua.

— É, e vou passar o resto da vida tentando aceitar isso.

Viro as costas para ela e passo pela porta.

Os dois estão no corredor, os corpos próximos e as vozes baixas.

Os olhos dela encontram os meus por cima do ombro de Kitt.

Acelero o passo, esmago o ciúme e abro minha boca maldita.

CAPÍTULO 20

Paedyn

A coroa pesa na minha cabeça.

Não consigo nem imaginar as dores no pescoço que a realeza precisa suportar, mas parece que se trata de algo que vou descobrir em primeira mão.

Aperto o braço contra o de Kitt, mas ele não parece se incomodar com o sangue e com a sujeira em sua túnica impecável.

Olhares, incontáveis olhares, percorrem meu corpo desgrenhado.

Nunca me permiti sangrar na frente de tantos Notáveis. Nunca deixei que me vissem tão fraca. E por esse motivo mantenho a cabeça erguida e o olhar em frente.

A dor se entrelaça em cada movimento, torna cada passo mais vagaroso. Forço o corpo dolorido a manter a farsa até sair pela porta. Minhas pernas tremem, praticamente incapazes de me sustentar depois da longa caminhada pela cidade, mas o braço de Kitt é um conforto, uma fonte disfarçada de apoio em que eu me sustento.

A porta está logo adiante, assim como a perspectiva de alívio. Cada cabeça se vira a fim de nos acompanhar para fora da sala do trono, e só quando os incontáveis pares de olhos somem de vista eu me apoio totalmente em Kitt.

— Só mais um pouquinho — murmura ele, com o braço agora me envolvendo. — Vamos até a parede.

Deixo que Kitt me guie e, mais difícil ainda, deixo que veja meu esforço. Seu apoio é hesitante, como se não tivesse certeza do quanto quer ajudar. O toque é desconhecido, muito diferente da reivindicação que sinto no do seu irmão.

A coroa escorrega em cima do meu cabelo ensanguentado, o que estou me esforçando muito para ignorar. Kitt inclina o rosto para o meu quando afrouxo o corpo contra a parede. A voz dele soa tão insegura quanto seu rosto aparenta.

— Você está bem?

Quase gargalho, rouca.

— Sabe, eu já estive melhor.

Kitt quase sorri.

— Você foi… — Ele pigarreia, retomando aquela distância indiferente entre nós. — Você se saiu bem, lá dentro.

— Só estava tentando não cair de cara no chão — ofego.

— Não precisa disso. — Ele olha meu corpo acabado. — Já tem sangue demais em você.

Engulo em seco.

— Você não faz ideia.

Apesar da sensação pesada do seu olhar percorrendo meu rosto, eu o evito. Entendendo meu desejo não verbalizado de uma mudança de assunto, Kitt declara:

— Você recuperou a coroa.

Ao ouvir suas palavras, faço questão de tirar o acessório pesado da cabeça.

— Aqui. Meu corpo já dói o suficiente sem essa coisa tentando quebrar meu pescoço.

— Bom… — Kitt pega a coroa lentamente — … tenho certeza de que você vai se acostumar logo com ela.

— Certo — digo sem jeito.

Pensar no nosso noivado faz o olhar dele baixar para o anel ainda preso no meu dedo. A emoção salta de orelha a orelha enquanto ele levanta suavemente a minha mão. Seu pigarro se transforma numa leve tosse.

— Precisamos mandar limpar isso.

Kitt passa o polegar sobre o diamante enlameado. Em seguida, ergue os olhos na direção dos meus, exibindo uma expressão calculista que me surpreende. Mas suas palavras seguintes são muito mais assustadoras.

— Depois disso, vamos garantir que o anel volte para o dedo certo.

Meu coração vacila de encontro às costelas machucadas.

Olho para baixo, vendo o anel ainda enfeitando minha mão direita. Exatamente onde Kai o deixou na noite antes da Prova.

Não o coloquei de volta no lugar.

Abro a boca, pronta para soltar alguma desculpa, torcer a verdade em algo menos condenatório. Kitt já expressou preocupação com meu relacionamento com Kai, e isso praticamente o confirmou. Posso sentir o pânico tomar conta do meu rosto sujo de sangue, reorganizando as feições em algo incriminador demais.

É então que meu olhar passa por cima do ombro do rei, como se puxado por um fio do qual não consigo me desvencilhar.

Olhos cinza se fixam na direção dos meus e consigo ler o alívio neles ao me verem. Meu corpo treme; minha garganta arde. Anseio por cair em seus braços.

Eu voltei para ele. Vivi para passar mais um dia fingindo que não estou apaixonada por ele.

Os passos largos de Kai o trazem na nossa direção, me poupando de mentir para o rei. Só então o Executor afasta a atenção para longe de mim, voltando-a para Kitt.

— A corte parece meio inquieta, irmão. Talvez seja bom você voltar pra lá e dizer algumas palavras.

Num momento o olhar do rei está saltando entre nós dois, parecendo decifrar nossa charada de fingimento. E no outro ele direciona palavras animadas para o irmão.

— É, acho que sim. Também vou anunciar o baile que daremos amanhã em homenagem a este feito extraordinário.

Forço um sorriso, apesar de ele não estar falando comigo.

— Obrigada, mas não sei se vou estar em condições de dançar.

Seu olhar encontra o meu depois de um longo momento.

— Vou mandar um Curador aos seus aposentos. — O balanço da minha cabeça é interrompido por suas palavras sérias. — Deixe que ele

a ajude. É uma ordem do seu rei. — Em seguida, Kitt recua, levantando um pouco a coroa. — Estou ansioso para ouvir a história por trás disso. Mas, por enquanto, descanse.

Afrouxo o corpo contra a parede quando ele volta para a sala do trono.

Num instante Kai está ao meu lado. Seu braço envolve minha cintura com força, sua respiração está quente no meu ouvido.

— Estou com você. Estou com você, Pae.

Sinto uma fraqueza voluntária tendo Kai para me segurar, como se a força fosse uma fachada que só é necessária quando ele não está por perto. E é essa percepção que faz cada momento da Prova retornar numa torrente. Meus olhos baixam para as mãos trêmulas, ensanguentadas, que estendo para ele.

— Eu… eu manchei minha alma outra vez.

— *Shh*. — Ele segura meus pulsos, apertando as palmas das mãos sangrentas contra a túnica preta. — Pronto. Agora é a minha alma que está manchada.

Dou uma risada fraca, mas o som mais parece um soluço. Ainda segurando meus pulsos, ele guia minhas mãos manchadas de vermelho e as coloca em volta do seu pescoço. Minhas pálpebras se fecham, estremecendo quando seus braços me envolvem, quentes e reconfortantes. Mas quando meus pés saem do chão, elas se abrem de imediato.

— Calma — murmura, ouvindo os protestos que não verbalizo. — O dia do seu casamento chegaria antes de você alcançar seu quarto.

Minha cabeça balança em seu ombro a cada passo que ele dá pelo corredor.

— Nunca achei que você falaria sobre o meu casamento.

Ele engole em seco.

— E eu achei que você não passaria por aquela porta essa noite. E isso me fez perceber que eu prefiro ficar o resto da vida separado de você, olhando de longe, do que sem você.

Minha garganta está seca.

— Você não deveria fazer isso. Nós precisamos manter a distância. Agora mais do que nunca.

— É — diz ele, em tom casual. — E é por isso que estou roubando esse momento, de um jeito egoísta.

Estou cansada demais para formular uma resposta, quanto mais um pensamento coerente. Ele vira uma esquina, me segurando com força. Deixo o olhar ir até seu queixo para observar a barba crescida, até a preocupação enrugada entre aquelas sobrancelhas escuras. Sou acalentada pela cadência de seus passos, hipnotizada pelas batidas rítmicas do seu coração sob o ouvido.

— Vire a maçaneta para mim, querida.

Devo ter cochilado, porque quando forço os olhos a se abrirem estamos diante da porta do meu quarto. Kai continua:

— Prefiro não arrombar com um chute dessa vez. Prefiro não dar a Andy outro motivo para ficar irritada comigo.

Baixo a mão pesada do ombro dele e procuro a maçaneta. Assim que consigo girá-la, Kai entra no quarto e assusta Ellie, distraída.

— Ah, Paedyn! — A voz dela está suave como sempre, mas com muito mais preocupação do que eu tinha previsto.

— Estou tão ruim assim? — Minha voz é praticamente um grasnido.

Kai me coloca com gentileza na cama, me tratando como se eu fosse tão frágil quanto me sinto. Sua mão segura minha nuca para garantir que meu corpo permaneça virado para cima na beira do colchão.

— Você parece alguém que acaba de fazer o impossível — murmura ele, com o rosto perto do meu.

Sorrio, sentindo gosto de sangue nos lábios rachados.

— Estou com uma aparência do inferno?

— Se você está com uma aparência do inferno — sussurra Kai, com um sorriso travesso —, então eu tenho sorte de estar indo para lá.

Minha risada tensa é interrompida pelo movimento súbito que vejo por cima do ombro dele. Recuando, sou lembrada com um choque de que não estamos sozinhos. Ao ver o rubor que toma meu rosto, Kai se vira e encontra Ellie com os olhos arregalados e paralisada no centro do quarto.

O Executor se agacha diante de mim e pigarreia, preparando a ordem suave que irá brotar da sua garganta:

— Ellie, me traga um balde de água morna e uma toalha, por favor. — Ele diz isso como se ela não tivesse acabado de ver o que houve

entre nós há apenas alguns instantes.

Como minha criada… acho que isso não importa. Mas como minha amiga… terei de dar alguma explicação. Ela assente de leve e vai depressa até o banheiro enquanto Kai acrescenta:

— Um sabonete também.

Fico sentada, sem jeito, com as mãos dele agora apoiadas dos dois lados das minhas pernas. Nossos olhares se encontram, o meu preocupado e o dele contente demais. Lanço a ele um olhar que espero que esteja gritando: *Fique com as mãos longe de mim até ela ir embora*, e tenho certeza de que Kai entende, porque é totalmente o oposto do que faz em seguida.

Com um risinho que ao mesmo tempo me dá vontade de beijá-lo e lhe dar um soco, ele passa as mãos calejadas nas minhas coxas. Meu olhar fraco de alerta não faz com que sua exploração lenta nas minhas pernas seja interrompida. Não consigo deixar de sorrir de volta, e o príncipe parece receber isso como sinal de encorajamento.

Estou tão distraída com a sensação das mãos de Kai que mal percebo Ellie pousando o balde de água ao lado dele. Depois de colocar um pano e um sabonete, ela se levanta, pigarreando.

Os olhos de Kai não se desviam dos meus.

— É só isso, Ellie. Obrigado. Avisarei quando for pra você mandar o Curador entrar.

Com uma reverência rápida e um olhar na minha direção, Ellie sai rapidamente do quarto, fechando a porta. Voltando a atenção para o rapaz que sorri à minha frente, dou um bom empurrão no seu peito.

— Isso é que é fingir, príncipe.

Ele mergulha o pano no balde, dando de ombros ao ouvir minhas palavras.

— Terei o resto da vida para fingir com você, mas agora eu precisava te manter alerta.

— Você estava me distraindo — ofego, o olhar baixando para o sangue que cobre minhas mãos.

As palmas das minhas mãos sujas são cobertas rapidamente pelo pano úmido que ele coloca sobre elas.

— E eu terei o maior prazer em distrair você da dor. Pelo tempo que você precisar.

O sabonete é áspero contra a minha pele, mas recebo bem o desconforto. Kai passa a toalha sobre o vermelho que agora faz redemoinhos na minha pele, manchando-a com o sangue de estranhos.

Tento engolir a emoção presa na garganta.

— Não é da dor que preciso ser distraída. É da lembrança do que fiz.

Ele passa o pano entre meus dedos, livrando a pele de qualquer traço dessa Prova.

— Eu sei. — Sua voz soa triste com o peso do entendimento. — É só que, depois de um tempo, tudo começa a parecer igual.

Estou maravilhosamente entorpecida enquanto ele guia minhas mãos até o balde de água, deixando o calor encobri-las.

— Eu também achei que não entraria naquela sala do trono esta noite — sussurro. — Estava preparada para morrer ao lado de Mareena naquela cripta onde caí. Nunca fiquei tão aterrorizada. E olha que eu passei a vida inteira com medo.

Agora Kai passou para os meus braços, guiando o pano sobre cada partícula de sujeira e sangue.

— Pae, não precisamos falar sobre isso agora…

— Estava escuro demais — ofego, porque parte de mim quer desesperadamente me livrar das lembranças que me assombram. — Nunca vi tamanha escuridão. E os morcegos…

Meu tremor visível faz com que Kai pouse a mão nas minhas costas de um jeito reconfortante. Vejo-o limpar cada marca de garra, cada mordida daqueles animais. Quando o pano manchado encontra o talho no ombro, sibilo com dor. Ele se esforça para limpar o sangue em volta do corte, murmurando:

— Mas você saiu. Conseguiu pegar a coroa. E depois acertou o crânio de um homem com ela. — Ergo o olhar rapidamente ao ouvir aquilo, pousando-o no sorriso torto dele. — Eu presumo.

Balanço a cabeça.

— Como foi que você…?

— Você não é a única observadora, Pequena Psíquica.

Quando seu sorriso apenas aumenta, solto o ar, bufando.

— Bom, eu não gostei de fazer isso.

— Eu sei. — O olhar dele se suaviza. — Eu gostaria de ter feito por você.

Minha voz soa cansada, refletindo o estado atual do meu corpo.

— Algum dia isso fica mais fácil? O mal que supostamente justifica a esperança de alguma coisa boa?

— Ainda não ficou. — Ele suspira. — Mas o seu mal vai pertencer a mim quando eu me tornar seu Executor. E talvez então, quando eu souber que você está colhendo o bem, as coisas fiquem mais fáceis.

Balanço a cabeça, com o olhar se demorando na mancha de sangue que suja seu peito, o lugar onde ele apertou as palmas das minhas mãos.

— Não quero manchar ainda mais a sua alma.

O sorriso dele é triste.

— Não resta muito para ser manchado, querida.

Depois de passar o tecido três vezes, ele muda de assunto. Suas palavras transparecem um certo desafio.

— E a caminhada atravessando a sala do trono? Ver a expressão em todos aqueles rostos quando você pôs a coroa na cabeça? — O olhar que Kai lança para mim é pesado. — Você gostou daquilo?

— Eu…

Adorei.

Mas o que digo, em vez disso, é:

— Não me incomodou.

Ele limpa um pouco de lama do meu queixo, roçando na cicatriz serrilhada, embaixo.

— Fala sério! Não seja modesta, Gray.

— Certo. — Meu olhar pousa no dele. — Poderosa. Aquilo me fez sentir poderosa.

— Bom. — O príncipe ofega. — Então se concentre nessa sensação, não no que foi necessário para chegar até ela.

Meus dedos encontram sua mão livre.

— Não quero obter poder se eu tiver que perder a mim mesma no processo.

Ele passa o pano no meu nariz, limpando o sangue antes de dar um peteleco.

— Todo mundo se perde para alguma coisa. Então, faça valer a pena.

Deixo que Kai incline minha cabeça à luz fraca. Ele limpa gentilmente a gota de sangue seco grudada na têmpora.

— E para que você se perdeu? — pergunto.

— Para o dever. Para a lealdade. — Um sorrisinho surge em seus lábios. — Para uma mulher de cabelos prateados que é um pé no saco.

Eu me inclino para trás, apoiada nas palmas das mãos.

— E você acha que valeu a pena? Se perder para uma Comum?

Enquanto ele afasta o pano do meu rosto, não consigo decifrar exatamente sua mistura de sentimentos.

— Cá entre nós, você é a única pessoa que parece se importar com esse fato.

Endireito as costas, rápida a ponto de as mãos de Kai apertarem minhas coxas para garantir que eu permaneça na cama.

— Claro que me importo. — Minha voz sai rouca, crua de emoção. — Eu sou fraca. Quase morri hoje e… — Toco o rosto dele, virando-o na minha direção. — Olhe para mim, Kai. Veja a que você escolheu se entregar. Posso ter parecido forte naquela sala do trono, mas sempre fui uma impostora no meio de gente realmente poderosa.

Ele está balançando a cabeça, escondendo o olhar. Agora, seguro seu rosto com as duas mãos.

— Eu me preocupo com você, Malakai. — O som do seu nome inteiro faz os olhos acinzentados se fecharem. — Se eu morrer…

— Pare.

— Se eu morrer — repito, séria —, preciso que você encontre outra coisa para a qual valha a pena se perder. Não vou deixar que minha morte iminente seja a sua também. — Aperto minha testa contra a dele, a voz falhando quando digo: — Prometa. Por favor.

— Pae. — A voz dele está embargada. — Eu perderia minha vida por você antes de encontrar outra pessoa por quem valha a pena viver. — Seus dedos penetram nos meus cabelos, deslizam pela minha nuca. — Você é o meu inevitável. Na vida e na morte.

Lágrimas turvam minha visão e uma delas escorre pelo rosto quando nossas bocas se encontram. Ele me segura gentilmente e seu beijo é suave a ponto de despedaçar cada parede dentro de mim. Eu

me entrego aos seus braços. Nada jamais teve um gosto tão doce quanto a promessa silenciosa nos lábios dele.

Você é o meu inevitável.

O beijo se aprofunda, e com ele uma súplica a cada toque de nossos lábios.

Eu te amo.

Digo no suspiro que ele arranca dos meus lábios. Em cada carícia lenta em sua pele. Em cada batida forte do coração que pertence a ele.

Eu te amo.

Kai tem cheiro de pinho, especiarias e noites longas sob o salgueiro.

Eu te amo.

Tem gosto de um segredo que eu quero gritar, uma palavra na ponta da língua que jamais poderei pronunciar. Assim, em vez disso digo o nome dele, como se pudesse reivindicá-lo com tanta facilidade. Como se não estivesse pensando em três palavras condenatórias quando o pronuncio.

Eu te amo.



Edric

Os braços de Edric estão cobertos de sangue.

Isso não deveria incomodá-lo. Afinal, ele é um rei. A própria história é banhada em sangue, e são os reis que o derramam. Ele deveria estar indiferente, pétreo como seu pai o criou para ser.

Mas esse sangue não é de uma batalha necessária nem de um Comum sem valor. É…

Vozes soam abafadas ao redor, misturando-se, turvas, numa sequência frenética de palavras.

A rainha está morta.

O corpo sem vida de Iris está deitado na cama. O sangue mancha as cobertas que já foram brancas, suja a pele que já foi quente.

Conselheiros discutem, Curadores pairam ao redor, Fatais se mantêm de pé, solenes, ao lado dele.

Edric não escuta nada. Há um zumbido constante em seus ouvidos e ele se sente grato por isso.

Sua mulher está morta. A vida foi arrancada do corpo dela por um simples bebê, e não havia nada que seus Curadores pudessem fazer para salvá-la. Agora não resta nada além de uma casca imóvel da mulher que Edric amou.

Bom, isso não é totalmente verdade.

Há uma menininha em seus braços.

Os pulmões dela reverberam gritos agudos que escapam da boca pequena. De novo, o rei não se incomoda com essa distração. Ele fecha os olhos cansados, incapaz de baixá-los para a filha. O que está ali são apenas mais restos de seu amor sem vida.

A criança compartilha o mesmo olhar penetrante da mãe. Ou melhor, ela o roubou. Aqueles olhos pertencem a Iris, e não ao bebê que a matou.

Quando o zumbido silencia nos ouvidos de Edric e o chão ameaça engoli-lo, só há uma pergunta que o rei se importa em fazer. A criança é rapidamente entregue aos braços do seu Silenciador.

— Quanto poder?

As duas palavras nascem da cobiça, de uma necessidade insaciável de poder. Porque, para Edric, nada é mais importante do que o poder. Não mais.

O Silenciador hesita.

— O que é, Damion? — brada o rei.

Todos os olhares pousam nos três Fatais sob a proteção de Edric. Uma ruga de preocupação se forma entre as sobrancelhas de Damion, seguida pelos olhos piscando repetidamente, de modo preocupante. Ele abre a boca. Fecha.

— Desembuche!

A ordem do rei ressoa no quarto, cortando até mesmo o denso fedor da morte. É a raiva e o sofrimento em sua voz que pressionam o Silenciador a sussurrar o que pode ser sua própria sentença de morte. Os reis têm o costume de matar o mensageiro.

— Ela não tem nenhum poder.

CAPÍTULO 21

Paedyn

Estremeço com a sensação pinicando na têmpora.

Não porque seja doloroso ter um ferimento se fechando sob as mãos de um Curador.

Não, o que dói mais é a familiaridade.

A sensação da pele se costurando de volta só me faz lembrar de quando meu pai usava essa habilidade. Antes eram seus dedos ágeis que passavam sobre cada dor e cada talho recebido durante as longas sessões de treinamento. E depois de me curar, ou de eu ajudá-lo a curar outra pessoa, comíamos um caramelo para comemorar mais um dia de sobrevivência.

Até que ele se foi. E agora esqueci qual é o gosto do doce.

Fico me remexendo na cama, o corpo pinicando a cada passagem das mãos ágeis do Curador. Tentando me distrair da sensação familiar, olho a luz do fim de tarde se derramando por tantas janelas ao redor. Kai só foi embora nas primeiras horas da manhã, me deixando para dormir por boa parte do dia.

Ele tinha tentado me convencer a receber um Curador até o momento em que o vi saindo pela porta. Mas eu estava cansada demais para aceitar a ideia até este momento, tendo saído da banheira com uma quantidade tremenda de dor. E com o baile em algumas horas, me obrigo a suportar a dor de ser curada por mãos desconhecidas.

Ellie se movimenta no quarto, preparando-se para o tanto de trabalho que a espera. Por ter dormido até tão tarde, eu a deixei com pouco tempo para tornar apresentáveis meu cabelo úmido e minha pele lanhada. Observo seus movimentos rápidos, inquieta porque ainda não tínhamos nos falado desde a chegada de Kai aos meus aposentos.

— Pronto, senhorita.

Levo um susto com a voz profunda do homem ao meu lado.

— Sim, obrigada. — Consigo dizer ao Curador, assentindo rapidamente para enfatizar.

Ele retribui o gesto antes de sair do quarto.

Com um suspiro de alívio, fico de pé, espreguiçando os membros rígidos.

— Não parece mais que eu quase morri ontem — digo, animada. — Na verdade, acho que até posso estar no clima para dançar.

— Alguém parece feliz.

Ellie dá um tapinha na banqueta da penteadeira com um sorriso, me chamando.

Sento-me diante dela, deixando as pálpebras se fecharem enquanto ela começa a passar o pó na minha pele.

— Estou me sentindo bem. Esperançosa.

— Fico contente em saber.

Alguma coisa em seu tom de voz faz meus olhos se abrirem rapidamente.

— E esse bom humor não tem nada a ver com K… — Respiro fundo. — Com o Executor.

— Uhum — murmura ela com os lábios esticados num sorriso fino.

— Ellie, não está acontecendo nada entre mim e… — Deixo o resto no ar quando ela balança a cabeça.

— Paedyn, não preciso saber sobre você e o príncipe. Eu só… — Ela morde o lábio inferior. — Só espero que você esteja tendo cuidado. As rainhas não são perdoadas tão facilmente quanto os reis.

Suas palavras são um lembrete muito necessário. Baixo os olhos para o anel ainda na minha mão direita — um detalhe que Kitt não esquecerá tão cedo. A água quente do banho o limpou completamente da lama, deixando a promessa brilhando no meu colo.

Com um suspiro, coloco-o no dedo certo.

Ellie não parece notar, enquanto mantém aquele sorriso suave.

— Mas gosto de ver você animada assim. Isso me lembra de Adena e do rapaz dela, da Alameda.

Meu corpo inteiro fica rígido embaixo da mão que está riscando uma linha escura de kohl em cima dos meus cílios.

— Do que você está falando?

Ouço a hesitação na voz de Ellie, a tristeza silenciosa que permanece ali.

— Ah, ela não contou a você, contou? — Ellie deixa as palavras se demorarem. — Adena costumava sair de fininho para se encontrar com um rapaz enquanto você estava nas Provas.

Meu coração bate no ritmo das palavras, doendo como faz desde o dia em que minha amiga morreu.

— Por que… por que ela não me contou?

Ellie recua, permitindo que eu abra os olhos agora cheios de lágrimas.

— Ela não queria distrair você. — Seus lábios se esticam num leve sorriso. — Disse que você não iria descansar enquanto não o conhecesse e o aprovasse. Então, o plano era contar depois, mas…

— Não houve depois — sussurro, me virando com uma respiração trêmula. — Ela sempre foi generosa demais.

Ficamos em silêncio enquanto Ellie volta, hesitante, para a tarefa atual. Depois de um longo tempo imersa em pensamentos, consigo juntar coragem suficiente para espiar meu reflexo. Mas não reconheço a garota que está ali. Seus cílios estão escurecidos, os lábios com cor de sangue. Ela tem a aparência afiada pelo luto profundo. Destemida por necessidade, e não por que é corajosa.

— Quero que Adena esteja comigo esta noite — digo baixinho, quebrando o silêncio que se estendeu entre nós.

Ellie assente, entendendo, e abre a porta do armário.



A prata empoça aos meus pés, cascateando do corpo.

O ar fresco roça o decote fundo das minhas costas nuas. A adaga presa na coxa é mais um conforto do que qualquer coisa, assim como o anel de aço que eu giro no polegar.

Muita coisa mudou desde a primeira vez que usei este vestido. No entanto, aqui estou de novo, indo para um baile em homenagem às Provas em que estou competindo. Só que agora tenho um anel na mão esquerda. Cortei o cabelo que caía pelas costas. Ganhei mais cicatrizes das quais sinto vergonha. Perdi a garota que fez este vestido para mim.

Aperto o xale elegante em volta dos ombros, garantindo que ele cubra o *C* gravado acima do meu coração. Felizmente, Ellie não me questionou quando pedi para usar a echarpe prateada. Ela está amarrada com elegância abaixo dos seios, caindo dos ombros e cobrindo a pele mutilada que quero esconder.

Kitt assente quando me aproximo da porta fechada do salão de baile. Não há como negar o quão bonito ele fica em um terno preto. O tecido da roupa se ajusta com perfeição ao corpo, contrastando com o cabelo louro e a coroa dourada.

— Você está linda — diz o rei, sem alterar o tom.

Sorrio, tentando esquentar a indiferença frígida entre nós.

— Obrigada, Kitt. Você também está muito bonito.

Ele assente, agradecendo, antes de me oferecer o braço rígido. Eu aceito, me sentindo um bocado desajeitada. Kitt não desperdiça nem um momento sequer antes de inclinar o queixo na direção dos Imperiais ao nosso lado. Compreendendo o pedido silencioso, eles começam a abrir a enorme porta dupla.

Esperamos, unidos levemente pelos cotovelos.

O rei olha nossos braços, examinando os dedos nus que rodeiam a dobra do seu cotovelo.

— Estou vendo que seu anel voltou à mão certa.

A porta geme nas dobradiças. Meu coração acelera.

Levanto a mão livre, mostrando o diamante para ele.

É nessa mão que Ilya precisa que esse anel esteja. É nesse dedo que os Comuns precisam que ele esteja.

— Claro — digo. — Depois de esconder o anel dos bandidos, devo ter colocado no dedo errado. Eu estava delirante.

Uma hesitação minúscula na minha voz faz com que ele me examine com curiosidade até as portas se abrirem por completo.

— Preparada? — murmura ele.

— Nem um pouco.

E com isso saímos na sacada acima do salão de baile. Kitt me guia até o corrimão, com os nossos corpos próximos. Há um mar de pessoas lá embaixo, todas olhando com expectativa. Não tenho nada assim desde que entrei no último baile das Provas do Expurgo. E não posso dizer que senti falta de olhar cada uma daquelas expressões frias.

— Boa noite! — A voz de Kitt percorre toda a extensão do salão. De repente soa mais calorosa agora que não é dirigida a mim. — Esta noite comemoramos o sucesso da primeira Prova de Paedyn Gray. Ela realizou o que poucos ousaram tentar, trazendo a coroa de Mareena Azer de volta ao seu lar de direito. E se Paedyn continuar obtendo sucesso nessas Provas, logo ela própria usará essa mesma coroa.

Eu me esforço para não levar um susto com o serviçal que aparece de repente ao meu lado. Hesitando, aceito a taça de champanhe que ele oferece e vejo Kitt fazendo o mesmo.

— Um brinde — declara o rei, levantando a taça para a multidão. As pessoas reagem fazendo o mesmo com as próprias taças. Ele parece pigarrear, antes de terminar: — À Paedyn Gray e à realização dessa primeira Prova.

Minhas palavras murmuradas são engolidas pelos ecos da multidão, mas elas não se destinam aos ouvidos de ninguém, além dos meus.

— À sobreviver por tempo suficiente para ver Ilya unida.

Levo a taça aos lábios, engolindo o champanhe com todo mundo. As bolhas descem pela minha garganta, frisantes e doces.

A vida recomeça na pista de dança enquanto descemos uma das escadas forradas de esmeralda que levam ao mármore lá embaixo. Uma música animada acompanha cada passo que dou. O braço de Kitt é uma âncora me impedindo de despencar escada abaixo.

Quando meus saltos tocam o piso, sou cercada por um enxame de corpos. Não por minha causa, claro, e sim pelo rei sorridente. Mulheres de todas as idades vêm até nós, falando sobre só a Peste sabe o quê, batendo os cílios para ele. Sou rapidamente empurrada para

longe, deixada para bebericar meu champanhe sozinha enquanto Kitt ocupa seu séquito.

A irritação se arrasta rapidamente pelo meu rosto, avermelhando as bochechas. Não estou aborrecida com as mulheres que tentam cortejar meu noivo, somente com a coragem que têm de o fazerem na minha frente. Com esse pensamento, começo a abrir caminho pela turba para reivindicar o que é meu — não por ciúme, mas como um ato de poder que obviamente preciso estabelecer.

Estendo a mão para Kitt e passo o braço pelo dele.

— Vamos dançar. Eu quero dançar.

As mulheres parecem murchar ouvindo minhas palavras, e Kitt fica quase tão surpreso quanto elas.

— Você quer?

Dou-lhe um sorriso luminoso, como se isso pudesse remendar o relacionamento que deixei em farrapos.

— Nós estamos noivos, não estamos? Parece certo dançarmos para a corte.

Kitt pondera por um momento, antes de decidir que não tem muita opção. Numa concordância silenciosa, vamos até a pista de dança. Engulo o restante do meu champanhe e ponho a taça vazia na bandeja de um serviçal, com o estômago esquentando devido ao álcool. Quando me viro para sorrir para o rei relutante que arrastei, meu olhar se prende num tom de roxo familiar.

Kitt quase tromba em mim de tão bruscamente que plantei os pés no chão.

Uma emoção mais poderosa do que a fúria começa a borbulhar dentro de mim ao ver aquele cabelo lilás. A boca do rei está se mexendo, mas não ouço nenhuma palavra que sai dela. Em vez disso, estou à beira da pista de dança olhando para a assassina de Adena.

É como se estivesse de volta ao centro daquele Fosso, segurando o corpo ferido da minha amiga, com os olhos fixos na culpada, como estão agora.

De repente meus pés estão se movendo. Passo entre os corpos aglomerados e os casais balançando no ritmo da música, sem me importar se atravesso no meio de uma dança. A cada passo, as feições dela ficam mais nítidas. O longo cabelo lilás que estava preso com uma

tira naquela última Prova na Arena. Os olhos castanhos que espiaram o galho atravessar o peito de Adena. Os lábios pintados que se retorceram num sorriso enquanto ela guiava o galho com um único pensamento assassino.

E vou despedaçá-la por causa disso.

Estou prestes a alcançar Blair quando seu olhar finalmente se digna a pousar em mim. E sorrio quando seus olhos se arregalam com uma emoção que talvez seja medo.

Ataco com os dentes à mostra, os braços estendidos…

Braços envolvem minha cintura, me puxando para longe dela.

Solto um grito de frustração enquanto luto contra o aperto familiar. Os lábios de Kai estão junto do meu ouvido antes que meus pés sequer encontrem o chão.

— Calma, Pae. Você precisa se acalmar.

Cravo as unhas nos braços dele, com a raiva enevoando minha vista. É só quando outra figura bloqueia minha visão de Blair que me acalmo. Lenny paira diante de mim, sem a costumeira máscara de Imperial. Sem o couro para escondê-lo, vejo a preocupação que nitidamente franze sua testa.

— Paedyn, você não pode tocar nela, está bem? — A voz dele é em parte uma súplica e em parte uma ordem. — Não vale a pena. Você vai ser rainha. Pense no que aconteceria se você tentasse matar a filha do general na frente de toda a corte.

Os braços de Kai se afrouxam em volta da minha cintura, me deixando parada diante de Lenny, ofegante.

— Não vale a pena — repete, baixinho. — Por favor, não me obrigue a ficar entre vocês duas. Porque eu farei isso.

Suas palavras me fazem dar um passo atrás, cambaleando. Balanço a cabeça. Lenny deve estar vendo cada fração de dor e de ódio no meu rosto, porque sua expressão fica igualmente abalada. No entanto, ele opta por voltar ao seu lugar junto de Blair. Os olhos castanhos dela se viram rapidamente na direção dos meus, o rosto plácido de um modo que dificulta não despedaçar aquela fachada com o punho.

— Mantenha-a fora do meu caminho — ordeno com a voz calma. — Porque você não vai ser capaz de me impedir, Lenny. Você sabe disso.

Eu me afasto antes que uma reação possa se formar no rosto deles. Ouço os passos largos de Kai atrás de mim, provavelmente garantindo que eu me comporte.

Mas essa é a última coisa que quero fazer esta noite.

Pego uma taça de champanhe na bandeja de um serviçal e engulo o líquido em segundos. Depois troco a taça vazia por uma cheia e faço o mesmo. O calor se derrama no estômago, cobrindo meu corpo com uma sensação turva e inebriante.

É só isso que quero sentir esta noite. Não quero sentir raiva nem dor, nem quero me sentir como uma rainha. Tudo o que quero é apreciar a sensação de contentamento crescendo dentro de mim.

— Será que vou querer saber o que você está planejando? — Kai suspira ao meu lado.

Dou-lhe um sorriso, percebendo como ele me afeta. Depois coloco a taça vazia na sua mão.

— Estou planejando me divertir.

CAPÍTULO 22

Kai

Ela perdeu os sapatos.

Bom, tinha perdido.

Isso foi antes de eu revirar o salão de baile procurando por eles, sabendo que Paedyn não faria isso. Ao ver que foram jogados para longe com uma declaração de desconforto, tenho certeza de que ela ficou contente em não os encontrar.

Agora, balançando no ritmo da música, Pae mal percebe os sapatos de salto alto pendurados nos meus dedos. Estou encostado na coluna, observando-a com um sorriso que raramente surgiu em meus lábios durante toda a noite.

Seu familiar vestido prateado se gruda no corpo, ondulando a cada movimento. Ela é hipnotizante: cada gargalhada, cada sorriso, cada movimento dos quadris. As bochechas estão ruborizadas sob as mechas de cabelo prateado que caem sobre o rosto. Mas, apesar da pele reluzente, Paedyn não tira o xale fino de cima dos ombros.

E talvez eu seja a única pessoa neste salão que sabe o porquê.

Levantando o olhar do ponto onde sei que está o presente de despedida do meu pai para Paedyn, sob o tecido, encontro-a levando outra taça de álcool àqueles lábios vermelhos que me distraem tanto. Afasto-me da coluna, segurando o braço dela antes que o líquido possa descer pela garganta bonita.

— Não acredito que estou dizendo isso, mas talvez eu precise impedi-la de beber mais pelo resto da noite.

Suas sobrancelhas se erguem em diversão. Cada movimento é exagerado.

— *Você* vai *me* impedir? — Ela chega mais perto, inclinando a cabeça. — Parece meio irônico.

— Acredite, querida. — Dou um suspiro. — Sei disso muito bem.

Ela balança a taça na minha direção, derrubando o champanhe pela borda.

— Não é você que adora ficar bêbado nesses bailes chatos? — Com a mão livre, ela cutuca meu peito com um dedo. — Aí você implora para dançar comigo. E de vez em quando desamarra meu vestido depois.

Dou uma risadinha vendo seu sorriso astuto.

— Você sabe por que fiz aquilo.

— É, mas o que eu não sei — diz ela com inocência — é por que você não fez de novo desde então.

— Você está… — Balanço a cabeça, incrédulo. — Você está flertando comigo, Gray?

Pae ri de um jeito que nunca ouvi antes, mas que eu imploraria para ouvir de novo.

— Só estou pensando em voz alta.

Agora é minha vez de inclinar a cabeça.

— Então sem dúvida eu gostaria de ouvir o que mais você está pensando.

— Por que não está bebendo comigo? — Ela contra-ataca com um sorriso travesso.

— Alguém precisa cuidar de você.

Paedyn se aproxima um passo.

— Eu tenho um noivo.

— E no entanto… — Balanço os saltos altos diante dela. — Sou eu que estou segurando seus sapatos. Mas estou preocupado pensando no que você vai tirar em seguida.

Isso a faz gargalhar. Seus dentes estão luminosos contra os lábios vermelhos, e não posso fazer nada além de estudar o brilho avassalador desse sorriso.

— Por quê? Porque não vou deixar você ajudar?

Encolho um ombro, o olhar percorrendo o salão apinhado.

— Porque não gosto de dividir.

Isso parece fazê-la parar um momento. Pelo menos o suficiente para tomar um gole vagaroso do champanhe. Então seu olhar fica preso naquele anel brilhante, ao mesmo tempo em que encolhe os ombros de volta para mim.

— Bom, você vai ter tempo suficiente para se acostumar.

Não estou bêbado, mas as palavras dela são capazes de deixar qualquer um sóbrio. Elas me atravessam de uma só vez, como um tapa na cara. Porque irei dividi-la em segredo para sempre, à sombra do seu casamento com meu irmão. Esse simples pensamento me faz largar seus sapatos esquecidos e tirar a taça das suas mãos. Num movimento rápido, engulo o líquido roubado, saboreando a doçura na língua.

Paedyn arqueia as sobrancelhas enquanto um sorriso aparece em sua boca.

— Mudou de ideia com relação a ficar de olho em mim, é?

Sinalizo para um serviçal, pegando mais duas taças de champanhe na bandeja que ele segura.

— Ah, vou continuar de olho em você quando estiver bêbado, querida. E esse é exatamente o problema.

Pegando a taça que eu estendo, ela me dá um olhar irônico.

— E por que isso seria um problema?

Inclino-me para ela, murmurando:

— Nós deveríamos manter distância, lembra? Eu já tenho dificuldade suficiente com isso quando estou sóbrio.

Alguma coisa no modo como me olha já tornou difícil pensar direito. Essa versão de Paedyn parece ainda mais perigosa do que a que segura uma lâmina encostada no meu pescoço, inabalável. O álcool a encoraja, afrouxando os lábios para dar vida aos pensamentos sóbrios. E, sinceramente, não sei como me conter diante de uma Paedyn que me persegue com tamanha ousadia.

Na verdade, talvez ela esteja até mesmo me deixando nervoso. Não estou acostumado com essa sensação.

— Nesse caso… — Sua voz soa preguiçosa enquanto ela aperta a base da minha taça, levando-a à minha boca. Enquanto a inclina de

encontro aos meus lábios, nossos olhares não se afastam um do outro.
— Vamos testar esse seu autocontrole, Executor — cantarola ela, me entregando seu próprio champanhe.

Suspiro antes de tomar um gole generoso.

— Não é isso que você vem fazendo desde o dia em que nos conhecemos?

Paedyn faz um muxoxo.

— Não vou ser conquistada pelas suas palavras bonitas, príncipe.

O canto da minha boca se curva num sorriso malicioso.

— Parece meio tarde pra isso, não é?

— Babaca metido a besta — sussurra ela.

— Minha linda Pae.

Admiro-a por um longo momento, desejando desesperadamente que fôssemos os únicos neste salão. Desejando que não existisse uma plateia nem regras para seguir. Ela parece pensar a mesma coisa, porque, bufando, tira a taça da minha mão e termina de beber o champanhe.

— Quero dançar — declara, com o rosto corado.

Coloco as mãos nos bolsos da calça escura, despreocupado.

— Bom, você vai ter que pedir direito.

— E o que faz você pensar que eu quero dançar com você?

— Não consigo pensar num motivo para você não querer, na verdade.

Ela dá uma risada afiada antes de virar as costas para mim e chamar:

— Jax!

Uma figura magricela no outro lado do salão gira rapidamente ao ouvir seu nome. Quando o olhar de Jax pousa em Paedyn acenando, seu rosto se abre num sorriso. Ele se apressa, os passos compridos levando-o rapidamente através da multidão.

— Ei, Paedyn! — diz ele com animação suficiente para disfarçar o nervosismo que faz sua voz tremer.

— Olá, Jax. — Quando Pae sorri para ele, percebo o movimento nervoso do pomo-de-adão de Jax. — Senti sua falta.

— V… verdade?

— Claro. — Ela estende a mão. — Agora vamos dançar.

Os olhos de Jax se arregalam. Paedyn, por outro lado, põe sua taça vazia na minha mão. Em seguida, está lançando um olhar presunçoso por cima do ombro enquanto puxa meu irmão mais novo para a pista de dança. Balanço a cabeça para suas costas nuas, vendo o vestido prateado ondular, com Jax a reboque.

Não demora muito antes que eu comece a rir dos dois tentando dançar. Eles mal conseguem dar uma sequência de passos sem tropeçar, e Pae está rindo demais para tentar. Em vez disso, parece ter abandonado a coreografia que acompanha essa música e agora faz qualquer coisa que deseje.

Pego os sapatos dela e volto ao meu lugar junto da coluna, me encostando enquanto os observo girando pelo salão. As risadas dos dois atravessam o burburinho, alcançando até meus ouvidos. Isso me faz lembrar de um tempo em que…

— A gente ria assim o tempo todo.

Kitt toca no meu ombro ao contornar a coluna. Encaro-o e balanço a cabeça.

— Você leu a minha mente.

Ele parece cansado.

— Sinto saudade de quando eu aproveitava esses bailes.

— Eu também. — Olho para a pista de dança. — Pelo menos alguém está se divertindo.

Kitt toma um gole da sua bebida, e seu olhar acompanha a figura de Paedyn girando.

— Ela parece muito… feliz.

Eu suspiro.

— Bom, meia dúzia de taças de champanhe faz isso com as pessoas.

Ele bufa.

— Então ela está imitando você esta noite?

— É o que parece. — Dou um sorriso. — Mas sem dúvida ela está se saindo melhor. Eu teria roubado uma garrafa de alguma coisa mais forte e a essa hora já teria ido para o quarto.

— E eu iria atrás, porque me recuso a suportar um baile se você não estiver sofrendo comigo.

Balanço a cabeça, olhando para o chão.

— Os bons velhos tempos, hein?

— Ah, é. — Ele solta o ar com força. — Eu gostaria que aqueles bailes fossem nossa maior preocupação agora.

Não sei bem o que me leva a falar. Até as palavras têm um gosto amargo.

— Eu gostaria que eles fossem minha maior preocupação naquela época também, mas eu estava ocupado sendo esfolado pelo nosso pai.

Sinto seu olhar chocado percorrendo meu rosto.

— Kai, eu… não posso dizer o quanto lamento isso. O que ele foi pra você, o que ele fez você passar, era simplesmente muito… diferente do homem que eu conhecia.

A culpa se entrelaça em volta de mim enquanto me arrependo imediatamente das palavras. Respirando fundo, encaro-o nos olhos. Os olhos do meu pai.

— Só digo isso pra lembrar como você pode ser melhor. Como você já se tornou melhor.

O olhar dele se ilumina com uma emoção que não consigo identificar.

— Quero ser melhor. Diabos, eu quero ser muito melhor.

— E será. — Minha mão encontra o seu ombro, sacudindo-o de leve. — Estou com você até o fim.

Sua voz é um murmúrio, séria como o olhar que ele gruda em mim.

— Você e eu, irmão.

— Você e eu — repito.

Então compartilhamos uma coisa. Um sorriso. Um momento de compreensão. O conserto de um elo que esteve abalado.

Custou muito sofrimento e muita raiva chegar aqui, mas sinto orgulho de dizer que meu irmão voltou para mim. Este é o Kitt que eu conheço e amo.

Este é o amigo com quem vou passar o resto da vida.

Este é o homem que vai se casar com a mulher que eu amo.

Afasto o pensamento.

— Esse foi um assunto deprimente demais para um baile. A gente deveria estar tentando se divertir.

Kitt assente na direção da pista de dança.

— Acho que eles dois estão se divertindo o suficiente por nós.

Estavam mesmo. Jax e Paedyn ainda não tinham parado de provocar uma cena com os giros incessantes.

— Foram três danças? Se dançarem mais uma, a corte pode começar a achar que nosso irmãozinho está tentando roubar sua noiva.

— Ah, duvido que seja com esse irmão que eles estejam preocupados — comenta Kitt, sem alterar a voz.

Lá vamos nós.

Ensaiei minha reação a esse tópico sensível. Pigarreando, garanto que apenas essas palavras suaves, treinadas, preencham o ar entre nós.

— Não quero ficar entre vocês dois.

É verdade. Não tenho desejo de ser o obstáculo entre eles. Mas é o que sou, e não vou parar de amá-la por causa disso.

Kitt dá uma risadinha e fico ligeiramente espantado com o som.

— Não é você que está se metendo.

Não tenho chance de pensar nessas palavras. Ele continua, rápido, evitando prolongar o assunto. E uma parte covarde de mim agradece por isso.

— Parece que a Andy está gostando da apresentação.

Examino a multidão e encontro os familiares cabelos cor de vinho no meio da confusão de pessoas. Vejo o corpo dela se sacudindo com risadas, uma das mãos apertando a boca e a outra em volta de seu bonito parceiro de dança.

Corro o olhar rapidamente pela multidão e pouso-o em cabelos de cor lilás. Grudado em Blair está o ruivo alto que eu sei que é amigo de Paedyn.

— Foi um risco deixar que Blair viesse aqui, sabe. A futura rainha quase arrancou a cabeça dela na frente de toda a corte.

Essas palavras fazem Kitt pegar uma bebida.

— Ah, eu sei. Mas preciso… aclimatar as duas, de algum modo. — Ele tosse rapidamente no punho fechado. — Não posso mantê-las separadas para sempre. E com certeza não posso permitir que minha rainha ataque pessoas dentro deste castelo.

Minha rainha.

É o modo como meu irmão diz as palavras que me deixa tenso. E é exatamente essa reação que ele estava procurando. Fora meu tremor sutil, mantenho a expressão vazia e o olhar voltado para a frente.

— É, não pode mesmo. — Em seguida me viro para ele e baixo a voz: — Mas se eu sei alguma coisa sobre sua rainha, é que ela sempre vai arranjar um modo. De sobreviver ou de matar. E não sei se alguém pode sobreviver à ira de Paedyn.

Volto o olhar até o casal dançando: uma garota de cabelos de cor lilás nos braços do meu Imperial.

Kitt assente.

— Não duvido. Você a conhece melhor do que eu. Melhor do que você me conhecia.

— Eu conheceria você em qualquer vida, irmão. — Minhas palavras saem apressadas. Entro na frente dele, completamente voltado para a outra metade de mim. — Mais do que qualquer outra criatura. Acredite.

Kitt sorri, um movimento vagaroso, aliviado. Sua mão segura meu braço enquanto ele baixa a cabeça, escondendo a emoção que brilha nos olhos verdes.

— E eu sinto o mesmo com relação a você.

Solto o ar, sentindo a tensão escapar do corpo. Este é o irmão que eu conheço, o elo que eu sei que temos. E não suporto a ideia de perder isso.

— Esses sapatos são dela?

Acompanho o olhar de Kitt até os sapatos pendurados nos meus dedos. Minha risada é abafada pela mão que passo no rosto.

— Ela tirou os sapatos umas duas taças de champanhe atrás.

O olhar do rei se arrasta por cima do meu ombro.

— Por falar no diabo…

Eu me volto para a pista de dança. E ali está Paedyn, vindo na nossa direção com um sorriso ofuscante entre as bochechas rosadas. Fico sem fôlego com a visão, condenado pela esperança de tê-la. É uma bela ruína, uma devoção devastadora. Essa garota tem meu coração nas mãos. Ela seria capaz de esmagá-lo entre os dedos e ainda me fazer agradecer pelo toque.

E eu seguro os sapatos dela.

CAPÍTULO 23

Paedyn

Meu sangue parece estar borbulhando.

Estou leve e pesada ao mesmo tempo, e o calor que se espalha embaixo da pele é hipnotizante. Nunca me senti tão despreocupada, sem me incomodar com a vida, as regras, as esperanças e os fracassos…

No que eu estava pensando? Minha cabeça está girando. Não de um modo desagradável, mas com velocidade suficiente para despejar rotineiramente os pensamentos.

Não ajuda nem um pouco o fato de o resto de mim ter girado por… por um tempo que não me dou ao trabalho de determinar nesse momento. Por fim, me desembaracei das pernas compridas de Jax depois de dançar — ou algo levemente parecido com isso — entre os cortesãos que olhavam.

Porque apontei minha mira para uma coisa igualmente divertida.

Os rapazes estão encostados numa coluna, com seus ternos pretos nítidos ao lado do mármore e…

E não consigo me concentrar em nada além disso, porque, *cacete*, eles estão lindos. Sinto meu sorriso cresce enquanto me esforço para caminhar até os dois em uma linha reta. Eles formam um belo par, os irmãos Azer. E tenho o resto da vida para passar com eles. Casada com um e apaixonada pelo outro.

Esse pensamento sinistro é um dos muitos que eu esperava que as numerosas taças de champanhe afastassem. Mas, como todos os outros, ele é fugaz. Assim como a vontade de arrancar a cabeça de Blair. Por enquanto.

De repente, estou diante do rei e do seu Executor. Kitt e Kai. Noivo e lamentavelmente não noivo.

Minha língua está solta e seca. E, afinal de contas onde, diabos, estão os meus sapatos? Ignoro tudo para dizer:

— Por que vocês dois não estão se divertindo?

Quem responde é Kai, a voz sedutora de um modo que eu não recusaria neste momento:

— Nós também deveríamos dançar com Jax?

Kitt ri enquanto eu dou um sorriso frouxo, inclinando a cabeça pesada. Quero que ele ria das minhas palavras assim. Ou algo do tipo.

— Não, tenho certeza de que vocês já fizeram isso. Então, eu vim convidar vocês para dançar.

Bom, é uma ideia interessante. Estou morrendo de medo de quais palavras irão sair da minha boca em seguida. Qualquer coisa que eu diga vai ser um choque até mesmo para mim.

Kitt balança a cabeça.

— E eu que achava que você não poderia me surpreender mais esta noite.

Quando o olhar do Executor encontra o meu, o rei volta à sua fachada impassível e frustrante. É, eu gostaria muito que fôssemos amigos de novo. Suas palavras saem entrecortadas.

— Eu? Ou o Kai?

Acho que ouço meu riso.

— Sim.

E com isso estou agarrando os dois pelos braços. Não me incomodo em tentar compreender seus protestos persistentes enquanto os arrasto para a pista de dança. O mar de pessoas se abre para nós, divertindo-se o suficiente a fim de se virar para os vizinhos e fofocar.

Quando paro no centro da pista de dança, me viro para os rapazes.

— Como futura rainha, inauguro uma nova tradição.

Talvez eu tenha gritado as palavras. Ops.

Agora Kai está beliscando o osso do nariz, engolindo o riso na garganta.

— Pela Peste, espero que você se lembre disso amanhã.

— *Shh*, estou emitindo um decreto — digo dando uma bronca.

Kitt pode ter sorrido.

— Estamos ouvindo, Paedyn.

Gosto de ele ter dito o meu nome. Parece um progresso.

Pigarreio, ignorando os muitos olhares ao redor, e…

Humm. Sinto que eu deveria ser mais alta para isso. Para estabelecer minha força e coisa e tal. Então, onde, diabos, estão meus saltos altos quando preciso deles?

— Declaro — digo lentamente, com a coluna ficando ereta — uma dança entre nós três. Unificados como um só.

Nem dou chance de questionarem. Isso é que é ser rainha!

Passo um braço em volta de cada um e me embalo ao som da música animada. Essa era a diversão que eu queria. Isso vai nos unir. Que modo melhor de forçar o rei a uma amizade comigo?

Eu rio, rio e, pela Peste, nunca ri tanto. E acho que esse pode ser o motivo para os pés dos rapazes se moverem junto comigo.

Os irmãos compartilham um único olhar. É aquela ligação fraterna que jamais pode ser rompida — a não ser por mim, talvez, mas que pensamento sinistro! — que os faz se comunicar numa língua que não consigo ouvir. E a conclusão silenciosa a que chegam é obviamente para o meu benefício. Não por pena, não, mas por cuidado. Kai por mim e Kitt por Kai.

Logo os braços deles passam pelas minhas costas, cada um envolvendo o outro. Giramos em nosso círculo improvisado com qualquer sequência de passos que desejamos. Sou puxada, girada e rio mais alto a cada minuto. Os Azer riem comigo. De mim, talvez, mas não me importo. Essa é uma felicidade pela qual estou disposta a sacrificar minha dignidade.

Rompemos nosso círculo, dançando como queremos. Sou girada entre eles, passada de um braço ao outro. Mal percebo os grupos de pessoas que começam a dançar ao nosso lado, seguindo a nossa deixa. Grupos de corpos giram e dançam, rindo da informalidade disso tudo.

E ouso dizer que essa corte jamais se divertiu tanto.

Fico nas pontas dos pés e passo os braços nos ombros do rei e do Executor, sorrindo para o salão ao redor. Há uma beleza tão grande no caos que eu…

Estou sendo levantada do chão.

Solto um gritinho quando braços envolvem minha cintura e afastam meus pés do chão. Agora estou mais de um palmo mais alta do que os rapazes que me seguram, e essa é exatamente a altura que eu gostaria de ter quando fiz meu decreto impulsivo.

Olho para baixo à esquerda. Kitt, com a coroa em cima do cabelo louro, dá um sorriso surpreendentemente enorme, com a postura do rapaz de quem fiquei amiga há tanto tempo, e não daquele que eu traí. Vejo esperança quando o observo nesse momento. Um companheirismo brotando.

Olho para baixo à direita e vejo Kai, com o cabelo preto encaracolando na testa, olhos brilhantes e covinhas que eu amaldiçoo baixinho. Mas, acima de tudo, amor. O amor se demora no seu olhar, em seu toque, até na curva daquele sorriso que eu sei que pertence apenas a mim.

O salão gira ao redor, mas é ele que eu foco. É a ele que me agarro.

Muito depois da nossa dança e indo até longe na próxima vida.



A noite passa na forma de clarões turvos.

Minha boca dói de tanto sorrir. Meus pés doem de tanto dançar.

Mas neste momento fugaz não estou sobre meus pés.

Não.

Estou envolvida em braços fortes, encostada num peito largo, sorrindo para um rosto bonito.

Kai diz para eu parar de olhá-lo desse jeito.

Minha voz parece distante.

— E como estou olhando?

Ele diz que estou olhando-o como uma promessa que não posso cumprir.

Isso me confunde. Ou talvez não. Talvez faça todo o sentido.

— Quero contar um segredo, mas estou com medo.

O príncipe se oferece para dizê-lo a mim.

Concordo.

Percebo o que está pendurado nos seus dedos, balançando na mão atrás dos meus joelhos.

— Você achou meus sapatos!

Ele sussurra o segredo de três palavras.

— Você achou meus sapatos pra mim.

Outra declaração de devoção murmurada.

Lágrimas ardem nos meus olhos.

— … você achou meus sapatos pra mim.

Kai diz que me ama. De novo e de novo.



Cubro o rosto com um travesseiro, bloqueando a luz.

Com um gemido, rolo, quase caindo da beira da cama. Minha cabeça lateja enquanto ouso entreabrir um olho e me arrependo no mesmo instante. Há muito a luz do sol adentrou meu quarto, banhando a cama com calor, como se os raios quisessem acariciar meu rosto.

Jogando as cobertas sobre a cabeça que dói, me escondo feliz do mundo lá fora. Mas o mundo lá fora começa a falar.

— Sabe, eu apostei que seria ao meio-dia, mas Kai disse que seria duas horas depois disso — diz a voz familiar. — Ele estava certo. Acho que eu deveria ter ouvido. Ele conhece você muito melhor que eu.

— Eu não daria muito crédito a Kai — resmungo embaixo dos lençóis. — Ele vai ficar metido a besta.

Juntando coragem, lentamente desfaço o forte onde me enterrei e estreito os olhos na luz dolorosa. Só de ouvir a voz, sei quem está no quarto comigo, mas isso não torna a visão dos olhos verdes e o cabelo louro desgrenhado menos chocante.

Kitt no meu quarto. Ainda mais chocante, ele veio me ver. Não me lembro de muita coisa de ontem à noite, mas devo ter feito algo certo. Agora só preciso garantir que não vou arruinar esse progresso.

Consigo me sentar enquanto Kitt observa sem nem disfarçar:

— O champanhe não é tão divertido de manhã.

Meus olhos pesados se viram na direção dele, ao lado da cama. O rei está me observando atentamente, e tudo que consigo é soltar um murmúrio fraco:

— Minha cabeça está latejando.

— Eu já imaginava — diz o rei, devagar. — Então pedi pra Gail preparar isso pra você.

Ele pega um copo na mesinha de cabeceira, girando o líquido turvo. Me esforço para não parecer chocada com esse gesto gentil, mas é difícil ignorar a esperança que cresce no meu peito.

— Isso parece… horrível — digo finalmente, grasnando. — O que é?

O sorriso dele é preocupante.

— É melhor não saber. Mas vai fazer você se sentir melhor, acredite.

Dou-lhe um olhar cético antes de espiar o líquido. Kitt inclina a cabeça, me instigando a beber, mas assim que encosto o copo nos lábios e viro a cabeça para trás, me arrependo. O gosto só pode ser descrito como horroroso, e estou pensando momentaneamente em cuspir essa coisa granulosa.

— Não, não desista ainda.

Os cantos da boca de Kitt se curvam para cima, e o suficiente para me fazer continuar.

Engulo depressa o restante do líquido maligno e empurro o copo na mão dele com uma tosse engasgada.

— Isso foi… — estremeço. — Isso foi horrível.

— Vou te falar: o remédio de Gail pra ressaca não é para os fracos. — O olhar de Kitt fica distante. — Kai e eu aguentamos isso muitas vezes no decorrer dos anos.

Em seguida, Kitt me entrega um copo de água, que eu engulo depressa na esperança de afastar o gosto horrendo da boca. O rei me observa com atenção, parecendo distante do título, sentado de um jeito casual perto de mim.

— Como está se sentindo?

Eu me avalio antes de determinar:

— Melhor, na verdade. Obrigada. Eu não… — Estou me sentindo irritantemente sem graça. — Eu não imaginei que você viria me ver.

— Alguém precisava garantir que você ainda estava viva aqui — diz ele.

— Fico feliz porque você tenha se incomodado em verificar.

Há uma longa pausa. É como se ele não achasse que isso fosse verdade. Mas então vem sua mudança súbita de assunto.

— Hoje vou falar com a corte sobre sua próxima Prova.

Eu me empertigo.

— Já?

Kitt assente.

— O teste da sua benevolência vai demorar mais do que o da bravura, por isso vou fazer com que você comece mais cedo.

— Vou passar por outra Prova nos próximos dias.

Mesmo pronunciando-as num sussurro, as palavras são ensurdecedoras. Um pânico familiar devora minha compostura. Posso ter completado a primeira Prova, mas isso não garante que eu sairei viva da próxima. E assim como aconteceu a minha vida inteira, estou com medo.

— Pelo menos você descansou bastante — comenta Kitt.

Encosto a cabeça na parede, e ela continua doendo.

— A que horas eu voltei para o quarto ontem à noite?

— Quase às cinco da manhã. Kai carregou você até aqui em cima.

Praticamente me encolho ouvindo as palavras. Não há censura alguma nelas, e isso quase torna tudo ainda pior. Falar sobre Kai sempre foi, e sempre será, insuportavelmente incômodo, por isso tento evitar.

— Pela Peste, o quanto eu bebi?

— O bastante para não se lembrar de muita coisa, imagino.

Solto o ar.

— É, tudo está muito… turvo, mas me lembro de algumas partes do baile. — Lançando um olhar para ele, acrescento: — Bom, certamente me lembro de por que comecei a beber.

A figura de Blair surge na minha mente, conseguindo fazer meu sangue ferver mesmo agora.

— Lamento que a presença dela tenha sido tão perturbadora — diz Kitt, sem parecer muito abalado com isso. — Mas preciso que você se acostume a tê-la por perto. Simplesmente não posso fazer com que ela desapareça.

— Ah, eu poderia. — Não há nenhuma sugestão de sorriso no meu rosto. — Me deixe fazer isso. Por favor.

— Você sabe que não é possível, Paedyn. — O rei passa a mão na nuca. — Mas você pareceu se divertir apesar da presença dela. Até conseguiu fazer a corte se divertir um bocado, e esse não é um feito simples.

— É, a dança — digo devagar. — Meus pés estão doloridos.

— Bom, ouvi dizer que você descartou os sapatos em pouco tempo. — Ele assente na direção dos sapatos largados ao lado da cama.

Olho para eles enquanto uma lembrança da noite passada luta para chegar à superfície. Mas antes que eu tenha a chance de recordar, Kitt está de pé.

— Você emitiu outro decreto também. Muito impressionante.

Dou uma risada.

— Não zombe de mim.

Isso quase consegue me render um sorriso antes de ele pigarrear, rouco, e ficar de pé.

— Vou mandar Ellie para ajudá-la a se arrumar. Preciso ir a uma reunião.

Ele aponta para a mesinha de cabeceira, atraindo minha atenção para o que está ali, fumegando à luz do sol. No meu estado de ressaca, eu não tinha percebido a tigela.

— Kai disse que talvez você quisesse um pouco disso. De novo, ele conhece você bastante bem, então acreditei nele.

Mesmo contra a vontade, sorrio para o mingau enfeitado com frutas. Uma fruta que Kai odeia. Os mirtilos estão misturados na aveia quente, me lembrando daquela longa noite embaixo do salgueiro.

— Obrigada — murmuro, olhando para ele. — Por ter trazido isso pra mim.

Ele assente rapidamente, então tosse no punho manchado de tinta.

— Você tem duas horas. Depois disso eu te vejo na sala do trono.

Ele sai pela porta e é substituído depressa por Ellie. Devoro o mingau enquanto ela arruma o quarto, me olhando de soslaio.

— O que é, Ellie? — pergunto, enfim, entre duas colheradas.

— Nada — responde ela rápido demais. — Só estou feliz que tenha melhorado. Você estava totalmente apagada quando foi trazida pelo príncipe Kai ontem à noite.

Sinto as bochechas corando.

— É, não foi o meu melhor momento.

— Ele insistiu em ficar aqui com você. — Ela me olha timidamente. — Disse que ficaria sentado na cadeira até ter certeza de que você estivesse dormindo.

Engulo em seco.

— E ele ficou?

— Sim. — A voz dela sai baixa. — Até muito tempo depois.

Ficamos em silêncio, concentradas na tarefa em mãos. Depois de um banho frio que me desperta, Ellie garante que eu esteja apresentável em tempo recorde. Ela prendeu metade do meu cabelo úmido, com a exceção de algumas mechas que caem em volta do rosto empoado.

Em seguida, visto um elegante vestido verde atrás do biombo. As mangas amplas e a gola alta cobrem minhas cicatrizes, de acordo com as instruções que eu tinha dado a Ellie para qualquer vestido futuro. Calçando os sapatos de salto alto, sou golpeada de novo por aquela lembrança fugaz ao vê-los.

Mas Ellie está me empurrando pela porta antes que eu tenha chance de pensar um pouco mais sobre o assunto. Caminho firme pelo corredor, passando pelos muitos Imperiais impassíveis e enfileirados. Eles me encaram e eu os encaro de volta.

Logo estou passando o braço pelo de Kitt e assistindo à grande porta dupla se abrir. Quando me viro na sua direção, ele assente devagar. E então entramos na sala do trono.

Os mesmos olhos que me observaram ontem à noite o fazem neste momento. Caminhamos em meio à multidão, os rostos voltados para a frente. Ao alcançar o tablado, Kitt me guia, subindo, antes de nos virarmos para a corte. Seus dedos procuram os meus, sem demonstrar

nada do comportamento hesitante que assume quando estamos a sós. No entanto, o que importa aqui são as aparências, não os sentimentos.

— Senhoras e senhores da corte, hoje nos reunimos em homenagem à segunda Prova de Paedyn Gray — anuncia Kitt, com a voz firme. — Como vocês e o restante de Ilya sabem, ela teve sucesso em recuperar a coroa perdida de Mareena Azer. Depois de provar a bravura, agora ela provará sua benevolência.

Ele faz uma pequena pausa antes de continuar:

— Como o segundo dos três *B*s, a benevolência se mostrou difícil no passado, devido ao nosso isolamento das cidades vizinhas. Mas, com as fronteiras abertas, precisamos estender a paz aos reinos. Isso exigirá mais do que uma carta detalhando as mudanças em Ilya. Exigirá ação.

Examino a multidão com o olhar e encontro Calum no meio dos rostos desconhecidos. Ele sorri ao ouvir as palavras de Kitt, satisfeito com cada uma que sai da boca do rei. Ao lado dele está uma garota que não vejo desde as reuniões da Resistência na minha antiga casa. O cabelo dela tem o mesmo tom louro dos do pai, os olhos são quase tão azuis quanto os dele.

Mira.

Quando ela me pega olhando, mal recebo um cumprimento de cabeça, quanto mais um sorriso. Isso não é surpreendente. Não éramos muito chegadas, e, mesmo que fôssemos, não sei se ela sorriria para mim.

Volto a atenção para o rei quando ele me olha. É um olhar rápido que mais parece um pedido de desculpas.

— Por esse motivo — declara Kitt —, Paedyn viajará pelo Mar dos Baixios para estabelecer relações com a cidade de Izram e abrir o comércio entre nós.

Meu ofegar é abafado pelos aplausos da multidão.

Claro que estão aplaudindo. Faz anos que ninguém atravessa aquele trecho de mar traiçoeiro. E talvez eu não volte, se ousar enfrentar o mar implacável.

É por isso que eles aplaudem.

— Paedyn informará Izram sobre a abertura das nossas fronteiras e negociará a paz…

Kitt continua o discurso, mas eu não escuto mais nada.

Não, meu olhar pousa no de Kai antes de percorrer seu corpo rígido.

O medo transparece em suas feições, e quando ele ousa me encarar, sou obrigada a me perguntar de novo por que me dou o trabalho de olhar para qualquer outra pessoa. O olhar gélido se arrasta pelo meu corpo, mais pesado do que um toque, mais significativo do que uma palavra. Eu me deleito com a reverência. Isto é, até que o olhar pousa nos dedos que cruzei com os do seu irmão.

Ele cerra os dentes. Vejo a raiva brotando sob a máscara de despreocupação que colocou.

Então ele desvia o olhar, dá meia-volta e sai da sala do trono.

E consigo sentir que estou sendo deixada à deriva, sem a presença dele para me ancorar.

CAPÍTULO 24

Kai

Ando de um lado para o outro no tapete gasto, assim como fazia quando era meu pai que estava sentado atrás dessa mesa.

Kitt se recosta na cadeira, pigarreando com força. Sentindo a tensão, Easel se adianta:

— Não há alternativa. É o que a corte deseja.

— É um desejo de morte — digo, mordaz. — É por esse motivo que querem que ela faça isso. Não para provar benevolência, e sim para morrer tentando.

É Calum que fala em seguida, mas não me dou o trabalho de olhar para o Leitor de Mentes.

— Confio que Paedyn é capaz de realizar isso. E viajar a Izram impressionará o povo muito mais do que encontrar aquela coroa.

Balanço a cabeça, sem conseguir esconder a frustração. Dane-se o fingimento. Danem-se essas Provas. Kitt já suspeita de que minha aliança com Paedyn é muito mais profunda do que meu dever como seu Executor.

— Tudo isso pra quê? Pra entregar algumas malditas rosas?

Easel respira fundo.

— Izram tem dificuldade para cultivá-las devido ao solo arenoso. E…

— As rosas são usadas para tratar doenças.

É a primeira coisa que ela diz desde que entrou nesse gabinete e se sentou ao lado da lareira. Ao som da voz de Paedyn, eu me viro para encará-la, e encontro aqueles olhos azuis já voltados para mim.

— Eu era filha de um Curador — diz ela simplesmente. — Conheço os benefícios e a alta demanda pela flor.

Kitt assente, concordando com as palavras dela.

— Esse presente seria benéfico para Izram: uma oferta de paz depois de termos cortado o comércio com eles. A rainha Zailah ainda não sabe que nossas fronteiras estão abertas. Assim, Paedyn é quem reapresentará Ilya como aliada.

— E os Baixios? — pergunto com exasperação. — As coisas que espreitam na água? — De repente estou apoiando as mãos na mesa, me inclinando para a frente. — Kitt, você sabe que os pais de Jax morreram num naufrágio naquele mar. Foi a última vez que alguém tentou publicamente fazer essa viagem.

— Eu sei. — De repente a voz do rei está séria. — Claro que me lembro do que aconteceu com os pais de Jax, mas os tempos mudaram. Os navios evoluíram. Haverá Teles e Hidros a bordo. Foram tomadas precauções extras. — Ele faz uma pausa. — Paedyn estará segura.

O longo cabelo cor de hortelã de Easel surge ao lado da mesa de Kitt.

— Quanto ao que supostamente espreita dentro dos Baixios, não temos como saber se esses mitos são verdadeiros ou não. Mas fique tranquilo, o navio estará equipado com armas e um número suficiente de Notáveis.

A primeira frase enfim faz Paedyn se levantar, com uma insegurança transparecendo nas sobrancelhas franzidas.

— Que mitos?

Gesticulo para o porta-voz da corte.

— Você é que irá mandá-la nessa viagem, então por que não conta?

Ele obedece, ainda que um pouco hesitante.

— Dizem que a Peste pode ter alterado até mesmo… animais. Existem histórias de criaturas que sofreram mudanças: são maiores, mais rápidas, mais fortes do que o normal. Por isso, muitas pessoas acreditam que alguma criatura vive nos Baixios.

— Uma besta do mar — concluo para ele, voltando a atenção para Paedyn.

Minhas palavras parecem golpeá-la com uma percepção súbita. Seus olhos estão virados para o tapete, a cabeça balançando ligeiramente.

— Os morcegos…

— O quê? — Calum rouba a pergunta dos meus lábios.

— Os morcegos — repete ela, distraída. — Havia morcegos enormes na caverna acima da cripta. Eu me lembro de ter pensado que alguma coisa neles não era natural. — Pae volta o olhar para Calum. — Você acha que eles eram…?

— Mutações genéticas? — Ele respira fundo, cruzando os braços bronzeados às costas. — Sem dúvida é possível. Os Eruditos coletaram provas, mas não falam publicamente a respeito. Contudo, isso não significa que essa criatura marinha seja mais do que uma história de ninar.

— Mais uma coisa que eu nunca tive chance de ficar sabendo nas ruas da Alameda. — Paedyn solta uma risada cortante. — Sou realmente uma Comum. Até mesmo comparada com animais.

Capto a expressão ligeiramente endurecida de Calum, com certeza reagindo ao modo amargo como ela fala de si mesma.

— Está pronta pra essa jornada, Paedyn?

— Eu não sabia que tinha escolha — responde ela, séria. — Mas se é disso que o povo precisa…

Easel assente com solenidade. Paedyn termina:

— Então farei isso.

— Eu vou com ela.

Não há o menor sinal de hesitação na minha voz. É uma exigência, um compromisso inegociável para mim. Pior ainda, não me importo se minha preocupação por ela ficar evidente nas palavras. Irei segui-la até o fundo do mar, se for preciso.

— Kai, você não pode estar falando sério… — começa Kitt, parecendo traído.

— Não sou somente o seu Executor. Agora sou o Executor de Paedyn também. E se há uma coisa que meu pai garantiu que eu aprendesse foi a jamais deixar meu rei e minha rainha enfrentarem o perigo se eu não estiver presente.

Sinto os olhos arregalados de Paedyn me examinando, mas não ouso desviar os olhos de Kitt. Ele me examina por tempo suficiente para Calum começar a preencher o silêncio.

— O rei precisa do Executor aqui…

Interrompendo-o, é com Kitt que falo:

— O que você acha que a tripulação fará com a rainha Comum? — Baixo meu tom de voz ao murmurar: — Eu não me surpreenderia se eles tentassem jogá-la na água no segundo em que o navio chegar em mar aberto. Diriam que foi um acidente. — Balanço a cabeça. — Mas não se eu estiver lá. Ninguém ousará tocar nela. E se você não fosse tão importante, irmão, sei que estaria naquele navio com Paedyn. Mas não podemos nos arriscar a perder você. Então arrisque a mim no seu lugar.

— Vou garantir que a tripulação se comporte — desafia Kitt.

— Ameaças não vão impedir que eles a joguem no mar e voltem com uma história de como a futura rainha fugiu em Izram — rebato em voz baixa.

— Kitt. — De repente Paedyn está ao meu lado, as palmas das mãos comprimindo a mesa de madeira. — Eu gostaria que fosse você a ir comigo.

As palavras doem mais do que eu imaginaria. Mesmo sabendo que se trata de mais um fingimento, sinto uma pontada de dor no coração que dei a ela de bom grado.

— Mas você tem um reino para governar — continua ela com firmeza. — E, se quer que eu retorne para esse reino, preciso de alguma proteção.

Depois de um longo momento analisando, Kitt finalmente afasta os olhos.

— Certo — diz ele em voz baixa. — Kai irá junto.

Assinto rapidamente, apesar do alívio súbito.

— Vou garantir que ela volte pra você.

— Tenho certeza de que sim.

— Quando partimos? — interrompe Pae, sentindo a ligeira tensão entre nós.

É Easel que responde.

— Depois de amanhã. Cedo.

— Você está tomando a decisão certa, Kitt. — Engulo em seco. — Pela sua futura esposa.

Tudo dentro de mim se encolhe diante dessas palavras, mas eu as pronuncio mesmo assim. Ele parece perceber o quanto isso me dói, mas entra no jogo, assentindo lentamente na direção da porta.

— Vocês precisam fazer as malas.

Não é uma dispensa muito sutil, mas não posso dizer que estou surpreso. Assim, capto a deixa e saio. Quando chego à escada curva, subo os degraus de dois em dois, seguindo o caminho até o meu quarto.

Meu passo é firme, estranhamento esperançoso para alguém que pode estar navegando para a morte. Mas a sensação de me afogar não me é estranha. Estive fazendo exatamente isso desde o dia em que mirei seus olhos de oceano.

Uma sensação de poder se remexe sob minha pele, aumentando a cada passo. Parece familiar, áspero como tem sido desde que éramos crianças.

Sei quem me espera antes mesmo de virar a esquina.

O cabelo lilás está preso numa trança frouxa que desce pelas costas da blusa simples. É chocante ver Blair com uma aparência não letal. No entanto, ali está ela, o rosto livre da maquiagem escura de sempre e as roupas surpreendentemente simples.

— O que está fazendo aqui? — pergunto em vez de cumprimentar.

Blair levanta uma sobrancelha escura.

— O que estou fazendo do lado de fora da minha porta?

Meu sorriso é afiado.

— Por que não está atrás dela?

— Ah, sei! — exclama ela, o desdém nítido em suas palavras. — Você está perguntando porque, ao que parece, não tenho mais o direito de pôr os pés fora do meu quarto. — Blair franze os lábios num leve beicinho. — Não podemos deixar nossa futura rainha se ferir tentando me matar.

Passo a mão pelo rosto, já exausto dessa conversa.

— O que você está fazendo aqui, Blair? Achei que Lenny provia tudo de que você precisa.

— Nem tudo, infelizmente. — Ela suspira. — Se quer saber, eu estava afiando as minhas facas. Você sabe, para jogar nas criancinhas do lado de fora da minha janela. — Seus olhos se reviram. — Ou algum outro passatempo deturpado que você acha que eu curto.

— Só… — Faço um gesto preguiçoso para a porta. — Volte. Por favor.

— Humm. — Seu olhar percorre meu corpo. — Parece que a favelada lhe ensinou alguns bons modos. Que irônico.

— Não comece, Blair — alerto.

— Então você vai dividi-la com o Kitt pelo resto da vida? Ou vai encontrar outra Comum nas ruas?

As palavras mal saem da sua boca antes de eu explodir.

Jogo-a de costas contra a parede sem usar nada além da mente e seu poder de Tele emprestado. Ela ofega, surpresa, se esforçando de leve sob meu controle. Nenhum Notável gosta de ter seu próprio poder usado contra si, mas, neste momento, não poderia me importar menos com os sentimentos de Blair.

Cada passo em direção ao seu corpo preso contra a parede é lento, deliberado. O olhar que ela me dá sugere tédio, aparentemente despreocupada com a situação na qual se encontra. Mas quando chego junto dela, Blair luta para inclinar a cabeça para cima e encarar meus olhos gélidos.

— Se falar sobre ela desse jeito outra vez — murmuro, lentamente —, você vai implorar para ficar trancada nesse quarto, longe de mim.

Alguma coisa no olhar dela vai se suavizando gradualmente nos segundos depois da minha ameaça. E isso me preocupa.

— Merda. — Blair ofega, de boca aberta. Seus cílios estremecem enquanto ela me encara, parecendo estar chocada e se divertindo ao mesmo tempo. — Você está apaixonado por ela.

Recuo abruptamente, soltando-a e liberando o poder que eu tinha segurado com força na mente. Ela afrouxa o corpo contra a parede, livre para se mover, e a primeira coisa que faz é balançar a cabeça para mim, incrédula.

— Eu sempre soube que havia alguma coisa entre vocês, mas… — Seu sorriso é quase maníaco. — Você está completamente apaixonado por ela.

Encaro o chão, o peito arfando a cada respiração. Não consigo encontrar uma mentira convincente para dizer. Não sei nem se seria capaz de mentir, caso fosse necessário. Assim, fico parado, como uma ferida aberta, deixando-a livre para examinar a fraqueza recém-descoberta.

Blair dá um passo lento na minha direção. Quando ergo o olhar para ela, sua cabeça balança num gesto de pena. Um sorriso afiado se acomoda nos seus lábios, igual àqueles que via em seu rosto quando éramos crianças.

— Ah, você está fodi...

— Príncipe Kai!

Levanto os olhos e me deparo com um Imperial parado no centro do corredor com um prato de comida em cada mão. Identificando imediatamente o cabelo ruivo, vejo o olhar de Lenny saltar entre seu Executor e a garota que ele deveria estar vigiando. Ele pigarreia, se aproximando depressa e dizendo igualmente rápido:

— Olá, senhor, que prazer vê-lo! Ah, Blair, querida, você deveria estar *dentro* do quarto. E não perambulando do lado de fora, não é?

Blair revira os olhos por um momento antes de começar a vomitar palavras falsamente doces, zombando dele.

— Ah, Lenny, meu docinho de gengibre que eu poderia literalmente partir ao meio com um simples pensamento, Kai me viu antes que eu tivesse chance de entrar no quarto e lançar minhas facas afiadas na direção do primeiro que passasse embaixo da janela. — Ela se vira para mim, sorrindo sarcástica. — Ele adora esse jogo. Não o deixe dizer o contrário.

Rindo desconfortável, Lenny a leva para a porta.

— Bom, não dá para dizer que ela não tem senso de humor. Com essa aí não existe um único momento de tédio.

— Ah, por favor. — Ela bufa. — Não finja que gosta de mim; isso só vai fazer com que eu me esforce mais para…

Lenny fecha a porta com um chute depois de ela entrar, então sorri.

— … garantir que você não goste — grita Blair do outro lado, com a voz abafada.

Sozinhos no corredor, nos encaramos por um longo momento. Com um suspiro, murmuro:

— Mantenha-a longe das vistas, está bem? Poderia ser Paedyn vindo por esse corredor, e todos nós sabemos o que ela teria feito.

Lenny concorda, assentindo.

— Sim, senhor. — Em seguida ele chega mais perto, lançando um olhar cauteloso para a porta. — Mas ela não pode ficar trancada pra sempre. Não é certo.

Passo a mão pelo cabelo.

— Eu sei, mas Paedyn precisa de tempo. — É a única explicação que dou antes de virar as costas e seguir meu caminho pelo corredor. — Boa sorte com ela.

A resposta vem em voz baixa, perdida no espaço cada vez maior entre nós enquanto eu viro outra esquina.

CAPÍTULO 25

Paedyn

As gotas pingam das pontas do meu cabelo, batendo nos ombros enquanto giro um dedo na água quente da banheira.

Aproveito o luxo disso tudo, passando na pele um sabonete com perfume doce. Apoio a cabeça na borda da banheira de louça, fecho os olhos e me concentro nesse restinho de calma que estou sentindo. Porque a água em que vou me aventurar amanhã não será tão pacífica e contida. O desconhecido e o incontrolável me aterrorizam quase tanto quanto me inspiram.

Depois de um longo dia arrumando a bagagem e juntando coragem, cheguei ao crepúsculo com muito medo do dia seguinte. Assim, enquanto a noite bocejava e o sono fugia, decidi afogar as tristezas num banho.

Fiquei sob as bolhas por tanto tempo que Ellie veio ver se eu estava bem. Foram necessárias várias tentativas para convencê-la de que, na verdade, eu era capaz de chegar à cama sem que ela estivesse aqui. Depois de enfim ceder, hesitante, e me desejar boa-noite, ela saiu para ter o descanso que eu desejava desesperadamente alcançar.

Afundando a cabeça na água, me lembro da facilidade com que uma coisa tão quente e reconfortante pode me engolir inteira. Até mesmo este banho é perigosamente singelo. Mas o mar é muito menos sedutor.

Estou ficando sem fôlego.

Eu nem sei nadar. Se cair na água, o mar vai me reivindicar depressa.

Meus pulmões se apertam.

Eu não teria como fugir das garras da morte.

Então queimam.

Estarei completamente vulnerável.

Rompo a superfície, inspirando o ar úmido. Me permito mais um momento sentada na água, sentindo cada ondulação que bate na pele. Em seguida afasto o cabelo do rosto e fico de pé.

Ao vestir o robe de seda que Ellie separou para mim — só depois de sorrir para o saquinho de chocolates que ela deixou ao lado —, vou para o quarto, decidida a cair de cara no colchão. Não que espere dormir muito. Não, é uma combinação de nervosismo e tédio que me leva a não querer fazer nada, a não ser apodrecer com meus pensamentos.

Esta pode ser a minha última noite em terra firme.

Estou enjoada.

Uma preocupação irritante cresce na boca do meu estômago. Penso vagamente em como seria caso estivesse mesmo prestes a deixar este mundo. Lutando? Arrependida? Em paz?

Não, paz implica que tudo vai bem na minha vida, mas existem erros que precisam ser consertados e perdões a serem concedidos. Eu me recuso a morrer até estar satisfeita com o modo como vivi.

Solto um gemido.

No final, é a iminência da morte que consegue me arrancar da cama.



Bato à porta dele, hesitante.

Meu coração se agita, ansioso. Em geral não sou eu quem faz isso, e duvido que faça de novo, porque estou irritantemente nervosa…

A maçaneta gira.

E quando a porta se abre, quase espero ser recebida por um sorriso metido a besta, uma confusão de cabelos pretos ou os lábios familiares

que provaram os meus.

Mas tudo que vejo diante de mim é insegurança.

A boca está aberta com a surpresa, algo que nunca vi. O cabelo no topo da cabeça é louro, bem arrumado e o oposto do irmão. *Ele* é o oposto do irmão.

Fico parada junto à porta, piscando os olhos para o rosto chocado de Kitt.

— Oi — digo, nem que seja apenas para preencher o silêncio.

Sua resposta é igualmente desajeitada.

— Oi.

— Desculpe, acordei você?

— Ah, não. — Kitt coça a nuca, um maneirismo próprio. Ele olha por cima do ombro, parecendo um pouco surpreso ao descobrir que o ar não foi sugado do cômodo. — Não, não tenho dormido muito ultimamente.

Baixo o olhar até suas mãos manchadas.

— Está escrevendo alguma coisa?

— Só… anotações. Me ajuda a pensar.

Ele pigarreia e murmura alguma coisa, e por um momento acho que se esqueceu da minha presença.

Estreito os olhos diante do comportamento estranho.

— Você está…?

— Há algum motivo para você vir aqui a esta hora?

Ele pisca para dissipar o cansaço do olhar distante.

Por um instante eu me assusto com a súbita compostura.

— Certo, há. — Levanto um cobertor embolado entre nós, um cobertor que eu tirei da cama depois de me vestir apressada. — Pensei que a gente poderia fazer um… piquenique? — E me encolho, sem jeito. — Na verdade, não tenho certeza, mas tenho chocolate.

Ficamos nos encarando, ambos sabendo exatamente o que é isso: uma oferta de paz. Kitt olha de novo por cima do ombro, como se avaliasse se a proposta vale uma pausa na sua escrita. Estou começando a achar que o rei vai me dispensar, quando ele enfim dá um passo para o lado.

— Não consigo recusar um chocolate.

Com um sorriso de alívio, entro no quarto. O cobertor dobrado pende frouxo dos meus dedos enquanto tento não parecer muito intrigada com os aposentos dele. É surpreendentemente simples para um rei, pelo menos comparado com o estilo de vida luxuoso que eu imaginava que um rei teria. Mas não é desprovido de personalidade. Há vasos de plantas espalhados pelo cômodo, salpicando cada canto com cor e se entrelaçando em qualquer coisa ao alcance. Meu olhar vai até a cama desarrumada e encontro pilhas de livros de ambos os lados. As lombadas gastas pelo uso se elevam em alturas perigosas pelo quarto, jamais longe de um mapa aberto ou de um documento escrito.

— Eu teria arrumado, se soubesse que você viria me visitar — diz Kitt, parecendo apenas um pouco sem jeito.

Ele afasta um amontoado de pergaminhos sujos de tinta enquanto eu abro o cobertor no chão.

— Não precisa limpar nada por minha causa. — Desdobro o tecido revelando o saco de doces que Ellie deixou para mim. — Você já viu onde eu morava.

— Já. — Ele parece arrependido.

Sentada no cobertor esticado, cruzo as pernas embaixo do corpo e chamo Kitt. Ele obedece, sentando-se de maneira rígida à minha direita com a postura confortável de um conhecido, e não do homem destinado a ser meu marido. E é exatamente devido a essa falta de progresso que estou aqui.

Ofereço um chocolate a ele antes de desembrulhar um para mim.

— Não como um desses desde o nosso jogo de pegar com a boca, na cozinha.

Kitt põe o doce na boca e murmura:

— Só eu pegava. Você deixava cair.

— Tá — suspiro. — Não precisa se gabar.

O rei sorri, e *isso*, sim, é progresso.

— E então, por que você realmente quis fazer esse piquenique improvisado comigo?

— Eu preciso de um motivo para comer chocolate com você?

— Não — responde ele devagar. — Mas é provável que tenha algum.

— Então você me conhece, afinal de contas — provoco.

— Achei que sim. — Outro chocolate desaparece na sua boca. — Em algum momento.

Uma carranca repuxa minha boca.

— Eu não mudei. Ainda sou aquela garota que você conheceu durante as Provas do Expurgo.

— Não. Você endureceu.

Paro de mastigar. Nossos olhares se cruzam numa avaliação silenciosa.

— Foi necessário. É o único modo de uma pessoa Comum sobreviver em Ilya.

— Bom, logo você não será mais Comum. — O rei parece incomodado. — Será da realeza.

Meu riso é desprovido de humor o suficiente para provocar uma expressão de surpresa nas feições impassíveis de Kitt.

— Talvez. Mas o seu pai garantiu que eu jamais esquecesse quem eu era de verdade.

Talvez seja hábito, ou raiva, ou uma mistura cruel das duas coisas que fez meu olhar descer até o botão de cima da sua camisa amarrotada. Parece que a história se recusa a não se repetir. Mais uma vez, estou evitando o olhar de um homem que quase me matou. E, apesar do lembrete de que esses olhos verdes não pertencem a Edric Azer, ainda acho difícil encará-los. Mesmo na morte, o falecido rei me tortura.

— Aí está você de novo — diz Kitt, baixinho.

Forço meus olhos a encararem o olhar especulativo e fixo que o rei lança na minha direção.

— Hein?

— Houve um tempo em que você não conseguia me olhar nos olhos — diz ele, tranquilo. — Como está fazendo agora. E no jardim você me disse que era porque eu fazia você se lembrar de uma pessoa. Era do meu pai, não era?

Eu me inclino para trás, ligeiramente espantada com a pergunta. No entanto, se quero restaurar o nosso relacionamento, preciso ser honesta.

— Eu achava que o seu pai tinha matado o meu — explico baixinho. — E, bom, de certa forma ele o fez. Foi Kai quem recebeu a

ordem. Foi Kai que eu vi cravar uma espada no peito do meu pai. Mas só soube disso quando o rei me provocou do lado de fora da Arena.

A voz de Kitt soa entorpecida.

— E foi então que você o matou.

— Por pouco — murmuro, me lembrando de cada golpe que o rei acertou em mim. — Foi como se ele estivesse esperando aquele dia, como se cada golpe fosse planejado. Agora tudo virou um borrão, mas… — Olho seu corpo rígido. — Mas, sim, eu evitei o seu olhar, a sua companhia, porque você é parecido demais com ele.

Os chocolates ficam esquecidos no chão, pouco mais do que testemunhas da nossa conversa em voz baixa.

— E quando você procurava minha companhia — diz Kitt secamente — era porque precisava encontrar um caminho pelos túneis.

— Não. Bom, talvez a princípio. — Minha explicação consiste em palavras apressadas. — Sim, eu precisava achar um caminho naqueles túneis, mas acabou virando muito mais do que isso. Eu *quis* passar aquele tempo com você, ser honesta com relação ao que estava fazendo. Mas queria mais ainda fazer alguma diferença. E sabia como você era chegado ao seu pai…

— Então presumiu que eu também era contra a Resistência, contra os Comuns — completa ele por mim. Em seguida encolhe os ombros, indiferente. — Para ser honesto, eu nunca me importei muito com o que acontecia com os Comuns. Banidos ou não, não importava. Mas meu pai estava obcecado em expulsá-los de Ilya, e isso foi a ruína dele. Seu maior fracasso.

Brinco com uma embalagem de um dos chocolates, enrolando-a entre os dedos.

— E agora você vai se casar com a Comum que ele odiava. Melhor ainda, com aquilo que o matou. — Todo o meu corpo se retesa, antecipando a próxima pergunta. — E você aceita isso?

— Na verdade, não tenho muita escolha — murmura ele. — Sabe, eu também achava que não conseguiria olhar pra você. Não depois do que fez. Mas logo percebi que meu pai não merecia que eu o agradasse. Não valia a pena ficar obcecado com os elogios dele. — Kitt arruma distraidamente os chocolates num círculo apertado. — Agora eu é que tornarei Ilya um grande reino. Do meu modo.

Assinto devagar.

— Fico feliz em saber que ele não controla mais você.

Kitt deixa as palavras pairarem entre nós. Meus dedos aproveitam o momento tenso e levam um chocolate aos lábios. Saboreio-o, sentindo gosto de nostalgia entre cada mordida com pedacinhos de nozes. Este era o chocolate que eu costumava roubar para Adena em ocasiões especiais. A última vez foi no aniversário dela, mas na época não sabíamos que aquela seria a última.

— Não posso dizer o mesmo com relação a você.

Sou arrancada dos pensamentos e jogada de volta no chão felpudo do rei.

— Como assim?

— Ele claramente a controla. Meu pai — esclarece Kitt. — Caso contrário, você não teria problema em me olhar nos olhos.

Estou fazendo de novo. Ergo depressa o olhar do pescoço dele, me deparando com os olhos familiares. Estão pesados, acima das olheiras roxas da falta de descanso.

É hora de ele saber.

O rei abre a boca de novo, mas já estou me mexendo, juntando coragem nas dobras da minha blusa. A determinação suplanta meu desespero súbito de esconder essa parte mutilada de mim, mas se este homem será meu marido, logo verá cada pedacinho de destruição que compõe o meu ser.

Assim, é melhor começar com as cicatrizes sobre o coração.

Ajeito o corpo diante dele, forçando o tremor para longe da voz.

— Ele não me controla. Ele me assombra.

Levanto a mão e puxo a gola da camisa para baixo, então mais um pouco…

Sei que a marca está visível quando o rosto dele empalidece.

— Isso… — Ele engole em seco. — Isso é um *C*?

Não me incomodo em olhar a letra serrilhada que me define.

— De Comum.

Kitt balança a cabeça sem parar.

— Eu… eu não…

— Depois de descer a lâmina riscando meu pescoço — digo em tom indiferente —, ele prometeu deixar uma marca no meu coração, para

que eu jamais esquecesse quem o partiu.

Ele levanta a mão, como se quisesse passar os dedos sobre a cicatriz, mas pensa melhor.

— Este não é o homem que eu conhecia.

— O homem que você conhecia não existia.

Seus olhos acompanham o semicírculo de carne mutilada.

— Sinto muito.

Minha voz sai rouca.

— Eu também.

— Você não é a garota que eu conheci durante aqueles Jogos do Expurgo — diz ele baixinho. — Não mais.

Suas palavras não me espantam como eu imaginei que aconteceria. Porque ele está certo. Já sofri o luto pela garota que morreu junto de Adena naquele Fosso. Naquele dia, algo em pedaços saiu cambaleando da Arena. E eu só me tornei mais forte por causa disso.

— E você também não é o rapaz que eu conhecia. — Minha garganta está seca, mas forço as palavras a saírem. — Agora quero conhecer esse rei que você se tornou.

A voz de Kitt soa leve, apesar do peso das palavras.

— Estou preocupado com o que você vai encontrar.

CAPÍTULO 26

Paedyn

O vento golpeia meus cabelos e faz minhas bochechas arderem.

É forte e estranhamente revigorante depois da viagem na carruagem abafada entre os dois irmãos num silêncio pouco característico.

Nunca estive tão perto do mar. Nunca ousei.

Agora vou navegá-lo.

Paramos na beira do único cais, precário, que resta em Ilya. A água escura bate nos postes compridos que sustentam cada tábua em que pisamos. Respiro o ar salgado, examino o horizonte sem fim. É terrivelmente empolgante, essa coisa que encontra tanta força na mudança eterna.

Mas o que flutua na água é quase tão impressionante quanto o mar.

O navio está à esquerda, lançando uma sombra agourenta sobre nós. A madeira escura tem várias dezenas de metros de comprimento, chegando a uma ponta numa das extremidades. Duas velas grandes estão amarradas com firmeza nos mastros altos, prontas para se reunirem ao vento.

Percorro a vastidão da madeira com o olhar antes de me voltar às ondas que batem embaixo.

— A água é sempre tão agitada? — pergunto, olhando para os irmãos.

— Não — responde Kai, seco.

Solto um suspiro de alívio.

— Isso é bom.

— Em geral é pior.

E, de uma hora para a outra, meu peito se aperta de novo.

Kitt dá um tapa no ombro do seu Executor.

— Sempre otimista, irmão.

Nesta manhã o rei parece animado, apesar da nossa conversa pesada noite passada. Ou talvez seja apenas Kai que melhora seu humor.

— É — murmuro. — Muito reconfortante.

O som de passos se aproximando nos faz virar. É Calum que vem pelo cais precário, segurando uma pequena pilha de livros embaixo do braço. À sua direita, o porta-voz da corte exibe um sorriso tenso. Easel se adianta antes de passar informações rapidamente.

— Os baús de vocês foram postos no barco e levados às cabines. A tripulação irá partir quando vocês estiverem prontos.

Sinto meu estômago se revirar quando penso em abandonar a terra firme, mas me obrigo a assentir de modo convincente. Notando minha preocupação, ou melhor, lendo meus pensamentos ansiosos, Calum pergunta:

— Posso ter um momento com Paedyn?

Os irmãos concordam, conversando em voz baixa enquanto andam pelo cais. Com as mãos e os livros às costas, Calum me leva em silêncio até a extremidade do cais.

— Você está se saindo bem.

Chuto uma pedra de cima da tábua e a ouço bater na água com um som fraco.

— Não é como eu me sinto.

— Respeito é algo a ser conquistado — diz ele baixinho. — Leva muito tempo. Mas quando você terminar essas Provas, as coisas vão começar a caminhar depressa.

Concordo, o olhar se demorando nas ondas que se chocam embaixo.

— Eu estarei casada.

— Você será uma rainha.

— E ainda serei Comum.

As palavras fazem com que ele se vire para me olhar, o cabelo louro captando a luz. Sob seu olhar penetrante, me pergunto por um instante o que ele está captando dos meus pensamentos.

— É, você sempre foi e sempre será. Mesmo com uma coroa na cabeça.

Ficamos em silêncio na beira do cais, vendo o sol tremeluzir na água enquanto sobe devagar pelo céu. Olho para Calum, memorizando esse momento de paz.

— Obrigada — respiro o ar puro. — Por tudo. Mas principalmente por estar aqui comigo. Sua presença é um conforto no castelo. — Dou uma risada triste. — E nesta nova vida em que fui jogada.

Seu sorriso é reservado.

— Estou aqui para ajudar como puder. — Ele tira os livros das costas e me mostra as capas gastas. — Na verdade, eu trouxe isso para a sua viagem. Eles podem ajudar a passar o tempo.

Estendo a mão e passo o dedo hesitante numa lombada familiar, cor de vinho.

— Obrigada. Mas odiaria estragar suas coisas se a gente acabar naufragando…

— Não precisa se preocupar com isso — interrompe ele, baixinho. — Quero dizer, com estragar meus livros. Eles pertencem a você.

Olho para ele, surpresa.

— O quê?

— Quando seu pai morreu e você sumiu — começa, devagar —, eu guardei os livros com algumas das suas histórias favoritas. E esperava poder devolvê-los um dia.

A cada palavra, os livros parecem se familiarizar aos meus olhos. Cada capa desbotada guarda uma lembrança distante, uma imagem fugaz de um homem em sua poltrona de leitura e uma menininha sentada aos pés dele.

— Ele lia esses livros pra mim.

— Lia. — Calum me entrega gentilmente os quatro livros finos. — Acho que você até escreveu algumas anotações aí quando era criança.

— Não consigo imaginar que eu tivesse alguma coisa importante para acrescentar — digo, rindo de leve.

Folheio apressada um livro e encontro uma pequena rosa desenhada na parte interna da capa. As palavras “Para Paedyn” estão escritas embaixo, numa letra sinuosa e vagamente familiar.

Ele me olha com atenção.

— Você ficaria surpresa. — Com um pequeno sorriso, acrescenta: — Vou mandar que sejam levados à sua cabine.

Acho que Calum escuta a gratidão nos meus pensamentos, mas isso não parece suficiente. Assim, enfatizo as palavras não ditas envolvendo-o impulsivamente num abraço. Isso o faz hesitar um momento, gaguejar confuso e enfim retribuir o gesto.

Com os braços de Calum envolvendo meus ombros, sussurro um último obrigado.



Estamos à sombra do navio, olhando a embarcação que deve nos carregar pelas águas traiçoeiras.

Uma multidão se formou no litoral rochoso onde centenas de olhos esperam ver pela última vez a odiada Comum. Imperiais protegem o cais, parando qualquer pessoa que ouse vir na nossa direção. Mas ninguém se mexe, estão todos contentes em deixar que os Baixios cuidem de mim.

Aos olhos deles, já estou morta.

O rei olha para seu Executor.

— Já mudou de ideia, Kai?

— Infelizmente não. — Ele suspira. — Mas não tente sentir muita falta de mim. Coloquei Imperiais extras com você durante o tempo em que eu estiver fora, de modo que, com certeza, você não vai se sentir solitário.

— Ah, sim, estou ansioso para não ter nenhum instante de privacidade. — O humor na voz de Kitt se dissolve rapidamente. — Por favor, volte pra casa, Kai. Não posso deixar você morrer também.

Desvio o olhar, como se isso pudesse me salvar dessa intromissão desajeitada na conversa dos dois. Mesmo assim escuto a resposta séria

do Executor.

— Eu voltarei. A morte tem medo de mim, lembra? — Posso ouvir um pouquinho daquele babaca metido a besta quando ele diz: — E, quando eu voltar, vamos comemorar com outra dança, nós três. Desde que, dessa vez, Paedyn não pise nos meus pés.

— Não me lembro disso — declaro, em tom defensivo. — Deve ter sido o meu subconsciente.

Kitt gargalha, e o som se funde com as palavras seguintes, todas destinadas ao irmão.

— Bom, ela ficou tentando pular nas minhas costas, lembra?

— E depois culpou o "vestido apertado" pelas tentativas fracassadas — acrescenta Kai com um sorriso que merece um soco. — Acredite, eu me lembro. Revivo aquele momento sempre que fecho os olhos…

— Certo, já chega — digo, irritada. — Lembre-se dessa conversa quando eu jogar você por cima da amurada.

— Ah, você pode tentar, Gray — zomba Kai com um sorriso torto. — Mas não culpe as mangas apertadas quando não conseguir.

A risada de Kitt quase abafa minhas palavras.

— Já chega. Vou entrar nesse maldito barco.

Piso na prancha de embarque, forçando o olhar em frente, e não na água furiosa. As vozes atrás ficam abafadas pelas ondas, mas a de Kai se destaca, mesmo em meio ao barulho do mar.

— Cuide-se enquanto eu estiver longe. Descanse um pouco. Prometa.

— Prometo — responde Kitt baixinho. — Eu pediria pra você garantir que Paedyn faça a mesma coisa, mas já sei que fará isso.

Meu coração acelera quando piso no convés do navio. Vários segundos se passam antes que o Executor me acompanhe, com a madeira rangendo embaixo das botas. Enquanto me inclino sobre a amurada, o olhar de Kitt encontra o meu antes de dizer sem palavras:

— Boa sorte.

— Kai!

O grito ressoa no ar, trazido pelo vento. Kai se vira, examinando a barreira de Imperiais do outro lado do cais, onde uma confusão de membros tenta abrir caminho.

— Kai! Espera!

Mas ele não faz isso. Pelo contrário, está indo na direção da voz familiar, empurrando Imperiais de lado para alcançar o garoto magricelo.

Mesmo de longe posso ver as lágrimas brotando nos olhos de Jax. Ele fica parado, ofegando diante do irmão. E quando abre a boca, o soluço engasgado que sai me faz perder o fôlego.

— Não vá — implora ele. — Por favor, não vá. Eu posso nunca mais ver você…

Um soluço interrompe suas palavras no mesmo instante em que Kai abraça o garoto, apertando-o com força. Ele diz alguma coisa que não consigo ouvir, algo que provavelmente se destina a dar conforto.

Jax fecha os olhos com força, segurando as costas da camisa de Kai.

— Meus pais nunca voltaram. — Ouço-o dizer com a voz embargada.

Uma parte de mim se despedaça ouvindo isso, o sofrimento que já preenche a voz dele. Jax perdeu muita coisa, tão jovem. E estou vendo-o implorar que Kai não seja a próxima pessoa por quem ele irá chorar.

Fungando, Jax se permite ser afastado do irmão. Mais palavras são trocadas em voz baixa antes de Kai desgrenhar o cabelo do garoto, talvez pela última vez. Em seguida ele se vira lenta e solenemente, e volta ao navio.

Com os ombros tensos e um silêncio pesado, Kai se junta a mim a bordo.

O Executor assente para a tripulação que espera enquanto eu consigo dar um sorriso. O caos irrompe pouco depois de nós sinalizarmos enquanto homens e mulheres começam a se agitar no navio. Ordens são gritadas subitamente, colocando cada pessoa em movimento com uma tarefa diferente a realizar.

Com a mão sutil na minha cintura, Kai me leva para a proa do navio, onde olhamos as velas se desenrolarem acima de nós. Só a quantidade de tecido deixaria Adena boquiaberta, e eu me agarro a esse pensamento, à imagem da minha Adena sorridente.

Meu olhar vai até o homem enorme junto ao timão, com sua mão segurando uma das muitas malaguetas que adornam a roda enorme. Seu chapéu, sua roupa e suas ordens gritadas me dizem que esse é o

capitão. Ele parece calejado pelo mar, e só isso já serve de conforto. Talvez tenhamos chance de sobreviver, afinal de contas.

Cordas grossas pendem de cada canto do navio, oscilando dos mastros altíssimos. Estou pasma com um tumulto tão estruturado. Cada tripulante apressado e cada tarefa aparentemente sem importância são necessários para convencer a embarcação a deslizar pela água.

Claro, os Tufões a bordo sem dúvida ajudam a estabelecer o ritmo rápido do navio. Eles guiam sopros de ar gelados contra as velas, enquanto os Teles seguram os cordames usando nada além da mente. Volto o olhar para cada pessoa que tenta convencer o mar a se acalmar, até os Hidros que se inclinam por cima da amurada, tentando aplacar as ondas que se chocam contra o casco.

Quando o navio começa a se mover, minha atenção vai até o cais, que se afasta lentamente. Os nós dos meus dedos ficam brancos em volta do corrimão a cada segundo que o vento me leva para longe da terra firme.

— Você vai ficar bem, Pae — murmura Kai ao meu lado.

— É — digo, distraída. — Eu sei.

— É por isso que você está cravando farpas na mão?

Arrastando o olhar para longe do cais distante, observo a mão com a qual me agarrei ao corrimão.

— Só estou… nervosa.

Ele apoia os antebraços no corrimão.

— Você costuma ficar nervosa perto de mim. Não se abale com isso, querida.

Viro o rosto para ele com uma careta.

— Estou nervosa com a viagem, seu panaca.

— Não faz nem vinte minutos que estamos no mar e você já arranjou um apelido novo pra mim.

— Tenho certeza de que vou pensar em muitos outros nos próximos dias.

Ele me examina com o olhar, fazendo-me lembrar de como gosto da sensação.

— Senti sua falta — murmura ele enfim, baixinho.

Alguma coisa se agita no meu peito, e pode ser o tal nervosismo que Kai decidiu que eu sinto quando ele está por perto.

— Eu não fui embora.

Um menear de cabeça.

— E mesmo assim eu senti sua ausência. — Ele se vira para a água, os olhos cinza espelhando o mar. — Acho que essa é a minha sentença, pelo resto da vida.

Procuro palavras, me esforço para dizê-las assim que consigo encontrá-las na mente, mas o momento passa quando uma figura se aproxima.

O capitão estende a mão para Kai, apertando-a, com uma expressão séria.

— Executor, senhor. É uma honra navegar com o senhor. — Ao se virar para mim, seu cumprimento é muito menos entusiasmado. Assentindo, ele diz baixo: — Minha senhora.

Quase dou um pulo quando ele bate palmas com as mãos enormes.

— Bom, sou o capitão Torri, e esta beldade — ele dá um tapa no corrimão ao meu lado — é o *Acerto de Contas*.

O cabelo castanho e comprido por baixo do chapéu ondula quando ele balança um dedo grosso na nossa direção.

— Faz quase uma década que não navego, por causa daquele decreto maldito para ficarmos longe dessas águas igualmente malditas. — Seus olhos escuros se viram para mim. — Desculpe o palavreado, senhorita. Mas, que merda, se a senhorita me perguntar, essa viagem já era pra ter acontecido há muito tempo. Precisamos retomar o contato com os Baixios. — Ele praticamente acaricia o corrimão. — E este navio é o nosso acerto de contas.

— Claro. — Meu tom de voz faz um sorrisinho surgir nos lábios de Kai. — Desculpe, só uma coisa: o que foi que você falou sobre não navegar há uma década?

— Bom — Torri hesita —, os Baixios foram considerados legalmente fora dos limites, de modo que essa vai ser a minha primeira travessia em muito tempo. Mas garanto que a tripulação e eu estamos à altura do desafio.

Kai assente para o capitão.

— Somos muito gratos pela sua disposição. Não é fácil encontrar marinheiros em Ilya hoje em dia.

Meu estômago se revira com essa lembrança. A experiência de Ilya com os Baixios é tão limitada quanto assustadora, e os incontáveis naufrágios comprovam isso. Durante quase uma década, ninguém com a mente sã navegou neste mar, o que sem dúvida deixou essa tripulação incrivelmente despreparada.

Qualquer esperança de sobrevivência se reduziu de maneira drástica.

— De qualquer forma, vocês não me verão fugindo dessas águas, senhor — o capitão praticamente grita, enchendo o peito. — Nem mesmo as criaturas puderam me manter longe. — Ele mostra uma fina cicatriz atravessando a bochecha envelhecida. — Ah, e os demônios tentaram!

Ele gargalha, a barriga se sacudindo embaixo do casaco abotoado. Um som desconfortável sobe da minha garganta enquanto Kai consegue dar um sorriso educado para o sujeito. Depois de levar um tempo se recuperando, Torri continua, com uma tosse chiada:

— Agora, vamos apresentar vocês ao *Acerto de Contas*, que tal?

Depois de um grito incoerente do capitão, que me faz estremecer, um homem aparece rapidamente ao lado dele.

— Este — diz Torri, despreocupado — é meu imediato, Leon. Ele vai mostrar seus aposentos e o restante do navio.

Leon assente, a pele escura brilha de suor embaixo do lenço amarrado na cabeça. A blusa branca e larga que está usando balança contra o vento como se fosse outra vela, o tecido batendo contra seu corpo. O homem vira os olhos castanhos e calorosos para mim, e pela primeira vez não é ódio que vejo num olhar, mas curiosidade.

— Se precisarem de alguma coisa — continua o capitão — devem procurar o Leon. Estarei ocupado garantindo que esse maldito navio chegue em terra firme. — Ele dá uma risada profunda das próprias palavras enquanto se afasta com um sorriso de orelha a orelha. — Leon vai fazer um belo passeio com vocês pelo nosso lindo navio. Mas não fiquem confortáveis demais. Dentro de seis dias atracaremos em Izram. Eu espero.

Com outra gargalhada estrondosa, ele vai até o timão, com o casaco esvoaçando atrás de si. Olho para Kai antes de obedecer ao gesto de Leon para acompanhá-lo. Ele nos leva até a parte de trás do navio, onde há uma porta dupla de madeira embaixo do convés de popa. Sou obrigada a desviar do caminho de tripulantes agitados enquanto andamos, mas eles se esforçam para sair do caminho do Executor à minha frente.

Dois lances de escada de madeira levam ao convés acima, onde Torri está junto ao timão, conversando com o homem que deve ser seu navegador. Voltando o olhar para a porta dupla à nossa frente, vejo Leon abri-la revelando um corredor apertado. Ele aponta para uma porta particularmente grande ao final.

— Os alojamentos do capitão. Se ele convidar vocês para jantar uma noite, vocês terão a chance de ver o lugar. — A voz de Leon é grave, o tom seco de um modo que me faz presumir que ele preferiria estar fazendo qualquer outra coisa. — E estas são as suas cabines — informa, virando-se para a esquerda e abrindo duas portas.

Olho dentro de uma delas e encontro uma cama pequena ocupando a maior parte do espaço. Meu baú está sobre uma penteadeira frágil que estala a cada balanço do navio. Uma pequena escotilha deixa a luz nevoenta entrar e se estender no catre. E ali, numa mesinha de cabeceira, está a pilha de livros que Calum trouxe para mim.

Leon não me dá muito tempo para examinar a cabine antes de voltarmos a percorrer o barco. De volta ao convés movimentado, pisco os olhos sob o sol ofuscante enquanto ele levanta uma grade enorme no chão de madeira.

— Aqui é o acesso à carga — diz ele, sem dar mais detalhes, antes de descer a escada íngreme que leva ao porão do navio.

Com um olhar tranquilizador, Kai desce primeiro para a penumbra. Estou na metade dos degraus quando o navio se sacode, me obrigando a apertar com força o corrimão bambo. Leon está falando de novo antes mesmo de eu chegar ao fundo.

— Aqui é o convés das redes, também conhecido como convés dos canhões. — Para enfatizar, ele indica os vários canhões enfileirados de modo inofensivo. — Também é o dormitório da tripulação.

Olho as dúzias de redes balançando, a maioria pendurada ao acaso entre os canhões agourentos.

— Todos eles? — pergunto, incapaz de me conter. — Neste único cômodo?

— Sim, senhorita — responde Leon. — Só os oficiais superiores recebem cabines. O restante da tripulação vive e dorme aqui.

Engulo em seco ao pensar naquilo, já nauseada ao ver cada rede balançando. No entanto, o imediato afasta meu olhar da variedade de tecidos pendurados quando aponta para a direita.

— As portinholas dos canhões ficam ali, com os barris de rum e água. — Ele gira na outra direção. — Alguns alojamentos de oficiais e a enfermaria ficam ali.

Então Leon aponta para o convés sob nossos pés, onde há outra grade.

— Os mantimentos do navio, o porão de carga, as velas extras, cordames e o caixote de rosas de vocês. Ah, e a galera. — Ao notar meu olhar confuso, Leon explica: — A cozinha. Fica tudo ali embaixo, onde vocês nunca precisarão ir.

Com isso, ele começa a subir a escada de novo, dizendo por cima do ombro:

— É só isso. Não é um baita passeio. — De novo me pego piscando com força diante da claridade súbita quando chegamos ao convés principal. — Vocês estão livres para ir para as cabines ou ficar aqui. Na frente do barco — ele aponta para a proa — vão encontrar o retrete, ou, dito de modo simples, um lugar onde se aliviar. — Lançando um olhar para mim, ele continua: — Para a senhorita e as outras mulheres a bordo, acrescentamos um pouquinho de privacidade num dos toaletes.

Dou um sorriso fraco.

— Agradeço muito.

Ele assente, parecendo se desculpar ligeiramente antes de prosseguir:

— As refeições serão levadas às cabines. Vocês decidem onde comê-las. — Leon pensa um pouco e parece não encontrar mais nada de importância. E conclui o passeio com palavras tranquilizadoras: — Se

precisarem de qualquer coisa, me procurem. E acreditem que os encontrarei em caso de emergência.

Antes que eu tenha a chance de questionar a que tipo de emergência ele se referiu, o imediato se afasta. Minha dúvida se forma numa única frase:

— Quais são as chances de a gente sobreviver a essa viagem?

Kai passa a mão no cabelo bagunçado pelo vento.

— Diga você, Pequena Psíquica.

Reviro os olhos.

— Tenho a sensação de que é capaz de a gente naufragar antes mesmo de avistar terra.

Ele sorri, e de repente a água gelada começa a parecer uma boa ideia.

— Então eu vou nadar por nós dois.

CAPÍTULO 27

Kai

O barco balança sob mim, ninando meu corpo para um lugar calmo que não é exatamente o sono.

Cruzo as mãos embaixo da cabeça e me espreguiço no catre, escutando as ondas abafadas do lado de fora da escotilha. Hoje o mar está gentil, talvez apenas para nos dar um sentimento de falsa segurança. A água é volúvel, e os homens são estúpidos a ponto de achar que é possível domá-la.

O sol está se pondo do outro lado da minha janelinha, lançando feixes de luz alaranjada sobre a cabine. Olho preguiçoso para o teto ripado sem saber o que fazer. Nunca fui tão inútil numa missão. Alguém poderia achar essa monotonia relaxante, mas eu me sinto inquieto.

O prato do meu jantar está em cima da mesinha de cabeceira, agora vazio das batatas e da carne que antes encheram a louça lascada. Estendo a mão por cima dele, pego a garrafa de rum que foi trazida gentilmente à minha cabine e a levo aos lábios. Afasto a cabeça do travesseiro áspero e me sento, fazendo uma careta quando o álcool desce pela garganta, queimando.

— Merda.

Solto o palavrão antes de decidir que é uma boa tomar outro gole. Esta pode ser a bebida mais forte que tomo em anos. Provavelmente desde que Ava morreu.

Esse pensamento deixa na minha boca um gosto amargo que não tem nada a ver com o rum. Aperto com força o gargalo da garrafa. Desde que embarquei neste navio, sou lembrado continuamente de como é perigoso ficar sozinho com meus pensamentos.

Assim, não tenho escolha a não ser estar com ela.

É isso que digo a mim mesmo enquanto saio para o corredor e bato à porta de Paedyn.

A voz dela soa abafada atrás da madeira.

— Sim?

— Gostaria de companhia? — pergunto de volta.

— A sua?

— Infelizmente, querida.

— Certo, pode entrar — diz ela, parecendo se divertir. — Girando a maçaneta, e não derrubando a porta com um chute.

Sorrindo, obedeço e entro na cabine. Ela está sentada na cama, os tornozelos cruzados à frente e as costas apoiadas na parede. A luz do sol poente entra muito mais forte por essa escotilha, cobrindo Pae em cor e calor. Um livro gasto repousa frouxamente entre os dedos quando os olhos azuis se viram rapidamente na direção dos meus.

— Viu? — diz ela. — Não foi tão difícil.

Encaro-a antes de me esparramar na cama com a cabeça no seu colo.

— Está bebendo para afastar o tédio?

Balanço a garrafa que ainda seguro.

— Estava. E aí me lembrei de que você é uma distração muito mais atraente.

Paedyn revira os olhos brilhantes.

— Você veio aqui só para flertar, Azer?

— Querida, eu nem comecei.

Com um gemido dramático, ela tira a garrafa da minha mão.

— Então vou precisar disso.

— Não finja que não gosta.

Ela toma um gole de rum, fazendo uma careta ao sentir o gosto. Estou rindo antes mesmo de ela afastar a garrafa dos lábios. Paedyn tosse, engasga e empurra a garrafa de volta na minha mão.

Recompondo-se, ela me espia com olhos marejados que poderiam ser simplesmente uma gota do próprio mar.

— Há muitas coisas que finjo não amar.

Fico imóvel ao escutar essas palavras. Volto o olhar até o rosto que ela inclina na minha direção, cada fio de cabelo prateado que cai ao redor. Levanto a mão devagar, passando os dedos pelas mechas brilhantes, encharcadas de sol. Minha voz é um murmúrio, uma confissão silenciosa.

— Você finge muito melhor do que eu.

Seu sorriso é triste.

— Eu só tenho mais prática.

Fecho os olhos por um longo momento, me lembrando da vida difícil que Paedyn teve.

— Eu sei.

Ela consegue dar um sorriso, e seus dedos se fecham subitamente em volta da garrafa outra vez. Assim que a bebida é tirada da minha mão, Pae a levanta.

— Mas aqui nós não precisamos fingir.

Depois de tomar outro gole, ela me entrega o rum, tossindo.

— Um brinde a isso, então — murmuro antes de me sentar e tomar um longo gole.

Ela balança um dedo para mim.

— Mas isso significa que nós precisamos nos comportar quando voltarmos a Ilya, se é que vamos conseguir voltar. — Ela baixa o olhar até o anel que envolve seu dedo. — Kitt notou que ele estava no dedo errado, depois da noite em que você entrou no meu quarto. Então, nada de ficarmos nos vendo às escondidas. Só vamos… aproveitar esse tempo juntos.

Porque não teremos isso de novo.

Ouço as palavras não ditas pairando entre nós. Elas zombam de mim, assim como esse diamante reluzente que Pae usa. Cada momento com ela é passado lamentando o próximo, esperando o dia em que nos falaremos pela última vez.

Pae me olha. Pigarreia.

— Ontem à noite fui ao quarto dele.

Meu corpo congela.

— Foi?

As palavras se derramam da boca de Pae, parecendo cada vez mais uma confissão.

— Só estou tentando consertar essa… estranheza entre nós. Se vamos passar o resto da vida juntos, quero que a gente pelo menos aproveite a companhia um do outro. Kitt está tão indiferente comigo, e certamente esse não é o Kitt que eu conhecia, e não é o irmão que ele é pra você. Então… vou continuar tentando ser amiga dele, com a esperança de que ele acabe sendo meu amigo também.

Pae me olha, cheia de expectativa, as sobrancelhas levantadas. Deixo suas palavras se assentarem antes de fazê-las descer com outro gole de rum. A bebida arde na minha garganta enquanto eu pego o livrinho roxo ao lado dela.

— O que você está lendo?

Minha mão é parada rapidamente quando ela agarra meu pulso.

— Você sequer ouviu alguma coisa que eu disse?

— Sim. — Minhas mãos seguram seu rosto. — Ouvi. Eu sempre ouço. E se quer que eu diga até que ponto vai o meu ciúme, eu digo. Mas preferiria não desperdiçar o pouco tempo que temos juntos falando sobre o meu irmão. Especialmente enquanto estou sentado na sua cama tentando me impedir de fazer alguma coisa impensada com minha futura rainha. — Volto os olhos para os dela, arregalados. — Mas quando voltarmos ao palácio, deixarei você ver o quanto odeio o fato de você não ser minha.

A boca de Paedyn se entreabre.

— Certo. Eu… é… — Parece que eu a deixei sem fala. Ela pigarreia antes de tentar de novo. — O que foi que você perguntou?

Meu sorriso é malicioso.

— O seu livro, querida.

— Certo. — Ela respira fundo. — É um livro que eu adorava quando era criança. Calum trouxe alguns pra mim.

Ponho a mão na sua coxa, me inclinando para observá-la abrir o livro. Há ilustrações desbotadas espalhadas pelas páginas, assim como várias marcações a lápis que não consigo identificar.

— Meu pai costumava ler pra mim — diz ela baixinho. — Esse era o meu predileto.

— Me fale sobre ele — murmuro.

Meu pedido a faz sorrir.

— É sobre as fênix e outras criaturas místicas que sempre quis encontrar, mas o que eu mais gostava era da menina da história.

Ela para numa página aleatória, passando o dedo sobre uma mensagem desbotada, escrita numa letra torta.

Quero ser poderosa como ela.

Paedyn balança a cabeça antes de fechar o livro.

— É só uma história boba.

Fico olhando-a por um longo momento, mas ela evita meu olhar.

— E os outros livros?

— A maioria é sobre magia e mundos para onde eu queria fugir. — Ela parece estranhamente tímida. — Mundos onde eu poderia me encaixar.

Eu me remexo, pousando a cabeça de novo no seu colo.

— Então qual você vai ler pra mim?

Todo o seu rosto se ilumina, e é uma coisa linda de ver.

— Sério?

— Sou todo ouvidos, Gray.

Com um sorriso de orelha a orelha, ela vira até a primeira página do livro roxo.

— Fênix, então.

Meus olhos se fecham quando as palavras suaves começam a se derramar da sua boca e me perco rapidamente na história, na voz hipnótica que a tece. O balançar do navio me acalenta em meio àquele fugaz sentimento de paz enquanto os dedos de Paedyn penteiam meu cabelo e fazem cócegas na minha pele.

Visualizo essa versão de nós, num futuro distante que jamais acontecerá. Um final feliz em que eu me deito no colo de Paedyn, ouvindo-a ler até o dia em que me desfaço numa lembrança distante.

Mas isso não passa de uma história boba que inventei.

Assim, me deleito com o presente, com os momentos em que nos escondemos do inevitável. Ela lê até que o sol se cansa e mergulha atrás das ondas, até que a escuridão envolve a cabine e sufoca cada palavra na página.

Paedyn fica em silêncio, afastando uma mecha de cabelos da minha testa. Ao som do livro sendo fechado, espio seus olhos sombreados acima de mim.

— Você…?

Pancadas abafadas vindas do outro lado da porta fazem com que eu me sente depressa. Ficamos nos olhando, nos esforçando para ouvir a confusão no convés principal. Palmas acompanham batidas de pés calçados com botas, criando uma sinfonia de caos.

— Isso é…? — Paedyn se cala diante do som crescente de música.

— Isso — digo, rindo na escuridão — é o som de um violino mal tocado.

Não lhe dou chance de responder antes de empurrá-la para fora da cama. Gaguejando, ela consegue dizer:

— O que você está fazendo?

Eu me viro para ela, levantando sua mão que não está usando o anel do meu irmão. Meus lábios encontram seu polegar. Ela inspira fundo diante do gesto íntimo, do seu significado.

— Minha bela Pae, gostaria de dançar?

Seu sorriso parece iluminar a escuridão.

— Eu jamais deixaria passar a chance de pisar no seu pé, Malakai.

Puxo-a para perto e a abraço com força. Ela sabe exatamente o que está fazendo. Meu nome não significa nada para mim até que Paedyn o diga. Não significa nada até que ela o reivindique como seu.

Beijo seus lábios e sinto o gosto do poder que ela tem sobre mim. Minha mão segura sua nuca, meus dedos se embolam no seu cabelo curto. Ela agarra minha camisa e me puxa contra o seu corpo.

Outro coro de pés batendo faz com que nos separemos, ofegantes. Paedyn ri daquele jeito inebriante que me dá vontade de puxar sua boca de volta para a minha. No entanto, antes que eu tenha a chance, ela segura minha mão e abre a porta. Sou puxado para o corredor, na direção da porta dupla. Com um sorriso rápido por cima do ombro, ela larga minha mão e abre a porta.

O convés se abre diante de nós, banhado pelo luar. Homens e mulheres de todas as idades dançam no ritmo do violino, de braços dados para girar em volta da madeira. A tripulação bate palmas e pés, cantando grosseiramente uma música que pertence ao mar.

Paedyn se adianta, parecendo insegura ao mesmo tempo em que sorri diante da cena. Ao nos ver do círculo improvisado de homens que cantam aos berros, Leon se aproxima, parecendo menos austero do que de manhã, embora a garrafa de rum em sua mão provavelmente seja a responsável por isso.

Como cumprimento, ele responde à expressão questionadora de Paedyn.

— A tripulação sempre comemora um dia tranquilo no mar. Hoje em particular a navegação foi bastante calma, considerando a reputação dos Baixios.

O navio balança ligeiramente, concordando, enquanto o casco corta com facilidade as ondas preguiçosas. Leon assente na direção do grupo barulhento.

— Vocês são bem-vindos para participar. Bebam um pouco de rum. Dancem. Ah, o violino do Sam está desafinado, mas acredite, já esteve pior.

Ofereço um braço a Paedyn.

— Devo segurar seus sapatos agora ou esperar até você perdê-los?

— Acho que vou jogá-los em você — diz ela, com um sorriso suave. — Para você achá-los com mais facilidade.

Lanço um olhar preguiçoso para ela.

— Coisinha maligna.

Quando entramos no círculo, Paedyn não perde tempo e começa a bater palmas no ritmo da música. Vejo-a sorrir para as pessoas que dançam. Porém, mais importante, observo as pessoas que a olham com atenção. Algumas reagem mal à sua presença enquanto outras nem sequer percebem a futura rainha ao seu lado. E, antes que eu seja arrastado para dançar, memorizo os rostos dos homens que a olham com raiva.

Paedyn passa o braço pelo meu antes de entrarmos num círculo. Ela ri, acelerando o passo e girando para pegar meu outro braço. Fazemos isso até eu ficar sem fôlego, até minha boca doer de tanto sorrir para ela.

O rum é passado entre nós, assim como os parceiros de dança com quem cruzamos os braços. As melodias rápidas do violino nos fazem bater os pés até tarde da noite e bater palmas quando os pés ficam

doloridos. Em pouco tempo, Paedyn está oscilando ao lado de um marinheiro, cantando uma balada para o mar que se choca contra o navio.

Faço isso por ela. Cada dança. Cada sorriso. Paedyn parece muito mais viva longe de Ilya, longe da lembrança de tudo que ela não é. Mas aqui, mesmo cercados por Notáveis, estamos todos à mercê do mar. Acho que ela encontra conforto nisso.

Assim, giro-a à luz da lua. Sorrio quando Pae ri de mim. E deixo que ela pise no meu pé.



Edric

Há pouca coisa que o rei Edric, governante do primeiro reino de Notáveis, tema.

Mas essa criança é um pesadelo tangível nos seus braços.

— Você está errado.

Essas são as primeiras palavras que saem da boca de Edric, direcionadas incisivamente para o seu Silenciador. Damion entregou rapidamente a filha do rei antes de se afastar, agora agarrando-se com força àquela expressão impassível grudada no rosto. Sua cabeça balança devagar, um gesto cheio de arrependimento.

— Não posso silenciar nenhum poder dela, majestade. Posso estar enganado, mas…

O rei tinha ouvido o bastante. A mera perspectiva de uma criança desprovida de poder compartilhando seu nome é condenação suficiente.

Sussurros abrem caminho no silêncio, e com eles chega o zumbido nos ouvidos de Edric. Ele olha para a bebê, vendo pouco mais do que a falta de poder. Como seria possível que ele, um Robusto e rei de deuses, produzisse uma coisa tão *fraca*?

É constrangedor. É zombar de tudo que o rei é e tudo em que ele acredita.

Seus olhos verdes ficam mais frios a cada momento em que se viram na direção do corpo morto de Iris. Ela era uma raridade, algo que

Edric não conhecera antes: uma Alma. Essa capacidade lhe permitia sentir e manipular as emoções dos outros. Por mais de uma vez, Iris a havia usado no rei para transformar as pressões de governar em uma fagulha de felicidade que ele só sentia quando ela estava perto.

A criança chora nos braços trêmulos de Edric, com a pele ainda pegajosa de sangue.

Como esse nada podia ter vindo de algo tão forte e tão raro?

Uma Comum nascida de dois Notáveis poderosos é algo inédito. No entanto, aqui está ela, essa patética paródia de vida.

Cada grito faz o peito da criança subir e descer, uma ação frágil demais. É quase impressionante, o coraçãozinho patético bombeando sob a pele. O rei pensa nisso com nojo, lembrando apenas que sua esposa não tem mais pulsação, mas essa coisa fraca tem.

Edric olha para sua filha, com ódio no coração e tristeza tomando conta dos olhos.

Iris está morta, e tudo por causa de uma Comum. Por essa vergonha. Por *nada*.

O rei dá uma ordem, cortando o silêncio dos que estavam presentes. É tranquila e deliberada, como se as palavras que saem de sua boca não roubassem o ar de cada par de pulmões ao redor.

— Livrem-se disso.

Pés se remexem. Gargantas pigarreiam.

Uma Curadora, com as mãos manchadas de vermelho, não consegue pensar em nada para dizer, a não ser o título do rei, pronunciado como uma pergunta:

— Majestade?

— Essa coisa matou minha mulher — diz Edric com frieza. — Uma Comum matou minha mulher. Livrem-se dela.

— Majestade — protesta um conselheiro —, é apenas um bebê…

— Livrem-se. Disso.

O rei estende a criança para o ar vazio, colocando o maior espaço possível entre os dois. Seu olhar é afiado a ponto de ferir, e é exatamente o que acontecerá se suas exigências não forem cumpridas.

— Eu vou me livrar… disso.

O Leitor de Mentes de Edric se adianta, estendendo as mãos para a princesa que chora, tendo apenas esses momentos fugazes para ser isso:

uma princesa. O rei dá um sorriso tenso antes de entregar a filha a seu Fatal de confiança.

É a última vez que irá segurá-la. Tudo o que essa criança conhecerá será a violência e o ódio dele antes do final.

— Faça isso — ordena Edric, sustentando o olhar do Leitor de Mentes antes de se virar para cada outro olhar atônito. — O que vocês viram hoje não aconteceu. Sua rainha não morreu dando à luz uma Comum, porque ela faleceu há dois anos, quando me entregou meu filho e herdeiro. É isso que o reino saberá. É isso que a história saberá.

O rei olha para a filha que chora, com uma expressão desprovida de qualquer simpatia.

— Essa Comum não me pertence. Ela já foi esquecida.

Quando o Leitor de Mentes sai do quarto carregando uma princesa perdida, o rei grita uma ordem aos seus conselheiros:

— Lacrem os registros. Garantam que o dia de hoje jamais aconteceu.

Então ele sai intempestivamente do quarto, tendo livrado o mundo de mais uma Comum inútil.

CAPÍTULO 28

Paedyn

Um trovão me acorda de repente.

Eu me sento, piscando na escuridão que me cerca. O navio sacode com violência, quase me derrubando do catre. A chuva bate com força na escotilha, o som ecoa no vidro.

Fico sentada, atônita com a velocidade com que o tempo mudou. Nosso segundo dia no mar tinha sido estranhamente pacífico, se arrastando enquanto eu lia para Kai e perambulava pelo convés.

Outra virada brusca do navio faz meus livros caírem no chão com uma pancada fraca que eu mal escuto acima do trovão. Outro relâmpago chega um instante depois, iluminando a cabine com um clarão fugaz. Sinto cada onda furiosa se chocando contra o barco, ouço o rugido da água perto demais, do outro lado dessas paredes de madeira.

Gritos abafados ressoam do convés principal. Fico de pé, com as pernas tremendo no chão oscilante. O navio mergulha cortando uma onda que se choca com força, me jogando para a frente antes que eu consiga me equilibrar. Bato na parede, me firmando com os braços até sentir confiança para dar um passo a mais.

Consigo cambalear até a porta e estender a mão para a maçaneta, mas meus dedos escorregam quando sou jogada de novo para a frente. A penteadeira estala atrás de mim, imitando cada gemido arrepiante do navio.

Quando enfim abro a porta, solto um berro para a figura que está de pé atrás dela.

— Kai! — Sou forçada a gritar acima do som da tempestade, apesar do alívio por vê-lo. — O que está…

Baixo os olhos para a sombra escura que escorre lentamente pelo corredor. Demoro um momento para perceber o que estou olhando. E o que isso significa.

Água.

As ondas estão se chocando por cima do navio, preparadas para engolir a todos nós…

De repente as mãos dele estão nos meus quadris, me empurrando de volta.

— Você precisa ficar na cabine!

O trovão rosna ao redor, sacudindo o chão do navio. Kai fecha a porta com um chute, trancando nós dois nesse cômodo, nessa sepultura aquática. Balanço a cabeça para ele, para a sensação de pânico que sobe pela minha garganta.

— Não. Não. Não posso ficar trancada aqui, Kai! Agora, não!

Um relâmpago sombreia suas feições sérias. Ele segura meu rosto, me mantendo firme enquanto o navio se sacode.

— Você confia em mim?

Um fio d'água entra por baixo da porta. Como o dedo frio da morte, ele se estende para mim.

— Pae?

Seu grito força meu olhar a voltar para ele. Assinto, trêmula.

— Confio. Eu confiei mesmo quando não deveria.

— Sei como é. — Ele encosta a testa na minha, sussurrando palavras suaves na minha pele. — Então preciso que você fique nessa cabine comigo até a segunda ordem.

A batida frenética do meu coração abafa o som de cada onda, de cada grito desesperado dos tripulantes que lutam contra elas. A cabine parece me esmagar, ficando cada vez menor com o pensamento ecoante de que não podemos mais sair dela. O mar furioso ruge ao redor, mas talvez seja minha própria claustrofobia que me arrasta para a morte.

O cômodo não para de diminuir, com o oceano crescendo cada vez mais. Vou sufocar nessa cabine antes mesmo que a água chegue aos meus pulmões.

Meus pulmões.

Parece que não encontram oxigênio. Estou sufocando num tipo de mar diferente. É esse espaço raso, essa cabine cada vez menor que me esmaga.

Meus joelhos se dobram antes de eu afundar no chão. Com os ouvidos zumbindo, mal ouço o grito preocupado de Kai atrás de mim. Ele está segurando meu corpo frouxo enquanto nos balançamos para a frente e para trás nas ondas agitadas.

Alguma coisa fria bate na minha perna. Tonta, olho para baixo e encontro o dedo gelado da morte roçando na minha pele. Uma carícia e um reencontro ao mesmo tempo. Ela me encontrou de novo. Na última vez que nos vimos, a morte roçou os dedos arenosos no meu rosto no Deserto Escaldante. Agora é o mar furioso que ela comanda para me puxar na sua direção.

Um som abafado contra o meu ouvido me faz estremecer. Ponho a palma da mão na poça d'água como se quisesse apertar a mão da morte. Elogiá-la pela resiliência.

— Pae!

Um relâmpago ilumina o cômodo no mesmo instante em que meu nome ressoa. A cabeça dele está enfiada na dobra do meu ombro, a respiração quente de encontro à pele nua.

— Vamos ficar bem — garante ele, sério. — Você sobreviveu ao Deserto Escaldante mais de uma vez. Agora vai sobreviver aos Baixios.

Concordo com a cabeça, forçando a respiração a desacelerar. Estamos sentados no chão, abraçados, enquanto o barco tenta nos separar. Agarro-me a ele, cada dedo apertando sua camisa amarrotada. Ele acaricia meu cabelo, sussurrando palavras de conforto.

Minha âncora na tempestade.

— Tenho uma coisa pra você — murmura Kai.

Ainda lutando para engolir o pânico, digo, rouca:

— Uma distração, espero.

— Algo assim.

Kai afasta um dos braços que me envolvem, jamais me soltando por completo enquanto se esforça para tirar alguma coisa dos ombros. Só quando ele coloca a mochila no chão úmido é que eu a percebo. De dentro, ele tira uma esfera embrulhada em papel fino.

Nem preciso perguntar o que é. Conheço a forma. Conheço o cheiro.

Mel.

Lágrimas pinicam nos meus olhos.

— Você trouxe isso de Ilya?

Outro relâmpago me permite ver o leve sorriso enfeitando suas feições.

— Só pra você.

Kai me deixa fazer as honras de desembrulhar a massa doce. O mel cobrindo meus dedos faz um sorriso curvar meus lábios. Esqueço cada onda gelada que tenta despedaçar o navio, cada medo alojado no fundo da garganta. Em vez disso, é nesse pãozinho grudento que me concentro, e na lembrança de cada um que compartilhei antes.

Meus olhos se fecham com um tremor quando finalmente dou uma mordida. O pão carrega em si cada momento feliz que já tive na vida, e se eu morrer esta noite, quero que seja com esse mel na boca. A lembrança do meu lar, a lembrança de Adena.

— Já deve estar meio rançoso — diz Kai baixinho.

— Não, está perfeito — consigo dizer. — É exatamente assim que eu comia. Era assim que *nós* sempre comíamos.

O trovão ruge enquanto oscilamos no chão a cada balanço do navio. Cravo os dedos no pãozinho de mel, partindo-o ao meio. Kai fica surpreso quando lhe ofereço um pedaço.

— É pra você. É a sua distração — diz ele com firmeza.

— Quero dividir com você. Por favor. — Balanço o pão na frente dele, como Adena sempre fazia. — Não sei como comer um desses sozinha.

Ele assente com gentileza, entendendo, antes de pegar o pedaço nos meus dedos. Estremeço ouvindo os gritos que ecoam, carregados rapidamente para longe pelo vento forte.

— Você também merece uma distração — digo o mais baixo que o mar tempestuoso permite.

Kai roça os dedos frios pela lateral do meu rosto.

— Você sempre será a minha distração, querida.

A água empoça em volta dos meus tornozelos. No entanto, estou aqui, com a cabeça apoiada no peito dele. Comemos esse pãozinho de mel no piso da minha cabine, no meio de um mar furioso, e de algum modo encontramos tranquilidade na violência.

Como se eu tivesse encontrado o olho da tempestade dentro dele, e ele em mim.



Acordo com um travesseiro macio embaixo da cabeça.

Com certeza eu não o coloquei ali. Nem levantei o corpo até a cama ontem à noite. Mas aqui estou, aninhada entre as cobertas, com as mãos limpas do mel.

Piscando os olhos cansados para focalizar, percorro com eles o chão úmido e o lugar que tínhamos ocupado ontem à noite. Ficamos sentados ali durante horas, conversando por cima do som da tempestade e nos firmando um contra o outro a cada onda que fazia tudo estremecer. Devo ter cochilado nos braços de Kai antes que ele me colocasse no catre.

Do outro lado da escotilha há um céu cinza, e por baixo um mar agitado, provavelmente com raiva porque este navio continua flutuando.

O navio continua flutuando.

Um sorriso aliviado se acomoda nos meus lábios enquanto me sento. Sobrevivi à minha primeira tempestade nos Baixios. Se irei viver para ver a próxima é uma preocupação para outra hora.

Fico de pé, atravesso o piso úmido e vou abrir meu baú. Um monte de roupas muito bem dobradas o preenchem, mas sou rápida em remexê-las procurando alguma coisa confortável para vestir. Acabo decidindo por uma calça preta e justa por baixo de uma blusa larga.

Visto o colete verde-oliva e passo os dedos pelas costuras esgarçadas e os bolsos esticados. Parece que praticamente não usei o presente

desde que voltei a Ilya. Em vez disso, fui enfiada em vestidos que me levam a pensar em Adena e em como ela não pode mais fazê-los, nem mesmo no pós-vida, já que seus dedos foram quebrados.

Mergulho as mãos na bacia em cima da penteadeira e afasto o pensamento jogando um pouco de água fria no rosto. Com um ligeiro tremor, enxugo a pele e…

E meus livros estão no chão.

— Não, não, não — murmuro, correndo para recolher as histórias delicadas.

O navio ainda balança o suficiente para dificultar o equilíbrio, por isso me ajoelho antes que as ondas me derrubem.

Pego os livros depressa, notando as páginas com ondulações deixadas pela água do mar. Xingando baixinho, fico de pé e vou até a porta. As lombadas úmidas se grudam na palma da minha mão enquanto saio para o convés e vejo o céu sombrio.

O vento chicoteia meu cabelo solto, fazendo os fios prateados obscurecerem minha visão. Luto para enxergar direito e paro de repente diante da devastação que vejo. Grandes pedaços da amurada foram arrancados nos pontos em que o mar cravou seus dedos gelados na madeira. Cordas emboladas se espalham no convés, cobrindo o chão com outros entulhos.

As ordens gritadas pelo capitão garantem que nenhum tripulante fique à toa. O navio se inclina sob meus pés e eu tropeço nas pernas que não estão acostumadas com o mar. Os marinheiros ao redor riem com desprezo antes de continuar andando inabaláveis no convés escorregadio.

Ajeito o colete e reúno o que resta da minha dignidade enquanto vou com cuidado em direção a uma parte intacta da amurada. O vento me açoita, cortante e salgado. Inclino o corpo por cima do corrimão, olhando a água passar agitada embaixo. Seu tom azul-claro e verde é falsamente convidativo, apesar da grande profundidade sob a superfície. E é por causa disso que ele ganhou o nome de Baixios.

Segurando três livros com força embaixo do braço, levanto um e deixo as páginas balançarem ao vento. Não é o modo ideal de secá-los, mas sem dúvida será o mais rápido.

Risadinhas às minhas costas dizem que a tripulação gosta de se divertir às minhas custas. Ignoro-os, como fiz com cada Notável altivo junto de quem fui obrigada a viver, e troco de livro.

É então que o barco mergulha no espaço entre duas ondas, espirrando água no convés e me encharcando completamente. Mais risos enchem o ar enquanto fico parada, tremendo e segurando com força o último pedaço da minha infância de encontro ao peito apertado.

— Precisa de ajuda, querida?

Eu me viro, quase caindo quando o navio se sacode embaixo de nós. Mas ali está ele, as mãos enfiadas nos bolsos quase tão fundos quanto a covinha que fica me espreitando. Desgraçado.

Desgraçado.

Pelo modo como ele está me olhando, é como se eu tivesse verbalizado a palavra. Nada nem ninguém jamais me arruinou de tal maneira. Nem a areia, o mar, ou o roçar lento da mão da morte. Porque talvez, apenas talvez, ele seja a coisa mais catastrófica de todas.

Ele tira o casaco, revelando uma camisa preta e justa.

— Não me olhe desse jeito.

Essas palavras parecem provocar alguma coisa em mim, uma lembrança fugaz abafada por várias taças de champanhe. O pensamento frágil se despedaça junto com meus dentes batendo.

— E c… como estou olhando você?

Seu sorriso faz o sangue subir para as bochechas entorpecidas. Ele chega perto, pendurando o casaco nos meus ombros antes de fechá-lo. Vejo sua boca formar uma resposta que não chego a ouvir.

— Foi uma tremenda tempestade ontem à noite! — grita uma voz masculina.

Mal conheço o sujeito, no entanto reconheço sua voz vinda do outro lado do navio. Girando, encontro Torri vindo na nossa direção, o cabelo comprido amarrado na nuca.

— Mas o navio resistiu — continua ele, passando a mão no corrimão lascado. — Apesar disso, temo que seja só o começo. Os Baixios não vão continuar sendo tão gentis.

Aperto os livros com força embaixo do casaco de Kai. Se o que o mar mostrou ontem foi gentileza, não sei se vou sobreviver o suficiente

para ver terra firme.

— Anime-se, garota! — O capitão ri de qualquer coisa que esteja vendo no meu rosto. — Você só precisa durar mais quatro dias. E então, bom, a viagem de volta, mas por enquanto não vamos nos preocupar.

Ele acha isso divertido e continua rindo até chegar ao timão. Eu me viro de volta para Kai, dando um olhar exasperado que nunca deixa de fazê-lo sorrir.

— O que você ia dizer? — pergunto, com a curiosidade segurando momentaneamente minha língua.

Ele parece pensar nisso enquanto seu olhar percorre a superfície da água.

— Nada que eu não tenha dito antes.

E essa é a única resposta que ele oferece antes de estender a mão para mim.

— Agora me coloque para trabalhar. Esses livros precisam secar antes que você leia para mim esta noite.

Solto o ar com força, achando graça, antes de colocar um livro úmido na palma da sua mão. Abrindo-o numa página particularmente amassada, Kai o segura ao vento. Eu faço o mesmo, batendo os dentes ao lado dele.

Devemos parecer ridículos encostados na amurada e segurando literatura no ar. Quase dou risada ao imaginar a cena, mas a visão da água agitada ao redor tira o meu fôlego gelado. O horizonte se estende em todas as direções, não passando de um ondulado cobertor azul.

— Alguma vez você se perguntou se existe mais alguma coisa aí fora? — pergunto, com as palavras quase arrancadas pelo punho frio do vento.

Kai folheia outra página.

— Bom, além dos mitos? — Ele dá de ombros. — Não tenho certeza.

— Mitos?

Ele arqueia as sobrancelhas.

— Nunca ouviu falar de Astrum? O local do nascimento das sombras e da morte de um grande amor? — Ele recita isso como se eu devesse saber a frase de cor.

— Meu pai… — quase tropeço na palavra, agora sabendo da verdade e do mistério por trás dela — … não perdia tempo me ensinando mitos. Na verdade, ele mal tinha tempo para me ensinar as coisas que existem. — Termino com um olhar objetivo para o príncipe.

— Claro. No entanto, ele tinha tempo para ler pra você uma história sobre… — Ele folheia várias páginas do livro. — Um cavalo com presas e…

— Já chega — interrompo com uma risada, arrancando o livro da mão dele.

— Merda, não é de espantar que você tenha medo de cavalos, Gray.

Reviro os olhos.

— O que você estava dizendo? Sobre Astrum?

Kai me lança um sorriso antes de abrir outro livro úmido.

— Bom, muitas pessoas acreditam que Astrum existia muito antes de Ilya. Lá eles vivem numa condição constante entre o alvorecer e o crepúsculo, graças aos amantes separados: Solis e Luna, o sol e a lua. — Ele continua, apesar do meu olhar cético: — Lá as sombras são preciosas. São um poder que pode ser roubado. — Levo um susto quando ele fecha o livro com um estalo. — Sabe de uma coisa, aposto que o capitão tem um exemplar.

Uma risada rouca escapa da minha boca.

— Existe um livro sobre isso?

Kai já está andando firme na direção dos alojamentos do capitão.

— Claro que existe. Torri provavelmente tem um, porque todo marinheiro tem. Eles estão sempre procurando a cidade, esperando ser o primeiro a encontrá-la.

Balanço a cabeça às costas dele.

— Isso é absurdo.

— Você vive em Ilya, lar dos Notáveis, e acha isso absurdo?

Resmungo em concordância. É o máximo que vou fazer para admitir que ele pode estar certo.

Antes de passar pela porta dupla que leva às nossas cabines, Kai se vira para mim.

— O nome é *Sombra e Alma*. — Um meio-sorriso surge em seus lábios. — E estou ansioso para ouvir você lendo esta noite.

CAPÍTULO 29

Kai

Meu peito sobe e desce embaixo das costas dela.

Paedyn está sentada entre minhas pernas em cima da cama, a coluna comprimida contra as batidas do meu coração. Consigo sentir cada vibração de sua voz tranquilizadora enquanto ela lê um pedaço do seu passado.

Não é de espantar que ela tenha se tornado tão formidável se as mulheres dessas histórias ajudaram a criá-la. São destemidas, com narrativas empolgantes.

Ela devorou *Sombra e Alma*, apesar de dizer que era somente para me agradar, o que é uma péssima desculpa, já que Paedyn jamais faria algo que não quisesse. Assim, seu interesse disfarçado pela história nos fez ler até tarde da noite. Passamos ainda mais tempo discutindo a leitura depois de ela ter fechado o livro, incapaz de conter a irritação por querer mais.

Agora, ela lê outro dos próprios livros, e me sinto mais do que contente em ouvir as palavras que saem desses lábios familiares. Envolvo sua cintura com um braço, deixando os olhos se fecharem. Foi assim que nos ocupamos nos últimos dois dias. Foi nossa distração durante a tempestade interminável que são os Baixios. O mar ainda não parou de soltar sua fúria desde ontem de manhã. E agora, com a noite caindo no nosso quarto dia no mar, Paedyn já leu quase três livros para mim.

O navio fica mais enjoativo a cada balanço e cada mergulho violento. De fato, quando não estou na presença de Pae, provavelmente posso ser encontrado esvaziando o conteúdo do estômago por cima da amurada. Mas é a voz dela que parece manter os biscoitos rançosos e a carne no lugar.

A lanterna na minha mesinha de cabeceira se equilibra na beirada, preparando-se para despencar no chão molhado depois de um balanço particularmente forte do navio. Minha mão livre se estende para firmá-la ao mesmo tempo em que Paedyn se cala.

— O quê? — pergunto, apertando-a quando um raio ilumina a cabine.

— O capítulo terminou.

Pouso o queixo no seu ombro, apontando para a página.

— Bom, tem outro em seguida. Então pode continuar.

— Kai. — Pae ri ao dizer meu nome, e imagino se ela sabe o efeito que causa em mim. — Está ficando tarde.

Inclino a cabeça para estudar seu perfil.

— Está sugerindo que se cansou?

— De você? — Ela sorri. — Muito.

Não consigo evitar um sorriso.

— Se vai continuar mentindo sobre não me desejar, pelo menos tente soar convincente.

— Sabe — diz ela, com calma —, ainda há tempo suficiente para eu jogar você no mar.

— Viu? Eu sabia que você não conseguiria passar mais de dois dias sem me ameaçar.

Então ela se vira para mim, cruzando as pernas de modo a se apoiarem nas minhas.

— Porque sei o quanto você gosta disso.

— Que gentileza!

O trovão sacode a cama onde estamos enquanto ondas batem no navio. Ela aperta a mão assustada na minha coxa, suas unhas se cravando na carne embaixo da calça. Ainda posso ver o terror que lampeja no seu olhar, mas ele diminuiu, transformando-se em algo muito mais tolerável. Algo parecido com entorpecimento.

Sem uma história para distraí-la, sem palavras para se formar nos lábios que ela morde com preocupação, Paedyn mexe no anel de aço no polegar.

— Eu deveria voltar para o meu quarto.

Inclino a cabeça.

— E por quê?

— Porque — começa ela, com um suspiro — a tripulação já viu o suficiente para fofocar quando a gente voltar a Ilya. — Ela se encolhe quando há um súbito clarão de um relâmpago. — Se a gente voltar.

— Mais um motivo para ficar comigo esta noite.

— Humm. — Ela desentrelaça as pernas das minhas e desliza para fora do catre. — Ainda não estou convencida.

— E se eu pedisse por favor?

Ela para ao lado da cama, o corpo oscilando junto às ondas. Seus olhos encontram os meus e de repente estou de volta no palácio, na noite em que implorei para que ela ficasse comigo depois de vê-la morrer no meu pesadelo. Revivo aquele momento. Só que, dessa vez, são meus desejos egoístas que me fazem precisar dela ao meu lado.

Ela engole em seco e cruza os braços.

— Bom, então peça.

Rio da sua insistência antes de me levantar, no instante em que o navio se sacode violentamente. Pega de surpresa, Paedyn tomba descontrolada na minha direção, arfando. Eu a seguro e sinto seu corpo se derreter junto ao meu. Abaixo a cabeça até conseguir roçar o nariz no dela.

— Fique comigo, por favor.

Paedyn balança a cabeça, mas está sorrindo. Roço o nariz no dela de novo, murmurando:

— Minha bela, bela Pae. — Ela ri, ofegante. — Fique comigo. — Aperto minha testa contra a dela. — Fique comigo. Fique comigo.

— Está bem! — Paedyn concorda com uma risada, ao mesmo tempo em que dá um leve peteleco no meu nariz. — Está bem, eu fico.

Sorrio para ela, só para ela, sempre ela.

— Eu estava preparado para implorar.

Ela me encara.

— Não estava nada.

— Ah, querida, eu faria coisa muito pior, se você pedisse. — Prendo uma mecha de cabelos atrás da sua orelha com um sorriso. — Ou, o mais difícil, eu faria coisa muito melhor.

— Sabe — diz ela devagar —, você não é nem de longe tão aterrorizante quanto parece.

— Não pra você. Nunca pra você.

Em seguida me sento ao lado dela, sentindo o navio se sacudir com força ao redor. Ela me espia, os olhos brilhantes como o próprio mar. Encaro-os, memorizando a infinidade de tons que eles abrigam à luz tremeluzente da lanterna. Minha cor predileta é um tom de Paedyn, um pedacinho da vibração que ela exala. E de boa vontade eu me afogaria, de boa vontade me queimaria, de boa vontade cairia nesses olhos azuis até o dia em que ela me olhasse pela última vez.

— Não me olhe assim.

Um sorriso surge em meus lábios.

— Eu nunca olhei pra você de outro modo, querida.

Seu sorriso ganha uma timidez pouco característica. Eu me inclino à frente, pegando nosso livro e folheando-o habilmente.

— Bom, já que você está aqui, é melhor continuar lendo.

— Então é por isso que você queria que eu ficasse. — Sua risada abafada é seguida por um balanço da cabeça. — Então vou ler.

— Dentre muitos outros motivos… — ela me acerta com o travesseiro — … inclusive sua maravilhosa companhia.

— Você é inacreditável, Azer.

Volto os olhos para a cama mal iluminada que ocupamos.

— Não é a primeira vez que me dizem isso num cenário como esse…

O travesseiro colide com meu rosto, abafando seu riso do outro lado.



Sou acordado bruscamente pelo ribombar do trovão.

Levanto a cabeça do travesseiro e…

Merda.

A dor lateja embaixo do crânio, mais forte a cada segundo. Imagino vagamente se minha têmpora acertou a mesinha de cabeceira durante a noite, para causar esse latejar.

Minha cabeça parece pesada quando me viro para ela.

O luar opaco se esgueira sobre Paedyn misturando-se com seu cabelo prateado esparramado no travesseiro, cercando seu rosto plácido no sono. As cobertas foram chutadas para baixo dos pés, e estou chocado ao ver que ela não treme de frio sem elas.

Minha cabeça dói quando me sento para pegar a colcha esquecida. Já vou jogá-la sobre ela quando me inclino para perto, com a boca a meros centímetros de encontrar sua testa.

Paro de repente, os olhos examinando seu rosto, a ponta do seu nariz…

Não pode haver mais de dez.

Recuo bruscamente, olhando o corpo ao meu lado.

Esta não é a minha Pae.

Acalmo a mente e me concentro no pulsar distante de poderes por baixo da pele. Relâmpago, Tele, Hidro…

E é então que sinto. Próximo, forte e culpado disto.

Olhando as dez sardas, jogo o cobertor em cima dela.

E ele encontra apenas o ar quando o corpo de Paedyn desaparece.

Ilusão.

Pulo da cama. A cabeça latejando clareia o suficiente para eu perceber que fui drogado. Tudo para que alguém pudesse arrancá-la da minha cama.

De repente, as botas estão nos meus pés antes que eu esteja afivelando uma espada à cintura. Abro a porta com força e faço o mesmo com a porta dupla que me espera no final do corredor.

É como se eu tivesse saído no próprio mar.

O vento faz minha camisa fina de chicote, entorpecendo instantaneamente cada centímetro do meu corpo. A água despenca do céu, golpeando minha pele e me encharcando até os ossos. Mal consigo manter o equilíbrio no convés molhado enquanto as ondas se chocam sem parar por cima da amurada. O navio geme a cada

mergulho na água, me fazendo oscilar como um bêbado enquanto tento manter o equilíbrio.

Avanço no convés, me esforçando para enxergar alguma coisa em meio à parede de chuva.

— Onde ela está? — grito para a tempestade, esperando que o vento carregue as palavras para os tripulantes espalhados.

É o mar que responde com uma onda gigantesca, atraindo minha atenção para a outra extremidade do barco. Forço a vista no meio da chuva, vendo a água se curvar sobre a amurada, encharcando as três figuras amontoadas ali.

A habilidade do Ilusionista arde quente embaixo da minha pele, ficando mais forte a cada passo que dou em direção ao grupo de homens. Procuro os outros poderes e encontro um Tele e um Tufão me esperando.

Meu coração bate acelerado contra a camisa encharcada enquanto vou na direção deles. Quando o navio mergulha violentamente, tombo de joelhos até ser capaz de me equilibrar de novo. Os homens ficam mais próximos, mais nítidos contra a chuva. Os três…

Não. Não são três.

O mundo fica silencioso. A tempestade vai parando. Os relâmpagos ficam opacos.

Existem quatro figuras junto da amurada.

Uma está amordaçada e amarrada, os braços presos com firmeza às costas. Ela ainda está usando o colete verde, tendo dormido envolvida pelo conforto da peça. Os homens a levantaram, dois deles segurando os tornozelos presos com uma corda enquanto o outro crava os dedos nos ombros dela.

Encontrei Paedyn.

Levantando-a na direção da amurada, eles riem enquanto ela se sacode, tentando desesperadamente se libertar.

E ao ver isso alguma coisa se parte dentro de mim.

Liberto aquele pedaço de mim que foi esculpido pelo meu pai. Aquele fragmento de escuridão que ele controlava como queria, conhecendo-o pelo nome. Ele o criou nas profundezas das suas masmorras, em cada um dos meus medos, numa casa em penumbra com minha espada atravessando o peito de um homem inocente.

É um pedaço da própria morte que vive dentro de mim.

E agora eu o controlo.

Agarro o poder de Tele, sentindo a habilidade me atravessar. Meus passos não hesitam nem desaceleram. Nem minha alma se arrepende do que vou fazer com as deles.

Com pouco mais do que um pensamento vingativo, jogo o Tufão por cima do parapeito. É um movimento preguiçoso que faz a cabeça dele estalar ao bater na madeira antes de mergulhar na água gelada.

Depois de olhar uma onda engolir o amigo, os outros dois se viram e me encontram indo na direção deles. As pernas de Paedyn baixam para o chão, seus olhos frenéticos se arregalando quando me veem. Os homens reagem do mesmo modo, mas o que preenche os olhos deles é medo, e não alívio.

E a visão me faz sorrir.

Paedyn luta para se soltar do Ilusionista enquanto o Tele dá um passo na minha direção. Mesmo através da chuva torrencial, reconheço seu rosto turvo. É um dos homens que estavam olhando Paedyn dançar naquela primeira noite no navio.

Ele lança uma corda de poder, enrolando-a no meu pescoço. É como se um laço de forca fantasmagórico tivesse se fechado na minha garganta, apertando com força suficiente para fazer a escuridão se esgueirar nas bordas da minha visão.

O homem está me enforcando com sua habilidade.

Patético. Todo esse poder, e é assim que ele acha que vou encontrar o meu fim?

Não consigo mais respirar, mas já enfrentei coisa muito pior do meu próprio pai. Diminuindo a distância entre nós, dou um soco no seu rosto. E quando se desvia, como eu sabia que iria acontecer, é tarde demais. Minha mão esquerda está tirando a espada da bainha e cortando sua barriga num movimento rápido.

Seu aperto na minha garganta se solta ao mesmo tempo em que ele cai. Sugo o ar com força antes de girar o pescoço tenso. O homem está esparramado na madeira diante de mim, o sangue jorrando do talho profundo, enquanto a água bate no ferimento. Um riacho escarlate brota rapidamente embaixo dele, manchando o convés antes que a chuva possa lavá-lo.

Passo por cima do corpo, sem olhar para trás. Afastando o cabelo molhado de cima da testa, me viro de volta para Paedyn e o Ilusionista. Com os olhos fixos nos meus, ele levanta o corpo dela nos braços.

A ponta da minha espada está encostada no coração dele no instante seguinte. Balanço a cabeça, ofegando.

— Ponha-a no chão e eu não faço você sofrer.

O homem sustenta meu olhar, o corpo rígido sob minha espada.

— Prefiro morrer antes de ver uma Comum sentada no trono de Ilya.

Minha espada mergulha no coração do sujeito no mesmo instante em que ele joga Paedyn por cima da amurada.

Um grito rasga minha garganta, perdido na tempestade feroz.

Não penso. Não respiro. Não hesito em deixar a espada enterrada no marinheiro e mergulho na direção da amurada.

Ela está caindo para a morte.

A mordaça escorregou da sua boca permitindo um grito arrepiante. Os olhos azuis estão fixos nos meus enquanto ela cai mais longe, mais longe e…

O poder de Tele é fraco sob minha pele. Ele mal está vivo, mas é tudo o que preciso. Agarro esse poder e o lanço na direção do corpo amarrado de Paedyn.

A habilidade se retesa, como uma corda invisível que se enrolou na cintura dela. Cerro os dentes enquanto o peso dela se choca contra a minha mente e seu corpo pende suspenso acima das ondas.

Sua cabeça tomba para trás, o cabelo prateado roça na água faminta que a espera. Faço força para levantá-la enquanto uma dor lancinante atravessa minha mente. Quando o navio ameaça mergulhar de cima de uma onda vingativa, quase sou jogado por cima do corrimão lascado. Faço força para me concentrar e uso a vontade para puxá-la, ordenando a mente cansada a obedecer.

Uma onda se choca contra o navio, encharcando o corpo pendurado de Paedyn, antes de encontrar o meu. A força da água quase a puxa para baixo, mas luto para mantê-la subindo. Grunhindo contra a dor na cabeça, estendo a mão para ela, esticando os braços molhados por cima do corrimão.

Então a cabeça dela se levanta, nossos olhares se travam num momento que nem mesmo o tempo pode conter. Ela me encara com uma espécie de medo com o qual nunca a vi. E talvez eu esteja olhando-a do mesmo jeito, como se nada jamais me aterrorizasse mais do que perdê-la.

E é então que o poder de Tele tremula e morre embaixo da minha pele.

CAPÍTULO 30

Paedyn

A última coisa que vejo é o terror no rosto dele.

Então estou caindo de novo.

Vou me afogar.

A morte vai me receber nessa sepultura submersa, rindo enquanto arranca minha alma do mar.

Quando senti aquela habilidade de Tele me soltando, não deixei meus olhos se afastarem dos dele. Queria que o olhar de Kai fosse a última coisa a tirar o meu fôlego, e não as ondas vorazes.

Mas alguma coisa aconteceu.

Não bati na água.

Kai saltou para a frente, quase caindo atrás de mim, e agarrou a única coisa possível.

O colete de Adena.

Estou pendurada de novo, com o coração na garganta.

Ondas se chocam furiosas embaixo de mim enquanto Kai solta um grunhido, usando cada fiapo de força para me puxar. Ouço as costuras rasgando enquanto meu amado colete se desfaz com o meu peso. Com as mãos amarradas às costas, não posso fazer nada a não ser olhar a linha estalando enquanto Kai se esforça para me levantar.

A água pinga do meu corpo encharcado, tornando o colete escorregadio. Kai grita, o braço inchando embaixo da manga

encharcada. Outro rasgo agudo do tecido grosso faz com que eu aceite meu destino submerso.

Então um braço envolve minha cintura.

Kai trinca os dentes, me puxando por cima da amurada. Estou grudada em seu peito, as pernas sendo arrastadas por cima do corrimão de madeira.

O sangue sobe à minha cabeça. Os joelhos se dobram. Kai me guia para o convés encharcado com braços que arrancaram minha alma das garras da morte.

— Peguei você. — Ele ofega de encontro ao meu ouvido. — Peguei você, Pae.

Encosto a cabeça no seu peito, com lágrimas escorrendo dos olhos. A tempestade continua feroz ao redor e ele ainda me segura. Seu corpo estremece de encontro ao meu, provavelmente de exaustão, mas talvez do medo que começa a diminuir. Sinto-o se mexer, levantando um braço que estava em volta de mim. Estou cansada demais para acompanhar o movimento, mas quando a corda é subitamente cortada dos meus pulsos, percebo que ele arrancou a espada do peito do marinheiro.

Então Kai estica gentilmente minhas pernas, livrando-as com um golpe preciso da espada. Meu olhar atordoado pousa nos corpos caídos no convés. Ambos estão cobertos de sangue, os olhos vítreos voltados para o céu tempestuoso. A percepção de que provavelmente estou sentada no sangue deles não me atormenta tanto quanto imaginei. Na verdade, creio que poderia me banhar nos restos deles por serem o motivo para o último pedaço que eu tinha de Adena estar destruído.

E assim, num instante, estou um passo mais perto de superar esse medo sufocante de sangue.

De repente, Kai está agachado à minha frente, virando meu rosto para longe dos cadáveres com uma pressão gentil dos dedos no meu queixo.

— Você está bem?

Como se fosse incapaz de se conter, ele segura meu rosto com as duas mãos antes de passar os dedos rápidos pelo meu corpo, verificando se há ferimentos.

— Estou bem. — Meu sussurro quase se perde no vento uivante, mas sei que ele ouve quando seus olhos se viram rapidamente para os meus. — Estou bem. Estou viva. — As lágrimas ardem nos meus olhos de novo. — Por sua causa.

A água pinga dos cílios dele, mas é na ligeira depressão da sua covinha direita que meu olhar pousa.

— Prometi salvar sua vida de novo e de novo. E farei isso, quer você me permita ficar nela ou não.

Assinto, com a visão turva por causa das minhas lágrimas e das lágrimas do céu.

— Agora vamos entrar — diz ele, me pegando no colo.

Deixo que Kai me carregue até a cabine. Deixo que me convença a ficar quieta. Deixo que pegue minha adaga embaixo do travesseiro e a coloque na minha mão.

— Isso teria sido útil esta noite — digo com a voz fraca.

Ele balança a cabeça e vejo a sombra de raiva que cai sobre seu rosto.

— Eles me drogaram para dormir. Depois um Ilusionista colocou você dormindo ao meu lado, de modo que eu a visse quando acordasse.

— O quê? — Quase gargalho. — Eles não pareciam do tipo calculista. — Meu olhar baixa até a adaga que eu gostaria de ter tido comigo. — Mas depois de eles terem drogado você, acordei com os três me arrastando pra fora do quarto. Eu não conseguia me soltar, não conseguia me mexer… — Engulo em seco, com a lembrança do pânico. — Eu estava gritando, mas ninguém escutava. Ou ninguém *queria* escutar. Então eles me amarraram, me amordaçaram e… bom, o resto você sabe.

A fúria brota de Kai em ondas tão mortais quanto as que colidem com este navio.

— Você não está segura aqui. Eu disse isso a Kitt. E onde estava o restante da tripulação? — Ele começa a andar de um lado para o outro, os punhos fechados ao lado da calça encharcada. — Provavelmente estavam envolvidos nisso de algum modo, e, se eu estiver certo, vou cuidar deles quando voltarmos a Ilya. Mas por enquanto precisamos que nos levem de volta inteiros.

Concordo com a cabeça.

— Parece um bom plano.

— O quê? — pergunta Kai, pasmo. — Você concorda com o derramamento de tanto sangue?

Passo um dedo pela extensão da minha adaga antes de olhar para ele.

— Depende de quem é o sangue.

Ele nunca me beijou com tanta intensidade.



— Paedyn, senhorita, nem posso dizer como fiquei chocado ao saber o que alguns dos meus homens tentaram fazer ontem à noite.

Olho para o capitão, com o rosto inexpressivo enquanto espero um pedido de desculpas. Na noite anterior, Kai invadiu os aposentos de Torri para informar sobre os acontecimentos. Quando voltou à cabine, eu estava dormindo profundamente com a adaga apertada na mão.

Agora, estou sentada na elegante área de jantar do capitão, os dedos cruzados em cima da mesa de madeira e uma expressão nada divertida. O sol sonolento luta para espiar em volta do grosso cobertor de nuvens, lançando de vez em quando um raio de luz através de uma das muitas janelas. O cômodo é maior do que eu tinha esperado, com prateleiras amplas alinhadas nas paredes, todas cheias de mapas e badulaques derrubados.

Há um pedaço de pergaminho particularmente gasto e meio enrolado junto à parede diante de mim, atraindo minha atenção. É decorado com uma variedade de cidades esboçadas e suas bandeiras. Conhecendo bem os reinos que vivem no nosso mapa, começo a desviar os olhos, mas eles tropeçam em manchas de desconhecimento.

O mundo rabiscado para o qual estou olhando se estende para além de Izram.

Meus olhos se estreitam em direção às massas de terras estranhas que borbulham dos Baixios. Nenhum mapa que eu já estudei era assim. De onde estou, não consigo identificar os nomes desses supostos

reinos, mas depois de ter lido sobre aquela mítica cidade de sombras, aposto que o nome Astrum foi rabiscado desejosamente acima de uma massa de terra pintada.

Quase sorrio.

Então é isso que mantém os marinheiros partindo para um horizonte que é pouco provável que encontrem antes da ruína. Aventura. A esperança de uma descoberta empolgante a ponto de arriscarem suas vidas triviais. Eles navegam com um mapa diferente, desenhado a partir de mitos e lendas.

Admiro sua insistência em encontrar algo pelo qual viver.

Volto a atenção para Torri sentado à cabeceira da mesa, com uma expressão desconfortável no rosto cheio de manchas. Kai está de pé ao meu lado, parecendo totalmente meu Executor, apoiado no encosto da minha cadeira.

— Então você não sabia nada sobre o plano da sua tripulação para assassinar a futura rainha? — pergunta ele, tranquilo.

— Tripulação? — troveja Torri. — Não, senhor, como discutimos ontem à noite em particular, esses três homens agiram sozinhos. Ontem à noite havia apenas um punhado de marinheiros no convés e a maioria deles estava no timão. Não conseguíamos enxergar praticamente nada através daquela chuva.

O capitão diz tudo isso depressa, como se fosse obrigado a cuspir as palavras antes que elas fossem esquecidas. Inclino a cabeça na sua direção.

— Por que havia tão poucos homens no convés durante uma tempestade assim?

As mãos grandes de Torri balançam com cada palavra.

— Meus tripulantes vinham lutando contra a tempestade durante dois dias inteiros. Eles precisavam dormir, senhorita. — Ele dá uma risadinha desconfortável. — Eu os dividi em turnos para conservar as forças e…

— Desculpe interromper, capitão… — diz Kai num tom que sugere que não está nem um pouco interessado em se desculpar — … mas ainda não ouvi um pedido de desculpas à srta. Gray.

Preciso lutar contra o sorriso que deseja se formar nos meus lábios. Torri pigarreia e olha rapidamente na minha direção.

— Srta. Gray — diz ele devagar —, lamento profundamente a perturbação que isso deve ter lhe causado. E fique tranquila, não deixarei que aconteça de novo.

Inclinando-me à frente, dou-lhe um sorriso com os lábios apertados.

— Não, não vai acontecer de novo. E fique tranquilo, eu não estou perturbada. — Meus olhos se estreitam de leve. — Estou desapontada.

Em seguida me levanto, deixando a cadeira raspar ruidosamente as tábuas do piso. Como despedida, acrescento:

— Imagino que chegaremos em segurança a Izram amanhã, não é?

Torri demora um momento para encontrar as palavras.

— Ah, sim. É, está correto. Devemos atracar no máximo ao meio-dia.

Lanço ao homem um sorriso antes de me virar para sair.

— Bom.

Kai vem atrás, só parando para lançar uma pergunta por cima do ombro para o capitão.

— Por que havia um Ilusionista a bordo? Eles não são fáceis de encontrar, especialmente um com experiência naval.

— Bom, eu solicitei um ao rei — explica Torri dando ligeiramente de ombros. — Ele seria útil se encontrássemos a fera que espreita nessas águas. Para criar uma ilusão que ela perseguisse, em vez de vir atrás de nós.

O Executor parece pensar a respeito.

— E o que o senhor faz, capitão?

Torri parece confuso antes que uma gargalhada lhe escape.

— Bom, exatamente o que o senhor disse, alteza. Eu capitaneio.

— Ah, sim. — Kai assente devagar e eu examino seu rosto, sem saber onde isso vai dar. — Então era o senhor que estava pilotando o navio, intrepidamente, durante aquela tempestade?

— Sim, senhor! Até o momento em que o senhor irrompeu nos meus aposentos. — O capitão ri de novo, dando um tapa na mesa. — Os Baixios são uma cadela que eu pretendo domar.

Só posso reagir com um suspiro chateado antes que Kai se volte na direção da porta outra vez.

— Lamento ter matado seus homens, Torri. No entanto, creio que eles mereceram, sendo assim, não lamento nem um pouco.

— Claro — responde o capitão atrás de nós.

— E fique de olho nos seus homens, capitão. — Kai já está passando pela porta quando se vira uma última vez. — Sei que você é capaz disso.

Eu o sigo rapidamente até o corredor, tentando acompanhar seus passos largos. Quando entramos na cabine de Kai, enfim consigo dizer:

— O que aconteceu lá?

Kai balança a cabeça.

— Ontem à noite ele sabia que você precisava de ajuda e não fez nada.

— Mas a tempestade...

Ele disse…

— Que ninguém que estivesse no timão poderia ver ou ouvir qualquer coisa acontecendo do outro lado do navio com aquela chuva. — Kai completa o pensamento por mim. — Mas aquele desgraçado era o único que poderia.

As peças se encaixam de repente, me fazendo murmurar baixinho.

— O capitão é um Hiper.

Kai passa a mão pelos cabelos desgrenhados.

— Ele seria capaz de ver e ouvir você muitíssimo bem. Só optou por não fazer isso.

Dou uma risada de desprezo.

— Isso nem deveria me surpreender.

— Vou cuidar dele quando voltarmos a Ilya. Mas até lá… — Kai dá um tapinha na adaga presa à minha coxa — … isso não sai do seu lado. Nem quando você estiver comigo.

Chego mais perto com um sorriso provocador.

— Ah, especialmente quando eu estiver com você. E se eu quiser ameaçar sua vida?

— Mesmo depois de eu ter salvado a sua? — Ele diz isso com carinho.

Passo um dedo pela sua camisa branca e fina.

— Talvez eu ainda não tenha perdoado você por ter me perseguido pelo Deserto Escaldante.

Ele me puxa para perto, os dedos inclinando meu queixo na sua direção.

— E eu faria tudo de novo, só para ouvir você me ameaçar.

— Parece tolice — ofego.

— Então está certo. — Ele passa um polegar no meu lábio inferior. — Já que eu sou um tolo.

Levanto as sobrancelhas.

— Você me disse que não era mais.

Seus lábios roçam meu rosto. Sorrio quando eles encontram meu nariz. Ofego quando roçam no meu pescoço.

— Aquilo era fingimento, querida.

CAPÍTULO 31

Paedyn

Passei horas espiando um pontinho ao longe.

Só que agora ele cresceu e virou uma cidade que se estende diante de nós.

Um labirinto de docas cobre o horizonte, acomodadas na água azul brilhante. Dezenas de barcos oscilam ao lado delas, alguns grandes como a embarcação mutilada em que estamos chegando, mas a maioria é pequena e forte. Forçando a vista, consigo vislumbrar as grandes redes de pesca que pendem nos costados.

Respiro o cheiro do mar, desejando que o navio se mova mais rápido. Com a tempestade amainada, os Tufões estão espalhados pelo convés, empurrando o vento nas velas enormes. Bato um pé, impaciente, observando os tripulantes. Eles evitam meu olhar, concentrando-se em vez disso em suas obrigações e na difícil tarefa de garantir que o navio meio arruinado chegue em terra.

Com as velas rasgadas, os corrimões arrancados e as tábuas lascadas no convés, é um milagre não estarmos no fundo dos Baixios. E esses são apenas os danos que eu consigo ver.

— Icem a bandeira!

O grito do capitão faz um marinheiro puxar o cordame, obedecendo à ordem. Vejo uma bandeira branca subir, parando ao lado do estandarte de Ilya que tremula completamente esgarçado.

Volto meu olhar curioso para o convés antes de pousá-lo na figura familiar que chega. Kai levanta a mão para proteger os olhos da claridade súbita, e não consigo deixar de aproveitar o momento para encará-lo descaradamente. Suas roupas ondulam ao vento, grudando-se no corpo forte. O cabelo preto bate na testa como as ondas indisciplinadas lá embaixo. E os olhos cinza…

De repente estão voltados para mim.

Kai sorri, sugerindo que sabe exatamente o quanto eu estava admirando-o. Mesmo depois de vir na minha direção, a expressão presunçosa jamais deixa seu rosto.

— Desfrutando da vista, Gray?

— De Izram? — disparo de volta, rindo também. — Ah, sim, estou, Azer.

Ele apoia os antebraços no corrimão lascado, rindo a ponto de deixar as covinhas à mostra. Desvio os olhos antes que ele me pegue encarando de novo.

— Por que levantamos uma bandeira? — pergunto baixinho.

— Faz quase uma década que Izram não vê um navio com o nosso brasão. — Ele gesticula com a cabeça na direção de uma grande torre de vigia acima da baía. — Não queremos que eles achem que temos más intenções. Como acontece em Dor e Tando, eles não ficarão muito felizes com a presença de Notáveis.

Eu me encosto no corrimão ao lado dele, e os nossos braços se tocam.

— Então é bom que uma Comum benevolente vá saudá-los.

— É, com uma tripulação de Notáveis. E o Executor.

— E um caixote de rosas desejadas — acrescento, esperançosa. — Bom, eu me lembro vagamente de ter lido sobre a rainha de Izram, Zailah, quando era criança. Mas não sei bem o que devo esperar.

— Dizem que ela é implacável — lembra Kai. — Alguns dizem que matou o marido para tomar o trono, outros acreditam que ele morreu de causas naturais. — Ele levanta o ombro num gesto preguiçoso. — De qualquer modo, a rainha ajudou Izram a prosperar. Eles contam com o mar e os peixes para sobreviver, e desde o momento em que Zailah ocupou o trono, a produção tem sido mais do que abundante.

— Humm. — Giro o anel no polegar, distraída. — E faz vários anos que ela se tornou rainha, não é?

Os olhos de Kai encontram os meus.

— Quase uma década.

Guardo essa informação interessante e volto a atenção para o cais para onde vamos. Há um grande grupo de guardas de pé na madeira gasta, vestidos de azul-real e segurando lanças. As pontas afiadas brilham ao sol, me obrigando a afastar os olhos da visão curiosa.

É estranho ver armas tão óbvias com uma guarda. A maioria dos Imperiais nem se incomoda em usar uma espada, já que eles podem contar totalmente com alguma habilidade. Mas os soldados de Izram não possuem poderes. Eles dependem da própria força, da própria vontade. E admiro isso muito mais do que alguma força não merecida.

As pontas brilhantes das lanças dos guardas parecem ficar mais afiadas à medida que o navio se aproxima. Eles permanecem de pé rigidamente ao longo das tábuas, enfileirados no cais rangente com expressões solenes e apertando as armas com força.

Estão com medo de nós.

Cambaleio contra a amurada quando o navio geme. Vamos de encontro ao cais, provocando um longo guincho no casco. Quando enfim paramos, consigo virar meus olhos arregalados na direção dos de Kai. Ele está com uma expressão familiar, que se esgueira até os cantos do rosto.

Percebo que é uma ligeira presunção que toca seus lábios. Um brilho nos olhos e um relaxamento do corpo.

Ele gosta de ser temido.

Acho que eu também gostaria, se ao menos um pouquinho do seu poder residisse sob minha pele. Mas sou algo menos do que medo, poder e Notável. Por esse motivo vou cautelosamente para trás do Executor enquanto ele atravessa o convés.

Uma rampa de madeira precária se estende entre o navio e o cais. A água brilhante se agita embaixo de nós, batendo no casco e se estendendo para a ponte em que pisamos. Sem hesitar, Kai desce pelas tábuas que rangem, para cumprimentar o bando de guardas.

Mas nem chega ao cais.

Dezenas de lanças são apontadas rapidamente para o seu peito, brilhando agourentas e se aproximando do pedacinho de pele nua por baixo da camisa mal abotoada. Fico tensa, o coração parando ao ver cada arma comprida apontada para o Executor.

Mas a falta de tensão nos ombros de Kai me diz que ele não parece se incomodar. Mesmo assim, como estou atrás, só posso vislumbrar o sorriso presunçoso que ele exibe. Eu não deveria estar surpresa, mas mesmo assim sinto vontade de lhe dar uma pancada na cabeça.

Kai levanta as mãos devagar, mostrando as palmas aparentemente inofensivas para os guardas. É, ele gosta mesmo disso. Medo é poder. E onde há poder, há algo para ele brandir.

— Digam o que vieram fazer aqui, Notáveis — esbraveja a voz firme de um guarda particularmente enfeitado de dourado.

Olhando acima dos botões de ouro que adornam o uniforme, vejo o pequeno broche acima do coração.

O Executor de Ilya acaba de conhecer o capitão da guarda de Izram.

— Acalmem-se, senhores — diz Kai em voz tranquila, baixando com a palma da mão a ponta de uma lança muito próxima. — Tenho certeza de que esta é uma tremenda surpresa, mas nós viemos em paz. As coisas estão mudando em Ilya, por isso estou aqui acompanhando nossa futura rainha para se encontrar com a sua. Ela explicará tudo. — Kai aponta para trás, onde eu estou, rígida e insegura. — Esta é Paedyn Gray. Uma Comum.

Expressões atônitas são a única reação às suas palavras. Vejo o capitão e os guardas me examinando, olhando o cabelo prateado que eu ganhei da Peste. Pigarreio, me sentindo desconfortável.

— Nós trouxemos um presente — digo depressa. — Como um gesto de boa fé.

O capitão me encara, cético. Seus olhos são de um castanho quente, cercados pelas rugas que uma vida de risos esculpe na pele, mas a expressão séria solidificada em seu rosto sufoca a felicidade que antes era tão fácil. No entanto, mesmo na meia-idade, ele é bastante bonito.

— Vocês estão dizendo — começa o capitão da guarda, devagar — que uma tripulação de Ilya enfrentou os Baixios só para se reapresentar ao reino que eles isolaram?

Sua pergunta me instiga a avançar, até que paro ao lado de Kai e firmo os pés diante da infinidade de lanças.

— Sim — digo com a voz calma. — Eu lutei para sobreviver a cada dia. Assim como todos vocês. E farei qualquer coisa para ver Ilya se tornar livre e receptiva outra vez.

Um silêncio longo abafa tudo, menos o som da água batendo ao redor. O capitão mantém o olhar fixo no meu, mas não de um modo que me diga que ele está examinando cada pedaço desgrenhado de mim.

Acredito que pode até ser esperança o que ouço na sua voz quando ele ordena:

— Homens, baixar as armas. Vamos levar nossos convidados ao castelo.



Caminhamos por quase uma hora, encasulados num círculo apertado de guardas.

Mal se incomodam em me olhar quando o Executor anda entre eles. Cada olhar está voltado para Kai, cada arma a postos para se defender do Notável que saiu direto de uma história que eles contam para as crianças dormirem.

O capitão Torri anda ao meu lado, surpreendentemente silencioso. Só me foi permitida a companhia de dois Notáveis nessa caminhada até o castelo. O restante da tripulação foi deixado para consertar o que resta do *Acerto de Contas* que, neste momento, flutua triste ao lado do cais.

Tive tempo suficiente para absorver a cidade ao redor. Ela é preenchida por uma agitação menos intensa do que a de Ilya. As ruas calçadas de paralelepípedos são uniformes e organizadas, cheias de homens e mulheres atentos. Estandartes de um azul intenso pendem dos telhados e se estendem entre os becos largos. Os mercadores são gentis, as crianças são comportadas e os sorrisos são compartilhados regularmente.

É uma anomalia que acho ao mesmo tempo reconfortante e preocupante.

Respiro o ar salgado e me concedo um momento para apreciar o calor que cobre meu rosto. O sol parece brilhar somente para mim, pintando a pele numa claridade suave e me envolvendo com seus raios. Uma brisa fresca agita meu cabelo curto e eu fecho os olhos, me deliciando com a sensação da terra firme sob os pés.

As pessoas param e olham o espetáculo que sem dúvida estamos fazendo. Sou engolida pelos guardas, obrigada a me esquivar das pontas das lanças. Eles nos arrebanham subindo por outro caminho inclinado que me deixa ofegante antes que meus olhos subam na direção do castelo altíssimo.

Entro na sombra dele, me sentindo pequena demais ao lado dessa massa de pedras. O castelo é envolto numa pedra branca e perolada que brilha à luz do sol. Torres altas saltam para o céu, lançando fitas de sombras no caminho. Bandeiras azuis tremulam nos pináculos mais altos, mostrando o que reconheço como o brasão de Izram.

Levanto a mão para proteger os olhos do sol ofuscante e examino o tecido que tremula. Um par de peixes girando cria um círculo perfeito num mar de azul. Em cima da bandeira, parece que eles estão eternamente nadando um em volta do outro, criando um equilíbrio constante.

Um grito do capitão da guarda nos faz parar na base de uma escadaria imaculada. Ela sobe em direção a uma porta dupla leitosa que combina com os degraus embaixo. Tudo neste castelo é claro e arejado, uma personificação do céu que pende sobre a água.

Vejo o capitão se separar dos guardas e ir em direção à enorme porta. Ele caminha rigidamente, parecendo não se empolgar com a tarefa, mas quando os dedos ásperos de Kai roçam nos meus, a observação e minha curiosidade se desfazem depressa na brisa salgada.

Meus olhos sobem rapidamente e encontram uma ruga de preocupação entre as sobrancelhas dele.

— Você está bem?

A pergunta é preocupante a ponto de provocar outra em resposta:

— Por quê? Não pareço bem?

— Gray, você sempre parece muito mais do que bem — diz ele com um risinho grave, a voz baixa o suficiente para passar despercebida pelos guardas. — Mas sei que isso aqui é muita coisa. Só quero ter certeza de que está.

— Que tremendo cavalheiro você se tornou — cantarolo.

— Só pra você.

Suas palavras fazem meu sorriso se dissolver em algo mais doce.

— Estou… bem. Só esperando que minha benevolência não me falhe — digo, minha voz fraca, antes de continuar sussurrando: — Não tenho ideia de quem devo ser ou do que devo dizer. Melhor ainda, não faço ideia de como falar com uma rainha, quanto mais ser uma.

Ele balança a cabeça, sem afastar os olhos.

— Acho que você sabe direitinho quem você quer ser. Quem você é. — Suas palavras são como um grito de batalha sussurrado. — Você é a líder que sempre desejou para Ilya. Você é a nossa Paladina Prateada.

Estendo a mão para a dele antes de perceber que não deveria. Em vez disso, me contento com um sorriso aliviado e um olhar demorado em que me perco na tempestade dos seus olhos. Só quando uma sombra recai sobre o rosto dele é que afasto os meus.

— Isso sim é nome para um navio! — O capitão Torri passa por um guarda para invadir o pouco espaço que temos. — *Paladina Prateada*. Se voltarmos a Ilya, vou precisar arranjar um barco novo, e talvez eu o batize com esse nome.

Olho para Kai. Depois de volta para o capitão.

— Fico lisonjeada.

— Por falar em navios — acrescenta Kai rapidamente —, como está o nosso? Não posso deixar de perceber que você parece… cético com relação à volta a Ilya.

Torri bufa e eu me inclino para longe.

— Bom, vou ser honesto, alteza. Neste momento, ele não parece muito bem. Mas coloquei a tripulação para trabalhar. Espero que esteja remendado antes de zarparmos.

Estou me preparando para fazer algumas perguntas cuja resposta provavelmente não quero saber quando uma voz séria ecoa atrás de mim:

— A rainha está pronta para recebê-los.

Eu me viro e encontro o capitão da guarda sinalizando para eu avançar. Os homens apinhados ao redor se afastam diante da ordem silenciosa, me livrando da gaiola de lanças. Meus pés cansados me levam em direção à montanha de degraus, com Kai ao lado e Torri se demorando atrás.

Giro o anel no polegar, buscando conforto no aço frio. A reluzente porta dupla lá em cima se abre enquanto nos aproximamos e vejo o capitão de Izram entrar no saguão. A luz reconfortante do sol é roubada da minha pele quando o acompanho para dentro do castelo.

Arregalo os olhos antes de percorrer o cômodo dourado.

Isto certamente não é Ilya.

É o oposto dos verdes ousados e dos detalhes escuros. Está cheio de poças de luz e toques de azul. O corredor comprido se estende até um par de escadas curvas de cada lado, envoltas em carpete macio. Tudo aqui é reluzente, simples e cheio de delicadeza.

Não há demonstração de força, nenhuma necessidade óbvia de atenção. E a simplicidade é de tirar o fôlego.

— Ela irá recebê-los na sala do trono — informa o capitão sem se virar para me olhar. Em um ritmo constante, ele nos leva a outra porta dupla branca e brilhante. — A corte também espera por vocês, tendo ouvido falar da chegada inesperada de Ilya. Esta é a única informação útil que eu tenho. — Ele assente para os dois guardas parados à porta. — A rainha irá recebê-los agora.

Meu coração bate forte enquanto a sala do trono surge lentamente. Um grande tapete azul me espera, levando até o tablado. Janelas se enfileiram num padrão que parece entrelaçado, ladeadas por relevos em espirais. Meu olhar dispara até as várias mesas circulares espalhadas no piso lustroso, que permitem que os membros da corte desfrutem confortavelmente do espetáculo.

Mas é a mulher sentada com elegância num trono de ossos que rouba por completo minha atenção.

A rainha se acomoda numa espécie de esqueleto, mas não faço a mínima ideia do animal a que ele já pertenceu. Vértebras grossas criam o centro do assento enquanto as costelas compridas se projetam, curvando-se em volta dela. Por baixo dos seus ombros bronzeados, os

ossos se curvam para cima, pairando ligeiramente acima de seus cabelos pretos.

Forço os pés a avançarem, apesar da vontade de querer ficar parada, boquiaberta. Mesmo a essa distância, os olhos verdes e penetrantes da rainha parecem enxergar até minha alma. Nunca vi uma cor tão luminosa no olhar de alguém. Não é o verde-claro dos olhos de Kitt, nítidos e quentes. Não, este é um tom vívido, brilhante, como se ela enxergasse o mundo através de uma lente de esmeralda.

Quando paramos diante do tablado, o olhar reluzente de Zailah se vira para Kai quando ele diz:

— Majestade… — Ele faz uma reverência graciosa, me lembrando de tentar fazer o mesmo. — Peço desculpas pela visita inesperada. Sou Kai Azer, Executor do rei de Ilya, e acompanhei Paedyn Gray até aqui para celebrar o retorno do comércio com o nosso reino.

Os olhos da rainha voltam rapidamente na direção dos meus, tão impressionantes quanto questionadores.

— Ouvi boatos a seu respeito, criança. Você parece nova demais para ter causado tantos problemas em Ilya. — Ela sorri e eu capto o brilho de caninos brilhantes. — Admiro isso.

— Bom, meus dias de criar problemas ficaram para trás. Espero — acrescento com um pequeno sorriso. Kai dá um passo para o lado, incentivando Torri a fazer o mesmo. — Estou aqui para criar um reino de Ilya novo e melhor.

— Veja bem — diz Zailah devagar —, da última vez que ouvi seu nome, foi seguido por uma lista de crimes traiçoeiros contra Ilya. Havia até mesmo um prêmio pela sua cabeça se você conseguisse atravessar os Baixios. — Ela levanta uma unha afiada na direção de Kai. — Agora você está no meu reino com o Executor. E usando um anel de noivado muito brilhante. — Outro sorriso curva seus lábios perfeitos. — Imagine só. Você me intrigou, e essa não é uma tarefa simples.

— Para resumir, Ilya precisa de recursos. No decorrer das décadas, exaurimos nosso suprimento de comida e superpopulamos a terra por trás das fronteiras fechadas. Com Kitt Azer no trono, ele percebeu que o reino precisa retornar às suas raízes mais receptivas. Comuns e

Notáveis coexistirão de novo… — faço um gesto para a rainha — … assim como o comércio entre as cidades ao redor.

Organizo os pensamentos e continuo:

— Para encorajar essa… mudança impopular, eu, uma Comum e sobrevivente das Provas do Expurgo, devo me casar com o rei. Isso criará uma ponte entre os Comuns e os Notáveis. — Respiro fundo, pronta para dar mais informações…

— E quanto à sua traição? — pergunta Zailah, parecendo achar a história divertida. — O rei esqueceu tão rapidamente que você matou o pai dele? Pelo menos foi o que ouvi dizer.

— Aquilo foi um mal-entendido. E o reino foi informado disso — declaro do modo mais convincente possível. — E estou aqui não somente para provar meu valor à senhora, mas também a Ilya.

Ela ergue uma sobrancelha escura.

— Continue.

— Eu competi nas Provas do Expurgo como uma Comum. — Minha garganta fica absurdamente seca. — E agora, para ganhar o respeito e a confiança dos Notáveis que desprezam a ideia de uma Comum no trono, estou passando por outra série de Provas.

A rainha pisca os olhos antes que uma risada transforme suas feições. O som é cortante em comparação com o rosto bonito.

— Então você atravessou os Baixios. E conseguiu por pouco.

Dou um sorriso educado.

— Sim. A benevolência é o segundo dos três *B*s pelos quais os governantes de Ilya vivem.

— Benevolência? É mesmo? — questiona ela, em tom de zombaria. — Nem sei se eu mesma vivo segundo isso.

— Então aceite a minha — digo rapidamente. — Como um gesto de boa fé, eu trouxe rosas para a senhora e seu reino. Espero que as muitas propriedades curativas que elas possuem bastem para incentivar Vossa Majestade a nos receber.

Os olhos da rainha se estreitam em escrutínio.

— Elas são um presente do seu rei?

— Sim, Vossa Majestade.

A voz de Zailah é um som tranquilizador.

— E você não sabe mais nada sobre isso?

— Não — respondo com calma.

— Humm. — Ela se recosta, parecendo estranhamente confortável em seu trono de ossos. — Tudo o que eu ouvi, Paedyn Gray, é um pedido de socorro. Ilya só abre as fronteiras quando precisa de alguma coisa. Só permite nossa entrada, a entrada dos *Comuns*, como você diz, quando não há outra alternativa. E você fala em nome de um rei que…

— Não falo em nome de Kitt Azer. — Minha voz ressoa mais alto do que a da rainha, provocando um som engasgado na corte. — Falo por mim. Pela pessoa sem poderes que merece viver em Ilya, e não por um rei.

Os ecos de minhas palavras se esvaem na sala do trono, deixando apenas um silêncio sufocante. Ergo o queixo e forço o olhar a permanecer na rainha que interrompi tão descaradamente. Mas agora não posso me dar ao luxo de demonstrar remorso. Não. Devo ficar aqui e exalar uma força que não sinto.

Zailah deixa a tensão crescer entre nós, depois mostra outro sorriso cortante.

— Mesmo assim, eu não dou as boas-vindas a Ilya.

Minha respiração fica presa, com a esperança hesitante no peito…

— Mas aprecio o fato de que vocês precisam de mim. O poderoso e arrogante reino de Ilya de joelhos.

Ergo o olhar a tempo de ver as palavras seguintes saírem dos lábios dela.

— Ouça, criança. Ilya não fez nada pelo meu reino. Fomos deixados de fora e isolados dos seus desejados recursos durante três décadas. Não desejo ajudar Ilya por algum resto de bondade no meu coração. Mas você… — Ela franze os lábios vermelhos. — Você faz com que eu me lembre de mim mesma. Tão jovem. Tão decidida. Só espero que esse impulso não faça cair escuridão sobre você.

Suas palavras acertam num ponto sensível, obrigando-me a lutar para não estremecer. Porque sei a que escuridão ela se refere, sinto-a infeccionando no enorme buraco do meu coração onde Adena morava. E em nome da lembrança dela, de sua bondade, empurro a escuridão para baixo.

O vestido azul-marinho que abraça as curvas de Zailah brilha quando ela se mexe no trono de ossos. Ela levanta uma das mãos,

inspecionando as unhas afiadas.

— Assim, por você, tentarei a benevolência. Por Ilya tentarei a misericórdia.

Sinto o alívio tomar conta de mim.

— Obrigada, majestade. Sua generosidade não passará despercebida.

— Espero que não — declara ela distraidamente. — Agora me diga, como um barco ilyano sobreviveu aos meus Baixios?

Sua posse óbvia do mar me faz ficar em silêncio por tempo suficiente para o capitão Torri dizer:

— Bom, majestade… — ele pisa no tapete azul, tirando o chapéu antes de fazer uma reverência — … eu consegui capitanear o *Acerto de Contas* pelo mar traiçoeiro. Não foi uma tarefa simples, mas também não foi a minha primeira vez navegando por essas águas…

A rainha levanta a mão, silenciando-o.

— Então imagino que vocês não encontraram a fera, não é?

— Ah… — Torri hesita. — Bom, não, mas…

— Então vocês não sobreviveram a nada — declara ela simplesmente. — Só podem cantar vantagem depois de conhecer uma criatura tão bela. E viver para contar a história.

Torri abre a boca, fecha, e volta para o lado de Kai. Zailah sorri.

— Vou dar três dias para vocês remendarem o que resta do seu navio. Serão providenciados aposentos no castelo somente para Paedyn. — Ela balança a mão, dispensando-os. — O restante de vocês pode dormir no seu barco furado. Minha generosidade se estende apenas até este ponto.

Baixo a cabeça numa reverência, nem que seja apenas para esconder o sorriso que se espalha no meu rosto.

— De novo, obrigada, Vossa Majestade.

— Sim, sim, eu sou magnífica.

Ela se volta, com uma expressão hesitante, para o capitão da guarda, permitindo que eu a estude completamente. Sua beleza parece reluzir, dificultando desviar o olhar. Suas feições são uma contradição entre o jovem e o velho, o firme e o delicado. Tudo nela é um mistério, mesmo a idade que aparenta.

— Adyn — grita ela, ao mesmo tempo em que os olhos verdes se voltam para mim.

Quando seu capitão aparece ao meu lado, percebo que ele é Adyn. O homem dobra os braços rígidos às costas, baixando os olhos castanhos para o piso do tablado.

— Acompanhe Paedyn até os aposentos dela — ordena a rainha. — E garanta que os outros retornem ao navio.

Adyn confirma com a cabeça, erguendo o olhar por um momento.

— Será um prazer, majestade.

CAPÍTULO 32

Kai

A casca áspera corta as palmas das minhas mãos suadas.

Agarro o tronco da árvore, sentindo os pés oscilando no galho fino embaixo de mim. Estendendo o braço livre, bato com os nós dos dedos na janela ao meu lado.

Ela demora. Claro que demora.

Vejo um sorriso malicioso curvar seus lábios enquanto caminha lentamente em direção à janela do quarto e ao luar. Ela para por um longo momento do lado oposto do vidro trancado, memorizando minha expressão que implora para vê-la. Assim, fico parado, impotente, agarrado a um galho e totalmente à sua mercê.

Diante de tal crueldade, balanço a cabeça e me obrigo a não olhar para baixo e fitar o enorme espaço aberto. O solo rochoso de Izram produz poucas plantas e ainda menos mudas de grama, mas descobri um pequeno campo atrás do castelo, na busca por um modo discreto de chegar ao quarto de Paedyn. As poucas árvores aqui atrás estão agrupadas perto da pedra branca, e uma delas chega a roçar na janela de Pae.

E agora eu a escalei, por causa dela.

Ouço o trinco estalar antes de ela finalmente abrir o painel de vidro.

— Você já quebrou um braço subindo numa árvore. Quer mesmo tentar o destino outra vez?

Sorrio, porque, quando ela brinca comigo, parece que não consigo evitar, mas também porque ela se lembra do que eu contei embaixo daquele salgueiro, tanto tempo atrás.

— Kitt e eu estávamos visitando A quando isso aconteceu. Você sabe, a Ava. Ele apostou que eu nunca seria capaz subir no salgueiro tão rápido quanto ele, e eu sabia muito bem que ele estava certo, mas…

— Mas você tentou — termina Paedyn, com um sorrisinho. — E caiu de cara no chão.

Sorrio e, com cuidado, chego um pouco mais perto da janela.

— Valeu a pena. Eu estava visitando Ava, e por um momento foi como se ela estivesse comigo.

Minhas palavras fazem alguma coisa mudar na expressão de Paedyn.

— E se você caísse agora? Valeria a pena?

Estendo a mão pela janela para segurar o parapeito, os dedos roçando nos quadris dela.

— Bom, eu estou visitando você, não estou? — Ela dá um sorriso preocupante que me faz acrescentar: — Isso não é um convite para me empurrar, Gray. — Sua risada faz minha pele se arrepiar enquanto atravesso a janela, pousando as botas ao lado dos pés descalços de Paedyn.

Baixo o olhar até a cicatriz escondida sob a alça larga da blusa. Esse olhar não passa despercebido, e ela é rápida em se virar de volta para a cama emprestada.

— O que está fazendo aqui?

Pigarreio.

— Eu não vi você ontem. Imaginei que tenha sentido minha falta.

— Foi por isso que você pulou minha janela? — pergunta ela, com um quê de indignação. — Porque *eu* senti *sua*…

Antes mesmo de processar o movimento, toco os quadris de Paedyn e giro seu corpo para mim, então minha boca se choca contra a dela.

É incessante. Fervoroso. Um alívio.

Por um instante, Pae leva um susto, mas logo abre os lábios para que eu possa beijá-la. Puxo-a para perto, sentindo a pele quente por baixo da roupa fina. Sinto-a praticamente derreter pressionada contra mim,

um som suave escapa entre seus lábios, me fazendo segurar o cabelo prateado entre os dedos.

Eu me obrigo a me afastar, sorrindo com a sua relutância em me deixar ir.

— Tudo bem. — Ela ofega contra meus lábios. — Talvez eu tenha sentido um pouquinho a sua falta.

Rio antes de acompanhar com beijos a linha do seu maxilar. Isso a faz suspirar baixinho, e não tenho certeza se Paedyn sabe quanto poder esse som tem sobre mim. Sinto sua garganta subir e descer sob meus dedos.

— Como… como estão as coisas no navio?

Recuo com um sorriso divertido.

— É sobre isso que você quer falar? Sobre o navio?

— Bom, nós vamos embora amanhã à tarde — responde ela, ofegante. — Eu gostaria de saber quais são as minhas chances de sobrevivência.

— E se eu disser que esta pode ser nossa última noite vivos? — pergunto, num tom de voz sério.

— Querido… — ela dá um peteleco de leve no meu nariz, com um sorriso tranquilo — … toda noite pode ser a minha última.

Ouvi-la falar comigo do mesmo modo que me refiro a ela faz um sorriso ridículo iluminar minhas feições. Mas então ela se vira e se deixa cair nas cobertas macias da cama. Acompanho-a devagar, enfiando as mãos agora vazias nos bolsos da calça escura.

— Bom, o navio ainda flutua, se é isso que você está perguntando, mas não sei por quanto tempo.

— Você acha que ele não vai sobreviver à viagem de volta? — pergunta ela devagar.

— Só o tempo dirá.

Paedyn suspira como se eu tivesse dito algo que ela já soubesse. Com um tapinha da sua mão no edredom, obedeço rapidamente e me sento ao lado dela. Os olhos azuis me examinam à luz fraca da lua.

— Você… — O dedo dela encontra o anel no polegar e começa a girá-lo rapidamente. — Você disse "A"… Era assim que você costumava chamar a Ava?

Assinto devagar.

— Sim, era.

— Era como eu chamava a Adena. — Ela pisca depressa como se para afastar as lágrimas antes de elas se formarem. — Acho que só não estou acostumada a ouvir o apelido se referindo a outra pessoa.

Alguma coisa no meu peito começa a doer. Pode ser meu coração sombrio ou minha alma manchada. Ou talvez seja o pedaço de mim que pertence a ela, e tudo o que sinto seja apenas um pedacinho da dor que ela carrega.

Minha garganta aperta.

— Ela era meu A. Ava era a minha Adena. Mas elas não foram para longe. — Levanto gentilmente o braço de Paedyn até que ela esteja sentindo o coração que bate forte. — A sua vive aqui agora.

Paedyn assente, de novo e de novo. Sua voz é um som engasgado enquanto ela pisca para conter uma onda de emoções.

— Não me deixe. Por favor. Especialmente agora. Mas, por favor, nunca.

— Nunca — sussurro, encostando a testa na dela.

Sua respiração falha.

— Você não pode me deixar. Não tenho espaço suficiente para vocês dois no coração.

Solto seu pulso e emolduro seu rosto.

— Nem a morte poderia me arrastar pra longe de você.



A luz da manhã no meu rosto diz que é hora de escapar.

Pisco, grogue, tentando cuidadosamente tirar o braço de baixo da cabeça de Pae. Ela se mexe quando o calor do meu corpo se afasta, mas eu o substituo rapidamente por um cobertor em volta dos seus ombros nus. Isso parece satisfazê-la, porque sua respiração fica mais lenta e o corpo relaxa.

Uma sensação estranha surge nos cantos da minha consciência, mas eu a ignoro em troca da distração deitada ao meu lado. Estendo a mão para tocar uma mecha de cabelos prateados e…

Alguém pigarreia.

De repente, enfio a mão sob o travesseiro, segurando o cabo da adaga de Paedyn antes mesmo de me virar na direção do som. No entanto, quando me deparo com um par de olhos verdes ofuscantes, levo um susto tão grande que fico imóvel, encarando-os.

A rainha está sentada tranquilamente numa das poltronas confortáveis ao lado da lareira de pedra, o olhar brilhando de diversão. Focalizando suas feições imaculadas, sinto uma coisa se espalhando sob minha pele, como se algo se agitasse só de vê-la. Uma xícara de chá repousa na palma da sua mão, a borda manchada com o vermelho profundo dos lábios.

— Desculpe interromper — diz ela, despreocupada.

Me viro rapidamente para Paedyn ainda dormindo ao meu lado, antes de me voltar para a rainha que aguarda uma resposta. Pigarreio.

— Vossa Majestade não está interrompendo.

— Não? — Ela faz um muxoxo. — Achei que você seria um mentiroso melhor, Executor.

— Posso perguntar por que está aqui, Vossa Majestade? — questiono, com o máximo de respeito que consigo.

— Pode. — Ela dá de ombros levemente. — Mas talvez eu não responda.

— Claro — murmuro entre os dentes. — Bom, como Vossa Majestade pode ver, Paedyn está dormindo, então…

A rainha me interrompe, o tom de voz seco:

— Eu gosto dela, sabe. Talvez devido ao fato de que ela matou o seu pai. Porque, bom, vamos ser sinceros... — as unhas compridas tamborilam contra a xícara de porcelana — … ele era um escroto. Mas sinto um pouco de inveja porque não fui eu a acabar com ele.

Eu a encaro, incerto sobre como ela espera que eu reaja àquelas palavras. Quase todo mundo fora de Ilya diria o mesmo sobre Edric Azer, mas tenho a estranha sensação de que o ódio dela se dá por algo mais profundo do que o isolamento do seu reino.

Consciente do meu corpo sem camisa e da aparência desgrenhada, passo a mão pelo cabelo.

— Também não posso dizer que fiquei muito abalado com a morte dele.

— Humm. — Ela bate um dedo nos lábios carnudos. Examino-a por um momento, absorvendo o brilho quase etéreo que ela exala. É espantoso. — É, imaginei que talvez você sentisse o mesmo. Considerando os boatos que ouvi sobre o que ele fez com você.

Isso faz meus olhos se estreitarem numa ligeira demonstração de surpresa. Eu não esperava que as histórias da minha infância tortuosa chegassem aos ouvidos dela, do outro lado dos Baixios. No entanto, o suspiro indiferente da rainha interrompe meus pensamentos.

— E então, o seu irmão sabe?

Encaro-a.

— Sabe do quê?

Ela saboreia um lento gole do chá, gesticulando com o dedo para o meu corpo e para o que está adormecido ao lado.

— Adivinhe.

Um calor me atravessa, mas mantenho a voz firme.

— Eu sou o Executor dela.

— Ah, eu sei. — Ela dá uma risada seca. — Só não achei que isso fizesse parte das atribuições do cargo.

— Este é o melhor modo de protegê-la — consigo dizer. — Afinal de contas, ela é a futura rainha de Ilya.

Ela assente devagar, com uma expressão zombeteira.

— Certo. Certo. — Outro gole de chá. — Então você está apaixonado pela noiva do seu irmão?

— Eu…

— Desculpe — interrompe ela, fingindo inocência. — Isso é só o que estou deduzindo a partir dessa pequena interação.

Fico de pé e enfio a camisa pela cabeça.

— Só estou cumprindo com o meu dever.

— Bom… — Ela pousa a xícara na mesinha ao lado. — Na minha experiência, existe o amor. E existe o dever. Mas nunca as duas coisas ao mesmo tempo.

Meu peito sobe e desce rapidamente.

— Eu sei que não posso tê-la.

— Sabe? — Ela inclina a cabeça para mim, o cabelo preto caindo fluido sobre um dos ombros. — Parece que você se convenceu do contrário.

Abro a boca, mas ela volta a falar.

— Existe amor no dever e dever no amor. Você não pode ter um sem o outro, no entanto… — Ela respira fundo, com o olhar distante. — Nunca é possível ter os dois de verdade. Assim, precisa escolher, Kai Azer. A garota. Ou o poder. E se ela vale ou não a destruição de tudo que você é.

Não digo nada enquanto ela me dispensa com um pequeno gesto dos dedos.

— Agora, fora daqui. Vou tomar café da manhã com uma colega rainha.

Suas palavras afiadas me acompanham porta afora.

— Sabe, você é um príncipe bonitinho. Em outra vida, talvez eu ficasse com você para mim.

CAPÍTULO 33

Paedyn

Pouso a xícara no pires com um som digno de provocar um tremor. Levanto o rosto para a rainha e encontro seus espantosos olhos verdes examinando minha aparência desgrenhada. Ela parece contente em me ver retraída sob seu olhar inquisidor, acompanhando cada um dos meus movimentos desajeitados.

Eu acordei com um susto, como se tivesse sido arrancada do sono. No entanto, ali estava ela, sentada preguiçosamente numa poltrona de veludo e bebericando em uma xícara de porcelana. Fui obrigada a sair cambaleando da cama e me sentar depressa para seu chá improvisado.

Espio por cima do ombro na direção da cama, notando as cobertas amarrotadas de onde rolei. Só espero que Kai também tenha feito isso — muito antes que a rainha entrasse no meu quarto.

— Ah, ele já foi — comenta ela, tranquila, levando a xícara aos lábios.

Quase engasgo com o chá.

— Perdão?

— O Executor — esclarece. — É, nós tivemos uma conversinha rápida antes de eu mandá-lo embora. Não queria um garoto aqui durante o nosso chá.

Ela diz isso como se estivéssemos compartilhando uma piada secreta. Como se sua última frase fosse muito mais importante do que

a anterior.

— Então… — Eu pigarreio, tentando não transparecer meu incômodo com o fato. — Então a senhora o viu.

— Vi. — Ela me dá um leve sorriso, revelando os dentes brilhantes antes que a emoção desapareça. — Também vi os sentimentos óbvios dele por você.

Abro a boca, com o coração disparando e os lábios se preparando para formar os primeiros fragmentos de uma mentira, quando ela fala por cima da minha tentativa de salvar a situação:

— Mas já estou bastante entediada com esse assunto, por isso vamos passar para outro.

Minha xícara bate contra o pires delicado quando eu a pouso com as mãos trêmulas.

— E que assunto seria?

— Tão formal! — murmura Zailah. — Está treinando para quando for rainha?

— Só estou treinando para sobreviver. Como sempre fiz.

— Ah, sim. — Parece que capturei a atenção dela o suficiente para fazê-la trazer o corpo para a beirada da poltrona. — Fale sobre o rei e essa coisa de sobrevivência. Quero ouvir cada detalhe sangrento. Você realmente cravou uma espada no peito dele? — pergunta, com uma expressão risonha. — E depois uma adaga na garganta?

— Sim. — Batuco com o polegar em um ritmo constante na perna, ansiosa. — Mas a senhora faz parecer muito mais… empolgante.

— Argh. — Ela se recosta de volta, os braços pousados na poltrona. — É porque estou com inveja. Ele era um tirano. Gostaria de ter sido eu a atraí-lo para os braços da morte.

Meu olhar percorre seu corpo perfeito.

— É mesmo?

O sorriso dela é afiado.

— Você deveria saber, mais do que a maioria das pessoas, que as aparências enganam, Paedyn Gray.

Ah, nesse ponto nós concordamos. A revelação a torna até um pouco menos intimidadora.

— Como a senhora ficou sabendo sobre mim? — pergunto. — Parece que o reino inteiro sabe quem eu sou, no entanto não há mais

nenhum meio de comunicação através dos Baixios.

O sorriso dela é temível.

— Eu tenho meus modos. Talvez um dia eu conte a você. Agora… — outro gole de chá — … fale desse novo rei. Você planeja matá-lo também?

As palavras da rainha soam tranquilas, até mesmo calculadas. Sua pergunta sincera me deixa boquiaberta. Uma frase tão inocente jamais golpeou com tanta força.

— Claro que não — ofego no ar frio entre nós. — Eu… eu nunca faria isso.

Ela bate com as unhas no braço de madeira da poltrona, dando de ombros ligeiramente.

— Bom, se você diz… Achei que ele fosse tão escroto quanto o pai, assim…

— Ele não é nada como o pai — interrompo, e tento não me arrepender dessa decisão quando os olhos dela se estreitam. — Kitt está salvando Ilya, mesmo que relutante. E vou me casar com ele se isso significar a unificação do reino.

Ela levanta uma das mãos, as unhas cortando o ar.

— Tudo bem. Eu não sabia que você confiava tanto nele.

Consigo assentir, mas não tenho certeza se deveria estar concordando com ela. Meu relacionamento com o rei é tenso. E temo que minhas ações tenham enfiado para sempre um obstáculo invisível entre nós.

— Diga, Paedyn — cantarola Zailah, a voz soando como uma cantiga de ninar. — Nós vamos ser amigas?

— Espero que sim — respondo, com sinceridade

— Esplêndido. — Seu sorriso é letal como uma arma. — Eu adoro um bom inimigo, mas não preciso de mais um.

— Eu também não. — Uma pausa. — Obrigada pela generosidade. Espero que Vossa Majestade ache as rosas uma boa troca por ela.

A rainha se levanta, sinalizando o fim da conversa. Seu olhar é penetrante, como se procurasse alguma coisa dentro dos meus olhos.

— Sim, nossos curadores não são tão avançados quanto os de Ilya.

Há um tom brusco e honesto em suas palavras que não posso deixar de apreciar.

— Claro. Mas parece que a senhora já ajudou esta cidade a prosperar sem nossa ajuda.

A rainha dá um sorriso distante.

— Eles não queriam que eu governasse. E agora estou aqui, a salvadora deles.

Zailah se vira, permitindo que eu a observe deslizar até a porta.

— Ah, Paedyn? — Ela se vira, os dedos compridos envolvendo a maçaneta. — Não tenha medo do poder. Use-o. Talvez até se deixe ser controlada por ele. — A rainha dá um sorriso afiado. — O que torna você fraca não é ser Comum. É o seu coração.



— Sinto falta da terra firme.

Digo isso, claro, em volta do pão rançoso grudado no céu da boca. Kai remexe a comida sem graça sobre o prato em seu colo, as pernas esparramadas no chão de madeira. As minhas estão cruzadas embaixo do corpo enquanto as costas se apoiam na cama.

Isso se tornou uma espécie de rotina — nós dois sentados no chão da minha cabine úmida, falando de nada em particular, na esperança de esquecermos o gosto da comida.

Ele ergue o olhar para mim.

— Bom, você ainda tem mais cinco dias para sentir falta dela.

— Obrigada pelo lembrete — resmungo antes de tomar um gole da água quente. — Não sei bem se vai ser você ou esse calor insuportável que me fará pular nos Baixios.

— Sabe, não consigo pensar num único motivo sequer para você querer fugir de mim — diz ele com sinceridade.

— Sua arrogância é espantosa como sempre, Kai.

— Obrigado.

Olho rapidamente para ele.

— Isso não foi um elogio.

— Então não diga o meu nome, e eu não agradeço pelo som.

O seu sorriso está enfeitado com uma covinha. Reviro os olhos, nem que seja para distraí-lo do rubor que arde nas minhas bochechas.

— O mar até que tem estado calmo — digo em vez de algo de que provavelmente vou me arrepender.

— É. — Ele dá uma mordida na carne e comprime os lábios, como sempre faz. — Está estranhamente calmo. Não sei se isso é bom.

Concordo, porque tenho a mesma preocupação. O calor paira denso sobre nós, como se pesasse sobre as ondas. Comparado com as tempestades às quais mal conseguimos sobreviver na viagem para Izram, o mar está mesmo tão calmo que chega a ser estranho.

— A rainha disse que vocês conversaram ontem — digo de repente, me surpreendendo.

— Disse?

Confirmo.

— Ela falou sobre Kitt?

Ele pigarreia, deixando de lado o prato pela metade.

— Ela perguntou se Kitt sabia sobre… nós.

Fico rígida.

— Nós?

— É, nós. — Kai franze a testa em confusão. — Tudo que está acontecendo entre nós dois. Ela me viu na sua cama, Pae.

— Eu sei, mas… — engulo em seco antes de lançar a dura verdade para ele — … não existe nós. Nunca poderá haver um nós, Kai. Não de verdade.

Silêncio.

As palavras machucam, fazendo o arrependimento se espalhar pela minha garganta. Sinto o leve despedaçar do meu coração a cada dia que passamos fingindo. E falar sobre a inevitabilidade da nossa ruína só o machuca ainda mais.

Alguma coisa se mexe por trás do olhar de Kai. Talvez seja dor. Talvez incredulidade. Na verdade, não me importo com que emoção se demora por trás da máscara que ele colocou de repente, apenas que existe uma e estou olhando para ela.

Kai parece perder as forças — algo que nunca vi acontecer quando seus olhos estão voltados para os meus. Prometemos que não haveria

máscaras entre nós, no entanto eu fiz com que ele colocasse uma em cima da ferida que provoquei.

Ele desvia o olhar do meu. Um suspiro frio sai da sua boca.

— A rainha pareceu achar isso também.

Respiro fundo antes de tentar justificar o dano que causei.

— Kai, você sabe que é verdade. Você sempre soube que era verdade. Isso… — faço um gesto entre nós — … é uma fantasia.

— Certo. Fingimento.

— Não — digo, séria. — Nada do que eu sinto é fingimento, mas… — levanto a mão, deixando o diamante captar a faixa de luz — … ainda assim, vou me casar com seu irmão.

E odeio isso.

Agora ele balança a cabeça, e o tom cortante da sua voz me faz estremecer.

— E eu vou ver vocês dois me olhando de cima do tablado, sendo nada mais do que uma arma que vocês podem brandir, assim como o rei que você matou fazia.

O nojo encharca minha voz.

— Você pensa tão pouco de mim?

— Eu gostaria de pensar. — Seus olhos estão gelados. — Gostaria de conseguir pensar em qualquer outra coisa.

Minha voz fica séria. A dor me deixa mais rígida, e enfim profiro a verdade condenatória que evitei por tanto tempo:

— O que você achava que nós iríamos fazer? Ficar escondidos pelo resto da vida embaixo do salgueiro?

As palavras são duras a ponto de penetrar sua máscara. Kai pisca na minha direção, com a voz grave.

— Bom, é lá que eu estarei. Escondido do casal real.

Balanço a cabeça. Lágrimas ardem nos meus olhos.

— Você sabe por que eu preciso fazer isso.

Kai ri, e é um som cortante que esqueci que ele é capaz de produzir.

— Claro que sei. Mas você não vê? Isso não importa. — Ele levanta a mão para o meu rosto antes de pensar melhor. — Eu sou egoísta, Paedyn. Queimei sua casa até os alicerces só para ter você, e agora é Ilya inteira que está no meu caminho, me provocando a acender um fósforo.

Suas palavras são chocantes a ponto de me fazer tropeçar nas minhas.

— Sin… sinto muito. Você sabe que eu jamais quis nada disso…

— Bom, não importa o que qualquer um de nós quis, não é? — Ele se inclina para trás com a expressão gélida. — Era tudo uma fantasia, afinal de contas. É para Kitt que você, a Paladina Prateada, estava destinada. — Vejo-o se levantar num movimento rápido. — Eu não passei de uma distração.

Vou rapidamente atrás dele, o rosto endurecendo ao ouvir a expressão de zombaria. As palavras que atiro contra sua fachada de pedra estão longe da verdade, mesmo assim a dor as afia na minha língua.

— Talvez você esteja certo.

— Você vai descobrir que eu costumo estar, Vossa Majestade.

Meu peito arfa, a meros centímetros do dele. É a raiva contra nosso destino cruel que me faz atacar.

— Talvez eu devesse me distanciar dessa distração.

Um músculo estremece no maxilar dele.

— Talvez.

— Ótimo.

— Ótimo.

Lanço a ele um último olhar fulminante antes de me voltar para a porta. Mas as palavras ásperas que ele murmura me paralisam sobre o piso oscilante.

— E o que, exatamente, a rainha perguntou a você sobre o Kitt?

Fico parada um momento, a mão segurando a borda áspera da porta. Em seguida me viro para encarar sua expressão de indiferença com palavras igualmente indiferentes.

— Ela me perguntou se eu iria matá-lo.

Há uma pausa longa entre nós.

— E você vai?

— De novo — digo com os dentes trincados —, você pensa tão pouco de mim?

— Você sabe que não.

Ergo o olhar rapidamente pelo corpo rígido.

— Então você deveria saber a resposta para essa pergunta.

Ele desvia os olhos, cruzando os braços no peito largo.

— Bom. Porque se eu tiver que escolher entre você e o Kitt…

— Eu sei — murmuro.

Lágrimas ameaçam lavar a raiva na qual me escondo, encolhida.

— Sabe? — Os olhos cinza me examinam de um modo ao qual tenho certeza de que nunca vou me acostumar. — Porque juro que eu não sei.



Edric

O rei tem uma queda pela mentira.

Isso não é algo de que uma pessoa normalmente iria se gabar, mas os governantes costumam ser astutos. A mentira sobre a morte da rainha Iris não é a primeira que Edric espalhou no reino. Mais de uma década se passou desde que quase todos os Curadores em Ilya foram generosamente recompensados por espalhar a mentira de que os Comuns têm uma doença que reduz os poderes dos Notáveis. No entanto, o povo precisou de pouco convencimento para expulsar seus vizinhos e amigos fracos. A maioria dos Notáveis se mostrou ansiosa para apoiar o Expurgo. O poder é uma doença que corrompe todos que provam um pouco dele.

Edric passa a noite da morte da esposa em silêncio. Não fala, não chora nem lamenta, como uma alma faria. Em vez disso, seu coração só endurece sem a suavidade do semblante de Iris.

Acorda sentindo algo parecido com uma pedra dentro do peito e ouvindo uma batida à porta. Três figuras pairam no corredor do outro lado, todas de tamanhos variados. A primeira é um conselheiro de confiança, Oliver Rowe, ao lado de uma jovem de beleza ousada. A terceira se balança junto aos joelhos deles, os olhos verdes como os do rei e um sorriso brilhante como o da mãe que Kitt não tem mais.

O príncipe entra correndo no quarto, todo feito de risos e espanto infantil. Edric lhe demonstra pouco afeto, achando difícil olhar para o

menino que é metade da falecida esposa que ele amava. Em vez disso, o rei coloca um mapa colorido diante da criança — nunca é cedo demais para começar a estudar seu futuro reino — e volta toda a atenção para seu conselheiro.

— Majestade — começa Oliver —, lamento terrivelmente sua perda…

— Iris morreu há dois anos, dando à luz o meu herdeiro. — Edric sinaliza vagamente para o menino. — Não há motivo para me consolar agora.

O conselheiro baixa a cabeça, compreendendo.

— Claro, Vossa Majestade. Era sobre isso que eu gostaria de discutir com o senhor.

— Faça com que isso valha o meu tempo, Oliver. Você me interrompeu em meus aposentos particulares.

Instando a mulher a dar um passo à frente — o cabelo preto disputando a beleza com os olhos cinza —, o conselheiro murmura:

— Peço desculpas, meu rei, mas o senhor verá que esta é uma questão delicada.

Edric dá um passo para o lado, deixando os recém-chegados entrarem em seus aposentos antes de fechar a porta.

— É mesmo?

Oliver cruza as mãos.

— Como um dos seus conselheiros, está claro que, antes de informarmos ao reino sobre a morte da rainha, precisamos garantir que cada detalhe seja considerado. Assim como os dois anos desde a morte de Iris. — Ele olha para o rei, como se ambos compartilhassem o mesmo raciocínio. — É por isso que estou apresentando minha filha ao senhor. Para um casamento.

Edric sequer pisca.

— Explique.

A jogada de Oliver pelo poder é tão pouco surpreendente quanto inútil, mas a cobiça sozinha não levaria o conselheiro a incomodá-lo. Não, o rei decide em silêncio que a oferta deve valer a pena. Caso contrário custará a cabeça de um bom homem.

— Veja bem — continua Oliver enquanto sua filha bufa, irritada —, o reino não ouve falar de Iris há algum tempo, portanto não será difícil

convencê-lo de que sua morte ocorreu há dois anos. No entanto, o povo vai querer um motivo para não ter sido informado antes. É aí que Myla entra.

A srta. Rowe não parece nem um pouco satisfeita por fazer parte desse plano, mas não diz nada enquanto o pai continua:

— O senhor, majestade, dirá ao reino que ficou de luto pela rainha falecida durante alguns meses. Assim que o período apropriado terminou, o senhor tomou uma esposa para continuar a garantir sua linhagem. Como não existe nenhum Notável da realeza com quem o senhor poderia se casar, a escolha óbvia foi uma união particular com a filha de um conselheiro de confiança.

O rei escuta, intrigado com a proposta. Ele admira um plano astuto.

Depois de respirar fundo, Oliver acrescenta:

— O senhor não revelou antes esse casamento ao reino porque sua nova esposa, Myla, já estava grávida. Para garantir a segurança dela, a união permaneceu como um segredo até muito depois do nascimento do seu segundo filho.

Edric desliza o olhar cético para a mulher, que enrijece a postura ao fundo.

— Você já tem um filho?

— Tem — responde o conselheiro por ela. — Ainda é um bebê, tem apenas um ano, e poderia facilmente passar como sendo do senhor.

O rei pensa a respeito por um longo e sufocante momento.

— É uma sugestão ousada, Oliver.

— Como seu conselheiro, é meu dever ajudá-lo. — Ele põe a mão, sério, no braço da filha. — E esta é a melhor solução para a sua situação difícil.

Edric se vira para Myla, a voz áspera.

— Quem é o pai?

— Ninguém importante — responde ela depressa.

Há uma pausa longa.

O rei riria, se não tivesse esquecido como fazer isso.

— E o que faz você pensar que eu quero o seu bastardo?

Oliver engole em seco, a respiração curta. Myla estreita os olhos acinzentados.

O rei abre a porta com uma condição escapando-lhe os lábios:

— Se vou chamar outro filho de meu, ele precisa ser nada menos do que poderoso.

— Ele é — diz Myla bruscamente, a própria mãe protetora. — Ninguém em Ilya é como ele.

Isso intriga e diverte o rei.

— Veremos.



Myla entrega o filho ao Silenciador, odiando o modo como seus braços parecem vazios sem ele.

O bebê não se mexe nem se incomoda. Pelo contrário, simplesmente aceita seu destino. O cabelo preto se gruda ao crânio pequenino, enrolando-se em volta das orelhas assim como o da mãe. Ele olha para o estranho que o segura no colo, e os olhos acinzentados não se afastam da direção do Silenciador.

— E então?

A impaciência de Edric ecoa no cômodo.

Damion ergue o olhar para o rei, parecendo menos solene do que o usual e mais impressionado do que nunca.

— O menino é extremamente poderoso. Nunca senti nada igual.

O rei dá uma risada. Casar-se com Myla lhe garantirá poder. Garantirá um filho que ele pode transformar em uma arma.

É tudo o que basta para o rei declarar que o filho é dele. Todo o poder. Toda a glória.

— Aceito a proposta — diz Edric ao conselheiro, o olhar ainda fixado na força que se contorce nos braços do seu Silenciador. — Ele será meu.

CAPÍTULO 34

Kai

Os dados rolam na mesa.

Gargalhadas ecoam depois da jogada, seguidas por mãos grandes que recolhem minhas moedas.

— Mais sorte da próxima vez, Vossa Alteza! — grita o marinheiro corpulento.

O desejo sincero é seguido por outro, vindo do lado oposto da mesa.

— Maldição, Azer, você está facilitando demais.

Eu me recosto na cadeira, balançando a cabeça para os quatro homens.

— Parece que eu estava com a cabeça em outro lugar nesta partida.

— Igual às cinco anteriores! — grita o sujeito corpulento que rouba meu dinheiro sem parar, fazendo os outros gargalharem.

— Certo, certo. — Fico de pé, oscilando junto ao barco. — Acho que já perdi dinheiro suficiente por uma noite.

— Não, não vá embora ainda! — O dente de ouro do sujeito reluz para mim quando ele fala. — Estou juntando dinheiro para comprar um barril de rum.

— Isso aí! — gritam todos praticamente ao mesmo tempo enquanto eu subo a escada para o convés principal.

— Boa noite, cavalheiros — grito por cima do ombro, fazendo-os rir ainda mais com minha escolha de palavras.

Ficando de pé, subo para o convés e para a noite. Respiro fundo o ar úmido e vou para o corrimão mal remendado. O mar exibe uma calma fantasmagórica, as ondas um mero reflexo ondulado da lua que paira lá em cima. Nos últimos dias fez um calor insuportável, apesar de a parte insuportável se dever provavelmente à falta *dela*.

Passo a mão no cabelo revolto, ainda com raiva por causa da nossa discussão há alguns dias. As horas se arrastaram sem Paedyn para alegrá-las, me deixando com nada a fazer a não ser apostar minhas moedas e beber rum suficiente para me convencer de que o gosto é bom.

Tive vislumbres dela, compartilhei olhares que ela se recusou a sustentar. Posso sentir sua presença do outro lado da minha parede, sinto o vazio na minha cama que antes fora ocupado por seu calor. Isso é absurdo. A briga. A verdade.

Porque essa é a raiz de tudo: a verdade. Algo que não sou forte o bastante para ouvir.

Inclino o corpo sobre a amurada para olhar a água brilhante lá embaixo. É egoísmo da minha parte estar com raiva, eu sei. Mas desse modo é mais fácil, como se eu estivesse procurando um motivo para perdê-la, um motivo que não seja o meu irmão.

De repente, passos ecoam fracos atrás de mim.

Não preciso me virar para saber a quem eles pertencem. Talvez Pae quisesse que eu a ouvisse chegando.

— Oi.

Eu me viro devagar para o som estranhamente tímido.

— Achei que você seria teimosa demais para vir falar comigo primeiro.

Paedyn cruza os braços.

— E eu achei que você era inteligente o suficiente para implorar meu perdão primeiro. Mas… — Paedyn deixa o restante no ar e levanta as mãos entre nós — … aqui estamos nós.

Dou um suspiro.

— Senti sua falta, Gray.

— Só faz alguns dias que a gente não está se falando — retruca ela, com o luar dançando nas pontas do cabelo prateado.

— Não. — Balanço a cabeça, vendo-a chegar mais perto, hesitante. — Foi o começo do resto da nossa vida.

— Kai, por favor, não…

— Eu estava errado em ficar com raiva de você por causa da verdade — disparo. — Eu precisava ser lembrado dela, de qualquer modo.

Então dou um passo atrás, uma representação física do limite que estou tentando estabelecer. Isso a deixa magoada. Posso ver no modo como seu rosto se estreita diante da luz da lanterna, como se não quisesse me lembrar dos nossos destinos separados.

— Eu…

Paedyn está girando o anel no polegar, e odeio ser a causa desse desconforto.

— Preciso que você saiba que…

Os pelos na minha nuca se eriçam.

Meu corpo enrijece, e levanto a mão para interromper as palavras. Só posso imaginar a expressão chateada no seu rosto porque meus olhos já estão voltados para o mar atrás dela. Inclino a cabeça na direção daquele puxão estranho na boca do estômago.

— Kai?

A voz de Paedyn soa abafada contra as minhas costas enquanto me esforço para me concentrar nessa sensação inebriante. Durante toda a vida eu senti o poder. Aprendi como ele se movia por baixo da pele e se acendia nas veias. A simples ideia do poder é um zumbido leve no meu sangue, uma comichão na ponta dos dedos.

Mas não é isso que está acontecendo.

Não é uma coisa de Notáveis. Não totalmente.

— Kai, o que foi?

Agora ela está ao meu lado, esticando a mão hesitante na direção do corpo que eu abandonei em busca da sensação na minha própria alma. Fechando os olhos, me estendo na direção de um poder desconhecido. Puxo a conexão letal na boca do estômago.

E a coisa vem a toda velocidade na minha direção.

— Abaixem-se, todos!

O alerta mal sai dos meus lábios quando o barco se sacode violentamente.

Vou na direção de Paedyn, conseguido passar um braço na sua cintura enquanto o outro tenta segurar a amurada. Minha mão envolve a madeira partida enquanto o casco se sacode agitado embaixo de nós. Marinheiros caem no convés, gritando e deslizando na direção da amurada oposta, inclinada na direção da água.

O barco tomba até quase tirar meus pés do chão. Me esforço para nos manter ali, grunhindo enquanto meus dedos escorregam no corrimão molhado. Arrancada do choque inicial, Paedyn começa a cravar as unhas na madeira, desesperada para segurar seu peso enquanto ficamos pendurados acima da morte.

Estou ofegando, os braços ardendo. Gritos ressoam no ar noturno. Uma série de sons de corpos caindo na água me faz estremecer pelos tripulantes que caíram no mar. A voz trovejante de Torri atravessa o caos, gritando ordens para quem ainda está agarrado ao convés.

O barco balança de novo, agora retornando à posição certa. Com um estrondo colossal, o lado de estibordo bate nas ondas. A água cai por cima da amurada, nos golpeando com sal e um frio cortante. Nossos joelhos se dobram com a força e o convés escorregadio voa na nossa direção.

Paedyn tosse, afastando uma mecha de cabelos molhados de cima dos olhos. Todas as luzes das lanternas são engolidas pela onda, deixando apenas a lua para iluminar o caos. Pae me olha, encharcada até os ossos, assim como eu.

— O que… — ela ofega — … foi aquilo?

Os marinheiros ao redor parecem gritar a mesma pergunta, encharcados e atônitos. Entretanto, quando meu olhar pousa no capitão, não preciso enxergar o terror nos olhos dele — sei que eles espelham os meus.

Ele consegue ouvir. Eu consigo sentir. E talvez não permaneçamos vivos para contar.

Minha voz é um murmúrio de espanto:

— Fomos encontrados.

A madeira se despedaça ao lado da minha cabeça.

Eu me jogo em cima de Paedyn, protegendo-a da chuva de estilhaços. Uma escuridão enorme recai sobre nós enquanto o barco se sacode com o impacto súbito. Com os ouvidos zumbindo, mal escuto o

grito de Pae ao meu lado. Mal registro o meu, quando olho para a fonte dessa devastação.

Dentes.

Centenas de dentes brilhando ao luar. Fileiras e mais fileiras de morte serrilhada.

As presas compridas e pontudas estão cravadas no corrimão de madeira em que estávamos pendurados pouco antes. Olho para a criatura, boquiaberto, conseguindo por pouco escapar da bocarra quando Paedyn puxa meu braço.

A pele verde escamosa é desgastada e cheia de cicatrizes, pingando com o mar. Um barulho emana do fundo da garganta do monstro que tenta arrancar os dentes leitosos da madeira áspera. O rosnado grave é acompanhado por estalos estranhos que provocam arrepios na minha coluna.

— Que diabo… — sussurra Paedyn, e seu terror é um som desconhecido.

Puxo-a, cobrindo seu corpo com o meu.

— Fique atrás de mim!

Meu grito quase se perde em meio às dezenas de outros enquanto os homens se derramam no convés superior, prontos para usar seus poderes contra o monstro. Olho horrorizado um homem correr para a amurada segurando uma lança. Com um grunhido, ele a atira contra a cabeça da criatura, mas a lança ricocheteia na pele dura como um patético palito de dentes.

Isso só parece enfurecer o monstro. Ele silva, fazendo o convés vibrar enquanto um círculo de pele carnuda e escamas se ergue em volta da sua cabeça. Ondulando como uma pétala medonha, estraçalhada e gosmenta, a coisa circunda a cara pontuda da criatura. Deste ângulo, consigo ver parte do corpo comprido que desaparece no mar. Parece uma enguia enorme, com a forma de serpente e uma barbatana carnuda ao longo da espinha.

No entanto, nada nesse bicho é natural.

Tem quase a grossura de dois mastros, e ainda não descobrimos qual é o comprimento dessa fera. O simples tamanho e a força são uma prova da mutação provocada pela Peste.

Essa criatura pode ter facilmente um século de idade.

Um Labareda se adianta do meio dos marinheiros aterrorizados para lançar uma bola de fogo contra a cara do monstro.

Mas não acerta.

Com um rugido que sacode o barco, a fera se solta da amurada. Outra vez recebemos uma chuva de lascas de madeira antes que uma onda chegue em seguida.

— Ele foi embora — gagueja Paedyn, com água pingando dos cílios.

Aquele poder formidável se sacode na boca do meu estômago, parecido demais com o dos Notáveis e ao mesmo tempo muito diferente.

— Não. — Balanço a cabeça para ela, fazendo gotas d'água pingarem aos seus pés. — Só está começando.

Tufões instigam o vento a nos empurrar sobre a água enquanto Teles mantêm lanças preparadas com as mentes, blindando inutilmente o barco. Eu me viro de novo para Paedyn, segurando-a pelos ombros.

— Preciso que você vá para a sua cabine.

— Você vem comigo?

— Não, eu vou ficar aqui e…

— Então eu fico também — insiste ela. — Não vou ficar sentada esperando para saber qual é o seu destino, Kai.

Seguro seu rosto, instigando-a a entender.

— Por favor, Pae, não resista…

Um rugido agudo ecoa ao redor, abafando qualquer outro som. De repente estou sendo puxado para baixo, com o corpo de Paedyn girando por cima do meu. Rolamos, escapando por pouco do corpo da criatura que bate com força no convés.

Ouço o barulho agourento de madeira se partindo antes de me virar e enxergar o dano. O corpo comprido do monstro está em cima do convés, e o impacto provoca uma teia de rachaduras em toda a madeira. A criatura desliza mais para longe, expondo o tamanho alarmante do corpo. Marinheiros pulam para fora do caminho, alguns não conseguindo escapar dos dentes ameaçadores e do corpo escamoso que empurra tudo em seu caminho.

Notáveis lançam seus poderes contra a coisa, mas parecem provocar poucos danos. Fogo, telepatia, força e armas não servem de nada diante de um poder tão grande. Eu me junto a eles, apesar da

inutilidade, atirando fogo ou tentando afastar a criatura gigantesca com a força do pensamento. No entanto, testemunho pela primeira vez uma situação na qual Notáveis estão completamente impotentes. *Eu* estou completamente impotente.

Deslizando pelo convés, a fera arrebenta a amurada oposta e mergulha de volta na água. Puxo Paedyn, tentando manter o equilíbrio precário em cima do barco que se sacode violentamente.

— Não podemos lutar contra isso! — grito para os tripulantes atordoados.

É Torri que ouço gritando de volta.

— Todos os tripulantes no convés. Todos os Tufões a postos!

— Não podemos ir mais rápido que ela — ofega Paedyn. — Não podemos fazer nada.

Outra sacudida do barco e uma enorme cauda cheia de espinhos se choca no convés. A madeira sob nossos pés estala de novo e tábuas caem nas profundezas da embarcação. Segurando a mão de Paedyn, corro entre as fendas cada vez maiores enquanto a cauda da fera atira homens ao mar.

Gritos se amplificam quando a cara do monstro aparece do outro lado do barco, o corpo espremendo a embarcação abaixo da superfície do mar. Numa das extremidades, dentes do tamanho do meu antebraço esperam, abocanhando o que resta da amurada. E do outro lado há uma cauda furiosa, decorada com barbatanas pontudas.

Empurro Paedyn contra a porta dupla que leva às nossas cabines no mesmo instante em que uma daquelas pontas se crava num marinheiro. Ele grita, dobrado impotente sobre a cauda do monstro e exibindo o espeto sangrento alojado no peito. O luar banha a cena medonha, brilhando contra a poça de sangue que brota por baixo da roupa rasgada do homem.

O grito engasgado de Paedyn é encoberto rapidamente por suas mãos trêmulas quando o homem é lançado no oceano com uma sacudida da cauda da fera. Não perco um segundo antes de abrir a porta ao lado dela.

— Para dentro. Por favor! — grito para a noite, desejando que Paedyn ouça o pedido desesperado.

— Não posso deixar você! — grita ela de volta, se dobrando para pegar uma lança esquecida. — Não vou!

Estou a ponto de continuar discutindo quando o chão é roubado subitamente de baixo dos meus pés. Ouço Paedyn gritar quando meu corpo bate no piso. E de novo quando a cauda ossuda acerta minha coluna.

A dor explode no meu corpo.

De repente estou sendo arrastado pela madeira, envolto em escamas gosmentas enquanto meu corpo derruba marinheiros. Ofegando, mordo a língua por causa da dor e tiro uma adaga de dentro da bota. Segurando a cauda enorme que abraça minha perna, mergulho a lâmina numa das muitas cicatrizes da fera.

Um guincho brota da garganta do monstro antes que a cauda suba rapidamente, me rebocando. Eu me agarro a ela, os dedos escorregando nas escamas. Em seguida estou gritando enquanto ela me atira no ar.

O céu estrelado fica turvo ao redor.

Estou caindo.

Paedyn grita meu nome.

Caindo.

O mar agitado surge de repente embaixo de mim.

Caindo. Caindo. Ca…

Desesperado, agarro o poder de um Tele próximo, incitando-o para as palmas das mãos e dobrando-o à vontade da minha mente.

Meu estômago se revira enquanto mergulho na direção da água.

Jogando um fio de poder na direção de uma das muitas cordas enroladas no mastro, atraio-a. Ela obedece e se lança na direção do meu braço estendido.

O cabelo prateado de Paedyn brilha por cima do corrimão do barco. E essa é a última coisa que vejo antes de o meu corpo colidir com o mar.

A água gelada me engole inteiro, entorpecendo cada membro com suas presas geladas. Afundo no mar com a mente vagarosa. O sal bombardeia meus sentidos, enchendo a boca e o nariz. Bato os pés furiosamente, indo na direção do que espero que seja a superfície, mas não consigo ver nada além de escuridão.

Meus pulmões queimam.

Procuro o poder do Tele, estendo a mão para aquela corda.

Estou tonto, flutuando num abismo escuro.

Luto pela salvação. Imploro pela vida. Imploro para vivê-la ao lado dela.

A corda mergulha na água.

Agarro-a, içando o corpo com os braços fracos. O luar se estende lá em cima, me chamando. E quando minha cabeça rompe a superfície, olho através dos cabelos encharcados e encontro Paedyn inclinada sobre o corrimão lá em cima, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Por ela, eu me puxo pela corda. Meus braços queimam, assim como meus pulmões, mas afasto a dor. Com as palmas das mãos em carne viva, firmo os pés contra o casco do barco e o escalo.

Quando meus braços se dobram sobre o corrimão, Paedyn me puxa por cima da madeira. Eu aceito a ajuda dela, incapaz de qualquer esforço. Meus braços estão dobrados sobre os seus ombros, e ela grunhe sob o meu peso.

A dor atravessa meu corpo a cada puxão, e quando minhas botas batem no convés, caio de joelhos. O corpo de Paedyn alivia minha queda, os braços me envolvendo com força mesmo depois de nos chocarmos contra o convés.

Nós nos encaramos por um longo momento, contentes em ignorar o monstro furioso atrás de nós. Acho que seria preciso muito mais do que isso para afastar meus olhos dela.

Com um soluço engasgado, Paedyn aperta o rosto no meu pescoço, enxugando lágrimas na minha pele.

— Achei que tinha perdido você — sussurra ela, quase rindo.

Levanto a mão entorpecida para tocar seus cabelos encharcados, passando os dedos que não consigo sentir. Com os dentes batendo, digo:

— Você n...não pode se livrar de mim tão facilmente, Gray.

Ela segura meu rosto, a cabeça balançando e o sorriso trêmulo.

— Dane-se o destino, o dever e qualquer outra palavra destinada a nos separar. — Lágrimas brotam dos olhos azuis nos quais eu me afogaria com prazer. — Quero me esconder com você embaixo do salgueiro. Você é o segredo que eu vou passar o resto da vida

guardando. — Sua voz estremece sob o peso de uma promessa tão grande. — *Nós*.

Isso basta para fazer lágrimas brotarem nos meus olhos. Assim, confirmo com a cabeça. Seu rosto nas minhas mãos, meu coração nas dela.

Os gritos incontáveis ecoando ao redor conseguem finalmente capturar nossa atenção. Antes que cada um de nós possa dizer uma mentira reconfortante, o barco volta a balançar. Escorregamos pela madeira quando a criatura levanta a cabeça mais adentro do convés. Dentes serrilhados tentam acertar o capitão, e por pouco ele escapa de ser engolido inteiro.

O barco está se desfazendo sob o peso da criatura, esforçando-se para nos manter flutuando.

— Precisamos fazer alguma coisa — murmura Paedyn.

— O que quer que você estiver pensando, não faça — ordeno.

Então Paedyn me olha, e eu me lembro de como senti falta de ela fazer algo simples como reconhecer minha existência. Um pequeno sorriso surge em seus lábios. Sob essa luz, a visão dela é de tirar o fôlego, como se os cabelos prateados fossem uma coleção de raios da lua.

— Você está se esquecendo, Kai. — Seus dedos envolvem a lança com força. — Esta Prova é minha.

E então ela corre.

CAPÍTULO 35

Paedyn

A lança fica escorregadia na minha mão.

Minhas botas batem com força no convés molhado, abafando o som do grito de Kai.

Eu observei essa fera. Aprendi seus pontos fortes. Descobri os pontos fracos.

E este não é o primeiro monstro que enfrento.

Assim, quando ele vira os olhos verdes brilhantes para mim, exibindo numerosas fileiras de dentes serrilhados, não recuo. Não paro, não hesito nem sinto remorso.

Toda fera pode ser derrotada.

Uma criatura. Uma Prova. Um rei.

Levanto a lança pesada, dobrando o braço para trás. Um bafo quente me envolve quando o monstro ruge. A pele escamosa se expande em volta da cara que desliza mais para perto, a bocarra dando o bote e os dentes reluzindo.

E eu solto um rugido de volta.

A criatura guincha mais alto, lançando meu cabelo para trás e fazendo meus olhos lacrimejarem. Mesmo assim, fico de pé diante dela. Meu peito arfa; o coração bate forte. E então faço a lança voar ao encontro da fera que vem a toda velocidade.

A bocarra do monstro se escancara, preparada para cravar aqueles dentes mortíferos na minha carne…

Encaro a morte no olho quando minha lança se crava nele.

A fera ruge de dor, o corpo se dobrando enquanto o sangue jorra da íris que antes brilhava. Guinchando, ela chacoalha o barco, sacudindo a cabeça numa tentativa de se desvencilhar da arma que a penetrou fundo. Cambaleio quando o barco se inclina para a frente e caio de joelhos ao lado da criatura. Mesmo encarando a personificação do terror, percebo que esta ainda é apenas metade da fera que enfrentei no passado.

Com um último rugido de angústia, ela se ergue num arco acima do navio, acima do meu corpo caído, e mergulha nas ondas.

Estou entorpecida, tremendo enquanto a água espirra no convés, me cobrindo com uma névoa de gotículas salgadas. Os tripulantes que restam se levantam atônitos e ensanguentados, olhando o mar revolto no qual a criatura desapareceu.

Kai está ao meu lado num instante, as mãos geladas na minha pele. As palmas deslizam pelo meu pescoço, embolando os dedos entorpecidos no meu cabelo encharcado.

— No que você estava pensando? — censura ele, os olhos arregalados examinando os meus. — Será que da próxima vez vou precisar ordenar que você vá para o seu quarto?

Dou um sorriso fraco.

— Isso não vai funcionar quando eu for rainha.

Os lábios dele estão azuis de frio, mas conseguem formar um sorriso.

— Posso ser muito persuasivo.

— Diabos! A Paladina Prateada conseguiu de novo!

Viro a cabeça em direção ao berro do capitão. Ele sempre diz as coisas na hora certa. Os tripulantes se reúnem em volta dele, trôpegos, alguns pingando água, outros pingando sangue. Torri aperta com força o peito machucado e afasta a dor da voz.

— Nós derrotamos a fera!

Um canto fraco começa a brotar das gargantas, um que eu achava que jamais ouviria de novo.

— Paladina Prateada!

— Paladina Prateada!

— Paladina Prateada!

E talvez eu tenha gostado de ouvir.



Nunca me senti tão aliviada por pisar em Ilya.

Principalmente porque estou ansiosa para ficar de pé sobre alguma coisa sólida sem me preocupar com a possibilidade de ela afundar sob meus pés.

O barco está em ruínas, e esteve assim nos últimos dois dias. Foi graças à força dos Notáveis que ele conseguiu chegar ao cais de Ilya. Depois de perder quase metade da tripulação para o mar e para a fera que reside nele, sobreviver a esse trecho final dos Baixios não foi uma tarefa simples. Os Teles trabalharam em turnos para manter unidas as partes mais vitais do barco usando a mente, enquanto os Tufões sopravam uma corrente de ar constante nas velas rasgadas. Qualquer peso em excesso foi jogado ao mar, numa tentativa de nos ajudar a permanecer flutuando, deixando apenas pão e água para encher os estômagos.

Encosto o corpo num dos únicos pedaços que restam da amurada, pronta para pular para longe se as tábuas cederem sob meus pés, o que aconteceu em várias ocasiões aterrorizantes. O casco geme em agonia contra as ondas, como se implorasse para afundar de uma vez. Até o *Acerto de Contas* implora por descanso.

Mantenho o olhar fixo no cais que se aproxima enquanto Kai vem para perto de mim. Minha voz sai fraca:

— Você acha que ele está ali?

O olhar acinzentado de Kai pousa na aglomeração de corpos que nos esperam na doca precária, os rostos turvos a essa distância.

— Kitt?

Confirmo com frieza.

Ele balança a cabeça.

— Espero que não. É perigoso para ele ficar tão exposto sem mim. Mas… — ele dá um suspiro cansado — … ele provavelmente está.

Pensamentos se derramam da minha boca.

— Acho que ele não quer ser protegido.

— Ele deveria agradecer porque alguém se importa a ponto de fazer isso — diz Kai, a voz dura. — Nem todos nós temos esse luxo.

Eu me viro para ele, vendo sua expressão severa.

— Por que seu pai tratava vocês dois de modo tão diferente?

A pergunta parece surpreendê-lo.

— Nós tínhamos papéis muito diferentes na vida.

— Eu sei, mas… — Procuro as palavras certas e tento de novo. — Ele poderia ter ensinado Kitt com a mesma insensibilidade e o mesmo ódio que usou com você. Quero dizer, é por isso que seu irmão ainda gosta do rei que você odiava. — Volto o olhar para o cais do qual nos aproximamos a cada minuto. — Vocês conheceram versões diferentes do mesmo homem.

— É exatamente por isso que Kitt nunca entendeu completamente o desdém que eu sentia pelo nosso pai — acrescenta Kai baixinho. — É por isso que ele vivia para agradá-lo enquanto eu vivia para irritá-lo.

Dou um leve sorriso.

— É por isso que você quis passar tanto tempo comigo durante as Provas? Para irritá-lo?

Ele parece pesar as palavras.

— Dentre muitos outros motivos. — Reviro os olhos antes de ele acrescentar: — Se bem que eu sempre achei estranho o jeito ousado como Kitt ficou seu amigo. Papai odiava minha conexão com você. Assim, Kitt ir contra a vontade do rei por sua causa… — ele balança a cabeça — ... foi inesperado.

— E agora ele vai se casar com a Comum que seu pai odiava — murmuro. — A mesma que o matou.

Kai respira fundo.

— Kitt sempre teve medo de falhar com o nosso pai. Mas eu acho… que ele também tem medo de se transformar na pessoa que eu odiava. Além da carta que encontrou, a sua luta com o rei pode ter ajudado meu irmão a enxergar a razão. — Kai dá de ombros ligeiramente. — O rei foi atrás de você porque odiava o que você não é.

— E você acredita em mim, com relação a isso?

— Depois da batalha na Arena, o Visor que testemunhou a luta entre vocês se encontrou particularmente comigo e com Kitt. — Kai

me espia com sofrimento nos olhos. — Nós vimos parte do que aconteceu. Com a chuva, não pudemos identificar o que foi dito, e Kitt não suportou ver mais do que um minuto.

É então que percebo que o sofrimento dele não é pelo rei que eu matei, e sim por mim e por tudo que suportei nas mãos dele. Pisco os olhos, perplexa com essa nova informação.

— Por que você não me contou?

— De qualquer modo você matou o rei. Kitt ainda estava com raiva. O reino também. No fim das contas, você ainda era uma assassina. — Ele se vira para mim. — E eu queria ouvir o seu lado da história, porque ainda não sabíamos o que realmente aconteceu.

Agora enterrei aquela luta maligna nas profundezas mais sombrias da minha mente. Ela jaz no poço sangrento onde meu pai está, ao lado da imagem de uma franja encaracolada, curta demais, e dos olhos castanho-esverdeados lívidos.

Perguntas não respondidas provocam redemoinhos perto desse canto escuro, entrando e saindo dos meus pensamentos. Uma tem a ver com a verdadeira identidade dos meus pais, e outra reside na batalha contra o rei — os motivos e as confissões dele são igualmente confusos. A presença de Adena na última Prova jamais deixa de me manter acordada à noite, zombando de mim nos sonhos que mostram maneiras pelas quais eu poderia tê-la salvado.

Engulo em seco.

— Ele praticamente me disse que a doença dos Comuns era uma mentira, sabe?

Há uma pausa longa preenchida apenas pelo som das ondas batendo.

— Por que você não me contou?

— Você teria acreditado?

Ele não diz nada.

— Eu não tinha provas, a não ser minha palavra, e isso significava pouco depois do que eu tinha feito. Assim, eu queria que você descobrisse a verdade sozinho. — Olho o anel brilhando no meu dedo. — Mas ainda sou uma assassina.

— E ainda é muito melhor do que a maioria das pessoas.

Balanço a cabeça. A escuridão sufocada dentro de mim diz o contrário.

Fico em silêncio até que uma pergunta em voz baixa me escapa, surpreendendo até a mim.

— E então, do que você tem medo? — Ele me olha, levemente intrigado. — Você me contou do que o Kitt tem medo. Agora quero saber o que poderia amedrontar o poderoso Executor de Ilya.

Ele dá um sorriso sombrio.

— Tenho medo de muita coisa.

Levanto uma sobrancelha.

— É de mim que você tem medo, príncipe?

Sua resposta é rápida e séria.

— Tenho medo do que poderia acontecer com você. Do que *eu* poderia fazer com você. — Um músculo estremece no seu maxilar. — Tenho medo de cada golpe da minha espada e de cada ordem que sai da minha boca. Isso me assombra.

A emoção fecha minha garganta, me obrigando a engolir uma súbita onda de luto. Meu coração dói por esse menino que nunca teve a chance de ser apenas um menino.

— Não é justa — consigo dizer. — Essa vida que você foi obrigado a viver.

Seus olhos são uma tempestade que varre meu rosto.

— Talvez tudo valha a pena se significar que eu posso proteger você.

Balanço a cabeça enquanto o barco bate contra o cais. Kai recua um passo, lembrando-se do que devemos ser um para o outro nesta cidade. Ao olhar para as dezenas de rostos que esperam, ele diz:

— Por que você perguntou? Sobre Kitt e o nosso pai?

Inclino a cabeça para o cais, voltando o olhar para outro par de olhos que sei que são verdes.

— Acho que só estou tentando entender Kitt melhor.

O cabelo louro de Kitt se agita ao vento embaixo da coroa, ambos reluzindo em ouro com o círculo de Imperiais que cercam o rei. Ele parece estranhamente… indiferente. Cansado. Suas mãos estão cruzadas sobre a fina túnica verde, e…

Seus olhos estão voltados para os meus.

Por um momento, sinto como se estivesse de volta na Arena, encontrando seu olhar de longe num jogo destinado a me pôr à prova.

— Pae?

O som do apelido arranca meu olhar do cais e eu o viro para o Executor ao meu lado.

— Hum?

— Perguntei se você está pronta para saltar pra fora dessa coisa.

Meu sorriso é tenso.

— Estou, muito.

Eu o sigo até a rampa de madeira, sentindo-a estalar sob meu peso enquanto desço para o cais. Uma parede de Imperiais na costa rochosa separa os ilyanos boquiabertos de nós, mas posso sentir os incontáveis pares de olhos me observando. Fico incomodada sob os muitos olhares que examinam cada centímetro da garota que eles provavelmente esperavam não ver nunca mais.

O capitão nos acompanha de perto enquanto vamos até o rei. Kitt me dá um sorriso contido, e é um alívio não ser examinada por ele também. Talvez ele esteja feliz em me ver voltando inteira. Talvez a distância e a probabilidade da minha morte iminente façam seu coração se abrir mais.

Quando os Imperiais abrem caminho para chegarmos até ele, é Torri que fala primeiro.

— Majestade…

— Kai!

Uma agitação de membros rompe o aperto dos Imperiais e corre na direção do Executor. Kai quase não tem tempo de abrir os braços antes que Jax se choque contra ele. O garoto se agarra ao irmão, com o rosto enterrado em seu ombro.

Jax funga.

— Você está vivo.

— Claro, Jax. Eu precisava voltar pra você — murmura Kai.

Desvio o olhar do reencontro emotivo dos irmãos quando Torri pigarreia.

— Como eu estava dizendo, majestade, foi uma honra navegar de novo sob a bandeira de Ilya. Como o senhor pode ver… — ele indica o

barco meio destruído — … encontramos a fera que espreita sob os Baixios, mas sob meu comando vivemos para contar a história.

Kitt assente.

— Obrigado, capitão Torri. Sua coragem e seu serviço ao nosso reino serão muito bem recompensados.

Kai pigarreia, com um dos braços ainda em volta de Jax.

— Acho que é necessário um elogio a quem nos salvou da fera.

O príncipe levanta a mão na minha direção, e o simples gesto faz todos os olhares voltarem para a minha figura desgrenhada.

O calor se espalha por minhas bochechas enquanto lanço um olhar de alerta para Kai. Isso não passa despercebido ao rei. Seus olhos cansados se viram para os meus.

— É mesmo?

Respiro fundo e estampo um sorriso caloroso no rosto.

— Eu posso ter dado o golpe final, o que não foi muito benevolente… — pigarreio — … para a criatura.

Kai baixa a cabeça, escondendo um sorriso. Jax imita o irmão mais velho, mas de modo muito menos discreto, com uma tosse engasgada. E Kitt…

Kitt apenas me encara.

Não consigo decifrar esse olhar, e normalmente me orgulho de ser capaz de ler as pessoas. Algo parecido com uma constatação ilumina seus olhos verdes. Ou talvez seja um espanto reverente o que eu vejo nas rugas em volta do seu leve sorriso. Mas antes que eu possa desvendar essa expressão, Kitt estende a mão para mim.

Seus dedos roçam os meus antes que eu o permita entrelaçá-los. O gesto se destina às pessoas amontoadas no litoral rochoso, com os olhares curiosos voltados para nós.

— Parece que você será uma ótima rainha. — O diamante no meu dedo fica pesado. — É como se tivesse nascido para isso.

CAPÍTULO 36

Kai

A luz das velas tremula por toda a extensão da mesa, salpicando cada prato de comida com um brilho cor de mel.

A corte se acomoda confortavelmente ao redor do festim. Todos conversam com descontração, afogados nas vestes refinadas enquanto saboreiam a refeição. Passando a mão pelo cabelo, me pego desejando que esse banquete fosse um baile, para que eu ao menos pudesse me afastar sem ser notado no meio dos corpos dançando.

Em vez disso, estou sentado todo rígido à direita de Kitt, à vista e à disposição dele, que parece distraído, os olhos verdes vítreos. Não deixo de perceber a leve magreza do seu rosto ou a rouquidão da voz. Ele parece esgotado a ponto de causar uma preocupação que, neste momento, não posso mostrar à sua corte. Parece que o rei não descansou como prometeu.

Paedyn reluz diante de mim, mexendo educadamente a comida no prato. Por um momento parece que recuamos no tempo até aquele jantar antes das Provas do Expurgo, aquele em que eu praticamente a obriguei a comer. Na noite em que ela se tornou meu ponto fraco.

Esta cena é familiar. Simples.

Só que não é, e o rei ao lado dela não é o meu pai.

Passei a maior parte do tempo observando Kitt se inclinar, conversando em voz baixa com sua noiva. Paedyn sorri todas as vezes, o movimento repuxando a cicatriz que desce pelo pescoço. A outra,

muito mais maligna, está escondida pela elegante gola alta do vestido, mas meu olhar continua a descer até o ponto onde sei que o corte está.

A proximidade entre os dois não deveria me perturbar. Afinal de contas, eles estão noivos, e conversar de modo civilizado é a ação mais inofensiva de todas. Mas não consigo afastar a inveja que agarra minhas entranhas, o ciúme que lampeja a cada olhar compartilhado, a cada palavra trocada. É cansativo, esse tumulto entre o amor pelo meu irmão e o amor pela sua noiva.

— Parece que você está com um tremendo apetite, só que não pela comida.

Solto o ar com força e me viro para a fonte desse tom acusador. Ao meu lado, Andy levanta uma sobrancelha, a argola no seu nariz reluzindo como o desafio nos seus olhos. Lanço a ela um olhar cansado.

— Desembucha, Andy.

Usando o canto da boca, ela retruca:

— Pare de ficar olhando para o que você não pode ter.

Levo um pedaço de peru até a boca.

— Eu não estava olhando.

— Estava, sim.

Essa voz pertence à garota ao lado da minha prima, cujos cabelos pretos balançam enquanto ela se inclina sobre a mesa para me encarar. Não conheço bem essa Lagartixa, mas a reconheço como a amiga de Andy, do baile. Entretanto, com um olhar rápido para os dedos das duas, cruzados por baixo da mesa, suponho que o relacionamento entre elas tenha ficado mais sério.

— Viu? — diz Andy, presunçosa. — Jasmyn é minha testemunha.

— É… — Tomo um gole rápido de champanhe. — Obrigado por suas observações astutas.

Andy enfia uma mecha de cabelos cor de vinho atrás da orelha.

— Kai, nós conversamos sobre isso…

O tilintar agudo de uma taça me salva da ira da minha prima. Viro os olhos para Kitt e o vejo se levantar na cabeceira da mesa. Ele examina o salão e dá um pequeno sorriso para a corte.

— À Paedyn Gray, sua futura rainha, que mostrou com sucesso não somente coragem, mas também benevolência. — Ele espia a mesa com

ar distante. — Agora vamos à sua brutalidade. E vida longa à Paladina Prateada.

Quando levanto minha taça, toda a corte é rápida em me acompanhar.

— Vida longa à Paladina Prateada — murmuram todos em uníssono, a maioria de má vontade.

O champanhe borbulha na minha língua, esquentando a garganta. Volto meu olhar para Paedyn, mas o dela está preso em alguma coisa mais adiante, na mesa comprida. Vejo sua expressão assumir um tom gélido, letal de um modo que eu conheço bem. Acompanhando seu olhar, examino os muitos rostos que enfeitam a sala do trono.

E então meu olhar hesita sobre ela.

O cabelo lilás caindo sobre os ombros de Blair parece complementar de uma maneira estranha as ferozes ondas ruivas de Lenny, à sua esquerda. Ela está sentada confortavelmente ao lado do pai, os braços cruzados e os lábios provocando o Imperial. Eles parecem íntimos, à vontade um com o outro de um modo que deve tirar Paedyn do sério.

Olho de novo para ela do outro lado da mesa, observando uma camada de raiva gelada se esgueirar, cobrindo sua expressão. Paedyn parece pronta para vingar Adena aqui e agora. Olhando essa versão da Paladina Prateada, tenho medo por aqueles que não a fazem sentir coisa alguma.

Nem remorso. Nem compaixão. Nem preocupação com sua alma manchada.

Levanto uma das mãos, na esperança de impedi-la de fazer alguma coisa imprudente, quando ela se levanta de súbito. Sua cadeira guincha contra o chão de mármore e faz cada cabeça girar na sua direção.

O pânico me empurra para a borda da cadeira, esperando seu próximo movimento, mas o que me deixa preocupado mesmo é o sorriso falso que ela exibe. Levantando uma taça, Paedyn pigarreia, preparando um brinde.

Meus dedos apertam a borda da mesa.

O sorriso brilhante e o olhar gélido pousam de novo em Blair.

— Aos Comuns — declara ela, animada. — E a cada morte injusta. Que elas sejam vingadas.

Então ela inclina a cabeça para Blair e leva a taça aos lábios.

Olho ao longo da mesa e encontro uma cabeça com cabelos lilases se inclinando de volta.

— Aos Comuns.

Mal registro as palavras resmungadas que somente metade da corte se incomoda em repetir. E só consigo respirar fundo quando Paedyn volta a se sentar. Soltando a mão da mesa, espero outra onda de conversas enfadonhas varrer o salão.

Quando todos os olhares se afastaram de Paedyn e cada boca se voltou para outro assunto, me inclino para a frente e murmuro:

— Bom, isso foi suspeitosamente educado.

Ela vira os olhos azuis na direção dos meus.

— Eu não diria que uma ameaça é uma coisa educada.

— Pra você é — corrijo.

Interessando-se por nossa conversa em voz baixa, Kitt intervém discretamente:

— De novo: você sabe por que não posso deixar você machucá-la, Paedyn.

Ela pega seu garfo e faz um pedaço de batata rolar inocentemente no prato.

— E você sabe por que não posso deixá-la viver.

— Pae. — O olhar de Kitt salta na minha direção, reagindo à familiaridade da palavra. Merda. Continuo rapidamente, antes que qualquer um de nós possa pensar no que acabei de dizer: — Você pode bani-la quando for rainha, se quiser, mas não faça nada impensado antes de usar a coroa.

— Não preciso me esconder atrás de uma coroa — diz ela, os dentes cerrados.

— Precisa, sim — murmura Kitt. Em seguida leva um guardanapo aos lábios antes de tossir. Estreito os olhos ao ouvir o som rouco que ele interrompe depressa. — Governar tem a ver com esconder. A verdade, a motivação, a si mesma, tudo. E quanto antes você aprender isso, mais fácil será viver neste castelo.

Paedyn não diz nada, apenas o encara, e não consigo evitar fazer o mesmo. Ali está aquela parte de nosso pai que ele herdou. Engolindo em seco, ela coloca as palmas das mãos firmemente na mesa.

— Parece que todos temos alguma coisa para pôr pra fora. — Em seguida, um sorriso malicioso surge em seus lábios. — Bom, onde fica a tal adega para onde vocês costumavam escapar?



O vinho pinga nos meus dedos em volta do gargalo da garrafa.

O vestido de Paedyn é um poço cor de esmeralda no piso da adega, tremeluzindo à luz de uma vela. Ela apoia a cabeça na parede fria de pedra e ri alto a ponto de trazer um sorriso ao meu rosto.

— Você não fez isso! — exclama ela, aos risos e mal conseguindo dizer as palavras.

— Fez — responde Kitt, por mim. — Fui eu que amorteci a queda dele.

Pae fica boquiaberta enquanto tento me defender.

— Eu tinha cinco anos, está bem? Nem conseguia usar direito o meu poder, quanto mais saber quais existiam.

— E ele subiu no telhado do estábulo — explica Kitt, um sorriso embriagado nos lábios. — Bom, o Kai Cai aqui estava convencido de que existia um Notável capaz de voar…

Paedyn bufa, abafando rapidamente o som com a mão.

— … por isso decidiu pular do telhado e testar a teoria — termina o rei, rindo para mim.

— Por que você achou que era uma boa ideia? — pergunta Paedyn às gargalhadas, me olhando.

Tomo um gole de vinho antes de responder:

— Em minha defesa, nessa idade eu mal conseguia sentir os poderes, por isso achei que… um Notável voador poderia ser possível. Bom, isso não significava que existisse algum por perto, mas…

Kitt bate a mão com força no chão de pedra, com o sorriso transformando-o no garoto com quem cresci. A diversão transborda de Pae de um modo que eu raramente consigo testemunhar, graças ao vinho que deixa sua língua solta e faz com que eu me anime. Solto uma

gargalhada e imagino o quanto disso tem a ver com meu irmão estar nesta adega outra vez.

— E você caiu bem em cima de mim — declara Kitt, dando um tapa no meu ombro. — E quebrou minha perna.

— Bom, o seu corpo quebrou uma costela minha — rebato. — Além disso, a ideia de testar minha teoria foi sua.

— O que não significa que você deveria ter escutado.

Capto o olhar de Pae, ciente da imagem que tem de nós neste momento. Estamos muito confortáveis — rindo juntos como velhos amigos e vivendo como se a vida nunca tivesse atrapalhado. Rostos corados e deveres esquecidos, sentados como irmãos sem títulos de nobreza.

— Gosto de ver vocês dois assim — diz ela, baixinho.

Levo a garrafa aos lábios, engolindo o vinho escuro.

— Assim, como? Uns babacas de porre?

Kitt gargalha, batendo sua garrafa contra a minha.

— Vou fazer um brinde a isso.

Paedyn faz que não com a cabeça.

— Não. Bom, talvez. Mas simplesmente gosto de ver vocês dois tão… despreocupados. Juntos.

Isso faz Kitt parecer subitamente sério, apesar do cabelo revolto e da camisa desabotoada. Ele me lança um olhar sóbrio.

— Como nos velhos tempos.

— Como nos velhos tempos — repito.

— Senti sua falta, irmão. — Kitt suspira. — Sinto falta de nós.

— Eu estou bem aqui, Kitty. — Meu sorriso é suave. — Não fui a lugar nenhum.

— Não?

A palavra sai como um estalo brusco. E então o rei está gargalhando, abafando o tom acusador com um sorriso. É uma mistura estranha de emoções que duvido que ele pretendesse nos mostrar. No entanto, quando se vira para Paedyn, com a garrafa levantada preguiçosamente, seus olhos cansados estão brilhando.

— Aos velhos tempos.



CAPÍTULO 37



Paedyn

Olho fixamente para as dezenas de quadrados de tecido que me cercam em cima da cama.

— Todos parecem iguais — digo para Ellie. — São todos… brancos.

Ela fecha as cortinas grossas, bloqueando nossa visão da noite estrelada.

— Bom, normalmente os vestidos de noiva são brancos.

Minha boca fica seca com a lembrança do que um daqueles quadradinhos logo irá se tornar. Balanço a cabeça, admitindo a derrota.

— Olha, escolha você por mim.

— Paedyn. — O tom de Ellie é de censura, o que me surpreende o suficiente para me fazer sorrir orgulhosa. — É o seu grande dia. Eu me recuso a escolher o tecido do *seu* vestido de noiva.

Passo um dedo pela fileira de amostras, sentindo cada textura e cada padrão ao mesmo tempo que o embrulho em meu estômago se intensifica.

— E se eu nem sobreviver para usá-lo? Quero dizer, ainda falta a última Prova e…

— E você vai se sair bem — garante Ellie com gentileza.

— Por quê? Porque não tenho problema em ser brutal?

As palavras são jorradas, como costuma acontecer com um medo desenraizado. Ela se aproxima de mim, sentando-se na beira da cama

somente depois de eu bater com insistência na colcha.

— Não existe vergonha nisso quando é justificado — declara Ellie. — O problema é a brutalidade não ter fim.

Baixo o olhar para os tecidos ao redor e cada dedo desliza sobre eles. Parece errado tocar uma coisa de uma pureza tão ofuscante com mãos tão cheias de sangue. Minha alma está manchada de morte e encharcada de arrependimento.

Jamais pedi essa brutalidade, essa escuridão. Isso foi pedido a mim.

Tossindo para limpar a garganta, levanto um dos quadrados para a luz da lâmpada.

— Que tal esse?

Ellie se inclina para perto, os olhos castanhos acompanhando o leve padrão de trepadeiras entrelaçadas, desenhadas em fio branco.

— É lindo. — Com um sorriso triste, ela acrescenta: — Adena iria adorar.

— Ela ficaria com inveja do bordado — concordo com uma leve risada. — Ela sempre odiou fazer isso.

Ellie me olha passando o polegar no tecido algumas dezenas de vezes antes de dizer:

— Vou avisar à costureira qual você escolheu.

Assinto e, distraidamente, reúno os tecidos numa pilha que Ellie enfia embaixo do braço.

— Amanhã vamos escolher as flores para a cerimônia — insiste ela com gentileza.

Com um gemido, encosto a cabeça na parede.

— Se eu escolher logo, vou ficar livre dessas decisões?

— Acho que sim, mas…

— Perfeito — digo animada. — Rosas.

Ellie me dá um olhar de quem sabe das coisas.

— Foi a primeira flor que veio à sua cabeça?

— Talvez, mas parece adequado — defendo. — Eu admiro a rosa e os espinhos. Até as coisas mais bonitas são capazes de ferir.

Ellie assente devagar.

— Rosas então. — Vejo-a se agitar de novo pelo quarto, garantindo que tudo esteja em ordem para a noite. — E certamente vão ser fáceis

de achar. Há um jardim de rosas privado aqui, no terreno do castelo. Cor-de-rosa, lindas.

Dispenso-a quando ela tenta afofar o travesseiro às minhas costas.

— Bom — Ellie ajeita minhas botas ao lado do guarda-roupa —, vejo você de manhã, senhorita.

Aceno para ela enquanto um sorriso curva meus lábios.

— Boa noite, Ellie.

Ela inclina a cabeça timidamente e diz baixinho:

— Boa noite, Paedyn.

Vejo-a sair pela porta antes de largar meu corpo cansado na cama. Mesmo depois de ter feito pouco mais do que desperdiçar o dia e aproveitar ao máximo o fato de poder dormir em terra firme de novo, minhas pálpebras ainda conseguem se fechar. A adaga embaixo do travesseiro é um conforto que eu aperto enquanto caio no sono.

Sonho com Adena, como sempre. É desagradável, como sempre.

A lembrança da morte dela volta à superfície, entrando e saindo de foco. Uma colagem de cada maneira pela qual eu deveria tê-la salvado aparece por trás das minhas pálpebras pesadas. Esse pesadelo é torturante como todos os anteriores, e eu cravo as unhas inutilmente no subconsciente para me livrar dele.

Quando finalmente acordo, minha testa está suada e o céu permanece escuro. No entanto, o mais alarmante de tudo é o plano que tracei. Com a mente decidida e o coração doendo, fico de pé. Não me incomodo em trocar a blusa larga e a calça fina, mas rapidamente acrescento o colete de Adena, rasgado, ao conjunto. É correto visitar nosso lar com ela me abraçando.

Saio para o corredor engolido pelas sombras, parecendo a moradora da favela que um dia fui, pronta para roubar um príncipe que não suspeita de nada. É adequado estar com minha aparência antiga, me sentir como a garota que só tenta sobreviver a um amanhecer de cada vez.

Antes de eu ser a Paladina Prateada, a assassina do rei, a futura rainha, eu era Paedyn Gray.

E ela está indo para casa.



Uma luz suave banha as pedras rachadas do calçamento e se arrasta subindo pelas paredes sujas de fuligem. Respiro o fedor familiar da Alameda, quase engasgando no ar denso. Meus sentidos são bombardeados com o passado e cada lembrança que o acompanha.

O alvorecer ousa se esgueirar no horizonte, pintando a alameda num brilho caloroso. Enquanto andava pelo caminho de cascalho desde a Arena, vi a noite fugir devagar de um sol nascente. As horas silenciosas foram passadas revivendo a última vez que cambaleei por aquela estrada, coberta de sangue e destruída. Passei pela árvore cujas raízes são enfeitadas com aquele buquê de miosótis, passei pelas pedras e plantas que um dia foram manchadas com meu sangue. Para onde quer que eu olhasse, meu passado olhava de volta.

Ele continua me seguindo, aqui na Alameda. Ando pelo mesmo calçamento desigual, desvio dos mesmos Imperiais com ar de desprezo, mas nunca estive tão consciente do fedor persistente que exala incessante da favela, desde que passei a ficar no castelo.

Essa percepção arde ligeiramente, uma lembrança de tudo que eu não sou mais. Muito de mim vive nessas ruas, tanto a parte devastada quanto a resiliente. Adena vive aqui, em cada brisa quente e em cada estandarte colorido. Seu nome está escrito nas pedras em que piso, e deixo sua presença suave me levar de volta ao nosso lar.

Comerciantes empurram as carroças atravessando meu caminho, interrompendo minha passagem com um bocejo despreocupado. Alguns começam o dia cedo, na esperança de pegar as partes mais povoadas da Alameda. Examino as barracas precárias, me deparando com a evidente escassez de recursos. A comida era uma coisa pela qual eu raramente pagava, menos ainda observava por muito tempo antes de enfiar na boca. Mesmo assim eu a vi diminuir no decorrer dos anos, devagar o suficiente para que só os comerciantes soubessem da situação por um longo tempo.

Eu estava tão ocupada sobrevivendo nas ruas da favela que não tinha noção do que acontecia. Pessoas sem teto se amontoam contra as

construções em ruínas, sem cama para dormir nem dinheiro para viver. Uma pilha de pães de mel brilha na carroça de um comerciante, cada um custando absurdos cinco xelins. Agora percebo que, na verdade, nunca paguei por nenhum, por isso não tinha ideia de como *viver* ficou caro. Mais do que nunca, enxergo Ilya como é: um matadouro.

Mas isso vai mudar.

Aperto o colete esgarçado em volta do corpo e acelero o passo. Um pequeno grupo de pessoas se espalha na alameda, comprando qualquer comida pela qual possa pagar. Serpenteio entre os corpos e parece que estou caindo de volta num ritmo familiar. A tranquilidade de me misturar é uma beleza que nem mesmo o castelo pode me oferecer. Não sinto uma paz assim desde…

Desde que deixei Adena para ir às Provas do Expurgo.

Esse pensamento desaparece quando o Forte surge.

Meu coração quase para com a lembrança da peça que falta. Um raio de sol roça o tapete gasto e sinaliza para eu me juntar de novo a ele.

O Forte está mais perto e minha pulsação acelera. Forçando a vista nas sombras, hesito diante da estranheza que vejo.

Este não é o lar que eu deixei.

Não, agora este forte tem um estandarte colorido em cima. Os quadrados de tecido foram costurados no sentido do fio, uma prova meticulosa de que foi feito por Adena.

Acho que não consigo respirar.

Por trás da barreira, nossos pertences foram reorganizados. A pilha de roupas usual está muito bem dobrada ao lado de um cobertor e um travesseiro novos que eu jamais tive a chance de compartilhar com ela.

Mesmo à luz fraca, a vibração de Adena exala do lugar.

E eu tremo na sua presença.

Meus joelhos se chocam contra as pedras da rua e eu aceito o choque de dor.

É como se tivesse imaginado que ela estaria sentada ali, esperando minha volta depois de um dia roubando. Como se ela fosse atravessar a barreira do nosso forte e vir correndo na minha direção buscar um pãozinho de mel. Como se eu não tivesse segurado seu corpo

agonizante no colo ou não tivesse visto seu sangue jorrando entre meus dedos a cada vez que olhava para minhas mãos inúteis.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto, caindo no chão com uma gota da minha angústia.

Ela estava esperando que eu voltasse pra casa.

Passos abafados soam atrás de mim.

Mas ela nunca voltou pra casa.

Meu olhar permanece distante enquanto uma voz profunda ressoa atrás de mim.

— Esse beco tem dono. Você vai ter de arranjar outro lugar para…

Viro o rosto para encarar este desconhecido através das lágrimas.

Seus olhos castanhos se arregalam com um reconhecimento que eu não compartilho. Alguns fios dos cabelos pretos caem em volta de malares fortes enquanto o resto é puxado para trás, preso com uma tira frouxa. Encaro a solitária mecha prateada no meio da escuridão, como se um tufo do meu cabelo vivesse na cabeça dele.

— É você — diz ele, ofegante.

A cicatriz que atravessa seus lábios se curva com as palavras. Fico tensa.

— E quem é você?

— Depois de todo esse tempo, finalmente você voltou para fazer uma visita a ela — murmura ele.

A compreensão chega, tão ofuscante que hesito por um momento, piscando.

— Você é o rapaz. O que Adena estava namorando durante as Provas.

Ele se ajoelha nas pedras do calçamento ao meu lado, e à luz da manhã mal consigo ver as manchas escuras sob seus olhos. É mais do que uma falta de sono, são hematomas.

— Ela falava sobre você o tempo todo. E morreu simplesmente porque a conhecia.

As palavras dele são como uma faca cega atravessando meu peito.

— Eu sei. — Engasgo com a emoção na garganta. — Deveria ter sido eu. E não ela.

Ele fixa os olhos castanhos nos meus.

— Ela ia ver você, muito antes de ser convocada como sua costureira. Nós tínhamos tudo planejado.

— Não entendo. — Minhas costas batem contra a parede suja. — Como foi que vocês dois…

— Eu era primo da Hera — explica o homem com a voz fraca. — Quando descobri como você e Adena eram amigas, soube que ela me ajudaria a entrar no castelo só para ver você.

— E Hera morreu na primeira Prova — recordo, entorpecida, de quando Braxton cravou uma lâmina no peito invisível dela.

— E Dena na última.

Sinto o momento em que meu coração se despedaça, sinto os cacos cortando meus pulmões até que sinto dificuldade para respirar.

Dena.

Minha A. Ela era a Dena dele.

— Sinto muito — consigo dizer. — Sinto muito. Por Hera. Por… — Uma lágrima escorre pelo meu rosto. — Por Dena. Eu não consegui salvá-la. Por que não a salvei?

Alguma coisa se mexe por trás do olhar dele. Talvez seja pena ou outra emoção totalmente degradante. Mas observo o sentimento se sobrepor à expressão dura, erodir a raiva desenhada nos cantos dos olhos dele. Duvido que este seja o monstro que ele esperava enfrentar. Em vez disso, uma garota arrasada, em lágrimas, está se desmoronando à sua frente.

— Isso tudo é minha culpa. — Volto o olhar turvo para o Forte, onde, sem Adena, cada cor intensa é uma piada cruel. — Ela redecorou o lugar pra mim. Para me surpreender quando eu voltasse das Provas. — Minhas lágrimas caem na frente desse estranho, mas não consigo encontrar forças para me importar. — Mas foi ela que não voltou. E é tudo minha culpa. É tudo minha culpa…

— Eu também não pude salvá-la. — O estranho parece engasgado. É necessário esse pensamento para eu perceber que ele é mais do que isso. É um dos últimos pedaços de Adena. — Eu… eu não pude fazer nada, a não ser vê-la morrer.

— Você ficou junto dela quando eu não podia — digo com firmeza. — E isso bastava.

Ele balança a cabeça na direção das pedras do calçamento.

— Passei semanas sentindo muita raiva de você. Da garota que matou Adena.

— Eu também. — Quase rio, enquanto as lágrimas se recusam a parar de cair. — Você não pode me culpar, nem culpar Blair, mais do que eu mesma já fiz.

O silêncio que se estende entre nós só faz com que eu me lembre de Adena. Ela não está aqui para preenchê-lo.

O homem se remexe, saindo da sombra que o havia coberto. Deixo meu olhar se afastar do rosto dele pela primeira vez, como se a luz opaca tivesse me tentado a investigar mais. Examino seus ombros largos, depois o tecido sobre eles. O colete preto é justo no corpo, com bolsos e mais bolsos e…

Eu conheço esses bolsos.

Fico boquiaberta. Olho meus próprios bolsos rasgados.

— Ela fez um colete pra você.

Agora o estranho olha o tecido verde-oliva que me envolve e seus olhos escuros assumem uma expressão vítrea.

— Fez.

Todo o ar abandona meus pulmões. A dor toma conta do meu corpo, me sufocando até esmagar minha vontade, minha esperança, meu coração. Sofro por Adena de novo, porque não fui a única que ela perdeu. Dois grandes amores foram deixados para trás, e ambos abraçam o que resta dela, com carinho.

Lágrimas caem, mas não me importo que minha vulnerabilidade esteja à mostra. Me ajoelho ao pé do nosso forte e choro pela garota que um dia o iluminou. O estranho passa a mão na bochecha, mas é rápido em virar o rosto marcante para o chão.

— Qual é o seu nome? — consigo sussurrar por fim.

Ele demora um longo momento para encontrar uma resposta.

— Mak.

Assinto rapidamente, e essa ação arranca lágrimas dos meus cílios.

— Posso… — Minha voz falha. — Posso te dar um abraço, Mak?

Ele não faz isso por mim, dá para sentir pela tensão nos seus ombros. Não, ele faz isso pela sua Dena. Minha A. Nós nos abraçamos, os corpos se sacudindo com sofrimento e raiva. Nos braços dele entendo que uma pessoa tão rígida e indiferente só pode ser moldada

pelas mãos mais gentis. Ele foi atraído pelo calor de Adena, gravado para sempre por seus dedos de costureira, agora quebrados.

Ficamos abraçados, estranhos reunidos por um amor em comum. E quando Mak finalmente se afasta, com os olhos vermelhos, um raio de sol cai sobre nossos corpos ajoelhados. O feixe de luz nos cobre a ponto de secar as lágrimas que mancham meu rosto.

A cicatriz que corta os lábios de Mak se curva com um sorriso triste.

— O que foi? — pergunto.

Esse homem não parece do tipo que sorri com facilidade, mas talvez este fosse o caso apenas antes de Adena lhe dar um motivo para sorrir.

Ele fecha os olhos, apreciando a luz quente.

— Só estou admirando o sol.

CAPÍTULO 38

Kai

O sol acorda antes mesmo de eu ter ido dormir.

Ele me espia por trás da fileira de nuvens alaranjadas que encobrem o horizonte. Foi só quando a luz suave espantou as sombras e uma brisa quente roçou na minha pele suada que percebi que tinha passado a noite no círculo de treinamento.

Giro uma espada ao lado do corpo, repetindo os mesmos movimentos que fiz desde que entrei nesse círculo de terra batida. O gume cego da minha lâmina encontra o boneco de treino, todo lascado, com uma pancada silenciosa. Com uma série de movimentos rápidos, eu teria estripado completamente uma figura que não fosse esculpida em madeira.

— Você precisa de alguma coisa mais desafiadora para espancar.

Sorrio ao som da voz de Kitt enquanto solto a espada presa no boneco.

— O quê? Está se oferecendo?

Vejo-o entrar no círculo dando uma tosse fraca.

— Seria bom me exercitar. Pela Peste! Não treino com você há semanas.

— Sentiu falta de levar umas porradas, é?

Kitt pega a espada cega que jogo para ele.

— Talvez eu tenha sentido falta de passar um tempo com você, irmão. Mesmo que isso signifique levar umas porradas.

Começo a girar lentamente pela borda do círculo e Kitt me imita com sua arma levantada.

— Não pegue leve comigo — digo, com um meio-sorriso. — Prefiro não me sentir mal quando derrubar você.

Aparo o golpe da espada de Kitt com a minha.

Ele exibe um sorriso estranho enquanto se afasta e tenta um golpe nas minhas costelas. Eu me esquivo rapidamente antes de girar a lâmina na direção dele. Kitt se abaixa, deixando para trás o som do ar sendo rasgado quando o aço cego passa por cima da sua cabeça loura.

— Parece que não estou muito fora de forma depois de…

O cabo da minha espada acerta sua barriga desprotegida. As palavras dele viram uma tosse e meu sorriso vira uma gargalhada.

— Falou cedo demais, Kitty.

Ele respira fundo, com um tremor.

— Bom, isso… certamente me acordou.

Ele endireita o corpo e avança para mim com uma velocidade que eu não esperava. Sou empurrado para a borda do círculo enquanto nossas espadas se chocam. Isso me dá um momento para avaliar meu oponente, examinar os círculos escuros embaixo dos olhos e as bochechas ligeiramente encovadas. Até mesmo a força de seu golpe parece reduzida.

— Você… — A análise que faço provoca uma pausa nas minhas palavras. — Você está bem?

Kitt se afasta.

— Por que está perguntando?

Balanço a cabeça, sem saber direito o que estou sentindo. Seu poder se enrola sob a minha pele e escorrega entre minhas tentativas de agarrá-lo.

— Tem alguma coisa… diferente.

— Nos últimos tempos não estive muito bem. Vai passar, tenho certeza. E você? — Kitt ofega. — Ficou a noite inteira aqui fora?

Minha risada sai abafada. Kitt escapa da minha investida.

— Depois de todos esses anos, isso não deveria surpreender você.

Sua espada faz um arco no ar antes de bater na minha.

— Achei que estivesse com Paedyn.

Meus movimentos falseiam por tempo suficiente para ele acertar uma sólida pancada de aço nas minhas costelas. Solto um grunhido de dor antes de empurrar a espada dele para o lado.

— Não… — Agora sou eu a ofegar. — Não vi Paedyn desde a adega.

Kitt consegue dar de ombros enquanto brandimos nossas armas.

— Estou surpreso.

Bloqueio seu golpe e encaro as feições gélidas do meu irmão por entre as lâminas cruzadas.

— E por que isso o surpreende?

Ele se afasta.

— Você sabe.

— Explique-se — desafio.

— Porque você a ama! — A admissão áspera parece espantar até mesmo ele. Olho para Kitt, o peito arfando e a espada pendendo ao lado da cintura. Ele pigarreia. — Talvez mais do que qualquer coisa.

Meu coração bate forte, um lembrete de que cada batida pertence a ela.

— Não seja ridículo, Kitty. Ela é sua noiva.

— E eu sou seu irmão — diz ele depressa. — Sempre. Independentemente de qualquer coisa.

Seu tom sugere que essa fala é uma pergunta à qual eu deveria responder. Não é a primeira vez que Kitt toca no assunto do nosso futuro entrelaçado. Ele deseja ouvir que seu casamento com Paedyn não mudará nada entre nós. E, por nós, vou fingir que tal ruptura já não aconteceu.

— Você e eu. — Minha garganta está seca. — Sempre.

Compartilhamos um sorriso caloroso antes que as espadas voltem a se chocar.

Nossos pés se movem em uma dança familiar. Entramos numa espécie de caos gracioso, um que treinamos desde a infância. Este círculo de terra interrompeu muitas quedas no decorrer dos anos. Fico me lembrando dos dias em que eu implorava ao nosso pai para deixar Kitt treinar comigo. Até que, de repente, não precisei mais pedir permissão. Aqui dois principezinhos se tornaram homens, mas sempre retornamos à mesma sequência de movimentos treinados.

Kitt sorri ligeiramente por trás da agitação de aço, o olhar distante com as lembranças. Seguimos um padrão, uma estrutura, uma sequência de passos memorizados. Nós criamos essa dança maligna durante a infância — e ela traz uma sensação de tranquilidade.

Nossos movimentos são precisos. Cada golpe de espada é dado com certeza.

Dou uma investida na direção do peito dele e me encolho quando o golpe o acerta. Kitt geme com a pancada da espada cega e recua, rompendo o transe que tínhamos compartilhado.

— Você deveria se esquivar, Kitt — digo, me sentindo mal por ele.

O rei esfrega o que logo irá se tornar um hematoma crescendo por baixo da túnica.

— É, bom, eu esqueci. É por isso que eu sou o rei e você é o meu Executor. Não sou bom em travar minhas próprias batalhas.

Dou uma risadinha.

— Qual é, você conhece os passos. — Dou um tapinha de leve em seu rosto. — Vamos fazer de novo.

— Pela Peste, você nunca dorme?

Lanço um olhar cético para ele.

— Você dorme?

Seu sorriso é triste.

— É justo, Executor.

CAPÍTULO 39

Paedyn

Um pedaço de pergaminho é passado por baixo da minha porta.

O som fraco me faz levantar os olhos do livro, relutante. Desdobro os membros rígidos, me levanto da cama e ando até esse mistério em forma de papel dobrado. Todo o meu corpo está exausto, esgotado mental e fisicamente depois da ida à favela. Assim, quando me abaixo para pegar o papel, mal consigo energia para ficar intrigada.

Isto é, até que ouço a voz dele acompanhando cada palavra derramada.

Você disse para eu me comportar o melhor possível, e não posso fazer isso se estiver no mesmo cômodo que você. Além do mais, tudo que faço é passar os dias no pátio de treinamento, tentando ensinar um punhado de babacas preguiçosos a dar socos. Isso me lembra de quando eu precisava fazer a mesma coisa por você. E não revire os olhos; sei que você adorava aquilo.

Por enquanto, esta terá que ser a nossa forma de fingir. Kitt passou a maior parte da manhã comigo, e ele parecia bem. Até mesmo ótimo. Mas eu conheço meu irmão. Acho que ele está tentando me manter longe de você, nos

distanciar lentamente. Talvez ele deseje você tanto quanto eu, mas não está disposto a pagar o preço de me perder. Ele quer nós dois. Sei bem como é.

Agora, por favor me entretenha, querida. Estou entediado. O que vou fazer, se não contar suas sardas?

O seu Babaca Metido a Besta

É só quando termino de ler que sinto o sorriso bobo nos lábios, apesar da ideia preocupante que ele verbalizou. Balançando a cabeça diante das palavras, decido fazê-lo sorrir com as minhas. A grande escrivaninha que adorna o lado oposto do meu quarto permaneceu intocada desde a minha volta. Eu me sento na cadeira dura e remexo nas muitas gavetas procurando um papel e algo para escrever.

Olho a variedade de itens recolhidos antes de finalmente deixar a tinta manchar o pergaminho.

Vejo que você finalmente assinou seu nome do jeito certo. Já estava na hora. Bom, não sei bem se alguma coisa que eu tenha a dizer serve para entreter. Assim, vou falar qualquer coisa até que algo interessante caia na página. Não esqueça que você pediu, babaca metido a besta.

Precisei escolher o tecido para o meu vestido de noiva. Claro, isso só me lembrou de que não é Adena que vai fazê-lo. Então, quando vi o Forte hoje de manhã, com todo aquele tecido que tinha o cheiro dela, além da tesoura que eu usava para cortar sua franja...

Já falei que eu fui à Alameda? Talvez devesse ter começado por essa parte. Eu só precisava ver o Forte e fugir do meu futuro por um tempinho, mas lá conheci um novo amigo, um amigo que amava Adena tanto quanto eu. Foi bom não estar sozinha no meu sofrimento.

De qualquer modo, duvido que você queira saber dos planos para o casamento e qual flor escolhi para o buquê. Estou tentando não me concentrar no Kitt e na minha incapacidade de decifrá-lo. Só saiba que, se eu pudesse fazer tudo de novo, teria fugido daquele campo de papoulas com você quando tivemos a chance.

Agora vá bater num Imperial por mim, está bem? Ou eu poderia lembrá-lo de como sou capaz de dar um soco — parece que você esqueceu. E, sim, eu revirei os olhos.

(Precisamos achar um passatempo pra você que não inclua contar minhas sardas. Quantas são, mesmo? Vinte e três?)

Sua Pae

Enfio o bilhete por baixo da porta de Kai, mas sei que ele não está do outro lado. Várias horas se passam antes que o Executor se recolha em seu quarto para uma pausa curta no treinamento, e logo depois uma resposta é passada pela minha porta.

Que bom que você conseguiu visitar o Forte depois de tudo que aconteceu. Você merece ter esse tempo com Adena. Só gostaria de ter sido informado. Nós dois sabemos que você é capaz de se cuidar, mas isso não impede que eu me preocupe.

Quanto aos planos para o casamento, parece que você está amarelando, Gray. A gente ainda poderia fugir, sabe. Voltar para os Baixios. Encontrar Astrum e continuar navegando. É só dizer.

(Vinte e oito, querida. Mas posso contar de novo, se você quiser.)

O seu Babaca Metido a Besta

Meu bilhete seguinte é entregue em mãos. Passo pelo Executor a caminho do jantar com o irmão dele. Sua testa está suja de terra, misturada com uma camada de suor instigado pelo sol forte do dia. O cabelo desgrenhado ondula quando ele levanta a cabeça, os olhos acinzentados me encarando. Meu coração acelera ao vê-lo. Faz dias que não nos falamos em particular, e fico tentada a enfiá-lo naquele armário de vassouras para onde ele me carregou uma vez.

No entanto, há observadores demais neste castelo, motivos demais para fingir com o Executor. Sustento seu olhar porque é tudo que

posso fazer. Kai sustenta o meu porque é a única parte de mim que ele pode ter. Agarro-me a esse momento em que escapamos do futuro.

Kai passa por mim. Nossas mãos se tocam. Meu coração quase para. O bilhete é colocado entre os dedos dele.

Você sabe em primeira mão que eu costumo amarelar. Mas você só sabe latir, e não morder, Azer. Suas lealdades estão aqui com Kitt, portanto não finja que fugiria comigo. O rei é o seu dever e me casar com ele é o meu. Mas sempre teremos o salgueiro.

(Você precisaria estar perto o suficiente para contá-las, príncipe.)

Sua Pae

— Boa noite, Paedyn.

Entro na sala do trono, cheia de esperança.

— Boa noite, Kitt.

Comemos. Jogamos conversa fora. Tentamos consertar o elo que um dia tivemos.

— Algum plano para esta noite?

Sorrio ao ouvir a pergunta.

— Só o de sempre.

Na verdade, tenho uma noite muito empolgante pela frente, uma noite que o rei jamais permitiria, se soubesse.

Quase piso na resposta de Kai quando volto ao quarto.

Acha que eu não imploraria para fugir com você? Meu dever pode ser para com o rei, mas meu coração, Pae, está sempre onde você estiver. Está na palma das suas mãos, no toque do seu polegar. Assim, se você for embora, eu vou atrás. Se você ficar, eu me curvo. Porque nunca houve um momento em que você não tivesse consigo o único pedaço de mim que importa. Amar você fez com que eu importe. E anseio para me sentir inteiro outra vez.

Fico sentada, atônita, encarando o próprio significado da devoção. Nunca vi a beleza parecer tão contente com a própria fragilidade. Sem pudor, ele me implora. Sem se abalar, ele coloca cada máscara aos meus pés.

Pouso o olhar na última linha e um sorriso logo surge em meus lábios.

(Ah, eu sou capaz de morder. Você só precisa pedir, querida.)

Coloco o bilhete na gaveta da mesinha de cabeceira, juntando-o aos outros antes de me sentar diante da escrivaninha. O anel do meu pai bate na madeira enquanto luto para escrever as três palavrinhas que entopem minha garganta. Elas parecem inofensivas até que as pessoas que as recebem são arrancadas de mim. Balanço a cabeça e, em vez disso, escrevo uma curta sequência de letras.

Você é mesmo um poeta no papel. Ou um tolo. Não vou deixar que você se arruíne por mim.

Sua resposta chega rapidamente.

Eu quero que você seja a minha ruína, lembra?



Edric

Os príncipes são inseparáveis.

Kitt equilibra um livro no colo, mas é difícil se concentrar em qualquer coisa com o irmão mais novo balançando uma espada de madeira diante do seu rosto. Myla se levanta para pentear o cabelo rebelde de Kai, ignorando o garoto que bufa, irritado. Virando uma página, o herdeiro de Edric fica subitamente concentrado na presença da mãe que não é dele.

A mesma mentira foi contada continuamente aos dois garotos e ao reino do outro lado das paredes do castelo. A mãe de Kitt morreu no parto antes que o rei se casasse de novo e tivesse Kai, o que tornava os dois príncipes meios-irmãos. É a história na qual ambos acreditam. Qualquer pessoa que saiba o contrário faz parte da equipe, jurou segredo e está escondida dentro do palácio.

Nos muitos anos desde o casamento de Edric com Myla Rowe, um tipo de amor especial brotou entre eles. Ela era ousada e teimosa de um modo que Iris jamais havia sido, conseguindo irritar o rei mais do que ele gostaria de admitir. Foi um caminho tortuoso que os uniu, um caminho que nenhum dos dois se imaginava percorrendo. No entanto, o coração de pedra de Edric havia voltado a bater, ainda que apenas por sua Myla.

A família ocupa todo o espaço do escritório do rei, mas faltam dois membros. Um é uma criança fraca que permanece na torre oeste, e o

outro uma princesa esquecida que não passa disso. Edric não pensa mais na filha que condenou à morte. Pelo contrário, o fim de Iris provocado por algo tão fraco como uma Comum só inflama o ódio que o rei sente por eles. E ele não parará diante de nada até que seu reino esteja livre de absolutamente todos. Os Comuns são um erro que Edric está decidido a consertar.

Myla olha para o marido, observando-o examinar a quantidade de pergaminhos na mesa. Ela lhe oferece aquele sorriso caloroso, o que o rei tinha passado o primeiro ano do casamento instigando-a a dar. Para a esposa, o rei sorri de volta.

Ao captar essa estranha demonstração de emoção, Kitt ajeita as costas antes de sorrir para o pai.

Edric apenas assente na direção do livro na mão do herdeiro e não sorri de volta.

CAPÍTULO 40

Paedyn

A esta hora os corredores estão silenciosos.

Sombras pintam os relevos ornamentados com uma luz agourenta enquanto passo por eles. Passei o dia inteiro confinada ao meu quarto ou enfiando bilhetes por baixo da porta de Kai. Foi uma distração agradável até o anoitecer, mas agora estou a caminho de restaurar o equilíbrio do mundo, a paz do meu espírito. Estive ansiosa para fazer isso desde a última Prova, desde que voltei do Forte com o sentido de vingança renovado.

Viro uma esquina e…

Um clarão de lilás ao luar.

Está ali, encostada casualmente numa parede. Ela vira o rosto inexpressivo para mim, o tédio franzindo a testa.

— Bom, pelo jeito você acha que pode me matar.

Minha adaga já está segura entre os dedos trêmulos. A imagem do corpo frouxo de Adena no meu colo é tudo que vejo quando encontro o olhar insensível de Blair. Penso em Mak e na dor dele, que só intensifica a minha. A raiva explode por trás da minha visão, a fúria me cega por um instante enquanto caminho na direção dela.

— Vou fazer muito mais do que isso — ofego. — Vou fazer você implorar.

Blair solta uma risada rouca.

— Sabe, gosto muito mais de você assim. É uma pena você tentar me matar quando nós poderíamos ser amigas.

Não penso antes de virar a adaga na mão e atirá-la contra o rosto de Blair. A arma gira no ar, numa tentativa fraca que sei que ela simplesmente interromperá com o pensamento. Mas não me importo. Fico contente em deixá-la se esconder atrás de uma habilidade, nem que seja para eu ver a vida tremeluzir nos seus olhos.

Esses pensamentos são malignos. Cruéis. Nem um pouco parecidos com os de Adena…

Adena não está mais aqui para me salvar de mim mesma.

Blair solta um assobio baixo enquanto olha para a minha adaga. A ponta está a apenas alguns centímetros de se enterrar entre seus olhos.

— Não achei que você fosse capaz, Gray. — Ela deixa a adaga bater no chão fazendo barulho. — Você está diferente.

Mostro os dentes.

— Graças a você.

Ela recua, fazendo um muxoxo.

— Não, isso sempre esteve dentro de você. — A luz das velas banha o corredor quando ela abre a porta e entra. — Você só queria alguém para culpar.

Pego minha adaga no chão e a acompanho para dentro do quarto. A lâmina treme na minha mão erguida.

— Você não me conhece. Não sabe o que eu passei.

— Pela Peste, Paedyn! — Blair se encosta num balaústre da cama e revira os olhos. — Não aja como se você fosse a única pessoa que já passou por alguma merda. É, eu matei a sua amiga, e sabe de uma coisa? — A garganta dela se movimenta sob a luz tremeluzente. — Isso me assombra. Mas era a Prova. E eu venci.

Um barulho alto atrás de mim me faz girar para a porta.

Há um Imperial ofegante ali, seu cabelo ruivo ondula à luz das velas.

— Que diabo é isso? — O olhar de Lenny salta entre nós duas. — Paedyn, você precisa ir agora mesmo…

— Quieto, cenourinha — bufa Blair. Seus olhos jamais se afastam dos meus enquanto ela joga o corpo de Lenny contra a parede, prendendo-o com a mente. — As garotas estão conversando.

— Paedyn! — Lenny se retorce contra o controle de Blair. — Por favor, você não pode fazer isso!

— Pessoalmente, eu concordo. — Blair me lança um olhar de tédio. — Eu também acho que você não pode.

Ataco.

Meus pés batem com força no piso de madeira, desviando-se das dezenas de velas espalhadas nele. Com a adaga na mão, eu…

Paro.

De repente, meu corpo está travado.

Sinto uma fúria contra o poder de Blair, rugindo quando sua mente me aperta com mais força.

— Fico maravilhada vendo como você é incrivelmente Comum — comenta ela, baixinho.

Fico parada dentro de seu aperto invisível.

Porque, pela primeira vez na vida, não ouço fraqueza nessas palavras.

Não, ouço uma menininha chorando junto ao corpo sem vida do pai e sobrevivendo apesar disso. Ouço o rugido de uma multidão de Notáveis torcendo pela Comum que criou o próprio poder embaixo dos narizes de todo mundo. Ouço força onde antes havia vergonha, coragem onde antes havia uma covarde.

Um sorriso lento se espalha nos meus lábios. Blair pisca ao ver essa expressão, um clarão de medo saltando sobre suas feições.

— Claro que você fica maravilhada — digo devagar. — Porque nunca irá conhecer o poder de verdade. O seu foi dado. Mas o meu… — Balanço a cabeça. — O meu foi conquistado.

Ela fica boquiaberta.

— Eu poderia esmagar seu coração com um simples pensamento.

— Talvez sua habilidade possa. — Meu olhar é mortífero. — Mas *você* não.

Vejo-a respirar fundo. Vejo-a proferir as palavras e ainda assim não consigo acreditar no que sai de sua boca.

— Sinto muito pela sua amiga.

Então os olhos de Blair vão na direção de Lenny.

E o quarto irrompe em chamas.

Uma onda de calor me acerta, e com a interrupção do controle de Blair sobre meu corpo, quase caio. O fogo salta em volta dos meus tornozelos, subindo pelos balaústres da cama para nos engolir inteiros. Não sei como isso aconteceu, mas de repente estou sufocando na fumaça densa.

Blair cambaleia para longe, os braços levantados para proteger o rosto contra o calor. Pulo por cima de uma parede de chamas antes que elas possam lamber minhas pernas, mas não vou até a porta para fugir desse calor sufocante. A única liberdade que busco está em dar um fim à garota que tirou minha luz.

Salto na direção dela.

Meu corpo se choca contra o de Blair e nós caímos no chão em cima de uma trilha de chamas. Nós duas gritamos enquanto o fogo arde na nossa carne, queimando. Mas eu não terminei.

O meu lado sombrio, aterrorizante, esmaga todo o medo, a dor e qualquer pensamento são enquanto prendo Blair Archer nas tábuas queimadas do piso. Um entorpecimento se espalha pelo meu corpo, como se cada nervo tivesse decidido não enxergar minha violência. O fogo abre caminho pela minha calça, ondulando ao longo da coxa enquanto me inclino sobre o rosto pálido de Blair. A fumaça densa sobe da minha roupa, da minha carne, mas continuo sem sentir nada.

A chama se enrola à direita da cabeça de Blair, lambendo o cabelo lilás. Ela geme, não sei se por medo ou dor. Não sinto mais nada. A manga da túnica dela está totalmente queimada, deixando a pele furiosamente avermelhada à mostra. Memorizo este momento, até o terror que tremula nos olhos dela.

A palma da minha mão encontra o rosto de Blair.

Tusso para expulsar a fumaça que desce pela minha garganta.

Empurro o rosto dela, virando-o devagar na direção da chama ávida.

O grito de Lenny não é capaz de atravessar a parede de chamas que nos cerca.

A cabeça de Blair gira lentamente embaixo da palma da minha mão.

— Você não conhece a dor — sussurro. Ela luta contra mim usando a própria força, enfraquecida demais para usar o poder. Sorrio. — Até ela atravessar o seu peito.

— Por favor… — balbucia Blair.

Empurro-a mais para perto da chama.

— Por favor...

Minha voz está calma e rouca devido à fumaça.

— Eu disse que ia fazer você implorar.

Ela grita quando forço seu rosto contra a parede de fogo.

O lado do rosto bonito de Blair borbulha e queima com o calor. Minha mão, ainda segurando sua bochecha incólume, arde com a mera proximidade das chamas. O fedor de carne queimada exala pelo quarto, acompanhado apenas pelos gritos da assassina de Adena.

Tusso de novo, enquanto meus pulmões se apertam.

O entorpecimento confortável deixa o meu corpo enquanto tudo o que sinto é dor.

E então não sinto nada enquanto tudo escurece.

CAPÍTULO 41

Kai

— Onde ela está?

Empurro Imperiais, acelerando o passo pelo corredor lotado de gente. A fumaça densa paira no ar, vinda de um quarto incendiado ao redor do qual os Hidros se amontoam. Eles fazem o máximo que podem para domar o que resta das chamas usando ondas de água.

Lenny ergue as mãos em rendição antes mesmo de eu alcançá-lo.

— Ela está bem…

— Me leve até ela — ordeno.

O Imperial respira fundo.

— Ela está com um Curador, mas o senhor não precisa se preocupar.

— Não preciso me preocupar? — Quase rio. — Eu acordei com um Imperial ao lado da minha cama e fumaça no ar. Por isso vou perguntar de novo: onde diabos ela está?

Parecendo completamente derrotado, Lenny me guia com relutância em meio à multidão. Viramos num corredor silencioso até pararmos diante de uma porta comum. Lenny a abre e sinaliza para eu entrar. Sou recebido por vários olhares.

Mas é só o dela que eu procuro.

Paedyn está sentada numa banqueta, com a roupa queimada e o cabelo escurecido. Tem queimaduras em todo o corpo, rosadas e cheias

de bolhas. Há um talho sangrento logo acima da testa, fazendo-a se encolher quando sorri de repente.

Vou até ela depressa, sem me importar que testemunhem minha preocupação.

— Você está bem?

Ela confirma e estremece, amaldiçoando a queimadura que sobe pelo pescoço.

— Estou bem — consegue dizer por fim, a voz rouca e áspera. — Tudo aconteceu tão rápido.

Respiro fundo, lutando para manter a voz firme.

— Por que você estava no quarto da Blair?

— Ela… — Seu olhar vai para trás de onde estou. Eu me viro e encontro Kitt encostado numa parede. Ele assente devagar para mim. Ou talvez seja para Paedyn. — Ela praticamente me convidou a entrar. Eu estava com raiva e…

Paedyn vira o olhar na direção de Lenny, e sua expressão de desespero o faz suspirar.

— Blair me prendeu. Havia velas acesas, e alguma deve ter sido derrubada porque, de repente, o quarto começou a pegar fogo. — Ele balança a cabeça. — A parede de chamas me separou de Paedyn, e quando eu finalmente consegui ultrapassá-la… Blair estava… — Lenny engole em seco, com os olhos castanhos marejados. — Eu cuidei do corpo.

Giro na direção do meu Imperial.

— Você deveria ter impedido isso!

Lenny encara o chão.

— Senhor, eu…

— Não foi culpa dele — interrompe Paedyn, a voz fraca. — Ele não poderia impedir. Eu… eu não deixaria que ele impedisse.

Encaro-a.

— Ainda assim, você foi atrás dela, não foi?

A raiva no rosto de Paedyn não mascara a culpa que está por trás. Sei como é se perder na fúria, no poder de controlar o destino de outra pessoa. E vejo isso refletido nas feições dela. Minha voz é um murmúrio de consolo.

— Ah, Pae.

Um Curador dá um passo à frente, sério.

— Bem, foi uma coisa boa a srta. Gray sair quando saiu. Se demorasse um pouquinho mais…

— Eu sei — digo, ríspido.

— Ela precisa descansar. — Quem diz isso é Calum, mas não me incomodo em olhar para ele. — Precisa se curar.

— Estou bem — murmura Paedyn para mim, em um tom levemente tranquilizador.

Uma mão no meu ombro faz com que eu me vire. A expressão de Kitt é séria.

— Foi um acidente terrível. É o que será dito ao pai dela e ao restante da corte. Eu… vou dar um jeito de encobrir isso.

Assinto, porque é o que ele deseja.

Fico de pé, porque a expressão dos olhos de Paedyn diz que ela irá me encontrar mais tarde.

Então eu saio, porque não devo demonstrar preocupação por ela.



Nem ao menos fico surpreso quando ela irrompe no meu quarto.

Estive acordado durante horas, andando de um lado para o outro no escuro e esperando que ela entrasse para iluminar o espaço.

— Cadê sua espada? Preciso bater em alguma coisa.

Essa criatura é um raio de sol.

Apoio as costas num balaústre da cama.

— Imagino que você esteja se sentindo melhor, certo?

Paedyn sopra o cabelo úmido de cima dos olhos.

— Aquele Curador me obrigou a ficar sentada durante horas, mesmo depois de cuidar das queimaduras — responde ela, gesticulando. — Falou alguma coisa sobre a fumaça nos pulmões.

Assinto devagar.

— O que aconteceu com aquele papo de a gente manter distância?

— Estou fazendo uma exceção.

— Porque está com vontade de bater em alguma coisa?

— É. — Ela dá um sorriso presunçoso. — E, pela primeira vez, não é em você.

— Na verdade isso me ofende um pouco.

Ela balança a cabeça, distraída.

— Preciso extravasar um pouco. — Sou perfurado por um olhar penetrante. — Espada?

Lutando contra um sorriso, pego uma espada gasta ao lado da escrivaninha.

— E o motivo por trás dessa súbita ânsia de violência?

— Súbita? — Ela bufa. — Eu já venho enchendo você de porrada há muito tempo, príncipe.

Ponho a espada na mão dela. Nossos corpos estão próximos.

— Talvez eu sinta falta disso.

O sorriso dela é malicioso.

— Talvez você tenha outra oportunidade de perder logo, logo.

Minha resposta se perde no som de aço cortando madeira. Ela solta uma chuva de golpes contra o balaústre já mutilado. De novo e de novo, a espada afunda na madeira arrebentada, espalhando lascas.

Seguro seu braço, imobilizando os músculos tensos antes que ela possa golpear de novo. O cabelo prateado bate no meu rosto quando Paedyn gira, as bochechas rosadas de raiva.

— O quê?!

Seu tom é cortante, querendo me afastar com as palavras, mas não consegue — eu gostaria que conseguisse. A vida seria muito mais fácil se eu não quisesse viver com ela. Mas nada tão incrivelmente formidável permaneceria indesejado.

— Pae. — Deixo que ela veja a preocupação no meu rosto. Deixo que veja a devoção de onde brota o sentimento. Deixo que veja tudo que não sou e o pouco que sou. — O que está acontecendo de verdade?

Os cílios dela estremecem. Vejo-a baixar os olhos até meu peito, inexpressiva.

— Eu matei a Blair. Eu… eu agi como um monstro. A pele dela estava derretendo embaixo da minha mão e ainda assim eu… — Pae suga o ar com força. — Nunca fui tão má. É aterrorizante, essa pessoa

que eu me tornei. Essa escuridão crescendo dentro de mim. E o pior de tudo... é que isso não ajudou — confessa ela, engasgada.

Meu coração dói de um modo que só doerá por ela.

— Eu sei.

— Achei que isso ajudaria a diminuir a dor — sussurra —, o buraco no meu coração onde Adena costumava ficar, mas ele continua lá. — Ela ergue os olhos, transbordando de lágrimas. — Enorme como no dia em que ela morreu nos meus braços.

— Eu sei — repito, odiando a dor no rosto dela.

— Isso não trouxe Adena de volta. — A espada cai no chão com um ruído, e as lágrimas de Paedyn caem junto. — Nunca vou tê-la de volta.

Abraço seu corpo trêmulo, apertando a boca contra o topo da sua cabeça.

— Eu sei, amor.

Lágrimas encharcam minha camisa, no entanto ela praticamente não faz nenhum som. Abraço-a com força, passando a mão pelo seu cabelo úmido e pelas costas. Pae se dissolve pressionada contra meu corpo, acalmada pelo toque e pelos muitos murmúrios junto ao seu cabelo.

No entanto, quando enrijeço a postura, ela ergue o rosto banhado em lágrimas na direção do meu.

— O que foi?

O poder borbulha embaixo da minha pele, um tão familiar que quase não percebo.

— Kitt está vindo.

— O quê? — Ela pisca antes de se separar de mim. — Pra cá? Agora?

Baixo a voz.

— É. E rápido.

A habilidade Dual de Kitt é algo que memorizei desde que era pequeno e seria capaz de identificá-la mesmo em uma multidão. No entanto, observando-a agora, alguma coisa parece indescritivelmente *errada*.

— E o que vamos fazer?

Olho de relance para o guarda-roupa.

Ela me dá um olhar inexpressivo.

— Você não pode estar falando sério.

— Gostaria que seu noivo encontrasse você aqui comigo?

Seu gemido frustrado é seguido por um exílio para o armário. Paedyn olha irritada enquanto eu a empurro no meio das roupas, esquecendo por um instante as lágrimas. Ela segura uma camisa particularmente colorida e levanta uma sobrancelha.

— Nunca vi você usar isso.

— É porque é do Jax — digo depressa. — Estou ganhando uma aposta. Não se preocupe com isso.

Ao vê-la bufar e balançar a cabeça, começo a fechar a porta na cara dela.

— Ah, tente não pisar nos meus sapatos — acrescento baixinho. — Acabei de mandar engraxá-los.

Praticamente posso sentir os olhos dela se revirando, mesmo com uma grossa camada de madeira entre nós. No entanto, mal consegui pegar a espada caída quando minha porta se abre com um rangido.

Kitt entra no quarto, hesitante.

— Ah, bom. Você está acordado.

Levanto a espada, em resposta.

— Só extravasando um pouco.

— Certo. — O rei parece distraído. — Bom, eu só queria passar para dizer que a terceira Prova vai acontecer amanhã.

Arregalo os olhos, chocado, do mesmo jeito que Paedyn deve estar fazendo no armário.

— Amanhã? Você não vai anunciar à corte?

Kitt esfrega a nuca. Seu olhar está distante, turvo.

— A intenção é ser… inesperada. Pelo menos para Paedyn. — Ele acrescenta rapidamente: — Vai acontecer na Arena.

— Sei. — Um instante de silêncio se estende entre nós antes de eu perguntar: — Kitt, você está bem?

Aquela sensação inquietante toma conta de mim outra vez quando seu poder se revira sob minha pele. Sustento o olhar do meu irmão, mas parece que ele não está me olhando. É como se tivesse recuado para dentro da própria mente.

— Hum? — Seu olhar desfocado passa sobre meu ombro. — Não. Não, ainda não — murmura ele, distante. — Não é hora… Precisa ser

na hora certa…

Olho para trás, não sentindo nada além do ar. Suas palavras murmuradas me fazem dar um passo à frente, preocupado.

— O que foi? Kitt, você está bem?

Os olhos verdes se voltam para mim. Ele pisca. Em seguida gruda um sorriso no rosto.

— Estou, não precisa se preocupar. Parece que eu preciso dormir mais um pouco. Só… só confie em mim. Está tudo sob controle.

Confirmo com a cabeça, apesar da preocupação.

— Claro. Eu confio totalmente em você.

Ele tosse. A risada que vem em seguida é genuína.

— Nunca duvidei disso.

Em seguida sua mão está na porta e o pensamento num lugar totalmente diferente.

— Você e eu, irmão.

— Você e eu — repito baixinho.

CAPÍTULO 42

Paedyn

Estou acordada muito antes da batida à minha porta.

Na verdade, já estou vestida e perdida em pensamentos quando meu acompanhante para a brutalidade chega. Mal dormi depois de sair do quarto de Kai ontem à noite, com os olhos arregalados de preocupação com o que precisarei fazer hoje para provar meu valor.

Respirando fundo, abro a porta. Lenny me examina com o olhar por trás da máscara, cerrando os olhos de leve ao me ver arrumada.

— Estou aqui para acompanhar você à terceira Prova? — Ele diz isso num tom de pergunta, como se não soubesse se é o primeiro a me informar a respeito.

Dou um sorriso tenso.

— Eu tive uma intuição. — Enfiando a adaga na bainha à cintura, acrescento casualmente: — Pronto?

— Não tanto quanto você — zomba ele. — Dormiu com essa roupa?

— Só estou pronta para acabar logo com isso — retruco, irritada.

— Bom, parece que você já está num clima brutal — murmura ele enquanto vamos andando pelo corredor comprido.

— Me… desculpe por ontem. — Olho para ele, hesitando. — Nunca foi minha intenção envolvê-lo nisso.

— E ainda bem que eu me envolvi — repreende ele. — Você quase morreu, Paedyn. E eu jamais poderia viver comigo mesmo se isso

acontecesse.

Suas palavras derrubam alguma coisa dentro de mim, talvez a indiferença de pedra que construí em volta do coração nos últimos tempos. Toco seu braço, na esperança de transmitir algo que minha língua não consegue verbalizar.

Lenny baixa os olhos para minha mão em seu braço, lançando um sorriso sério para meus dedos abertos sobre seu uniforme.

— E você pode lamentar por mim, mas sem dúvida não lamenta muito por Blair.

Engulo em seco e abro a boca.

— Não, não lamento. Quero dizer, também não estou feliz com o que eu fiz. Mas… — Eu me afasto, cruzando os braços. — Mas não me arrependo.

— Você foi… implacável. — Quando ele enfim diz a palavra cruel, eu me encolho. — Nunca a tinha visto assim.

— Nem eu. Daquele jeito, não. — Evito seu olhar. — Mas vislumbrei isso desde que fugi de Ilya. Eu… não me orgulho.

Ele assente, distante, o cabelo ruivo ondulando.

— Bom, agora você está livre dela.

— Você também — lembro.

— É. — Ele vira uma esquina, me puxando. — Ela não era muito má. Você só conhecia a parte dela que precisava ser.

Olho de soslaio para Lenny.

— Bom, você não parece chateado demais com o… falecimento dela.

Ele dá de ombros rigidamente.

— Eu vou vê-la de novo. Um dia.

Penso em zombar dessas palavras, porque duvido que Lenny vá para o lugar onde Blair está, mas de repente ele está dizendo outra frase, mais afável do que a anterior.

— Não fique nervosa hoje. Você vai arrasar.

Dou um leve gemido.

— Espero não ter que arrasar mais nada.

Saio à luz do sol, agora ainda mais ofuscante devido às dezenas de uniformes brancos impecáveis refletindo-a. Os Imperiais se aproximam, criando um casulo de corpos ao meu redor enquanto nos

dirigimos para a Arena. O caminho longo se estende diante de mim como se quisesse unir o passado a este presente sinistro.

A primeira vez que caminhei entre essa fileira de árvores de galhos baixos foi pela sobrevivência.

A segunda por uma promessa.

E agora por um título.

As flores cor-de-rosa que um dia caíram destas árvores estão mortas há muito tempo — não muito diferentes de tantas outras coisas desde então. Elas são esmagadas sob as minhas botas, uma mera lembrança apodrecida. Aperto em volta do corpo a promessa que fiz para Adena, sentindo a bainha esgarçada do que resta dela. Vejo sob meus pés as flores que um dia cobriram a cabeça de um príncipe, coroando-o muito antes de a minha brutalidade torná-lo rei.

Percorro o túnel de árvores com o olhar, cada uma me levando para o desconhecido.

Uma vez arrisquei a vida por um pedaço de Adena.

Agora, caminho em direção a um reino que não me quer.

Logo posso me sacrificar na esperança de significar, na morte, algo mais do que signifiquei em vida.

Caminhamos em silêncio, acompanhados apenas pelo som das pétalas esmagadas. Giro sem parar o anel no polegar, implorando que a argola de aço me acalme. Lenny continua ao meu lado, olhando de vez em quando para os meus dedos inquietos, mas o silêncio desaparece diante da visão da Arena.

Um ribombar distante aumenta a cada passo. As batidas de pés crescem, seguidas por uma orquestra de gritos. Meu coração bate no mesmo ritmo, como um tambor no meu ouvido enquanto entramos na sombra ameaçadora da Arena.

Meu olhar se demora ao lado de um dos muitos túneis que levam à estrutura de pedra. O corpo sem vida do rei se foi há muito tempo, o sangue foi lavado, mas a cicatriz acima do meu coração ainda arde com a lembrança de uma garota suja de lama à mercê de um monstro. Até que ela própria se tornou um.

Para onde quer que eu olhe, o passado se faz presente.

Ali nasceu um Executor. Parado junto ao corpo do pai, ele atirou uma faca com a mira de um guerreiro, mas com o maldito coração de

um tolo. Ainda sinto a lâmina cortando o ar ao meu lado, com apenas a intenção desviando-a da minha carne.

Aqui o Executor mandou que eu corresse. E eu corri.

Direto para os braços dele.

Agora nossos passos ecoam no túnel de pedra, a vastidão cinza nos levando para uma explosão de caos e cor. Um dia essa arena esteve cheia de membros da Resistência, coberta com o sangue dos que foram corajosos a ponto de lutar por si mesmos, mas fracos demais para vencer.

Os gritos abafados de milhares de pessoas crescem até se tornarem um rugido suave quando emerjo da pedra ao redor. O sol me espia, forçando minha mão a subir acima dos olhos lacrimejantes. Corpos se apinham em cada centímetro da Arena e eu inclino a cabeça para o céu, acompanhando a forma dessa esfera apinhada.

O medo agarra meu coração neste local familiar. Não volto à Arena desde que Adena morreu ali, desde que um pedaço de mim morreu entre essas paredes. O rugido de milhares de pessoas ávidas por um espetáculo faz meu estômago dar uma cambalhota violenta. Cada fibra do meu ser se encolhe quando penso em pôr o pé nesta arena de novo.

Os Imperiais me levam pelo caminho enquanto somos atingidos por gritos ensurdecedores. A plateia está ansiosa por um ato de brutalidade sangrenta, e com a súbita explosão de gritos animados na minha direção, todos provavelmente esperam que seja eu a derrotada.

Volto o olhar para o corrimão ao meu lado, então para ainda mais longe, para a vastidão de areia embaixo. Na última vez que vi esse Fosso, o local estava riscado com o sangue de Adena. Sinto meu estômago se revirar de novo enquanto examino o mar de areia branca em busca de qualquer sinal de uma mancha escarlate.

Nada.

Todos os traços da morte dela se foram, abandonaram este lugar para morar dentro de mim. Cada gota de sangue, cada pedido de socorro, cada momento que se passa sem ela está gravado na minha alma.

A caminhada ao redor do círculo nos leva até a caixa de vidro. Kitt está sentado confortavelmente lá dentro, ocupando o assento que era

do seu pai. E, como aconteceu com o rei antes dele, aqueles olhos verdes me prendem no caminho.

É como encarar um fantasma.

Passado e presente colidem para criar a mistura confusa que ele é. Não exatamente igual ao pai, mas também não exatamente como o rapaz que eu conhecia. Ele inclina a cabeça, quase um reflexo do homem que me transformou em assassina. E eu o cumprimento de volta, um mero mosaico de cada pedacinho de força e imprudência necessários para que eu esteja de pé aqui outra vez.

Então sinto mãos às minhas costas, me empurrando na direção do parapeito.

Kitt se levanta abruptamente, me olhando por trás do vidro imaculado antes que seus Imperiais possam me empurrar para o Fosso. Calum aparece junto dele, sorrindo sombriamente enquanto sou escoltada para o que pode ser a minha ruína.

Mesmo assim eu prendo o fôlego, olhando a boca do rei se abrir e seus olhos relampejar com arrependimento.

E então… nada.

Kitt se empertiga. Senta-se na poltrona acolchoada. Sorri de leve.

Pisco ao ver a mudança súbita. Perplexa com sua…

— Ei, princesa.

Levo um susto com os dedos que Lenny estala diante do meu rosto.

— Humm?

— Está ouvindo? — Ele é obrigado a gritar acima da multidão inquieta que nos engolfa. — Pegue isso e use. — O punho de uma espada é empurrado de súbito na palma da minha mão. — Acabe logo com isso e você vai ficar livre dessas Provas. Sei como você pode ser aterrorizante. Então… seja.

Concordo, entorpecida, o olhar grudado na arma afiada que estou segurando. Lenny estende a mão enluvada na direção do meu rosto e dá um tapinha suave.

— Preciso que você vença isso, está bem? Não deixe de ser uma barata agora, princesa.

Não faço ideia do que vou vencer. Não faço ideia se valerá a pena no final. Mas uma risada fraca me surpreende, o som enterrado no caos antes de alcançar meus ouvidos.

— Vou me esforçar.

— Depois disso — grita ele — não vou mais chamar você de princesa. — Seu sorriso é agridoce. — Vou ter que te chamar de rainha.

E então sou forçada a descer ao Fosso.

Tropeço nos degraus íngremes até que minhas botas finalmente afundam na areia. Cambaleando para trás, levanto a cabeça em direção à multidão em polvorosa. Estou ofegante, meu sangue lateja enquanto absorvo toda a arena com um giro lento.

O lugar é gigantesco, e aqui estou eu, engolida pelo simples tamanho e pelo som ao redor. O punho da espada fica suado na minha mão, a ponta afiada se arrasta na areia. Cânticos e gritos são abafados pelas batidas contínuas dos pés, como uma marcha de morte há muito esperada. A luz do sol pesa nos meus braços, esquentando a pele desnuda com sua presença próxima. Parece que até o céu está se inclinando para testemunhar minha brutalidade ou o final brutal que vou encontrar.

Estreito os olhos na direção da caixa lá em cima, vendo o rei sair para o caminho circular. Uma familiar cabeleira azul-petróleo brilha ao lado dele, e quando a Amplificadora pousa a mão no ombro de Kitt, a arena fica em silêncio.

— Bem-vindos, ilyanos, à última Prova de Paedyn Gray. Aqui — declara ele, calmo — testaremos a brutalidade dela.

A multidão explode ouvindo essas palavras, sedenta por sangue e ávida por um espetáculo fascinante. Kitt aquieta a todos com a mão levantada antes de prosseguir:

— Se Paedyn conseguir terminar esta Prova, terá demonstrado que é brava, benevolente e brutal. Essas são as três características que, segundo meu pai, formam um bom governante. Se ela tiver sucesso hoje… — o olhar de Kitt me prende ao piso do Fosso — … Ilya terá sua rainha.

Um rugido rasga a arena, e tenho quase certeza de que não é para me animar. Homens e mulheres se levantam nos bancos, sacudindo punhos e gritando palavrões. Meu olhar percorre a multidão ruidosa até que estou, para a minha surpresa, olhando para mim.

Minha expressão examinadora está projetada numa tela grande acima do Fosso para que até mesmo os expectadores nas arquibancadas possam ver com clareza. Meu olhar atravessa a areia, pousando nos Visores que projetam o que veem. Quatro deles estão do outro lado do Fosso, mas apenas três me espiam com olhos vítreos e braços erguidos. Com capas brancas ondulando à brisa suave, seus olhares pesados provocam um arrepio na minha coluna, fazendo com que minhas entranhas sejam tomadas pelo pavor.

— Como governante — continua Kitt, a voz ecoando acima do caos —, com frequência a brutalidade é necessária. Assim, esta Prova será uma luta até a morte.

Minha respiração fica presa. A garganta seca.

Até a morte.

Preciso matar alguém.

Os gritos da multidão são abafados pelo zumbido súbito nos meus ouvidos. Eu me viro lentamente em direção à caixa de vidro e encontro um rei me espiando de volta.

Não o meu amigo. Não o meu noivo. Apenas um rei que ordenou que eu fosse sua assassina.

E de repente sei como Kai deve se sentir.

Meus joelhos enfraquecem com o pensamento.

Kai.

Examino às pressas a caixa de vidro, procurando qualquer sinal da sua figura familiar. Uma mecha de cabelos pretos encaracolados. Um vislumbre daquelas covinhas malditas. Um brilho daquele olhar metido a besta.

— Tragam o oponente!

Todo o meu corpo fica entorpecido ao ouvir as palavras do rei.

A multidão ofega, o choque escorre entre os dedos que apertam as bocas escancaradas.

Não vou me virar. Não *posso* me virar.

A multidão explode com uma súbita onda de empolgação nauseante quando a voz do rei troveja na arena.

— Uma Comum contra todos os Notáveis. O teste final.

Balanço a cabeça e fecho os olhos, espremendo o mundo cruel do lado de fora.

Isso é um pesadelo. Isso é fingimento.

O barulho dos passos atrás de mim, na areia, aumenta.

Pressiono a mão contra meu coração, que bate forte, sentindo o peito subir e descer rapidamente.

Isso é fingimento. Isso é…

— Paedyn.

Sinto o momento exato em que meu coração se despedaça.

E quando me viro, meu olhar se choca contra os olhos que conheço bem.

Quando a névoa encontra o mar mais profundo.

Quando uma Sombra encontra sua Chama.

Quando a inevitabilidade encontra seu fim.

Quando olho o rosto da coisa que mais amo.

CAPÍTULO 43

Paedyn

A espada treme na minha mão.

Devo cravá-la no peito dele.

— Não.

A palavra é um sussurro engasgado, e não o grito que eu pretendia dar. É incredulidade, negação em sua forma mais dócil. Estou balançando a cabeça para ele, os pés recuando, trêmulos.

Esse não é um oponente. É o rapaz que trança meu cabelo e dança por nós dois. O rapaz que me seguiria até os confins da terra se isso significasse que poderia me abraçar mais uma vez. É um homem que enterraria outro por mim — que *se enterraria*, se eu pedisse.

Ele é louco por mim. É o meu louco.

Isso não pode estar acontecendo. Por que Kitt permitiria isso?

Kai levanta a mão, me acalmando.

— Paedyn…

— Não! — O grito é arrancado da minha garganta, fazendo brotar lágrimas nos meus olhos.

Então me viro, levantando a fúria em direção ao parapeito lá em cima. E quando meu olhar se choca contra aqueles olhos verdes e frios, de repente não consigo me lembrar de para qual rei estou olhando.

— Não! Não vou fazer isso!

A arena ruge junto comigo, no caso dela, porém, ansiosa por ver seu poderoso Executor me matar. Cambaleio na areia, aparentemente

incapaz de sugar o ar para os pulmões. Lágrimas queimam nos meus olhos; a raiva entope minha garganta.

Isso é um pesadelo. É fingimento.

Nunca mais deveríamos lutar um contra o outro.

Uma mão áspera puxa meu ombro, me virando para encarar a expressão séria de Kai.

— Preciso que você se concentre, está bem? — Assinto furiosamente diante das palavras rápidas. — A gente precisa fazer essa luta parecer boa, para eles acreditarem. Então você precisa se virar sozinha para sobreviver contra qualquer poder que eu usar. — Ele assente para a arena ao redor. — O Abafador foi retirado. Eles querem ver você lutar contra Notáveis.

Engulo em seco com um tremor.

— Eles querem me ver morrer.

Kai vira os olhos na minha direção, como se me visse pela primeira vez. Ou talvez pela última.

— Então não morra.

Vejo sua pele se transformar em pedra, depois vejo seu punho voar na direção do meu rosto.

Mal consigo me abaixar a tempo. O sopro de ar acima da cabeça me faz ofegar. Pulo para longe de um gancho contra o estômago, baixando a espada e por pouco evitando várias costelas quebradas. Ele pega o poder de um Concha e gira, dando uma combinação de socos, me colocando na defensiva. Não posso fazer nada além de me esquivar, e sua pele que parece de pedra torna impossível eu acertar um soco.

O Executor é implacável. Dá incontáveis socos de pedra até que um acerta meu ombro. Grito de dor quando um osso estala sob um golpe dos dedos dele. A multidão ruge nos meus ouvidos enquanto eu seguro o braço, obrigada a me abaixar sob outro punho voando.

Cambaleio para longe dos ataques, consciente apenas do ombro latejando sob os dedos. Quando minhas costas batem na alta parede do Fosso, o pânico cresce por dentro de mim.

Estou encurralada.

— Kai…!

Sufoco o grito, forçada a me abaixar sob outro golpe com as palavras penduradas na ponta da língua. Seu punho afunda na pedra

atrás de mim, despedaçando-a. Ofegando, vejo-o lutar para se soltar da parede, fazendo pedaços de pedra voarem.

Então Kai se vira para mim, os olhos cinza saltando na direção do meu braço machucado. Suas palavras são praticamente devoradas pela multidão furiosa.

— Vamos, Paedyn. A gente precisa fazer essa luta parecer boa.

Deixo a mão descer devagar do ombro dolorido e assinto de leve.

Aqui somos inimigos. Estamos fingindo.

E, se vou morrer, será num tremendo espetáculo.

Kai assente de volta. Então suas mãos se acendem com fogo.

Assumo uma familiar postura de luta, balançando os dedos ao lado do corpo. Quando Kai atira a primeira bola de fogo, me abaixo e rolo para trás dele. A areia se gruda em cada centímetro do meu corpo, mas por enquanto não me incomodo em ficar de pé. Giro uma perna e acerto os tornozelos de Kai com força suficiente para derrubá-lo ao meu lado.

A areia compacta em que ele bate faz o ar sair dos seus pulmões e um gemido coletivo ecoar na multidão. Em seguida me jogo em cima dele, recuando o braço que não está ferido e mandando o punho contra o seu rosto. Acerto sua mandíbula com os nós dos dedos, seguidos por uma dor ardente que desce pela minha mão.

É estranho acertá-lo assim, com força e de propósito. Mesmo quando éramos inimigos, uma parte de mim sempre se continha. Porque essa parte sempre pertencia ao Executor, e talvez eu não quisesse quebrá-la. Mas agora, nesta arena, nunca tive mais consciência da morte que espreita dentro das veias dele. O poder se dobra à sua vontade, ansioso para obedecer.

Nunca o vi não demonstrar um ponto fraco na minha presença. Parece que o dia é hoje. Seu desejo de que eu sobreviva parece ter apagado qualquer outro sentimento que tem por mim. Kai está perdido neste jogo, no poder que ele evitou usar contra mim por tanto tempo. Mas o Executor sabe que não pode perder a luta de propósito, caso contrário posso ser morta de qualquer modo, levando nós dois à morte em troca de nada.

Dobro o braço de novo, pronta para golpear, quando seus dedos envolvem meu pulso. Uma dor lancinante, quente, se acende embaixo

da palma da mão de Kai quando a habilidade de Labareda queima minha pele. Mal consigo conter o grito, mal consigo pensar em meio à dor ofuscante.

O cheiro de carne queimada inunda meus sentidos antes que uma onda de náusea me acerte com força. Ontem mesmo esse fedor acompanhou minha fúria enquanto eu segurava o rosto de Blair contra as chamas. Agora sou eu que estou queimando.

Ofego antes de dar uma joelhada no cotovelo que está levantado. Sua mão escaldante se afasta no momento em que escuto o osso se partindo. O estalo nauseante é acompanhado por um grunhido de dor brotando entre os dentes cerrados de Kai.

Estremeço, odiando machucá-lo, odiando que estejamos nessa situação. Mas forço meu braço que arde a recuar, pronta para…

Seu braço incólume voa contra a minha barriga, levantando meus joelhos da areia. O soco me deixa sem ar enquanto meu corpo balança ao ser erguido do chão. Somente a força de um Robusto poderia permitir que ele me levantasse com tanta facilidade.

Estou voando por cima da cabeça dele, com a areia soprada na direção do meu rosto. A mão de Kai ainda está comprimida contra a minha barriga, guiando meu corpo por cima do dele enquanto agarro seu pulso. Abaixo o queixo e choco contra o chão, rolando de costas no mesmo instante em que puxo seu braço quebrado contra o meu ombro.

Ele grita de dor quando o osso quebrado se projeta através da pele ensanguentada. Seguro seu braço nesse ângulo estranho, fechando os olhos diante do dano que causei. Nossas cabeças estão quase se tocando, nossos corpos esparramados em direções opostas, os dois ofegando na areia.

Até que não consigo mais.

Uma trepadeira cheia de espinhos brota do chão e aperta minha garganta. Um grito engasgado escapa da minha boca aberta antes que o ar seja arrancado dela. Os galhos com espinhos rasgam meu pescoço enquanto Kai se desvencilha do meu aperto. Ele se levanta cambaleando, usando a habilidade de Cultivador com um movimento rápido da mão.

Tateio em busca da adaga na cintura quando as trepadeiras apertam minha garganta. O sangue escorre entre as folhas, os espinhos rasgando minha pele, famintos. Uma escuridão pesada se esgueira nos cantos da minha visão enquanto levanto a lâmina em direção ao pescoço.

Com um movimento trêmulo, corto a trepadeira que me sufoca. A ponta da adaga raspa a lateral do meu pescoço, provavelmente deixando o que será outra cicatriz. As plantas esfomeadas caem frouxas da minha pele sangrenta e afundam de volta para baixo da terra arenosa de onde brotaram.

Permaneço no chão, ofegando de dor enquanto o sangue pinga da minha garganta machucada. Meu olhar turvo está fixo no céu sem nuvens lá em cima, até que o zumbindo nos ouvidos cessa e o rugido surdo da multidão me lembra de onde estou. Com um grunhido, me levanto apoiada nas palmas das mãos, os olhos pousando na figura alta de Kai.

Ele passa a mão sobre o osso partido abaixo do cotovelo, encolhendo-se ligeiramente. Meus olhos se arregalam quando o braço frouxo se encaixa de volta no lugar com um estalo satisfatório. Kai suspira aliviado antes de abandonar o poder de Curador em troca de…

O Executor se multiplica, criando uma parede de músculos e uma dúzia de olhares tempestuosos me encarando.

Clonador.

Recuo engatinhando, as palmas afundando na areia quente. Meu olhar frenético percorre a arena, procurando algum plano antes de pousar em alguma coisa que brilha a alguns palmos de distância. Então estou de pé, sem firmeza, o sangue pingando dos cortes na garganta e riscando um caminho escarlate entre os meus seios. Passo a mão por cima, sem fazer nada além de grudar areia na pele pegajosa.

Os Kais começam a se aproximar, os passos poderosos me fazendo correr. Salto na direção da espada, meus dedos envolvendo o punho e…

Uma bota gasta pisa na lâmina.

Um grito frustrado rasga minha garganta enquanto acerto um chute no joelho do clone. Ossos estalam com o impacto, mas antes que ele possa tombar na areia, outro Kai me puxa para trás. Há uma mão

calejada no meu ombro, mas quando dou uma cotovelada no queixo, atrás, o aperto se afrouxa. Aproveitando o choque, agarro esse braço, piso no peito dele e junto ímpeto suficiente para jogá-lo por cima do meu ombro que não está ferido.

Mal escuto os berros da multidão, com o sangue latejando nos ouvidos. Ao me virar, pego a espada e a levanto entre meu corpo ensanguentado e vários Kais me rodeando.

Fique calma. Encontre o verdadeiro Executor.

Meu olhar salta sobre eles, estudando cada figura familiar. A "habilidade Psíquica", com a qual sobrevivi por pouco, esteve enterrada nas últimas semanas, mas agora deixo-a subir à superfície, uma torrente de observações e comparações.

Assim, quando meu olhar se cruza com um olhar acinzentado em particular, sei que o encontrei.

Sua mão se demora logo acima do braço que quebrei, como se o osso não tivesse se curado direito. E essa dor pertence apenas a ele.

Estou largando a espada de novo e brandindo a adaga sangrenta com a mão tão manchada quanto. Um clone me ataca no instante em que lanço a adaga.

O tempo desacelera. Kai estende a mão para mim, os dedos roçando na minha garganta. O aço frio da minha adaga afunda no alvo. Os clones desaparecem quando Kai cambaleia para trás, com uma lâmina cravada no ombro.

Solto o ar, tremendo, antes de levantar a mão e passar os dedos trêmulos em meu pescoço, que lateja de dor, como se para garantir que a cabeça ainda está presa no lugar. Engolindo em seco, vejo Kai arrancar a lâmina da carne com um grunhido de dor. Ele a joga de lado, e o sangue jorra do ferimento aberto.

Mesmo ciente de que a habilidade de Curador repousa na ponta dos dedos dele, não pude me obrigar a mirar o coração. Tudo nessa luta já parece real demais, e se eu enterrasse a adaga no peito de Kai, acho que um pedaço de mim morreria no lugar dele.

Nossos olhares se encontram por cima do trecho de areia, o sangue pingando das feridas que infligimos um ao outro. O corte feio no lábio de Kai é evidente mesmo a essa distância, assim como o ferimento

profundo da adaga acima da clavícula. Cambaleio embaixo do sol forte, o ombro doendo e a garganta latejando.

Em meio à dor consigo dar um pequeno sorriso, um que é só para ele. Um sorriso para garantir que nosso fingimento não passa disso. Somente essa plateia me mantém lutando contra o Executor quando tudo o que desejo é desmoronar de encontro a ele.

Minha alma está irremediavelmente amarrada a Kai.

Então, quando ele Pisca de repente, desaparecendo diante dos meus olhos, se teleporta para trás de mim e me dá uma joelhada nas costas, considero pela primeira vez que talvez seja eu a tola dessa história.

Meu corpo bate com força na areia, quase engolindo um punhado quando o rosto raspa contra os grãos ásperos. Um chute nas costelas me faz rolar de costas, tossindo sangue. Através de uma névoa turva, vejo Kai parado acima de mim, com a expressão ilegível.

Não é ele. É como se cada emoção fosse abafada. Como se outra coisa, que não o fingimento, estivesse guiando cada golpe.

Talvez ele realmente queira me ver morta.

Outro chute na barriga.

Talvez ele tenha me odiado esse tempo todo pelo que fiz com seu pai…

Me enrolo em posição fetal quando o bico da sua bota afunda no meu estômago de novo.

Pelo que fiz com seu irmão…

Alguma coisa se parte dentro de mim, e não tenho certeza se é meu coração ou uma costela.

Pelo que fiz com ele.

Um grito estrangulado sobe pela minha garganta, um misto de dor e pânico. Golpeio com as forças que me restam, erguendo um dos pés na direção de seu joelho. Minha bota colide com o campo de força reluzente de um Escudo, o brilho arroxeado bloqueia o meu ataque.

Com os olhos arregalados, levanto a cabeça devagar, sentindo medo do que verei no rosto dele, porém mais aterrorizada ainda com a possibilidade de não ver nada ali quando ele me olhar. O sol está escondido atrás da sua figura ameaçadora, mas os raios atravessam o cabelo ondulado formando um halo, como se eu estivesse diante do Anjo da Morte.

Desde que roubei aquelas pratas na Alameda até que fugi da sua perseguição através do Deserto Escaldante, nunca tive tanto medo dele quanto neste momento. É o Executor que me encara, e não o Kai que conta minhas sardas. É o Arauto da Morte que está neste Fosso, e não o homem capaz de caçar qualquer um que ousasse me machucar.

Isso é uma ordem? Será que Kitt ordenou que ele me matasse?

O terror me atravessa, uma emoção que não estou acostumada a sentir na presença de Kai. Rolo para baixo, cravo os dedos na areia quente e abandono toda a dignidade. Ofegando, me arrasto para longe dele, com lágrimas ardendo nos olhos.

Um soluço súbito me escapa, sacudindo meu corpo ensanguentado enquanto tento me afastar, sem esperanças. Meu ombro dói com o esforço para sustentar meu peso. O sangue pinga do meu pescoço, salpicando a areia.

A sombra do Executor recai sobre mim e o terror aperta o coração que um dia sentiu apenas amor por ele. Kai é a devastação vestida com a casca da devoção.

Então é assim. No final, um Azer sempre escolherá o dever — e é isso que minha morte acaba de se tornar.

Risadas ecoam a toda volta, abafadas apenas pelos meus pensamentos acelerados. Os Notáveis berram para minha figura encolhida, entoam cânticos para seu Executor acabar comigo, e pela primeira vez na vida não tenho medo da morte.

Tenho medo dele.

Arrastando os dedos na areia, agarro o suficiente para jogar contra o rosto impassível que paira lá em cima. Sua sombra cambaleia para trás antes de eu conseguir me colocar de pé de supetão, com areia voando dos calcanhares enquanto cambaleio para longe. A dor golpeia meu corpo, quase me lançando de volta para o chão. Mas eu corro, com as lágrimas fazendo o mesmo nas bochechas sangrentas. Meus pulmões queimam enquanto tento engolir o ar denso…

A areia explode ao meu lado.

Sou jogada para trás com o impacto, e parte do Fosso voa junto comigo. Sinto que estou gritando, mas não ouço nada através do zumbido agudo nos ouvidos. Meu corpo colide com o chão e rola, e quase sou acertada por outra explosão.

Kai assumiu a forma de um Incendiário. E vai me explodir em pedaços.

Tudo está nebuloso. Tento ficar de pé, mas meu equilíbrio falha, como se eu tentasse agarrar o vento entre os dedos. O mundo está abafado. O sangue escorre dos meus ouvidos que zumbem enquanto começo a correr, cambaleando. O chão se inclina embaixo de mim a cada passo, mas forço os pés em frente, tentando ser mais rápida do que o inevitável.

Outra explosão faz a areia afundar embaixo dos meus pés. Grito ao torcer o tornozelo antes de cair de repente no abismo que afunda. A areia quente me envolve, subindo depressa pelo meu corpo enquanto escorrego cada vez mais para dentro do buraco.

Estou tentando respirar, balançando os braços em busca da superfície. Isso só me faz afundar mais rápido. A areia sobe, ardendo no meu pescoço em carne viva e me prendendo ali. Outro grito brota de mim, desta vez um pedido desesperado a ele. Ao rapaz que amo, e não ao homem que recebeu a ordem de me transformar em sua próxima missão a ser realizada.

— Kai!

Minha voz falha e a areia escorrega por cima do meu queixo.

Vou ser enterrada viva.

CAPÍTULO 44

Kai

Revide, Pae.
Preciso que você revide.

CAPÍTULO 45

Paedyn

O Fosso está me engolindo inteira, no entanto meu olhar jamais se afasta do rosto dele.

Respiro fundo, pronta para afundar dois metros numa sepultura de areia.

Fecho os olhos e, por um momento, vejo os de Adena me encarando de volta. Ela faz com que eu me sinta em casa. Vejo meu pai com um sorriso nos lábios e um livro na mão. É como estar em segurança. O momento pacífico é fugaz.

Uma mão invisível me arrasta para fora das garras da morte.

Irrompo da areia, o poder de Tele de Kai me segurando com força. As pontas das minhas botas pairam acima da areia enquanto tusso, tentando recuperar o fôlego. A areia áspera cobre cada centímetro de mim. Enche minha boca, se agarra nos meus cílios e gruda na minha pele ensanguentada.

Sou puxada para a frente, o corpo voando na direção dele. O rugido da multidão consegue atravessar o zumbido nos meus ouvidos enquanto o ar gira ao meu redor, fazendo a areia voar da pele. Forço os olhos turvos a focar por tempo suficiente para ver Kai desembainhar a espada da cintura.

Meu coração falha, doendo assim como o resto do corpo.

Ele levanta a espada comprida, mirando o peito que é puxado em sua direção.

Na verdade, este final para a minha luta pela sobrevivência é apropriado.

Fecho os olhos de novo, deixando que ele me carregue para a morte, na esperança de que Adena e meu pai estejam lá, do outro lado dessa lâmina.

Então uma mão bate no meu ombro, interrompendo meu destino.

Gritos são abafados, o mundo silencia e estamos no centro dele.

Vejo três coisas depois de juntar forças para abrir os olhos.

A primeira é a ponta de uma espada, pairando a centímetros do meu peito.

A segunda é mais como um vislumbre extracorpóreo da cena que criamos. Meu corpo continua pairando acima do chão, suspenso por nada mais do que a mente de Kai e uma habilidade emprestada. Apesar disso, uma das mãos dele segura meu ombro que não está ferido, como se quisesse me impedir de ser atingida antes que ele possa me olhar nos olhos.

E a terceira…

A terceira coisa que vejo é sua expressão. É conflituosa, uma mistura de determinação e compaixão contorcendo o rosto numa careta. Ele parece estar lutando contra a própria mente. A mão treme e a espada a acompanha, furando minha pele. Ainda assim, jamais afasto os olhos da tempestade que cresce nos de Kai, aterrorizada com a possibilidade de ele não ser a última coisa que vejo.

— Tudo bem — sussurro, a voz tão abalada quanto o corpo que ainda paira diante dele. Os bicos das minhas botas sussurram acima da areia na qual meu sangue pinga. — Adena morreu aqui. Quero morrer aqui também. — O sangue escorre dos meus ouvidos, misturando-se com as lágrimas que descem pelo meu rosto. — Eu não pude salvá-la naquele dia, mas posso salvar você agora.

Kai fica paralisado, os olhos se enchendo de lágrimas. Estendo a mão lentamente para ele, interrompendo o balanço curto da sua cabeça. Pouso a mão ensanguentada com gentileza no peito sobre o coração acelerado.

— No peito, lembra? — Uma lágrima rola pelo meu rosto, abrindo caminho pela areia grudada. — É assim que quero morrer. Como as pessoas que eu amei.

O Executor desmorona.

Lágrimas escorrem pelo seu rosto quando a emoção finalmente racha a máscara grossa que ele vestiu. O poder de Tele que me segura é interrompido, permitindo que meus pés batam na areia — mas eu caio de joelhos. Kai faz o mesmo, deixando a espada escorregar dos dedos.

Nós nos encaramos, os joelhos se tocando e as lágrimas escorrendo.

O sussurro dele é engasgado.

— Desculpe.

— Você é o Executor — consigo dizer. — Uma Comum jamais venceria isso.

Ele balança a cabeça para mim.

— Mas você não é exatamente comum, é? — Em seguida, com uma respiração firme, ele ordena: — Agora me siga.

Kai fica de pé com uma facilidade de dar inveja. Meu corpo implora pelo descanso, mas eu ordeno que ele se levante. Com os membros trêmulos, corrijo a postura diante do Executor.

A aprovação da turba ecoa nos meus ouvidos ensanguentados, o suficiente para que eu vire o olhar para as arquibancadas. Fileiras de ilyanos frenéticos se levantam, todos na expectativa da minha morte iminente. Até o sol espia por cima deles, curioso a ponto de interromper sua caminhada pelo céu.

Quando meus olhos cansados se voltam para Kai, ele assente uma vez e diz rapidamente:

— Gancho de direita.

As palavras são seguidas por um punho voando para o meu rosto.

Eu me esquivo, balançando para a esquerda depois de seu aviso. Atônita, quase não o ouço murmurar:

— Soco.

De novo estou ouvindo suas palavras e saltando para trás antes que ele acerte um soco no meu estômago.

— Boa. — Ele ofega. — Agora me acerte. Cruzado, gancho de direita.

Eu me abaixo sob seu cruzado antes de bloquear o gancho com o antebraço. Isso deixa seu peito exposto o suficiente para eu dar um chute forte que o faz cambalear. Aproveito a deixa, erguendo outra

bota contra a lateral de seu corpo. Ele segura minha perna, apertando-a com força enquanto gira e me joga na areia.

De repente, seu calcanhar se volta na direção do meu peito, mas consigo rolar para fora do caminho. Estou de pé antes que ele dê outro soco, que aparo segurando seu pulso por cima do ombro. Em seguida ergo o joelho na direção de sua barriga.

Ouço o ar saindo dos pulmões dele quando meu golpe acerta. Minha mão livre está atrás do seu pescoço enquanto cravo o joelho nele de novo e de novo. Grunhindo com o esforço, empurro sua cabeça para baixo e passo a perna por cima, apertando a nuca, enquanto a outra se levanta, enganchando-se embaixo do queixo.

O impulso joga nós dois no chão e eu me encolho antes que a areia acerte minhas costas. Preso com força entre minhas pernas, Kai foi jogado no chão enquanto eu rolei e fiquei de pé.

O Executor mal consegue ficar de joelhos quando desfiro um chute contra seu maxilar. Ofegante, ele bloqueia o chute depressa, mas já estou prestes a golpear sua têmpora com um gancho. Então ele se esquiva e agarra meu pulso antes de acertar meu estômago com um dos ombros.

De repente, meus pés se afastaram da areia. No tempo de um batimento cardíaco, ele envolveu minha coxa com uma das mãos e me jogou atravessada sobre o ombro. Levantando-se, ele se inclina para trás, empurrando minhas pernas para cima numa espécie de salto mortal grosseiro que me lança no chão.

O pouco de ar nos meus pulmões sai num jato. Um acesso de tosse se apodera de mim enquanto encaro o céu, com cada centímetro do corpo latejando. Mal percebo Kai pegando minha adaga esquecida, mal me incomodo quando ele a aponta para mim.

— Vamos, Paedyn — encoraja ele. — Não desista ainda.

Volto os olhos para a tela acima da arena e me deparo com meu rosto ensanguentado me encarando de volta. Pareço cansada — cansada demais de sobreviver. Pela primeira vez quero me livrar da minha luta.

Mas, por Kai, dou a mim mesma uma morte digna de ser lembrada. Ergo a perna de repente, acertando a mão que segura minha adaga. O

impacto faz a arma voar dos dedos dele. A prata brilha ao sol enquanto a lâmina se crava na areia ao meu lado.

Não desperdiço essa súbita migalha de força. Engancho o outro pé atrás de um dos pés de Kai e puxo com toda a força que consigo reunir.

Assim como fiz com o rei, repito os mesmos movimentos com o filho dele.

Kai se choca com a areia enquanto tento pegar a adaga. Estou passando uma perna por cima dele, montando em seu corpo como fiz tantas vezes. Com a arma na mão, fico sobre ele, com a vitória à distância do cravar de uma lâmina.

Em vez disso, vejo os olhos cinza se arregalarem quando ponho o cabo da adaga na sua mão.

Meus dedos envolvem os dele, no desejo de segurá-los pela última vez. A lâmina aponta para o meu peito, a centímetros do coração acelerado.

— Tudo bem — sussurro. — Estou pronta. Estive pronta a vida toda.

Ele balança a cabeça, erguendo-a de leve da areia.

— E se eu quiser salvar você hoje? — A adaga se vira, com a mão de Kai guiando a ponta para o próprio peito. — Talvez isso ajude a compensar por cada vez que não pude salvar outra pessoa.

— Não — engasgo. A ponta da lâmina chega perigosamente perto do peito dele enquanto luto em vão contra sua força. — Não. Para com isso.

Seu olhar permanece fixo no meu.

— Está tudo bem.

— Não! — ofego, agora usando as duas mãos para segurar a dele. Lágrimas turvam minha visão da cena nauseante. — Kai, para!

A ponta da adaga toca o peito dele.

Agora estou implorando:

— Por favor! Kai, eu preciso de você!

— Está tudo bem — repete ele baixinho. — Tudo vai ficar bem. Só me ajude agora.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Será que estou respirando?

— Não, não vou! — Tento tirar minhas mãos da adaga, mas ele ergue a mão livre, apertando as minhas.

O aço fura sua pele.

— Não! — Luto contra ele, tentando arrancar a adaga de onde ela começou a penetrar no seu peito com um som desconcertante. — Não, por favor! — Luto com toda força contra a lenta fatalidade. Não adianta.

A lâmina penetra mais fundo, fazendo o sangue brotar do ferimento cada vez mais. Minhas lágrimas caem na poça carmesim, os soluços rasgam minha garganta áspera.

Pela última, vez ele sussurra:

— Está tudo bem. Foi uma boa luta.

E então a lâmina se enterra até o cabo.

Eu grito.

É o som do meu coração se despedaçando. Sinto os cacos se espalhando no meu peito, furando os pulmões incapazes de respirar. Estou sufocando na incredulidade, agarrando os fiapos de uma vida que eu queria viver ao lado dele.

O caráter definitivo deste momento é arrepiante a ponto de silenciar as vozes das milhares de pessoas ao redor.

— Não, não, não… — Minhas mãos trêmulas pressionam o ferimento, o sangue manchando as palmas e fazendo meu nariz arder.

Os olhos de Kai estão voltados para o céu, a lividez tomando conta deles.

— Pode arrancá-la pra mim? — Sua voz estremecida é acompanhada por um fio de sangue no canto da boca. — Quero que fique com ela.

Saio de cima dele, o corpo tremendo enquanto me movimento na areia. Gentilmente, ponho sua cabeça no meu colo.

— Não, eu… eu preciso que você se cure — imploro, a voz embargada. — Kai, você precisa se curar por mim.

Ele consegue balançar a cabeça sutilmente.

— Não sou muito bom em curar. — Seu sorriso é sutil. — Não tenho… prática suficiente. — Uma tosse áspera faz o sangue brotar da sua boca. — Além disso… não há como curar essa… dor.

— Não. — A palavra parece inútil demais ao deixar meus lábios trêmulos. — Socorro! — Levanto o olhar frenético para a multidão

silenciosa. — Alguém me ajuda! Eu… eu preciso de um Curador! — Meus gritos ecoam na arena, inútil nos rostos dos que não se dispõem a ajudar. — Vocês são Notáveis! — O grito entrecortado é recebido pelo silêncio. — Façam alguma coisa, porra!

Contenho um grito frustrado. Grito contra a Peste. Contra os Notáveis. Contra minha falta de poder.

Olho para baixo e pressiono uma das mãos contra o peito de Kai.

— Você vai ficar bem, tá? — É a mesma mentira que contei a Adena neste mesmo Fosso. — Você é o meu babaca metido a besta… — forço um sorriso trêmulo — … você não pode me deixar vencer.

Seus olhos cinza piscam, turvos.

— Só… só essa vez.

Ele cruza os dedos pegajosos nos meus, num aperto fraco. Balanço a cabeça com o peito arfando.

— Mas eu preciso de você. — Um soluço sacode meu corpo. — Você é tudo que me… me resta. Você sabe que eu preciso de você!

É como se Adena estivesse morrendo de novo. Estou dizendo as mesmas palavras dolorosas, na mesma areia que ficou manchada com o sangue dela. A mesma multidão inclinada para a frente, ávida, mais uma vez admirando o espetáculo que é o meu coração sendo partido em pedacinhos — um rasgo que Adena não está mais presente para remendar.

Aqui estou, diante do *déjà-vu* e da própria morte. A história se repete no centro desse Fosso enquanto o amor começa a morrer devagar nos meus braços. O sangue de Kai cobre a palma de minhas mãos, espelhando o momento em que senti a vida de Adena escorrer para minhas mãos incapazes. O Executor tem um ferimento no peito, como a costureira.

E se eu já não estivesse ajoelhada, cairia de joelhos agora, implorando para ele ficar comigo. Aperto minha testa na dele, engolindo um soluço.

— Não posso perder você também. Por favor… por favor não me deixe.

O corpo de Kai estremece embaixo do meu, como se quisesse afastar a mão fria da morte para segurar a minha por mais alguns instantes.

— Sinto muito. Eu… eu gostaria que não precisasse ser assim.

— *Shh*. — Minhas lágrimas caem no rosto dele. — Você está bem, Kai. Eu estou aqui. Não vou a lugar algum. — Aperto sua mão, escondendo os soluços entre cada sílaba sussurrada. — Somos só você e eu. Embaixo do salgueiro.

Um sorriso curva seus lábios manchados, mostrando uma fileira de dentes sujos de sangue. E quando aquelas malditas covinhas surgem, engasgo com o choro que me sobe pela garganta. O arrependimento me domina, pensando em cada momento que passei fingindo que as odiava — cada momento que passei fingindo que *o* odiava.

Ele afasta os olhos dos meus.

— Vejo você…

Eu me inclino mais para perto, me agarrando a palavras que jamais ouvirei.

Porque a luz abandona os olhos cinza.

— Não. — A palavra é um desafio.

— Não. — Esta é uma súplica.

— *Não!*

Angústia. É isso que me atravessa antes de jorrar pela boca.

Sacudo seu peito imóvel. De novo e de novo.

— Kai. Kai, volta pra mim!

Mal consigo respirar entre os soluços. Seus olhos cinza estão apontados para o céu azul, vítreos, mas luto para forçá-los a voltar na minha direção.

— Não, você não pode ir! Você prometeu que não iria me deixar, lembra?

Pressiono a testa na dele e murmuro as palavras que achei que iriam tirá-lo de mim. É uma confissão que fui covarde demais para verbalizar — e agora se tornará meu maior arrependimento.

Mas neste momento eu a sussurro, de novo e de novo.

— Eu te amo, Kai. Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.

Agonia.

Esse é o sentimento. O que me parte ao meio, rasgando minha alma. Mas não me incomodo mais em sufocá-lo.

Inclinando o corpo para trás, libero minha angústia.

É um grito arrepiante, que pode ser ouvido até mesmo nas arquibancadas mais altas. Quero que a arena sinta minha dor, sinta o gosto dela no vento que carrega a alma que Kai manchou para mim. Lágrimas quentes se derramam na minha pele e pingam em cima do corpo sem vida do rapaz que eu amo.

Turva e histérica, percebo pela primeira vez as figuras que me cercam. Piscando por entre o borrão de lágrimas, meus olhos ardentes focalizam os Visores esquecidos. Minha cabeça gira em direção à tela, encontrando o olhar vazio de Kai exposto lá em cima.

Qualquer compostura que restava em mim se parte de repente.

— Saiam de perto dele! — grito, balançando um braço fraco na direção deles.

Sem ligar para mim, com os olhares que continuam vazios, os homens estendem a mão para o corpo, cada um segurando um membro. Pego a espada caída na areia e a giro apontando para os quatro. Minha voz é mortal, ensandecida.

— Saiam. Daqui.

Isso os faz piscar, e esse ato interrompe a transmissão para a tela. Meu braço treme sob o peso da espada, mas não ouso largá-la. Mesmo assim os Visores começam a arrastá-lo para longe, deixando uma faixa de sangue para trás.

— *Não!*

Jogo a espada para o lado, totalmente exaurida, e estendo a mão para o corpo imóvel. Kai está sendo puxado pela areia e tudo que posso fazer é ir cambaleando atrás.

— Não, saiam de perto dele! — Tropeço na trilha de sangue, caindo de joelhos. Soluços sacodem meus ombros enquanto olho os Visores puxando-o de um jeito tão descuidado.

— Por favor — sussurro ao vento que tem cheiro de morte. De ruína.

Eu quase poderia rir.

Foi isso que eu fui, no final. A ruína dele.

Fico parada com os membros trêmulos, coberta com o sangue de Kai ainda quente nas minhas mãos quando me viro para…

A fúria me domina.

— *Você.*

Sei que ele escuta a palavra acusadora onde está, confortável, naquela caixa de vidro. Nem tenho mais certeza de para quem estou olhando. Tudo que vejo são os olhos verdes de um assassino.

Meu braço sobe e eu aponto um dedo trêmulo para o rei. A raiva rasga minha garganta, alimentada pela dor e pela pilhagem do único amor que me restava neste mundo.

— Como você pôde?! Ele era seu irmão!

O sangue lateja nos meus ouvidos, suficientemente alto para abafar a súbita fagulha de murmúrios que se espalham na multidão. Eu me abaixo, envolvendo de novo os dedos ensanguentados no punho da espada. A arma se arrasta na areia atrás de mim, o punho apertado na minha mão pegajosa. Meus passos são mais firmes do que deveriam enquanto marcho na direção dele, deixando uma trilha de sangue.

— Como você pôde?! — grito de novo, com a garganta parecendo estar em carne viva.

Kitt baixa os olhos com a cabeça balançando de leve.

— Olhe pra mim!

A exigência ressoa na arena e cala a boca de cada Notável fofocando. Fico parada, uma Comum insignificante, ofegando no Fosso abaixo dele.

No entanto, quando ordeno, ele obedece.

Os olhos de Kitt se viram para os meus, com uma mistura de incredulidade e desespero. Ele me absorve, cada grão de areia e cada gota de sangue.

— Como você pôde…!

Um braço envolve meu pescoço rasgado, apertando um pano úmido no meu nariz.

Meus joelhos se dobram.

Meus olhos ardentes se reviram para trás.

E por um tempo não sei de nada.

Nem da agonia.

CAPÍTULO 46

Kai

Sou dor. Sou tristeza. Também sou angústia.

CAPÍTULO 47

Paedyn

A luz da manhã faz minhas pálpebras pesadas se abrirem.

Me sento de supetão, com a cabeça e o coração martelando.

Ofegando, obrigo meus pensamentos frenéticos a se acalmarem.

Foi só um pesadelo.

Solto o ar com força, deixando a estranha onda de alívio me invadir. Volto o olhar para a janela e o céu luminoso do outro lado.

Hoje é a minha terceira Prova.

Ontem à noite foi um pesadelo.

Solto uma risada trêmula antes de arrancar a montanha de cobertores de cima da pele suada.

Um sentimento toma conta de mim quando vejo minha mão. A princípio não consigo identificar o que é — até que meus dedos começam a tremer.

Percebo que é aquela agonia familiar.

O tremor começa a se espalhar pelo meu corpo, me deixando abalada com um horror repentino.

Estou coberta de sangue.

O líquido viscoso mancha a palma das minhas mãos, sobe pelos braços trêmulos envolvendo meu pescoço. A areia cobre meu corpo com uma camada de sujeira e lembranças. Petrificada, olho minhas mãos, ciente de que não é o meu sangue grudado nelas.

Este é o meu pesadelo vivo.

Grito.

O som engasgado faz Ellie entrar correndo no quarto enquanto pulo da cama. Minhas unhas ensanguentadas rasgam minha pele, tentando arrancar a evidência dessa Prova.

— Paedyn! — O grito de Ellie parece abafado. — Está tudo bem! Paedyn, você está bem!

Giro na direção dela, com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Onde ele está?! Diga que não foi de verdade, Ellie. — Meus dedos apertam os ombros dela, como se tentassem arrancar a resposta dos seus lábios. — Diga que ele não morreu. Por favor — gemo. — Por favor, diga que não é verdade.

Ellie abre a boca, então a fecha.

Recuo lentamente.

— Não.

Lágrimas se acumulam nos olhos dela.

— Você dormiu quase um dia inteiro.

— Não — sussurro, o lábio tremendo. — Não. Foi só um pesadelo. Hoje é a minha Prova.

Ellie balança a cabeça.

— Sinto muito, Paedyn.

Caio de joelhos.

Eu segurei a adaga enquanto ele a afundava no próprio peito.

Ellie me segura enquanto choro.

Sei qual é a sensação de matá-lo.

CAPÍTULO 48

Paedyn

Estou sentada num poço de vermelho, cercada por redemoinhos escarlates, a banheira manchada com os restos da minha última Prova. Meus olhos estão vermelhos e lívidos, turvos, fixos na parede do outro lado.

Uma mão macia envolve meu pulso. Não luto contra o toque suave que levanta meu braço frouxo da borda de louça da banheira. Então um sabonete áspero é esfregado na minha pele, para a frente e para trás, até que o sangue endurecido se solta da carne.

Para a frente e para trás. Para a frente e para trás.

Olho o que resta de Kai pingando na água. E pela primeira vez em semanas não sinto repulsa pelo sangue. Na verdade, quero me agarrar a ele.

— Como… como você está se sentindo?

São as primeiras palavras tímidas que Ellie tentou dizer desde que acordei da névoa da droga. Não posso dizer que a culpo pelo silêncio prolongado. É uma resposta bastante branda à minha reação hoje de manhã.

Meu tom é plácido.

— Não sinto nada.

Não é mentira. Duvido que eu conseguiria juntar forças para mentir neste momento. Todo o meu corpo está entorpecido — mente, alma e

o coração despedaçado. Estou absolutamente vazia sem o amor dele para me preencher.

Minha cicatriz está exposta, a água sangrenta bate num ritmo tranquilizador contra ela. Não preciso olhar para Ellie — sinto seus olhos arregalados acompanhando-a. Mais preocupante ainda é o fato de que não consigo me importar.

Ela leva um pano até meu ouvido, limpando carinhosamente o sangue seco que brotou dele. Então me lembro do silêncio fantasmagórico que tomava conta do mundo quando acordei do efeito da droga que me deixou tonta. O ruído incessante das explosões tinha desaparecido, me deixando sem nada para abafar meus pensamentos ensurdecedores.

A variedade de ferimentos que me foram infligidos na Prova sumira. Costelas quebradas estavam restauradas, a pele cortada havia sido costurada de volta, a queimadura no pulso tinha sido curada — mas agora eu daria qualquer coisa para ter de volta na pele aquela impressão da mão gravada a fogo.

Nada restava, a não ser a mistura do meu sangue com o dele.

— Eu… — Pigarreio antes de tentar de novo. — Sinto muito, por hoje de manhã.

A simpatia cobre as feições delicadas de Ellie.

Odeio esse olhar. É o mesmo que eu via na favela, mães tristes pela visão de um filho esquecido. Os sortudos com pena de nós que dormíamos nas ruas. Só os fracos merecem essa expressão, os tolos de coração partido. E é o que fui durante toda a vida.

— Você não estava bem — ela me tranquiliza. — Eu sabia que você ficaria apavorada quando acordasse.

Solto uma risada amarga que a faz parar.

— Eu não estava apavorada, Ellie. Estava destruída.

Porque me permiti ter esperança.

Ela engole em seco.

— E agora?

Meu olhar vazio encontra o olhar preocupado dela.

— Estou com raiva.

Os olhos verdes do rei lampejam na minha mente. Meus punhos se fecham, e minhas unhas furam a palma de cada mão. A pergunta que

eu gritei para ele na arena ainda ecoa no meu crânio.

Como você pôde?

Com uma respiração profunda para me firmar, fico de pé abruptamente, incapaz de continuar sentada no sangue de Kai. Enrolo um roupão na pele lavada e me viro para Ellie, com uma exigência:

— Preciso falar com o rei.

As palavras saem muito mais dóceis do que eu pretendo estar quando encontrá-lo.

Ellie endireita o corpo com um sorriso tímido.

— Você não pode sair.

Meu tom não transparece nenhuma emoção, a expressão não se abala.

— Ah, não posso?

— A porta está trancada. — Outro clarão de simpatia. — O rei ordenou que você ficasse aqui até segunda ordem.

A tristeza sufocada ameaça encobrir de novo meu corpo entorpecido. A raiva e a traição com a qual eu a enterrei só irão conter meu sofrimento por algum tempo. Não, eu preciso da minha fúria, da minha distração, preciso que meu rei responda pelo que fez. Porque, sem isso, sou obrigada a enfrentar uma vida em que *ele* não está mais presente.

— Ellie — digo lentamente. — Preciso sair daqui.

— Paedyn, eu… — Ela morde o lábio, inquieta. — Não posso. Sinto muito.

Pigarreio, tentando ignorar o nó que cresce na garganta.

— Ao menos posso comer enquanto estiver trancada aqui?

— Ah, pode, claro. — Ellie segue apressada até a porta pela qual eu quero desesperadamente passar. — Vou mandar trazer alguma coisa da cozinha.

Com uma batida e uma verificação verbal com os Imperiais do outro lado, para garantir que ela não é a prisioneira, uma série de fechaduras estalam, abrindo. Então Ellie sai do quarto, permitindo que uma lasca do mundo do outro lado se derrame dentro dessa gaiola aconchegante. Mal vislumbro os guardas que enfeitam minha porta antes que uma mão enluvada a feche com força. A pancada é seguida por um giro de fechaduras que faz com que eu me encolha.

Fico parada, tremendo enquanto a água pinga das pontas do meu cabelo curto batendo nas clavículas nuas. Engulo em seco e olho o quarto vazio. Uma frieza inquietante me atravessa, como se o próprio desespero passasse um dedo pelos meus ossos.

Estou absolutamente sozinha.

Não resta nada. Nem dentro de mim, nem no mundo aqui fora.

Presa neste quarto, sou obrigada a encarar a realidade, obrigada a encarar a solidão gigantesca dentro de mim. Meu próprio ser está apodrecendo, e o culpado é o amor. O amor matou cada pessoa de quem eu gostava.

As paredes começam a se apertar em volta de mim.

— Não — sussurro para minha mente traiçoeira. — Por favor, não.

O pedido é ignorado de imediato.

Meus pulmões se contraem, espremendo o coração despedaçado até doer. De repente, estou ofegando ao sentir a claustrofobia apertando meu corpo. Fecho os olhos, tentando bloquear o mundo que deseja me esmagar.

Não adianta. Preciso sair daqui.

Cambaleio até a porta e bato nela com o punho trêmulo.

— Me deixem sair. Por favor.

Silêncio.

— Não posso ficar mais tempo aqui. — Minha voz falha sob o peso da mente que tenta me esmagar. — Por favor!

Bato na porta enquanto as paredes continuam me sufocando.

Estou lutando para respirar. Encosto a testa na madeira lisa da porta enquanto engasgo.

— Me deixem sair! Não posso fazer isso!

As paredes chegam mais perto.

Bato um punho na porta com uma pancada final. Eu me viro devagar, deixando as costas deslizarem na madeira até meu corpo cair com tudo no chão.

— Não posso fazer isso — sussurro.

As lágrimas brotam, ardendo, enquanto dobro os joelhos trêmulos contra o peito dolorido.

Sou pouco mais do que a casca de uma garota, sentada entre fantasmas.

Meu pai está sentado junto do meu corpo trêmulo, com a mão reconfortante no meu joelho, e a cor exata dos seus olhos vai se perdendo em minha memória. Adena pousa a cabeça no meu ombro, a franja torta caindo num olhar suave, cor de mel.

Mas Kai…

Kai está de pé diante de mim, forte e deslumbrante. Quase posso ouvir sua voz ressoando distante nas profundezas da mente…

— Onde ela está?

É tão familiar, tão real…

— Onde diabos ela está?

Endireito o corpo ouvindo a voz cada vez mais alta, com medo da minha mente traiçoeira.

Não é real. Ele está morto.

Passos pesados ecoam do outro lado da porta na qual me recosto.

Balanço a cabeça com raiva, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

Ele morreu. Como todo mundo. Eu o matei…

— Saiam da frente. Ou eu faço vocês saírem.

Meu coração vazio, partido, falha ao ouvir as palavras.

Não pode ser verdade. Não posso me permitir acreditar. No entanto, me coloco de pé de supetão, me atrapalhando. Com as palmas das mãos apertando a porta que me separa da esperança, murmuro:

— Kai?

O grito abafado que retorna me faz soltar uma risada misturada a um soluço incrédulo.

— Pae!

Me afasto da porta, com o coração batendo forte diante da presença da sua outra metade.

— Alteza, temos ordens rígidas do rei para…

A porta voa das dobradiças.

Quando ela cai no chão com uma pancada forte, não resta nada para me separar do fantasma que está do outro lado. Nem mesmo a própria morte.

Nossos olhares se encontram.

Fumaça encontrando fogo. Vida encontrando o que deveria estar morto.

Ali está ele, perfeitamente intacto. O peito dele sobe e desce, livre da minha adaga e das impressões sangrentas das minhas mãos que deixei ao lado dela. Uma tempestade cresce nos olhos acinzentados, muito diferentes da última vez que os vi, voltados para o céu, vítreos. Tudo no Executor é impossível e exatamente igual a como eu o deixei na noite antes da última Prova.

Parece que não consigo me mexer, com medo de isso ser algum sonho cruel, algum fantasma que escorrerá entre meus dedos. Mas então seus olhos se enchem de lágrimas. Os lábios familiares se curvam num sorriso aliviado, emoldurados pelas covinhas perigosas.

As palavras de Kai saem embargadas.

— Ouvi dizer que você me matou, foi?

É o suficiente para que eu tropece em meus próprios pés.

Sou mais do que a sombra dele. Sou uma mariposa atraída para a sua chama.

Um soluço cresce na minha garganta, fazendo lágrimas quentes brotarem nos meus olhos. Mal consigo enxergar através da névoa de incredulidade, mas ainda assim corro para ele. Kai não hesita antes de entrar no quarto, direto para a mão que ajudou a matá-lo.

Caio nos braços dele antes que meus joelhos cedam. Meu riso histérico é abafado contra sua túnica, o rosto enterrado acima de um coração que bate acelerado.

Vivo. Ele está vivo.

A sensação dos braços me apertando é tão familiar, tão *certa*, que choro mais intensamente ao pensar em perdê-lo de verdade.

Vivo.

Ele está espantosamente vivo, forte e de pé por nós dois. O peito de Kai estremece sob meu toque enquanto lágrimas escorrem dos seus olhos, como acontece com os meus. Devagar, dou um passo atrás, com medo de saltar de volta à realidade e descobrir que ele não passa de um produto da minha dor.

Mas nada com tamanho nível de detalhes jamais poderia ser imaginado.

Roço os dedos trêmulos no rosto de Kai, e a leveza do toque faz os olhos dele se fecharem. Uma lágrima escorre pelos contornos nítidos

do seu rosto, colidindo com meus dedos. Balanço a cabeça enquanto luto para falar através do nó na garganta.

— Como você está aqui? — Minha voz é um sussurro ríspido. — Eu vi… eu vi você *morrer*.

Suas mãos deslizam pelo meu corpo, como se para garantir que eu também sou real.

— Sinto muito. Sinto muito por tudo que você foi obrigada a passar…

— Não me importo. — Seguro seu rosto, séria. — Não me importo, desde que isso agora seja real e você esteja vivo.

— Isso é real. — Ele quase ri. — Não é fingimento nem nunca mais será.

Confirmo com a cabeça e aperto a palma das mãos em seu pescoço enquanto um sorriso repuxa meus lábios trêmulos.

— Simplesmente não entendo. Minha adaga… eu senti quando ela penetrou no seu peito.

Meus dedos descem pelo peito dele, sem encontrar nenhum traço da lâmina que foi enterrada ali.

— Eu sei. — De repente a voz dele soa tão gélida quanto o olhar que me encara de repente. — Eu não teria deixado isso acontecer, mas fui drogado na noite antes da Prova.

Fico boquiaberta.

— O quê?

— Eu deveria ter dormido durante toda a Prova. Os Curadores me trancaram no quarto. — Um músculo se retesa no rosto de Kai. — Os gritos na Arena me acordaram e eu… eu soube que era você. Por isso lutei contra a droga e fui cambaleando até lá. Os Imperiais me seguraram antes que eu pudesse entrar, mas eu vi, Paedyn. Vi você lutando contra *mim*. E aquilo… — Sua voz falha. — Aquilo me destruiu. Tentei abrir caminho até você, mas as drogas me enfraqueceram, e eu só… fiquei parado enquanto você lutava pela vida. Lutava *contra mim*.

Suas mãos ásperas seguram meu rosto riscado de lágrimas.

— Você quase morreu pensando que era eu a matando. Pensando que eu encostaria a mão em você de novo por algum motivo que não

fosse uma carícia. Eu lhe disse que nunca mais lutaria contra você, mas estava ali, machucando-a como prometi não fazer.

— *Shh*. — É difícil falar através da emoção que embarga minha garganta. — Não é sua culpa. Você não fez isso.

Kai assente. Eu me derreto contra ele. Memorizo o momento, porque achei que não teríamos isso de novo. Ele passa a mão pelas minhas costas, me tranquilizando, o queixo encostado no meu cabelo. E sussurra, por fim:

— Parecia real demais. Como se eu estivesse me vendo perder o controle.

Sua voz falha. Ele recua e segura meu rosto com as mãos trêmulas. O Executor e cada máscara que o acompanha desapareceram. Este é apenas Kai: meu tolo e meu amor.

— Não consegui salvar você. Nem de mim mesmo. — Ele quase engasga com as palavras. — Me perdoa. Por favor.

Balanço a cabeça.

— Não há nada a perdoar. Porque eu…

Estou chorando de novo. Parece que não paro de chorar há dias, mas talvez pela primeira vez na vida isso não faça com que eu me sinta fraca. O que se derrama de mim é alívio, uma mistura de felicidade com a presença dele e um medo ao admitir.

— Kai, eu…

Meus pés saem do chão por um momento, antes de pousar em cima dos dele. Rio por entre as lágrimas, pisando em suas botas como fiz quando estávamos unidos por uma corrente, e não por uma coisa muito mais inquebrável. Seus braços apertam minha cintura com força.

— Diga, Pae.

Engulo em seco e forço as palavras a saírem.

— Eu vi você morrer naquela arena. Vi minha adaga se cravar no seu peito com minhas mãos envolvendo o cabo. E então você estava indo embora. — Pisco, com os olhos turvos. — E eu nem havia dito as três palavras que eu tinha tanta certeza de que tirariam você de mim. Foi necessária a sua morte para eu reunir coragem, e quando isso aconteceu você… você estava morto.

Minha voz treme. Falha. Desmorona junto com minha compostura.

— Mas não posso esperar outra tragédia. Assim, vou dizer agora, porque o destino provavelmente não vai permitir um futuro para nós. Kai, eu…

— Eu te amo.

Ele rouba as palavras da minha boca com um sorriso crescente. E, distante, percebo que não é a primeira vez que faz essa declaração. Ele leva a mão ao meu rosto manchado de lágrimas, passando um polegar na pele ruborizada.

— Paedyn, eu te amo. Como nunca amei outra coisa, *eu te amo*. E estive esperando para dizer isso desde que percebi que seus olhos são minha cor predileta e que suas sardas são a única constelação que vale a pena olhar. Eu poderia mentir, dizer que você roubou cada pensamento e cada batimento do meu coração como a ladra que é, mas eu já era inteiramente seu. Pae. Você é o meu inevitável.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto, molhando os dedos de Kai. Ele também está chorando, no entanto seu olhar jamais se afasta do meu. Ele repete as palavras, como se elas tivessem consumido cada pensamento e implorado para serem libertadas.

— Você é o meu inevitável. Na morte e no amor.

— E você é o meu. — Abafo os soluços por tempo suficiente para sussurrar: — Eu te amo, Malakai. Eu te amo. — Parece que não consigo parar de derramar as palavras, agora que as disse. É libertador abrir mão do medo que acompanhava a frase. — Eu te amo. Eu te amo. Eu te…

Sua boca está colada na minha, sentindo o gosto das palavras nos meus lábios. Respiro-o, ávida, enquanto lágrimas se misturam com o beijo. Suas mãos percorrem meu corpo, memorizando gentilmente cada curva sob o roupão. Suspirando em sua boca, entrelaço os braços em volta do seu pescoço. Eu me sinto delicada em seu abraço, como se Kai estivesse segurando alguma coisa de valor inestimável.

Amor.

É isso, esse sentimento. E ele consome tudo.

Kai se afasta ligeiramente, os lábios ainda pairando acima dos meus, e dá um leve peteleco na ponta do meu nariz.

— Minha bela Pae. Olha o que você fez comigo.

Sorrio para ele, devolvendo o favor com outro peteleco.

— Eu poderia dizer o mesmo, belo príncipe. — Meu olhar vai até um par de sapatos altos parados inocentes ao lado do meu guarda-roupa. — Você já me disse que me amava, não disse?

Ele dá um sorrisinho.

— Você parecia mais interessada nos sapatos que eu encontrei largados na pista de dança.

Concordo, com a vaga lembrança.

— Você me carregou até o meu quarto.

— Bom, você estava a ponto de causar algum acidente tropeçando na pista de dança.

Minha garganta está seca. Faço força para engolir.

— Você me ama.

— Naquele dia. — Suas mãos seguram meu rosto. — E agora. — Meus lábios roçam nos dele. — Sempre. E vou encontrar seus sapatos em todas as vidas, se você deixar.

Ficamos parados nos braços um do outro durante vários momentos silenciosos. Mas é o suficiente para as perguntas se esgueirarem de volta para a superfície da minha mente. Assim, quando uma sombra de confusão atravessa meu rosto, Kai pergunta:

— O que foi?

— Kitt sabia que não era você na arena — murmuro, baixando os olhos para seu peito incólume. — Então quem eu matei?

CAPÍTULO 49

Kai

— Estou vendo que vocês se encontraram.

É a primeira coisa que Kitt diz quando entramos no gabinete dele. A segunda é um sussurrado pedido de desculpas.

— Sinto muito pelo que fiz vocês passarem. De verdade.

Paedyn respira fundo ao meu lado.

— Quero respostas.

Kitt se levanta.

— Ah, eu sei. Você parecia pronta para rasgar minha garganta na Arena. Aquele seu olhar foi arrepiante. — Ele vai até a frente da mesa e se encosta na madeira manchada. — Acho que o reino enfim a viu como você é: temível.

— Que bom que alguma coisa boa resultou da minha dor, então — diz Pae, com amargura.

— Muita coisa boa resultou de uma dor que durou pouco tempo — corrige Kitt. — Foi por isso que eu fiz.

Dou um passo à frente, cruzando os braços.

— E o que, exatamente, você fez, irmão?

Kitt tosse num lenço. Isso me preocupa, mas seu olhar parece mais claro do que naquela noite antes da Prova.

— Sinto muito pela droga. Mas, Kai, era o único modo de manter você trancado e fora de vista. No entanto, pelo visto não funcionou. E, Paedyn… — ele gesticula de leve na direção dela — … o único modo

de Ilya aceitar você como rainha era se você provasse ser mais forte do que o mais forte de nós. E o mais forte de nós é um Portador.

— Ótimo. Mas não foi com Kai que eu lutei. — Ela me olha. — Obviamente.

— Não. — Kitt suspira. — Não foi. Mas eu queria que você e o reino pensassem que era o Executor. Vencê-lo seria um feito gigantesco, não somente porque ele é um Portador, mas porque também é perigoso mesmo sem essa habilidade.

Kitt diz isso tranquilamente, apesar de as palavras serem perturbadoras a meu ver. Ele jamais falou muito sobre o meu poder, sempre ciente das diferenças entre nós. Mas eu sei o quanto ele odeia não ser capaz de provar seu valor fisicamente, como eu fiz durante toda a vida. Como herdeiro do trono, o poder é controlado, e não usado.

— E talvez — continua ele — eu quisesse testar sua lealdade comigo. Ver se você realmente…

Paedyn se enrijece, e antes que ela possa dizer algo prejudicial, me apresso em perguntar:

— Como você fez aquilo? Que Notável poderia se passar por mim?

Kitt ergue os olhos lentamente na direção dos meus.

— Encontramos um Portador com o qual precisávamos lidar.

Um entorpecimento crescente se espalha em mim, ouvindo essas palavras.

— Existem outros Portadores em Ilya que estão sendo mortos por causa disso?

— Existem bem poucos — responde Kitt, com o olhar preocupado fixo no meu, cada vez mais distante. — Papai descobriu três durante o tempo em que reinou, mas... — um pigarro interrompe sua fala — … cuidou deles para garantir que Kai fosse o Notável mais forte na história de Ilya.

— Eu nunca quis isso. Achei que a gente havia concordado em parar… — digo, a voz gélida.

— E paramos — interrompe Kitt, sério. — Mas esse Portador veio até nós. Ele conhecia os riscos e decidiu lutar mesmo assim.

Paedyn está balançando a cabeça, murmurando:

— Por que ele faria isso? E como ele se parecia exatamente com o Kai… — Seus olhos se iluminam, indicando uma constatação, como sempre fazem. — Um Ilusionista. Havia um Ilusionista disfarçado de Visor, não é?

Kitt assente, solene.

— Ele estava lançando a imagem de Kai sobre o Portador.

— Ela poderia ter morrido! — grito, levantando a mão na direção de Paedyn. — Pelo menos se fosse eu naquele Fosso, eu garantiria a minha morte, em vez de a dela.

— Você acha que eu não sabia disso? — rebate Kitt. — Esse é exatamente o motivo pelo qual eu não podia deixar que você entrasse naquela arena. Você teria sacrificado a vida por ela. E eu me recuso a perder você.

Volto meu olhar para ele, encarando esse lado de meu irmão que eu nunca vi. Essa Prova foi calculada com cuidado, programada para garantir o resultado que ele queria. Agora vejo que foi exatamente para isso que nosso pai o treinou: para estar sempre um passo adiante.

— Mas você estava se arriscando a perdê-la — digo, sem expressar qualquer emoção.

Kitt volta o olhar para Paedyn.

— Ela precisava provar o próprio valor. Parece que eu tenho mais fé em Paedyn do que você, irmão. Eu sabia que ela era capaz, e foi. Nenhum de vocês dois precisava morrer.

— Ele está certo. — Paedyn cruza os braços, concordando com relutância. — A coisa precisava parecer real. E agora o reino está um passo mais perto de se curvar.

Balanço a cabeça, com a dor cobrindo as feições.

— Você me drogou, Kitt. Me trancou num quarto. — Minha garganta aperta. — Esse é o tipo de merda que o nosso pai, o meu rei, me fazia passar.

Paedyn baixa a cabeça, mas a raiva no seu rosto não é escondida tão facilmente. Vejo Kitt vir até mim, bloqueando minha visão. O rosto dele desmorona com o arrependimento.

— Eu nunca quis machucar você, Kai. Eu… sinto muito. Por favor, me perdoe. — Sua expressão fica séria. — Eu jamais quis lembrá-lo do nosso pai. Sou melhor do que isso.

Assinto devagar.

— Eu sempre soube que você era melhor do que o nosso pai. — Kitt parece um pouco satisfeito com esse primeiro passo em direção ao perdão, permitindo que eu prossiga, sem graça: — Então eu estou simplesmente morto.

Kitt nem se abala antes de declarar:

— Na verdade, eu ia tornar você ainda mais poderoso. Dizer ao reino que você sobreviveu.

Pisco.

— Você acha mesmo que eles vão acreditar?

— Eles não precisam acreditar. Só precisam temê-lo. Você será o Arauto da Morte, que a encontrou e viveu. E você… — Kitt se volta para Paedyn — … agora ganhou o respeito do seu reino e será rainha dele.

Inclino a cabeça diante da mentira poderosa que ele teceu.

— Isso é que é jamais me lembrar do nosso pai.

O gabinete fica num silêncio rígido enquanto todos nos encaramos. Vários segundos se passam antes de Paedyn pigarrear direcionando nossa atenção à expressão decidida em seu rosto.

— Quero ver esse Portador.

Kitt não parece surpreso com o pedido.

— Paedyn, não sei se você vai querer ver isso. O corpo dele está na masmorra e…

— Eu quero ver — diz ela, devagar. — E não pense que eu já perdoei você pelo que me fez passar. O que você me levou a fazer, independentemente de ser mesmo Kai ou não.

O rei se afasta da mesa, os olhos nublados com algo parecido com remorso. Ou talvez aquela leve sugestão de histeria que eu testemunhei.

— Você acha que foi fácil pra mim? Acha que eu queria ver meu irmão morrer, mesmo sabendo que não era ele de verdade? — O olhar de Kitt desliza até o meu, tímido ao me encarar. — Eu odiei. Não queria fazer nada daquilo. E, de novo, eu… sinto muito, irmão.

Vejo sua fachada régia se desfazer sob o peso do meu olhar. Pela primeira vez, percebo o quão perdido ele está. Onde antes havia um irmão gentil e charmoso, agora reside o cadáver do dever e do poder.

Um nó se forma na minha garganta enquanto confirmo com a cabeça. E então puxo-o para um abraço esmagador. Kitt se agarra a mim, mais fraco do que recordo. Por um momento somos meninos de novo, procurando conforto durante a morte de Ava ou aprovação depois de uma briga. Sua respiração estremece, como se estivesse tentando se recompor antes de murmurar:

— Preciso de você comigo, Kai.

Afasto-me, segurando seu ombro com uma das mãos.

— E eu espero nunca descobrir o que eu seria sem você.

Nos viramos ao mesmo tempo na direção de Paedyn. Ela luta contra um sorriso ao ver um momento tão sincero, antes de mudar a expressão. Então rapidamente dá um passo para o lado, gesticulando na direção da porta.

— Depois do senhor, Vossa Majestade.

Assim, com um suspiro, o rei obedece. Vamos para o corredor, andando apressados em direção à masmorra. Há Imperiais enfileirados em algumas paredes, parecendo não se surpreender com minha presença muito viva. Até mesmo os serviçais passando por nós mal nos encaram, e essa reação absolutamente imperturbável me faz dizer:

— O castelo já sabe que não era eu que estava na Arena?

— Eles foram informados há algumas horas — responde Kitt, virando uma esquina. — E não dirão uma palavra sobre o outro Portador. Você sabe como o pessoal é bom em guardar segredos. Fazem isso há décadas.

Assinto, distraído, ciente de que é verdade. Estou começando a pensar que o próprio reino de Ilya foi construído sobre segredos — e duvido que eu saiba metade deles.

De repente a porta grossa da masmorra está diante de nós, a moldura decorada por um Imperial de cada lado. Eles assentem, impassíveis, para o rei antes de abrir a pesada entrada metálica. Do outro lado, degraus de pedra nos esperam, descendo para a escuridão e a masmorra.

O ar denso e o frio que o acompanha nos recebem na base da escada. É como se eu fosse bem-recebido de volta ao meu esquecido antro de torturas. Não desço aqui desde que o Silenciador da Resistência, Micah, ocupou uma dessas celas.

Não desço aqui desde que o matei.

Esmago a lembrança e fico atrás de Kitt e Paedyn. As celas estão vazias dos poucos membros da Resistência que um dia as encheram depois da batalha na Arena Esférica. Agora eles ocupam os vários círculos de treinamento atrás do castelo, espalhados em meio aos numerosos Imperiais se revezando.

— Sabe — começa Kitt, a voz ecoando nas pedras sujas —, a última vez que estive aqui foi quando levei você para os túneis que você estava procurando, Paedyn.

Ela respira fundo, com expressão de dor.

— Não é uma lembrança particularmente boa, imagino.

— Eu entendo, de verdade. Sempre há um motivo para a dor que causamos.

Paedyn abre a boca antes de fechá-la abruptamente ao ver uma cela ocupada. Ela diminui o passo, e eu faço o mesmo.

Há um corpo no chão de pedra, com uma familiar adaga prateada enterrada no peito.

É estranho ver um homem com o mesmo poder ser reduzido a uma morte tão simples. Jamais encontrei outro Portador, jamais tive essa chance antes que a fome do meu pai pelo poder garantisse que eu fosse o único do meu tipo. Mas, ao olhar para este Notável, parte de mim deseja que eu tivesse alguém com quem compartilhar o fardo dessa habilidade.

Ainda assim, Paedyn fica imóvel, enraizada do lado de fora da cela. Sua voz soa espantosamente baixa.

— É ele.

Kitt dá um passo em frente.

— O quê?

— É o rapaz de Adena, da Alameda. Mak. — Ela engasga com o nome dele.

Volto a cabeça na direção do corpo, os olhos acompanhando o padrão idêntico do colete dele. Cada bolso e cada costura — exatamente iguais.

Esse é o amigo que ela encontrou no Forte.

Paedyn entra cambaleando na cela, o olhar deslizando sobre o homem. Eu a acompanho, observando o cabelo desgrenhado,

comprido o suficiente a ponto de roçar nas laterais do pescoço. Uma mecha prateada espia no meio dos fios pretos e uma cicatriz corta o canto da boca. Olhos castanhos encaram o teto com uma expressão vazia, mas uma vaga espécie de alívio parece preenchê-los.

Devagar, Pae se ajoelha ao lado dele. A pele do rapaz está totalmente desprovida de cor, fazendo um contraste nítido com o colete escuro justo ao corpo. O sangue mancha suas roupas, cercando a adaga prateada numa poça carmim. Paedyn passa os dedos trêmulos na costura suja do colete. E respira fundo antes de acompanhar o relevo de cada bolso.

Seus dedos tropeçam numa linha de palavras bordadas. O fio azul está sujo de sangue, embotado ao lado de um dos muitos bolsos. Ouço a respiração de Paedyn embargar antes de murmurar as palavras:

— Vejo você no céu.

Com os olhos arregalados e transbordando de lágrimas, ela me encara.

— Ele tentou dizer isso na arena. Estava morrendo, e essa era a última coisa que ele queria dizer.

— Paedyn…

Eu me agacho ao lado dela e ponho a mão nas suas costas no mesmo instante em que Kitt pousa a dele no seu ombro. Nossos olhares se encontram por um momento desconfortável em que vislumbramos o resto da nossa vida. Paedyn sempre estará entre nós. Logo ela não será mais minha, e não poderei confortá-la como se fosse.

E, de maneira patética, ainda irei amá-la. Pae está para sempre dentro de mim, o único ponto puro na minha alma manchada. Mas por enquanto, não me afasto. Pelo menos até que os votos matrimoniais estejam entre nós e até que aquele anel em seu dedo tenha um peso maior. Até lá, me contentarei em tê-la para mim de qualquer modo que ela permitir.

— Mesmo depois do tempo em que estivemos juntos na favela, ele continuou me culpando pela morte de Adena — conta Paedyn, ofegando. Seus dedos seguram a bainha perfeita do colete. — Pelo modo como ele estava lutando… ele realmente queria me machucar.

Sinto meu estômago se revirar, odiando o fato de Pae ter acreditado que era eu na arena. Mas as tensões eram imensas e esse Portador

estava ali para representar um papel: o meu.

— Ele queria vingar Adena. — Paedyn balança a cabeça. — Não posso culpá-lo por isso. Só a mim mesma.

Meus olhos encontram os de Kitt por cima da garota preocupada entre nós. Ela se inclina lentamente para trás, sobre os calcanhares, com um fio constante de lágrimas enfeitando a pele.

— Mas ele decidiu não me matar — murmura ela. — Ele poderia ter me matado. Se nós não tivéssemos nos conhecido, imagino que as coisas seriam diferentes.

A cabeça de Paedyn pousa no meu ombro, e por um momento esqueço a presença do meu irmão. Kitt desvia o olhar, o nó na garganta subindo e descendo de emoção. Talvez seja inveja, até mesmo irritação, e eu odeio isso. É totalmente errado vê-lo assim. Estar assim com ele…

Paedyn passa o braço pelo de Kitt, puxando-o para perto.

Enrijeço e Kitt faz o mesmo diante da inclusão súbita, mas Paedyn não se abala. Simplesmente olha para o corpo diante de nós, enquanto o seu permanece apertado entre os dois irmãos.

A simples enormidade do seu sofrimento puxa minha atenção de volta. Ela se agarra ao braço de Kitt com a cabeça apoiada no meu ombro. Além disso eu conheço essa garota melhor do que ela permite que a maioria das pessoas a conheça. Sou capaz de ler cada tremor e cada palavra não dita.

Paedyn quer silêncio. Quer ficar trancada nessa dor. E quando estiver pronta para ser puxada para fora, seu noivo e o irmão dele estarão bem aqui para fazê-lo.

— Nós não tivemos a chance de nos despedir dela. — As palavras sussurradas por Paedyn não se destinam aos nossos ouvidos. — Mas pelo menos pudemos compartilhar o quanto a amávamos.

Um longo tempo se passa antes que ela se separe dos nossos corpos e levante a mão, hesitando, na direção do olhar vítreo do Portador. Fecha os olhos dele gentilmente, oferecendo o fim pacífico que não pôde dar na arena. Entorpecida, ajeita o colete dele antes de afastar fios de cabelo desgrenhado de cima da testa fria.

— Cuide dela por mim — sussurra acima do rosto pálido do rapaz. — Cuide dela, Mak.

Quase não escuto seu último sussurro entrecortado.
— Vejo você no céu.

CAPÍTULO 50

Paedyn

Mal me lembro de ter saído da masmorra.

Recordo menos ainda de voltar ao meu quarto.

Foi mais difícil por conhecê-lo.

O cadáver tinha um nome.

Mak.

Mak.

MAK.

Cadáveres não precisam de nomes.

A última parte de Adena morreu em meus braços, assim como ela.

Ele usava o colete dela. E agora o colete aquece seu corpo sem vida.

Mak.

Ellie diz que só ficou sabendo hoje cedo que quem estava na arena não era Kai.

Digo a ela que eu sei.

Acho que sou egoísta pelo alívio que sinto com a ressurreição de Kai.

Por que meu amor merece viver e o de Adena não?

Mas agora eles estão juntos, enfeitando o céu.

Começo a me dar conta de que era isso que ele queria.

Ele só queria vê-la no céu.



Uma cachoeira branca cascateia pelo meu corpo.

— Já está terminando aí atrás? — pergunto com uma leve preocupação.

Ellie levanta a cabeça acima do meu ombro e suspira para mim no espelho.

— Deve ter uns cem botões.

Balanço a cabeça antes que ela se abaixe e volte à tarefa meticulosa. Eu analiso o vestido, percorrendo-o com olhar, acompanhando a curva delicada das formas contra o meu corpo. O tecido branco e macio me abraça, justo, enquanto uma camada de renda delicada cai sobre ele. Cachos de flores pequeninas o enfeitam, subindo pelas alças largas em volta dos ombros e pendendo nas costas em fitas compridas.

É a imagem perfeita da pureza.

E não tenho certeza se eu é que deveria estar usando-o.

— Pronto — declara Ellie, antes de se endireitar. — Ah, você vai ser uma noiva linda.

Engulo em seco. Forço um sorriso tenso.

— Bom — continua ela gentilmente, sem perceber meu desconforto —, ainda não está pronto. E, ah, posso pedir à costureira para alargar essas alças um pouquinho mais, se você quiser.

Um pedacinho da minha cicatriz espia saindo de baixo do tecido. Passo os dedos sobre a pele mutilada, olhando o contraste estranho entre tanta delicadeza e tanta animosidade.

— Talvez — digo distante. — Não sei bem se…

Uma batida fraca à porta interrompe minha resposta hesitante. Eu me volto na direção do som antes de sorrir para a fonte dele. Calum está parado junto à porta, sorrindo de leve.

— É uma hora ruim para desejar tudo de bom à futura rainha?

Sinalizo para ele entrar enquanto Ellie se afasta, nos dando alguma privacidade.

— Não, de jeito nenhum. Na verdade, estou feliz por você ter vindo.

— Está? — Ele chega perto de mim, o cabelo louro brilhando ao sol poente cujos raios entram pela janela. — Apenas por bons motivos, espero.

Meu sorriso é fraco.

— Bom, veja bem… — Estou mexendo o anel no polegar. — Você é a coisa mais próxima de um pai que eu tenho agora. E eu fiquei pensando se…

— Eu ficaria honrado em levar você até o altar, Paedyn — diz Calum, assentindo, solene.

— É mesmo? — ofego.

Pela primeira vez em muito tempo me sinto uma menininha de novo. Me sinto a menininha *de alguém* de novo.

— Claro. — Seu olhar examinador percorre o vestido elegante antes de voltar ao meu rosto. Capto o ligeiro movimento da sua garganta. — Você se parece mesmo com a sua mãe.

Fico lisonjeada até que me lembro da verdade.

— É. — Suspiro. — Eu nunca tive a chance de contar a você sobre o diário do meu pai.

O olhar de Calum se crava nos meus olhos, descobrindo os pensamentos enterrados atrás deles. Ele pisca, com a voz suave.

— Adam não era seu pai.

— Pelo jeito, não. — Balanço a cabeça, o olhar baixando para o anel no polegar. — A mulher dele morreu dando à luz, e uma semana depois eu apareci à porta dele. Mais uma Comum indesejada. Assim… quem sabe se eu sou parecida com minha mãe de verdade?

— Ele nunca me contou. — Há uma pausa longa antes de Calum acrescentar: — Adam escreveu sobre alguma outra coisa nesse diário?

Balanço a cabeça em negativa.

— Na maior parte ele documentava os pacientes e o crescimento da Resistência. Mas se alguma outra coisa foi mencionada, seria nas páginas que eu usei para alimentar uma fogueira no Santuário das Almas. — Olho para ele, ligeiramente cética. — Por quê?

Calum consegue dar um leve sorriso.

— Só curiosidade com relação a um velho amigo.

— Humm. — Remexo o anel no polegar. — Mas você acha que eu sou parecida com a mulher do meu pai, Alice?

— Pelas poucas fotos que vi dela, sim — responde ele baixinho. — Bom, preciso correr para uma reunião com o Kitt, mas com certeza direi a ele que você está linda nesse vestido de noiva. As rosas do meu jardim vão ficar maravilhosas com ele.

Isso me faz parar.

— Seu jardim? Como você conseguiu cultivar alguma coisa no pouco tempo em que esteve aqui?

Ele recua.

— Bom, os Cultivadores ajudaram muito. Preciso agradecer a eles por convencerem minhas flores a crescerem.

— Certo — murmuro, e completo rapidamente: — Obrigada. Por tudo.

Calum baixa a cabeça, me olhando uma última vez.

— Espero que você não cubra essa cicatriz. Você deveria exibi-la com orgulho.

O Leitor de Mentes vai embora antes que eu tenha a chance de sorrir. Ellie volta correndo para perto de mim, olhando minha figura no espelho enquanto ajeita as várias costuras do vestido.

— O que você acha?

Passo a mão pelo tecido.

— Só estou pensando no que Adena diria.

— Provavelmente um monte de coisas — diz Ellie, séria.

O fato de essa ser uma previsão bastante precisa me faz rir. E então toco as alças largas sobre os ombros. As palavras de Calum ressoam na minha mente, mas a voz que ecoa no meu coração é mais doce. É onde Adena vive, e ela está dizendo para eu exibir minha sobrevivência. Escancarar o poder que fui obrigada a encontrar em mim mesma.

Esse tecido jamais sentiu o toque suave de Adena, e eu nunca o sentirei de novo. Se vou me casar, quero estar usando uma parte dela. Assim, o mínimo que posso fazer é revelar minha força em sua homenagem.

— Na verdade, decidi tirar as alças. — Luto para conter a risada triunfal. — Quero que elas sejam tiradas.

Ellie assente.

— Vou chamar a costureira, então.

Vejo-a sair do quarto e me volto para o espelho. O rosto que me encara de volta é estranho, de um jeito libertador. Há uma certa ousadia nele com a qual estou ansiosa para me familiarizar. Não é bem a imagem de uma rainha, mas talvez seja de algo igualmente poderoso.

Existe força em sacrifícios. E esse casamento definitivamente é um.

Assim, sorrio para o meu reflexo, incapaz de me lembrar da última vez que fiz isso.

Passos fracos ecoam no corredor lá fora e eu pergunto, distraída:

— Ellie, eu vou usar um véu?

— Eu imploraria que não.

Meu coração falha ao som súbito da voz dele. Eu me viro devagar, o tecido farfalhando em volta dos meus tornozelos. Kai está parado junto à porta, seu olhar percorrendo meu corpo inteiro com uma expressão que, de longe, parece devastada.

— O quê? — questiono, ofegante.

— Não me prive de ver seu rosto uma última vez.

Hesito.

— Não será a última vez.

— Não será a mesma coisa — dispara ele.

A dor na sua voz me faz estremecer.

— Kai…

Vou depressa até ele, de novo caminhando na linha perigosa entre o dever e o desejo. Posso estar usando um vestido de noiva para o rei, mas é para o irmão dele que eu sempre corro.

— Não. — Kai praticamente engasga. — Não venha para perto de mim usando esse vestido. — Nunca ouvi o Executor tão abalado. — Ele só me lembra de que não serei eu te esperando naquele altar.

Eu paro, hesitando. Assinto devagar, odiando a dor no rosto dele. Minha garganta arde.

— Também não quero isso.

Ele me encara por um longo momento, antes de acabar com a distância entre nós.

— Só vim para enfiar um bilhete por baixo da sua porta. — Minha respiração falha quando Kai coloca um pedaço de pergaminho dobrado na minha mão. — Mas agora que estou aqui… — Ele recua

um passo a fim de me olhar inteira. — Posso dizer que falta alguma coisa na sua roupa.

Essa declaração explícita me faz piscar.

— É?

A boca de Kai se repuxa.

— Você não tem nada afiado com o que me ameaçar.

— Isso é um problema, não é? — concordo.

Com um sorriso crescente que revela as covinhas que eu amo odiar, ele enfia a mão na bota e pega…

— Minha adaga — ofego.

O cabo prateado com entalhes de redemoinhos pisca para mim à luz fraca. Pego-a gentilmente das mãos dele, sorrindo enquanto me reúno com esse pedaço do meu pai. Até que me lembro do motivo para não ter estado com ela.

Olho a lâmina limpa.

— Você… a arrancou do peito dele.

— Ele não precisava dela.

Baixo o olhar para as palmas das mãos calejadas de Kai. As unhas estão sujas de terra, mas as mãos foram limpas da lama que antes as cobria. Essa simples visão me lança de volta à Floresta dos Sussurros, onde um dia um príncipe metido a besta enterrou uma garota pelo bem de outra. E, de novo, à favela de Ilya, onde outro corpo foi posto para descansar pelo homem que deveria me arrastar para a minha ruína.

— Você o enterrou.

Não é uma pergunta. Mas também não é surpresa. Não mais.

— Você não deixa escapar nada, Pequena Psíquica. — Kai suspira antes de acrescentar: — Lá no campo de papoulas. Achei que era um bom lugar para ele descansar.

— Obrigada. — Engasgo com a palavra. — Só gostaria que Adena estivesse lá, com ele.

Ele toca meu queixo com os dedos.

— Eu sei, Pae. Gostaria de saber o que aconteceu com ela depois da Prova.

Assinto depressa, evitando pensar nisso mais do que já penso.

— Obrigada — repito. — Você está se tornando um verdadeiro cavalheiro.

— Só por você, querida. — Ele dá um peteleco de leve no meu nariz antes de recuar com um sorriso torto.

Pisco, observando-o se afastar.

— Aonde você vai?

Ele ergue as mãos num gesto de quem aceita a derrota.

— A algum lugar onde você não possa me torturar, Gray.

Um som exasperado escapa da minha boca.

— Torturar? Ainda nem levantei minha adaga pra você.

— Você não percebe nem um pouco como é devastadora? — Kai dá um sorriso sombrio. — Não precisa de uma adaga. Eu sangraria só de você pedir.

— Então eu não pediria — digo, séria.

— Não, não pediria. — Ele sai para o corredor, jogando a próxima frase condenatória por cima do ombro. — Como minha rainha, você ordenaria.

CAPÍTULO 51

Kai

O som de vozes abafadas reverbera de trás da enorme porta dupla da sala do trono.

Kitt está ao meu lado, ajeitando a coroa de ouro que se funde com o cabelo.

— Ela já deveria estar aqui.

Tenho uma sensação estranhíssima de que ele não estava falando comigo. Meu olhar percorre o corredor, procurando algum sinal de cabelos prateados.

— Ela vai chegar logo. Provavelmente.

O rei passa a mão sobre o rosto, com os olhos turvos.

— Bom, a corte está ficando inquieta. Nós deveríamos entrar.

Com um suspiro, eu me viro para a porta.

— O que foi? — pergunta Kitt, cético. — Desembucha.

— É só que eu nunca estive morto antes. — Dou de ombros. — Até que foi legal.

A risada de Kitt ricocheteia ao redor. Seu olhar parece ficar subitamente nítido.

— É pacífico, tenho certeza.

— Eu deveria morrer com mais frequência.

Seu sorriso é ao mesmo tempo familiar e sério.

— Sem chance, Kai Cai. Preciso de você comigo.

A porta se abre devagar, revelando uma parte da corte do outro lado. Nós os encaramos, encaramos o reino, a vida em que fomos lançados, do mesmo modo como fizemos tudo: juntos.

Kitt me olha de lado. Seu sorriso se alarga.

Sorrio de volta.

— Pronto para a sua ressurreição? — murmura ele.

Respiro fundo.

— Desde que você esteja aqui para me ajudar a sobreviver dessa vez.

A porta se escancara e sons engasgados ecoam no salão.

Cada olhar está fixado no cadáver ambulante. Há muitos anos aprendi a não ficar sem graça sob escrutínios, por isso coloco uma máscara sobre as feições, esmagando qualquer emoção que não seja indiferença. Sussurros chocados acompanham cada passo que dou, com a incredulidade mordiscando meus calcanhares.

Kitt chega ao tablado e se vira para cumprimentar uma corte atônita.

— Boa tarde. Imagino que todos estejam perplexos ao ver o seu Executor depois de testemunharem a última Prova de Paedyn na Arena. — O rei pousa a mão firme no meu ombro. — Parece que todos precisavam ser lembrados de que Kai Azer é o Notável mais forte entre nós. Sua morte não virá facilmente.

A multidão explode, gritos de comemoração reverberam pela sala do trono. Provavelmente é por medo que celebram, preocupados com o que eu poderia fazer com eles.

Eles não precisam acreditar. Só precisam temê-lo.

As palavras de Kitt são verdadeiras, mas é a voz do meu pai que ouço dizendo-as.

Fico parado, fingindo que sou um homem temido pela própria morte. E tudo que isso me custou foi a tortura de me ver praticamente matar Paedyn. Testemunhar meu medo mais profundo se realizar enquanto eu tentava, em vão, abrir caminho até ela.

A corte me aplaude, gritando elogios dignos de um herói. E eles sabem, mais do que a maioria, que não sou nada disso. Mesmo assim ofereço um leve aceno de cabeça e…

A porta se abre.

Todas as cabeças se viram para o som trovejante. Olhos se arregalam ao ver o rosto dela, todos ficam boquiabertos espiando mais para baixo. Mal consigo evitar fazer o mesmo, se bem que por motivos muito diferentes.

Ela está ali, vestida de verde-esmeralda. O tecido se derrama pelo corpo em dezenas de camadas antes de se avolumar em volta dos pés e se dobrar atrás dos calcanhares. Abraça sua cintura, justo, e sobe pelo corpo num corpete sem alças.

E ali, à mostra acima do coração, está a marca do rei.

A coluna de Paedyn está ereta sob o peso esmagador de olhos voltados para o seu peito. O *C* malfeito se destaca grosseiro na pele lisa, a cicatriz fluindo, sinistra, para o corte que desce pelo pescoço.

Ousada, ela também examina a multidão. De modo vulnerável, mostra aos que a odeiam a coisa que ela mais odeia em si mesma. E, descaradamente, todos olham.

Sussurros percorrem a multidão, forçando o rei a interromper as fofocas gritando:

— Sua futura rainha, Paedyn Gray.

Kitt sempre expressou suas emoções sem ressalvas — uma qualidade que admiro e invejo. Assim, quando olho para ele, encontrando uma expressão nada surpresa em seu rosto, percebo que não é a primeira vez que ele testemunhou a crueldade do nosso pai gravada em Paedyn.

Uma pontada de ciúme, até mesmo de dor, penetra embaixo da minha máscara de indiferença. Não tenho tanta certeza do motivo, talvez porque eu saiba que aquela cicatriz é incrivelmente íntima para ela. Algo que ela lutou para impedir que eu descobrisse, e que se dispôs a exibir para o meu irmão.

Mas é claro que ela faria isso. Eles estão noivos. Isso é só o começo.

Paedyn caminha pelo chão de mármore, dividindo a corte agora silenciosa. Mantém a cabeça erguida, o cabelo prateado roçando nos ombros queimados de sol enquanto a cicatriz repuxa a pele abaixo.

Seu pé chega ao primeiro degrau e aqueles olhos azuis se chocam contra os meus. O olhar que ela me dá é incisivo: como sempre foi e provavelmente sempre será. Porque, ainda que nossos sentimentos se intensifiquem ou que nós os confessemos, vamos permanecer

exatamente como somos. Irei provocá-la até minha última respiração, lutarei até estar enterrado sete palmos sob seus pés.

Serei para sempre o seu rival, e adoro isso.

Ela se vira para a corte, a completa rainha que eles a fizeram se tornar. Ela volta o olhar para Kitt, como fará pelo resto das nossas vidas. Ele inclina de leve a cabeça, encorajando-a a abrir a boca e…

— Então a Comum não conseguiu matá-lo.

Me volto depressa para a multidão, pousando os olhos num homem que deve estar ansioso para conhecer a morte.

— Isso significa — ele levanta a mão para o tablado — que ela não completou a Prova. Era uma luta até a morte, não era?

Paedyn fala antes que eu tenha a chance de escolher o método mais violento.

— Você gostaria que eu completasse a Prova aqui? Se quer satisfação, é o seu sangue que posso derramar.

A voz dela é mortífera de um modo que eu ainda não tinha ouvido. O rosto do homem se afrouxa ouvindo as palavras, empalidecendo a cada palavra que é dita em seguida.

— Não seria difícil — continua ela, tranquila. — Você perdeu recentemente sua mão dominante e, sendo um Lagartixa, isso seria uma tremenda desvantagem. Qualquer soco que você tentasse dar seria fraco, e sua defesa, mais fraca ainda.

Pae diz tudo isso como se estivesse falando do clima. Estendo o meu poder, enrolando-o no homem atônito.

Lagartixa.

Meus lábios se curvam num sorriso que não consigo evitar.

Ela não é exatamente uma Psíquica. Também não é exatamente uma Comum.

— E a sua mulher. — O olhar frio de Paedyn vai até a mulher ao lado dele, agora se encostando mais no marido. — Mesmo sendo Curadora, não pôde salvar sua mão. E, bem no fundo, você a despreza por causa disso.

A corte olha para a futura rainha com os olhos arregalados de incredulidade enquanto os dela permanecem voltados para o rosto do homem.

— Eu estou errada?

A boca do sujeito abre e fecha.

Ela não hesita.

— Eu. Estou. Errada?

Ele baixa a cabeça, balançando-a solene enquanto a multidão explode numa agitação de sussurros.

Psíquica, mesmo. E outra coisa totalmente diferente.

A voz de Paedyn atravessa todos eles, com uma exigência suave.

— Não sou Notável. E é só isso que vocês veem quando me olham: tudo o que eu não sou. Então me deixem dizer o que sou. — Ela respira fundo, com a cicatriz acima do coração subindo e descendo. — Sou poder conquistado, e não concedido. Eu me tornei uma de vocês. Observadora a ponto de fingir que sou Psíquica, forte a ponto de sobreviver às suas Provas. De novo e de novo eu me provei digna da sua lealdade.

Ela levanta um braço, passando os dedos na cicatriz abaixo da clavícula.

— Mas enfrentei coisas muito piores do que minha falta de poder. Antes eu usava essa marca com vergonha, mas agora ela é a prova da minha sobrevivência. Nenhuma habilidade poderia suportar o que eu suportei sozinha. — Um sorriso toca seus lábios. — Um rei deixou a marca dele sobre o meu coração. E agora vou deixar minha marca no reino dele.

Nunca vi uma coisa tão linda, tão ousada, tão explicitamente certa para mim, para este reino, essa esperança de uma Ilya unida. E acho que sentirei para sempre esse espanto reverente. Ao olhar para Paedyn Gray, vejo uma espécie de destemor imprudente, um poder que brota da sua alma vibrante.

— A Peste corre no meu sangue, tanto quanto no de vocês. — A voz de Paedyn é clara, indo longe sobre o silêncio na sala do trono. — Mas ela não me abençoou com a força. Eu a tomei.

Indo até a borda do tablado, ela deixa o olhar percorrer a multidão.

— Sou Comum. Notável. Um poder que eu escolhi. E serei sua rainha: tudo que eu sou e o que ferozmente não sou.

Silêncio.

A corte a encara, em choque, numa mistura confusa de medo e respeito. E Paedyn Gray a encara de volta.

— Paladina Prateada…

O sussurro encontra meus ouvidos, me instigando a dar um passo à frente.

— Ajoelhem-se diante da futura rainha de Ilya.

Os olhos de Paedyn se viram rapidamente para os meus, e por um momento é como se fôssemos as únicas duas pessoas ocupando a sala. Ali está aquela amarra eletrizante entre nós, puxando meu coração a cada segundo em que sou visto por ela. Mas o som de pés se mexendo faz meu olhar se afastar e…

E cada joelho encontrou o mármore, cada cabeça baixou na direção dele.

Paedyn engole em seco ao ver a corte inteira se ajoelhar diante dela.

Sorrio.

Kitt segura a mão da sua rainha.

— À Paladina Prateada! — grita ele. — Em três dias, ela será a rainha de vocês.

CAPÍTULO 52

Paedyn

A parede áspera está fria contra as minhas costas nuas.

Meu vestido se derrama no chão, camadas de esmeralda cobrindo as pedras da adega. Eu aperto o gargalo da garrafa com força entre os dedos enquanto o vinho doce mancha meus lábios.

— À Paladina Prateada.

A bebida afrouxou os lábios de Kitt, permitindo um raro momento de elogio direcionado a mim.

Minha cabeça está tonta, mas mesmo assim assinto para ele. O rei não parece nada régio enquanto levanta a garrafa com o braço frouxo. Seu Executor ri ao lado, imitando o irmão enquanto eu simplesmente rio para eles.

Kitt franze a testa e enfia a mão embaixo do meu cotovelo, empurrando-o para cima. Ergo minha garrafa, ganhando um olhar satisfeito do rei.

— Agora — ele tenta de novo — à Paladina Prateada. A Comum mais temida. E… — parando de repente, lança um olhar contemplativo na direção de Kai. — Gostaria de acrescentar alguma coisa, irmão?

Em resposta, o Executor bate a garrafa dele nas nossas.

— E a muitos outros discursos aterrorizantes como aquele.

Kitt murmura, aprovando a intenção, antes de fixar o olhar no meu. Eu pigarreio, sentindo o vinho nublar meus pensamentos.

— A uma Ilya unida.

Tomo um gole da minha garrafa, instigando os irmãos a fazerem o mesmo. A adega é úmida, iluminada apenas por lâmpadas fracas tremeluzentes. Sombras compridas caem sobre o rei e seu Executor, mas, por estarem tão próximos, consigo vê-los com clareza — e não posso deixar de sorrir.

— Como você sabia aquelas coisas? — pergunta Kitt. — Sobre… quem era, mesmo? O Comandante Orson?

Kai assente.

— Ele é um pé no saco, por isso adorei o espetáculo, mas, é… — continua ele, malicioso: — Eu gostaria de saber como a Pequena Psíquica fez aquilo.

Meu olhar é presunçoso.

— E pensar que você chegou a duvidar da minha habilidade de Notável.

— Com todo o direito.

— Menos picuinha e mais explicação — exige Kitt, tossindo.

— Certo. — Suspiro, pensando no momento em que vi o comandante, há algumas horas. — Quando ele levantou a mão para mim, percebi de imediato que a palma estava vermelha e ralada. Havia arranhões e hematomas onde os calos iriam se formar, sugerindo que ele vinha usando aquela mão esquerda muito mais do que o normal. E quais Notáveis usam as mãos mais do que quaisquer outros? Obviamente ele era um Lagartixa.

— É, *obviamente* — repete Kitt.

Esta noite ele está parecido com seu eu antigo. Talvez seja graças ao álcool.

— Então percebi que aquela mão estava tão ferida porque ele não podia mais usar a outra — continuo. — Assim, quando vi a luva rígida na mão direita, tudo começou a se encaixar. O sujeito estava escondendo um membro de madeira no lugar do que havia perdido.

— E a mulher? — É a voz cética de Kai que pergunta. — Como você soube sobre ela?

Solto o ar com força.

— Sendo sincera, isso foi mais uma aposta. Eu vi uma linha descorada no dedo da aliança de casamento do Lagartixa, no entanto

ele usava a aliança no dedo ao lado. A mulher usava a aliança dela com orgulho e tinha aquele tipo de aparência saudável da maioria dos Curadores. — Giro o anel de aço no polegar. — Papai me ensinou a identificar um Curador vendo apenas o viço da pele. Ele dizia que a maior parte dos Curadores usa as habilidades neles mesmos, para ficar com a aparência mais jovial possível.

Pigarreando, olho os irmãos atônitos.

— De qualquer modo, deu para ver como ela estendia a mão para ele e era ignorada. Achei que ela devia ter tentado salvar a mão dele e não conseguiu.

— E que ele a desprezava por isso — termina Kai, baixinho.

— Desculpe — intervém Kitt. — Mas como diabos você soube que tudo isso era verdade?

Dou de ombros, tomando mais um gole de vinho.

— Eu não soube.

— É tudo um jogo. — Kai balança a cabeça para mim. — Esse é um jogo perigoso, Gray.

— Ah, eu sei — admito. — Mas boa parte do trabalho de observação é correr riscos. Chegar a uma conclusão lógica. E eu já errei antes, claro, mas passei a vida inteira dominando essa habilidade de Psíquica. — Franzindo a testa, acrescento: — Apesar de nas últimas semanas não ter tido muita necessidade de fazer isso.

— Você pode praticar com a gente, se quiser — oferece o rei.

Kai gargalha, e o som me faz encará-lo enquanto um arrepio sobe pelos meus braços nus.

— É, por que não lê a gente, Gray?

Rio.

— Você acha que não fiz isso no instante em que conheci vocês dois?

— Bom — instiga Kitt. — E o que você descobriu?

— Que você… — indico Kai — … é um babaca metido a besta. E você… — assinto para Kitt — … é um príncipe encantado.

O Executor dá um sorriso astuto.

— E agora?

— Você é ainda mais — respondo.

— E eu?

Forço meu olhar para Kitt.

— Eu… não tenho mais certeza. Você é muito mais difícil de decifrar.

O rei me observa por um longo momento.

— Bom, você vai ter tempo suficiente para descobrir o que eu sou.

— Certo — engulo em seco. — O casamento é daqui a três dias.

Isso foi uma surpresa tão grande para o reino quanto para mim. Fiquei imobilizada naquele tablado, com a mão na do rei e o coração na garganta.

Três dias.

Em tão pouco tempo eu perderia minha liberdade, meu coração, meu amor. Os olhos de Kai se viram para os meus, e a dor em seu olhar só amplifica meu sofrimento. Ficarei amarrada a ele até o fim das nossas vidas, mas não como qualquer um de nós esperava.

— Easel insiste que devemos fazer uma segunda cerimônia na favela — diz Kitt. — Ele acha que ajudará a unir o povo mais ainda se a favela for incluída nas comemorações. É uma coisa incomum, com certeza, mas…

— Acho uma ideia ótima — disparo.

A confirmação de Kai é distante, mas não deixo de perceber a amargura na sua voz.

— Dois casamentos. Melhor ainda.

E então ele está de pé.

— Kai…

Ele interrompe minha súplica com palavras rápidas:

— Há muita coisa que eu preciso fazer antes da cerimônia. — Os olhos tempestuosos encontram os meus. — Vou dar um tempo pra vocês decifrarem um ao outro.

Antes que eu possa questionar, Kai desapareceu na penumbra da escada.

Dou um suspiro no ar úmido.

— Ele está com muita coisa na cabeça, tenho certeza.

— Principalmente você.

Me viro na direção de Kitt.

— O quê?

— Não precisa fingir surpresa, Paedyn. — As palavras dele são firmes. Seu rosto fica inexpressivo sem o irmão para iluminá-lo, as bochechas magras são nítidas à luz tremeluzente. Governar sempre cobrou um preço dele. — Nós dois sabemos que o coração de Kai pertence a você.

— E a você — acrescento, séria. — Ele ama você o suficiente para não interferir nos seus planos.

Kitt olha para a sua garrafa, girando o que resta nela.

— O tempo dirá.

Pigarreio, sem saber o que deveria dizer. Kai é um assunto que nós evitamos. Assim, me permito ficar em silêncio durante vários momentos tensos antes de enfim juntar palavras suficientes para preencher o espaço enorme entre nós.

— Eu escolhi rosas para o casamento. Espero que não seja um problema.

Ele quase sorri, mas não consigo decifrar a emoção por baixo.

— É, eu também teria escolhido rosas.

— Verdade?

— Parece que minha mãe gostava delas — diz ele, com a voz distante.

Endireito as costas apoiadas na parede de pedra.

— Você não fala muito sobre ela.

— Não sei muito sobre ela. Só o pouco que meu pai se dignou a contar e, agora que sou rei, o que descobri sozinho.

O nojo cobre minha língua.

— Ele nunca deveria ter impedido que você soubesse mais sobre ela.

— Fui eu que a matei, afinal de contas. — O rei parece ter algo preso na garganta, uma indiferença. — Talvez por isso eu nunca tenha sido suficientemente bom pra ele.

Luto para manter a voz tranquila.

— A culpa não foi sua, Kitt. Ela não morreu dando à luz?

Ele confirma. É um movimento distraído.

— Ela morreu. Eu vivi. Papai escondeu a lembrança dela de mim. — Seu olhar assume uma expressão distante depois das palavras devastadoras, fixo na parede atrás de mim.

— Kitt, você…

— Está ficando tarde. — Ele passa a mão no rosto, enxugando meticulosamente a tristeza que estava ali. Uma tosse sacode seu peito. — A gente precisa descansar um pouco.

O rei se levanta. Eu o acompanho.

— Eu não serei o meu pai. — Ele caminha, rígido, para a escada enquanto eu me agarro a cada palavra. — Eu… *nós*… estamos mudando Ilya. E vida longa à rainha que tem me ajudado a fazer isso.

CAPÍTULO 53

Kai

Eu me sento na cadeira dura, forçando um sorriso igualmente desconfortável.

— Olá, mamãe.

Seus olhos cansados me encaram daquele jeito de quem sabe das coisas.

— Kitt me contou. Na verdade, vocês se desencontraram por pouco.

— É? — Olho para a cama da qual ela não sai há quase dois meses. — Ele ainda vem ver a senhora?

Uma tosse aguda ressoa na enfermaria vazia antes que ela consiga dizer:

— Nós… nos aproximamos desde que o pai dele faleceu. — A mão da minha mãe procura a minha, fraca. — Mas não mude de assunto, Kai. Eu sei.

Com um suspiro, passo os dedos no cabelo desgrenhado.

— Dois dias.

— Como está a sala do trono?

Quase rio.

— Parecendo um jardim. Os Cultivadores trançaram dezenas daquelas rosas cor-de-rosa ao longo do corredor e em volta das colunas.

— Casamentos reais — diz ela, rouca. — São sempre extravagantes. — E acrescenta depressa: — Bom, o meu e o do rei não foi, claro.

— Porque meu pai precisava se casar rápido depois da morte da mãe de Kitt — eu praticamente recito.

Seus olhos são como um espelho. Eles me examinam por um longo momento em busca de alguma coisa nos meus, ao que parece.

— Esqueci que você é tão jovem. Ainda há muita coisa pra você aprender.

As palavras parecem vagamente um aviso ao qual eu devo prestar atenção, mas quando a rainha sucumbe a um ataque de tosse, todos os meus pensamentos são suplantados pela preocupação. Levo um copo de água aos lábios dela, inclinando seu rosto avermelhado para trás até que o líquido frio limpe sua garganta.

— Eu… — Ela engole antes de tentar de novo. — Sinto muito que você me veja assim.

— *Shh*. — É uma censura severa para uma rainha. — Não a verei assim por muito tempo porque a senhora vai ficar boa antes que a gente perceba.

Seu sorriso, antes tão vibrante, perdeu o vigor.

— Você pode mentir para si mesmo o quanto quiser, mas não faça isso com sua mãe no leito de morte.

Balanço a cabeça, me recusando a acreditar nessas palavras e desejando falar de outras coisas.

— A senhora concorda com o casamento de Kitt e Paedyn?

— Kitt tem seus motivos. — É tudo o que diz.

Não estou totalmente convencido dessa resposta.

Ela tosse. Eu me encolho.

— Descanse, mãe.

— Tanta… — Ela arfa, interrompendo as palavras. — Tanta coisa a aprender.



O calor envolve a cozinha, espalhando o cheiro de batatas recém-temperadas.

— Jax está praticamente salivando ao meu lado. — Andy aponta, rindo. — Gail, quanto falta? Ele está me deixando assustada.

A cozinheira se vira, o rosto redondo com um sorriso luminoso.

— Está quase pronto. O peru ainda precisa de um pouco mais de tempo.

Empoleirado no balcão onde eu costumo me sentar, Kitt está ao meu lado, como se fôssemos meninos de novo. Andy e Jax ocupam a bancada mais distante, e Paedyn se encosta numa parede, observando todos nós.

— Aguenta firme, Jax — conforta Kitt, ainda que provocando.

Ele parece melhor na nossa companhia, a mente fica mais limpa de qualquer coisa que a assombre.

Jax estufa o peito, as pernas compridas penduradas na bancada.

— Sou um cara faminto e em fase de crescimento.

Eu rio.

— Ah, é melhor você parar logo de crescer.

— É… — Kitt olha para ele com simpatia — … não podemos deixar nosso irmãozinho olhar a gente de cima pra baixo.

As sobrancelhas cor de vinho de Andy se arqueiam rapidamente.

— Se ele vai me olhar de cima, tem que olhar vocês dois assim também.

— Eu simplesmente não vou permitir isso — declara Kitt.

— Ótima ideia. — Andy enfia um dedo na tigela de purê de batata e prova um pouquinho. — Que esse seja o seu próximo decreto, está bem?

Gail não se incomoda em se virar.

— Eu vi isso, Andrea.

Com os olhos cor de mel arregalados, Andy sibila na nossa direção:

— Como diabos ela faz isso?

Paedyn gargalha, atraindo minha atenção para o lado oposto do fogão. Cada olhar está pousado nela e em seu sorriso estonteante.

— A panela. Gail pode ver seu reflexo na panela, *Andrea*.

A cozinheira gira na direção de Paedyn, mas seu sorriso jamais se altera.

— Não comece a entregar os meus segredos!

— Ah, obrigada, srta. Gray — diz Andy com diversão. — Depois preciso que você descubra como Jasmyn trapaceia no jogo de cartas.

Paedyn assente.

— Quando quiser.

— Ah! — Jax quase pula da bancada. — Você consegue descobrir para onde vão todas as minhas meias esquerdas?

— É, um tremendo enigma. — Minha prima passa o braço em volta dos ombros de Jax. — Mas a futura rainha me deve um ou dois favores, depois de eu ter consertado a porta dela. Duas vezes.

Ela desliza o olhar acusador na minha direção. Eu me inclino para trás, me apoiando casualmente nas palmas das mãos e a enfrento com um leve risinho.

— Eu fiquei morto durante um dia, e é com a porta que você se preocupa?

— Ah, por favor — murmura ela. — Nós sabíamos que você não estava morto. Mas não se preocupe, mesmo assim eu lamentei a presença do meu primo querido.

— Que decreto você tinha em mente? — Kitt intervém, falando com Andy. — Que Jax precisa parar de crescer?

Está claro que ele quer uma mudança de assunto, e felizmente nossa prima fica contente em obedecer.

— Acho que essa é uma declaração muito régia.

— Não é! — protesta Jax.

Deixo os dois brigarem, nem que seja para reviver um pedaço do nosso passado. Nessa cozinha tudo é muito mais simples, como se o mundo lá fora parasse quando estamos entre essas paredes de pedra. Um certo alívio reside no rosto de Paedyn. Talvez até ela tenha encontrado uma espécie de consolo aqui, conosco. Com a família que ela nunca teve.

— Certo. Peguem um prato e arrumem a mesa — ordena Gail em alto e bom som.

Obedecemos, ocupando a mesa bamba do outro lado da cozinha. Tigelas de comida baixam imediatamente sobre a madeira, cobrindo cada rachadura e cada mancha. Depois de nos mandar sentar, Gail ocupa a cabeceira e começa a servir seu banquete nos nossos pratos.

Quando éramos crianças, esse era o nosso refúgio: sentados em volta dessa mesa, escondidos das pressões de uma corte que não entendíamos. Agora é ainda mais.

Jax e Andy discutem sobre que pedaço de peru eles merecem, enquanto Kitt ri, não se importando em mediar os dois e seus apetites. Raramente o vejo tão feliz fora da cozinha ou longe dos familiares.

Paedyn está sentada diante de mim, enchendo seu prato com ervilhas. Ela levanta os olhos e me espia com uma expressão sabichona que me faz rir.

— Então você gosta de ervilha — digo, malicioso.

— Bom, desde que você me forçou a comer isso quando cheguei nesse castelo — lembra ela —, passei a gostar.

— Dentre muitas outras coisas, desde que você chegou.

— Não força, Azer. — Ela sorri, e eu não desejo nada mais do que beijar seus lábios. — Tenho um monte de facas à disposição para apertar no seu lindo pescocinho.

— Veja bem — aponto o garfo para ela —, se você me chama de lindo, eu só ouço o elogio. E não a ameaça.

Pae revira os olhos, mas sou roubado de qualquer resposta adorável que ela estivesse pronta para dar quando uma voz familiar interrompe o caos.

— O rei me informou que o jantar seria servido na cozinha esta noite. — Calum está parado junto à porta, com sua filha ocupando sua sombra. — Espero que não estejamos interrompendo.

— De forma alguma. — Kitt sinaliza para eles se juntarem a nós. — Tem comida suficiente. Por favor, nos ajudem a comer.

Imediatamente me viro para Paedyn, agora dando um tapinha na cadeira vazia ao lado dela.

— Mira, sente-se com a gente.

Ela faz isso, apesar do olhar desinteressado. Então Calum se senta na ponta da mesa antes de levantar sua taça.

— Agradeçamos à Peste pela união real que virá.

O olhar de Kitt está fixo no Leitor de Mentes enquanto levanta a própria bebida.

— Graças à Peste.

A frase murmurada percorre a mesa até que cada taça esteja levantada. Mas somente Paedyn não agradece à Peste. Em vez disso, ela inclina a cabeça, virando-se de volta para Calum, com expectativa.

Eu sorrio.

Ela não agradecerá à coisa que lhe roubou tudo.

Ainda estou olhando para a minha rainha quando Calum declara:

— À salvação de Ilya.



CAPÍTULO 54



Paedyn

É meu último dia de liberdade.

Se bem que, ultimamente, não tive muito disso.

Eu acordo e me visto, com a ajuda de Ellie, porque, claro, sou incapaz de fazer isso sozinha. Como, mas não devo encher meu próprio prato. Ando pelos corredores, com Lenny ao meu lado. Busco conselho de Calum sobre como ajudar a governar um reino. Como de novo, mas não toco nas colheres de servir. Ando no jardim. Em silêncio, a perspectiva do meu casamento me deixa assustada. Procuro Kai onde quer que eu vá, mas me obrigo a virar as costas quando o encontro. Afundo numa banheira. Como na cama — serei rainha, afinal de contas.

Serei rainha.

Ellie tira meus pratos — digo para ela não fazer isso.

Serei rainha.

Passo ainda mais tempo temendo o casamento.

Serei rainha.

— Quer usar um vestido esta noite?

Pisco depressa, arrancada dos pensamentos. Ellie está perto da minha cama, olhando com expectativa.

— O quê?

— Para se encontrar com o rei. — Seu sorriso só está um pouquinho preocupado. — Quer usar um vestido?

— Ah, certo. — Saio de baixo das cobertas e ponho os pés no chão acolchoado. — É, tudo bem.

Assentindo, Ellie segue apressada até o armário para procurar um vestido.

— Desculpe — digo distraída para as costas dela. — O dia hoje passou num borrão. Parece que estou sonâmbula.

— Deve ser só a empolgação — diz ela, me tranquilizando. — Amanhã é um grande dia.

— Com certeza — murmuro.

— O castelo está agitado. — Ellie pega um vestido azul-marinho nos fundos do armário. — É raro a gente poder planejar eventos tão divertidos. Eles querem que tudo esteja perfeito para o casamento real.

— Pelo menos o castelo está feliz com isso — suspiro, espreguiçando os membros rígidos. — Duvido que o restante do reino também esteja.

Enquanto Ellie me leva para trás do biombo, sua voz suave derrama palavras de conforto.

— Você não tem como saber. Depois da terceira Prova e do discurso na corte, as pessoas podem ter mudado de ideia.

— O tempo dirá, acho.

Entro no amplo vestido azul antes de puxar as alças largas para cima dos ombros. Não é uma roupa exatamente formal, com tecido de linho, mas o corte notável garante que não vou passar despercebida.

Baixo a cabeça, oferecendo um sorriso triste ao chão. Talvez eu tenha aprendido uma ou duas coisas com relação aos tecidos no decorrer dos anos. Só sei o que estou usando porque Adena me treinou para roubar exatamente os tecidos de que precisava. Ela fazia com que eu me sentasse atrás do nosso forte, memorizando a sensação de cada tecido até que eu pudesse diferenciá-los apenas pelo tato.

Minha respiração fica presa quando Ellie puxa os cadarços acima da cintura. Ofegando, consigo murmurar entre os dentes:

— Você não disse que eu ia usar um espartilho.

Outro puxão nos cadarços.

— Acho que você precisará se acostumar com isso, minha rainha.

Ofego antes de Ellie finalmente amarrar o instrumento de tortura e me guiar para o espelho. O tecido azul-marinho se derrama até a

metade das minhas canelas, abrindo-se abaixo do espartilho apertado. Um tule da mesma cor espia saindo da gola quadrada fazendo cócegas nos seios empinados pelo vestido. Meu cabelo brilha acima dos ombros, contrastando com o azul escuro como uma lua cheia no céu noturno.

A cicatriz está ali, sempre à mostra. Assim, fico um pouco mais ereta, revelando-a de um modo que espero que faça o rei se revirar no túmulo.

— Você gosta, não gosta? — Ellie sorri, e é uma espécie de selvageria doce. — Do espartilho e coisa e tal.

— Tudo bem — respondo, a voz arrastada. — Eu gosto. — Em seguida inclino a cabeça para o teto e proclamo: — Ouviu, Adena? Eu gosto do espartilho. Você venceu.

Ellie dá um sorrisinho e eu me permito fazer o mesmo. Quando vou para a porta, sou apresentada a um par de sapatos baixos e escuros que eu calço, animada.

— Vou encontrar o Lenny no corredor — digo por cima do ombro. — Obrigada pela ajuda, Ellie. Pode tirar o resto da noite de folga.

— Mas é a véspera do seu casamen…

— E você vai ter muito o que fazer amanhã. — Abro a porta. — Descanse. Eu insisto.

Vejo-a concordar, relutante, antes de sair para o corredor. Só dou alguns passos e Lenny chega ao meu lado.

— Boa noite, princesa. — Ele se encolhe. — Rainha. Sei lá como devo chamar você.

— Que tal tentar o meu nome?

— Humm. — Ele pensa nisso, zombando. — Acho que o nosso relacionamento ainda não chegou a esse ponto.

Depois de lhe dar uma cotovelada no estômago, eu me permito um sorriso. Viramos para outro corredor, e no instante em que penso que escapei da pergunta, ele diz:

— Está preparada para amanhã?

O aperto de pânico que senti o dia inteiro segura meu coração de novo.

— Nem um pouco.

— Vai dar tudo certo. — Isso é ligeiramente tranquilizador, até que ele acrescenta: — Com sorte.

— Você é mesmo um tremendo conforto pra mim.

— Ei. — Ele praticamente gargalha. — Você vai ficar bem, certo? Você sempre fica.

— Certo. — Olho para Lenny. — Sou mesmo uma barata.

Os cachos ruivos caem sobre sua testa ao balançar a cabeça.

— Estou começando a perceber que isso soa cada vez menos como um elogio.

— Não me diga — falo, rindo de leve para a minha própria surpresa.

Quando viramos uma esquina, a grande porta dupla da sala do trono surge. Respiro fundo, novamente preocupada com o que verei do outro lado. Não poderei mais evitar a visão da decoração para o casamento.

Estamos quase junto à porta quando Lenny segura meu braço, me puxando de lado.

— Ei, ah, eu queria perguntar uma coisa. — Ele mexe na máscara, passando os dedos nas sardas que espiam por baixo.

— O que é? — pergunto ligeiramente preocupada.

— Bom, quando você for rainha… — ele indica a porta enorme — … e isso vai acontecer logo, eu estava, hum… imaginando se você faria uma coisa por mim.

— Claro. — A resposta é rápida. — Qualquer coisa.

Ele respira fundo.

— Me liberar do meu posto. Eu gostaria de ficar livre dos deveres de Imperial. Ver o que Dor ou Tando têm para me oferecer.

Pisco, atônita.

— O quê? É isso que você quer?

Ele coça a nuca.

— Acho que sim? Talvez?

Minha mão encontra o braço dele e sou obrigada a engolir em seco antes de dizer:

— Bom, se é o que você quer. Mas… — aponto um dedo para o seu rosto — … vamos falar sobre isso mais tarde. Certo?

Seu alívio é palpável.

— Claro.

Sorrio para ele antes de me virar para a porta. Ela se abre alguns instantes depois, e quando entro na sala do trono a voz de Lenny me acompanha.

— Obrigado, Pae.

Assinto para ele por cima do ombro e quase tropeço no meu próprio casamento.

Uma enorme quantidade de rosas cor-de-rosa se entrelaça, criando um caminho pelo centro do salão. Sobem pelo tablado, explodindo num leito de pétalas para acolchoar nossos pés. O espanto separa meus lábios diante do arco de folhagem que pende acima da coisa toda, uma renda de trepadeiras, rosas e flores brancas pendendo.

As colunas estão cobertas com mais flores, o mármore fica perdido na beleza que o sufoca. Grossas fitas brancas se estendem entre as janelas e dançam ao longo dos relevos intricados. A própria sala reluz ao sol poente, beijando cada flor com uma gota de calor.

— Está lindo, não está?

Totalmente fascinada com a vastidão etérea diante de mim, me assusto com as palavras de Kitt.

— Sim, isso é… diferente de tudo que eu já vi.

O sorriso dele é fraco.

— Está satisfeita?

Eu tinha quase esquecido para que era tudo isso. Ao lembrar que ele — o rei — estará conectado para sempre à minha alma no final desse caminho florido, fico meio tonta.

— Aham — o som incerto é tudo que consigo produzir neste momento.

— Bom.

Kitt chega mais perto, e luto para impedir meus pés de saírem correndo pela porta.

Ele está mais pálido que o usual. Os lábios estão rachados, o olhar turvo.

— Sei que é muita coisa, mas vai acabar logo.

Suas palavras ficam distantes. E, de um momento para o outro, as paredes começam a se apertar.

Engulo em seco. O espartilho de repente parece sufocante.

— Tudo bem. Só… estou com muita coisa na cabeça.

— Sei como é — concorda ele. — Não é fácil…

Não ouço o resto das palavras. Não, meu foco está totalmente na porta e na liberdade do outro lado.

— Desculpe — digo de repente, rouca, interrompendo sua voz abafada. — Acho que só preciso de um tempo sozinha.

A pontada de confusão no rosto de Kitt me faz tentar suavizar o pedido dizendo rápido:

— Mas vejo você amanhã. E está tudo lindo. — Passando as mãos suadas pela frente do vestido, ando num ritmo impressionante em direção à porta. — Obrigada! — grito por cima do ombro. — De verdade.

E quando o rei desaparece de vista, corro para o ar livre atrás do castelo. Tropeço descendo a escada depois de irromper pela porta. O vento agarra meu cabelo quando saio no pátio, o vestido ondulando ao redor.

Corro para o jardim, me sentindo mais livre do que provavelmente jamais serei de novo. Nuvens escuras começam a sufocar o sol poente, cobrindo-o com a promessa de chuva.

Mesmo assim eu corro. Do meu medo. Do meu futuro. Do meu presente.

As sandálias nos meus pés batem firmes no caminho espiralado do jardim. Pétalas roçam nas minhas pernas, brincando, e espinhos mordem o tecido que as envolve.

Um trovão ribomba ao longe.

Mesmo assim eu corro.

Passo por cada estátua meio desmoronada, cada canteiro de flores e cada gota d'água que a fonte cospe em mim.

Meus pés encontram o gramado fofo do outro lado e eu continuo correndo — direto para o salgueiro. A chuva bate no meu rosto quando abro a cortina de folhas pendentes e entro no refúgio.

Meu coração para ao mesmo tempo que meus pés.

Ali está ele, lindo e deitado num grande cobertor.

Estou ofegando, meu coração batendo forte ao ver sua outra metade. Kai olha para mim, as mãos atrás das ondas pretas dos cabelos, e quase caio de joelhos diante dele. Ele sempre foi um

príncipe, uma marionete do poder ou um instrumento da morte. Mas, tão constante e formidavelmente feroz, ele tem sido o meu lar.

Na busca do conforto, é para ele que eu me arrasto de volta. A paz é o lugar onde ele reside, e paixão é uma palavra que só entendo quando olho nos seus olhos. Kai é a liberdade que não posso agarrar.

Somos inevitáveis. Somos uma tragédia.

— Pae.

Sigo a súplica em sua voz e vou lentamente em direção a esse som sedutor. A chuva bate no dossel de folhas, escorrendo entre algum galho ocasional e batendo na minha pele. Debaixo do consolo do salgueiro fica cada vez mais escuro, mas as sombras se recusam a esconder o rosto dele enquanto me abaixo no cobertor.

Kai se senta. Estende a mão para o meu rosto. Pensa melhor.

— É a véspera do seu casamento. Eu não vejo você praticamente há dias, então com certeza não esperava sua companhia esta noite.

É uma declaração explícita, da qual ele tirou toda a emoção. Engulo em seco, deixando meus olhos acompanharem a coluna forte do seu pescoço.

— Eu sei.

Há uma pausa, preenchida com uma torrente de pensamentos e com a agitação no meu coração. Com a intensidade da convicção e a impulsividade do desejo. Mas eu fiz minha escolha no dia em que roubei aquelas moedas, tanto tempo atrás: paixão. Empolgação. Uma coisa que consome tudo.

— Amanhã é o dia do meu casamento — murmuro enfim. — Acho que é por isso que estou aqui.

— Paedyn, não vou ver você se casar com ele. — Sua voz é pouco mais do que um rosnado. — Não suporto perder você.

— Então me faça sua. — As pontas dos meus dedos roçam nos dele. — Uma última vez.

Kai fica paralisado sob o meu toque, os olhos subindo para encontrar os meus. Eles estão procurando, surpresos com a ousadia dessas palavras.

— Não quero uma última vez. — Ele ofega. — Quero uma primeira e para sempre.

Minha mão está firme quando segura o rosto de Kai. Ele se inclina em direção ao toque, apertando a bochecha na palma da minha mão com uma ansiedade que faz meu coração bater mais forte.

— Finja comigo esta noite. — Encosto minha testa na sua, roço meu nariz no seu. — Finja que temos uma eternidade depois disso.

Sua respiração profunda é o próprio som da contenção.

— Mas Kitt…

— Ainda não é meu marido — termino, interrompendo seu protesto. — E a partir de amanhã darei a ele o resto da minha vida. Mas a você dou meu coração. E me entrego.

Um som profundo vibra no fundo da garganta de Kai e me faz estremecer. A chuva bate no seu cabelo, grudando as ondas escuras na testa enquanto ele envolve minha cintura com um braço em um movimento ávido, me puxando mais para perto. Não consigo não ofegar quando sua cabeça baixa, os lábios roçando na lateral do meu pescoço.

Minha cabeça tomba para trás quando ele beija um caminho vertiginosamente lento que desce pela coluna sensível da minha garganta. Seus lábios se arrastam na minha pele ruborizada, a boca se misturando com a chuva fria que pinga do meu queixo. Minha mão envolve seu pescoço e agarra seu cabelo numa tentativa inútil de puxá-lo mais para perto.

Preciso dele mais perto.

A respiração de Kai está quente na minha garganta, a voz tremendo com a contenção. É um murmúrio dos seus lábios na minha pele. Um pedido. Uma exigência.

— Diga o que você quer, Pae.

Todo o meu corpo pega fogo com o seu toque, algo se liberta dentro de mim ao som do desespero de Kai. Eu me inclino para trás, seguro seu rosto com as duas mãos e sussurro uma promessa nos seus lábios.

— Você — ofego. — Você, sempre.

Sua boca encontra a minha.

Eu me derreto contra ele, deixando a onda de desejo me consumir. Ele me beija com intensidade, e nunca senti um gosto tão inebriante. Sou puxada rapidamente para o seu colo, uma das mãos no meu cabelo

e a outra segurando meu quadril como se esse fosse um sonho do qual ele morre de medo de acordar.

Seus lábios me reivindicam, mais do que jamais fizeram e mais do que jamais farão outra vez. Minha boca se abre para ele, nossas línguas se encontram, cobiçosas. O trovão sacode o céu; a chuva bate forte na cúpula de folhas. No entanto, estou perdida embaixo desse salgueiro, sem saber de nada além dele e deste momento.

Meus lábios se movem contra os dele enquanto pego a mão que ele passou em volta da minha cintura e a guio para os cadarços às costas. Kai recua, seu peito arfando contra o meu. Ele agarra o espartilho com força, como se estivesse se contendo para não rasgá-lo.

— Eu prometi que só teria você — seu polegar acompanha a curva dos meus lábios — se você deixasse.

— Então me faça sua.

É uma exigência desesperada dos lábios que já sentem falta dos dele.

— Não quer que eu implore primeiro?

Meus dedos seguram seu queixo.

— Não é o que você tem feito desde o momento em que nos conhecemos?

Ele ri, e o som desce pela minha coluna. O laço às minhas costas se afrouxa enquanto Kai brinca com o nó.

— E é isso que farei até o momento em que encontrar o meu fim.

Uma resposta está pronta para rolar da minha língua quando o ar inunda subitamente meus pulmões. Com um puxão preciso, Kai me libertou dos confins do espartilho. Ofego, olhando-o em choque enquanto uma respiração ofegante me surpreende.

Ele inclina a cabeça, com uma risada emoldurada por covinhas.

— Sou muito bom com espartilhos.

Rio de novo, e o som é interrompido pela pressão dos meus lábios nos dele. Meus dentes mordiscam seus lábios, brincando, muito diferente daquela noite em cima do telhado em Dor. Ele inala minha respiração, me beijando como ordenei. Eu suspiro em sua boca, e o som faz alguma coisa se partir dentro dele.

Rapidamente ele me tira do colo para o cobertor. Fico deitada, ofegante. Minhas costas estão nuas sob o braço ao meu redor. O cobertor está frio e molhado.

E nada nunca pareceu mais perfeito.

De repente seu aperto fica suave e eu capto um leve tremor nos seus dedos quando ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Estou delicada em seus braços, devotada em seu olhar.

— Tem certeza, Pae?

Sorrio para ele, jamais tive tanta certeza de alguma coisa na vida.

— Tenho — respondo baixinho. — Essa noite será a nossa eternidade.

Uma alça do espartilho frouxo cai do meu ombro. Sustentando o olhar de Kai, tiro a outra do braço. Um convite. O peito dele arfa quando estendo a mão para a sua túnica e a fileira de botões que desce pelo centro. Solto um por um, revelando a pele por baixo.

O olhar de Kai desliza sobre minhas clavículas, sobre meu peito arfando, meus dedos descendo pela sua camisa. Ele sustenta meu olhar e tira a camisa dos ombros antes de jogá-la para o lado. Gotas d'água rolam pelo seu peito nu e pela tatuagem sinuosa. Descem por toda a barriga, seguindo o caminho dos músculos.

Nunca achei que respirar fosse uma tarefa tão árdua.

Meus dedos roçam no cinto de couro áspero que pende baixo nos quadris dele. Devagar, acompanho o punho de uma adaga fina grudada à lateral da calça. Meus olhos jamais se afastam dos dele enquanto solto a arma e a jogo para o lado.

O sorriso de Kai é perigoso.

— Nunca vi você perder uma oportunidade de me ameaçar.

— Não fique tão desapontado — sussurro, maliciosa.

Seu sorriso se torna ávido, mas quando ele pressiona o corpo sobre o meu, o movimento é suave. Passo as mãos nas suas costas nuas, sentindo cada músculo que ondula por toda a extensão. Então sua boca está de novo na minha pele, beijando minha clavícula. A curva da minha garganta. Acima do coração que dói por ele e da cicatriz que seu pai me deu.

Os olhos de Kai sobem rapidamente na direção dos meus, depois de ele ter quase tocado a boca na pele mutilada. Seus lábios formam uma promessa num murmúrio.

— Nenhuma parte sua ficará sem ser amada.

Assinto. A chuva bate no meu rosto e rola pelas bochechas como as lágrimas que eu me recuso a derramar. Assinto porque acredito em Kai. Assinto porque não existe um centímetro de mim que não entregarei a ele.

Minha confissão é rouca e quase se perde ao vento:

— Eu te amo.

Então estremeço, porque eu o desejo com tanta imprudência que isso me abala até o âmago.

E esta noite ele é meu.

Um relâmpago salta, iluminando a silhueta feroz do seu corpo acima do meu, os músculos tensos e os olhos acinzentados derretidos de calor.

— Eu te amo — repito, e puxo seu rosto para o meu.

Ele me beija e o mundo silencia.

— Eu te amo.

E quando o vestido escorrega da minha pele, deixando apenas a chuva para me cobrir, Kai parece sussurrar na minha alma:

— Você é minha eternidade.

Sombra e Chama.

Formidavelmente inevitável.

— Para sempre a minha ruína.

CAPÍTULO 55

Kai

O alvorecer escorre pelos galhos do salgueiro, deslizando entre as aberturas no abraço da árvore.

Rolo de lado, grogue, a pele pegajosa com o orvalho da manhã. Minha mão se estende para o calor de Paedyn, mas tudo que encontra é o ar frio. Pisco, acordando, e me sento rigidamente no cobertor úmido, o peito nu exposto ao frio da manhã.

Meu olhar frenético pousa nela. Depois se acalma. Transforma-se em algo parecido com espanto reverente.

Pae está sentada na beira do cobertor, a luz salpicando sua pele lisa. As sombras das folhas do salgueiro pintam seu corpo, mudando sempre à brisa suave. Ela é uma visão. Tão etérea neste momento que até posso acreditar que existe um Deus. É a coisa mais próxima de uma divindade.

Seu sorriso é suave, demorando-se nos cantos com uma ligeira timidez que ela raramente permite que eu veja.

— Bom dia, príncipe.

Minha calça está úmida de orvalho, mas eu dobro os joelhos, apoiando os cotovelos neles frouxamente.

— Bom dia, querida.

Vejo-a puxar cada alça do vestido molhado e sujo por cima dos ombros. Paedyn pode sentir o olhar que arrasto sobre ela e me deixa continuar. Chegando mais perto, vira as costas nuas para mim.

— Sei que você é melhor em desamarrar espartilhos, mas não posso andar pelo castelo com o vestido caindo.

Sorrio, deixando os dedos deslizarem pela sua coluna. Isso a faz tremer, a pele se arrepiando de um modo que me leva a engolir em seco. Memorizo a sensação, lenta e deliberada, antes de amarrar um nó frouxo na base do espartilho.

— Obrigada — murmura ela, virando-se para me encarar.

Dou de ombros.

— Seria útil treinar a amarração de espartilhos.

Paedyn revira os olhos enquanto eu a puxo.

— Se é de mais treino que você precisa, que tal virar a criada da rainha?

Toco a ponta do nariz de Paedyn e dou um leve peteleco.

— Infelizmente eu seria uma distração terrível. Suas roupas raramente ficariam no corpo.

— É mesmo?

— Só há um modo de descobrir.

Ela balança a cabeça para mim antes de assumir uma expressão solene de repente.

— Obrigada por ontem à noite.

— Eu te amo, Pae — digo isso de um jeito sério, implacável. — E me sinto honrado por ter essa chance.

Paedyn encosta a testa na minha, os lábios estremecendo quando sussurra:

— Não há nada de que eu me arrependa mais do que não ter tido tempo com você.

Ela segura meu rosto entre as mãos. As minhas estão enterradas no cabelo desgrenhado que eu cortei para ela. E quando me beija, é como se respirasse pela última vez. Sua boca se gruda à minha, memorizando um momento que fingimos que será o nosso para sempre. Sinto o gosto do seu lamento nos lábios, um adeus demorado que irei reviver muito depois de ela ter partido.

Desvencilhando-se antes que eu possa sentir suas mãos trêmulas, ela se levanta e se afasta.

— Preciso ir. — Outro passo para trás. — Ellie vai querer me arrumar logo.

Agora estou de pé, com o peito apertado.

— Não posso ver você se casando com ele, Pae.

— Kai, não torne isso mais difícil do que já é. Por favor. — Ela enxuga com raiva as lágrimas que molham seu rosto. — Você sabe que eu preciso fazer isso.

Balanço a cabeça.

— Não precisa.

— Você tem os seus deveres e eu tenho os meus. Nós não escolhemos o nosso destino, lembra?

Encaro-a, e a sensação do meu coração se partindo em dois quase me faz cair de joelhos. Seus pés recuam até que os galhos do salgueiro estão embolados em volta dos ombros.

— Mas eu escolheria você todas as vezes, se pudesse — sussurra ela. — Saiba disso.

O sol atravessa seus cabelos, coroando-os com um halo de luz. Engulo em seco, com a garganta queimando.

— Vejo você depois do casamento, minha rainha.

Uma lágrima escorre pelo rosto dela.

— Como seu Executor — termino, fragilizado.

Com um último olhar pesaroso, ela abre a cortina de folhas e dá um passo em direção ao seu futuro.

Sem mim.

CAPÍTULO 56

Paedyn

Uma rainha me encara no espelho.

Seu olhar é afiado, luminoso como os Baixios onde ela sobreviveu e pintado com kohl escuro como a caverna de onde saiu se arrastando. Um ligeiro brilho cobre suas pálpebras, logo acima dos cílios escurecidos que se abrem em leque sobre as bochechas maquiadas. Os lábios estão pintados de um vermelho profundo, mascarando o rubor de um beijo roubado. Foram-se as riscas de lágrimas, enterradas sob maquiagem e fachadas.

Ela parece letal. Formidável.

E, curiosamente, não me parece uma estranha.

Ellie mexe no meu cabelo, prendendo duas tranças na nuca. É um penteado elegante, mas simples, deixando a maior parte das ondas prateadas fazerem cócegas nos meus ombros. Criadas que eu não conheço andam de um lado para o outro no quarto, ajeitando o vestido e cada detalhe. Fico sentada rigidamente diante do espelho da penteadeira, forçando os pensamentos a se afastarem do meu futuro iminente.

Ellie recua um passo para admirar seu trabalho.

— Acho que terminei. — Seus olhos escuros brilham com orgulho. — Você está tão linda.

Forço um sorriso.

— Graças a você.

Ela comprime os lábios num sorriso suave antes de me empurrar para trás do biombo.

— É hora de colocá-la no vestido.

Ficar despida no meio de várias estranhas é a menor das minhas preocupações no momento. Assim, não hesito, como outra versão de mim faria. As criadas se amontoam ao redor, ajudando cada perna a entrar no vestido e colocando cada centímetro de vestido no lugar exato.

Diante do espelho, avalio este vestido alterado. O corpete sem mangas me abraça, justo, coberto por uma renda florida. Ao mesmo tempo delicado e ousado, ele se espalha na minha pele enquanto longas tiras rendadas descem pelas costas. Restam apenas alguns botões na base da coluna, não muito diferentes das tiras do espartilho que usei ontem à noite.

Tiras que ele afrouxou, substituídos por dedos demorados. Sua pele estava junto da minha, quente, fria e pingando água da chuva. Vestido esquecido, temores abandonados, pecados desnudados…

Balanço a cabeça, tentando afastar os pensamentos sobre ele. O olhar preocupado de Ellie me encara no espelho.

— Não gostou do vestido?

— Não é isso — respondo depressa. E, de novo, para tranquilizá-la: — Não. É lindo. Eu adorei.

Num momento ela está suspirando de alívio e no outro está dispensando todas as criadas. Elas saem pela porta, permitindo que eu respire fundo pela primeira vez na manhã. Eu me viro para Ellie, segurando sua mão.

— Obrigada por tudo. Você me fez parecer uma rainha.

— Não fiz nada disso. — Ela balança a cabeça. — Você sempre foi mais poderosa do que acredita.

Engulo em seco. Assinto devagar.

— Calum vai chegar logo. Ele vai me levar até a sala do trono quando chegar a hora. — Viro a cabeça para a porta. — Agora vá aproveitar as celebrações do casamento.

A testa dela se franze.

— Tem certeza?

— Tenho. — Dou um suspiro cansado. — Acho que eu gostaria de um momento a sós.

Ela baixa a cabeça.

— Vossa Alteza.

Assim que Ellie sai pela porta, fecho-a, ansiosa. Minha testa encosta na madeira fria, as pálpebras se fechando. Fico parada por um bom tempo e tento desfrutar cada momento que resta antes de encontrar meu destino.

Tudo está silencioso. Este quarto. Meus pensamentos. Até o interior da minha mente parece tomado de aceitação.

Vou me casar hoje.

Sem negação. Sem uma ânsia frenética de fugir.

Solto o ar com força e me afasto da porta no instante em que uma batida soa do outro lado. No segundo seguinte meus dedos estão na maçaneta, girando-a, até que…

Uma mão se estende, segurando a porta antes que ela possa se abrir totalmente.

— Espere, sou eu.

A voz do rei soa ligeiramente abafada, através da madeira. Eu me inclino à frente, verbalizando minha confusão para a fresta entre nós.

— Kitt? O que você está fazendo aqui?

— Olha — murmura ele, rapidamente —, sei que a gente não deveria se ver, mas… eu queria trazer uma coisa pra você.

Há uma pancada fraca quando ele coloca a tal coisa no chão.

— Minha mãe adorava as joias dela, pelo menos foi o que me disseram. E estavam juntando poeira nessa caixa há anos.

Kitt faz uma pausa por tempo suficiente para eu encostar um ouvido na porta, esperando as palavras que ele se esforça para dizer.

— Eu esperava que você usasse alguma coisa dela. — Apressado, ele acrescenta: — Obviamente não sei como é o seu vestido, por isso trouxe a caixa de joias inteira pra você escolher. Na verdade nem sei direito o que tem aqui dentro.

Dou um sorriso triste. Confirmo com a cabeça, mesmo que ele não possa ver.

— Seria uma honra, Kitt.

O alívio na voz dele é cativante.

— Obrigado. Só quero um pedaço dela comigo hoje, sabe?

Meu olhar desce até o anel de aço no meu polegar.

— Ah, eu sei.

Um silêncio confortável se demora entre nós.

— Vou deixar isso aqui, então — diz Kitt, por fim. — Só me dê uns dez segundos para sumir de vista.

Solto uma risada.

— Ótimo plano.

Ele se levanta e o som de roupas farfalhando chega aos meus ouvidos.

— Vejo você em breve, Paedyn.

E então o rei se afasta.

Viro o rosto para a porta, meu olhar acompanhando impaciente os veios da madeira.

Dois, três, quatro…

Meus dedos roçam nas flores de renda que cascateiam pelo meu corpo.

Sete, oito, nove…

Abro a porta.

Kitt foi embora, deixando o corredor vazio, com a exceção de vários Imperiais postados. Junto aos meus pés calçados com chinelos está uma caixa de madeira enfeitada com relevos intricados. A tampa é coberta de redemoinhos que lembram vagamente o brasão de Ilya, e pequenas gavetas se enfileiram por toda a extensão.

Pego-a rapidamente e fecho a porta. Décadas de poeira deixam a bela caixa opaca, parecendo congelada no tempo, com a exceção de várias marcas de dedos. Coloco-a cuidadosamente na cama e já vou abrir quando percebo o pedaço de pergaminho esquecido na mesinha de cabeceira.

O bilhete está ali desde a visita inesperada de Kai e foi rapidamente esquecido quando vi minha adaga na mão dele. Agora abandono qualquer pensamento em troca do que está escrito no papel. Meu coração acelera quando estendo a mão para ele, desenrolando as bordas com as pontas dos dedos.

Sua letra é caprichada, cheia de consideração. São palavras que ele ansiava por dizer. E o tempo fica dolorosamente lento enquanto

mergulho nelas.

Sei que você se recusa a dar graças à Peste. É compreensível, até mesmo admirável, a coragem com que você despreza a coisa que dificultou tanto sua sobrevivência. Mas eu dou graças à Peste. Sussurro minha gratidão quando você está adormecida nos meus braços, quando seus dedos dão um peteleco na ponta do meu nariz. Nos momentos silenciosos agradeço à Peste por você. Se não fosse a divisão entre Comuns e Notáveis há tanto tempo, eu jamais teria encontrado o caminho até você. Minhas moedas estão sempre correndo risco na sua presença, mas nenhum salvamento da minha vida seria necessário naquele dia. Nenhum Silenciador. Nenhuma Prova do Expurgo. Nenhum momento roubado embaixo do salgueiro. Quando agradeço à Peste, não é pelo poder que ela me concedeu, e sim pelo privilégio de ter você. Nada me fortalece mais do que a fraqueza que é você, Paedyn Gray. E se, na próxima vida, você escolher me roubar outra vez, eu lhe daria minha alma, se isso significasse ter um lugar ao lado da sua. Mas até lá verei você se tornar o motivo de outro alguém agradecer à Peste. Você, Pae, é meu inevitável.

(Eu te amo.)

Estou paralisada com cada frase agridoce. O sofrimento e a aceitação se misturam entre as sílabas, deixando meu olhar turvo e a tinta da carta borrada. As palavras vêm de um lugar onde ele quase nunca deixa outra pessoa entrar: seu coração.

Kai é um poeta. Um tolo. Um homem escrevendo sua despedida final.

Balanço a cabeça, incapaz de deixá-lo ir embora tão facilmente…

Uma batida à porta despedaça meu luto silencioso pelo rapaz que não posso ter.

— Entre. — Os livros em cima da mesinha de cabeceira balançam quando enfio o bilhete na gaveta, com os outros. Calum entra no quarto, o cabelo louro penteado e o terno muito bem passado. Consigo dar um sorriso fraco. — Está na hora?

— Está. — Ele se aproxima devagar. — É só passar por essa primeira cerimônia.

Parece que não consigo decidir se quero rir ou chorar.

— É, e depois vou ter de suportar a segunda, na Alameda.

O sorriso de Calum é solene, e é uma visão familiar no seu rosto.

— Uma coisa de cada vez, Paedyn.

— Certo.

Assinto, reunindo coragem, e vou até a porta. Com um último olhar para o meu quarto, me despeço da garota que morou nele. Porque hoje ela se tornará uma rainha. Uma *esposa*.

Pouso o olhar na mesinha de cabeceira onde meu coração permanece, empurrado para o lado em nome do futuro deste reino. Então me volto para a caixa de joias sobre a cama. Hesito junto à porta, lembrando que não escolhi uma joia, como Kitt pediu.

— Paedyn, precisamos ir.

Eu me viro para Calum e para a ligeira urgência em sua voz. Assentindo, distante, saio do quarto.

Sempre há a próxima cerimônia.

Caminhamos em silêncio pelos corredores. Calum deve estar sentindo minha inquietação e tem a gentileza de me permitir um momento comigo mesma. Ou talvez sejam apenas meus pensamentos em pânico que lhe dizem que não estou no clima para conversar. Escondo os dedos trêmulos nas muitas dobras do vestido, apertando as unhas na renda.

Meu coração bate forte quando chegamos perto da sala do trono. A luz do sol penetra pelas muitas janelas ao redor, iluminando este dia sombrio. Solto a respiração quando viramos uma esquina, como se apenas isso pudesse acalmar o terror que cresce dentro de mim.

Este casamento sem dúvida não vai acontecer. Alguma coisa vai impedir essa insanidade. Kai vai me roubar, ou talvez o irmão dele simplesmente recupere o juízo. Mas não pode haver uma união no final desse corredor.

Quando paramos diante da porta da sala do trono, percebo que jamais pretendi chegar a este dia. Mesmo quando deixei Kitt colocar o anel no meu dedo, não imaginei que teríamos a chance de solidificar aquele símbolo com votos. Eu nem esperava sobreviver às Provas, quanto mais viver para ver o dia do meu casamento.

E, depois das coisas que enfrentei, essa pode ser a mais aterrorizante de todas.

Não tenho chance de fugir do futuro antes que as portas comecem a se abrir.

Horrorizada, fico imóvel, vendo meu casamento se espalhar lentamente diante de mim. Minha visão da sala do trono fica mais larga, com dezenas de flores a cada centímetro. A massa de pessoas só cresce, todas de pé de cada lado do corredor emoldurado com rosas. E quando a porta para de abrir, rangendo, cada olhar se vira para mim.

Pés se arrastam, cabeças se viram. Meu corpo treme e meu coração bate violentamente no peito.

Minha expressão é alarmante a ponto de provocar sussurros na multidão. Não escuto ninguém — não escuto nada além do sangue latejando nos ouvidos. Meu olhar sobe do corredor florido e devagar vai de encontro ao do rei.

Ele está em cima do tablado, com um Erudito atrás. Há uma coroa empoleirada num pedestal, com as pontas prateadas elegantes e mortíferas. Há longas esmeraldas incrustadas ao redor, enfatizando a delicadeza que só coisas mortais costumam ter.

Pisco diante dela, vagamente, antes que perceba o que estou vendo. Esta é a coroa da rainha Mareena: o troféu da minha primeira Prova. Foi restaurada de modo impressionante à condição etérea que devia ter tido um dia. Um nó se forma na minha garganta ao pensar em colocá-la na cabeça depois de tê-la roubado do corpo da primeira rainha.

A coroa de ouro do rei repousa entre seus cabelos, combinando com um terno verde-escuro. Os olhos de Kitt reluzem, brilhantes sob o dossel de flores penduradas. Ainda que as manchas escuras em volta deles tenham sido habilmente escondidas, a cor cinzenta é nítida no meio de tanta cor.

Ele parece tão perdido quanto eu.

Suas mãos remexem nos punhos da camisa, torcendo incessantemente os botões.

Ele também não quer isso.

Em outra vida eu poderia ter lhe oferecido um sorriso reconfortante. Poderia ter andado neste corredor de braço dado com meu pai. Mas esta vida é dura, cruel e mal me permitiu vivê-la.

E o pior de tudo: eu não o amo.

Esse pensamento me abala, não porque me choque, mas porque finalmente me permiti não querer isso. Tantas semanas foram passadas justificando essa união — pelo reino, pelos Comuns, pela esperança de um futuro melhor. Mas e o meu futuro? Não amo esse homem. Não. Foi ao irmão dele que eu dei meu coração.

Calum me encoraja com o braço entrelaçado no meu. Dou meu primeiro passo. Lábios se movem ao redor — não ouço o que eles dizem. Kitt me encara com uma expressão distante que sufoca suas feições bonitas.

Caminho rigidamente até aquele altar, cada passo mais condenatório do que o anterior. Calum é uma âncora ao meu lado, me ajudando a me guiar até esse destino. Isto é um dever, lembro. Isto é a esperança no futuro e o perdão do passado. É um sacrifício.

Um pé à frente do outro.

Meu peito sobe e desce, ofegante.

Não quero isso.

Kitt estende a mão para a minha.

Eu não o amo.

Hesito. Meu coração falha, implorando que eu mande às favas o sacrifício e escolha o egoísmo. Escolha Kai. Escolha o amor.

Mas não tenho mais certeza se sei como escolher eu mesma. Ou talvez nunca tenha tido. Assim, seguro o braço do rei, deixando que ele me guie para o tablado. Sua pele está quente, de um modo preocupante.

Rosas nos cercam — uma enorme coroa de rosas acima da nossa cabeça e pétalas sob os pés. Viro o rosto para o rei antes de deixar que ele puxe minhas mãos suadas. Nós nos encaramos, com a insegurança amortalhando os rostos. Meu coração bate forte embaixo da cicatriz à mostra, desenhada na pele ruborizada, e o som ecoa nos meus ouvidos.

De repente me sinto vazia, como se não tivesse controle sobre meus membros, sobre minha vida.

O Erudito começa a falar entre nós. Não quero ouvir suas palavras malditas, mas elas me golpeiam mesmo assim.

— … reunidos hoje para unir Kitt Azer, rei e salvador de Ilya, e a dama Paedyn Gray em sagrado matrimônio. Sejam testemunhas da união deles e…

Meus ouvidos começam a zumbir, bloqueando o decreto gritado. Olho para Kitt, procurando algum sinal de arrependimento ou mudança de ideia. Mas, de modo aterrorizante, ele parece contente em costurar sua alma à minha. Isso só faz meu olhar saltar frenético sobre a multidão, na esperança de encontrar alguma saída.

Não podemos continuar com isso.

O Erudito põe uma aliança na mão esquerda de Kitt.

Certo?

— Kitt Azer, aceita Paedyn Gray como sua esposa e rainha?

Meus olhos vão rapidamente na direção dos olhos verdes diante de mim. Acho que parei de respirar. Kitt me encara por tempo suficiente para fazer a esperança brilhar no meu peito apertado, mas a palavra que sai dos seus lábios não espelha essa hesitação.

— Sim.

Estou tonta. O Erudito se vira para mim.

— Paedyn Gray, aceita Kitt Azer como seu esposo e rei?

Meu estômago dá uma cambalhota, e meu coração fica pendurado no fiapo de liberdade que me resta. Estou a um simples "sim" de ligar minha alma ao nome de outro. Um que não é Kai Azer, Executor, meu babaca metido a besta.

A sala do trono está esmagada pelo silêncio enquanto examino a multidão cheia de expectativa. Procuro-o em cada rosto, em cada espaço entre corpos muito bem-vestidos. Jax, Andy, Calum, Mira, Gail — estranhos. Kai não está em lugar nenhum, como prometeu.

— Paedyn? — O Erudito levanta as sobrancelhas grossas para mim.

Continuo esperando alguma coisa que me salve deste momento. Cambaleio diante do resto da minha vida e imploro que alguém me pegue antes que eu caia. Meu vestido fica apertado demais enquanto a esperança voa para fora do peito, roubando todo o ar.

Demoro um longo momento para perceber que nada e ninguém jamais me salvará. Os que fizeram isso no passado estão mortos. O que o faria neste presente com certeza está embaixo de um salgueiro, já de luto por mim. Assim, enfrento meu destino sozinha e o encaro nos olhos.

Kitt se remexe um pouco, com seu olhar me encorajando a falar o que preciso.

Mais forte do que me sinto e mais condenatório do que deixo transparecer, digo:

— Sim.

— Então eu os declaro marido e mulher.

O rei assente ligeiramente. Eu assinto de volta como sua rainha.

— Pode beijar a noiva e selar a união.

Minha boca fica seca. Eu tinha me esquecido dessa parte.

Kitt, sempre régio e calmo, se inclina para encostar os lábios nos meus. É um beijo doce, uma revelação da sua alma apesar de nunca tê-la revelado com palavras. Esse beijo tem gosto do final doce de um pedido de desculpas ou da demora de uma despedida. E quando ele se afasta, encaro o rosto do meu marido.

Expulso o pânico do meu ser e engulo a percepção do que fiz.

Nós nos viramos para a corte, de mãos dadas. O Erudito tira aquela coroa mortífera do pedestal e a levanta bem acima da minha cabeça. Dobrando os joelhos, forço o tremor constante a abandonar meus membros.

— Povo de Ilya, apresento-lhes Paedyn Azer, sua inquestionável rainha consorte. — O decreto do Erudito ressoa na sala do trono. — E seu rei, Kitt Azer, salvador de Ilya. Que a união deles traga prosperidade ao nosso reino e grandeza à nossa história.

A corte aplaude, forçando sorrisos nos rostos relutantes. Descemos do tablado, recém-casados, e caminhamos pelo corredor como membros da realeza. Eu me concentro apenas em ir além daquela porta aberta enquanto desfilamos pelo centro desta corte.

Meu olhar está fixo na fresta de liberdade adiante quando o vejo.

O tempo desacelera. Meu coração se despedaça.

Kai está junto à porta, o peito arfando como se tivesse corrido, ultrapassando seu bom senso até chegar aqui. Uma espécie de

reconhecimento sofrido do meu destino preenche seu rosto. Vejo o momento exato em que ele percebe que chegou tarde demais.

Seus olhos cinza olham rapidamente para nós dois, incrédulos. Nem mesmo o Executor acreditava que eu iria até o final, e seu sofrimento me corta fundo.

Fracassei com ele. Fracassei com a gente.

Ainda assim, ele consegue dar um pequeno sorriso.

É a expressão de quem deixa alguém ir embora.

E isso me despedaça.

Ele ia me salvar.

CAPÍTULO 57

Kai

Sombras deslizam na minha pele, como se convocadas pela escuridão que cresce dentro de mim.

A casca áspera arranha minha coluna, apertando minhas costas com dedos nodosos. Encosto a cabeça no tronco grosso do salgueiro, vendo o calor se filtrar no véu de galhos. As folhas compridas e pendentes deixam sombras móveis na minha pele, oscilando na brisa, me salpicando de luz e escuridão.

Não saí do abraço reconfortante do salgueiro desde que Paedyn saiu do meu. Meu olhar vai até o sol no alto do céu, piscando para mim através do guarda-chuva de folhas dançantes. Provavelmente o casamento já começou, mas estou enraizado, como esta árvore aqui.

Lágrimas ardem nos meus olhos exaustos. Não me lembro da última vez que chorei de verdade.

Além do meu reencontro com Paedyn depois da terceira Prova, houve o dia em que Ava morreu.

Olho o trecho de grama macia ao meu lado.

Meu pai seguiu com o treinamento como se nada tivesse acontecido, continuou a retalhar minha pele e arrancar um poder perfeito do meu corpo. Não pude fazer nada além de entorpecer cada centímetro de mim, forçar uma máscara em cima do sofrimento. Cada lágrima ficou escondida até que voltei ao meu quarto, ensanguentado e tremendo.

E houve aquela noite em que tirei uma vida pela primeira vez.

Na época, eu não tinha dimensão da ordem que o rei tinha me dado. Mesmo assim, chorei pelo pai de Paedyn. Chorei pela parte de mim que morreu com ele.

Foi a primeira noite que usei uma espada contra os balaústres da minha cama. De novo e de novo.

A madeira se lascou sob a lâmina, e pedaços voaram em todas as direções. O sofrimento me impelia a encontrar algo mais poderoso dentro de mim, algo que esmagasse a dor: o medo. Eu me tornaria um monstro, uma marionete da morte, se isso significasse não sentir mais nada.

Então eu a conheci.

Com seus olhos, Paedyn desafiou a mim, as estrelas, o próprio mar. Ela me teve na palma da mão no instante em que segurou as minhas naquele beco. E pela primeira vez desde que eu era menino, o medo fez meu coração se apertar. Ali, naquela hora, eu soube que ela seria a minha ruína.

Somos inevitáveis, a Paladina Prateada e eu. Nosso passado está tão irrevogavelmente entrelaçado quanto nosso futuro. Mas não foi o amor que amarrou nossas almas, mas o dever.

Minha visão fica turva atrás da estranha sensação das lágrimas. Pouso a mão na grama macia, fechando os olhos diante dessa onda de emoção.

— Não sei o que fazer, Ava — sussurro.

Ela não diz nada. Nunca diz.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto.

— Estou cansado.

Cansado da lealdade que tirou tudo de que eu gosto. Cansado de ficar de lado enquanto a felicidade encontra seu lar em outro local. Mas acima de tudo estou cansado de perdê-la.

E existe o agora — quando choro pelo futuro que desejo tanto viver com ela. É um fluxo silencioso de lágrimas que eu me esforço para não reconhecer. Respiro fundo, trêmulo, antes de enxugá-las com força.

Não deixe que ela seja a sua fraqueza.

O aviso da minha mãe chegou tarde demais. Ela não é apenas a minha fraqueza — é o meu tudo.

Minha voz está fraca.

— Não posso perdê-la também, Ava.

Passo a mão no meu cabelo desgrenhado, arrancando folhas caídas presas nos fios. As sombras acenam um adeus enquanto eu me levanto e estico os membros rígidos.

— Preciso fazer alguma coisa.

Pouso o olhar no cobertor amarrotado no chão, um mero remanescente da noite anterior. A brisa fresca nos cabelos dela, o som ofegante na garganta, o calor no toque. Agora é tudo uma lembrança que irá me assombrar.

Saio de baixo dos galhos pendentes, escapando dos dedos do salgueiro.

Minha pele tem o cheiro dela. Meu coração dói por ela. O Executor se curva para ela.

Vou encontrar minha rainha.

CAPÍTULO 58

Paedyn

A coroa é tão pesada quanto eu lembro.

Só que agora, sobre a cabeça de uma rainha, ela tem muito mais peso.

Kitt anda ao meu lado, com o som de uma corte dispensada ecoando ao longe. Vamos para o meu quarto num silêncio opaco, absorvendo essa fatia de paz antes da segunda cerimônia. Os festins e as comemorações da nossa união só começarão amanhã, e não desejo nada mais do que dormir pelo resto deste dia.

Esse pensamento faz minhas orelhas arderem. Duvido que eu esteja destinada a dormir sozinha esta noite.

— Você se saiu bem — diz Kitt finalmente, no silêncio.

Os saltos do meu sapato continuam a bater no chão com um estalo rítmico.

— Obrigada.

— Agora, assim que você tiver trocado de roupa e estiver pronta, vamos para as carruagens.

O incômodo óbvio caminha ao nosso lado enquanto continuamos a fingir que não estamos ligados pelo resto da vida. De repente me viro para ele.

— Você queria isso? Apesar de o nosso casamento ser por Ilya, você queria isso?

Minha pergunta faz Kitt parar.

— Sei o que Kai sente por você. Então não, eu não queria isso.

— Mas mesmo assim se casou comigo.

— E faria coisa muito pior por ele — dispara Kitt.

Engulo em seco. Apesar de tudo, entendo. Nosso casamento é tanto por Kai quanto por Ilya. O Executor jamais precisará tirar a vida de outro Comum. Não será mais controlado pela culpa ou pela vergonha. E, acima de tudo, este reino permanecerá de pé.

Só consigo acenar em resposta.

Ponho a mão na maçaneta da porta.

— Eu perdi a noção do tempo, antes, mas agora vou escolher alguma coisa na caixa de joias da sua mãe.

— Obrigado… — Uma tosse áspera interrompe o agradecimento.

— Você está… — vejo alguma coisa que parece tremendamente com sangue sujar seu lenço — … bem?

Ele enxuga a boca.

— Estou.

— Kitt, acho que você está doente…

— Eu falei que estou bem, Paedyn — diz ele, ríspido, os olhos subitamente ferozes.

Dou um passo atrás, perplexa, e o vejo se recompor. O rei pigarreia, rouco. Assume uma falsa postura dócil.

— Obrigado pela preocupação.

Assinto. Minha voz sai fraca.

— Encontro você no pátio.

O rei segue pelo corredor antes de eu entrar no quarto.

Encosto-me na porta e fecho os olhos, empurrando as lágrimas que desejo desesperadamente libertar. Meu coração dói com a memória vívida de Kai parado junto àquela porta com uma expressão de traição cintilando no rosto. Ele se misturou à multidão antes que meus lábios trêmulos pudessem formar um pedido de desculpas.

Tiro a coroa da cabeça, quase sem notar quando as pontas serrilhadas furam a palma da minha mão. As esmeraldas afiadas refletem meu rosto cansado como um vislumbre do meu futuro. Vejo uma vida de tortura ao lado do homem que eu amo. Meu marido está sentado no trono, mas não é ele o dono do meu coração. Não, esse homem fica à minha esquerda, sem nunca olhar para mim. A máscara

que ele usa sufocou qualquer emoção do rosto, e sem que eu possa soltá-la, ele se torna apenas uma casca do homem que já foi.

Um entorpecimento corrosivo começa a escorrer lentamente sobre mim. Ellie ajuda a tirar o extravagante vestido de noiva do meu corpo e cada palavra é uma felicitação, cada movimento dos lábios é um sorriso. Sou logo envolvida em mais tecido branco, em um vestido mais leve e macio do que o anterior. A saia farfalhante se avoluma a partir da cintura e desce até logo acima dos tornozelos nus. O corpete é relativamente simples, mas bordado com um emaranhado de contas formando uma trepadeira. Alças finas abraçam meus ombros e sapatos brancos prendem meus pés.

— Você não vai querer estar vestida de maneira exagerada na Alameda — diz Ellie, brincando com meu cabelo.

Ela diz isso como se eu já não soubesse. Aparecer na favela miserável com um vestido caro o suficiente para alimentar várias pessoas durante semanas não passaria a melhor impressão do mundo.

Ellie dá um passo para trás a fim de me avaliar.

— Mas mesmo assim você parece uma noiva muito elegante.

— Obrigada, Ellie. — Pigarreio com a garganta apertada. — É só isso. Eu gostaria de ficar sozinha por um momento.

Com um aceno de cabeça, ela sai do quarto. Suspiro no silêncio e sinto vontade de me esconder por tempo indeterminado atrás dessas quatro paredes. Mais por conforto do que por necessidade, prendo a adaga à coxa embaixo do vestido. Ter uma parte do meu pai comigo no dia do meu casamento faz com que eu me sinta melhor.

A caixa de joias me provoca até que por fim vou até ela. Sentando-me com cuidado na cama, ajeito o vestido em volta de mim e abro uma pequena greta da tampa. Olho o fundo forrado de veludo, engolindo o espanto ao ver tantas joias reluzentes. Elas se acomodam no tecido verde, perfeitamente intactas. Diamantes, safiras e um número impressionante de esmeraldas reluzem diante de mim. Estendo a mão para um colar ofuscante em particular, antes de pensar melhor.

A rainha Iris sem dúvida tinha bom gosto para coisas refinadas.

Nunca vi tanta riqueza. Nem sei direito como segurar isso.

O valor dessas joias poderia alimentar a favela inteira.

Então fecho a tampa, nauseada com a simples visão de algo tão refinado. Houve um tempo em que eu teria feito coisas impronunciáveis para roubar ao menos uma única pedra. Agora posso usá-las no pescoço como um troféu.

Ou um belo nó de forca.

Afasto o pensamento e abro uma das gavetinhas. Está cheia de anéis brilhantes, feitos de ouro e prata reluzente. Ao lado há uma gaveta cheia de pulseiras. Mas é a gaveta de baixo que me faz parar.

Não tem joias. Nem pedras. Só uma rosa ressecada.

Passo o dedo suavemente nas pétalas secas, olhando-as se desfazerem sob meu toque. Minha respiração falha, surpresa. A flor é mais velha do que eu.

Há um pedaço de pergaminho dobrado junto da haste cortada. Com cuidado, tiro-o das garras da gaveta, embora a madeira se agarre ferozmente a ele. O tempo envelheceu o bilhete, enrugando as bordas e amarelando o papel. Desdobro-o devagar, revelando uma mensagem escrita às pressas numa caligrafia elaborada.

Encontre-me no jardim à meia-noite. Use uma capa — você é linda demais para ser vista comigo. Meu coração é seu, sempre.

Olho para o bilhete, sem expressão.

Isso não era para os meus olhos. Sinto como se eu tivesse me intrometido num momento íntimo que deveria permanecer preservado para sempre dentro dessa caixa. No entanto, não consigo afastar os olhos.

Não era com o rei que ela iria se encontrar. Não, a rainha não iria se esgueirar para fora do castelo com o próprio marido.

A rainha tinha um amante.

Pouso o papel com um suspiro. Parece estranho arrancar um pedaço de uma vida dos pertences de uma pessoa morta. Acusar a falecida rainha de ser infiel parece mais estranho ainda. Mas, ao olhar o bilhete, alguma coisa distante me incomoda.

Descarto a sensação, decidindo, em vez disso, explorar as outras gavetas. Grampos de cabelo em uma, mais anéis na outra. Meus dedos puxam o último compartimento, lutando para soltar a gaveta rasa.

Com um gemido, ela cede, deslizando e revelando uma pilha de bilhetes amassados.

É a mesma letra manchada que cobre cada pedaço de pergaminho. Folheio os bilhetes curtos, cada um mais enigmático do que o anterior.

Hora. Lugar. *Eu te amo, sempre.*

Meus dedos remexem na gaveta, procurando qualquer pedaço esquecido do passado. Um pergaminho amassado está no canto do compartimento, contorcido contra a madeira durante o que devem ter sido anos. Arranco-o antes de forçar as dobras rígidas do papel amarelado a se abrirem, alisando-o sobre o joelho coberto pelo vestido. Inspecionando mais ainda, viro-o e…

Nunca vi o rosto de um fantasma, mas imagino que esta seria a sensação.

Todo o meu corpo fica entorpecido enquanto a fotografia escorrega entre os meus dedos. Alguma coisa agarra minha alma, certa e esmagadora. É a familiaridade, percebo. É o reconhecimento de você mesma dentro de outra pessoa.

Olho a mulher. Ela me olha.

Seus olhos de um azul intenso são quase tão vibrantes quanto seu sorriso. Há um certo calor em seu olhar, nas bochechas rosadas. O cabelo louro claro cascateia nos ombros, caindo em ondas soltas. E o nariz…

Respiro, trêmula, antes de levantar a foto diante do meu rosto.

Seu nariz é salpicado de sardas.

Eu encaro a rainha na foto. Ela me encara de volta.

O sangue clama pelo sangue. E quando olho para Iris Moyra, a falecida e amada rainha de Ilya, vejo algo dela percorrendo minhas veias. E o sangue jamais esquece.

O pergaminho cai na cama enquanto aperto meu peito, onde meu coração bate forte.

Isso é um absurdo.

É o que digo a mim mesma, de novo e de novo. É coincidência, uma foto que tem uma leve semelhança.

Não sou da realeza. Não sou filha de uma rainha.

A porta se entreabre e eu mal escuto os passos que vêm em seguida. Ainda estou examinando a foto quando uma figura surge, parando

diante da minha cama. Meu olhar se levanta, relutante, do rosto de Iris para o de Calum.

Ele está ali, indiferente como sempre. Mas vejo a cor sumir do seu rosto.

O tempo parece se imobilizar. O olhar de Calum na pilha de bilhetes, o meu no buquê de flores que ele segura.

Rosas cor-de-rosa.

É o meu buquê. Agora percebo que ele tinha sido esquecido depois da ida apressada à sala do trono. Calum devia estar trazendo-o para mim. Piscando, baixo o olhar para a flor desfeita ao meu lado, colhida anos antes deste momento.

Algo está perturbando incessantemente as profundezas do meu subconsciente outra vez. Como a intuição que pressente uma luta antes que o primeiro soco seja dado. Ou o instante antes de eu encaixar todas as observações, moldando a história com a mente. Ou o modo como uma lembrança volta à superfície no momento exato em que preciso desmontá-la. Porque nada passa despercebido.

Preciso correr para uma reunião com o Kitt, mas com certeza direi a ele que você está linda nesse vestido de noiva.

Calum estava parado a poucos passos de onde está agora quando as palavras saíram da sua boca. Mas é nas palavras seguintes que eu me concentro. As condenatórias, que ecoam na minha mente.

As rosas do meu jardim vão ficar maravilhosas com ele.

Na ocasião senti aquele incômodo distante, aquela pontada da intuição, e optei por ignorar. Minha confiança em Calum tinha construído uma parede em volta do meu coração, mas bastou uma rosa para fazê-la desmoronar.

Tudo está acontecendo rápido demais, como o tropeço inevitável antes de uma queda. Meus pensamentos ficam turvos, se fundindo uns nos outros. O passado vem correndo na direção do presente, se sobrepondo para criar uma conclusão nítida.

Olho a flor desfeita pelo tempo.

De repente as palavras de Ellie chegam à superfície, vindas das profundezas da minha mente.

Há um jardim de rosas privado aqui, no terreno do castelo. Cor-de-rosa, lindas.

Minha cabeça gira.

Aquele jardim de rosas está aqui há décadas.

Cada respiração fica mais curta.

Um Fatal. Um líder da Resistência. Um homem que está sempre no lugar certo, na hora certa.

Uma torrente de perguntas não respondidas toma minha mente atordoada, me deixando tonta. A confusão se esgueira em cada pensamento, em cada momento que passei com Calum. Desde seu discurso da Resistência, na Arena, até o próprio anel no meu dedo.

Cravo as garras na minha mente, separando fiapos do meu passado. Uma onda de percepções me golpeia numa série de pensamentos desconectados.

Os bilhetes.

A letra.

As Provas do Expurgo.

Minha mente é uma melodia de rimas embaralhadas, todas enroladas naquela letra sinuosa. Uma em um pergaminho na Floresta dos Sussurros. Uma na base do Monte Escarpado e uma lida no cume da montanha.

Meu coração bate forte enquanto as peças do quebra-cabeça começam a se encaixar.

Quando lutei contra o rei, as palavras dele não significaram nada. Até agora.

… um amigo me contou sobre as intenções dele e dessa Resistência *da qual ele fazia parte.*

Um amigo.

Uma pessoa próxima do meu pai, e do rei.

Uma pessoa leal a este último.

Os Cultivadores não fizeram flores brotar na terra para Calum da noite para o dia. Não, ele as vinha cultivando há anos.

Porque ele é o Leitor de Mentes do rei.

É como se o mundo tivesse virado de cabeça para baixo.

Mas isso não é tudo. É apenas o começo.

Não olho para ele. Agora quem sustenta meu olhar é a rainha.

É então que tudo se encaixa.

Meu pai — meu pai *de verdade* — me ensinou a confiar nos meus instintos. A jamais hesitar. Jamais deixar qualquer coisa passar despercebida. É como se eu estivesse de volta à Alameda, encarando um Imperial que ordenou que eu demonstrasse minha habilidade psíquica. Assim, quando falo, as palavras são firmes, sem a sombra da dúvida.

Mesmo um Leitor de Mentes pode ser lido.

— Sabe — eu me levanto devagar, o vestido farfalhando em volta dos tornozelos —, quero agradecer de novo por ter me dado aqueles livros. Eles me mantiveram ocupada no barco.

Pego um dos livros com a lombada desbotada na mesinha de cabeceira, abrindo a capa.

— Para Paedyn — leio em voz alta.

A rosa desenhada em cima das palavras me faz sorrir ligeiramente.

O olhar de Calum ainda não encontrou o meu.

Ponho o livro ao lado da pilha de bilhetes, alinhando a caligrafia idêntica.

— Eu acrescentaria os pergaminhos das minhas Provas do Expurgo, mas tão tive chance de guardar um deles como lembrança.

Em seguida pego a fotografia, virando-a entre os dedos.

— Ainda acha que eu sou parecida com minha mãe?

Silêncio.

— Achei estranho quando você mencionou que eu me parecia com ela, pelas fotos que você tinha visto — digo lentamente. — Sabe, nós não tínhamos nenhuma foto da mulher do meu pai. Alice. — Meus pés percorrem um caminho no tapete, com a bainha do vestido tocando meus tornozelos. — Quero dizer: é necessário um Transmissor para gravar a memória de um Visor na página, e tudo isso é caro demais para valer o investimento.

Balanço as mãos, descartando a explicação. Então meus pés hesitam, mudando de direção até eu estar bem à frente dele. Levanto a fotografia entre nós, forçando aqueles olhos azuis na direção dos de Íris.

… não foi a única pessoa da realeza que você matou.

As palavras de Calum ressoam na minha mente, outra peça do quebra-cabeça que é o meu passado.

— Mas Alice não era a mãe de quem você estava falando — ofego. — E sim a rainha que você amava. A que morreu ao me dar à luz.

Cada centímetro do meu corpo está tremendo. A adrenalina em minhas veias faz meu coração martelar contra o peito apertado e o sangue latejar nos meus ouvidos. A enormidade do que descobri ameaça me deixar de joelhos.

— Você era amante de Íris — ofego, com os olhos ferozes. — E o Leitor de Mentes do rei, o tempo todo passando a ele informações sobre a Resistência. Por isso ele estava sempre um passo adiante.

Com os joelhos tremendo, permaneço firme enquanto Calum ergue o olhar para o meu. É insuportavelmente vagaroso esse momento em que estou entre o passado e o presente.

— Então vou perguntar de novo — digo, com a voz falsamente calma. — Eu sou parecida com a minha mãe?

Quando seus olhos azuis finalmente encontram os meus — os *da rainha* — vejo-o arrancar cada pensamento da minha cabeça. Ele lê a desconfiança, avaliando-a com cuidado. Encaro o Fatal diante de mim, nada surpresa quando ele enfim responde:

— E com quem mais você se parece?

Este não é o primeiro jogo que sou obrigada a jogar.

E não será o primeiro que irei perder.

Assim, quando mando as palavras para a parte frontal da mente, espelho a sombra de um sorriso que curva os lábios dele.

Olá, pai.

CAPÍTULO 59

Paedyn

Pai.

O título tem um gosto amargo para qualquer homem que não seja o que me criou. Olho para Calum, deixando-o ler cada pedacinho de desconfiança na minha mente. Esse homem já foi como um pai para mim, e agora que descobri que ele realmente era isso o tempo todo, a dor me golpeia.

— Isso é mais perturbador pra você do que eu imaginava — comenta ele, em tom casual.

— Então estou certa — ofego. Uma onda de raiva recai sobre mim, esmagando o fugaz triunfo que acompanha a revelação de uma vida inteira de mentiras. — Você me deixou na frente da porta! — Levanto as mãos. — Eu era um bebê! E tudo isso para que o rei não soubesse que eu não era filha dele?

A fúria toma conta dos olhos de Calum. É como se alguma coisa tivesse se partido dentro dele. Como se cada expressão solene e cada palavra gentil fosse um ato que ele desprezava. E agora que sei quem ele é de verdade, não adianta mentir.

— O rei achava que você era filha dele. E ele não quis você.

Cambaleio dando um passo para trás, os lábios se abrindo ligeiramente.

— Depois de você *matar* a rainha Iris — diz ele, agressivo —, o rei entregou você a um Silenciador. Foi então que ele descobriu que uma

Comum, uma *Comum,* matou uma das Notáveis mais raras que Ilya já conheceu.

O quarto gira ao meu redor enquanto procuro na memória. Recordando cada livro de história que papai colocou diante de mim, por fim encontro o poder da rainha escondido no canto da mente. Ela era…

— Uma Alma. — Calum diz a palavra que leu na minha mente. — Isso mesmo. A capacidade de sentir as emoções de outra pessoa e alterá-las, tomá-las para si. E o poder dela unido ao meu, ao de um Fatal? — Ele gargalha, e é um som ensandecido. — Você deveria ser formidável, mas não era nada.

Ele cospe as palavras, cada uma embebida em anos de raiva.

— Você era uma vergonha para o rei, e ele pediu que eu desse um jeito nisso. E passou a vida inteira escondendo a existência da Comum que ele achava que era dele. Mas você era minha, e Iris morreu… — Calum passa a mão pelo cabelo — … e tudo para você não ser nada! Uma Comum sem valor!

A cicatriz arde acima do meu coração.

C.

O rei achava que eu era filha dele.

Dois Notáveis jamais fizeram um Comum. No entanto, aqui estou, desprovida de poder. Produto de força, sem nenhuma força para mostrar. E talvez, pela primeira vez, isso me torne extraordinária.

Lágrimas embaçam minha visão, a raiva arde nos meus olhos. Flexiono os dedos na saia macia do vestido, sentindo a silhueta reconfortante da adaga sob as camadas de tecido.

— Então é por isso que você me odeia? — digo. — Porque a mulher que você amava morreu dando à luz a mim?

— Porque deveria ter sido você — rosna ele. — Você é que deveria ter morrido naquele dia, e não a rainha que sangrou por uma Comum. — Ele balança a cabeça, e a expressão selvagem nos seus olhos me faz recuar. — Antes que você aparecesse no castelo e se sentasse ao lado de Edric naquele primeiro jantar, eu achava que você estava morta. Posso não ter conseguido matar você como o rei queria, há dezoito anos, mas esperava que você encontrasse o seu fim na favela.

— Mas não encontrei — ofego. — E mesmo assim ele me manteve viva.

Depois da terceira Prova, parada sob a chuva torrencial do lado de fora da Arena, perguntei ao rei por que ele não tinha me matado antes. Isso foi logo antes de sua espada abrir um talho no meu antebraço.

Porque eu precisava de você viva.

— É verdade — diz Calum, respondendo à minha lembrança. — Eu o convenci de que a Resistência precisava que você encontrasse o túnel para dentro da Arena, e se as Provas não a matassem, ele poderia cuidar disso depois. — Ele levanta um dedo trêmulo na minha direção. — Mas você tem os olhos dela. Edric te reconheceu no instante em que você se sentou àquela mesa.

Luto para manter a voz firme.

— Como você sabia que eu iria encontrar o túnel?

Seu sorriso é simpático de uma maneira cruel. Faço uma careta em resposta.

Ele não vai contar.

Cada pergunta não respondida começa a voltar à superfície até estar praticamente borbulhando para fora de mim. Cuspo uma delas, esperando que ele se digne a responder.

— A rainha não morreu no parto de Kitt?

— O reino inteiro achava isso. — O olhar de Calum brilha, cravando-se no meu. — O rei mantinha Iris trancada, a salvo de qualquer ameaça. A tal ponto que, quando ela engravidou de você, o reino não soube nada a respeito da rainha nem da criança que ela esperava. E depois da vergonha que você provocou ao nascer, o rei lacrou os registros e contou ao reino que Iris havia morrido quando Kitt nasceu.

Há uma longa pausa em que tento digerir a descoberta repentina.

— E meu pai… — Engasgo com as palavras. — Você contou ao rei sobre ele. Foi por sua causa que ele morreu. Porque você descobriu sobre a Resistência.

— Ele estava ajudando no castelo na época da febre — diz Calum simplesmente. — Nós passamos um pelo outro no corredor e eu li a mente dele. Fiquei sabendo dos planos para uma Resistência. Mas não foi isso que matou Adam, no final.

Pisco, confusa.

— Do que você está falando?

Aquele momento no porão da casa da minha infância, cercada por membros da Resistência, volta a toda velocidade. Calum tinha demonstrado alguma confusão quando presumi que a morte do meu pai era por causa da ligação dele com a Resistência.

— Não, Edric o manteve vivo para que a Resistência crescesse — diz Calum. — Ele estava contente em usá-lo, até que Adam descobriu algo que não deveria ter descoberto. Um conhecimento restrito aos reis.

— Do que você está falando? — insisto, cerrando os dentes.

O silêncio de Calum faz um som frustrado subir pela minha garganta.

— É por isso que você perguntou sobre os diários do meu pai — ofego. — Você queria saber se ele escreveu sobre esse tal segredo.

Minha cabeça gira. Enfio essa informação confusa ao lado das dezenas que continuam esparramadas na minha mente, mas a verdade sobre a morte do meu pai não parecia interferir com a obsessão de Edric Azer pela Resistência.

Então outra recordação ressurge, uma em que eu estou sangrando, abalada e mal sobrevivendo contra o rei. Sua bota esmaga meu peito e eu o encaro com a chuva batendo no rosto machucado. A lama faz um barulho chapinhando sob as minhas costas. Ele me olha enquanto luto para me soltar.

Faz muito tempo que planejei este dia, esperando conseguir me livrar da Resistência.

— Ele realmente tinha planejado — murmura Calum, vendo a imagem nítida que pintei na mente.

Meu olhar está distante, fico tonta ao juntar as peças.

— O rei não quis acabar com a Resistência quando descobriu sobre ela — falo baixo. — Queria que ela crescesse, queria juntar todos os Comuns num único lugar. — Meu olhar salta até o de Calum, enquanto minha mente se volta para a batalha na Arena. — E você era o espião dele.

Calum assente, sem qualquer remorso.

— Mas precisávamos cuidar do seu *pai* antes de coletarmos Comuns suficientes para a matança. Por isso eu ocupei o lugar dele como líder da Resistência.

Matança.

Sinto meu estômago se revirar.

O Fosso estava atulhado de corpos, e a lembrança daquele trecho de areia ensanguentado faz minha boca secar.

— Foi tudo um ardil. — Meu peito arfa, com a raiva crescendo por dentro. — Tudo. Você não gosta dos Comuns. Nunca gostou. Principalmente depois de uma Comum ter matado sua amante. — Dou outro passo para trás, batendo na mesinha de cabeceira. — Desde aquela primeira noite na minha casa, você estava jogando comigo.

Seu pai ficaria orgulhoso.

Foi o que Calum me disse depois de eu ter me oferecido à causa da Resistência. E ele estava realmente orgulhoso, tendo finalmente me apanhado. Um fantasma da mulher que ele havia amado vivendo no corpo de uma Comum sem valor que ele odiava.

— E estou. — Calum cruza os dedos compridos às costas. — Estou muito orgulhoso da marionete que você se tornou para mim.

Saia da minha cabeça.

O nojo toma conta da minha voz.

— Que jogo você está fazendo agora?

Deixo-o sustentar meu olhar por um longo momento.

— Precisamos que você vá para a segunda cerimônia de casamento.

— Por quê? Por que você iria querer uma Comum no trono?

— Tenho grandes planos pra você, Paedyn. — De repente, ele se aproxima. — Vou garantir que os Eruditos escrevam seu nome em cada livro de história.

Aquela intuição volta a me cutucar lentamente, e desta vez não a ignoro. Repasso as últimas semanas na minha mente, como um fluxo constante de lembranças. Penso nos momentos que passei com Calum, sim. Entretanto, mais importante, nos que passei sem ele. Calum estava sempre ao fundo, sempre sussurrando ao ouvido de alguém.

Pisco para o chão antes de começar a soltar meus pensamentos.

— Você disse ao rei Edric para não me matar quando eu apareci no castelo, e ele não matou. Você disse a Kitt para se casar comigo, e ele

se casou. — As acusações veladas deixam meus lábios num murmúrio apressado. — Ele confiou muito facilmente em você. Inclusive, o convenceu a deixar que eu competisse nessas Provas, aconselhou-o a começar a treinar as tropas. Ele fez tudo isso.

Os olhos de Calum se estreitam, mas ele não diz nada.

Quase gargalho.

— Você disse que os Cultivadores fizeram seu jardim de rosas crescer, e naquele momento eu acreditei. O que você exige, os outros fazem. Você tinha a Resistência inteira comendo na sua mão, inclusive o meu *pai*. Você não é só um Leitor de Mentes, é? — Dou um passo lento na direção dele. — Você é um Dual. Por isso me odeia tanto. Eu ainda consegui ser Comum, mesmo você não sendo apenas um Fatal. Você é dois.

Calum continua sem dizer nada.

Tendo deduzido tudo, eu sorrio.

— Você é Leitor de Mentes e Controlador.

Quando ele investe contra mim, dou uma cotovelada na direção da sua têmpora. Fico surpresa quando o homem salta para trás, evitando rapidamente o golpe. O vestido ondula em volta do meu corpo quando avanço para dar um gancho de direita no seu queixo.

Mais uma vez, Calum se esquiva.

Firmo os calcanhares, com o sangue latejando nos ouvidos.

Uma investida.

Gancho de direita.

Cruzado.

Nada.

Nada o acerta.

Solto um grito frustrado que ele acha divertido.

— Não se machuque, Paedyn. Eu sei cada movimento que você vai fazer.

Claro que sabe.

Saia. da. Minha. Cabeça.

Calum ri de novo enquanto se desvia do punho que mando na direção do seu rosto. Meu sangue ferve, manchando as bochechas com calor, mas minha mente está límpida, e sei que ele lê o pensamento que lateja nela.

De jeito nenhum eu vou sair deste quarto com ele.

Calum lê o meu plano, e seus olhos azuis fixam nos meus, os lábios repuxados num sorriso.

Faço uma pausa.

Talvez o lugar onde ele deva estar seja exatamente na minha mente.

Dou um passo lento na sua direção.

Você é um fracassado. Não eu.

Calum finge tédio.

— Você não só não conseguiu matar uma bebê Comum, como também me deixou junto à porta de Adam Gray para ficar de olho na sua filha. — Ele estreita os olhos enquanto eu avanço devagar. — Estou certa, não estou? Uma parte de você queria me ver crescer. Em cada reunião, cada conversa com o meu pai, você estava aprendendo sobre *mim*.

Aponto um dedo para a pilha de livros ao lado da cama.

— Você levou esses livros pra minha casa quando eu era criança, não foi? Até escreveu meu nome na parte interna da capa. Porque você se importava *comigo*…

— Chega — diz Calum, devagar.

Todo esse poder, e você nem foi capaz de gerar uma Notável.

— Patético. — Cuspo a palavra, vendo-a acertá-lo como um soco.

Você me culpa pela morte de Iris porque não pôde fazer nada para salvá-la.

Um pé na frente do outro.

Aposto que você nem pôde segurar a mão dela, nem pôde dizer adeus; não com o rei por perto.

Meus pensamentos são afiados, cortando a fachada fria que ele veste com facilidade.

— Pare — murmura ele.

Ela nunca foi sua, Calum.

A fúria faz o corpo dele tremer.

— Pare.

Mas eu sou. Sempre serei o seu maior fracasso.

Agora estou perto o suficiente para ver as lágrimas brilhando nos olhos dele.

Eu sou parecida com ela, pai? Eu assombro você?

As mãos de Calum apertam os ouvidos.

— Chega!

Olhe. Para. Mim.

Seus olhos se fecham com força, e é então que eu ataco.

As palmas das minhas mãos encontram o tapete fofo enquanto eu me abaixo, girando a perna. Ouço o som de tecido sendo rasgado antes de Calum cair no chão, perdendo o equilíbrio. Procuro desajeitada a adaga nas camadas do vestido e a arranco da bainha.

Meu peito arfa. Parada junto dele, encosto a ponta da adaga no seu pescoço. Ele me encara — traidor, mentiroso, assassino de Comuns.

Pai.

Esse é o mais maldito dos títulos. E eu não sei nem metade das coisas que ele fez.

Uma linha fina de sangue mancha a ponta da adaga.

Faça isso. Mate-o.

— Isso mesmo — sussurra ele embaixo de mim. — Faça isso.

Mostro os dentes.

Ele usou cada pessoa de quem eu gosto.

— Vai me matar ou não, filha?

Um rosnado grave brota da minha garganta, impelido pela dor e pelo ódio. Meu corpo treme.

E então afasto a lâmina.

O sorriso dele é frio.

— Você é tão fraca…

O cabo da minha adaga, cheio de arabescos — a adaga do meu verdadeiro pai — acerta a têmpora de Calum, interrompendo suas palavras.

Ele fica ali, inconsciente ao lado de uma noiva ajoelhada.

O suor se gruda à minha testa e eu a enxugo, entorpecida. A arma escorrega da minha mão e bate no tapete. Minhas pernas tremem enquanto eu as dobro e me obrigo a ficar de pé. O tecido escorre pelas minhas pernas, se desenrolando até os pés numa cachoeira branca. Olho e encontro um rasgo grande subindo pela lateral da perna, cortando a renda e expondo um pedaço da pele.

Atordoada, cambaleio em direção à porta, a cabeça num turbilhão.

Preciso contar a Kitt.

Abro a porta e olho uma última vez para a cena da qual estou fugindo.

Bilhetes cobrem a cama, um livro aberto ao lado. O cheiro de rosas fica amargo, vida e morte, passado e presente, tudo se misturando no ar. Uma flor apodrecida sobre uma caixa de joias, um buquê fresco enfeitando o chão. Uma fotografia de uma estranha que, de repente, é muito mais do que isso. Calum está esparramado ao lado das provas da sua traição — um homem que já foi meu amigo, transformado no pai que agora está morto para mim.

Saio para o corredor e não olho para trás.



Edric

Dezoito anos depois da morte de Iris, Edric a vê outra vez.

Não em corpo ou alma, e sim como o reencontro de algo roubado muito tempo atrás.

Kitt, leal ao extremo, contou ao rei, por alto, sobre o encontro com a favelada que tinha salvado seu Executor de um Silenciador da Resistência. O herdeiro falou por alto sobre a aparência sedutora da jovem — o cabelo prateado com o qual ela o cumprimentou junto à porta. Porém, ainda mais intrigante, os olhos azuis ardentes.

Depois de ouvir cada detalhe desnecessário, o rei não pensou mais na garota que provavelmente morreria em sua primeira Prova. Como não tinha uma lembrança nítida da mãe, Kitt via pouco mais do que um rosto bonito. Todos os retratos da falecida rainha estavam trancados ou na posse do rei, que raras vezes revelava seu amor perdido. No entanto, pelas poucas ocasiões que Edric tinha permitido que seu filho os admirasse, ele não recordava nada de importante que conectasse a rainha a essa competidora.

Mas Kitt nunca havia memorizado os olhos de Iris Moyra como seu pai.

A primeira vez que Edric vê a filha desde que ela era uma vergonha em seu colo é quando, cheia de confiança, ela ocupa um lugar à sua mesa.

Cada competidor havia entrado na sala do trono antes que Sua Majestade chegasse com pompa. A visão dos olhos de Paedyn — os olhos de Iris — quase coloca o rei de joelhos. Entretanto, junto do dom da mentira vem o da compostura. Edric força uma calma na voz, dirige-se aos competidores e ocupa uma cadeira a pouco mais de um metro da princesa esquecida.

Durante dezoito anos o rei não pensou na filha nem na desgraça que ela havia trazido temporariamente ao seu nome. Mas, com os olhos azuis voltados para os dele, a torrente de ódio abre de novo um caminho destrutivo até seu coração. Ela é mais do que tudo que Edric despreza, é sua fraqueza.

Paedyn Gray.

Uma Comum, sentada à sua mesa e fingindo que não é. Sua Comum, sentada ali, como se não devesse estar morta.

— Então *esta* é a garota que salvou sua vida no beco?

O rei diz isso ao seu Executor, disfarçando cada migalha de agressividade na voz com um fingimento de intriga. No entanto, quando a Comum olha para o pai, ele encontra um ódio que rivaliza com o seu.

— Devo dizer que jamais conheci uma Psíquica. Seus poderes são... intrigantes.

Uma fraude. Uma mentira. Uma desgraça para o seu nome.

Tudo isso são coisas que Edric poderia ter dito naquele momento, mas ele sabe jogar. Não mostrará suas cartas mais do que ela. Em vez disso, irá vê-la se retorcer até o momento em que finalmente dará um fim à sua vida patética, Comum.

Uma explicação ensaiada sai dos lábios de Paedyn num ritmo calculado. Não muito rápido — isso revelaria a mentira —, mas também não muito devagar. Afinal, por que ela precisaria de tanto tempo para pensar na sua própria habilidade? É realmente admirável o comprometimento dela em se passar por uma Notável. Até mesmo se tornar a menos poderosa de todos é um desafio.

Cada palavra, cada argumento, é tão deliberado que o rei poderia acreditar, se os olhos não fossem tão incriminadores. Kai não parece preocupado com a incapacidade de sentir o poder dela, ou talvez o Executor esteja apenas distraído demais para questionar os argumentos

dela. Mas Edric não diz nada sobre a verdade que conhece, porque essa Comum morrerá nas suas Provas, e ele nem precisa levantar um dedo para isso.

Desta vez ele não cometerá o mesmo erro. Desta vez ele a verá morrer.

Que pena, ter sobrevivido tanto tempo por nada.

Nada. Como a filha diante dele. Como a criança sem poder que matou sua esposa, o desperdício de um poder Notável.

Paedyn fala do homem que a criou, obrigando o rei a reforçar ainda mais sua expressão desinteressada. Edric acreditava que o sobrenome Gray tinha morrido com o homem cuja ascensão crescente se tornou um peão para saciar o apetite do rei pelo poder. Adam Gray deveria ajudar a erradicar os Comuns que restavam, ainda que não soubesse disso, mas a vida do Curador foi encerrada abruptamente quando ele descobriu um segredo que estava destinado apenas aos reis.

Só que a princesa esquecida, criada pelo ex-líder da Resistência, era um detalhe do qual Edric não fora informado.

Mesmo assim, é bom culpar outro homem pela fraqueza que ela é. Por isso Edric confirma, com prazer, o que ela já acredita ser verdade.

— Ah, sim, o seu pai. Adam Gray era um excelente Curador. Um homem muito qualificado.

Em sua defesa, a garota finge surpresa.

— O senhor… o senhor conheceu meu pai?

O rei responde, mas os dois já sabem qual é a resposta.

— Sim, conheci. Na temporada da febre ele vinha ao palácio ajudar os médicos da corte quando havia um número grande demais de pacientes.

Foi assim que Edric soube do plano de Adam para organizar uma Resistência. Seu Leitor de Mentes conseguiu a informação enquanto passava pelos corredores. Não foi chocante descobrir os objetivos do Curador, considerando sua recusa contínua ao suborno oferecido. O rei não podia comprar o silêncio de Adam sobre a legitimidade dessa doença dos Comuns, mas, como morador da favela, ele não parecia muito ameaçador.

Só que Adam criou a filha do rei, tornando-a algo ironicamente parecido com uma Notável.

Edric se levanta, encarando os olhos que um dia pertenceram à sua mulher.

Vou vê-la morrer, assim como aconteceu com minha mulher. Vou destroçar o coração dela, assim como ela fez com o meu.



Calum não precisa que o rei verbalize a fúria que ruge em sua mente. Pode lê-la com facilidade, como um pergaminho desenrolado. A raiva de Edric é um mal que consome tudo, um mal que o Leitor de Mentes passou a entender melhor do que a maioria das pessoas. E agora ele conhece o raciocínio por trás dessa fúria.

— Ela era um bebê. Eu não consegui me obrigar a matá-la.

Os olhos do rei lampejam.

— E agora uma Comum dorme no meu castelo. Compete nas minhas Provas como se valesse alguma coisa.

— Desculpe, majestade. — Calum baixa a cabeça, solene, cruzando as mãos suadas às costas. — Eu deveria ter me livrado dela como o senhor pediu, mas fiquei de olho nela durante anos, desde que comecei a trabalhar com Adam e a Resistência. Ela jamais deveria achar o caminho de volta ao castelo…

— Mas ela salvou meu filho — rebate Edric, ainda com raiva da incapacidade do Executor para se defender de um Silenciador. — E agora Paedyn Gray está aqui para me assombrar com os olhos da mãe dela.

O Leitor de Mentes engole em seco.

— Eu sei.

— Eu a quero morta.

— Ela vai morrer — garante Calum. — As Provas certamente irão matá-la, mas antes disso podemos usá-la.

Isso intriga o rei.

— Estou ouvindo.

— A Resistência está pronta. É isso que o senhor esperou durante todos esses anos. — O Leitor de Mentes inclina a cabeça loura. — Só

precisamos de alguém para nos ajudar a descobrir uma entrada para a Arena depois da terceira Prova. E então, finalmente, o senhor terá um mar de Comuns num único lugar.

— Os túneis. — Edric considera a proposta. — Você quer que ela guie a Resistência através dos túneis.

Calum se permite um sorriso raro.

— Ela só precisa de alguém que lhe mostre o caminho.

O rei sabe de quem ele está falando.

Com um plano estabelecido, Edric deixa seu Leitor de Mentes, sentindo uma espécie de alegria com a chegada de Paedyn Gray. Ele irá usá-la, irá se vingar, antes de finalmente vê-la morrer. O rei não podia pensar em muitas coisas que lhe trouxessem tanta alegria.

CAPÍTULO 60

Kai

Sou engolido por uma onda de corpos.

Pessoas brotam da sala do trono, abrindo caminho pelo corredor. Faço força contra a correnteza humana, os movimentos vagarosos sob o peso de tantos poderes.

A corte desfila em direção aos jardins para desfrutar dos comes e bebes, e trocar fofocas enquanto a segunda cerimônia na Alameda tem início. A maioria dos Notáveis que estão aqui despreza a ideia de pessoas da realeza pondo os pés na favela, quanto mais realizando outro casamento lá.

Outro casamento. Porque não pude impedir o primeiro.

Eu me encosto numa parede na sala do trono que se esvazia devagar. Pétalas flutuam caindo graciosamente do dossel de flores em direção ao tablado. Foi ali que eles ficaram, trocando votos, enquanto eu era idiota a ponto de achar que poderia impedir.

Cheguei tarde demais.

Ela é uma esposa. É uma rainha.

Afundo no chão, deixando as costas deslizarem pela parede lisa. O que eu poderia ter feito? Roubado a noiva do meu irmão? Fiquei tão assolado pela indecisão entre o dever e o desejo que acabei empacado no meio, como um espectador relutante.

E agora eu a perdi.

Cheguei tarde demais.

A vida dela passará pela minha, no entanto jamais pararemos para viver na vida um do outro. Paedyn é uma tragédia que serei obrigado a reviver em todos os momentos em que estiver acordado. Sou seu Executor e ela é minha rainha. Qualquer coisa a mais do que isso está no passado, e qualquer coisa a menos provavelmente acontecerá.

Choro por Pae no chão da sala do trono.

Estou perdido sem o propósito que ela plantou em mim. Por Paedyn, me tornei melhor. Fui apenas uma sombra da fera que meu pai me tornou. Agora tenho medo do que serei quando me curvar aos seus pés. Eu me ajoelharia para ela mais de uma centena de vezes, não por dever, e sim por devoção.

Paedyn se tornou minha missão outra vez, agora como uma rainha que eu devo proteger. Mas é meu irmão que a terá. Em sua vida, em seu coração, em sua cama.

Golpeio a parede ao lado com o punho.

Um choque de dor sobe pelo meu braço quando a superfície lisa racha sob os nós dos meus dedos. Xingo baixinho, e de novo, alto o suficiente para dar algum alívio à minha fúria súbita. A poeira branca recai no piso de mármore quando afasto a mão dolorida da parede. Pedaços de entulho caem do buraco do tamanho de um punho. Parece que minha raiva pode ter se conectado a algum Robusto próximo sem minha permissão.

Sou perigoso desse jeito. Letal, despido assim. A devastação vive logo abaixo da minha pele e estou ansioso para liberá-la.

Ela se foi. Eu a perdi. Estou perdido sem ela.

Meu coração está pendurado em mãos que logo irão esquecer a forma dela.

As feras não ficam com a bela.

CAPÍTULO 61

Paedyn

O vestido ondula em volta das minhas pernas enquanto corro.

Agarro punhados do tecido, tentando me livrar do tecido que restringe meus movimentos. O corredor passa num borrão, a luz do sol entrando pelas muitas janelas as quais atravesso a toda velocidade. Nenhum Imperial encostado na parede ao menos vira a cabeça diante da minha corrida frenética e da minha aparência desgrenhada.

Estou ofegando quando paro diante da porta da frente. Ela está trancada, emoldurada de cada lado por uma dúzia de Imperiais. Vários olhos baixam atrás das máscaras brancas, examinando sua rainha. Engulo a frase maligna na língua quando percebo de repente minhas pernas nuas. Largando a bainha da saia, deixo-a descer até os pés antes de declarar:

— Abram a porta.

Os Imperiais obedecem à minha ordem e eu tento não parecer totalmente chocada com isso. Desço apressada os degraus de pedra do pátio, lançando apenas um olhar de passagem para as carruagens enfeitadas que me esperam. Kitt está ao lado de uma muito dourada, conversando em voz baixa com Easel e cercado por um enxame de Imperiais. Ele também trocou a roupa por algo menos extravagante, embora carregue uma espada cerimonial à cintura.

— Kitt!

Ele se vira para mim e encontra a rainha correndo em sua direção. Minha perna fica entrando e saindo do rasgo que sobe pelo vestido, só aumentando a aparência desarrumada. Kitt deixa a preocupação franzir sua testa ao me ver.

— O que aconteceu?

— Eu descobri tudo — ofego. — Calum era o Leitor de Mentes do seu pai, e eu sei que os Fatais dele foram escondidos de você, de modo que quando o líder da Resistência apareceu depois da terceira Prova do Expurgo, você não sabia quem ele era…

— Devagar, Paedyn — pede Kitt, com o corpo tenso. — O que você está tentando dizer?

Solto o ar com força.

— Calum trabalhava para o seu pai. A Resistência inteira era um ardil e… — Minha boca fica seca de um modo preocupante. — E ele é meu pai.

Dizer as palavras em voz alta parece uma sentença de morte. Vejo-as pousar em Kitt, vejo cada emoção ondular no rosto dele. Confusão, incredulidade, preocupação. Ficamos parados, nos encarando com uma expressão vazia, até que finalmente Kitt consegue dizer:

— O quê?

Meus olhos se fecham para que eu não precise ver o mundo dele se despedaçar sob as minhas palavras.

— Sua mãe, Iris, ela… tinha um caso com Calum, mas fingiu que a filha era do seu pai. Quando eu nasci e era Comum, o rei quis que eu fosse morta, mas o Leitor de Mentes dele me pôs na frente da porta de Adam Gray. A coisa toda foi encoberta e…

— Minha mãe morreu há mais de vinte anos — contrapõe Kitt.

— Os registros foram forjados. — As palavras saem num jato. — O reino não via a rainha Iris desde que você nasceu porque o rei a mantinha escondida, paranoico com a segurança dela. Assim, quando ela engravidou de mim, Ilya não ficou sabendo.

O olhar de Kitt fica vazio.

— E então ela morreu.

— É — murmuro. — E o rei escondeu minha existência contando ao reino que Iris morreu tendo você, e não uma Comum. Foi *nisso* que você e Ilya acreditaram durante anos.

— E os funcionários…

— Você mesmo disse. — Balanço a cabeça. — Eles guardam segredos há décadas.

Um silêncio sufocante nos esmaga.

— Sei que parece loucura, mas Calum admitiu…

— Nós somos meios-irmãos — diz Kitt por fim.

Pisco para o meu marido, depois para o anel no meu dedo. De algum modo esse pensamento não tinha me passado pela cabeça até este instante, e agora acho que posso vomitar.

— Cacete — ofego, porque há pouco mais a dizer.

Nós nos unimos em matrimônio há menos de uma hora e acabamos de descobrir que nossas vidas estavam entrelaçadas muito antes disso.

De repente, as mãos de Kitt estão segurando meus braços com força. Aquele vislumbre de paranoia voltou ao olhar dele.

— Ele disse alguma coisa sobre mim?

— O que… — balanço a cabeça. — Kitt, ele estava controlando você. Calum é um Dual, como você. Tudo que ele pede, você faz.

Kitt apenas me encara, processando essa informação diante dos meus olhos.

— Pense bem — insisto. — Você nunca quis casar comigo, mas casou. Calum queria, e eu tenho medo de descobrir o motivo. Você não vê? Ele está usando você…

A porta se abre com uma pancada forte.

Minha adaga está na mão de Calum enquanto ele desce lentamente os degraus de pedra. Fico rígida, sentindo o medo me atravessar ao ver um homem que deveria ser meu pai. Minha cabeça ainda gira, meu peito ainda está oco depois do que descobri. Apenas alguns minutos separam minha vida antiga daquela em que fui lançada. Tudo que eu pensava que sabia era mentira, e tudo que eu não sabia é ainda mais doloroso.

Kitt solta meus braços antes de dar um passo em frente. Os Imperiais correm para o lado do seu rei, vendo a cena que se desdobra, mas ele os dispensa. Vejo Calum descer lentamente a escada com um sorriso calmo se espalhando no rosto.

— Kitt, não vamos tomar nenhuma atitude impulsiva. Paedyn está claramente confusa.

Minha pele fica vermelha de raiva.

Kitt encontra meu pai na base da escada, e por um longo momento os dois não fazem nada além de sustentar o olhar um do outro. Há um momento aterrorizante em que eu temo que eles estejam prestes a sorrir, talvez fazer uma reverência, agradecendo os aplausos. Então percebo que posso ter avaliado tudo errado — isto é, até que o corpo de Calum fica rígido. É estranho ver o rosto de uma pessoa perder toda a cor.

— Não faça isso, Kitt…

Uma espada canta sendo tirada da bainha.

O rosnado de Kitt ecoa no pátio.

— Saia da minha cabeça.

Sua espada se crava no peito do meu pai.

Pisco os olhos e o mundo gira até parar de repente. O sangue jorra do ferimento no peito de Calum enquanto o rei arranca a espada do corpo dele, com uma expressão indiferente. Vejo os olhos azuis de Kitt se arregalando, depois piscando com uma vibração fugaz.

Minhas mãos sobem em direção à minha boca aberta. Não é a primeira vez que perco um pai. Nem mesmo é a primeira vez que perco um pai com uma espada atravessada no peito, ou que vejo um irmão Azer na outra extremidade da arma. Mas esta morte é diferente. Ver esse homem morrer é como um alívio.

Calum é o motivo da morte do meu verdadeiro pai, e esta é a vingança que procurei desde que Adam Gray morreu nos meus braços. O sangue de cada membro da Resistência está nas mãos desse Fatal, e ele merece esse fim horrível.

Kitt cambaleia para trás, deixando Calum tombar nos degraus de pedra. O sangue pinga da espada do rei de um modo que subitamente o deixa parecido com seu Executor. Passo com cuidado ao lado do corpo caído de Calum, garantindo que a poça crescente de sangue que desce pela escada não manche meu vestido imaculado. Seus olhos azuis se viram devagar para os meus enquanto arranco minha adaga dos seus dedos. Em seguida me inclino, deixando seu poder cada vez menor arrancar palavras da minha mente.

Isso não é um adeus, pai. É apenas um bom modo de dizer tchau até nos encontrarmos de novo. Porque vou caçar você em todas as vidas.

Uma sombra da mulher que você amou presa no corpo de uma Comum que você odeia.

Sorrio. Os olhos dele se arregalam como se a tortura já tivesse começado.

Até lá, pai.

Seu sangue pinga da lâmina da minha adaga e eu a enxugo em sua túnica antes de me levantar. Assim que enfiei a faca na bainha presa à coxa, Kitt está me virando com a mão pesada no meu ombro.

— Paedyn, ele disse alguma coisa sobre mim? Sobre meu pai?

Abro a boca…

— O que diabos aconteceu?

Volto o olhar para o topo da escada, onde o Executor examina a cena.

Rei. Rainha. Cadáver.

Kitt solta meu braço sob o olhar do irmão.

— A pergunta melhor é onde, pela Peste, você estava?

Kai se junta a nós ao lado da cascata de sangue. Seus dedos em carne viva não passam despercebidos.

— Desculpe se perdi a cerimônia. — Ele se vira para mim. — Parabéns. Agora, que inferno está acontecendo?

O rei se vira para mim, exigindo uma explicação rápida. Conto meu encontro com Calum, tudo que descobri e tudo o que ele me contou. Uma expressão sombria cruza o rosto de Kai quando conto o que o rei anterior tinha feito, mas o que vejo quando menciono a verdadeira identidade de Calum é a sombra de um reconhecimento.

— Ele sempre pareceu familiar demais — murmura Kai. — Devo tê-lo visto passando por mim nos corredores quando eu era pequeno. E na batalha da Arena, eu sabia que estava reconhecendo Calum. Eu deveria saber…

— Não é sua culpa — garante Kitt. — Ele estava manipulando a todos nós. Paedyn acha que ele era um Dual, e isso faz todo o sentido.

A atenção de Kai se volta para mim.

— Um Dual?

— Acho que ele era Controlador *e* Leitor de Mentes. Olha — digo, agitada —, sei que isso é raro, mas tudo o que ele diz sempre acontece. Kitt não tinha intenção de se casar comigo até que Calum disse isso.

— Ela está certa. — O rei balança a cabeça. — Calum sempre teve um… impulso. Eu não conseguia deixar de fazer o que ele queria. De qualquer modo — diz, suspirando —, ele era um perigo. Uma ameaça. Então eu fiz o que precisava fazer.

Kai pisca.

— Você o matou?

Meu corpo enrijece.

Ele achou que tinha sido eu.

— Matei — responde Kitt, despreocupado. — Como eu disse, ele era perigoso.

Kit encara o irmão enquanto Easel se aproxima timidamente. Eu quase tinha esquecido nossa plateia de olhos arregalados.

— Majestade, devo insistir para irmos à Alameda para a segunda cerimônia.

Meu estômago se revira com a lembrança súbita do que ficamos sabendo.

— Não, não podemos…

— Puta merda.

Olho para Kai e encontro suas feições com uma mistura de choque e repulsa.

— Você demorou um bocado — suspiro.

— Porra, vocês são irmãos — diz Kai, bruscamente. Há uma espécie de perplexidade na sua voz. Porque isso é esperança. É uma saída de um casamento que nenhum de nós deseja. — Vocês não podem continuar essa cerimônia.

— Majestades, se me permitem dizer — intervém Easel —, essa cerimônia precisa acontecer.

Kai quase gargalha.

— No inferno que precisa!

— Easel — começo, sensata — nós somos meios-irmãos e…

— E já estão casados. — Ele se mantém firme. — Se as pessoas ouvirem falar de boatos de anulação, abandonarão qualquer progresso que tenha sido feito para unir o reino. O casamento de vocês é um símbolo, e se tirarem isso, o povo jamais aceitará as novas regras, mesmo que sejam destinadas a salvá-los. — Ele respira fundo. — Este reino, e o relacionamento dos senhores com cada reino ao redor,

depende desse casamento. Dor, Tando e Izram negociarão com um reino de Ilya que receba bem os Comuns. E por enquanto Paedyn é nossa melhor alternativa. Precisamos de mais tempo.

Kai não demora nem um instante pensando nisso.

— Não. Vamos arranjar outro modo.

— Ele está certo. — O murmúrio de Kitt faz o Executor balançar a cabeça para o céu. — O reino precisa ver uma frente unida para seguila. — Seu olhar encontra o meu. — O que você acha?

— Não sei o que eu acho — digo bruscamente. — Acabei de descobrir que minha mãe era uma rainha, depois vi outro pai morrer na minha frente. — Solto a respiração, trêmula. — Preciso de tempo para pensar a respeito. Sozinha.

Kitt assente.

— É justo.

— Todo esse tempo — murmura Kai. — Você tinha direito ao trono.

Easel inclina a cabeça, com o cabelo cor de hortelã batendo num dos ombros.

— É fraco para uma bastarda, mas sim, acho que Paedyn tem algum direito.

Kitt se remexe, inquieto.

— Ainda precisamos encontrar os verdadeiros registros. Descobrir o que realmente aconteceu.

— Calum disse que eles foram lacrados em algum lugar — digo inexpressiva.

Não sinto nada. Durante toda a vida, não *fui* nada.

Mal sobrevivi para descobrir minha verdadeira origem. Ela foi imersa em segredos e enterrada em deslealdade, mas sempre esteve ali, percorrendo minhas veias. O sangue de uma rainha corre dentro de mim, uma Comum da favela. Essa justaposição é espantosa a ponto de quase me fazer gargalhar.

Uma parte grande demais da minha vida foi determinada por uma coleção de momentos curtos. Eu nem tinha tempo de processar uma revelação e outra já aparecia. Assim, neste momento vagaroso, me permito respirar.

Uma crise de cada vez.

— Vamos à Alameda, depois pensamos no que fazer com o resto da nossa vida.

CAPÍTULO 62

Kai

Os joelhos deles estão se tocando de novo.

Só que, desta vez, existem votos de casamento entre os dois.

A aliança de ouro no dedo de Kitt capta a luz a cada sacudida da carruagem. Como no nosso último desfile até a favela, passamos pelas pedras irregulares da rua com o sol pesando nos ombros. Não há nenhuma cobertura sobre nossa cabeça, por isso vemos inteiramente a multidão reunida na longa rua da feira.

Ao todo, duas palavras foram trocadas entre nós, consistindo de "Já chegamos?". Jax está sentado ao meu lado, impaciente, nitidamente cansado da viagem aos sacolejos pela favela e provavelmente se arrependendo de não ter vindo na outra carruagem, com Andy. Fico agradecido por ele estar aqui, nem que seja para garantir que minha raiva esfrie antes que minha boca se abra.

Posso fazer pouco mais do que fumegar diante do absurdo disso tudo. Na última conversa que tivemos, descobri que Paedyn é filha da falecida rainha Iris com o Leitor de Mentes do meu pai — cujo sangue agora está sendo lavado dos degraus da entrada do castelo. Ela é uma Comum nascida dos maiores poderes possíveis. E Kitt é seu meio-irmão.

Pela primeira vez desde que eu era pequeno, luto para impedir que a máscara escorregue. Por mais que essa notícia seja nauseante, pode ser a saída para Paedyn. Minha esperança é egoísta, manchada pelo desejo

de ser só dela. Mas Kitt não é o único comprometido em proteger este reino. Ilya é nosso lar, e se o único modo de salvá-lo implicar Paedyn fazer o papel de esposa somente no nome, então…

Então, esperemos que a coisa não precise chegar a esse ponto.

A carruagem sacolejante para no centro da rua lotada. Estandartes cor de esmeralda pendem entre as construções meio arruinadas, presas por Lagartixas que receberam um xelim pelo trabalho. Elas mostram o brasão sinuoso de Ilya e o escudo dos Azer acima de centenas de Triviais esfomeados.

Entramos num círculo improvisado, enfeitado com vários pedestais conectados por fitas largas — uma barreira bonita que as pessoas sabem que não devem atravessar. Meus Imperiais, agora muito mais atentos devido ao treino retomado, se posicionam ao redor do perímetro como uma precaução extra. Tudo parece bastante inútil visto deste ângulo. Tudo o que vejo são Notáveis famintos, desesperançados, que se comportam devido à promessa de pão velho, moedas ou abrigo.

Como um reino tão poderoso caiu?

No início do reinado do meu pai não era assim. Já li histórias datadas de antes do Expurgo, e até as que aconteceram logo depois. Não, essa deterioração de Ilya começou quando o ódio do rei Edric pelos Comuns virou obsessão. Bem diante dos olhos dele, o reino começou a desmoronar, e ainda assim ele só se importava com a ratificação da fraqueza. Foi esse desejo que deixou Ilya de joelhos.

Kitt estende a mão para a de Paedyn. Ela hesita. Eu me viro para o outro lado.

Eu me misturo ao círculo de Imperiais e começo a andar lentamente atrás deles. Quando olho de volta para o casal real, eles estão numa grande plataforma diante do povo, de braços dados. O tablado de madeira sob seus pés está coberto por um tapete esmeralda e adornado com um Erudito. Essa cerimônia improvisada contrasta demais com a que aconteceu diante da corte. Repleto de rosas e enfeites dourados, o castelo coloca perfeitamente em perspectiva a pobreza da favela. E também suas prioridades.

— Povo de Ilya. Estamos reunidos aqui para unir Kitt Azer, rei e salvador de Ilya, e a dama Paedyn Gray em sagrado matrimônio. Sejam

testemunhas dessa união e respeitem o poder a eles atribuído.

O homem magricelo continua falando, me lembrando de um tempo mais simples em que eu desprezava meus estudos com os Eruditos. Mas esta não é uma palestra arrastada — são as palavras que unem as almas dos dois. Agora as mãos de Paedyn estão aninhadas nas do meu irmão, mostrando as alianças brilhantes que eles compartilham. O rei e a rainha parecem distanciados da cerimônia da qual participam.

Levo os braços às costas rígidas, separando as pernas e plantando os pés para não me carregarem para longe dessa visão insuportável. Não, eu sou o Executor. Agora sou Executor dos dois. É o dever que me prende no lugar, forçando meu olhar a ficar vazio enquanto votos são trocados e destinos são atados.

Kitt está ao lado de Paedyn, segurando a mão da noiva. Eu viro o rosto. É mais difícil odiar essa situação quando meu irmão é metade dela. Eu o amei mais do que amei qualquer pessoa, e até que uma ladra trombou em mim todos aqueles meses atrás, jamais acreditei que poderia amar tanto outro alguém. Existe pouca coisa que eu queira mais do que ver Kitt feliz, e por acaso esse pouco é agora a mulher dele.

— Povo de Ilya, apresento-lhe Paedyn Azer, sua inquestionável rainha consorte.

A coroa que Paedyn retirou do Santuário das Almas é posta em seu cabelo brilhante. Ela é o próprio retrato de uma rainha, de algum modo mais formidável agora do que no dia em que nos conhecemos. A Paladina Prateada se transformou numa criatura temível, vestida com roupas finas e armada com um futuro feito por ela própria.

Uma agitação súbita na multidão me faz dar um passo em frente, preparado para golpear, se surgir alguma ameaça. Estreito os olhos, vendo essa ondulação de movimento fluir pelas centenas de corpos apinhados. Meu olhar salta para cada lado da rua lotada enquanto avalio cada movimento no mar de pessoas. Até mesmo o Erudito parou de falar, fazendo Paedyn e Kitt se virarem, confusos.

— Paladina Prateada!

O grito faz meus Imperiais começarem se juntar em volta da plataforma, mas eu levanto a mão, fazendo-os parar.

O título foi dito com reverência.

E quando o tremor de corpos chega perto o suficiente, vejo joelhos se dobrando diante da rainha. Centenas de ilyanos se ajoelham nas pedras do calçamento que um dia compartilharam com Paedyn Gray. Olho o povo dessa favela demonstrar devoção pela garota que escapou — e agora voltou para salvá-lo.

Olho para Paedyn e vejo o choque que ela luta para suprimir. Seu peito arfa enquanto ela absorve o respeito que eles demonstram tão prontamente. É como se as pessoas pudessem sentir o cheiro do sangue real nas veias dela, como se não pudessem fazer nada, a não ser se curvar diante dos que estão destinados a governar. Mas eles não sabem nada sobre a origem de Paedyn, apenas que ela era — e sempre será — uma deles. Este é o lar de Paedyn, e o povo a recebe de volta como uma rainha.

Kitt permanece calmo ao lado de Paedyn enquanto ela levanta o queixo, com a coroa furando o ar. Murmúrios sobre a Paladina Prateada ecoam na borda do círculo da cerimônia. Agora há uma rainha onde antes estava uma ladra — brava, benevolente e brutal. Vitoriosa.

A última fala do Erudito é como um espantado pensamento de última hora.

— E seu rei, Kitt Azer, salvador de Ilya. Que a união deles traga prosperidade ao nosso reino e grandeza à nossa história.

Paedyn Gray…

Não.

Azer.

E assim sou arrancado desse momento notável e lançado direto de volta na minha realidade sinistra.

O rei e a rainha descem da plataforma.

O Executor os segue.

CAPÍTULO 63

Paedyn

Meu primeiro fim de tarde como rainha é passado olhando o sol se pôr na direção do jardim embaixo da minha sacada.

Sopro de leve o chá fumegante na xícara, as pernas cruzadas embaixo do corpo na poltrona macia. Praticamente não passei pela espantosa porta de vidro desde que olhei para meu quarto pela primeira vez. Agora, sem ter o que fazer, a não ser ficar sentada com meus pensamentos, decidi que é melhor enfrentar a tempestade dentro de mim com uma visão relaxante.

Fileiras de cor se abrem em leque abaixo de mim, emoldurando cada pedra do caminho e se estendendo para o sol poente. Pássaros cantam baixinho para o crepúsculo que se aproxima, enquanto as sombras começam a se arrastar lentamente pela terra. Tomo um gole de chá e fecho os olhos enquanto seu calor se espalha no meu estômago. Este pode ser o momento de maior paz que tenho desde que fui mandada para as Provas do Expurgo. Até que o brilho da minha aliança de casamento me lembra dos destroços da minha vida.

Horas depois ainda estou abalada com cada revelação que despedaça meu passado. O sangue real corre nas minhas veias, no entanto ele molhou chicotes de Imperiais e encharcou a espada do falecido rei. O ódio descarado de Edric Azer por mim foi um fogo que se acendeu no dia em que nasci como uma Comum e desde então venho lutando para sobreviver.

Olho o chá ondulando na xícara. Uma princesa esquecida me encara de volta, abandonada por causa do poder e odiada por sobreviver apesar disso.

Solto o ar com força enquanto minha mente luta para conectar todos os pedaços da minha vida fragmentada.

Iris Moyra viveu neste mesmo castelo, sufocou seu amor por um homem que ela não podia ter. Os dois escondiam o afeto como uma parede de rosas espinhentas, lindas mas perigosas. Hoje vi o homem que minha mãe amava em segredo sangrar diante de mim. Não senti tristeza com sua morte. Não. Senti um arrepio de semelhanças fantasmagóricas com o amor condenado da minha mãe e do meu pai. Os bilhetes dos dois, seu amor roubado… é a minha vida e a de Kai num espelho. E se algum dia o Executor tiver o mesmo destino de Calum…

Interrompo o pensamento antes que ele tome conta.

Talvez Iris amasse os dois: o rei e seu Leitor de Mentes. Talvez de maneiras muito diferentes.

Penso em Kitt e no sangue que compartilhamos. Penso desesperadamente em algum modo de desfazer essa união das nossas almas, um modo que não arranque pela raiz tudo que plantamos para este reino. Meu peito aperta, a xícara de chá tremendo na minha mão em cima do pires.

Como vou encontrar uma saída?

Uma sombra se movendo lá embaixo atrai meu olhar. Pouso a xícara e estreito os olhos para a escuridão crescente. A figura caminha até parar embaixo da minha sacada e grita:

— Adivinha quem é, Pequena Psíquica.

Meu coração quase para, mas de algum modo consigo manter a voz firme.

— Alguém que já esqueceu meu novo título?

O sorriso seco de Kai paira na brisa enquanto eu me levanto e me inclino sobre o parapeito.

— Vossa Majestade, eu tenho muitos títulos para a senhora. Nem todos são adequados para gritar.

Reviro os olhos. Não consigo deixar de saltar para a distração que ele oferece aos meus pensamentos desencontrados.

— O que você quer, babaca metido a besta?

— Você se esqueceu do "meu", antes do apelido carinhoso.

— Você não deveria estar aqui — desafio. — Como *meu* Executor.

Seu tom ecoa o meu.

— Então ordene que eu vá embora.

— Não me provoque.

— Isso seria justo.

Olho sua figura cercada de sombras.

— Você está se esquivando.

— Talvez eu esteja enrolando.

Estreito os olhos.

— E por quê?

— Digamos que é uma tentativa desesperada de roubar mais algum tempo com você.

Escondo o sorriso, baixando a cabeça.

— Então você pretende ficar a noite inteira embaixo da minha sacada?

— Não. — Seus olhos sumiram na escuridão, mas ainda posso senti-los voltados para mim. — Vamos visitar o quarto da sua mãe.

CAPÍTULO 64

Kai

Gail coloca o prato de pãezinhos de mel entre nós, quente como o sorriso em seu rosto.

— Olha só, os garotos de volta na minha cozinha e implorando comida. — Ela diz isso com tanto carinho que quase engasga. E põe a mão sobre o coração. — Ah, como senti falta disso.

Kitt cutuca meu ombro com o dele, parecendo mais feliz do que eu achava possível depois de um dia como esse.

— Como nos velhos tempos.

Meus dentes se cravam no pão coberto de mel. Assinto. Engulo.

— Seria mais como nos velhos tempos se eu jogasse você em cima desta mesa.

— De jeito nenhum — alerta Gail. — Vocês dois estão crescidos demais pra isso, minha cozinha não aguenta. — Nós dois sorrimos da sua bronca antes de ela acrescentar: — Cadê a Paedyn?

Kitt respira fundo. Em seguida segura o peito e tosse.

— Nossa companhia não é mais suficiente pra você, Gail?

— Não banque o espertinho comigo, Kitt. — Ela apoia as mãos nos quadris largos. — Desculpe por ter perguntado onde sua mulher está na noite do seu casamento.

Meu corpo enrijece.

— É só que eu não esperava que vocês fossem passar a noite na minha cozinha. Se bem que… — A cozinheira dá um sorriso doce para

Kitt, já tendo esquecido que agora ele é seu rei. — Kitty, meu doce, se você quiser usar aquela maravilhosa habilidade Dual lavando meu piso, como costumava fazer, eu não vou me opor.

Fico agradecido com a súbita mudança de assunto. Parece que Kitt sente o mesmo, porque ele ri, parecendo aliviado.

— Não esqueça que o Kai Cai aqui também pode fazer isso pra você.

Largo o pão doce no meu prato.

— Você odeia quando eu pego seu poder emprestado.

As palavras caem dos meus lábios sujos de mel, mas mesmo assim conseguem ter um gosto amargo. Eu gostaria de atribuir o tom de acusação na minha voz ao dia muito perturbador que tivemos, mas, na verdade, eu apenas gostaria de saber para onde foi o irmão que desejava tão desesperadamente travar suas próprias batalhas. Aquele que ansiava para entrar nas Provas do Expurgo, nem que fosse para provar a força que nosso pai nunca deixou que ele usasse. Kitt foi ensinado; eu fui treinado. E ele sempre sonhou em ser vitorioso.

Ele volta o olhar sério para o meu.

— Isso foi antes de eu perceber como a gente forma uma equipe fantástica. — Ele dá um sorriso suave. — Você é a minha força. Eu sou o seu controle. Não há nada igual.

Firmo os braços na mesa bamba.

— E quando você finalmente percebeu isso?

— Quando descobri que eu precisava de você mais do que desejava ser você.

Isso não deveria me espantar, mas de algum modo o faz.

— Por que você iria querer isso, Kitt? Nosso pai garantiu que as piores partes dele vivessem em mim.

— Então seremos muito melhores do que ele. — Kitt sustenta meu olhar com ferocidade. — Você e eu vamos criar nosso próprio legado: uma grandeza com a qual papai jamais poderia sonhar.

Sorrio para ele, porque sinto que devo. Kitt parece feliz, até mesmo aliviado, como se essas palavras tivessem tirado um peso do seu peito. Mas esse momento de ternura só me lembra do outro, muito diferente, que testemunhei horas atrás. Consegui ficar quieto até agora, enxergando as tentativas ansiosas de Kitt para evitar o assunto. Mas

infelizmente eu amo meu irmão demais para deixar que o fato de ele evitar o assunto, e o incômodo da situação, me impeça de falar.

— Kitt… — começo devagar. — A gente deveria conversar sobre o que aconteceu no pátio com o Calum e…

— Gail… — os olhos de Kitt lampejam com um alerta — … esses pãezinhos estão deliciosos. Você fez alguma coisa diferente?

Olho meu irmão, não me importando que Gail esteja perto para uma conversa que já deveria ter acontecido há muito tempo. Mas entendo que ele queira manter segredo sobre o assunto, tendo-o visto informar aos Imperiais que a notícia da morte de Calum deveria ser contida. Poucas pessoas sabem a respeito da brutalidade que o rei cometeu há apenas algumas horas, e sem dúvida Gail não é uma delas. Ela nem tem ideia do que descobrimos.

— Bom, eu coloquei um tempero extra nessa fornada. — Ela enxuga as mãos no avental manchado. — Era assim que a sua mãe gostava dos pães doces, Kai. No primeiro ano do casamento com o rei ela comia até se fartar. Eu estava pensando em levar um pra ela, na torre.

— Era um desejo de grávida? — pergunta Kitt, esperando continuar nesse assunto.

O rosto de Gail hesita.

— Eu… Talvez.

Olho para a mulher que me criou quando a rainha não pôde fazer isso. A palidez em seu rosto é estranha. Ela deve ter cuidado da minha mãe, grávida de mim…

Meu coração aperta, pesado com uma percepção súbita.

Paedyn nasceu há dezoito anos, filha da rainha Iris e do Leitor de Mentes do meu pai.

No entanto, eu sou um ano mais velho do que ela.

Minha garganta fica seca.

Este é o primeiro momento de silêncio que tive o dia inteiro. Até agora não parei para encaixar as peças do nascimento de Paedyn. E ainda faltam várias. Falta *eu*.

Gail está conversando com Kitt. Não consigo escutar o que ela diz, com o zumbido nos ouvidos.

— Quando você ia contar à gente a verdade sobre a morte da rainha Iris?

A cozinheira fica boquiaberta ao ouvir minhas palavras.

— Kai…

— Quero dizer — minha risada súbita parece enlouquecida —, Kitt acaba de se casar com uma princesa perdida, e ele nem sabia disso até que o Leitor de Mentes do nosso pai nos colocou a par dos detalhes.

— O quê? Vocês sabem… — Gail engasga.

Kitt se levanta da mesa no mesmo instante que eu.

— Kai, que diabos você…

— Vou encontrar respostas — ofego. — Nós estamos afogados em segredos, Kitt. Sua esposa não é a única pessoa para quem mentiram.

A mão de Gail está apertando o coração, e sua expressão de pesar é a última coisa que vejo antes de sair pela porta. Kitt me acompanha numa onda de confusão. Seus passos ecoam atrás de mim.

— Irmão, diga o que está acontecendo. Por favor.

Só me viro um pouquinho.

— Vou contar. Mas só depois de garantir que estou certo.

Em seguida parto para roubar minha rainha.

CAPÍTULO 65

Kai

O sol se pôs há muito tempo quando finalmente bato à porta do gabinete de Kitt.

— Esta noite não acaba nunca — resmunga Paedyn.

Ela gira o anel no polegar sem parar, olhando para longe da porta cheia de sulcos. Com certeza sua mente está no lugar para onde a minha foi, depois de tudo que descobrimos. Mas eu me obriguei a voltar até o meu irmão, como prometi. Como sempre fiz, no decorrer dos anos.

Engulo em seco.

— Estou imitando você, Pequena Psíquica.

A boca de Paedyn se abre, mas antes que ela possa responder…

— Entre.

A voz de Kitt soa abafada atrás da porta que eu abro. Ele está sentado à mesa, com a luz da lâmpada inundando a sala num brilho tremeluzente. Pergaminhos cobrem toda a madeira lascada, e sempre fico atônito ao ver que todas as folhas estão cobertas por uma escrita apressada. Mas o que captura minha atenção é a espada cerimonial encostada na lareira. O sangue do pai de Paedyn foi substituído por um brilho prateado.

O rei me chama com um gesto da mão suja de tinta. Sua pele está pálida, nítida em contraste com as veias azuis que se arrastam na têmpora. Meus olhos se estreitam diante da doença espantosa que

tomou as feições dele. Analiso os olhos avermelhados e as bochechas encovadas. Nunca o vi assim, nunca percebi como ele realmente não estava bem.

As criadas.

Elas vêm escondendo a doença dele do melhor modo possível.

Entro na sala iluminada e Kitt dá um sorriso reconfortante para a minha companhia, mas a sombra que vem atrás de mim faz com que ele hesite de leve.

— Paedyn. Eu não esperava vê-la esta noite.

Forço uma respiração profunda a entrar nos pulmões.

É a noite de núpcias deles.

Se não fossem as descobertas recentes, juntos é exatamente como eles estariam. Esse pensamento faz alguma coisa sinistra acordar dentro de mim, mas eu a esmago, assim como o ciúme que brota.

— Eu também não esperava — declara Paedyn, sincera. — Mas Kai…

— Eu queria sua esposa aqui quando finalmente conversássemos sobre o que aconteceu hoje.

As palavras surpreendem até mesmo a mim, principalmente porque não tinha a intenção de ser tão áspero. Sinto os olhares dos dois se voltando contra mim. Lentamente o rei junta sua pilha de pergaminhos escritos e os enfia na gaveta ao lado.

— Prefiro não falar sobre isso. Você, mais do que ninguém, deveria entender, irmão.

As palavras são afiadas de modo magistral. Cortam a ponto de fazer com que eu repense por um instante a conversa que se aproxima. Olho meu irmão, vendo de novo aquele pouco de astúcia que ele guarda com tanto empenho. Houve um tempo em que eu me consideraria o irmão calculista e ele, o atencioso. Mas parece que uma vida inteira foi enfiada no meio dessas características, e não tenho mais certeza de quem as merece.

— Kitt — digo lentamente. — Você matou uma pessoa hoje.

Ele se recosta na cadeira.

— Eu fiz o que precisava fazer.

— Foi sua primeira morte.

— Foi? — Paedyn dá um passo à frente, balançando a cabeça. — Claro que foi.

— Eu estou bem, Kai — murmura o rei. — Foi necessário. Agora, será que a gente pode, por favor…

Firmo as palmas das mãos na mesa.

— O irmão que eu conheço estaria despedaçado depois de cravar uma espada no peito de um homem.

— Bom, ele cresceu — dispara Kitt de volta. E põe de lado a aspereza da voz. — Agora eu sou rei, e tudo que faço é pela grandeza deste reino.

Examino a palidez das suas feições.

— Diga o que está acontecendo, Kitt. Há alguma coisa que você não está me contando.

Paedyn pigarreia.

— Eu deveria deixar vocês dois resolverem isso…

— Não — ordeno. Meu olhar não se afasta do rei. — Agora você é uma Azer. Este é exatamente o lugar onde você deveria estar.

Kitt esfrega a nuca, como sempre fez desde que éramos pequenos. Isso revela sua ansiedade.

— Irmão, você sabe o que aconteceu. Paedyn descobriu a verdade sobre o papel de Calum e como ele vinha me manipulando para fazer o que desejava. Calum era uma ameaça e eu acabei com ela.

Balanço a cabeça, com uma pontada de frustração me atravessando. Penso naquele momento em pânico em que eu cheguei: Calum morto nos degraus e Paedyn contando suas teorias.

— Você não acha que eu saberia se ele fosse um Dual?

Kitt é rápido em assentir na direção de Paedyn.

— Você já esteve errado antes com relação à habilidade de alguém. Além disso, como sabe que Calum não estava controlando você para ignorar a verdadeira extensão do poder dele?

É uma resposta bem-ensaiada. E, se eu não conhecesse meu irmão, poderia acreditar nela.

— Então a morte de Calum não tem nada a ver com aquelas cartas na caixa de joias de Iris?

Kitt não diz nada.

Paedyn vai em frente com a especulação que já é familiar:

— Você tinha lido aqueles bilhetes, não tinha? Você reconheceu a letra de Calum e estava preocupado achando que poderia ser o bastardo. — Paedyn respira fundo, com a constatação se chocando contra ela como uma onda. — Por isso perguntou se ele disse alguma coisa sobre você.

Meu irmão fica tenso.

— Eu pretendia me livrar dos bilhetes antes de lhe dar a caixa de joias, mas eu me… distraí.

Uma espécie de compreensão triste penetra nas minhas feições.

— Se ele era uma ponta solta que precisava ser resolvida, eu faria isso por você. É por isso que estou aqui, para poupá-lo da brutalidade.

— E se eu não quiser ser poupado? — Nos olhos de Kitt, há certa intensidade que me espanta. — E se pela primeira vez eu quisesse salvar você? Salvar nós dois.

Inclino a cabeça.

— Kitt, eu…

— Se você estivesse lá — começa ele, lentamente — e Calum se colocasse entre mim e sua amada Paedyn com aquela adaga, quem você teria protegido?

Alguma coisa se agita entre nós diante dessas palavras. A tensão aumenta. Olho para Paedyn. Ela examina a situação. Luto contra a compreensão que começa a assentar.

— Você a escolheria — sussurra Kitt. — Você já a escolheu, de novo e de novo.

— Isso é ridículo, Kitt…

O rei se levanta, quase derrubando a cadeira de tanta pressa.

— Deveríamos ser apenas nós dois. Você e eu, sempre. — Seu olhar é tomado pela fúria. — Você se lembra, certo? De antes de ela entrar na nossa vida e arruinar tudo.

A voz de Paedyn sai fraca.

— O que você está dizendo, Kitt?

Mas ele não fala com ela. Não. Suas palavras são direcionadas a mim.

— Ela nos arruinou, Kai! Tudo começou a dar errado na nossa vida no segundo em que ela apareceu. Diabos… — Sua gargalhada é rouca.

— Até mesmo no segundo em que nasceu, Paedyn conseguiu começar a destruir essa família.

Meu peito se aperta dolorosamente. Eu reconheço o olhar ensandecido de Kitt. Igual ao do nosso pai quando falava sobre os Comuns. Eles eram o que o rei Edric mais desejava destruir. Agora sei que o ódio dele resultava da morte da mulher e do nascimento de uma menina Comum.

Mas a aversão de Kitt por Paedyn não se parece com a do pai dele. Edric buscava o poder — Kitt anseia por companheirismo. Fraternidade. Por mim, apenas.

— Você não vê, irmão? — Sua exasperação paira no ar entre nós. — Ela matou o nosso pai, matou a minha mãe. Ela é aquilo que vai nos separar.

Vejo a sombra do ciúme no rosto de Kitt, a mesma escuridão que toma conta dele quando Paedyn está perto. Mas agora sei que não é inveja da Paladina Prateada, e sim inveja do que ela tem. Ela tem a mim, e Kitt odeia isso.

Dou um passo para longe da mesa, balançando a cabeça.

— Ela matou o seu pai, não o meu. — Kitt fica boquiaberto mesmo que eu dê o golpe final. — Paedyn é mais sua irmã do que eu.

CAPÍTULO 66

Paedyn

Kai me leva pelos corredores, ignorando cada olhar lançado em nossa direção.

Depois de sair do jardim para me encontrar do lado de fora do meu quarto, andamos rapidamente entre as paredes com Imperiais enfileirados. A urgência nos seus passos me faz engolir cada pergunta que golpeia minha mente cansada. Mas o Executor está em outra das suas missões, e eu fico simplesmente aliviada por não ser o objeto dela mais uma vez. Assim, me permito ser guiada por cada janela alta e pelo sol que se põe lá fora.

Viramos num corredor que eu não reconheço, antes de parar na soleira de uma porta aparentemente insuspeita.

Olho, cética, para o meu guia.

— É isso?

Ele vira a maçaneta, entrando quase com cautela.

— É estranho ver como esse é só um cômodo normal, depois de tantos anos imaginando o que haveria dentro.

Meus pés hesitam. Parece que estou perturbando um pedaço do passado, me intrometendo no espaço de uma estranha que agora chamo de "mãe", apenas no nome. Examino lentamente o quarto da rainha Iris, vendo a cama de dossel escondida sob uma camada de abandono. A poeira cobre cada móvel: a escrivaninha, a penteadeira e as estantes de livros, tudo coberto por uma sujeira branca.

— Meu pai nunca deixava ninguém entrar aqui. — As palavras de Kai apenas enfatizam os sinais claros de isolamento. — Sempre dizia que desejava preservar o quarto pra ela.

Meu olhar vai de novo até as estantes, vendo os livros tombados e os papéis enfiados entre eles. No centro da mesinha de cabeceira, a poeira se junta ao redor de um retângulo limpo.

— Foi daqui que Kitt pegou a caixa de joias dela — murmuro.

Kai assente.

— Durante a sua primeira Prova eu encontrei Kitt aqui, segurando a caixa. Ele devia estar olhando as coisas antigas dela.

Paro de andar ao pé de uma cama intocada.

— Se ele examinasse a caixa de joias, teria visto os bilhetes de Calum.

Totalmente distraído, Kai só consegue murmurar:

— Humm.

Com um suspiro, deixo o assunto de lado. A mente dele está longe das minhas especulações.

— Então o que estamos fazendo aqui, exatamente?

— Você não quer ver o quarto da sua mãe?

Dou de ombros.

— Talvez, se eu realmente sentisse que ela é minha mãe. Mas… — Passo a mão na colcha empoeirada que abraça a cama. — Essa mulher é uma estranha.

Kai assente devagar, com simpatia, antes de dizer o verdadeiro motivo para ter me arrastado para cá.

— Você mencionou que Calum disse alguma coisa sobre os verdadeiros registros estarem escondidos.

Olho o quarto abandonado, ao redor.

— E você achou que eles podem estar aqui, onde ninguém tinha permissão para entrar.

— Nada passa despercebido por você, Pequena Psíquica. — Sua reação seguinte é bem-humorada. — Na verdade, se eu estiver certo, alguma coisa passou, sim, despercebida por você.

Isso me ofende. Muito.

— Desembucha, Azer.

Kai mexe na escrivaninha, puxando gavetas emperradas.

— Eu sou um ano mais velho do que você, Pae. Se meu pai se casou com Myla depois de você nascer…

— Você já teria um ano — ofego.

Sua risadinha é de enfurecer.

— Não seja um idiota. — Eu me aproximo dele, junto à mesa, com um olhar mortífero. — Hoje a minha mente esteve meio ocupada.

— E a minha não?

Eu quase gargalho.

— Eu me casei!

— E eu estive de luto por você desde o dia em que saímos daquele campo de papoulas!

Meus lábios se abrem ligeiramente. Encaro-o, vendo cada onda de emoção atravessar seu rosto sem máscara. Ele suspira, firmando-se, e murmura:

— Nossa morte lenta começou no dia em que meu irmão pôs aquele anel no seu dedo. E durante semanas não pensei em nada que não fosse você. — Kai estende a mão para mim, mas pensa duas vezes. — Sempre vamos ser inevitáveis, Pae. Mas nesta vida estamos condenados. Hoje foi a prova disso. É… — Ele engole em seco. — É melhor seguirmos em frente.

Um longo momento se passa entre nós antes de ele se virar de novo para a escrivaninha, como se não tivesse acabado de esmagar meu coração na mão calejada. A dor no meu peito é amplificada pela verdade das suas palavras. Nós somos ruína.

Kai pigarreia. Eu pisco para afastar a emoção que arde nos meus olhos.

Tentando diminuir a tensão entre nós, pergunto:

— Você acha que os registros estão nesta mesa?

Olho por cima do ombro de Kai, para as marcas de dedos que ele espalhou na madeira empoeirada. Kai segura um puxador, sacudindo-o, sem resultado.

— Trancada — murmura. Isso não o impede de escancará-la com facilidade e dizer: — Robusto. — E vira a cabeça para a porta. — No corredor.

Em instantes está tirando três rolos de pergaminho antigos das profundezas da gaveta e os coloca no tampo da mesa.

Um fala sobre nascimento, o outro sobre morte, e o último sobre casamento. Cada um é um decreto cheio de segredos.

Nós nos inclinamos, examinando os arabescos de tinta escura. Meu olhar salta sobre as três páginas, com a cabeça girando. Frustrada, tento encaixar as coisas que Calum admitiu no meio das palavras rabiscadas.

Há dezoito anos nasceu a filha do rei.

Há dezoito anos a rainha Iris morreu no parto.

Eu era a filha — uma Comum, da qual o rei se livrou. Envergonhado e com raiva, ele escondeu a verdade sobre a morte da esposa, dizendo ao reino que ela faleceu durante o nascimento do seu herdeiro. As rainhas eram isoladas por segurança. Assim, essa foi uma mentira fácil de ser aceita…

Passo um dedo sobre a licença de casamento.

— Isto não diz nada sobre um filho. Só que Edric Azer e Myla Rowe se casaram.

Kai passa a mão pelos cabelos revoltos.

— Não existe registro do meu nascimento.

— Devemos estar deixando passar alguma coisa — digo, distante. — Talvez haja outro pergaminho…

Kai me interrompe:

— Talvez. — Eu pisco os olhos e ele se afasta da mesa e atravessa o quarto. — Ou talvez a gente devesse ir direto à fonte.



A rainha viúva olha os pergaminhos, inexpressiva.

— Quero respostas, mãe — insiste Kai.

O cabelo comprido e preto de Myla exibe mechas grisalhas. Seus olhos cinza, que já foram lindos, estão fundos e avermelhados. O catre em que está deitada é rígido, o cômodo ao redor é abafado. Ela parece frágil na tonalidade doentia da ala oeste, como se a própria torre caindo aos pedaços sugasse a vida das suas veias.

Fico inquieta, sentada. A rainha praticamente não me conhece e agora estamos sentados junto à cama dela, perturbando o pouco de paz que ela tinha.

— Sei da verdade sobre a morte da rainha Iris — diz Kai, devagar, apontando para um pergaminho. — Que o rei se casou com a senhora para ajudar a encobrir isso. Mas o que não entendo é onde eu me encaixo. — Seu olhar é penetrante. — Se Iris realmente morreu dois anos depois do nascimento de Kitt, como eu sou apenas um ano mais novo do que ele?

O olhar da rainha vai até o filho, quase tão vazio quanto as palavras que ela enfim consegue dizer, tossindo.

— O rei só me contou toda a história quando decidiu que me amava. No início, casar com Edric era o meu dever. Pelo menos foi o que meu pai me disse. Como conselheiro do rei, ele me entregou como uma solução para um problema que eu não conhecia.

Ela levanta a mão até o rosto do filho.

— Apesar da persuasão do meu pai, eu não achava que o rei iria querer se casar comigo tão de repente. Porque eu… eu já tinha um filho com outro homem. — Sua voz fica mais baixa. — Mas eu estava errada. Era você que ele queria.

Vejo as palavras acertarem Kai com força suficiente para quase rachar sua fachada de pedra.

A rainha sussurra:

— Edric mandou um Silenciador sentir seu poder. — Ela segura com força a mão de Kai, com uma tosse chacoalhando o peito, antes de continuar: — O rei queria um possível substituto forte para Kitt, e meu menininho era extraordinário. Edric quis que meu filho fosse dele.

Nada. Kai não diz nada.

Baixo os olhos para os dedos inquietos no meu colo. Depois de acreditar que uma criança Comum era sua filha, não é de espantar que o rei quisesse apenas os Notáveis mais fortes. Eu era uma vergonha. Um equívoco. E Kai, o Notável mais poderoso, iria me substituir.

— Edric contou ao reino que durante três meses tinha ficado de luto pela esposa falecida e se casou comigo no mês seguinte. — A rainha engasga com as palavras. — O seu pai era muito convincente. Disse ao

povo que só teve ânimo de anunciar a morte de Iris quando soube que sua nova rainha e seu filho estavam em segurança.

— Então o rei queria uma solução para o problema dele — diz Kai, depois de um tempo, a voz perigosamente calma. — O rei ficou envergonhado por causa de uma Comum que nem era filha dele, por isso reivindicou o Notável mais forte que pôde encontrar.

— Me perdoe, Kai. — A mãe dele geme. — Todo o castelo fez um juramento de segredo, e eu nunca deveria contar a verdade a ninguém. Assim, você foi criado acreditando no que todo mundo no reino acreditava.

Kai dá uma risada de desprezo.

— Mas eu não era filho do rei. Meu poder não tinha a ver com Edric. — Seus olhos se voltam para a mulher tão parecida com ele. — Então tinha a ver com quem?

Ela engole em seco.

— Um homem que eu amei muito. Há muitos anos.

Kai olha para longe, deixando as palavras pairarem no ar. Dá para ver a dor que ele tenta esconder tão desesperadamente por trás da máscara de raiva.

— O rei reescreveu a história — diz ele, fervilhando de raiva — e me transformou numa marionete.

Myla solta uma tosse entrecortada que poderia ser o início de um pedido de desculpas. Quando recupera o fôlego, com o rosto manchado e vermelho, diz, rouca:

— Ele sempre foi duro demais com você. E eu… eu sinto muito por isso.

— Eu era filho dele no nome, e mesmo assim ele odiava que eu não tivesse seu sangue — murmura Kai. — É por isso que ele nunca me amou, não é? Foi por isso que ele me pressionou até eu ceder? Tudo porque meu poder nunca foi realmente dele.

A fúria borbulha nas minhas entranhas pelo garoto forçado a esse destino somente pelo acaso. Tudo que ele sofreu, cada máscara colocada à força em seu rosto e cada arma posta em sua mão, jamais era destinada a ele. Kai Azer não é nem um pouco um Azer. Ele foi uma solução poderosa.

— Lamento você ter sido jogado nessa confusão — diz a rainha. — A princípio, nós só devíamos encobrir que uma Comum matou a falecida rainha.

Ela vira os olhos acinzentados para mim.

Kai bufa, antes de dizer, irritado:

— Esse tempo todo, a senhora sabia?

— Eu suspeitava. — A rainha tosse. — Edric não era mais o mesmo depois de vê-la pela primeira vez.

Minhas bochechas ficam quentes.

— Eu não era a Comum do rei. — Diante de sua expressão cética, conto a verdade. — Eu era a filha do Leitor de Mentes dele.

Um silêncio pesado baixa sobre nós, um silêncio que Kai tem a gentileza de retirar dos nossos ombros.

— O rei sempre manteve seus Fatais escondidos. Nós nunca os víamos. O Silenciador foi o único que eu conheci, enquanto tentava descobrir informações sobre a Resistência, e que agora sei que eram mentiras. — Seu sorriso é desprovido de humor. — Mas parece que Damion me conheceu muito tempo antes, quando contou ao rei sobre o meu poder.

A rainha arregala os olhos na minha direção.

— Se isso é verdade, o rei morreu achando que você…

— Que eu era o maior fracasso dele?

Sua Comum. Sua fraqueza. Sua morte.

Mesmo sem poderes, eu o matei.

Um ligeiro sorriso repuxa meus lábios.

Espero que o rei tenha visto o rosto da filha — da Comum que ele desprezava — enquanto eu cravava a espada no peito dele.

— Posso viver com isso.



Edric

Logo uma costureira entrará na última Prova.

Isso sinaliza o princípio do fim, ou pelo menos é o que o rei pensa. Adena é pouco mais do que um peão no seu jogo, arrancada do castelo e jogada no Fosso em nome de algo frágil como o ego de Edric. Ele odeia a filha que acredita ser sua, e como castigo por ter matado a mulher amada, o rei tomará o único consolo que Paedyn tem neste mundo.

De sua caixa de vidro lá em cima, Edric assiste à fraqueza que emana de Paedyn Gray. Ela grita, chora e implora a um Deus totalmente desinteressado em tal sofrimento. De um modo estranho, é um presente as Provas não terem acabado com a vida da Comum — porque o próprio rei quer esse privilégio.

Mas, no final, é aquela rosa em cima da caixa de joias de Iris que prevê sua ruína. O ódio começa a infeccionar o coração de Edric no momento em que ele acredita que uma Comum nasceu dele. No entanto, eles não compartilham nenhuma força, nenhuma moral, nem sequer uma gota de sangue. Paedyn Gray pertence à rainha e ao amor dela por um Fatal, mas isso não tira dela a realeza nem lhe dá força alguma como Comum.

Os últimos momentos do rei Edric são passados derramando sangue e cuspindo rancor para uma garota que ele passou dezoito anos odiando. Mesmo assim não diz nada sobre a linhagem dela, porque ela

não é digna de saber a verdade. O rei deseja que ela morra sem jamais ter ideia do sangue real que corre em suas veias. Ele não permitirá que Paedyn Gray tenha a satisfação de saber o quanto o assombrou.

Assim ele grava uma marca acima do coração de Paedyn, como sua esposa fez, vezes incontáveis, acima do dele. Mas este não é um gesto de amor, como Iris pretendia, e sim a marca do que se perdeu, é tudo para a Comum que se retorce embaixo da sua bota. O rei garante que Paedyn Gray tenha essa marca até respirar pela última vez, porque dói suportar sozinho o peso do toque de Iris. É na pele da Comum que Edric escreve a verdade do nascimento dela, do grande amor que morreu e da fagulha de ódio que nasceu. Naquele chão lamacento, a carne mutilada fala do seu amor por Iris Moyra enquanto o rei a deixa descansar com esse último ato de justiça.

Mas, no fim, ele é que é enterrado sob o peso de segredos e traição. Porque jamais fica sabendo da verdade sobre aqueles que ele amou — e como eles se amavam.

CAPÍTULO 67

Paedyn

— Do que você está falando?

As palavras de Kitt são como um sussurro, me fazendo estremecer. Seus olhos vermelhos perdem o foco. Meu coração bate forte ao lado de Kai neste gabinete cujas paredes parecem estar se fechando sobre mim. Quase tento me convencer de que não ouvi direito a maldade na voz do meu marido.

Mas não adianta. A expressão ensandecida só confirma as palavras que ele cospe com tanta facilidade. É como se tivessem sido esmagadas embaixo da língua durante semanas, antes de ele finalmente soltá-las.

Este não é o Kitt que eu conheci nem de quem eu estava começando ficar amiga. Este é a personificação de uma mente se deteriorando.

— Edric não era meu pai — responde Kai, com os ombros rígidos. — Myla já tinha um filho quando eles se casaram em segredo, um filho poderoso que o seu pai só queria como um substituto e uma arma. Assim, na verdade… — o Executor dá um passo em frente, tranquilo e seguro. — … É Paedyn que tem o seu sangue, não eu.

Depois de todo esse tempo chamando Kai Azer de babaca metido a besta, ele era exatamente isso. Eu tinha dito a verdade em uma dúzia de ocasiões.

Vejo as palavras de aço acertarem Kitt, mas ele não se abala.

— Talvez isso seja verdade, mas você é meu irmão. Você é mais da minha família do que qualquer pessoa. Mais… — Ele examina os olhos

de Kai, desesperado. — Mais amor do que eu jamais tive. Papai era uma obsessão, mamãe um fantasma, mas você… você me mostrou o que era o amor.

A lembrança da minha ingenuidade belisca o canto da minha consciência. Passei semanas tentando consertar um elo que eu achava que só tinha sido cortado devido à morte de um rei. Mas agora percebo que Edric Azer era apenas uma variável no desprezo que Kitt sente por mim. É Kai que ele quer ao seu lado: seu irmão e seu amigo. E eu simplesmente estou entre os dois.

— Por que você se casou comigo? — pergunto. — Se eu sou o que separa vocês dois, por que não me matar?

Enfim Kitt se digna a olhar para mim.

— Meus planos para Ilya exigem você. — Fico boquiaberta diante da resposta, antes que ele se vire de novo para Kai, com o rosto subitamente suplicante. — Vamos construir juntos a maior nação de todas, estendendo-se muito além do Deserto Escaldante e dos Baixios. Vamos criar um legado com o qual papai nunca sonhou.

Kai olha para o rapaz que chamou de irmão a vida toda.

— Eu achava que você queria ser exatamente como o papai. Como o *seu* pai. O que aconteceu com a ideia de seguir os passos dele, de fazer qualquer coisa para deixá-lo orgulhoso?

— De novo — diz Kitt, tossindo —, eu cresci. Papai me contou o plano dele para a Resistência, como a vida inteira dele foi desperdiçada tentando livrar o reino dos Comuns. — Ele balança a cabeça. — Eu passei muitos anos acreditando que ele era um deus entre os homens, que os planos dele para Ilya iam além de qualquer coisa que eu poderia ter esperança de alcançar. Mas era tudo tão… *medíocre*! Obsessivo.

Kitt balança um dedo.

— Mas ele teve a audácia de fazer com que eu sempre me sentisse inferior. Tudo que eu queria era o orgulho dele, a aprovação, o amor. Então, agora… — ele arregala os olhos com uma expressão feroz — … serei muito maior do que ele. O nome dele vai ficar pequeno nas histórias, ao lado do meu. Ao lado do *nosso*.

A preocupação toma conta do rosto de Kai.

— E como você vai fazer isso?

Kitt rodeia a mesa devagar. Suas feições se transformam em algo tão terrivelmente calmo que eu quase estremeço.

— Nós já começamos, irmão.

Sua expressão me preocupa mais do que as palavras. Engulo em seco.

— O que você fez, Kitt? — pergunto, a voz baixa.

— Não. — Ele faz um muxoxo. — O que *você* fez, Paedyn? Você virou rainha e fez os reinos ao redor abrirem as fronteiras para nós. *Você*, uma Comum acessível, fez com que eles baixassem a guarda para nós.

Kai ofega.

— E por que isso seria um problema, *irmão*?

— Sabe, eu estou acostumado a não ser levado a sério. — O rei murmura num tom distante antes de começar a andar pela sala. — O Kitt gentil e carinhoso, afinal de contas. Mas eu realmente achava que você — seu olhar penetrante me atravessa — suspeitaria mais de mim. Você pensou que *salvar* Ilya era o melhor que eu poderia fazer? — Ele dá um sorriso afiado. — Não, eu vou libertar todos os reinos.

— Kitt… — começo devagar.

— Olha, eu não estou nem aí para os Comuns, não me importo se vão viver ou morrer. A obsessão com a existência deles foi o que arruinou meu pai — explica Kitt, ansioso. E pela primeira vez vejo uma trilha de veias escuras brotando de baixo dos seus cabelos. — Mas os Notáveis não deveriam ficar confinados a esta cidade; eles devem povoar cada reino. E quando eu governar todos os reinos nos nossos mapas… — Kitt sorri, e é um sorriso arrepiante — … terei merecido a aprovação do meu pai.

Kai dá um passo hesitante na direção do irmão.

— O que você está dizendo, Kitt? Unir Ilya era só uma… armadilha?

— De jeito nenhum. — Kitt quase parece ofendido. Ele tosse de novo no lenço, sujando-o com uma coisa escura e agourenta. — Era necessário para os reinos abrirem as fronteiras e abrirem o comércio conosco.

Meu coração bate forte. Cada batida rápida me traz mais perto de descobrir outra verdade que rasga as costuras esgarçadas da minha

vida.

— Você não está abrindo o comércio para trocar mercadorias, está?

A pergunta sai em voz baixa e eu tenho medo da resposta.

— Claro que estou. — A voz de Kitt é calma. — Para que eu possa trocar mercadorias contaminadas com a Peste.

O ar foge dos meus pulmões.

Ainda estou lutando para respirar quando Kai balança a cabeça.

— Você não está pensando direito, Kitt. O que você…?

— Eu estava esperando para contar a você, irmão — admite o rei. — Queria tirar todas as *distrações* do caminho, mas vou dizer agora. Ilya precisa de comida e de terras, sim, mas o importante não é isso. — Ele se apressa em continuar antes que Kai refute: — O que eu encontrei na carta do papai era muito mais do que o plano patético dele para um reino de Notáveis. Eu encontrei a verdade.

Fico imóvel, paralisada com essas palavras.

— A Peste não aconteceu simplesmente com Ilya. — Kitt ri. — Ela foi feita *para* Ilya.

O zumbido súbito nos meus ouvidos quase bloqueia a explicação apressada do rei.

— Há um século, quando Ilya estava fraca e à beira de ser conquistada, alguns Eruditos acharam que tinham criado uma substância para reforçar nossos soldados contra qualquer ataque. Favian Azer… engraçado como eu nunca conseguia me lembrar do nome dele quando estava estudando… estava no final do seu reinado quando a Peste começou. Talvez a disseminação do vírus tenha sido acidental. Ou, mais provavelmente, Favian soltou-o no reino. — Kitt tosse outra vez. — Você conhece os Azer e nossa sede de poder. De qualquer modo, o que começou como uma coisa destinada a oferecer uma defesa para nossos exércitos se transformou numa Peste que assolou todo o reino. — O rei volta o olhar para mim. — Mas ela não conseguiu dar força a todos nós.

— Não pode estar certo — gaguejo, com a pele se arrepiando sob o olhar dele. — Como não ficamos sabendo que a Peste foi criada pelo homem?

— Você é que é Psíquica, Paedyn — diz Kitt. — Olhe em volta e observe. Por que você acha que temos uma temporada de febre? Por

que os Notáveis, os mais fortes entre nós, ficam exauridos quando usam poder demais? Por que há uma rainha morrendo na torre oeste, incapaz de ser salva do sofrimento que lentamente rouba a vida dela? Por que os Curadores não puderam salvar minha mãe de morrer por causa do *seu* nascimento? — As palavras ardem, mas ele não para. — Os sinais sempre foram claros. Porque a Peste não estava certa. Não estava pronta. Depois dela não deveriam restar Comuns. E meu pai passou a vida inteira tentando consertar esse erro.

Eles deveriam ter morrido com a Peste, mas em vez disso nos empesteiam. Faz muito tempo que planejei este dia, esperando conseguir me livrar da Resistência.

Minha cabeça vai a mil enquanto a voz de Edric Azer ressoa dentro dela. As coisas que ele admitiu ao lado da Arena voltam numa torrente, agora subitamente claras.

Não se preocupe, Paedyn, eu não matei seu pai por causa de uma simples fofoca…

Estou ofegando sob o peso esmagador do entendimento.

Matei-o para garantir que minha sociedade Notável permanecesse intacta.

Essa foi a ruína do meu pai: a verdade sobre a nossa Peste.

Calum estava certo. Não foi o envolvimento de Adam Gray com a Resistência que custou sua vida. Foi o segredo que ele foi inteligente a ponto de deduzir.

Imagens lampejam na minha mente; provas em plena vista. Meu pai frustrado com o próprio poder e sua incapacidade de salvar uma criança doente. Anotações rabiscadas em seu diário documentando um paciente de febre que ele não pôde curar. Os Notáveis enfraquecendo lentamente com o tempo. A morte da qual não conseguiu poupar Alice.

Sou um maldito Curador e nem consegui salvá-la…

Estou me sentindo fraca, e minha mente é incapaz de lidar com mais descobertas esclarecedoras. Vi meu pai caminhar até o castelo a cada ano na temporada de febre, eu o vi lutar para curar uma criança doente apesar da sua habilidade, e nenhuma vez me perguntei por que os que se chamavam de Notáveis tinham essa fraqueza. Talvez alguma parte de mim adorasse o fato de que os poderosos não eram deuses,

que a doença ainda os perseguia e que a exaustão acompanhava o uso demasiado de poder. Talvez eu devesse ter prestado mais atenção quando meu pai murmurava que a doença dos Comuns era uma besteira. Talvez ele soubesse que o rei só estava tentando consertar os erros de uma Peste defeituosa.

Adam Gray morreu porque o rei não podia arriscar que seu povo soubesse da verdade sobre suas próprias falhas.

— Quando a Peste começou, Favian fez todos os seus Eruditos jurarem segredo. — Kitt está falando com seu Executor quando eu volto ao presente. — Ninguém deveria morrer. Mas, afinal de contas, a Peste não deveria ter se espalhado pelo reino. Assim, não querendo ser culpado pela quantidade de mortes, Favian inventou uma história para os que foram suficientemente fortes para sobreviver, dizendo que tinham sido escolhidos por Deus para serem os Notáveis. Agora a verdade sobre esta Peste é contada apenas aos reis.

Ponho a mão no peito apertado.

— Todas aquelas reuniões com os Eruditos — murmuro com a respiração curta. — Você queria que eles criassem outra cepa da Peste.

— E eles relutaram — admite Kitt. — Os reis antes de mim queriam aumentar nosso poder, e os Eruditos também. Mas vocês não veem quantos Triviais atulham o reino? — Sua voz aumenta até virar uma coisa maníaca. — Nossas habilidades estão diminuindo, Kai. Durante décadas a Peste foi tão diluída no nosso sangue que os Notáveis Ofensivos e Defensivos estão ficando escassos. Logo seremos apenas Comuns. E agora os Eruditos aperfeiçoaram a cepa.

Engulo a risada de desprezo quando o rei acrescenta:

— Papai era simplório demais para ver que todos os reinos poderiam ser de Notáveis. — Um sorriso surge em seus lábios. — Mas vou nos salvar da extinção. E quando cada cidade estiver cheia de Notáveis poderosos, eu serei muito maior do que o papai.

— Você perdeu o juízo? — sussurro.

— Pense no que está falando — diz Kai lentamente. — Você pode salvar nosso poder, mas dezenas de milhares de pessoas morrerão, Kitt. Metade da população de cada reino. Para não falar do número de pessoas que você precisaria dominar antes que elas se curvassem ao seu comando.

— Você mesmo disse, irmão. É por isso que você está aqui. Para me salvar da brutalidade. — Kitt dá um passo mais para perto. — Nós formamos uma grande equipe.

Uma expressão profundamente sombria toma conta do rosto do Executor.

— Então, igual ao seu pai, você vai me usar como arma.

— Não estou usando você, Kai — diz ele, sério. — Nós estamos trabalhando juntos. Unindo nossas forças.

A resposta do Executor é ríspida:

— E a minha é matar.

— Isso é um dom. Irmão… — Kitt levanta os braços, como se esperasse ser abraçado — … juntos vamos governar a maior nação que este mundo já viu. Os reinos serão leais a mim, a nós, porque os tornaremos fortes. — Ele sorri, e é um sorriso irritantemente genuíno. — Papai me treinou durante toda a vida para governar os Notáveis. Eu farei com que eles se adaptem, e as suas tropas irão ajudar. As cidades ao redor vão *querer* me seguir.

O silêncio sufoca a sala. Eu o enfrento, encarando o homem com quem me casei.

— Isso é loucura. O Kitt que eu conheci saberia que essa…

Sua gargalhada me faz estremecer.

— O Kitt que você conheceu? — Um ataque de tosse rouba sua respiração, mas mesmo assim ele tenta rir. — O Kitt que você conheceu era ingênuo a ponto de dizer ao pai dele que você não ousaria me trair.

— Você sabia sobre o plano de Edric para a Resistência? — pergunto, a voz embargada.

— Calum mandou você encontrar os túneis embaixo deste castelo e papai me usou para garantir que você fizesse isso. — Ele balança a cabeça. — Eu fui idiota a ponto de achar que você não me usaria desse jeito.

— Calum não estava controlando você — declara Kai. — Vocês estavam trabalhando juntos.

— É, ele não estava me controlando. — O rei quase gargalha. — Mas eu fiquei feliz em aceitar essa teoria. Eu já sabia sobre Calum e o papel que ele desempenhava ao lado do rei quando papai morreu.

Assim, quando o Leitor de Mentes me encontrou, esperando continuar com o plano de papai para exterminar os Comuns que restavam em Ilya, não fiquei surpreso. — Kitt dá um pequeno passo para a frente, e Kai chega para mais perto de mim. — A princípio eu fiquei de luto pelo meu pai, como vocês sabem. Assim, quando Calum me aconselhou a casar com Paedyn para atrair os Comuns que restavam, concordei. Mas isso foi antes de encontrar a carta dele. Então me lembrei de como os objetivos dele eram inferiores, e como meu pai se importava pouco comigo. E tendo o conhecimento sobre uma Peste feita pelo homem, que poderia ser replicada, de repente eu soube como enterrar o legado do papai sob o meu.

Meu corpo começa a tremer.

— E Calum concordou?

— Ele reconheceu que meu plano era muito superior. — Kitt balança a mão suja de tinta. — Mas ele se tornou um ponto negativo quando eu descobri as cartas na caixa de joias. Se eu fosse o bastardo, não poderia admitir que Calum contasse isso ao reino. — Lentamente, os olhos de Kitt se voltam para mim. — Mas ele não era a única ponta solta.

O sangue sobe às minhas bochechas quando lembro que tenho sangue real.

— Não sou uma ameaça ao seu trono, Kitt.

— Eu vi como a Alameda inteira se ajoelhou diante de você — retruca Kitt. — Se o povo da favela descobrir a verdade sobre sua linhagem, pode se erguer contra mim para colocar você no trono.

— Isso é absurdo, Kitt. — Uma expressão preocupada atravessa o rosto de Kai. — Você não está pensando direito.

A risada do rei é histérica.

— O quê? Porque eu não sou o seu Kitt carinhoso? Porque sou inteligente a ponto de bolar um plano que manipulou vocês dois? — Outro passo em frente. Ele parece a casca do rapaz que eu conheci, com a mente esgarçada e o corpo frágil. — Não devo estar pensando direito porque ninguém está acostumado a me ver pensar.

— E as Provas? — digo bruscamente. — E Kai treinando suas tropas?

O suspiro de Kitt é exasperado.

— Para Kai, era uma distração e uma salvaguarda contra os reinos de Notáveis teimosos. Para você, uma sentença de morte.

Meu rosto empalidece.

— Mas você simplesmente não morria — diz ele baixinho. — Os bandidos, a tripulação, o Portador naquele Fosso. Nada conseguiu tirar você da nossa vida. E tudo bem, porque eu ia deixar essa próxima cepa da Peste cuidar de você por si só. — Seu olhar se suaviza. — Não sou um monstro. Eu não queria matar você, Paedyn, mas agora você tem direito ao meu trono.

Meu estômago se revira, ameaçando derramar o conteúdo no tapete gasto.

Isso não pode estar acontecendo.

Devo estar sonhando, tentando desesperadamente acordar desse pesadelo. Porque me recuso a acreditar que minha vida está desmoronando de novo ao meu redor, em um único dia.

Mas isso é real e eu estou de pé, tremendo diante do meu marido que usou as Provas para tentar me matar. Provas tipicamente destinadas a mostrar os poderes de Notáveis cujos poderes não foram dados, e sim criados. Poderes de Notáveis que não fazem da pessoa um deus, e sim um experimento bem-sucedido.

Não sei se rio, choro ou cedo a um ataque de fúria.

— Só… se acalme, Kitt. — O braço do Executor roça no meu quando ele dá mais um passo para me proteger. — Isso é uma insanidade. Não vou deixar você continuar. Você não pode se arruinar em troca da promessa de um legado.

Mas o rei não está ouvindo.

Seu olhar baixou para o trecho de pele que Kai encostou na minha.

— Mesmo agora — sussurra ele. — Mesmo agora — repete ele, agora mais alto. — Olha só pra você, protegendo-a. Ela tirou tudo de nós, inclusive um do outro. Nós somos muito melhores sem ela, irmão. — Kitt estende um braço, os dedos envolvendo o cabo da espada cerimonial. — Como nos velhos tempos.

Há uma selvageria em seu rosto, em seus movimentos. Vejo-a se desenrolar por toda a extensão do corpo, espalhando-se a partir do olhar desvairado. Alguma coisa sinistra parece ter se partido dentro do rei. Agora vejo que aqueles momentos indiferentes comigo eram

simplesmente uma repressão de tudo que ele sentia. Ele estava ganhando tempo.

— Kitt — diz Kai lentamente. — Largue a espada.

— Isso nunca vai acabar. — Ele balança a ponta da espada como se estivesse completamente alheio à sua própria imagem de severidade. — Você vai continuar escolhendo ela, e não eu. De novo e de novo. Mas eu preciso de você, Kai! — Ele ri sem humor. — Preciso de você comigo, do seu foco, da sua lealdade, do seu coração. De tudo.

— Kitt, pense no que você está dizendo — alerta Kai.

— Ela sempre foi só um meio para alcançar um fim! — A espada do rei balança perigosamente ao lado do corpo dele. As veias escuras se avolumam na pele pálida. — Eu precisava dela como rainha para atrair os reinos, abrir as fronteiras, mas a utilidade dela tem vida curta pra nós, Kai!

Meu estômago se revira sob o coração apertado. Não consigo evitar a pontada de dor que vibra através de mim. Um dia considerei esse rapaz um amigo, um confidente ao lado do qual aceitei passar o resto da vida. Mas a histeria na sua voz, a espada na sua mão, me fazem estremecer.

Um meio para alcançar um fim.

Kitt não é o único Azer por quem fui usada antes de encontrar inevitavelmente a ponta da sua espada. Este rei é um reflexo do anterior, quer ele veja isso ou não.

— Chega, Kitt! — O peito de Kai arfa com a respiração acelerada. — Isso é loucura. Não vou ajudar você a espalhar outra Peste nos reinos. Você disse que eu não precisaria matar Comuns enquanto você fosse rei. — Ele engole em seco. — E é exatamente isso que você iria fazer.

— Kai… — De maneira muito suspeita, o olhar do rei assume uma expressão de pena. — Já começou.

Meu sangue gela.

— Do que você está falando?

Kitt balança a espada ao lado do corpo.

— Certo. As Provas eram mais do que uma sentença de morte. Elas foram úteis pra mim.

Minha mente gira enquanto retorno a cada uma das Provas.

A coroa de Mareena. A morte de Mak no Fosso. E…

— As rosas — gaguejo. — O que você fez com aquelas rosas?

— Elas estavam contaminadas, e você as entregou, por mim. — As palavras malditas deslizam com facilidade da língua de Kitt. Em seguida uma tosse forte brota da sua boca. — Izram será o primeiro reino infectado.

Kai arfa. Suas palavras estão abafadas pela incredulidade.

— O que você fez?

— Você vai entender, irmão. — O sangue escorre do canto dos lábios de Kitt. — Assim como vai entender por que precisa nos livrar dela.

Recuo um passo.

— Kitt…

Kai estende o braço à minha frente, como um escudo.

— Você está… doente, Kitt. Você sabe que isso não é certo. — O tom sério de Kai se transforma em algo que é mais um pedido. — E sabe que não vou ficar parado e deixar você machucar sua… *esposa*.

Os olhos do rei lampejam.

— Ainda assim, você odeia que ela seja minha. Mesmo casada comigo ela tem poder demais sobre você. Olha só, Kai! Ela está com você na palma da mão a ponto de *você* não conseguir mais pensar direito. — Kitt puxa o próprio cabelo, frustrado, emaranhando os fios louros. — Sem ela, as coisas voltarão a ser como eram. Você e eu, sempre.

Olho nervosa para a espada balançando.

— Por que você quer fazer isso? Eu… achei que nós gostávamos um do outro.

— Ah, não leve isso para o lado pessoal, Paedyn. — Mais um passo. — Nas últimas semanas eu até comecei a gostar da sua companhia, mesmo querendo desesperadamente que você saísse da nossa vida. Mas você precisa entender: eu só queria o meu irmão de volta.

— Kitt, calma — ordena Kai. — Você não está bem.

A espada brilha à luz bruxuleante.

— Eu não queria que fosse desse jeito. De verdade. — Seus olhos estão voltados para mim, mas não tenho certeza se ele me *vê*. O delírio curva seus lábios, transformando-os em algo que me faz estremecer. —

Mas você me obrigou. Não posso admitir que uma princesa perdida roube meu trono.

— Kitt, pare…

— Eu não quero o seu trono! — Atiro as palavras contra ele, interrompendo as de Kai e esperando romper sua névoa de histeria. — Jamais quis. Isso tudo está na sua cabeça!

Kitt olha para a espada. Parece estar num lugar totalmente diferente.

— Claro que você quer o trono. Tudo que você sempre quis era o poder.

Kai dá um passo à frente, e não fico surpresa ao vê-lo parar a uma distância igual entre mim e o rei. É onde ele sempre esteve, dividido.

Dever. Desejo. Lealdade. Amor.

Como sempre, Kai se esforça para se agarrar às duas coisas. Mas seu controle está escapando, e uma realidade cruel está se estabelecendo.

Não é possível ter ambas.

Kitt levanta a espada, com raiva porque seu irmão está no caminho letal da arma.

— Estou fazendo isso por nós, Kai. Por Ilya. Ela é única coisa atrapalhando.

— Vamos conversar. — Kai levanta a mão lentamente, como que para tentar acalmar um animal assustado. — Você e eu, irmão. Vamos resolver isso. Você não está bem…

— É isso que eu fui feito para ser! — A voz de Kitt falha. — Se esse não sou eu, não sei o que é. Eu fui criado para ser rei, e é o que eu sou. Isso implica tomar as decisões difíceis. As bravas, as benevolentes *e* as brutais.

A espada lampeja quando Kitt parte contra mim.

Kai jamais machucaria o irmão — sei disso tanto quanto ele. Assim, quando o rei me ataca, espero que esta respiração seja a última nos meus pulmões.

A morte me permite um único instante para aceitar meu destino. Ela estende a mão para a minha como uma velha amiga. É o nosso encontro, enfim. E estou contente. O pai que jamais ousaria me machucar está me esperando mais além, com Adena ao lado e Mak junto dela.

O som do aço cantando ressoa na sala quando Kai bloqueia a espada do irmão com um atiçador de lareira. Ele tinha acabado de tirá-lo do gancho quando Kitt golpeou, obrigando-o a se abaixar e aparar o golpe com os braços trêmulos. O rei arrasta a espada por toda a extensão do atiçador antes de recuar.

— Saia do meu caminho, Kai. É uma ordem.

— Não enquanto você não se acalmar. — O Executor ajeita o atiçador na palma da mão. — Vou lutar contra você a noite toda, se for preciso.

A dor toma conta do rosto de Kitt.

— Você nunca vai parar de escolhê-la até ela morrer.

O rei tenta passar de novo pelo Executor, mas Kai entra no caminho da lâmina. A haste de ferro apara de novo o golpe da espada, mas a ponta evita habilmente o peito de Kitt. Observo Kai, percebendo como ele permanece deliberadamente na defensiva. Esta não é uma luta que ele pretende vencer — só quer acabar com ela.

Posso fazer pouco mais do que balançar a cabeça.

— Parem com isso. Vocês dois!

O atiçador de Kai se choca contra a espada do irmão.

— Não vou escolher entre vocês! — exclama Kai.

— Você já escolheu! — Kitt ofega. E balança um dedo trêmulo para o espaço vazio ao lado de Kai. — Ela me contou!

Lançando um olhar sério para o vazio que ele indicou, Kai murmura:

— Você está doente, Kitt. Me deixe ajudar.

— Doente? — A voz do rei está terrivelmente calma. Em seguida ele gargalha, um som que, de algum modo, é mais assustador. — A grandeza não é uma doença, irmão. E quando Paedyn tiver morrido, você verá isso.

O estalido dos metais se chocando ressoa. Sombras irregulares são pintadas nas paredes, rabiscando a história em constante mudança dessa batalha entre irmãos. É hipnótico o modo como eles interagem, entrando e saindo da ferocidade um do outro. É uma dança bem ensaiada, da qual foram parceiros durante anos.

Pisco ao olhá-los, a fluidez que encontram um no outro. Isso não é uma luta — é reminiscência. É como se estivessem de volta no pátio de

treinamento, exercitando uma sequência de movimentos que é uma segunda natureza.

Kai dá um passo em frente, girando sua arma num arco. Kitt recua para aparar o ataque com a lâmina da espada. Uma cruz de metal paira entre eles enquanto os dois irmãos fazem força um contra o outro. Afastam-se. Retomam a rotina que criaram quando eram meninos.

Esta é a distração do Executor.

Vejo-os prever cada movimento.

Acalmar Kitt sem machucá-lo.

Existe algo inebriante demais no modo como se movem. Fico parada, atônita ao ver duas pessoas que se conhecem tão profundamente. É fascinante, como uma profecia enfim se realizando diante dos meus olhos. A hostilidade de Kitt comigo não significa nada neste momento, porque aqui não existe nada além de paz.

O aço lampeja; o metal canta. Kitt avança; Kai se afasta. O Executor finta; o rei prevê.

É uma linda sequência de caos controlado. Quando as armas se encontram de novo e os dois estão cara a cara, um leve sorriso é compartilhado. É assim que eles se conhecem: é assim que se lembram um do outro. Diante de mim estão os irmãos que ensinaram um ao outro a amar com uma espada na mão e um círculo lamacento sob os pés. Eles encontraram companheirismo no que podiam controlar, e neste momento é o que são um para o outro.

As respirações ofegantes preenchem o gabinete, as sombras se imobilizam na parede antes que os irmãos se separem. Ainda compartilhando o sorriso, eles voltam ao fluxo familiar de movimentos.

Kitt investe. Kai apara.

O Executor golpeia com o atiçador na direção do rei, com as costas largas bloqueando minha visão.

Espero o som de aço respondendo.

Espero mais.

O tempo passa devagar.

Alguma coisa muda no ar, como uma falha na música em cujo ritmo eles estavam lutando. Os pés param, desajeitados, entre as batidas dessa dança ensaiada. A paz que tinha preenchido a sala desaparece.

Costas sólidas colidem com meu peito, me fazendo cambalear.

É então que um som assombrado preenche a sala.

Um grito estrangulado corta o silêncio.

Minha respiração trêmula preenche o ar tenso enquanto me volto para Kai.

Ali está aquele leve sorriso no rosto de Kitt — o que ele dava com tanta liberdade. Charmoso e caloroso. Aquele sorriso encontrou os lábios dele de novo, como se quisesse compensar por todas as vezes em que ele se esqueceu de como é vestir a felicidade.

Meu olhar baixa.

O atiçador de ferro está cravado no peito dele.

O cabelo louro está desgrenhado, brilhando como um halo em volta do rosto pálido.

A ferida da qual o sangue brota no peito do rei é igual a do pai.

Kai vai rapidamente para perto do irmão, com a voz embargada.

— Não! Você deveria se esquivar, Kitt!

Atordoado, o rei olha o atiçador enterrado no peito. Encosta os dedos trêmulos no ferimento escancarado. A palma da sua mão se apoia pesadamente na mesa ao lado, deixando uma marca sangrenta na pilha de pergaminhos. Todo o meu corpo estremece enquanto vejo o sangue escorrer do toque de Kitt, banhando de vermelho as palavras escritas sob as pontas dos seus dedos. Os olhos verdes se erguem.

— Eu… esqueci.

Kai segura o irmão quando ele cambaleia.

Folhas manchadas caem da mesa.

O rei as vê caindo delicadamente para o chão.

E em seguida cai também.

CAPÍTULO 68

Kai

Os joelhos de Kitt batem no chão ao lado dos meus.

Não consigo pensar. Não consigo sentir. Não consigo ouvir nada, a não ser o som nauseante da carne do meu irmão sendo rasgada, de novo e de novo na minha mente.

A fúria me consome, engolindo toda a sanidade. Eu me sinto oscilando à beira de alguma escuridão irreversível, como um buraco gigantesco para onde minha alma está escorregando devagar. Mas me agarro à luz que tremula dentro de mim, aquele pedaço de Kitt que ele plantou lá dentro, e imploro que ela não se apague.

Ele oscila com os joelhos trêmulos antes de começar a tombar para o chão, agonizando. Eu o seguro, o braço envolvendo suas costas enquanto vou baixando-o gentilmente.

Isso não pode estar acontecendo.

Nada disso está certo, nem a quebra enlouquecida do caráter do meu irmão nem o atiçador sujo de cinzas atravessando o seu peito.

Uma poça de sangue escorre lentamente pelo tapete embaixo do corpo que estremece, e mal consigo sentir o calor pegajoso batendo nos meus joelhos.

— Você deveria se esquivar — repito, as palavras pesadas de culpa. — Achei que você ia se esquivar.

O delírio que estava agarrando Kitt com tanta força começa a se esvair.

— Eu esqueci. Eu… nem consigo me lembrar de quem eu sou.

Tento ignorar as lágrimas que brotam nos meus olhos enquanto pressiono seu ferimento com a mão trêmula. O sangue escorre entre os meus dedos.

— Vou consertar isso, tá? — Agora sou eu que estou parecendo histérico. — Você vai ficar bem.

Paedyn se senta rigidamente ao meu lado, com os olhos arregalados e vítreos. Os olhos de Kitt se viram, distantes, para a rainha.

— Eu gostava mesmo de você. Eu… não quero ser um monstro.

Minhas mãos seguram o rosto de Kitt, virando-o para o meu, sério.

— Ei, eu é que sou o monstro. E não você, está bem?

Sua voz está carregada de dor, com algo gélido que não ouso identificar como a chegada da morte.

— Você é um peão. Mas eu… eu sou o rei que manipula você. Apesar de não me lembrar da maioria das minhas jogadas.

Forço uma risada trêmula porque a alternativa é muito pior.

— Dramático como sempre, não é, Kitty? — Minha garganta aperta enquanto seguro sua mão ensanguentada. — Vou consertar isso.

Uma lágrima rola pelo meu rosto enquanto fecho os olhos procurando o poder de algum Curador.

Um Dual sangrando diante de mim. Um Hidro no corredor.

Cavo mais fundo, me estendendo para os outros corredores.

Tufão. Escudo. Véu.

Cada Imperial do lado de fora da porta é absolutamente inútil para mim. Luto com minha habilidade, instigando-a para a outra ponta deste castelo vasto, onde sei que os Curadores residem — onde cada um deles está inutilmente fora do meu alcance. Uma parede se choca contra o meu poder e o terror aperta meu coração.

Não. *Não*.

Junto toda a energia, e minha cabeça lateja com o esforço. Meu pai costumava pressionar minha habilidade até o ponto de ruptura, e a sensação era essa. Uma onda de exaustão me esmaga, prova da minha fraqueza. Prova de uma Peste fabricada e suas falhas.

A salvação de Kitt está fora do meu alcance.

— Não há Curadores aqui — ofego. — Preciso de um Curador!

O grito ressoa no gabinete, repassando minha impotência de novo e de novo. O desespero rasga minha garganta outra vez.

— Paedyn, encontre um Curador pra mim!

Ela concorda com o rosto pálido.

— Faça com que ele fique acordado até eu voltar.

E então sai correndo da sala.

Olho para Kitt, e seu aperto vai se afrouxando nos meus dedos.

— Você vai ficar bem, ouviu? — Esse é todo o conforto que consigo dar, desejando que as palavras sejam verdadeiras.

Os olhos verdes ficam turvos. Sua cabeça balança, um movimento violento do crânio contra o chão ensanguentado. Um sussurro me deixa em ruínas.

— Não me sinto bem há… um tempo. Não… lembro. Mas estou com medo, Kai.

Um soluço me escapa.

Baixo a cabeça, meus ombros se balançando no ritmo do meu coração despedaçado.

— Estou aqui. — Minha voz falha. — Você vai ficar bem.

— Era tudo por nós. Eu lembro — murmura ele. — Eu só… só queria meu irmão de volta.

— Você nunca me perdeu. — Minhas palavras são uma súplica que eu preciso desesperadamente que ele entenda. — Sempre estive do seu lado. Sou seu irmão, nosso sangue não importa.

— Não. — O sorriso suave de Kitt mostra o sangue que chega aos lábios. A névoa de delírio parece ter se dissipado, deixando para trás apenas a casca do meu irmão. — Você estava em algum lugar entre nós. Nun… nunca sem decidir quem você amava mais.

Balanço a cabeça. Lágrimas caem no peito ensanguentado de Kitt.

— Eu posso amar mais de uma pessoa, Kitt.

— Mas eu não — sussurra ele. — Você era a única pessoa que me amava, Kai. E eu… eu estava… perdendo você pra ela.

Baixo a cabeça nas mãos pegajosas com o sangue do meu irmão.

— Isso tudo é minha culpa. Deveria ter sido eu! — Engasgo com a emoção que aperta minha garganta. — Este é o meu destino. Eu deveria proteger você.

Kitt inspira o ar entrecortado.

— Eu acho… — Seus olhos se fecham. — Meu destino era salvar você de mim.

— Não diga isso — engasgo. — Você é o rei. Você é meu *irmão*. — Um soluço se trança em cada palavra seguinte. — E nós prometemos ficar sempre juntos. Ficar velhos a ponto de só lembrarmos um do outro, e tudo bem, porque você vale cada uma das minhas lembranças. Você me prometeu, Kitt. — Puxo meu cabelo com a mão ensanguentada. — Que droga, você prometeu!

Kitt levanta a cabeça do chão, o cabelo dourado sujo de sangue. Meus joelhos se encharcam na poça de sangue quando seguro seu pescoço. Ele me encara, os olhos calorosos ao encontrar os meus — como sempre estiveram.

— Não quero… ser um monstro — sussurra ele. — Eu… só queria ser grande.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— Você não precisa ser grande, Kitt. Você é *bom*. Você sempre foi bom.

Ele balança a cabeça, e o movimento faz uma tosse áspera sair dos lábios ensanguentados.

— Não quero ficar sozinho.

— Não vai ficar — digo com a voz rouca. — Porque você vai ficar bem. Eu e você, Kitt. Sempre. Você… você me prometeu. — Levanto a cabeça para deixar outro grito inútil rasgar a garganta. — Socorro! Preciso de um Curador!

— Kai.

Meu nome sai fraco dos lábios de Kitt, mas o contentamento calmo com que ele o diz basta para me fazer chorar.

Kitt aceitou esse destino. Quebrou uma promessa. Me condenou a uma vida sem ele.

— Me enterre… — Kitt respira várias vezes, em arquejos curtos. Depois sorri. — Embaixo do salgueiro. Lá… eu não vou ficar sozinho.

Minha alma parece estar se partindo ao meio.

— Não posso fazer isso sem você, Kitt. Por favor. *Por favor.*

Ele não diz nada. Seus olhos se fecham.

— Fica comigo, Kitt! — Dou um tapinha no seu rosto, mas mal consigo vê-lo através das lágrimas que escorrem sem parar. — Preciso

que você fique acordado.

Seu olhar turvo encontra o meu de novo. Em seguida ele levanta as mãos trêmulas para mexer na aliança de casamento em seu dedo. Minha voz falha.

— O que você está…?

Kitt tira a argola de ouro. E com o resto de força se esvaindo, sussurra:

— Amem um ao outro por mim.

Então a aliança é posta na minha mão.

— Não. — A palavra é um desafio. — Não! — Esta está encharcada de angústia. — Preciso de você comigo, Kitt!

Seu olhar se volta para cima. Pousa nas sombras prateadas que se agarram ao teto, nos espiando.

— Eu escrevi car… cartas pra você. — As palavras são quase perdidas no frio da morte. — Pra você ver por que eu sou… um monstro.

Os olhos verdes que se estreitavam tão facilmente com risos se arregalam de repente. Ficam distantes, presos num fantasma ao meu lado. A respiração faz um barulho áspero no peito dele.

— Estou com medo, Kai.

Seguro sua mão, apertando-a na minha testa com um gemido.

— Estou bem aqui. — Acho que posso estar morrendo ao lado dele. — Você está bem.

Uma onda de alívio o envolve. Sua mente parece focada pela primeira vez em semanas, mas as palavras vão se esvaindo.

— Eu só queria ser grande.

— Você é — ofego. Agora as lágrimas estão caindo mais depressa. — Você vai ser lembrado como o maior rei de Ilya. Prometo isso, irmão.

O sangue brota embaixo do corpo dele, como um poço cercando uma cena medonha. Mancha seu cabelo, transformando as pontas de cada mecha numa coroa delicada, como se a própria morte a tivesse colocado em sua testa.

— Me perdoe, Kitt — imploro.

As palavras em voz baixa que ele mira acima do meu ombro não são para mim.

— Eu aceito meu destino. Por você.

Então seu olhar está fixo no mundo além.

O meu silencia sem tê-lo comigo.

— Você e eu — sussurro de encontro ao seu peito ensanguentado.

A paz está gravada para sempre nas feições do meu irmão.

A angústia me rasga de dentro para fora.

— Por favor… não me deixe…

Estou entorpecido.

Estou morto ao lado dele, mas condenado a continuar vivendo.

O sofrimento é meu igual. A angústia um espelho.

Chamo a tristeza pelo nome e falo o meu.

Minha cabeça tomba para trás com um rugido de agonia.

Meu irmão.

Meu irmão.

Meu irmão.

E quando Paedyn abre a porta com um Curador ao lado, estou caído sem vida ao lado de Kitt.



Edric

Antes de encontrar seu destino nas mãos de Paedyn Gray, o rei alerta ao filho sobre a ameaça que ela representa.

Examinando-o detalhadamente, como costuma fazer, Edric Azer vê o homem que se apaixonou por Iris Moyra tantos anos atrás. As semelhanças entre o rei e seu herdeiro provocam uma sensação estranha. É como olhar um espelho distorcido e ver pedaços de si mesmo em outro rosto. Kitt olha cauteloso para o pai, sentado em seu lugar diante da lareira enquanto Edric se reclina à vontade na poltrona de couro gasto, como se não tivesse acabado de, metaforicamente, arrancar o chão de baixo dos pés do filho.

— Então, na verdade — diz Kitt devagar —, o senhor é o líder da Resistência?

Edric tamborila os dedos no braço desbotado da poltrona.

— Tecnicamente. Mas o rosto da Resistência é Calum.

— E ele é um dos Fatais que o senhor escondeu?

— Sim. No decorrer dos anos tentei manter as identidades deles o mais escondidas possível. Meus Fatais são minhas armas e meus espiões mais poderosos. Eles não têm utilidade para mim se todo mundo souber quem e o que eles são. — O rei encara o filho, e de novo é inundado por aquela sensação estranha. É somo se estivesse olhando para seus próprios olhos. — Kai ainda não sabe da verdade. Mas você,

Kitt, é o meu herdeiro. É hora de saber dessas coisas. Conhecer os meus planos, para continuar a realizá-los quando eu não puder mais.

Kitt empertiga o corpo, tomado por um estranho sentimento de importância. Para o bem ou para o mal, ele esperou a vida inteira para se provar ao rei — seu pai. O garoto queria pouco mais do que ser necessário ao homem que sempre foi dono do seu afeto. Ainda que o relacionamento de Edric com Kai seja tenso, Kitt se pega sentindo inveja até mesmo da aprovação relutante que o pai demonstra pelo Executor. É orgulho — até mesmo elogio — que o herdeiro se pega desejando. Mas seu papel não é do tipo que revela realizações tangíveis, e isso o obriga a trabalhar ainda mais arduamente para se provar.

Fracasso é a palavra que Kitt mais teme, e ela continuará a atormentá-lo mesmo depois da morte do pai. Ele não tem certeza de onde vem essa necessidade avassaladora de agradar, só que ela parece piorar a cada dia em que o rei empurra um livro embaixo do seu nariz. Kitt consegue suportar a decepção, mas a indiferença do homem que deveria amá-lo o tira do sério. Nada é bom o bastante — nem seus estudos, sua etiqueta ou seu carisma ensaiado. Na atuação física de Kai, pelo menos há um modo de medir a realização. Alguma morte a ser distribuída ou alguma ordem a ser cumprida.

Um pensamento sombrio sempre residiu no fundo da mente de Kitt. Talvez a morte da sua mãe tenha manchado seu relacionamento com o rei. Até mesmo o príncipe se odeia pela morte dela. Quando, na verdade — uma verdade que Kitt jamais conhecerá —, Edric não é capaz de amar alguma coisa que não detenha poder. E, diferente de Kai, o herdeiro é praticamente inútil até a morte do rei, e isso não lhe agrada muito. Mas se Edric fosse honesto consigo mesmo — coisa que raramente é —, admitiria que a moderação de Kitt é semelhante à de Iris. Isso só dificulta as coisas para o rei e talvez seja o que o pressiona a moldar o príncipe em algo mais rígido.

Mas aqui, neste momento, o rei precisa de algo do filho. E mesmo depois de todo esse tempo, Kitt fará qualquer coisa para deixá-lo orgulhoso.

— O senhor quer que eu mostre os túneis a Paedyn?

Kitt diz isso com uma espécie de empolgação cética. Sério, mas igualmente tranquilo, o rei explica:

— Ela vai tentar convencer você a levá-la pelos túneis, como eu disse. Você vai fazer isso, mas não de um jeito óbvio. Não deve ser difícil contar que nunca se afastou muito das paredes do castelo.

Essa é uma triste verdade que o herdeiro não terá dificuldade de dizer. Não haverá necessidade de vestir uma máscara para essa garota intrigante, bastará baixar as defesas e deixar os sentimentos se derramarem. Mas talvez isso seja mais difícil.

— Ela não faria isso — insiste Kitt. — O senhor não conhece Paedyn como eu, papai. Ela não vai me trair para…

— Ela não é nada! — O chiado áspero do rei faz seu filho estremecer. — E aqueles que não são nada são capazes de tirar tudo de você. Lembre-se disso, filho. — Edric levanta um dedo entre os dois. — Não cometa o erro de nutrir sentimentos por ela.

Nesse momento Kitt não acredita que seu pai esteja certo. Guarda a esperança junto do coração, acreditando na bondade que ele sabe que sua mãe desejaria que tivesse.

Mais tarde descobrirá a ingenuidade da esperança.

Devagar, Kitt confirma com a cabeça, sempre obediente aos desejos do pai.

— E por que exatamente eu vou fazer isso?

O rei sorri, e é uma alegria dizer ao herdeiro que a coisa não tem a ver com ele.

— Porque enfim posso acabar com a Resistência.

O príncipe pensa no assunto. Seu rosto se afrouxa, surpreso. Pela primeira vez desde que era um menino, o homem diante dele se torna subitamente apenas isso. Por trás da fachada de um rei grandioso, um deus dos Notáveis, há um homem que só pensa em uma coisa. Kitt sempre achou que seu pai desejava mais do que apenas a erradicação dos Comuns, mais do que um simples reino de Notáveis.

Essa imagem perfeita e poderosa de Edric Azer começa a se dissolver, deixando uma criança estranhamente desapontada com os pecados medíocres do pai. Ele sempre esperou mais do homem que o criou com tanto desinteresse. Se Kitt e Kai tivessem suportado a vida

sem amor em troca de alguma coisa de fato grandiosa, talvez valesse a pena.

Porque essa é a verdade. Kitt jamais aprendera a amar. No entanto, de algum modo, com o irmão ele havia tropeçado no amor. Mas todo o resto, cada tentativa inútil de obter a aprovação do pai, nasce da obsessão. Foi somente isso que o rei lhe ensinou.

— É só isso que o senhor quer, papai? — O herdeiro pigarreia, com uma intensidade crescendo por trás dos olhos verdes. — Uma verdadeira sociedade de Notáveis apenas dentro de Ilya?

— O que mais eu poderia pedir? — reage o rei rispidamente. — E se eu morrer antes que ela esteja pronta, você continuará meu legado. Eliminará os Comuns de uma vez por todas. Como sempre devia ter sido.

Kitt pisca devagar. É só isso que seu pai quer que ele faça? É só isso que é esperado, depois de tudo que ele suportou?

— Ouviu, garoto? — A voz trovejante do rei não faz Kitt se encolher. — Eu tenho planos pra você.

O herdeiro assente. Ele também tem planos.

Kitt irá se tornará um rei maior do que o pai. Então terá merecido sua aprovação. Então se tornará digno de um amor que ele nunca entendeu.



Mais tarde Edric falará de novo com sua filha, distorcendo cada palavra para parecer que ela está influenciando seus filhos. Cada golpe se destina a fazer com que ela passe mais tempo com Kitt — enquanto o herdeiro obedece discretamente às ordens do pai. Logo o rapaz irá se tornar um rei, e com a coroa chega a descoberta da verdade. A carta que Edric deixa para o filho é um reflexo da que Landan Azer deixou para ele. E assim o segredo sobre a grande Peste é passado adiante.

Quanto a Kai, bom, o rei não se incomoda com o relacionamento que cresce entre seu Executor e sua filha esquecida. Também não se importa com o substituto que não é realmente seu. O rei gosta do

poder de Kai tanto quanto o despreza. Porque, na verdade, esse poder não nasceu dele, e Edric odeia o fato de não poder reivindicar como sua uma coisa tão forte. É por isso que pressiona tanto o rapaz, por isso derrama o sangue dele nos treinamentos e endurece o coração que o bombeia. Ele ama e odeia igualmente o poder do seu Executor, e isso enfia uma enorme escuridão entre eles.

Kai não entende o tamanho da indiferença que seu pai sente por ele nem por que sofre tanto na mão do seu rei.

Paedyn não entende a importância do seu nascimento nem como ele se conecta ao ódio que o rei sente por ela.

Kitt não entende o tamanho do ódio do seu pai pelos Comuns, mas isso não é necessário. Não importa os argumentos, isso é inferior a tudo que o rei o fez passar. O herdeiro não tolerará mais o fato de ser insignificante aos olhos do pai — irá superar cada esperança e cada sonho que Edric tem por Ilya. Kitt Azer decide ser a grandiosidade que seu pai jamais foi.

Com o tempo eles verão o que estava escondido. Cada mentira será trazida à luz, cada segredo será revelado.

Mas o rei, o querido Edric, jamais saberá da verdade por trás daquela rosa na caixa de joias de Iris.

CAPÍTULO 69

Paedyn

Seis dias se passaram desde a morte de Kitt quando conseguimos reunir coragem de juntar a pilha de cartas sujas de sangue.

A maior parte não foi estragada pela morte do rei, tendo se refugiado num canto escuro de uma gaveta da mesa. Há manchas de tinta nas páginas de algumas enquanto o sangue suja outras, deixando palavras ofegantes por baixo dos borrões. Cada carta destaca uma parte diferente de Kitt. Algumas são raivosas e tristes, outras calculistas ou solitárias.

Nem todas são endereçadas a alguém. A maioria é apenas um rabisco de consciência ou um derramamento de emoções.

Mas não há escassez de lágrimas.

Kai chora pelo irmão. Eu choro brevemente pelo rapaz que conheci. Kitt Azer estava em guerra consigo mesmo, a pena era sua arma e o pergaminho seu inimigo. A batalha travada por trás dos seus olhos foi uma luta solitária até o final.

Os irmãos estão perdidos, um sem o outro. Kitt porque seu Executor não é mais seu. E Kai porque seu rei morreu nos seus braços.

Por isso ele chora.

Kitt se foi, e um pedaço de Kai se foi com ele.

Papai continua morto. Ela o matou.
Não sei direito o que dizer, ou escrever, ou fazer.

Quando fecho os olhos, ainda vejo o pescoço dele cortado, por isso não durmo.

Paedyn se foi. A garota em quem eu confiei é agora uma traidora da Coroa. Uma assassina.

E eu estou com raiva. Por que estou com tanta raiva? Ele nunca me amou.

~~Mas ele morreu antes que eu tivesse chance de fazer com que ele me amasse.~~

Vou mandar meu Executor ir atrás dela – acho que ele não gosta quando eu o chamo assim. Não nos falamos muito desde o momento em que me ajoelhei na lama ao lado do papai.

Sinto alguma coisa se esgarçando dentro de mim. Talvez seja minha sanidade.

Paedyn,
Você viu a luz abandonar os olhos dele?
Aqueles olhos são meus. Mas você sabia disso.
Estou com raiva. Mas você sabia disso.
~~No entanto, parte de mim ainda tenta odiar você. Mas você sabia disso.~~
Meu Executor está indo atrás de você.
Fuja.

Eles enterraram o rei. Me tornaram o próximo.

Faz dias que não saio do gabinete. Não sei se falei com alguma coisa a não ser os papéis durante dias.

Os serviçais fofocam embaixo da minha janela.

~~Jogo minha comida lá, para dar algum outro assunto para eles falarem.~~

Todo mundo pensa que enlouqueci, e talvez eu tenha enlouquecido mesmo.

Talvez
eu
sempre
estivesse
louco.

Kai não está de luto. Vejo a preocupação no rosto dele sempre que nossos olhares se encontram, como se ele estivesse tentando entender por que eu estou de luto. Ele jamais saberá o que significa ser um fracasso. Papai adorava o poder, e era isso que ele via no meu irmão. Mas eu? Eu era manso. Gentil. Nada como o herdeiro que ele esperava. ~~Uma decepção~~.

Estou cansado do luto.

O que ele fez, algum dia, para merecer meu amor?

Meu amor foi ordenado? Só sei o que fazer quando ele pede. E ele não me disse para sentir. Não, eu fiz isso demais. Fui gentil demais. Fraco demais. Suave demais. Diferente demais de Kai.

Estou farto do luto.

Estou de luto pela falta do amor dele durante toda a vida.

Era tudo pra ele. Tudo que eu sou e tudo que estou me tornando.

Pai. Rei. Você.

VOCÊ.

Tudo isso é por você. Dá pra ver, embaixo dos sete palmos de terra que nos separam? Essa necessidade pelo seu amor é uma coisa fraca demais pra você? ~~Se está gritando comigo, você terá que falar mais alto, pai.~~

O que você sempre quis de mim era o poder.

Então vou me tornar isso.

Calum me encontrou, como achei que aconteceria.

Bravo. Benevolente. Brutal.

Ele me contou sobre o plano de continuar a obra do meu pai. Me lembrei de novo de quando o rei me contou sobre a esperança de um reino de Ilya realmente de Notáveis. Tudo parecia simplório demais, pequeno demais para um homem que esperava a perfeição por parte dos filhos.

Durante muitos anos esperei que alguma coisa grandiosa resultasse da falta de amor por parte dele. Mas a obsessão do papai pelos Comuns o deixou de joelhos.

Calum me diz para me casar com Paedyn Gray, a assassina do meu pai.

Ela atrairá o resto dos Comuns para fora dos esconderijos. O reinado dela será um ardil para discretamente livrar Ilya dos fracos.

Mas eu quero fazer muito mais do que isso.

Encontrei a carta do papai pra mim. Ele quer que eu realize seus planos, que eu continue livrando o reino dos Comuns. Eu poderia ter feito exatamente isso, poderia ter seguido os passos dele, esperando agradá-lo na morte.

Mas então fiquei sabendo da verdade.

Os Notáveis poderiam ser produzidos, e eu poderia governar todos eles.

Tendo uma Comum como rainha, os reinos abrirão as fronteiras para nós. Não será difícil contrabandear a Peste para cada cidade usando mercadorias contaminadas. E quando uma nova onda de Notáveis nascer, eu serei seu rei.

Serei grande.

~~Irei provar meu valor ao meu pai.~~

Serei muito maior do que ele.

Irmão,

Quando foi a última vez que chamei você assim? É estranho não treinar com você de manhã ou visitar Gail para ver quem pode roubar mais comida pelas costas dela.

Sinto falta de nós. Sem títulos. Sem deveres.

Você partiu para sua missão há dois dias e não consigo deixar de me perguntar se você voltará. Você ama essa versão minha o bastante? E ao menos justo perguntar?

~~Você deveria ser leal a mim.~~

Vou ser melhor pra você. Pra nós. Ninguém jamais me amou como você. Preciso que você me torne inteiro de novo. Você, Kai. Fui duro quando você partiu, eu sei. Mas acabo de voltar pra casa e me castigar por isso no círculo de treinamento. Venha pra casa e me dê outra chance de ser seu irmão.

~~Ou talvez seja a da que você é leal.~~

Vamos mudar Ilya, irmão.

Você e eu. Sempre.

Calum concordou com meu plano.

Os reinos ao redor devem abrir suas fronteiras quando dermos as boas-vindas aos Comuns e o noivado com Paedyn Gray acontecer. Por mais que eu deseje arrancá-la da nossa vida, Calum falou sobre a influência que ela tem na favela. Só preciso dela no trono como um símbolo para as cidades, de modo que elas baixem a guarda pra nós.

Isto é, até que a Peste nos livre dela. Tudo desmoronou quando Paedyn entrou na nossa vida. Ela matou meu pai. Roubou meu irmão. Agora mesmo a traidora está provavelmente atraindo Kai de volta para os braços dela.

Mas eu preciso dela por mais algum tempo.

E então terei meu irmão de volta.

Tomei uma dose da Peste.

Talvez tenha sido um erro. Eu li na carta do papai que ele deu uma dose a Ava quando ela nasceu. Ele estava tão aterrorizado com a possibilidade de ter uma filha fraca que fez todo o possível para impedir isso. Mas Ava era só uma criança e não poderia sobreviver à doença.

Quando contei aos Eruditos meus planos para Ilya, eles me informaram com veemência que não havia pesquisas suficientes sobre o que aconteceria com um Notável que tomasse outra dose da Peste. Por isso eu me tornei uma cobaia antes que eles pudessem questionar. Agora são obrigados a fazer tudo que puderem para me manter vivo.

Não contei ao Kai a verdade sobre a morte de Ava – sobre nada, na verdade. Mas vou sobreviver a essa Peste. Preciso

sobreviver. Preciso ser grande. Papai sempre achou que eu era afável demais, fraco demais. Agora serei muito mais poderoso do que ele jamais foi. Só preciso sobreviver.

Kai,
Você já deveria ter voltado.
Você fugiu com ela? Abandonou o nosso para sempre pela chance de um futuro com a assassina do nosso pai?
~~Você ainda a ama, não ama?~~
Não vê que ela nos separou? Ela nos arruinou!
Venha pra casa. Por favor.
Tudo será como antes.

Os Eruditos estão contra mim.
Querem aumentar nossas habilidades do mesmo modo como os reis anteriores fizeram. Os Curadores me monitoram com atenção, esperando os primeiros sinais da doença – e se sobreviverei a ela ou não.
Obrigo todos a seguirem meu plano.
Não sou como os reis anteriores.

Meu Executor voltou com minha noiva.
Ele a trouxe pra mim.
Talvez ele ainda seja leal a mim. Talvez eu tenha julgado mal seus sentimentos por Paedyn. Talvez seja mais fácil arrancá-la da nossa vida do que eu pensei.
A corte ficou chocada com o meu decreto. As pessoas devem dar as boas-vindas aos Comuns em Ilya de modo que as cidades ao redor nos deem as boas-vindas também. Eles ainda precisam descobrir como tornarei este reino grandioso – até que ponto estenderei nossas fronteiras.
Paedyn me deixou colocar o anel no seu dedo porque tem esperança de um reino de Ilya unido, mas eu unirei muito mais do que Ilya.
Cada cidade representada nos nossos mapas, dos Baixios até o Deserto Escaldante, será nossa.
Para o meu legado. Para o meu irmão. Para nós.

As bombas no desfile foram desagradáveis, mas eficazes.
Easel pressionou Paedyn para provar seu valor ao reino realizando outro conjunto de Provas, como eu tinha planejado. Eu quero que ela morra e o povo quer distração. Mas ela terá utilidade pra mim se viver para passar pela segunda Prova.
Mandarei Paedyn navegar até Izram deixando um caixote de rosas contaminadas com a Peste. Se meus bandidos a matarem antes disso, começarei com Dor.

Estou tossindo, mas faço o máximo para esconder. Não quero que Kai se preocupe. Vários Curadores e Eruditos documentam diariamente o meu progresso. Ervas de gosto horrível são forçadas pela minha garganta, com esperança de aumentarem minhas chances de sobrevivência.

Nada é mais forte do que uma mulher que ouve dizerem que ela é fraca.

Alguma coisa mudou em Paedyn. Essas Provas só lhe deram mais poder. Parte de mim quase quer admirar sua resiliência.

Passamos vários momentos educados juntos, enquanto eu mordo a língua e abafo os sentimentos. Eu estava errado ao pensar que Kai tinha abandonado o amor por ela. Os dois estão mais próximos do que nunca, e fui eu que os juntei. Vejo como meu irmão olha pra ela, com a devoção escorregando por trás da máscara de indiferença que papai lhe ensinou a usar.

Acho que Kai se preocupa achando que eu ainda nutra sentimentos por Paedyn, que eu a afasto em consideração a ele. Que pense o que precisar. Mas qualquer coisa que eu sentia por Paedyn morreu com meu pai. Quando ela me traiu como achei que jamais faria.

Eu a quero morta. Sinto Kai se afastando de mim dia após dia. Ele irá escolhê-la – sei disso. E não vou perder meu irmão.

Encontrei a caixa de joias da minha mãe.

Foi a primeira vez que entrei no quarto dela. Durante anos imaginei o que haveria atrás daquela porta. Agora sei que são apenas memórias. O quarto está empoeirado, esquecido, estagnado. Não havia praticamente nada que restasse da mulher que eu chamaria de "mamãe" – só aquela caixa de madeira com suas posses mais preciosas.

Mas o mais intrigante foram os bilhetes que encontrei dentro. E eles eram preocupantes. Demorei vários minutos para reconhecer a letra que os enfeitava. Logo em seguida a raiva tomou conta.

Se Calum era íntimo da minha mãe, não tenho como saber se sou o herdeiro de direito. Esse conhecimento pertence apenas ao Leitor de Mentes. A mera possibilidade de Calum ser meu pai faz com que ele seja um risco. Talvez eu precise cuidar dele.

Paedyn,

Na verdade, você não é uma pessoa fácil de odiar. Eu nem diria que meus sentimentos por você são tão fortes. Pelo contrário, são indiferentes. Houve um tempo em que Paedyn Gray tinha os dois príncipes na palma da mão, mas isso foi antes de ela me trair e matar meu pai. Não levo isso realmente para o lado pessoal. Não mais. Na verdade você me livrou do homem que só estava me impedindo de progredir.

Encontrei outra coisa para perseguir, algo no qual direcionar minha obsessão, como costumo fazer. E você está me ajudando. Agradeço por isso. Mas, por favor, não se ofenda com a morte inevitável que deixarei você encontrar. Este legado, esta vida, era para ser compartilhada apenas por meu irmão e por mim. E não vou compartilhá-lo com você.

Quando chegar a hora, garantirei que o reino fique de luto por você.

Dou minha palavra. Não quero ser o seu monstro, Paedyn. Parte de mim ainda gosta de você. Mas só sei amar meu irmão.

Roubo momentos com Kai sempre que consigo. Ele me mantém estável. Sinto que sou eu mesmo quando estou com ele, mesmo enquanto a Peste começa a devorar minha sanidade.

Só gostaria de fazer com que as coisas fossem como eram antes dela. Os sentimentos de Kai por minha noiva não são ideais, mas ele irá enxergá-la como a ameaça que ela é para nós.

Só quero meu irmão de volta. Quero a grandeza.

É pedir demais?

A Peste me deixou fraco, embotou minha mente. A raiva é uma emoção que agora pertence à Peste. Sinto-a me encobrir como uma onda que não consigo controlar. Kai acalma essa parte esgarçada de mim, mas Paedyn a libera.

É boa a sensação de ficar bêbado com meu irmão de novo. Paedyn está lá. Paedyn está sempre lá. Mas isso é suportável, com Kai por perto. Eu posso ser eu mesmo, posso estar com ele. A Peste me permite isso.

Gosto do tempo que passo com meu irmão. E, bem no fundo, gosto do pouco tempo que me resta com Paedyn.

Hoje eles partiram para Izram.

Talvez eu nunca mais veja meu irmão. Kai não percebe que tudo isso é por ele? Por nós? Ele jamais deveria navegar naquelas águas traiçoeiras. Mas está apaixonado por ela. ~~Fará qualquer coisa por ela porque a ama mais do que a mim.~~ Só preciso que ele volte pra casa.

Mandar Paedyn para Izram aconteceu em parte pela esperança de que ela não retorne. Informei discretamente ao capitão que jogá-la do barco era uma opção, caso seus homens desejem isso. Mas, estando a bordo, Kai garantirá que Paedyn volte pra casa inteira – ou então nenhum dos dois voltará.

Mas o verdadeiro objetivo da viagem é dar a Izram um caixote com rosas contaminadas. Aquele reino será o primeiro a sofrer com a Peste, mas no devido tempo eles irão me agradecer.

Se o mar permitir que Paedyn conheça a rainha Lailah, sua Prova ainda valerá a pena. Preciso que ela convença a mulher teimosa a aceitar nossa oferta de paz. E preciso que Kai volte pra casa. Não sei o que serei quando ele voltar.

Os médicos reais estão preocupados. Minha mente está vagando sem rumo. Meu corpo está fraco. Mas vou viver. ~~Não posso morrer antes de ser melhor do que ele.~~ Vou viver.

Diferente do meu pai, não preciso de Calum para ajudar a realizar meus planos. O medo cresce quando estou perto dele, enraizado na minha legitimidade desconhecida. Eu deveria simplesmente me livrar dele. É como se a paranoia tivesse plantado uma semente que cresce dia a dia no meu pensamento.

Não estou me sentindo bem.

Minha mente está imersa em devaneios, e não é por culpa da Peste. ~~Coloquei tanta pressão nos meus ombros que...~~ Não, papai fez isso comigo. É por causa dele que sou assim. Obsessivo. Controlador. Sempre buscando aprovação. Minha mente não é minha – talvez nunca tenha sido.

Não quero ser um monstro. Não quero que Kai me veja como um monstro.

Meu barco chegou despedaçado ao cais. É um milagre terem sobrevivido ao mar e às suas criaturas. Mas meu presente foi aceito. Meu irmão voltou. E o que resta de mim está aqui para recebê-lo.

Agora estou tossindo sangue. Outro divertido efeito colateral da Peste. Perdi peso rapidamente e não me lembro da última vez que dormi uma noite completa.

Kai está preocupado comigo. Ele sabe que não estou bem.

Vi meu irmão morrer ontem.

Por trás da ilusão, o nome dele era Makoto Khitan.

Calum me disse que encontrou um Portador perto da Arena depois da terceira Prova do Expurgo. Que a mente dele estava gritando de sofrimento e raiva por causa da costureira morta. Mas era Paedyn que ele culpava pela garota estar lá.

Então eu lhe ofereci uma chance de vingança. Ironicamente, usei os túneis para ir até a Arena, depois segui pelo caminho até a Alameda. Precisava de um empurrão final pra Ilya entrar na linha, aceitar minhas mudanças para o reino. Mas não me

arriscaria a jogar Kai naquela Arena. Porque sabia que ele deixaria Paedyn matá-lo. ~~Porque meu irmão morreria para salvá-la e não a mataria para viver comigo.~~

Makoto concordou em lutar com Paedyn, mas a enorme quantia que paguei pra ele fazer um bom espetáculo foi inútil. Ele não deixou a arena vivo.

Paedyn Gray tem a capacidade de fazer as pessoas se importarem com ela.

Existem buracos na minha memória. A princípio ignorei isso, mas agora acho que os Curadores estão certos. A Peste está me devorando – devorando a minha mente.

Paedyn Gray é filha de Iris Moyra. É uma filha ilegítima. E eu não podia me arriscar que descobrissem que eu também sou. Assim, quando ela me contou o que ficou sabendo com Calum, que acreditava que ele era um Dual, fingi que acreditei na teoria.

Calum pode ler o pedido de desculpas na minha mente antes que eu cravasse a espada no seu peito. Não era nada pessoal. De verdade. Mas me recuso a ser reduzido a um bastardo. Principalmente depois de tudo que suportei, de tudo que planejei para Ilya.

Eles se curvaram a ela. A favela inteira.

Ela tem direito ao trono e não deixarei que me derrube. Preciso disso. Paedyn não sabe que eu preciso disso? Ela já alcançou a grandeza nas minhas Provas. Isto aqui é meu. Preciso deste legado. Preciso que ela morra. Preciso ser grande...

CAPÍTULO 70

Paedyn

Kai não saiu de perto de Kitt até o corpo dele esfriar.

Até que foram necessários três Imperiais para tirá-lo da poça de sangue. Ele permitiu, claro, diferentemente do que tinha feito com as dezenas que ousaram tentar arrancá-lo do sofrimento antes que o sol penetrasse tímido pelas janelas do escritório. Raios de luz acariciaram o corpo imóvel de Kitt, gravando a cena nauseante como se fosse uma pintura: Kitt, uma tela de riscos escarlates.

Enquanto Kai fez companhia a Kitt, eu também fiz.

Quando nossos joelhos doloridos se levantaram do tapete gasto, o sangue fazia uma crosta na nossa pele e se grudava no cabelo. Acompanhei-o, entorpecida, até os aposentos dele e enchi a banheira com água quente. Ele não resistiu quando tirei suas roupas sujas nem quando o fiz entrar na banheira.

Seus olhos pareciam distantes, vazios, mas estavam voltados para mim, e isso era alguma coisa. Passei um sabonete na sua pele, com um cheiro nítido de pinho e do homem por quem me apaixonei. Usando uma esponja macia esfreguei cada mancha de sangue endurecido. Seus olhos jamais se afastaram dos meus, só se fechando quando pedi, baixinho, enquanto lavava o rosto sujo da própria tristeza.

Ele não se levantou da banheira quando finalmente larguei a esponja. Em vez disso, se moveu com uma avidez que eu não tinha visto durante metade de um dia. A água pingou dos seus braços

enquanto ele desabotoava as costas do meu vestido. Assim que o vestido escorregou do meu corpo numa poça de tecido no chão, ele me puxou para a banheira.

Não deixou que eu tocasse na esponja. O temível Executor de Ilya lavou cada pontinho de sangue do seu irmão da minha pele. A gentileza com que ele amava, mesmo de luto, fez com que eu desmoronasse. Nós nos abraçamos, chorando por um irmão, por um garoto arruinado, por uma perda para o mundo. Nossos corpos tremiam, com lágrimas escorrendo pelos ombros aos quais nos agarrávamos.

Embora Kitt não pertencesse a mim para que eu ficasse de luto. No final, ele era uma casca do rapaz que um dia conheci e me via como um obstáculo a ser superado. Mas não fiquei ressentida. Em vez disso, lamentei o irmão que Kai tinha perdido, e não o rei com a mente abalada. Lamentava por Kai, como se o luto dele também fosse meu.

Assim, quando a água esfriou e cada respiração começou a ficar mais lenta, Kai disse sua primeira palavra desde que Kitt havia pronunciado as últimas dele:

— Obrigado.

O segundo dia depois da morte do rei foi sem dúvida o mais difícil. Todo o reino de Ilya ficou sabendo sobre a morte cruel do governante. Ela foi anunciada como um acidente trágico, mas o povo procurava uma história mais empolgante para contar. Boatos percorriam o reino, cada boca especulando como Kitt havia encontrado seu fim, para preencher o vazio da verdade escondida.

As pessoas provavelmente ficariam se perguntando durante anos, e ainda assim não iríamos contar. Mesmo na morte, Kitt permaneceria como o rei gentil que sempre deveria ter sido.

Kai conteve seu sofrimento como se fosse uma maré, segurando-o por tempo suficiente para entrar em pânico com relação ao presente que tínhamos deixado em Izram. O caixote de rosas provavelmente aberto semanas antes, liberando uma Peste sobre toda a cidade. Mas antes que tivéssemos chance de nos preocupar mais ainda, uma carta foi encontrada embaixo da enorme porta da frente do castelo.

Numa letra bem feita e elegante, ela dizia:

Espero que não tenha sido você, Paedyn Gray, que tentou infectar meu reino. Digo isso de brincadeira, já que sei que você realmente acreditava que as rosas eram um presente. Não importa — eu senti o que havia naquela caixa antes mesmo que você pusesse os pés no meu cais. Infelizmente tenho pouca utilidade para a sua Peste, mas acho que o seu rei pensa outra coisa. Talvez ele devesse ter tentado poluir outro reino. Mas, afinal de contas, ouvi dizer que ele não está mais conosco. Meus pêsames.

Qualquer outra tentativa de infectar meu povo resultará numa retaliação desagradável. Não considere que minha vista grossa a esse crime seja sinal de fraqueza. Sei que as rosas contaminadas não são responsabilidade sua. Mas desejo que tenhamos um relacionamento frutífero.

Sua colega rainha,
Z

Olhei imediatamente para Kai.

— Como ela sabia, afinal?

Passamos o resto daquele dia recebendo pêsames de todos no castelo. Sem um reino assolado pela Peste com o qual se preocupar, Kai andava rigidamente pelo corredor, com os olhos vazios e palavras escassas. Todo o palácio tinha sido coberto por uma camada de escuridão: cortinas pretas cobrindo janelas e roupas pretas envolvendo todos os corpos.

Eruditos andavam nos nossos calcanhares como sombras, chamando Kai para falar sobre sua coroação.

— Não sou rei até que Kitt tenha sido posto para descansar — dizia ele, cada vez mais inexpressivo.

Eu sabia que Kai estava falando sério, assim como sabia que estava enrolando. Ele não queria ser rei.

Passamos aquela noite nos braços das pessoas mais próximas de Kai.

— Meu menino — gritou Gail quando ele entrou na cozinha. — Meu doce menino.

Ela o abraçou por tempo suficiente para queimar a comida que estava no fogão e chorou a ponto de não se importar. Jax soluçou de

encontro ao peito do irmão, lamentando a perda da outra metade dos dois. Foi quando ele começou a soluçar que Andy se juntou, com o corpo tremendo de choro. Algumas lágrimas traiçoeiras tinham escapado dos meus olhos ardentes antes de Gail me puxar e envolver todos nós com os braços.

O terceiro e o quarto dias foram iguais. Broncas de Eruditos, um castelo de luto, ilyanos fofocando, sofrimento, lágrimas, soluços. Quando conseguimos lidar com a conversa, Curadores solenes nos cercaram num quarto mal iluminado para trocar detalhes sobre a lenta decadência do rei. Eles falaram sobre a insistência dele em contrair a Peste, mesmo sabendo das possíveis consequências. E depois, mais hesitantes, sobre a mente dele se deteriorando logo em seguida. Kitt ficava agitado facilmente, com frequência era apanhado falando sozinho ou andando pelo castelo altas horas da madrugada.

Descobrimos que Kitt estava morrendo muito antes de se esquecer de desviar do avanço do irmão. Os Curadores não podiam salvá-lo, e de repente isso faz sentido, depois de saber da verdade sobre as limitações dos Notáveis. O corpo dele estava rejeitando outra dose da Peste. Era apenas questão de tempo até que a doença revelasse sua condição por inteiro.

Em meio aos longos períodos de pesar, passamos boa parte do tempo no gabinete, apenas olhando tudo como ele tinha deixado. Tudo permaneceu, menos o tapete ensanguentado. Jax e Andy se sentavam conosco, às vezes em silêncio, mas ocasionalmente mais ousados nas reminiscências. Trocavam lembranças, cada uma se fundindo com a anterior e provocando um sorriso em momentos fugazes.

E isso já era alguma coisa.

No quinto dia, o vazio que ocupava o olhar de Kai tinha diminuído um pouco. Mesmo assim nós nos abraçamos, como tínhamos feito nos últimos dias. E quando ele se soltou, murmurou agradecimentos de encontro à minha pele.

— Obrigado, Pae. Por tudo.

Eu sorria, mas o sorriso era sempre triste.

— Não me surpreende mais quando você diz isso.

— Que bom. — Ele roçou o nariz no meu. — Quero que você se acostume tanto com minha gratidão a ponto de enjoar dela.

Naquela noite eu tirei a aliança de casamento do dedo.
E no sexto dia depois da morte de Kitt nós lemos as cartas dele.

CAPÍTULO 71

Kai

A terra mancha meu rosto suado.

A pá está escorregadia nas minhas mãos, soltando farpas nas palmas. O crepúsculo baixa por trás dos braços oscilantes do salgueiro enquanto eu cavo um buraco no meio das raízes. O solo revolto forma uma pilha ao lado; lembranças chegam à superfície junto a cada volume tirado com a pá.

Kitt estava comigo na última vez que cavei uma sepultura embaixo desta árvore. Estava ao meu lado, segurando uma pá e com o rosto espelhando o meu. Ficamos contando lembranças de Ava até nossas risadas virarem lágrimas.

Ava.

A morte dela foi causada pelo homem que eu chamava de pai. Tudo por causa da cobiça de Edric Azer pelo poder. Ele matou minha irmã com uma dose da Peste. Matou meu irmão com a necessidade de ser grande.

Minha visão fica turva. Pisco para ir além da raiva, do sofrimento e da ânsia de me arrastar para dentro dessa cova também.

Meu irmão.

Meu irmão.

Meu irmão está morto.

A pá escorrega entre meus dedos e cai numa almofada de terra. Meus joelhos afundam na grama úmida, e meus ombros tremem com o

peso do sofrimento.

As cartas dele estão frescas na minha mente, e cada uma era uma facada antes do desjejum hoje de manhã. Eu não estive presente para protegê-lo dos próprios pensamentos, da necessidade de grandeza que o engoliu inteiro. Ele estava desmoronando diante dos meus olhos, se deteriorando por causa de algo muito mais sinistro do que as tensões de ser rei.

Lembro-me daquela mudança estranha no poder dele e me amaldiçoo por ter descartado o sentimento. A habilidade de Kitt foi a primeira que senti na vida, tão familiar que eu podia sentir o gosto na língua, mas mesmo assim fracassei com ele.

Kitt tinha virado um peão do poder, e eu deveria ter me reconhecido no olhar dele.

Ele contraiu a Peste para ser *mais* e eu não estava presente para dizer que ele era suficiente.

Ouço os passos atrás de mim. Ela queria que eu escutasse.

O calor familiar do seu abraço me envolve por trás, segurando os cacos que me tornei. Espio a cova rasa, deixando uma lágrima escapar dos olhos vazios.

Ele se foi.

Ele se foi.

— Estou aqui — sussurra ela no meu ouvido. — Estou com você.

Eu me viro lentamente nos seus braços, vendo aquele rosto lindo surgir. Os olhos de Paedyn estão mergulhados em lágrimas, como estiveram por dias. Há um limite para a tristeza que ela pode sentir pelo homem que queria matá-la. Não, esta dor é minha.

Meus olhos baixam para a pá ao lado de Paedyn. Conseguindo dar um sorriso triste, levo os dedos sujos de terra ao rosto dela.

— Veio me ajudar a cavar, querida?

— Você cavou sepulturas suficientes por mim — diz ela baixinho. — Pensei em retribuir o favor.

Meu soluço é em parte uma risada.

— Não sei como eu sobreviveria a isso sem você.

— Bom, você nunca mais terá de sobreviver sozinho a qualquer coisa. — Ela assume uma expressão decidida. — Sou uma barata, lembra?

Balanço a cabeça, sempre atônito com ela.

— Não. Você é força. É a própria vida. É por isso que a morte tem medo de você.

— Tudo que eu tenho é medo da morte — corrige ela. — Medo de perder você.

Dói sorrir.

— A morte sabe que não deve tentar me arrancar de você.

Ficamos nos sustentando nos olhares gentis, mas seguros. Fungando, ela olha para a pá que trouxe e pigarreia.

— Assim que ele estiver enterrado, eles tornarão você rei.

— Então vamos ficar aqui mais um pouquinho — murmuro. — Por favor.

E assim fazemos.

Folhas farfalham ao redor enquanto sinto o cheiro da terra revirada. Paedyn se inclina, apoiada nas palmas das mãos, os olhos se fechando quando uma brisa fraca sopra em seus cabelos. Durante alguns minutos abençoados, passarinhos cantam abafando o som do riacho de pensamentos que gritam na minha cabeça.

— Você será um grande rei.

A lembrança do meu futuro iminente despedaça a paz que durou pouco.

— Esse deveria ter sido o Kitt. E não eu. — Minha cabeça baixa sobre as mãos trêmulas. — Mas ele estava focado demais no pai dele. Na grandeza.

No pai *dele*, não meu. Talvez nem mesmo antes de eu descobrir a verdade sobre o meu nascimento. Aquele rei nunca foi minha família.

Distante, por baixo da dor crescente do luto que pesa no meu peito, penso no homem que deveria ter sido meu pai. Talvez não valesse a pena conhecê-lo. Talvez eu descubra sozinho um dia.

— Kitt estava obcecado. — Paedyn morde o lábio inferior. — Estava doente com a Peste.

— Ele tentou matar você — digo, entorpecido.

— Ele não estava bem. Eu… não o culpo por isso.

— Eu o matei.

Mal ouço as palavras dela.

— Não foi sua culpa. Ele já estava morrendo, Kai. Os Curadores disseram.

— Mesmo assim eu o matei, Paedyn. — Minha voz falha. — Eu matei meu irmão!

Ela envolve meu pescoço com os braços, puxando meu corpo trêmulo.

— *Shh*. Não é sua culpa, Kai.

Enterro o rosto na cicatriz dela.

— Eu não pude salvá-lo. Eu disse a ele que iria salvá-lo. — Minha voz está engasgada. O poder formidável que corre nas minhas veias *falhou*. — Ele deveria se esquivar. Nós deveríamos cumprir nossa promessa.

— Você vai — sussurra ela. — Você o verá de novo. Assim como eu verei meu pai. Adena. Mak. — Os olhos de Paedyn estão com lágrimas quando ela se afasta para segurar meu rosto. — Suas promessas não foram quebradas. Só estão em espera.

Mal consigo respirar.

— Eu preciso dele, Pae. Preciso do meu irmão.

— *Shh*.

— Não posso fazer isso sem ele.

— *Shh*. Eu estou aqui.

— Eu fiz isso com ele! — Cada soluço é uma sacudida dolorosa do meu corpo. — Não pude salvá-lo. Não pude salvar meu irmão…



Paedyn me abraça até que a maré de sofrimento se afaste por tempo suficiente para eu recuperar o fôlego. Não é a primeira vez que ela me salva do afogamento.

Uma pá é posta rapidamente na minha mão, seguida por uma fiada de palavras sérias.

— Está na hora de Kitt descansar.

Um peso parece sair de cima do meu peito.

Descanso. Não morte.

Ele está em paz, e isso é tudo o que eu sempre quis para o meu irmão.

Rígido, fico de pé, puxando Paedyn junto. Minha pá encontra a terra revirada. Faço força através da dor que ainda permanece na minha voz.

— Acha que consegue me acompanhar, Gray?

— É sério que você quer transformar isso numa competição?

Mergulho o aço na terra, soltando-a da base do salgueiro de Ava.

— Kitt sempre teve um jeito para tornar qualquer coisa divertida. — Meus lábios se curvam num sorriso que eu me obrigo a oferecer apenas por ele. — Acho que meu irmão não iria querer que a morte dele fosse diferente.

Seu sorriso faz meu coração voltar à vida.

— Então é melhor começar a cavar, Azer.

CAPÍTULO 72

Paedyn

Meu braço faz força no arco retesado.

Estamos no mesmo local que ocupamos durante as Provas do Expurgo, diante de um alvo desbotado e competindo pelo direito de cantar vantagem. Faz quase dois dias que Kai enterrou o irmão embaixo do salgueiro, e esta é uma das muitas distrações que impus a ele.

Houve um passeio silencioso pelo jardim, interrompido apenas por alguma lembrança do rapaz enterrado tão perto. Nossa ida à cozinha foi preenchida com risos suaves e pães doces e quentes — Jax buscou conforto nos braços do irmão enquanto Gail beijava o topo da cabeça de Kai. Instiguei-o a escrever, como Kitt tinha feito, aliviando a mente dos muitos pensamentos que ecoavam num turbilhão. As mãos dele ainda estão manchadas de tinta.

Todas as noites foram passadas numa poça de luar. Cobertores forram o chão do meu quarto, empilhados para formar uma cama improvisada embaixo da fileira de janelas. Kai prefere assim, e eu atendo com prazer. É como se tivéssemos criado nosso pequeno forte para ficarmos mais perto das pessoas que perdemos. Ficamos abraçados antes de afundar nos pesadelos que nos assolam. Mas a cada sol sonolento que nos espia, Kai acorda um pouco melhor.

Disparo a flecha e dou um sorriso presunçoso quando ela se crava ao lado do alvo.

Esta é a minha distração mais recente para o futuro rei.

— Eu entenderia se você quisesse desistir agora — digo.

Os dedos de Kai roçam nos meus enquanto ele pega o arco.

— Não banque a boazinha, querida. Eu aguento perder pra você.

Levanto uma sobrancelha.

— Já está admitindo a derrota?

Os lábios de Kai se retorcem. Ele dispara uma flecha rapidamente, sem se abalar com os vários centímetros que a separam do centro do alvo.

— Isso é para ser uma distração, não é? Então eu não preciso vencer. — Engulo em seco quando ele dá um passo para perto de mim. — Só quero aproveitar.

Normalmente, eu riria da arrogância, mas senti falta dela o suficiente para apenas inclinar a cabeça.

— E o que há para ser aproveitado na derrota, Malakai?

— Isso. — Suas covinhas roubam o meu fôlego. — Sua companhia. Sua provocação. Seus lábios formando o meu nome.

Coloco uma flecha no arco.

— Não preciso estar vencendo para insultar você.

Respiro fundo e disparo.

— Não — diz Kai, lentamente. — Mas precisa estar vencendo para sorrir assim.

Então percebo que estou rindo de orelha a orelha para o alvo que acertei. Domando o triunfo no rosto, me viro para Kai, que parece despreocupado. Suas mãos estão enfiadas nos bolsos, o cabelo desalinhado e os olhos brilhando à luz do sol poente.

Ele é lindo.

O pensamento não é uma surpresa. No entanto, não consigo afastar meus olhos dele. Uma força inabalável brota de Kai, como a sombra grudada nos seus calcanhares. Esse é um rapaz que conheceu pouco mais do que dificuldades durante a vida inteira, ferido pelo homem que o criou e deixado pelo irmão que o amava.

O irmão que me odiava.

— O que foi? — A voz de Kai está cheia de preocupação.

Frustrada, enxugo a emoção que brota nos meus olhos.

— Nada. Desculpe. Isso deveria ser uma distração pra você e…

— Fale comigo, Pae. — Kai tira o arco da minha mão suada antes de jogá-lo para o lado.

Balanço a cabeça.

— É só que… eu odeio o fato de que ele me odiava.

— Ele não odiava. Ele não estava bem, e você só entrou… — seus olhos cinza se viram para longe — … no caminho dele.

O entorpecimento insuportável que suprimi nos últimos dias chega rapidamente à superfície.

— Eu gostava dele. E isso tudo é minha culpa…

— Não. Nós lemos as cartas dele. — Kai segura as minhas mãos. — Você sabe o que ele disse naquele gabinete. Nada disso foi culpa sua. Kitt estava doente. Física e mentalmente. Ele só queria provar o próprio valor. — A voz de Kai fica mais áspera a cada palavra. — Eu fiz com que ele se sentisse assim? Por que ele se contaminou com a Peste? Será que achou que eu precisava que ele fosse algo mais?

— Não, Kai. — Interrompo o pensamento perigoso antes que ele possa se espalhar. — Kitt queria você ao lado dele porque você nunca o fez se sentir inferior. Você era o que existia de bom na vida dele. A âncora à qual ele se agarrava.

— Kitt era o irmão bom — murmura Kai. — Não eu.

— Bom. Mau. — Dou de ombros. — Todos nós somos apenas sombras do que acreditamos ser verdade.

O sorriso de Kai é doloroso.

— Kitt certamente acreditava em alguma coisa.

— E você? Em que o futuro rei de Ilya acredita?

Ele pensa a respeito por um momento.

— No inevitável. Em você. — Seus dedos fazem cócegas no meu rosto a caminho de prender uma mecha de cabelos atrás da minha orelha. — Acho que nós entendemos errado em Dor. Você é a Chama. E eu… eu sou a Sombra caindo aos seus pés.



Depois de um tempo disparamos o resto das flechas no alvo.

Sem surpresa, eu canto vantagem pela minha vitória predestinada.

Delicadamente, visitamos o salgueiro e os que estão enterrados em paz sob ele.

Admito que não consigo ser uma distração para a morte de Kitt.

Feito um bobo, um poeta me diz que nunca deixo de ser uma distração para ele.

CAPÍTULO 73

Kai

Ainda há terra sob minhas unhas quando a coroa é posta na minha cabeça.

É um emaranhado de aço prateado, cortante e sinuoso no meio do meu cabelo preto.

A coroa dourada de Kitt permanece com ele, ainda repousando gentilmente em sua testa embaixo do salgueiro.

Olho a corte do mesmo tablado em que meu irmão esteve. Mas, espantosamente, não sinto mais a enorme ausência dele. Não, ele está ao meu lado, com a mão quente no meu ombro e um sorriso na minha alma.

De Executor a rei. De monstro a redimido.

— Continuarei o que meu irmão iniciou — informo à corte, ainda que eles não soubessem da verdade sobre os planos dele. E jamais saberão.

Tenho uma promessa a cumprir.

Meu primeiro decreto é firme e seguro.

— Nossas fronteiras permanecerão abertas. Os Comuns serão bem-vindos de novo em nossa cidade. Juntos reconstruiremos Ilya como Kitt desejava. — Engulo o nó na garganta. — E ele será lembrado como o maior rei da nossa história.

A sala do trono ecoa com os aplausos, mas meus olhos estão voltados para ela. Desço do palco, abrindo caminho pelo meu povo até

encontrar a única pessoa que eu realmente desejo chamar de minha.

De mãos dadas, saio com Paedyn pela porta do castelo e chegamos ao pátio. O canteiro de miosótis ainda floresce ao lado da escada, parentes do que coloquei atrás da sua orelha há tanto tempo. E agora, com prazer, repito a história.

Pae ri quando lhe entrego o buquê, as pétalas combinando com seus olhos azuis penetrantes.

— Não-me-esqueças… — enfio uma haste no seu cabelo — … porque você sempre parece esquecer quem eu sou.

Ela sorri, e fico imaginando como alguma coisa pode ser tão perfeita.

— Você é o rei de Ilya.

— E o que eu sou pra você?

Inclino seu queixo para cima, para ver as palavras se formando nos lábios.

— Meu babaca.

Dou um leve peteleco na ponta do seu nariz.

— Não se esqueça de "metido a besta".

— Você não me deixaria esquecer, mesmo que eu tentasse — diz ela gentilmente.

Eu solto uma risada, ainda mais quando ela volta os olhos para minhas covinhas com uma expressão ávida.

— Você é sempre a minha ruína, Paedyn Gray. — Meu joelho encontra as pedras do calçamento e Pae abre a boca, ofegando. — Case comigo, Pae. Já estou com um joelho no chão, mas posso me ajoelhar nos dois e implorar, se você quiser.

Levanto a aliança para ela, a aliança que Kitt pôs na palma da minha mão com um desejo final.

Amem um ao outro por mim.

Lágrimas brotam naqueles olhos azuis. Ela sabe sobre os momentos finais de Kitt, cada palavra pronunciada, cada esperança desnudada. Agora a visão da aliança familiar é libertadora. Vejo a torrente de alívio cobrindo as feições dela, porque Kitt Azer — o rapaz de quem ela gostava tanto — não a odiava no final. A dor que Paedyn sentiu quando ele apontou uma espada para o seu peito começou a se dissolver sob a verdade das motivações do meu irmão.

— Pae — suspiro. — Vou ficar ajoelhado aqui o dia inteiro, desde que sua resposta seja sim.

Uma das mãos se afasta da boca de Pae, revelando um grande sorriso.

— Que bom. Gosto de ver você abaixo de mim.

— Coisinha maligna — murmuro com toda a admiração que ela merece.

Sua voz fica embargada enquanto ela devolve minhas palavras:

— Você se esqueceu do "minha", antes do apelido carinhoso.

E então ela se ajoelha à minha frente.

Suas mãos tremem de encontro ao meu rosto antes que um par de lábios sorridentes encontrem os meus. Ela me beija como se a eternidade fosse fugaz diante deste momento. Minha mão encontra seu cabelo, emaranhando-se nas mechas desiguais que cortei naquela caverna. Seus lábios têm gosto de amor e desejo, e imploro por mais.

— Isso… — beijo-a profundamente. — Isso é um sim?

Ela ri de encontro aos meus lábios.

— Isso é inevitável.

Ponho a aliança de ouro de Kitt no polegar de Paedyn, do lado oposto daquele anel de aço do seu pai.

— Vou arranjar alguma coisa melhor pra você…

— Não. Está perfeito. *Isso* é perfeito.

— Bom. — Minhas palmas ásperas roçam as laterais do seu pescoço. — Porque eu te amo, Paedyn Gray. E vou passar o resto da vida feliz tentando merecer você.

— Eu te amo. — Ela está subitamente séria. — E vou passar o resto da vida gritando as palavras, até que sejam ouvidas até mesmo em Astrum, porque é a morte que deve *me* temer se tentar levar você para longe.

Ficamos abraçados na pedra desigual. Miosótis florescem na brisa quente, nos envolvendo num abraço que parece nosso passado se encontrando com nossa eternidade. Lágrimas ardem nos meus olhos com esse momento agridoce.

Paedyn Gray é finalmente minha, mas só porque meu irmão não está mais aqui.

— Vamos amar por ele — sussurra ela no meu ouvido.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto.
— Você e eu.

CAPÍTULO 74

Paedyn

Na véspera do meu casamento sonho com Adena.

Kai dormiu ao meu lado em todas as noites desde que pôs aquele anel no meu polegar, afastando um mês de pesadelos. Mas a tradição o expulsa do meu quarto na véspera da nossa união, e sou deixada sozinha com minhas assombrações.

Quando Adena segura minha mão, sinto um levíssimo puxão de medo no meu corpo à deriva. Eu tinha me escondido desse pesadelo, tinha me protegido atrás do conforto de Kai, porque não suportaria ver Adena morrer outra vez.

Mas esse sonho é diferente.

O que espreita na minha mente que descansa é alguma coisa doce. Macia. Tão parecido com a Adena que viveu e respirou que eu acordo com lágrimas manchando o rosto. Tudo é uma lembrança turva quando o sol abre minhas pálpebras pesadas, mas me lembro do sentimento que Adena deixou comigo:

Paz.

Eu tinha dito adeus.

Ou melhor, um bom modo de dizer tchau até ver minha Adena de novo.



Ellie me ajuda sozinha a me preparar para meu último e inevitável casamento.

Nuvens escuras se amontoam no céu do lado de fora das minhas janelas, ameaçando chuva com trovões raivosos. Isso só me faz sorrir.

— É bom ver você feliz no dia do seu casamento — diz Ellie baixinho.

Seus dedos passam entre os meus cabelos fazendo tranças finas. Elas pendem no meio do cabelo encaracolado, numa simplicidade elegante.

Mordo o lábio para ocupar meu sorriso.

— Era isso que eu queria por mais tempo do que imaginava. E estou me permitindo aproveitar.

— Você deve aproveitar mesmo. Vocês dois merecem.

Meu sorriso é manchado com a tristeza que normalmente acompanha os pensamentos sobre Kitt. Mas meu luto é pelo rapaz que ele era e pelo irmão que deixou para trás. Apesar da resiliência de Kai nas últimas semanas, sei que ele gostaria de comemorar o dia de hoje com Kitt, assim como eu gostaria de fazer com Adena.

Vou para trás do biombo e visto um vestido simples, feito de um material fino, amplo, que chega logo acima dos tornozelos. O corpete sem alças me abraça apertado antes que o tecido branco cascateie da cintura. Há pouca coisa que torne o vestido particularmente interessante, e foi exatamente por isso que eu o escolhi.

O colete de Adena captura a atenção, o tecido verde-oliva desbotado envolve meus ombros nus. Depois de dias com uma costureira remendando-o com esmero, estou ansiosa para me reunir com meu pedaço de Adena. Paro diante do espelho e observo exatamente o que eu sempre tinha visualizado para o dia do meu casamento.

Este instante não poderia ser tão diferente do que tive antes de casar com um homem que não amava. Naquela ocasião, o pânico tomou conta do meu coração e atulhou minha mente. Agora estou reluzindo

de felicidade, inundada de paz. Já tive um casamento grandioso e não quero nada do tipo. Quero apenas um dia que seja nosso.

Uma batida confiante à porta faz meu olhar ir até Ellie.

Ela devolve minha confusão antes de espiar o corredor com um som ofegante saindo dos lábios.

— Vossa Majestade, dá azar ver…

— Azar é uma coisa muito menos preocupante do que Pae com o estômago vazio e uma adaga na mão.

De um jeito irritante, meus lábios se repuxam num sorriso.

— Se está com medo de mim, Azer, é só dizer.

A voz de Kai tem um toque de espanto reverente do outro lado da porta.

— Você sabe que eu seria um tolo se não estivesse, querida.

Preciso firmar os pés no chão para não correr até ele.

— Desculpe, Vossa Majestade — diz Ellie através da fresta da porta. — O senhor realmente não deveria vê-la antes do casamento.

Há um sorriso enterrado entre as palavras dele.

— Então não vou olhar.

A porta se abre.

O protesto de Ellie morre na garganta quando Kai entra no quarto, de cabeça ligeiramente abaixada com uma das mãos tapando os olhos. Aperto a boca com a mão e sufoco a risada que faz cócegas na minha língua enquanto o rei vem na minha direção. Seu olhar está voltado para os pés, enquanto o meu está na tigela de mingau segura entre os dedos dele.

Quando Kai para à minha frente, olho o mingau de aveia salpicado de frutas. Ele não pode ver meu sorriso.

— Você colocou mirtilos.

— Isso me doeu tremendamente.

— Sua coragem é inspiradora — cantarolo.

A mão de Kai baixa daquele rosto lindo, mostrando os cílios escuros voltados para o chão.

— E egoísta. — Covinhas emolduram seus lábios curvados. — Quero uma coisa em troca.

Cruzo os braços.

— E o que seria?

— Um “sim” diante do altar, hoje.

As palavras são rápidas, um jato de incerteza que estou tão pouco acostumada a ouvir na voz de Kai. Meu coração dói diante da sua preocupação velada. Depois de finalmente se permitir ter sentimentos por alguém, ele teme que eu vá embora. Um rei está diante de mim, desnudo, voltando a ser o garoto obrigado a acreditar que o amor era uma fraqueza.

Gentilmente pego a tigela quente nos dedos dele e a coloco no chão ao meu lado. Então seu rosto está nas minhas mãos, a testa se franzindo ao sentir meu toque.

— Mesmo com uma lâmina apontada para mim eu amaria você. Mesmo se ela furasse minha garganta, eu diria “sim” a você.

A lágrima que escorre pelo rosto dele instiga uma a sair do meu olho. A voz de Kai está rouca de emoção quando ele murmura:

— Você é uma tremenda poeta, querida.

Rio, e minha visão fica turva com o franzido dos meus olhos lacrimejando.

— Algum tolo me inspirou.

Passamos os momentos seguintes nos deleitando nesse limbo entre o presente e o futuro que nos espera na base de um salgueiro. Rimos. Fingimos não chorar. Dizemos adeus — um devido à distância temporária que Ellie insiste em colocar entre nós, e o outro em memória dos nossos últimos momentos antes do para sempre.

Muito depois de Kai sair do quarto e Ellie ter consertado minha aparência pela última vez, uma segunda batida soa à porta. Lenny pergunta se estou pronta. Não hesito antes de segurar o braço dele.

— Todo esse tempo eu chamei você de “princesa”… — O cabelo ruivo ondula com o balanço lento da sua cabeça. — Quem poderia imaginar que você era mesmo uma?

Olho para ele fingindo irritação.

— Pois é, que chocante!

Foi bom contar a verdade a ele e às pessoas mais próximas, mas guardo o segredo do meu sangue real enfiado junto do coração, escondido do reino que já começou a me aceitar. Não digo nada sobre a princesa esquecida que eu sou para não questionar a legitimidade de Kai.

Durante toda a vida eu fui uma Comum e não sinto mais necessidade de mudar isso.

— Olha — continua Lenny, sem se abalar —, estou mais interessado no fato de que talvez eu seja um Psíquico. Quero dizer, como foi que eu sabia que deveria chamar você assim?

Dou uma risada.

— O quê? Daqui a pouco você vai descobrir que eu sou mesmo uma barata?

— Muito engraçado, Vossa Majestade. — Ele balança a cabeça, sorrindo ao mesmo tempo. Saímos no jardim florido e começamos a andar pelos caminhos sinuosos. Quando passamos pela fonte que agora eu olho com carinho, Lenny pergunta: — Esse é o casamento que você quer, Paedyn? É, não é?

Olho meu amigo. Ele devolve o sorriso iluminando meu rosto e ruborizando minhas bochechas. Minha admissão é ousada, libertadora, e desafia a morte a fazer com que eu me arrependa.

— Desesperadamente.

CAPÍTULO 75

Kai

Ela vem na minha direção, parecendo um sonho do qual não desejo acordar jamais.

Seus dedos seguram um buquê de hastes entrelaçadas. Na parte de cima, pétalas vermelhas de papoulas se misturam com rosas cor-de-rosa enquanto o azul profundo dos miosótis se trança no meio.

Estou ao lado do poderoso tronco do salgueiro, ao lado do meu irmão e da minha irmã. Engolido pelos galhos oscilantes, perdido num emaranhado de folhas estreitas.

Sou somente eu e o fantasma daqueles que amo, esperando Paedyn embaixo do salgueiro. Ela também pisa no nosso futuro sozinha, mas não totalmente.

Suas sandálias percorrem lentamente o trecho de grama macia. Adena a abraça com força por cima do vestido simples; a lembrança de um pai envolve o polegar que segura o buquê.

O tempo diminui a velocidade o suficiente para que eu aproveite o momento com o qual apenas sonhei.

Ela é o meu sonho.

Ela é o meu pedaço do paraíso.

Ela é o meu inevitável.

Minha compostura começa a desmoronar a cada passo que ela dá na minha direção. Lágrimas brotam nos meus olhos, mas sorrio para ela. Sempre para ela.

O trovão ribomba fora do abraço do salgueiro, mas o olhar de Paedyn jamais se afasta do meu. Feliz, eu mergulho nele.

Uma gota d'água bate no nariz de Paedyn. Ela ri. A chuva pinga do dossel de folhas e respinga em nós, na tempestade que vai se formando. O cabelo úmido ondula no topo da minha testa. Jax levanta as palmas das mãos para o céu que chora. Ellie olha amorosamente para sua rainha. As lágrimas de Gail se misturam com a chuva enquanto Andy pousa a cabeça no ombro da cozinheira. Lenny dá uma piscadela para a noiva encharcada que passa.

Este não é um casamento grandioso. Não usamos coroas nem joias. É a união de entes queridos e de espíritos dos que ficaram para trás. É uma união de almas que anseiam por ser costuradas juntas.

Um relâmpago atravessa o céu atrás de Paedyn. Seus passos não hesitam.

Quando ela para à minha frente, quase caio de joelhos.

Fico para sempre estupefato com a mera presença dela.

Pae entrega o buquê a Ellie. Eu seguro suas mãos, querendo que ela me leve para onde quiser.

Não há nenhum Erudito falando sem parar, nem longos votos trocados.

Somos simplesmente nós, diante do destino e desafiando as probabilidades.

Não há nenhuma hesitação no compromisso de Pae comigo.

— Sim.

Meu coração acelera. Está partido, curando-se e sentindo falta de Kitt ao meu lado. Mas está pleno.

É por ela que meu coração cheio de cicatrizes bate.

Inclino seu rosto para o meu antes de segurá-lo com as mãos trêmulas.

— Sim. — Minha voz está pesada de emoção. — Em todas as vidas, sim.

Seus lábios encontram os meus, selando a promessa.

Um trovão aplaude junto a nossa família.

Respiro minha mulher. Ela tem gosto do meu para sempre.

Saímos de baixo do dossel do salgueiro, de mãos dadas.

Rei e Rainha.

Sombra e Chama.

Poeta e Musa.

Lágrimas enchem os olhos das pessoas ao redor, acompanhadas por aplausos e risos. O pequeno grupo vem atrás, os galhos molhados se grudando nas nossas roupas enquanto atravessamos as folhas. O relâmpago é rápido em nos saudar. Saímos na clareira, com a grama úmida sob os pés e uma tempestade feroz lá em cima.

— Tenho uma coisa pra você — murmuro no ouvido de Pae.

Ela sorri para mim.

— É?

Jax me entrega a coroa delicada que pinga, com um sorriso largo. Seguro o aro de rosas entrelaçadas e vejo os olhos de Paedyn se arregalarem. Em seguida a coloco em seu cabelo molhado.

Ela me encara, em choque.

— Você finalmente conseguiu. Fez uma coroa de flores.

— Eu só precisava de mais prática.

A água pinga dos seus cílios a cada piscada atônita.

— Todo esse trabalho, pra mim?

— Para a minha rainha — corrijo com um beijo suave nos seus lábios.

E então dançamos.

Paedyn está girando nos meus braços, rindo sob a chuva. A bainha do seu vestido está enlameada, mas parece que ela não consegue afastar os olhos de mim por tempo suficiente para notar. Afasto o cabelo molhado do seu rosto, ajeito a coroa de rosas, seguro a mão que agora usa a aliança do meu irmão. Nós nos agarramos um ao outro enquanto figuras sombreadas dançam ao redor. Risadas envolvem nossos corpos oscilando, nos aquecendo apesar da chuva gelada.

Aperto Paedyn com força.

Minha mulher.

Meu olho na tempestade.

Ela enfia a mão num dos muitos bolsos do colete antes de gritar em meio aos trovões:

— Você não é o único que trouxe um presente.

Acompanho o movimento, piscando na chuva enquanto ela tira uma haste de miosótis do tecido encharcado. O sorriso de Paedyn Azer é

perigoso enquanto ela prende as flores atrás da minha orelha.

— Pra você não esquecer quem eu sou — sussurra ela de encontro aos meus lábios.

— E o que eu sou? — Passo o polegar em seu lábio inferior. — Um tolo? Um babaca metido a besta?

A voz dela é firme.

— Você é meu, Malakai.

A água pinga dos meus cílios, algumas gotas pingam do nariz dela.

— Sempre fui — murmuro. — Até… sei lá o quê.

A risada que se derrama de Paedyn faz minha respiração falhar. Ela inclina a cabeça para trás, sorrindo para o céu tempestuoso, sem sentir o peso da menção a Adena.

— Até sei lá o quê — repete ela, deixando aquele olhar penetrante voltar para mim.

Gotas de chuva escorrem pelo seu pescoço desnudo enquanto eu olho cobiçoso para a curva da sua boca. Num reflexo, a reverência suaviza meu olhar, toma conta da minha voz.

— Aí está aquele sorriso que eu queria memorizar.

Paedyn pisca para mim na chuva, com o sorriso se alargando. Em seguida entrelaça os braços no meu pescoço antes que seu nariz frio esteja roçando no meu.

— E você tem todo o tempo do mundo para admirar.

CAPÍTULO 76

Paedyn

5 ANOS DEPOIS

Respiro o ar puro, o sol banha minha pele.

Um céu azul paira sobre a enorme plantação. Protejo os olhos com a mão, decidida a encontrar o final desse milharal assombroso.

— Em algum lugar mais interessante.

A voz de Kai soa preguiçosa ao meu lado. Meu olhar se volta para ele, analisando a barba por fazer no queixo forte.

— O quê? — pergunto, temendo a resposta.

— Em algum lugar mais interessante — repete ele com um suspiro e cruzando os braços. — É provavelmente onde essa plantação termina.

Eu zombo, antes de repreender:

— Tando tem sido bom conosco. Dito isso… — olho a estrada pavimentada com tijolos, quase deserta, em que estamos — ... vamos resolver os contratos comerciais desse ano e dar o fora daqui.

Kai dá um passo na minha direção, bloqueando o sol com os ombros largos.

— Admita, querida. Você odeia isso aqui mais do que eu.

Estou girando os anéis que abraçam meus dois polegares.

— Por que você diz isso?

— O silêncio. — Ele afasta uma mecha comprida de cabelos de cima do meu rosto. — O espaço aberto. A falta de estranhos bonitos para

roubar.

Eu o encaro com um olhar entediado.

— Está certo. Em quilômetros não existe nem um rosto bonito.

— Calma, Azer. Cuidado para não se machucar com uma mentira tão deslavada. — Ele dá um peteleco suave no meu nariz. — Eu disse *estranhos*, e nós dois sabemos que eu não sou isso.

— Não é, não. — Seguro suas mãos e o puxo para perto. Em seguida murmuro: — Mas isso não significa que eu não possa roubar você.

Levanto sua aliança entre nossos rostos próximos.

Foi simples, na verdade, arrancar a aliança prateada do polegar dele. Kai usa seu símbolo de união no mesmo dedo que eu — uma lembrança do nosso amor e do amor de um irmão perdido.

Ele balança a cabeça antes de segurar minha mão.

— Você continua maligna como sempre.

— Você adora isso.

— Eu adoro você — murmura ele. — Como um tolo.

Ele me beija, e meu coração ainda estremece com o roçar dos seus lábios.

Em seguida me desvencilho dele e olho o milharal oscilando.

— Você ainda está sentindo a presença dela, não está?

Os lábios de Kai se curvam num sorriso.

— Ela está voltando. — Em seguida levanta a voz em direção ao mar de pés de milho. — Achou?

Um corpo pequeno sai do labirinto de plantas e corre ao nosso encontro. Os cabelos cinza se agitam em volta do rosto, diminuindo a empolgação. Ela corre para os braços do pai segurando uma grande espiga de milho nos dedos pequeninos.

— Era essa que você estava procurando? — pergunta Kai, examinando a espiga que ela pegou. — Tem certeza de que esse é o melhor milho em todo o reino de Tando?

— Tenho certeza, papai!

Ela põe a espiga na mão dele e imediatamente estende os braços para mim. Pego-a no colo, tentando ignorar como cresceu nos últimos três anos. Aconchegada no meu quadril, ela passa os dedinhos pelos cabelos que caem às minhas costas. O dela é uma mistura cinzenta das

ondas cor de ébano de Kai com as minhas mechas prateadas. Com cabelos cinza e olhos de um azul-claro, nossa menininha é uma mistura confusa de dois estranhos que se apaixonaram.

— O que mais você encontrou na sua aventura? — pergunto, ajeitando sua roupa amarrotada.

— Insetos — declara ela com indiferença. — Grandes e gordos.

Kai assente.

— Tenho certeza de que sim. Bom, você trouxe mais alguma coisa? — Ele chega mais perto, fazendo-a rir. — Talvez umas sardas novas?

Kit conhece esse jogo. E adora.

Kai aperta os lábios na ponta do nariz dela, de novo e de novo, até ela dar um gritinho. Assim que termina de cobrir nossa filha de beijos, ele se vira para mim.

— Está na hora de fazer a recontagem?

Reviro os olhos.

— Você não fez isso na semana passada?

Seu sorriso faz meu rosto ruborizar.

— Certeza nunca é demais.

O primeiro beijo suave é na minha bochecha.

— Uma — murmura ele.

O segundo é no meu nariz.

— Duas.

O terceiro é quando levanto o queixo e encosto os lábios nos dele. Sorrio de encontro à sua boca.

— Sua recontagem vai ter de esperar. Vamos dar o fora daqui, lembra?

Andamos pela estrada silenciosa, com as mãos de Kit segurando as nossas. Aqui as casas parecem solitárias entre as plantações que as acompanham. Faz silêncio em Tando, um silêncio fantasmagórico, e agradeço quando finalmente pisamos no mercado da cidade. Ainda que com certeza não seja a agitada Alameda à qual estou tão acostumada, o alívio que sinto ao ver a confusão de corpos é chocante.

Kit dá pulinhos entre nós enquanto vamos para as cores discretas ao redor. Os estandartes de Tando são de um amarelo suave que não busca atenção. O mercado é agradável e cheio de pessoas gentis. Invejo em silêncio as pessoas tão contentes com essa elegância antiquada.

Mas a Alameda é o meu lar, e Ilya está prosperando ao redor dela. O reino está aberto, nossas fronteiras recebendo comércio e viajantes. Comuns vivem ao lado dos vizinhos Notáveis, ficando mais ousados apesar da falta de habilidades. Era tudo que eu queria ver quando era uma garota sem poderes.

Meu projeto atual é a favela. Os prédios em ruínas estão sendo restaurados, permitindo que mais lojas e casas se abram nos becos. Regularmente acontecem festas no castelo para receber o povo de Ilya no nosso lar. A antiga divisão esmagadora entre Notáveis e Comuns está se suavizando lentamente em algo promissor.

Observo a rua calma, a uniformidade entre as lojas feitas de tijolos resistentes. Sem dúvida este não é o meu reino. Minha Ilya é animada e cheia de cores. É gasta, está se curando e é meu *lar*.

— Kit, querida, fique por perto! — grito quando a vejo correr pela rua, brandindo uma espiga de milho.

Kai olha para ela balançando a cabeça.

— Ela é igual a você. Um dia, logo, logo, esse milho vai ser substituído por uma faca.

Dou um sorrisinho.

— E ela pode treinar usando a faca em você.

— Você me preparou bem — lembra ele.

Kai me puxa para perto com o braço ao meu redor. Pouso a cabeça no seu ombro. Olhamos nossa filha dando pulinhos à luz do sol.

Até que um clarão lilás faz meus olhos se virarem para um canto sombreado da rua.

Vejo o rosto de um fantasma. Ela me olha de volta.

Cicatrizes sobem pela lateral do pescoço. A pele mutilada se estende pelas feições antes de desaparecer no cabelo lilás. Só metade do rosto afiado guarda os resquícios do meu ódio.

Ainda sinto sua pele macia embaixo da minha mão, ainda sinto o calor do fogo feroz no qual a empurrei.

Espero que aquela raiva retorne à superfície agora. Espero ansiar pela vingança em nome de Adena e quero terminar o que aparentemente não fiz na primeira vez. Blair parece prever a mesma coisa, porque vejo seus ombros ficando tensos sob a capa pendurada neles.

Mas não sinto nada. Não faço nada.

Ficamos nos olhando durante vários batimentos do meu coração acelerado.

Em outra vida, ela era minha inimiga. Aqui, é uma estranha.

Não quero mais me vingar por Adena. Quero que ela descanse.

Assim, assentindo levemente, deixo Blair ir.

Ela devolve a paz silenciosa baixando o queixo.

— Mamãe, papai! Olha o que eu achei!

Kit rouba minha atenção agitando os membros e balançando o que deve ser a melhor pedra de todo o reino de Tando. Kai a pega no colo, fingindo perplexidade com o presente que ela põe na sua mão. Eu também fico impressionada com a descoberta de Kit e aliso seu cabelo revolto.

E quando finalmente olho para aquele canto sombreado, o fantasma desapareceu.

Kai capta meu olhar fugaz. Sustenta-o gentilmente. Inclina a cabeça.

— Coisinha não tão maligna — murmura, carinhoso.

Claro que o Portador sabia que ela estava aqui.

Solto o ar antes de roubar nossa filha dos braços dele.

— Não se acostume com isso.

— Eu não iria querer.

Continuamos andando pela rua iluminada pelo sol.

Em frente, sempre.

Um rei. Uma rainha. Uma princesa. Uma pedra e uma espiga de milho.

Aqueles que perdemos caminham ao nosso lado, com a lembrança aquecendo nossos corações cheios de cicatrizes.

Somos as pessoas que amamos.

Inclino o rosto para o céu e deixo o sol roçar os dedos quentes na pele. Os raios suaves são um conforto que abraço como um velho amigo.

Meu marido está ao meu lado, como sempre esteve e sempre estará.

Ele sorri, aquele sorriso que é só para mim. Kit imita o pai, mas só uma covinha roubada espia na sua bochecha direita.

Dou um peteleco no nariz de cada um. Isso provoca um risinho em Kit e aquele interminável olhar de reverência em Kai.

Sorrio de volta, como Adena me ensinou.
Esta vida é doce.
Como o mel.

EPÍLOGO

Kitt

Não há nenhum clarão de luz.

Nenhum estrondo nem um apagar lento.

Kitt sente que caiu numa armadilha. Afinal de contas, era isso que sempre lhe foi prometido. Alguma entrada grandiosa no mundo para além daquele de onde ele saiu.

Mas não é nada disso.

Não é absolutamente nada.

Na primeira vez que abre os olhos depois de serem fechados pela morte, Kitt tenta desesperadamente entender o vazio à sua frente. Estreita os olhos, anda dentro dele, tenta segurá-lo com os dedos. Mas o nada é nada, e a falta de alguma coisa é frustrante. É como o vazio que acontece por trás de um olho fechado: sem cor, sem forma, sem nada.

Nada. E essa não era a morte que ele tinha previsto.

O antigo rei anda no pós-vida vazio, não totalmente consciente, mas jamais totalmente perceptivo. Com frequência se pergunta se deve esperar alguém. Há pouca coisa além disso para fazer aqui. Talvez seu irmão. Talvez Paedyn, se ela quiser vê-lo de novo.

Assim, quando a Morte chega, Kitt só sente conforto. Não sente medo ou confusão, como poderia acontecer com uma mente mais sã.

Não, Kitt reconhece a face da morte. Conhece-a pelo nome.

— Mara.

O rei morto estende a mão para a mulher que o arrastou para esse abismo de nada. Porque só sente alívio na presença dela.

A morte está diante dele, e sua forma não é nem um pouco parecida com as histórias agourentas que os humanos gostam de tecer. Para começo de conversa, ela é apenas isso: ela. Apesar de uma eternidade roubando almas, nenhuma delas prevê que a morte é uma mulher. Houve um tempo em que isso incomodava Mara, mas desde então ela se acostumou a ver um rosto agonizante encharcado de incredulidade.

Será tão chocante assim sentir alguma coisa que não seja calor vindo do toque de uma mulher? Será que um rosto bonito não pode arrastar você para a outra vida, do mesmo jeito?

— Olá, Kitt — diz a morte. — Eu avisei você sobre esse destino.

— Eu sei — responde ele, sério. — Mas aqui não é Mors. Onde estou?

Mara afasta uma mecha de cabelos castanhos de cima dos olhos escuros. Não. Ela não se parece com a morte.

— Isto é a sua paz. — A voz dela tem um tom frio, o que não deveria surpreender Kitt. — Parece que você aceitou seu destino muito antes de morrer.

O rei franze a testa.

— Acho que sim. — Em seguida continua, a voz fraca: — Mas fico feliz por você estar aqui. Eu… achei que você não iria querer me ver.

— Não posso ficar muito tempo. — Mara respira fundo antes de fingir educação. — O que está achando da paz?

Kitt percorre a vastidão de escuridão com seus olhos verdes.

— Ainda estou solitário.

— Não precisa estar — diz Mara rispidamente. — É você mesmo que faz isso.

Antes de voltar para a escuridão, a morte deixa o rei com um adeus velado. As palavras são quase engolidas pelo nada:

— Mas vou deixar você ir com calma.

Sozinho de novo, Kitt pensa numa vida deixada para trás.

Não culpa Kai por seu final infeliz (afinal de contas, era ele que deveria se esquivar do golpe do Executor) nem culpa a morte por ajudar. Nem deixa crescer a raiva contra uma garota que roubou seu irmão. O ressentimento costuma ser incômodo na outra vida. Desde

que se aliviou dele, pouco a pouco, a morte pareceu muito mais libertadora.

Na verdade, sem a Peste turvando sua mente e roubando sua sanidade, agora ele acha que suas últimas semanas entre os vivos foram desperdiçadas. Deseja, inutilmente, tentar tudo de novo. Talvez desta vez não deixe o poder consumi-lo. Mas isso é apenas um desejo, e é o arrependimento o que faz os mortos se revirarem nas sepulturas.

Ele pensa — com frequência lembra — que isso deveria ser a paz. Será que ele é um monstro digno de uma solidão tão gigantesca? Ele costuma gritar no vazio, implorar a essa pós-vida que o evita, mas ela não responde. A morte não retorna. E isso não lhe dá nem um pouco da paz prometida.

Kitt nunca fica parado no mesmo ponto da eternidade. De fato, ele jamais sabe onde está nem para onde está indo. Mesmo assim olha para cima, presumivelmente para o nada. Não existe um chão sob seus pés, mas mesmo assim ele se reclina. E assim como acontece desde que está morto, Kitt deseja companhia.

Uma luz suave, lá em cima, causa espanto no falecido.

Kitt estreita os olhos para ela, encontrando dois pontos tremeluzentes no meio do tecido de nada. Eles piscam como estrelas arrancadas do céu acima de Ilya.

— Olá, Kitt — diz uma luz, baixinho.

É uma voz feminina, calorosa e luminosa como o brilho que emite.

Ao ouvir o som espantoso do seu nome, Kitt se levanta e pisca para aquelas coisas estranhas.

— Quem são vocês?

Parece uma pergunta boba, já que a informação tem pouca utilidade, mas a voz gentil lhe dá uma coisa que não é exatamente uma resposta.

— Achamos que você gostaria de um pouco de companhia.

Kitt assente.

— Eu gostaria, sim. Obrigado.

A morte foi gentil com ele.

Há uma pausa longa.

— Vocês acham que sou um monstro? — Ele não sabe direito por que sente necessidade de perguntar a um par de estrelas.

A voz feminina é triste.

— Não. Você é os pecados do seu pai.

— Você não está sozinho nisso.

Essa confirmação vem da segunda estrela, numa voz profunda.

— Mas eu estou sozinho aqui — diz Kitt, solene. — Vocês duas têm uma a outra.

A estrela mais suave informa:

— A vida nos separou.

— A morte nos uniu — conclui a voz áspera.

Há algo vagamente familiar nos dois globos reluzentes. Kitt não pensa mais nesse absurdo. Em vez disso, senta-se de novo, cruzando as pernas embaixo do corpo.

— Vocês… — Ele se sente estranhamente tímido. — Vocês ficariam comigo um pouco?

Kitt poderia jurar que parecia que as estrelas estavam sorrindo. Aquela voz calorosa, alegre, preenche o vazio entre eles, respondendo:

— Até você ver seu irmão de novo, se você quiser.

A voz profunda troveja acima dele.

— Todos estamos esperando alguém.



AGRADECIMENTOS



Aqui estamos de novo, no fim de outro livro e no início da minha procrastinação de sempre. É aqui que eu luto para encontrar as palavras para uma despedida adequada. Vou ficar aqui um pouco, olhando uma página em branco que deve ser preenchida pelos meus agradecimentos ao mesmo tempo em que me agarro desesperadamente aos resquícios dessa história. Porque, na verdade, não consigo imaginar um mundo em que eu não ousei criar esta.

Paedyn e Kai têm mais do que o meu coração; eles seguram minha paixão no meio dessas páginas, pegam no colo a menininha que tinha grandes sonhos de ser uma escritora. Esta série foi muito gentil comigo enquanto eu crescia como pessoa e com minha escrita — só espero retribuir o favor fazendo justiça a esse final.

Escrever *Fearless* com vinte e um anos foi uma das aventuras mais assustadoras que já enfrentei na minha jovem carreira. Este livro me desafiou, desafiou minha escrita, minha sanidade (brincadeirinha — mais ou menos!). Na verdade, estou com medo dessa despedida agridoce desde a publicação de *Powerless* — só que naquela época eu nem sonhava em ter o privilégio de continuar escrevendo para tantas pessoas. Eu estava (e ainda estou) igualmente honrada e aterrorizada com toda a expectativa ao redor desse lançamento. A pressão que senti para agradar a cada leitor, escrever o final perfeito, pesou muito numa história que nasceu no meu quarto de infância somente para mim mesma. Mas *Fearless* me obrigou a afastar todo o ruído, todas as minhas preocupações e simplesmente escrever a conclusão que sempre

imaginei para esta série. Do seu jeito (ainda que piegas), este livro me ensinou a incorporar seu título. Que coisa linda, o criador ser moldado pela criação! E espero que você também, caro leitor, tenha se afastado desta série mais poderoso, imprudente e incrivelmente destemido do que antes.

Bom, é hora de terminar a minha procrastinação e este capítulo da minha vida. Existem muitos indivíduos incríveis que me ajudaram a chegar a esta página de agradecimentos, para começo de conversa. Mas parece certo iniciar minha gratidão transbordante com as duas editoras incríveis que tornaram este livro o que ele é. Nicole Ellul e Yasmin Morrissey jamais pararam de me surpreender. Essa dupla merece ser reconhecida — seu apoio constante e suas sugestões valiosíssimas transformaram esta série numa coisa da qual sinto imenso orgulho. Nicole, suas ideias e sua prontidão para saltar em minha ajuda não são pouca coisa. Você é meu cérebro esquerdo! Obrigada por me firmar no chão quando minha cabeça estava nas nuvens — este livro seria muito diferente sem o seu talento. Quanto a Yas, você é a alma mais corajosa por ter aguentado meus áudios prolixos e minhas autocríticas persistentes. Nunca houve um momento chato entre nós — adoro tramar novas ideias com você! Agradeço demais por você ter sido tão gentil e por me apoiar desde o instante em que pisei no louco mundo editorial. É uma honra trabalhar com vocês duas (e ter seus números na discagem rápida).

Como já me gabei, tenho o privilégio de trabalhar não com uma, e sim com duas equipes incríveis da Simon and Schuster. Isso me permitiu criar relacionamentos com muitas pessoas maravilhosas ao redor do mundo, e fico eternamente pasma com a delicadeza com que o Reino Unido e os Estados Unidos cuidam do meu trabalho — seu cuidado e sua dedicação são dignos de elogios.

Dito isto, vou começar expressando minha admiração pela equipe mais próxima (geograficamente, claro). Há vários indivíduos da equipe dos Estados Unidos a quem tenho a honra de agradecer, começando com Justin Chanda e Anne Zafian, meus dois publishers. Quanto a Nicole Russo e Anna Elling, preciso agradecer a vocês pelas incríveis turnês nos Estados Unidos e por cada oportunidade surreal de compartilhar meu livro. Erin Toller, Brandon MacDonald e Shannon

Pender fazem um trabalho de marketing maravilhoso enquanto Kendra Levin, Jenica Nasworthy e Jessica Egan cuidam de toda a parte editorial. Com Chava Wolin como diretora de produção, Lucy Cummins como diretora de arte e Hilary Zarycky como designer, estou em muito boas mãos. Obrigada por tudo que vocês fazem.

Quanto à equipe do Reino Unido, todos vocês merecem um abraço esmagador que não posso dar agora, estando em Detroit, por isso acho que terei de me contentar com um agradecimento geral. A Rachel Denwood e Laura Hough, minhas diretoras administrativas, obrigada por todo o trabalho árduo. Danielle Wilson defendeu meu trabalho com os livreiros no Reino Unido enquanto Loren Catana, minha designer, criou o incrível projeto de capa de *Fearless*. Obrigada a Alex Forrest, meu ilustrador; Alesha Bonser, minha diretora de marketing; e Miya Elkerton, minha gerente de marketing digital. Finalmente, Ellen Abernethy, como minha maravilhosa assessora de impressa, e Sophie Storr como gerente de produção sênior. Obrigada a todos os outros membros dessa equipe que tornaram *Fearless* possível.

Neste ponto tenho certeza de que você está cansado de ler meu palavrório e em vez disso gostaria de ficar olhando o incrível trabalho de arte nas primeiras páginas deste livro. Patrick Knowles, obrigada por trazer meu mundo à vida!

Ao meu inabalável agente/advogado, Lloyd Jassin, preciso fazer um agradecimento óbvio. Obrigada por me ajudar a navegar neste mundo editorial — não me imagino enfrentando nada disso sem você. É um prazer trabalhar com você, e espero continuar fazendo isso por muitos anos.

Além das incríveis equipes da S&S que ajudaram a montar *Fearless*, existem várias outras atuando nos bastidores. E por acaso sou parente desses indivíduos. Primeiro posso admitir, humildemente, que nenhum desses sonhos teria se realizado se não fossem meus pais. Mãe e pai, eu já disse e vou repetir: vocês me apoiaram a cada passo do caminho, acreditaram em mim quando eu mesma achava difícil acreditar. Obrigada por confiar na sua menininha o suficiente para deixar que ela fosse atrás dessa paixão. É uma bênção ter vocês dois, mas especialmente uma mãe que faz malabarismo sendo minha confidente, assistente e contadora.

Sendo a caçula da família, acho que existem alguns irmãos mais velhos a quem agradecer. Jessie, Nikki, Josh — todos vocês me apoiaram do seu modo. Agradeço profundamente cada mensagem de texto encorajadora e cada tapinha nas costas. Obrigada, pessoal.

Além da minha família, foram meus amigos que garantiram que eu permanecesse sã durante esse processo de escrita. Gostaria de fazer um agradecimento geral a cada pessoa que precisou me aguentar falando sem parar sobre este livro. Cada um de vocês me ajudou e me encorajou ao seu modo, e sou eternamente grata por seu apoio sem fim.

Agora vamos à tarefa assustadora de tentar expressar minha admiração por um certo noivo. Zac, não posso agradecer o suficiente por seu incentivo e sua disposição para ajudar. Seja preparando uma refeição para mim ou oferecendo um ombro para eu chorar, sempre posso contar com você. Obrigada por ser exatamente o que eu preciso.

Como foi dito no final de *Powerless* e de todos os livros que vieram em seguida, eu gostaria de agradecer Àquele que me deu o amor pelas palavras e o desejo de escrever. Realmente eu não estaria onde estou sem meu Senhor e Salvador, e agradeço a Deus pela oportunidade que me deu.

Agora obrigada às muitas, *muitas* pessoas que tornaram meus sonhos possíveis. É você, caro leitor! Me sinto honrada por estar nessa jornada com você, e mais ainda por ter dedicado um tempo para ler minha história. Você é minha inspiração, meu motivo para cada palavra. E espero segurar sua atenção por muitos anos ainda.

A mais sonhos e às histórias que eles criam.

Beijos e abraços,

Lauren

Título original
FEARLESS
A POWERLESS STORY

Primeira publicação na Grã-Bretanha em 2025 por Simon & Schuster UK Ltd.

Copyright texto © 2025 *by* Lauren Roberts
Mapa © 2024 Patrick Knowles
Imagem coroa © 2024 Tas Kyprianou
Design coroa *by* Howling Moon Headwear
Design capa *by* Loren Catana

POWERLESS é uma marca registrada de Lauren's Library LLC.

O direito de Lauren Roberts de ser identificada como a autora desta obra foi assegurado por ela em concordância com as seções 77 e 78 do Copyright, Designs and Patents Act, 1988.

Imagem de aberturas de capítulos: FreePik

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, armazenada em sistema, ou transmitida, sob qualquer forma ou meio, sem a autorização prévia, por escrito, do editor, não podendo, de outro modo, circular em qualquer formato de impressão ou capa diferente daquela que foi publicada, tampouco pode ser utilizada ou reproduzida de qualquer forma para o treinamento, desenvolvimento ou operação de tecnologias ou sistemas de inteligência artificial (IA), incluindo tecnologias de IA generativa; sem as condições similares, que, inclusive, deverão ser impostas ao comprador subsequente.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Simon & Schuster UK Ltd. 1st Floor, 222 Gray´s Inn Road, London, WC1X 8HB

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Preparação de originais
ANNA CLARA GONÇALVES

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
PRISCYLLA PIUCCO

Edição digital: novembro, 2025.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora e foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, acontecimentos ou locais é mera coincidência.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R549f
Roberts, Lauren, 2002-
Fearless [recurso eletrônico] / Lauren Roberts ; tradução Ivanir Calado. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco digital, 2025.
recurso digital

Tradução de: Fearless: a powerless story
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5595-413-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Ivanir. II. Título.

25-100395.0 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782
05/09/2025 09/09/2025

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



A AUTORA

Lauren Roberts escreve sobre mundos fantásticos e paixões conturbadas; quando não está fazendo isso, pode ser encontrada em uma cama lendo histórias desse tipo ou mergulhada em um de seus passatempos típicos de vovós e crianças — tricô, laser tag, ficar deitada na rede, caça-palavras e livros de colorir. *Powerless* foi seu livro de estreia, e ela espera ter o privilégio de escrever palavras bonitas pelo resto da vida. Lauren pode ser encontrada no TikTok e no Instagram em @laurenrobertslibrary ou no seu site www.laurenroberts-library.com.

Índice

Capa
Folha de rosto
Dedicatória
Mapa
Sumário
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Interlúdio 1
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Interlúdio 2
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24

Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Interlúdio 3
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Interlúdio 4
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Interlúdio 5
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57

Capítulo 58
Capítulo 59
Interlúdio 6
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Interlúdio 7
Capítulo 67
Capítulo 68
Interlúdio 8
Capítulo 69
Capítulo 70
Capítulo 71
Capítulo 72
Capítulo 73
Capítulo 74
Capítulo 75
Capítulo 76
Epílogo
Agradecimentos
Créditos
A Autora



Coração do mundo

Kaufman, Amie
9786555953824
352

Compre agora e leia (Publicidade)

Eles se apaixonaram enquanto uma guerra fervilhava ao seu redor. Mas será que esse amor resistirá às ambições dos deuses?

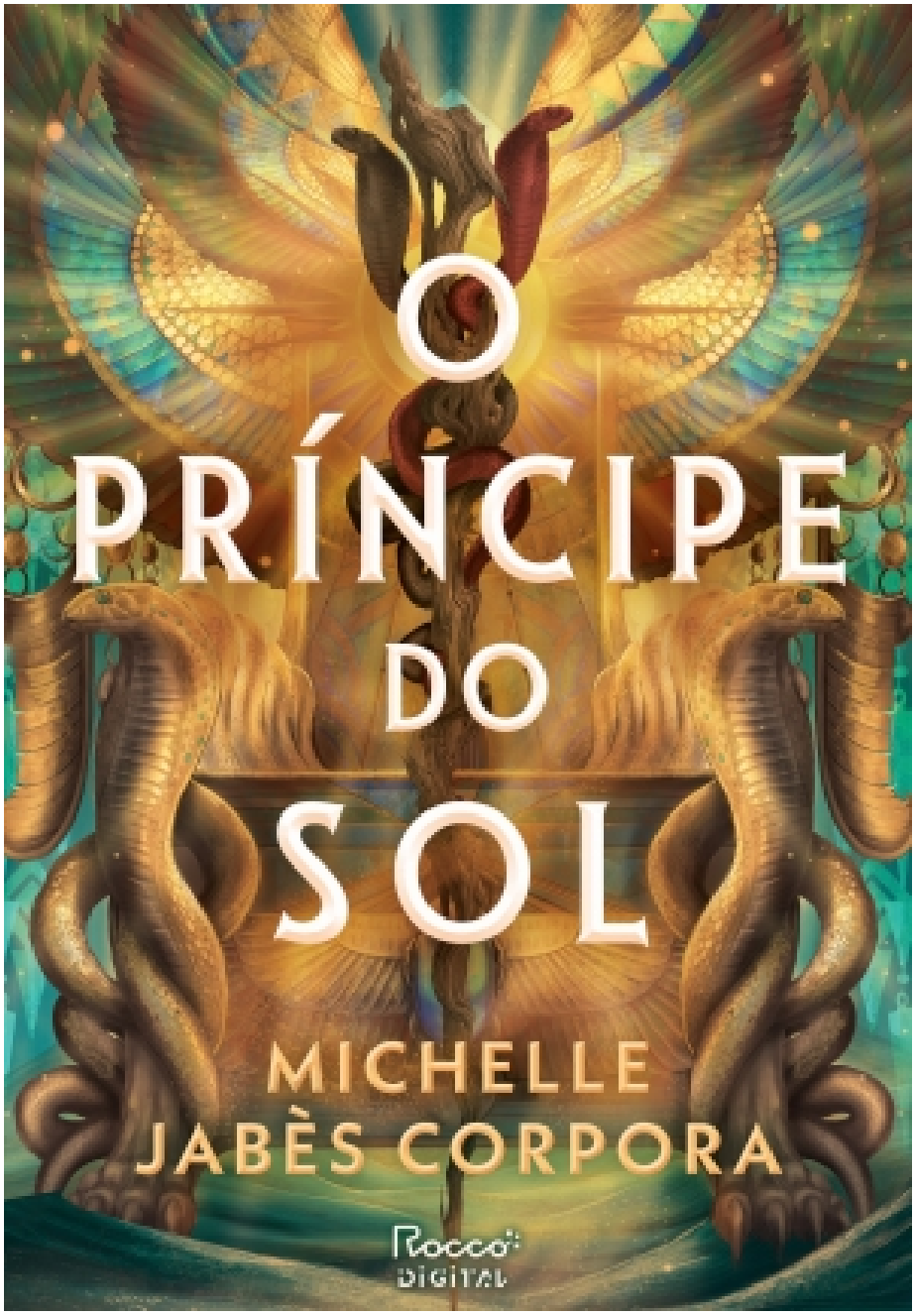
Um sacrifício maior do que o esperado foi feito, trazendo à tona um poder nunca antes visto. Agora, Selly, Leander e Keegan precisarão descobrir como lidar com este novo perigo antes que o preço a pagar se torne alto demais.

Com a ajuda da marinheira e do acadêmico, Leander conseguiu, apesar de todas as intempéries, realizar o ritual que deveria impedir uma guerra entre os deuses. Mas, em vez disso, seu sacrifício despertou Barrica, vinculando-o à deusa. Como seu Mensageiro, o príncipe carrega uma magia poderosa e destrutiva, e apenas Selly é capaz de mantê-lo a salvo de si mesmo.

Porém, Barrica não foi a única entidade imortal a ser despertada. Do outro lado do oceano, Macean, o deus do risco, planeja sua vingança com a ajuda de um inimigo que todos consideravam derrotado. O que era uma disputa entre reinos se torna uma guerra entre divindades — e com a ira dos deuses e as maquinações de um governante sedento por poder testando sua lealdade, somente o destemido trio pode evitar um desfecho catastrófico.

Magia e sacrifício se chocarão enquanto amantes e deuses, inimigos e aliados disputam o destino do mundo nesta eletrizante conclusão da duologia **Ilhas dos Deuses.**

Compre agora e leia (Publicidade)



O príncipe do sol

Corpora, Michelle Jabès
9786555954050
480

Compre agora e leia (Publicidade)

Épica e vibrante, *O príncipe do sol* é uma fantasia ricamente inspirada no Antigo Egito.

As tensões estão cada vez mais acirradas no grande reino de Khetara. Rumores sobre a misteriosa doença do faraó se espalham e, com eles, os sussurros de rebelião. Enquanto isso, no silêncio do deserto, um oráculo há muito esquecido começa a se revelar, desencadeando uma profecia sombria e reunindo quatro desconhecidos em um enigma milenar.

A princesa Sita vive na opulência do palácio e, em um momento de fraqueza, acaba revelando uma traição que colocará sua vida — e a de toda a corte — em grave perigo.

Neff, uma sacerdotisa em treinamento, luta para entender as intensas visões que recebe dos deuses, embora a magia deles não seja a única em ação no grande templo.

Filha de um fazendeiro, Rae sabe o quanto os homens do faraó tiraram de sua terra e de seu povo. Ainda assim, quem ousará enfrentar o todo-poderoso soberano?

Karim foi criado entre as Terras Vermelhas e saqueia tumbas para sobreviver, usufruindo da riqueza que os mortos deixaram para trás. Mas, entre os espólios, um mal ancestral aguarda ansioso para despertar…

Agora, o derramamento de sangue se aproxima, e apenas juntos os quatro terão a chance de salvar o reino da destruição. Mas, quando a areia escaldante do deserto baixar, quem restará no trono de Khetara?

"Uma fantasia ousada e opulenta, que brilha com magia e intrigas!" **— Emily Thiede, autora de *Uma virtude mortal***

"Um mundo mágico que combina mitologia egípcia com intrigas políticas e romance, em uma narrativa cinematográfica… Uma leitura imperdível e envolvente." **— Publishers Weekly**

Compre agora e leia (Publicidade)



A adaga mágica

Gomes, Helena
9788581225265

Compre agora e leia (Publicidade)

Depois de passar seis anos trancafiado no mundo dos elfos, Razeel ganha o melhor presente de aniversário de Lyriel: a liberdade, mesmo que temporária. Porém, sua aventura se torna bem mais complexa e reveladora do que ele podia imaginar. Ele é levado ao passado para salvar a vida de Drake, mas acaba diante de uma antiga paixão que poderá tirá-lo novamente dos eixos. *A adaga mágica,* sequência de *O primeiro guerreiro,* é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de trinta obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

Compre agora e leia (Publicidade)



A herança da bruxa

Gomes, Helena
9788581224022
20

Compre agora e leia (Publicidade)

Décadas antes do nascimento do arqueiro Thomas, a jovem e inexperiente bruxa Couchet luta para sobreviver em Britanya, um reino dominado pelo preconceito e pela ignorância. Com a ajuda do elfo Razeel, a última bruxa da Ilha Média terá de se tornar a mestra de um poderoso guerreiro, peça-chave na luta desesperada que os

aguarda no futuro contra os temidos nergals. *A herança da bruxa* é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de vinte obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

[Compre agora e leia (Publicidade)]



O primeiro guerreiro

Gomes, Helena

9788581224671
36

Compre agora e leia (Publicidade)

Conheça a história de Kirian, o primeiro dos guerreiros eloras que renasceram no reino medieval de Britanya. Filho de Couchet, última bruxa da Ilha Média, e tendo como mentor o misterioso elfo, Razeel, o rapaz terá seu primeiro e definitivo confronto com os temidos nergals. *O primeiro guerreiro,* sequência de *A herança da bruxa,* é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de vinte obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

Compre agora e leia (Publicidade)